ATRAENTE & PERIGOSA

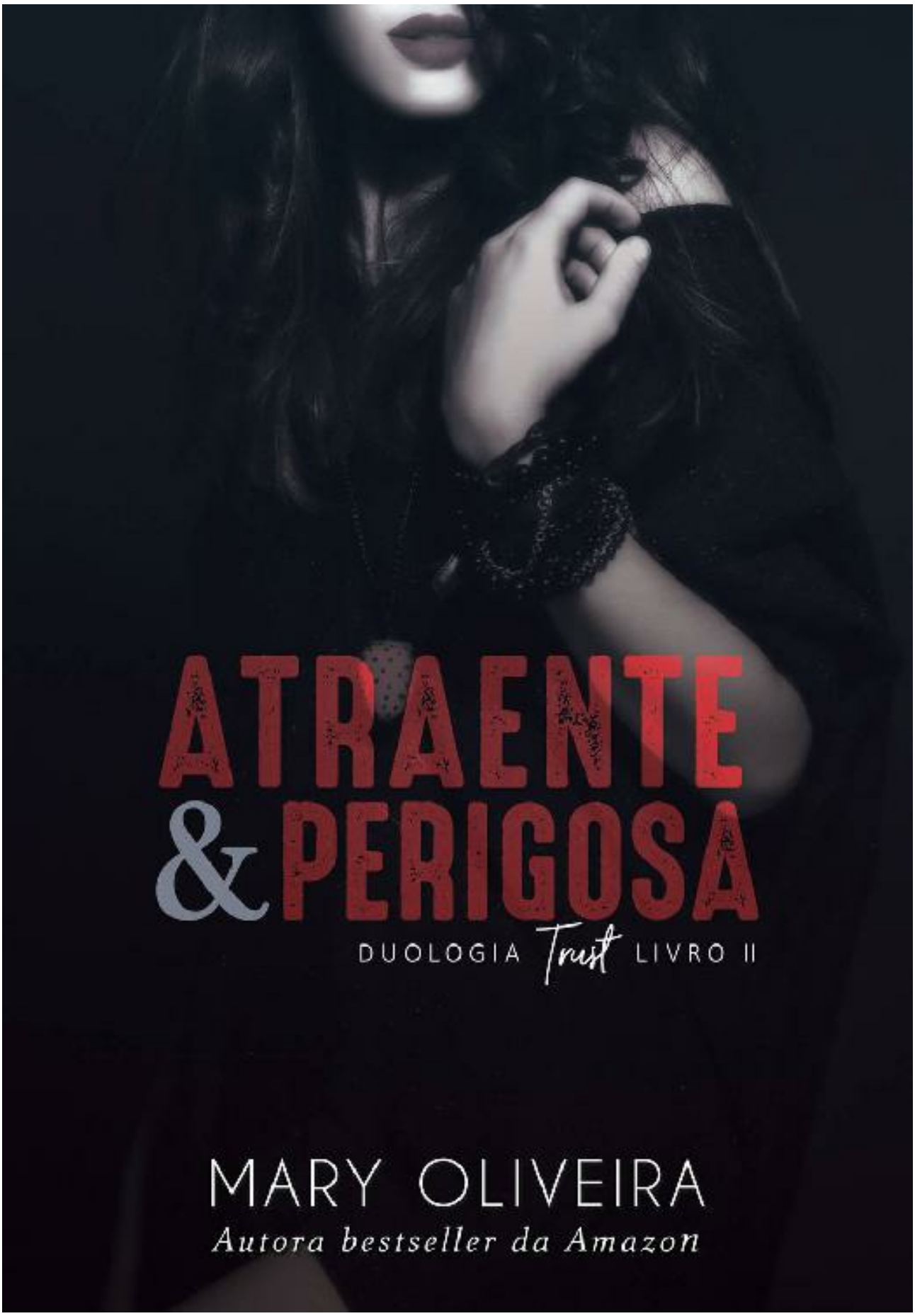
DUOLOGIA *Trust* LIVRO II

MARY OLIVEIRA

Autora bestseller da Amazon

“Ler é aprimorar seus conhecimentos e compreender a vida ao seu redor.”

~ e-Livros.SITE, e-Livros.XYZ, e-Livros.WIN ~


ATRAENTE
& PERIGOSA
DUOLOGIA Trust LIVRO II
MARY OLIVEIRA
Autora bestseller da Amazon

ATRAENTE & PERIGOSA

DUOLOGIA Trust LIVRO II

MARY OLIVEIRA

Autora bestseller da Amazon

Copyright © 2017 Mary Oliveira

Capa: Dri K.K.
Copidesque: Carla Santos
Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou reprodução total ou parcial de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento prévio e expresso da autora.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Epílogo
Vem aí...
Agradecimentos
Biografia
Obras
Notas

Prólogo

As poucas pessoas que o juiz permitiu a entrada para assistir a audiência que nomeará um procurador para mamãe, mantiveram-se em silêncio sepulcral enquanto a mulher de longos cabelos negros subia os pequenos degraus da escada que a levaria à cadeira ao lado do juiz. Ela vestia um terninho preto feito sob medida, que escondia perfeitamente todas as curvas que eu conhecia tão bem... A maquiagem perfeita e sóbria acentuava a expressão séria que ela mantinha desde que chegou aqui hoje. Nenhum sorriso, nenhuma palavra dedicada a mim. Até mesmo o brilho de seus olhos castanhos, quase negros, havia desaparecido.

Aquela era outra mulher. E, por algum motivo desconhecido por mim, eu ainda a queria com todas as malditas forças do meu ser.

Mamãe apertou sua mão à minha, pareceu ter percebido a forma que eu encarava Dolores. Retribuí seu aperto, mesmo que o motivo para isso tenha sido contrário ao seu. Eu não precisava do seu conforto apenas por ver Dolores, como mamãe imaginava.

Expirei fortemente e olhei para as pessoas presentes naquela sala. Havia no máximo quinze pessoas ali. Todas envolvidas de alguma forma na vida de mamãe no último ano.

Rodrigo nos trouxe aqui. Oséias, antigo advogado de Olavo, já havia decidido que deixaria a responsabilidade sobre a saúde e segurança de mamãe para mim, contudo, meu irmão não aceitou isso. E nos trouxe ao tribunal para tentar fazer o juiz mudar o veredito — olhei para o homem que, infelizmente, possuía as mesmas feições que as minhas. Rodrigo fora tão absurdamente idiota em fazer isso, que somente agora parece perceber que jamais conseguiria tirar a curatela de mamãe de mim. Eu cuidei dela durante todos os anos em que ele sumiu com o dinheiro de Olavo, eu a protegi de Olavo... E eu jamais deixaria que ele tivesse a chance de mantê-la consigo, pois estava ciente de que seu único objetivo era alcançar a fortuna de Olavo por esse subterfúgio.

— Há quanto tempo conhece a senhora Andrade, Dolores? — Rodolfo, meu advogado, perguntou a ela.

— Há um ano e meio. — Sua voz suave reverberou pelo ambiente.

— E o relacionamento dela com os filhos, como era? — Rodolfo prosseguiu, chamando minha atenção.

— Eu sempre soube da existência dos dois filhos — ela disse. — Mas apenas um deles a visitava e mantinha as despesas da casa de repouso. Mabel, desde que a conheci, me falou muito de seu filho Ricardo. Ela o amava mais que tudo e nunca ouvi nenhuma palavra vinda dela, ou de qualquer pessoa, que denegrisse o tal Ricardo. — Dolores se voltou para meu irmão. — Já sobre Rodrigo, todos sabiam do sumiço dele e tinham que lidar com as perguntas de Mabel acerca do filho, sempre que ela lembrava de algo sobre ele.

— Você os conhecia? — o advogado questionou parando à frente do balcão enorme do qual Dolores estava praticamente escondida.

— Naquela época não.

— Quando os conheceu?

Ela respirou fundo uma vez e, segundos depois, respondeu:

— Conheci Ricardo há pouco mais de cinco meses. Trabalhávamos na mesma empresa, mas eu só fiquei sabendo que ele era filho de Mabel semanas depois de começarmos a manter qualquer contato... Conheci Rodrigo quando ele me sequestrou para usar numa chantagem com Ricardo.

Os burburinhos que se iniciaram na sala somente cessaram quando o juiz interviu pedindo silêncio.

— E por que ele a usou?

— Achou que houvesse algo entre mim e Ricardo. E achou que conseguiria dinheiro por causa disso.

— Sem mais perguntas.

O advogado de Rodrigo levantou em seguida.

— Senhorita, que tipo de relacionamento mantinha com Ricardo Andrade?

Dolores semicerrou os olhos para o homem e arqueou uma sobrancelha.

— Está aqui para defender seu cliente ou descobrir sobre minha vida amorosa? — ela replicou, irônica.

— Não seja sarcástica, está aqui para responder e não para questionar. — O olhar dela se apertou ainda mais na direção do advogado.

— Limite-se a respostas, Srta. Dias! — o juiz a repreendeu. — Espero que tenha um bom motivo para fazer esta pergunta, Sr. Lemos.

O advogado assentiu.

— Tive um *affair* com ele há mais de um mês.

As palavras de Dolores reverberaram por minha mente até que o significado de cada uma delas penetrou em meu consciente.

Affair?

— Mas antes que tente fazer qualquer insinuação, deixarei claro que aquele caso não tem nada a ver com o que me trouxe aqui — concluiu.

O advogado se empertigou, mas manteve o olhar duro sobre Dolores.

— Segundo o testamento do senhor Olavo Andrade, a senhorita também foi amante dele.

A mulher riu debochada.

— Vai continuar a listar meus possíveis casos? — inquiriu, de maneira desafiadora. — Agora também quero descobrir onde essas respostas o levarão.

O juiz usou o martelo sobre a mesa para chamar a atenção dos dois.

— Onde quer chegar, Sr. Lemos?

— Meritíssimo, apenas quero ressaltar ao senhor e a todos presentes. — Ele se voltou para nós e seu olhar nos avaliou por alguns segundos. — Que a senhorita Dolores foi amante de dois componentes da família Andrade. Em ambos os casos havia quantias de dinheiro envolvidas. O que me traz a pergunta: Quem nos garante que não está aqui hoje por dinheiro?

João se levantou seguido por mim, mas foi mais rápido com as palavras.

— Você está falando com uma moça de família, seu filho da...

— Chega! — o juiz o interrompeu. — Uma nova interrupção e serei obrigado a convidar todos a se retirarem — advertiu.

Ao sentar, minha atenção se deteve unicamente em Dolores, mas ela fingia não notar. Continuava inexpressiva, como nunca antes fora para mim.

— Eu sei que o senhor... — a mulher próxima ao juiz voltou a se pronunciar. Tentava inutilmente mascarar sua ironia com educação fingida. — Meritíssimo, desculpe, pediu que eu não fizesse perguntas, mas tenho duas apenas.

Todos se voltaram para Dolores, que não esperou a resposta afirmativa do juiz.

— O Sr. Lemos tem como provar sobre meu envolvimento com qualquer um dos Andrade? Ou que esses supostos envolvimentos tiveram como objetivo obter quantias em dinheiro?

O silêncio se instalou na sala novamente. Todos se voltaram para o advogado de Rodrigo, esperando uma réplica para a imposição audaciosa, mas pertinente. Meu olhar continuou sobre Dolores. Percebi o exato momento em que os cantos de sua boca se ergueram em um sorriso quase imperceptível.

Expirei, completamente vencido por aquela imagem.

Era aquela ousadia, perspicácia, inteligência e força em excesso, concentradas naquela mulher, que me deixavam louco por ela, que a tornavam marcante e única de forma que me deixasse condicionado a querê-la mais e mais. Independente do que infernos estivesse entre nós.

Rodrigo fora o primeiro a sair da sala de audiências do tribunal, seguido por seu advogado. A decisão do juiz fora irrevogável. Mamãe permaneceria comigo.

— Ele nunca me perdoará, querido — mamãe sussurrou contra meu peito. Eu a apertei em meus braços e senti as suas lágrimas encharcarem minha camisa.

— Ele sabe que você nunca o odiará, mamãe — murmurei para ela, enquanto acariciava seus cabelos curtos e agora grisalhos. — Também sabe que você nunca o abandonará. Se Rodrigo um dia quiser sua ajuda, sabe que a terá.

Ela apertou as lapelas de meu blazer e soluçou baixinho enquanto se desvencilhava do abraço.

— Foi como escolher entre um de vocês, querido — contou, pensativa. Certamente lembrava-se das perguntas feitas pelo juiz com quem ela preferia ficar. Mamãe pediu desculpas a Rodrigo após dizer que gostaria de continuar comigo. A verdade era que todos sabiam que não se tratava de ficar com a responsabilidade sobre mamãe, e sim sobre quem administraria a fortuna de Olavo através disso. — Uma mãe não pode fazer isso — ela concluiu.

Usei os polegares para limpar as lágrimas remanescentes em seu rosto. Mantive-me em silêncio enquanto saíamos. Já não havia nada a ser dito.

— Foi um milagre eu ter conseguido uma passagem de avião, vovô! — Dolores disse para o avô, quando nos aproximamos. — Prometi ao meu chefe que voltaria hoje mesmo e que faria hora extra para compensar a manhã perdida.

Ela o abraçou com força, sem sequer notar que mamãe e eu também estávamos ali.

— Cuide de Mabel, sim? — sussurrou para ele, mas pude ouvir. — Assim que eu chegar lá, eu ligarei.

— Tudo bem, querida — João concordou, soltando-a.

— Você já vai, querida? — mamãe perguntou à Dolores.

Os olhos castanhos da mulher me fitaram por dois segundos antes dela se voltar para minha mãe, que estava ao meu lado.

— Sim, eu tenho pouco mais de meia hora para chegar ao aeroporto... Onde está Natasha?

— Não pôde ficar até o fim, porque precisava ir a uma universidade fazer a segunda fase de um vestibular — respondi.

Ela assentiu, sem voltar a me fitar e abraçou mamãe.

— Você voltará em duas semanas, para o Natal?

— Não.

Decidi desviar meus olhos dela, encarava-a como se pudesse encontrar uma solução para todo aquele inferno apenas por fitá-la. João meneou a cabeça, com sua habitual expressão paternal de "você me decepciona, garoto" e pegou o celular em um dos bolsos.

— Robson está lá embaixo — avisou após trocar algumas palavras com alguém na linha e se aproximar de mim. — Venha comigo.

Quando estávamos longe o suficiente das duas, eu perguntei:

— Por que aquele homem continua com ela?

— Ele está preocupado com Lola, com a segurança dela, principalmente agora morando em outro estado, um lugar completamente desconhecido. Admito que eu também prefiro que ele esteja com ela. Dolores pode não ter dito nada, mas agradeceu por não ficar sozinha naquela cidade.

Descemos as escadas que nos levariam ao primeiro andar.

— Não olhe para ela como se ainda tivessem algo — alertou. — Eu não quero que volte a se aproximar da minha neta.

Suspirei pesadamente.

— João, Dolores...

— Dolores não fez nada do que o bastardo do seu pai a acusou. Nós dois sabemos, mas você é fraco demais para se convencer disso sozinho. — Ele parou abruptamente em um lance de escadas, parei à sua frente. — E como ela não tentará fazer você acreditar nela, você fica se remoendo por continuar a querê-la.

Fechei os olhos, atingido em cheio por suas palavras.

— Sabe que eu odeio quando você usa o que eu digo contra mim — lembrei-o.

Ele revirou os olhos e bufou.

— Você sabe que gosto de você como se fosse meu filho, sabe que só o perdoei por saber que da última vez, com Fernanda, você não acreditou em seu pai e depois descobriu que tudo era verdade, mas entre você e Dolores, eu sempre vou escolher minha neta, Ricardo. — Ele fez uma pausa. — Eu seria capaz de colocar minhas mãos nas lavas do inferno por ela, Rob faria o mesmo e se você não confia nela a ponto disso, você não a merece. Enquanto tiver

essas malditas dúvidas, eu vou impedi-lo sim, de ir atrás dela.

Eu sabia que minha expressão impassível se mantinha, mas João me conhecia bem o suficiente para parti-la em milhares de pedaços para descobrir o que se passava comigo. Foi assim que ele descobriu sobre a carta de Olavo e todas as fotos e documentos com a assinatura de Dolores.

— Ela me escondeu coisas sobre Rodrigo, João. Me escondeu os motivos de você ter parado no hospital. Nenhum de nós sabe como infernos ela conseguiu pagar aquela hipoteca. — Fiz uma pausa. — Eu queria acreditar nela, porra! Mas não conseguia deixar esses malditos detalhes de lado.

— O que Rodrigo ainda tem a ver com isso? — questionou, após notar a diferença nas informações que eu repetia sempre que começávamos aquela discussão.

Me afastei o suficiente para levar as mãos em concha ao rosto — eu havia decidido não falar sobre Rodrigo desde que Lola fora embora, mas agora, depois de mencionar isso, não poderia voltar atrás.

— Ele me ligou antes da leitura do testamento e disse que havia tocado em Dolores — contei de uma vez, após levar os punhos cerrados à parede mais próxima.

— E você acreditou?! — Ele pareceu enfurecido por isso.

— Não, claro que não! Aprendi a confiar em Dolores, claro que não acreditei naquele filho da puta!

João franziu o cenho.

— E então?

— Ela me disse que ele tentou tocá-la e beijá-la.

As narinas dele se dilataram quando sua respiração ficou mais pesada.

— Por isso ela deu dois tiros nele... Mas Dolores não tinha me contado isso, não disse que aquele bastardo colocou aquelas mãos nojentas nela e eu fiquei louco, porra! Eu confiei nela e ela ainda estava me escondendo aquilo.

A única mudança no homem a minha frente foi em sua expressão, que se fechou completamente. Desta vez, ele se tornou impassível.

Foda-se!, pensei, enquanto sentia como se meu coração fosse esmagado por todas aquelas malditas revelações.

— Depois veio a porra daquele testamento e aquilo fodeu tudo ainda mais — prossegui. — Eu sabia que ela precisava do dinheiro, mas não sabia se queria confiar nela por querê-la comigo ou se realmente confiava. Aquelas eram novas informações que ela nunca dividiu comigo! Você me contou sobre a maldita hipoteca e não ela, eu não sabia sobre o financiamento ou aquelas malditas dívidas! E, de repente, estava tudo pago. E ela recebeu uma proposta maravilhosa de emprego bem longe daqui. Eu vi as assinaturas, vi a porra da solicitação de emprego preenchida por ela. O que queria que eu pensasse?

Me surpreendi ao olhá-lo novamente e perceber que seus olhos estavam vermelhos, ele tentava represar lágrimas a todo custo.

Fechei os olhos e encostei minha testa a uma das paredes. Ficamos em silêncio por tempo suficiente para que eu pudesse controlar a fúria que tentava se alastrar dentro de mim.

— Não pensou que alguém muito próximo pode ter ajudado seu pai nisso? — João se manifestou novamente.

Voltei a fitá-lo, consternado. Claro que já havia pensado naquela hipótese, mas se nem mesmo João sabia da hipoteca até receber aquela carta, como outra pessoa saberia?

Dois homens vestidos em ternos rigorosamente pretos subiram as escadas e passaram por nós.

— Não consegui chegar a nenhuma conclusão aceitável — admiti, por fim. — Eu acho que as amigas de Dolores sequer sabiam sobre mim. André deixou claro para mim que jamais faria algo contra Dolores — lembrei-o.

João fez uma careta ao ouvir o nome de André. Ele já havia deixado muito claro que não gostava do ex de Dolores, que agora, surpreendentemente, era quase como um colega de cerveja para mim.

— Precisamos conversar sobre isso mais tarde — ele concluiu.

Ouvimos um som estranho e olhamos involuntariamente para o lance de escada acima do que estávamos. Parecia que algo pesado estava caindo rapidamente. Depois o eco de saltos no mármore das escadas foi audível. João e eu trocamos um olhar e começamos a subir as escadas para averiguar o que acontecia.

— Maldição! — João foi o primeiro a exclamar ao ver Rodrigo gemendo de dor sobre o chão.

Dolores surgiu descendo calmamente as escadas, com uma expressão séria.

— O que você fez, filha?

Abaixei-me o suficiente para verificar o ferimento na testa de Rodrigo, que sangrava.

— Nada — ela respondeu em um tom frio, quase assustador. — Apenas agradeci com um carinho dócil um elogio que Rodrigo fez a mim.

Ergui as sobrancelhas, tentando entender que tipo de elogio ele fez para merecer um soco muito bem dado no meio das fuças.

— Robson me prometeu que te treinaria para se defender e não para sair como uma selvagem na rua! — João repreendeu-a. Dolores apenas deu de ombros.

— Vadia — Rodrigo sussurrou, mesmo com dificuldade. Em um movimento rápido, usei o dedo indicador para agarrar a garganta dele e apertá-la, deixando-o rapidamente sem ar.

— Você está em desvantagem para ser tão petulante, não acha, Rodrigo? — Lola indagou.

Meneei a cabeça ao vê-la levar um dos pés, cobertos por um sapato com salto altíssimo, para o meio das pernas de Rodrigo.

— Dolores! — João interpôs novamente, ela sequer se moveu quando Rodrigo encolheu o corpo sob seu salto assustador.

— Não se preocupe, vovô — disse, sem tirar os olhos de Rodrigo. — Esse é só um cumprimento entre amantes, não é, Rodrigo?

Voltei-me rapidamente para ela ao ouvir aquilo. A ironia em seu tom aplacou a minha expressão de desentendimento.

Duas mulheres surgiram atrás de Dolores e, desesperadas, perguntaram se o homem no chão estava bem.

— Meu Deus, Robson estragou você! — João prosseguiu enquanto pegava o telefone do bolso do casaco. — Eu vou matar aquele filho da puta!

Dolores se voltou para as mulheres e, com o mesmo tom frio, disse que o homem tropeçou em um dos lances, mas estava bem.

— Eu preciso ir — murmurou para nós dois antes de passar por mim para ir embora.

— O que você andou ensinando para Dolores? — Ouvi João inquirir para Robson ao telefone.

Olhei para Rodrigo enquanto ele tentava levantar, um momento depois decidi seguir Dolores.

Quando consegui alcançá-la, ela já descia o último degrau da escada. Agarrei seu braço direito com uma das mãos e trouxe seu corpo de encontro ao meu.

— Por que você está fugindo? — perguntei, com a respiração ofegante por descer tantos degraus tão rápido.

— Não estou fugindo. Tenho um voo marcado e preciso ir ao aeroporto. — Ela tentou se desvencilhar de meu aperto, mas desistiu quando percebeu que seria em vão. — Por que aceitou esse emprego? — questionei. — Queria se afastar tanto assim de mim?

Ela riu. Um riso jocoso, debochado. Do tipo que eu nunca havia ouvido vindo dela.

— Você se dá muita importância, não é, Ricardo? — Segui seu olhar, que me levou a ver todas as pessoas na recepção, que tentavam disfarçar e não nos fitar.

— Não fuja das minhas perguntas. — Fiz uma pausa. — Por que lá dentro você disse que tivemos um *affair*?

— Porque foi o que tivemos! — replicou em voz controladamente baixa, mas ainda assim brava. Ela me afastou com uma facilidade que me fez chegar à conclusão de que não o fez antes porque não quis. — Você está me atrasando ainda mais. — Dolores tentou sair novamente, mas impedi.

Eu sabia que me arrependeria pelo que faria, por ser tão fraco de novo, mas em voz baixa, quase como se fizesse um pedido, em seu ouvido, eu sussurrei:

— Porra, eu quero acreditar em você.

Percebi o momento em que ela engoliu fortemente, como se tentasse engolir minhas palavras. Demorou alguns segundos, mas quando ela me fitou, deixando seu rosto a míseros centímetros de distância, seus olhos refletiam um misto de raiva e mágoa. Muito mais raiva do que mágoa.

— Eu não quero que acredite em mim — sussurrou com a voz desprovida de qualquer sentimento. Ao ouvir aquilo, eu me perguntei o que aconteceu nessas poucas semanas em que ela esteve longe, que a fizeram mudar tanto. — Não preciso que acredite em nada além do que estava naquela carta e naquele testamento. Eu, na verdade, quero você longe de mim. Não preciso de um homem facilmente manipulável ao meu lado.

Aquelas palavras me deixaram em silêncio, esgotado de tudo aquilo. Era inútil continuar com aquelas perguntas, com a proximidade forçada.

Quando Dolores se soltou e foi embora, eu a encarei demoradamente, como fizera quando a vi ir para a sala de embarque naquele aeroporto há um mês, mas, desta vez, ela não virou para procurar meu olhar.

Um

“Depois que nos encontramos
Eu esqueço todo tempo
Que fiquei sem te ver
Fora tanto que eu me perco
Fora tudo mais que eu penso
Eu só penso em você”
Eu Só Penso em Você – Kid Abelha

A casa de João estava insuportavelmente silenciosa quando chegamos. Desconfiei que o som de uma agulha caindo sobre o chão seria audível se apurássemos os ouvidos.

Desde a leitura do testamento de Olavo, há mais de um mês, ele permaneceu nesta casa com mamãe — já que Dolores não estava mais aqui. Contudo, hoje decidimos que é melhor que ela fique em meu apartamento comigo. E mamãe somente aceitaria isso se João também estivesse lá.

— Vai continuar a me esconder o que Dolores disse para você, Ricardo? — João quebrou o silêncio entre nós enquanto seguia para a cozinha.

Expirei lentamente ao relembrar tudo o que ela me dissera em nossa pequena conversa. A ironia usada por ela durante o episódio com Rodrigo não me passou despercebido. Assim como seu tom frio e olhares vazios.

Quando João voltou à sala com uma garrafa de água e dois copos, peguei o que ele me estendeu e aguardei que o enchesse.

— Você percebeu a mudança nela? — questionei, ignorando sua pergunta. João me encarou com a feição inquisitiva, característica sua. Retribuí sem deixar transpassar o que estava em minha mente em nenhum momento.

Ele cedeu.

— Ela sofreu, mas isso a deixou mais forte — contou enquanto tomava um pouco de sua água, segui seu exemplo. — É o que sempre acontece.

Concordei com um aceno de cabeça quando me lembrei de uma conversa que tive com Dolores, ela disse algo parecido sobre Natasha. *Dores são necessárias*.

Reprimi um novo suspiro de cansaço e sentei-me sobre o sofá — era quase patética a forma que meus pensamentos me traíam e me levavam direto às lembranças sobre ela.

— Ok, vai me dizer o que está martelando em sua cabeça ou terei que adivinhar?

Ergui a sobrancelha e voltei a fitá-lo. Desisti de ocultar meus malditos pensamentos e organizei as palavras antes de proferi-las:

— Eu já contei que me senti impotente quando a vi chorar no hospital quando você estava internado na UTI?

João franziu o cenho, sem compreender minhas palavras — e o motivo de eu tê-las dito neste momento. Ele meneou a cabeça, negando.

— Enquanto eu a abraçava na recepção daquele hospital, e me tornava ciente do desespero dela e do fato de eu não poder fazer nada para mudar aquilo, eu finalmente percebi que ela havia ultrapassado todas as minhas muralhas, como você as chama, intransponíveis. Vê-la daquela forma doeu em mim mais do que muita coisa em todos esses anos.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas manteve-se em silêncio.

— Eu senti o mesmo quando ela chorou em meus braços ao ver as fotos do pai. Quando fui atrás de você até aquela academia, eu estava com raiva, confuso e não conseguia me convencer sozinho de que ela não faria nada daquilo. Por isso fui atrás dela.

Fiz uma pausa e engoli em seco ao lembrar.

— Vê-la chorar, sofrer, me desarma completamente e naquele momento, enquanto eu pedia que ela me dissesse por que aceitara ajudar Olavo, a última coisa que eu queria ver era ela me desarmando com suas lágrimas. — Levantei-me e João continuou apenas a me avaliar. — Porra, eu estava com raiva! Não porque a situação que vivi com Fernanda estava aparentemente se repetindo, eu estava com raiva por cair de novo por uma mulher, por não conseguir encontrar nenhuma maldita justificativa para aquele filho da puta saber até mesmo sobre a tatuagem dela, e por não conseguir confiar nela como sempre achei que confiava.

— Dolores tem uma tatuagem?! — Ele pareceu estupefato ao saber daquilo.

Respondi com um aceno afirmativo.

Levei as mãos aos cabelos e suspirei brevemente antes de prosseguir:

— Ela me desarmou totalmente quando começou a chorar naquela manhã. Eu esqueci qualquer inferno que pudesse ter me deixado com raiva e a beijei, era minha última tentativa.

Me senti a porra de um filho da puta por estar fazendo aquilo com ela, estar fazendo-a chorar daquela forma. Percebi que ela só precisaria dizer que era minha, para que eu ignorasse aquele testamento e tudo o que viera com ele.

— Mas ela não disse — adivinhou.

— Não, ela não disse. E eu percebi que eu só queria, mais que tudo, acreditar nela. Eu não queria perdê-la. Era simples, mas aquilo me fez sentir um covarde por pensar em ignorar tantas provas contra ela, apenas para tê-la comigo.

— Por isso a deixou ir embora naquele avião?

Assenti.

— Mas hoje... — parei por alguns segundos ao lembrar do olhar decepcionado e enfurecido que ela dedicou a mim ao dizer aquelas palavras. — Hoje eu não me sentia furioso, nem covarde e muito menos desarmado em relação a ela.

— Como se sentia?

— Ainda completamente louco por ela, mas, desta vez, muito mais cauteloso e atento a ela.

Os passos que eu dei me deixaram à frente da estante com a TV — a frente de uma foto de Dolores com o avô, para ser mais preciso. O sorriso singelo e o olhar sincero dela destroçaram algo em meu peito.

— Ela disse que não precisava de mim, que o que tivemos não passou de um *affair* e que ela me queria fora de sua vida.

Ele parecia surpreso quando voltei a encará-lo.

— Ela estava com raiva, furiosa. Me ignorou e tentou me fazer sentir pior do que eu já estava, e conseguiu — lembrei-o. — Eu não me senti desarmado com ela daquela forma, nem estava com raiva, mas, mesmo depois de um mês, eu duvidava que ela pudesse ter me traído daquela forma. Eu não acreditei completamente nas provas de Olavo contra ela, mas...

— ... Não conseguia esquecer que Fernanda estava envolvida com Rodrigo e que, quando Olavo a comprou, você não acreditou nas fotos que ele mandou e depois descobriu que daquela vez ele estava falando a verdade — completou. — Por isso precisava acabar com suas dúvidas em relação às provas.

Concordei.

— Sim.

— Precisou de um mês para chegar a essa conclusão? — ele perguntou aparentemente sério, mas pude observar notas de sarcasmo em seu tom.

Revirei os olhos.

— Você me convenceu a não ir atrás dela em Salvador, lembra? Porque não tinha certeza de porra nenhuma e ela não aceitaria nem falar comigo ciente de que eu ainda tinha dúvidas. Eu sei que você estava certo, mas eu só precisei vê-la de novo, sem estar guiado por todos aqueles sentimentos conflituosos, para me convencer de que o que me impedia de acreditar em tudo aquilo era o fato de conhecer Dolores e não o fato de querer mantê-la comigo.

João se levantou do sofá, que havia sentado ainda há pouco, e seguiu para a cozinha.

— O que fará agora?

Bufei ao segui-lo.

— Enquanto vínhamos para cá, eu tentei lembrar de algum detalhe que me ajudasse a

descobrir quem pode ter ajudado Olavo. Como você sugeriu há algumas horas.

Ele voltou a me encarar com um vinco em sua testa.

— Recordei de algo que Dolores me contou certa vez... José Roberto, um filho da puta que trabalhava conosco na revista, tinha acesso a muitos documentos que poderiam ajudar Olavo em tudo o que fez.

— Porra, por que você só lembrou disso agora?! — ralhou.

— Porque aquele bastardo estava ajudando Rodrigo! Sempre que eu lembrava daquele filho da puta, eu o associava à Rodrigo, e qualquer chance de ele ajudar Olavo se extinguia para mim. Mas hoje me forcei a lembrar de uma conversa que tive com Dolores há muito tempo, Roberto a procurou e contou que não foi Rodrigo a contratá-lo primeiro. Eu ignorei a informação porque Olavo já estava morto. Agora, se Roberto tiver realmente falado a verdade, algumas coisas farão sentido. — A fúria se esvaiu de sua expressão aos poucos, ao ouvir aquilo. Ele anuiu.

— Como ele conseguiu trabalhar para os dois? — questionou. — E sem que nenhum deles desconfiasse?

— Eu não faço ideia. Mas se Olavo desconfiasse disso, Roberto já não estaria vivo.

— E onde esse bastardo está?

— Não sei. Consegui demiti-lo depois que ele ajudou Rodrigo a me colocar naquela prisão.

— O que faremos para encontrá-lo?

— Vou descobrir o endereço dele na empresa antes que meu aviso prévio termine e irei atrás dele.

João suspirou pesadamente e anuiu.

— Vou arrumar minha mala — avisou ao sair da cozinha.

Expirei e segui para a sala. Foram precisos poucos segundos para que o enorme cômodo vazio me trouxesse lembranças do que já acontecera aqui.

Lembrei-me da primeira vez que estive aqui, da forma que Dolores se entregou durante o beijo que lhe dei ao chegar em sua casa. Naquela noite eu já estava louco por ela, para tê-la. Foi um alívio perceber que ela parecia tão ávida pelo meu toque quanto eu estava para tocá-la.

A próxima lembrança foi mais inquietante. Quando João saiu daquele hospital e veio para esta casa com mamãe, eu vim aqui para levar Natasha para casa. Claro que não consegui simplesmente ir embora após beijá-la daquele jeito. Um suspiro de cansaço escapou de meus lábios. — Somente naquela noite eu percebi que queria que ela fosse minha, *apenas* minha. Não somente o seu corpo sob o meu e a promessa de que nenhum outro a teria daquela forma. Eu queria que Dolores fosse inteiramente minha — e eu já agia como se ela fosse.

O toque do meu celular me resgatou daquelas lembranças e o peguei do meu bolso para atendê-lo. Era uma chamada de um número não salvo.

Bufei pensando nos tipos de problemas que viriam agora, mas atendi:

— *Eu preciso falar com você.*

Cerrei os olhos com força quando percebi de quem se tratava e tentei conter um suspiro cansado, o que foi completamente em vão.

— Não tenho nada para falar com você, Fernanda! — respondi imediatamente.

— *Ricardo, nós precisamos conversar! Você precisa saber...* — encerrei a ligação antes

que Fernanda pudesse continuar com a porra do seu discurso. Eu não estava minimamente interessado em dar qualquer chance para aquela vadia se redimir.

Guardei o celular novamente e sentei-me sobre o sofá. Desta vez o telefone da sala tocou. João gritou do quarto, pedindo que eu atendesse o telefone, e o fiz.

— *Vovô?* — Parei até mesmo de respirar ao ouvir aquela voz. — *Ainda estou no trabalho. Não posso falar muito. Liguei apenas para avisar que a viagem foi boa e que está tudo bem.*

Ela interrompeu quando um homem começou a falar.

— *Querida, temos menos de uma semana para fechar todos esses relatórios. Me ajude a concluir esta parte hoje.*

Cerrei os punhos com força ao ouvir aquela voz masculina, que eu sequer conhecia, e já não suportava.

— *Volto em dois minutos.* — Ouvi-a murmurar.

Passaram-se alguns segundos, enquanto ela pareceu esperar que o homem fosse embora.

— *Vovô, eu ligo depois, ok? Preciso ir.*

— Dolores, esse... — tentei falar, mas ela já havia encerrado a ligação.

Por que aquele filho da puta estava falando com ela desta forma? E por que infernos a chamou de *querida*?

Verifiquei o relógio em meu pulso. Quase nove da noite e ela ainda estava trabalhando?

A voz do bastardo reverberou por minha mente mais uma vez. Fechei os punhos e tentei

controlar a fúria que me invadiu.

— O que Dolores disse? — João questionou assim que voltou com sua mala pequena.

— Que a viagem até lá foi boa — limitei-me apenas a isso. Já estava cansado de ouvir seus sermões sobre não haver mais nada entre mim e Dolores e seria exatamente isso que ele me daria se soubesse sobre esse meu maldito ataque de ciúmes.

Cerca de quinze minutos depois, nós seguíamos para o meu apartamento. Meus pensamentos estavam completamente dispersos — entre suposições idiotas sobre o que Lola fazia agora e coisas que eu precisava fazer antes de ir atrás dela.

Somente percebi que qualquer bastardo poderia tentar conquistá-la quando ouvi um filho da puta falar com ela. Chegar à conclusão de que terei que lidar com as chances existentes de perdê-la para outro, me deixa ainda mais angustiado.

Eu preciso encontrar o filho da puta do Roberto para ouvir dele como Olavo conseguiu armar tudo aquilo.

— Se sabe que ela não seria capaz de fazer o que Olavo colocou naquele maldito testamento, por que ainda quer ir atrás daquele homem? — João inquiriu ao meu lado, como se lesse meus pensamentos.

— Porque essa história ainda não faz sentido. Há muitas coisas que Roberto não teria como saber, como a tatuagem e as dívidas, e, mesmo assim, Olavo sabia. Quero entender como ele conseguiu armar tudo aquilo — admiti.

— Lola sabe sobre Fernanda? Sobre ela e Rodrigo e o motivo de ela ter terminado tudo com você?

Pensei por um momento. Consegui recordar de poucas coisas que eu disse a ela no dia do enterro de Olavo, dia em que Fernanda decidiu voltar do maldito inferno.

— Eu contei a ela que Fernanda me traiu e depois decidiu terminar tudo — murmurei.

João bufou.

— Se tivesse contado sobre Fernanda e Rodrigo, se tivesse dito com quem ela te traiu e por que o fez, Dolores saberia que você tinha motivos para estar confuso — ralhou.

Porra!, xinguei diversas vezes, numa tentativa inútil de me acalmar. Sabia que ele estava certo, mas não queria começar outra discussão por isso.

— Acha que ela vai te perdoar? — indagou algum tempo depois.

Franzi o cenho, mas não redirecionei minha atenção a ele. Apenas continuei a prestar atenção ao trânsito a minha frente.

Pensei sobre sua pergunta por alguns segundos e, por mais que quisesse acreditar no contrário, a lembrança vívida de minha conversa com Dolores há algumas horas, me atingiu como a porra de um soco. Ela jamais me perdoaria tão facilmente quanto eu gostaria, mas, sendo sincero, eu não esperaria menos dela. Dolores é uma mulher orgulhosa e altiva. Eu fui um bastardo, a magoei e no fundo, bem no fundo, sabia que ela não faria nada do que estava naquelas cartas, mas a dúvida não me deixou ver isso antes. Agora se passou tempo demais, a mágoa nela está mesclada à raiva e isso somado ao seu orgulho e altivez, pode resultar na minha ruína. Mas não me importo.

— Farei qualquer coisa para que ela me perdoe — falei, ao invés de responder à sua pergunta. Havia verdade e determinação em minhas palavras, eu não sabia se era necessário

depois de tudo ainda deixar isso claro para João, mas o fiz. — Não vou perdê-la por ter sido um filho da puta. Preciso que ela saiba...

— Que você a ama? — ele completou.

Ergui as sobrancelhas ao ouvir aquelas palavras e troquei um olhar com ele.

— Preciso que ela saiba o motivo de eu ter duvidado dela. — Fiz uma pausa, e obriguei a mim mesmo a admitir algo em voz alta. — Preciso que ela saiba que eu a quero na minha vida... E que sinto muito por ter sido um bastardo.

Com sarcasmo acentuado em sua voz, ele disse:

—Você é mais cego que um deficiente visual. — Não vi, mas tive certeza de que ele revirou os olhos. — Você vai precisar de um argumento melhor que esse para convencê-la. — Ele apontou. — Que fique claro, eu não me importo com a decisão dela. Dolores sabe o que é melhor para ela.

Bufei.

— É sempre bom contar com o seu apoio incondicional — retruquei irônico.

— Você tinha o meu apoio incondicional até fazer minha neta chorar. — Aquelas palavras me feriram como aço. — Até agir como um idiota.

Semicerrei os olhos e apertei o volante.

— Já perdi as contas de quantas vezes você me chamou de idiota no último mês.

— Não é fácil para eu dizer isso, acredite.

Meneei a cabeça, afirmando que compreendia, mas, na verdade, estava sendo irônico

novamente.

— Pode até não ser, mas você faz parecer.

Ele sorriu.

Fiz uma curva na Avenida Borges de Medeiros. O trânsito estava melhor na Avenida Ipiranga e decidi seguir por ela.

Um carro derrapou na pista atrás do nosso e isso levou minha atenção ao espelho retrovisor na parte superior do carro, João se movimentou em seu assento e também o fitou. Desviei minha atenção ao caminho à minha frente novamente, mas ele persistiu fitando os veículos atrás do nosso por alguns minutos.

— Acho que estão nos seguindo — contou, por fim.

Suspirei pesadamente e acenei, negando.

— Era só o que me faltava! — resmunguei.

João voltou a se sentar ereto no seu banco e verificou o porta-luvas do carro, ele sabia que eu mantinha uma arma carregada ali desde que Rodrigo sequestrou mamãe.

— Não acredito no tempo que passei sem tocar numa dessas — ele murmurou enquanto a delineava com os dedos, apreciando-a. A última vez que ele tocou em uma arma foi há mais de um ano, exatamente quando Rodrigo sequestrou mamãe. Eu comprei esta arma e, ao me ver com ela, João quase me nocauteou para tirá-la de mim. Depois, quando eu estava mais calmo sobre o que fazer relação a Rodrigo, ele me ensinou a manejá-la. E me explicou os motivos de odiar armas. Ele, mais do que qualquer pessoa que eu conheço, sabe o estrago que elas fazem, pois trabalhou por anos no exército.

— Achei que não gostasse de armas — lembrei-o, agora com a atenção nos carros atrás

do nosso. — Qual deles está nos seguindo? — questionei, enquanto, em pensamento, tentava descobrir quem, além de Rodrigo, tentaria me encurralar.

— Gol prateado — murmurou, se referindo ao modelo do carro e sua cor. — Não gosto do que elas podem fazer, mas não deixo de apreciar a beleza de uma quando a vejo.

Maldição!, xinguei mentalmente ao ver o maldito carro se aproximar.

A adrenalina fez meu coração pular algumas batidas e apertei o volante com mais força enquanto pensava em algo para sair daquela situação ou acabar com ela de uma vez por todas. Com a raiva que inflava dentro de mim, e a cólera que se alastrava, eu passei a me forçar a me acalmar. Estar dominado por sentimentos como esses não me ajudaria a ter uma atitude muito sensata neste momento.

— Fique com ela — avisei a ele. — Eu me viro.

— Se for Rodrigo, ele pode estar armado — alertou.

— Eu sei... Minha mira é boa, mas a sua é melhor — lembrei-o.

Fiz uma curva na rua que me levaria à Praça Visconde de Taunay e rezei para que não estivesse com muitas pessoas. Mas sabia, a julgar pela garoa que caía na noite fria, que àquela hora — quase dez da noite — deveria estar praticamente deserta.

— Controle-se, Ricardo — João aconselhou.

Não respondi, mas continuei em minha busca pela serenidade e autocontrole.

Quando finalmente estacionei o carro, esperamos que o outro veículo fizesse o mesmo caminho que o nosso, através do espelho retrovisor pude ver dois homens que eu não fazia ideia de quem fossem.

João escondeu a arma em sua calça, depois nós saímos do carro. A praça, como imaginei, estava deserta. A quadra de futebol descoberta estava com pouca iluminação, mas não a ponto de qualquer pessoa nos prédios não ver que estávamos ali.

Não exprimi surpresa ao avaliar os homens que saíam do carro. Um deles não poderia ter mais de vinte e cinco anos, tinha pele parda e o corte de cabelo em estilo moicano — cuja cor parecia ser proveniente de um descolorante barato. O outro era mais alto, cerca de um metro e noventa, era mais velho e careca. Dedicava a mim um olhar ameaçador.

Cruzei os braços e encostei-me ao capô de meu carro enquanto os dois se aproximavam.

— Tu tá ralado[1]. Carlão tá de cara contigo — o careca avisou.

Juntei as sobrancelhas, tentando entender o que o bastardo dizia, até que uma lembrança clareou aquelas palavras em minha mente e me levou ao entendimento.

— Não sei do que está falando — avisei, ao me colocar de pé novamente à frente do homem, que apertou os olhos em minha direção. Com os punhos cerrados e uma força descomunal, ele atingiu meu estômago com um soco. Xinguei um palavrão de forma inaudível. Perdi o ar e a atenção por tempo suficiente para que ele agarrasse as lapelas de meu blazer e aproximasse nossos rostos.

— Não estou para tuas brincadeiras, caralho — ele disse. Ouvi uma movimentação atrás de mim e imaginei ser João. — A gente se remou[2] pra te encontrar. Tu sabe sim do que a gente tá falando.

Revirei os olhos para o homem a minha frente e devolvi, com agilidade e extrema força, o golpe que ele me deu anteriormente. Aproveitei o fato de ele ter me soltado e se curvado e o atingi com o joelho em seu torso, um soco em seu rosto e finalizei com algo mais doloroso, usei o cotovelo direito para atingi-lo nas costas, na direção exata do seu rim esquerdo. Isso o fez cair. Eu não queria estar em seu lugar para sentir a dor que meu último golpe lhe rendera.

Aprendi na pele o que é machucar um rim e essa não é a dor mais suportável do mundo.

Voltei-me para João enquanto tentava aliviar a dor nos nós dos dedos. Sorri. Era surpreendente a forma que ele conseguia, com rapidez sobre-humana, desarmar e derrubar um homem.

Ele retribuiu o sorriso, sem tirar os olhos do homem — o moicano — que estava no chão e o fitava com fúria incontida nos olhos.

— Não sei por que esses filhos da puta sempre acreditam que sou inofensivo — ele disse ao engatilhar a arma.

Voltei-me para o homem atrás de mim e, antes que conseguisse levantar, eu o chutei duas vezes, fazendo-o gemer e cair novamente.

— Por que estavam nos seguindo? — Ouvi João questionar ao outro homem.

— O que seu chefe quer? — inquiri.

Sabia que isso tinha a ver com Rodrigo. Agora eu tinha a chance de entender o que estava acontecendo com aquele bastardo e o farei.

Ele ficou em silêncio. Ouvi um disparo e me voltei para João. Ele tinha menos paciência que eu, mas eu sabia que se ele atirasse naquele homem de verdade, e sem justificativa, estaríamos em uma boa encrenca.

— Só seguimos ordens, porra! — disse o homem que estava sob a mira da arma. — Andrade tá com alguma coisa que o Chefe quer. E tá devendo muita grana pra ele também.

— O que ele fez? — perguntei, aproximando-me.

O homem franziu o cenho, como se não entendesse por que eu estava perguntando aquilo.

Era óbvio que os dois achavam que eu era Rodrigo, mas o entendimento não pareceu tê-los alcançado.

— Não sou Rodrigo, idiota — afirmei. — O que aquele filho da puta fez?

Um novo disparo seguido pela ardência de algo em minha coxa direita, me fez xingar audivelmente.

— Porra! — Levei uma das mãos ao local atingido e olhei para o bastado que eu subjuguei, ele ainda estava deitado sobre o chão, mas mantinha a arma em punho para me atingir novamente.

Fiz uma careta ao ver o exato momento em que João atirou, com mira e precisão perfeita, no meio da testa do filho da puta.

— Você está bem? — perguntou a mim, sem desviar a atenção do outro homem, que agora parecia apavorado.

— Foi de raspão. Só está ardendo como o inferno. — Me coloquei de pé novamente, mesmo que a dor aumentasse, e peguei o celular. — Vou ligar para a polícia e para Rodolfo — avisei-o, referindo-me ao meu advogado.

Suspirei pesadamente e cerrei os olhos.

Torci para que houvesse câmeras em algum lugar por aqui. Isso nos ajudaria a explicar o que aconteceu.

João ligou para Natasha enquanto me levava ao pronto socorro — ele insistiu que eu precisava de um curativo e algum anti-inflamatório. Explicar a polícia o que havia acontecido não foi tão difícil quanto imaginei, talvez o fato de meu advogado já estar a caminho e João ser um ex-militar tenha ajudado. Os capangas do traficante foram levados; um deles para a cadeia, após explicarmos tudo e o delegado caracterizar o caso como legítima defesa e confirmar que minha arma está registrada; e o outro certamente fora levado ao IML.

Chegamos em meu apartamento após as onze horas. Natasha nos aguardava acordada e extremamente preocupada. Quando entrei na sala, eu a vi levantar do sofá e vir correndo até mim. Quase sorri quando ela usou os braços para envolver minha cintura e me abraçar, já que era baixa demais para alcançar meu pescoço.

— Meu Deus! Você quer me matar do coração?! — ela brigou. — Da próxima vez, eu mesma te mato! Seu grande idiota!

Eu a abracei de volta.

— Você é tão dramática, Natasha.

— Vou para o quarto — João avisou, dedicando um sorriso confortador à Natasha antes de sair. Ele pediu que Natasha não avisasse a mamãe que nós estávamos no hospital e ela deu uma desculpa qualquer para mamãe.

— Como isso aconteceu?! Quem atirou em você?! Por que fizeram isso?

Suspirei ao ouvir aquelas perguntas e, sem soltá-la, segui para o sofá. Não contaria nada de mais para ela, mas a conhecia o suficiente para saber que ela não me deixaria em paz até que eu dissesse qualquer coisa.

— Estou bem! No hospital me disseram que em menos de uma semana começará a

cicatrizar, ok? A bala quase não me atingiu.

Havia lágrimas em seus olhos quando ela me abraçou novamente. Aquilo provocou um aperto em meu coração. Sei que Natasha é sensível demais, costuma chorar até mesmo de felicidade, mas isso não diminui minha aflição sempre que a vejo chorar. Sei sobre seu medo de perder Suzana, sua mãe, e ela também já deixou claro que tem medo de me perder.

— Ei, eu estou bem — murmurei, ao acariciar seus cabelos e beijar o topo de sua cabeça. — Não se preocupe.

— Mamãe não está bem, Aaron. Não posso perder nenhum de vocês — sussurrou ao segurar minha camisa com força.

Suspirei. Estou ciente da piora de Suzana e é sempre difícil confortar Natasha em relação a isso. Mantive-a em meus braços por todo o tempo que ela precisou para se acalmar de verdade.

— Preciso avisar a Lola! — exclamou algum tempo depois, soltando-me rapidamente para pegar o celular. — Ela deve estar acordada e preocupada até agora!

Franzi o cenho. Vi Natasha discar um número em seu celular e senti meu coração acelerar ao compreender.

— Você ligou para ela?! — questionei, bravo. — Ela está do outro lado do país, Nat! Deve estar louca de preocupação com o avô!

Ela ignorou minhas perguntas.

— Lola?... Calma! Eles já chegaram. — Natasha se levantou do sofá e me fitou em silêncio enquanto ouvia o que Dolores dizia. — Sim. Estão bem... Apenas Aaron que precisará de alguns dias para se recuperar. Não, não. Ele está bem... Tudo bem, boa noite!

Levantei-me, meu semblante se fechou em uma careta de dor passageira pelo movimento abrupto. Natasha fitou minha perna e suspirou fortemente.

— Não há muito sangue — murmurou ao se aproximar para verificar melhor.

— Eu disse que foi de raspão, quase não senti — assegurei.

— Quem fez isso, Aaron? — perguntou, voltando-se para mim.

— Não sei. Acharam que eu era Rodrigo.

Ela cerrou os olhos, preocupada.

— Vamos dormir — chamei-a. Ela me seguiu em silêncio.

Tomei um banho rápido, mesmo com dificuldade por não poder molhar muito o curativo e segui para a cama vestindo apenas uma boxer. Meu celular estava sobre ela. Havia duas chamadas perdidas... *de Rodrigo*.

Antes que eu me desse conta, eu retornava a ligação. Enquanto João dirigia para voltarmos para casa, eu pensei sobre o que Rodrigo pode ter feito para aqueles homens. Sabia que ele dificilmente me diria algo.

— *Irmãozinho* — o ouvi gritar, sobre uma música alta, pela forma que falou, tive certeza de que estava bêbado. — *Ainda está comemorando o fato de ter ganhado novamente?*

Fechei os olhos por um momento.

— Sabe tão bem quanto eu que não me importo com a porra daquela empresa — lembrei-o.

Ele pareceu se afastar da música, antes de prosseguir:

— *Sabe, eu estive pensando* — murmurou. — *Você não queria minha mulher, mas a conseguiu e, em seguida, fez o mesmo com a empresa de Olavo... Está na hora de arrumar uma desculpa melhor, maninho. Essa não convence mais!*

Fiquei em silêncio. A última vez que ele falou sobre Fernanda, foi no mesmo telefonema em que disse que havia tocado em Dolores. Ele queria usá-la contra mim, queria que eu acreditasse que ela havia me traído, como Fernanda... Queria se gabar pelo fato de eu ter ficado com Fernanda depois dele e ele ter supostamente ficado com Dolores, que era minha.

— Eu não sabia sobre vocês. Quantas vezes preciso dizer isso?! — Fiz uma pausa. — Você trouxe aquela vadia para a nossa família! — lembrei-o. — Se deixou enganar pelos encantos dela, que só queria seu maldito dinheiro. Aceite, Rodrigo, ela nunca quis nada além do seu dinheiro, do de Olavo e esperanças de que eu herdasse tudo dele depois. Ela se aproximou de nós três apenas para isso.

— *Eu devia ter te matado quando tive a chance, seu filho da puta! Se o tivesse feito, Fernanda ainda seria minha, assim como a porra do dinheiro daquele bastardo. E minha vida não seria esse maldito inferno.*

Rodrigo repetia as mesmas palavras que Olavo me dissera certa vez. Só que desta vez mencionando Fernanda.

— No que você se enfiou, Rodrigo? — perguntei após uma pausa longa demais. — Para quem você está devendo? O que pegou daquele traficante?

Seu riso afetado após minhas palavras não conseguiu me irritar, como ele gostaria.

— *É mais fácil para você mudar de assunto, não é?* — Ele fez uma pausa. — *Se quer tanto mudar de assunto, vamos falar da sua vadia. É impressão minha ou ela também já te trocou por outro?*

Aquilo, com uma rapidez sem igual, conseguiu me irritar. Era o que sempre acontecia quando Rodrigo falava de Dolores, ele sabia e não perdia a chance de me enfurecer.

— Vai pro inferno, Rodrigo. Dolores não é Fernanda.

— Sabe tão bem quanto eu que aquela vagabunda não queria nada com você. Dolores é sim, como Fernanda.

Cerrei o punho com força ao ouvir aquilo, e, com raiva, rebati:

— Ela não foi embora por dinheiro e não me traiu como Fernanda fez conosco.

Minhas palavras o deixaram em silêncio.

— Dolores não é uma prostituta de luxo como Fernanda — concluí.

Cerrei os olhos e levei os dedos até minhas têmporas. Eu sabia que havia ido longe demais, mas odiava qualquer menção a Dolores vinda dele.

Ouvi o som da música do local em que ele estava aumentar. Ele provavelmente estava voltando à festa.

— Além de dividir mulheres, agora também compartilharemos experiências de vida? — Ele riu por um momento. *— Se você prefere se fazer de sonso, o problema é todo seu.*

Fitei o celular quando Rodrigo desligou e expirei lentamente.

Eu preferia sempre esquecer a época em que nós passamos a nos tratar com tanta hostilidade. Se há dez anos, Rodrigo não tivesse roubado Olavo e fugido, muita coisa seria evitada. Talvez eu pudesse tê-lo convencido a não fazer aquilo, não teria me envolvido com aquela vadia e ele nunca teria ficado com tanta raiva a ponto de sequestrar mamãe para conseguir dinheiro.

Com um suspiro cansado, percebi que deveria ter contado a Rodrigo sobre o que aconteceu hoje, sobre aqueles filhos da puta terem vindo atrás de mim, mas ao invés disso cedi às suas provocações e as retribuí.

Desliguei o abajur ao meu lado da cama e deitei-me de uma vez. Soltei o ar dos pulmões com força e tentei eliminar a quantidade de preocupações que só aumentavam em minha mente.

Na semana que vem meu aviso prévio na Revista terminará. Oséias fez questão de arrumar uma assistente para mim, para me apresentar a empresa de Olavo e os procuradores que cuidam de suas ações e filiais em todo o Brasil. Eu odiava tudo aquilo, mas, se pensasse em mamãe e Natasha, eu poderia aprender a lidar com tudo. Natasha poderia cursar sua faculdade de Medicina sem qualquer problema, mamãe teria acompanhamento psicológico, eu poderia ajudar Suzana muito mais e as três estariam muito mais seguras.

Suspirei lentamente.

— *Posso fazer isso dar certo.*

No dia seguinte, acordei com o despertador do quarto tocando incessantemente. Embora soubesse que estava na hora de acordar, eu quis ficar muito mais tempo em minha cama. A noite fora maldormida e eu continuava quase tão cansado como quando deitei há algumas horas.

Xinguei baixo quando o celular começou a tocar também. Decidi levantar de uma vez e desligar o despertador. Peguei o celular em seguida e bufei ao ver *"AR (provisório)"*.

Era Rodrigo.

— O que você quer, porra?! — perguntei, mal-humorado. Era sete da manhã, o que aconteceu para ele me ligar a essa hora?

— Ricardo, é Fernanda.

Parei abruptamente minha caminhada até o banheiro.

— O que você está fazendo com o celular de Rodrigo?!

— Ele me ligou de madrugada, tá legal? Há menos de uma hora recebi um telefonema do hospital, eles me ligaram porque meu número fora o último nas chamadas do celular dele.

Não ouvi nada além do "hospital" sussurrado por ela, mas tentei voltar à conversa. Cerrei os olhos e tentei me preparar para o que ela diria em seguida.

— O idiota estava em uma festa ontem. Ele estava se drogando, Ricardo! Uma das prostitutas que estava com ele ligou para uma ambulância quando percebeu que ele estava passando mal. Rodrigo teve uma overdose.

O mundo parou naquele momento. Eu me tornei capaz de ouvir cada batida desesperadamente sufocante de meu coração, em contrariedade ao trabalho árduo dele, meus pulmões se tornaram incapazes de levar qualquer quantidade de ar ao meu corpo.

Fernanda continuou a falar e, quando a ouvi dizer o nome de um hospital, eu encerrei a ligação. Não precisava de nenhuma informação além daquela.

Dois

“Mas é claro que o Sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o Sol já vem”
Mais Uma Vez – Renato Russo

Minha cabeça ainda latejava e eu tinha certeza de que havia um galo em minha testa. A pancada fora forte e me levou ao desmaio em questão de segundos. Era difícil pensar naquele momento, principalmente por haver apenas flashes de lembranças do que aconteceu antes de eu ser arremessado contra aquela parede. Ele estava batendo nela, eu o vi chutá-la também, não entendia os motivos dele — nem sabia se ele tinha —, mas sabia que aquilo não era certo. Respirei fundo quando mais lágrimas rolaram por meu rosto. Virei-me sobre a cama e apertei o travesseiro que estava em minhas mãos.

Era errado sentir raiva do meu próprio pai?, eu me perguntava desde que acordei em meu próprio quarto após defendê-la novamente de quem eu acreditava que a amava. Esta não é a primeira vez que isso acontece e eu temia não ser a última também.

A porta de entrada e saída de meu quarto foi aberta lentamente e pude ver Lara, uma das empregadas. Não havia um sorriso em seu rosto, como era habitual, e sua expressão denotava apenas preocupação. Quando tentei sair do quarto há pouco, para verificar se mamãe e Rodrigo estavam bem, percebi que estava trancada. Eles não queriam que eu saísse daqui. Talvez temessem que papai quisesse me machucar de novo.

— Está melhor, querido? — Assenti enquanto ela se aproximava. Lara sentou ao meu lado na cama e me deu um sorriso confortador, acariciou meu rosto suavemente e limpou minhas lágrimas.

— José trará o seu jantar em alguns minutos, tudo bem?

— Não estou com fome — sussurrei. — Onde mamãe está? E Rodrigo? Eles estão bem?

— Seu irmão está no quarto também... — Ela fez uma pausa longa demais. — Mabel está dormindo.

— Eu quero vê-la — murmurei, tentando levantar da cama. Uma tontura causada pelo movimento abrupto, me fez parar sentado por alguns momentos.

— É melhor vê-la amanhã, querido. Juro que ela está melhor. Não se preocupe.

Apertei os lábios, contrariado, mas decidi acatar seu pedido. Eu não queria que mamãe acordasse e sentisse dores. Voltei a deitar.

— Você é muito pequeno para ficar se preocupando com coisas de adultos — ela disse. — Brigas de casais são normais hoje em dia, Ricardo. Sua mãe desobedeceu seu pai, por isso ele fez o que fez.

Franzi o cenho ao ouvir aquilo.

— Tenho dez anos, Lara. Mamãe disse que já sou um homem — lembrei-a, pois ela estava presente quando mamãe me disse isso. — Papai não pode bater nela... Isso *não* é certo.

— Muitas coisas na vida não são certas, querido, mas devem ser aceitas. Esta é uma delas. — Fechei os olhos quando ela beijou minha testa e levantou para ir até o guarda-roupa.

Cruzei os braços sobre o peito e desviei meus olhos dela. Nunca acreditaria que aquilo era normal ou aceitável.

— Não estou com fome. Você já pode ir — avisei. Ouvi-a suspirar fortemente, mas não me importei de voltar a encará-la. Deixei quando Lara cobriu meu corpo com um edredom, mas não retribuí seu "boa noite", nem deixei que se aproximasse novamente para me beijar, apenas virei de lado na cama, dando as costas a ela.

Fechei os olhos com força ao ouvi-la sair.

"Não é certo", a frase ecoou em minha mente.

Lembrei do momento em que subi as escadas, após chegar da escola. Eu estava preocupado com Rodrigo, pois ele não fora comigo por estar passando mal pela manhã. Enquanto seguia pelo corredor, ouvi os gemidos e pedidos desesperados de mamãe, não poupei esforços para me aproximar do quarto que ela dividia com papai. Ao vê-la sobre o chão, enquanto ele a chutava, o desespero me fez gritar para que ele parasse. Havia muito sangue no chão e, ao perceber aquilo, muitas lágrimas surgiram em meus olhos. Empurrei papai com toda a força que possuía, mas ele cambaleou apenas alguns passos para longe dela.

— Mamãe! — gritei desesperado ao vê-la, além de tudo, chorar.

— Vá embora, querido — ela pediu em meio às lágrimas que também derramava. — Saia daqui.

— Não! Precisamos de... de... — um nó pareceu apertar minha garganta e impediu minhas palavras. Acariciei o rosto dela e tentei completar. — Um mé-médico.

Um puxão forte — que rasgou parte de minha camisa — me fez levantar em um solavanco.

— Papai, não a machuque — pedi, ainda mais desesperado ao ver o olhar que ele dedicou a mim. Olavo nunca fora como um pai e, naquele momento, mais do que nunca, senti como se não fosse um.

— Saia daqui, seu bastardo! — gritou após lançar-me contra a parede mais próxima. Bati a testa contra algo sólido e depois tudo ficou escuro.

Passei dois dias sem ver mamãe após aquilo. Olavo, como passei a chamá-lo, não estava em casa — torci para que estivesse em alguma nova viagem. Rodrigo e eu não estávamos indo à escola por causa de nossos machucados.

— Seu chifre sumiu — ele brincou ao me ver, se referia ao galo enorme que estava em minha testa há dois dias. Levei as mãos à testa para confirmar aquilo e um sorriso fraco surgiu em meus lábios. Era o primeiro em dois dias.

— Seu olho não está muito roxo também — avisei, lembrando a nós dois os motivos daqueles machucados. Seu sorriso sumiu.

Sentei-me ao seu lado à beira da piscina. Não me importei de estar molhando a calça que usava, Rodrigo pelo menos estava vestindo roupas de banho.

— Ricardo?

O tom de sua voz me fez encará-lo. Éramos quase idênticos na aparência, quando eu o encarava sentia como se estivesse à frente de um espelho. As diferenças entre nós eram apenas na personalidade, pois ele era muito mais extrovertido que eu, que sou muito sério.

— Sim?

— Por que papai me odeia?

Meneei a cabeça, negando, ao ouvir aquilo, estava pronto para dizer que ele não nos odiava, quando ele continuou:

— Eu não lembro se fiz algo de errado, queria perguntar a ele, pedir desculpas, mas ele não está aqui. Não gosto quando ele diz que me odeia.

— Você não fez nada de errado — assegurei. — Olavo é que deve se desculpar.

— Você está com raiva dele? Por quê?

— Ele machucou a mamãe, Rodrigo. Você também viu. E desta vez não foi apenas um tapa ou uma repreensão.

— Lara e a Luiza disseram que ele pode fazer aquilo porque é marido dela. Que se mamãe não o tivesse irritado... — eu o interrompi.

— Ele é o marido dela, não o pai. Não pode e nem deve bater nela — tentei não soar tão irritado quanto fiquei ao ouvi-lo dizer isso. Sabia que Rodrigo era ingênuo, mas não deixava de me irritar. — Acha mesmo que algo justifica o que ele fez com ela?

Cabisbaixo, ele acenou, negando.

Rodrigo sempre adorou papai como se fosse um rei, aquele era um fato que me irritava, pois ele estava sempre do lado de Olavo. Apesar de claramente Olavo não gostar de nenhum

de nós, Rodrigo sempre quis ser aceito e amado por ele.

— É como ouvir um pequeno grande homem falar. — A voz de mamãe me fez virar o corpo o suficiente para vê-la.

— Mamãe! — exclamei enquanto levantava, trazendo junto água da piscina. Corri para abraçá-la. — A senhora está bem?

Ela assentiu com um sorriso fraco e, sem se afastar de mim, também abraçou Rodrigo que havia levantado.

— Ainda está doendo? — Rodrigo perguntou, preocupado, quando ela acabou com o abraço. Mamãe lhe respondeu com outro sorriso e beijou sua testa.

Uma das empregadas gritou, chamando Rodrigo para se arrumar para a aula de piano — que ele odiava.

— Mamãe, eu não quero ir! — ele disse para ela. — Diga que eu não vou, por favor! Diga a ela!

Mamãe bagunçou os cabelos lisos e castanhos de Rodrigo e beijou o topo de sua cabeça desta vez.

— Vá, querido, não é tão ruim assim. Adoro ouvi-lo tocando.

Rodrigo bufou, tentou retrucar, mas se calou quando mamãe sussurrou um “por favor”. Batendo os pés com força a cada passo, ele saiu repetindo que não gostava daquelas aulas.

— Não me aperte, querido — ela pediu, quando voltei a abraçá-la.

— Ainda está doendo? — sussurrei, preocupado. Ela tentou fingir um novo sorriso, mas, ao me fitar nos olhos, assentiu lentamente. Era fácil para eu entendê-la apenas por olhá-la

com atenção e, naquele momento, eu o fiz. Percebi quando seu semblante mostrou como realmente se sentia. *Culpada.*

— Nós estamos bem — assegurei. — Não se preocupe.

Mamãe segurou minha mão e me puxou para sentar em uma das espreguiçadeiras.

— Me desculpe, querido — pediu e seus olhos brilharam em lágrimas. Eu odiava vê-la daquela forma. — Eu não queria que nada daquilo acontecesse.

— Mamãe... — murmurei baixinho, ao abraçá-la novamente, desta vez com mais cuidado. — Não se desculpe, ele é o único culpado.

O afago vagaroso dela em meus cabelos me ajudou a acalmar. Eu sabia que ela precisava de conforto e que alguém a fizesse crer que não tinha culpa alguma do que acontecia, mas não sabia como faria isso.

— Quero pedir duas coisas a você — sussurrou em meu ouvido, isso me fez voltar a encará-la. Juntei as sobrancelhas, sem entender o que ela pediria, mas concordei com um aceno, para que ela continuasse. — Não entre mais no meu quarto quando seu pai estiver aqui, entendeu?

Ela não queria contestações, mas não consegui me impedir de retrucar:

— Se ele bater na senhora...

— Ele não fará isso — afirmou quando uma lágrima fina deslizou por sua face. Eu a limpei lentamente. — Não darei motivos para ele me machucar ou machucar qualquer um de vocês, tudo bem?

Mesmo contrariado, eu assenti.

— Obrigada — sussurrou ao beijar minha bochecha.

— Suas mãos estão tremendo — notei.

— Estou um pouco nervosa — ela admitiu. — Você está bem?

Fechei os olhos quando ela tocou minha testa, para verificar meu ferimento.

— Sim — respondi.

— Obrigada por tentar me salvar — agradeceu. — E por cuidar de seu irmão.

— Mamãe... — sussurrei quando novas lágrimas surgiram em seus olhos e logo algumas também transbordavam em meu rosto.

— Você é tão responsável, tão bom. Eu te amo tanto, querido! Sinto tanto por deixar vocês passarem por isso.

— Não chore — pedi, porque a cada lágrima sua, a dor e a raiva em mim aumentavam.

— Quero que me prometa — ela disse após acabar com o abraço e voltar a me encarar. — Que sempre, independente do que aconteça, você protegerá o seu irmão.

Usei uma das mãos para limpar meu rosto e funguei baixinho. Eu não entendia o seu pedido, por que ela queria que eu prometesse isso? Sabia que eu não deixaria que ninguém machucasse meu irmão.

— Mamãe, por que...

— Prometa — repetiu, desta vez com mais persistência.

— Eu prometo — sussurrei. — Não vou deixar que ninguém o machuque.

Mamãe sorriu fracamente e voltou a me abraçar.

— Obrigada.

Abri os olhos quando a lembrança se dissipou tão rápido como chegou. Eu estava há tantas horas na recepção daquele hospital, que já sentia que fazia parte da decoração insípida dele. João me ligou há uma hora, preocupado com minha localização, e disse que viria para cá quando eu contei o que havia acontecido. Fernanda foi embora assim que cheguei, desta vez não tentou sequer trocar mais palavras que o necessário comigo.Eu sentia como se um peso enorme pendesse sobre minhas costas. Sabia que havia quebrado uma promessa que fiz à mamãe há vinte anos, sabia que mencionar Fernanda na conversa de ontem — e ainda mais daquela forma — somou para que Rodrigo chegasse a se drogar e sabia que eu, e apenas eu, teria como ajudá-lo agora.

Eu não seria hipócrita a ponto de dizer que, por saber que ele estava no hospital, eu esqueceria tudo o que ele já fez de mal para mamãe. Acho que nunca vou perdoá-lo pelo que fez a ela. Uma parte de mim queria acreditar que eu não deveria estar aqui, não deveria me importar com ele, mas outra, a maior e que sempre vencia, não conseguiria abandoná-lo agora, sobretudo ciente de que ele estava sozinho.

Expirei fortemente e vi o momento em que um homem com jaleco, provavelmente um médico, pediu que a recepcionista atrás do balcão dissesse quem — dentre todos na recepção — era o parente de Rodrigo. Levantei-me rapidamente.

— Sou irmão dele — anunciei ao me aproximar dos dois. — Aaron Ricardo Andrade.

O médico pareceu surpreso ao me ver e apertar minha mão, que eu havia estendido em um cumprimento, mas pediu que eu o seguisse até sua sala. Já sentados frente a frente, ele iniciou:

— O Sr. Rodrigo teve uma overdose por uso abusivo de cocaína — informou-me. Mesmo surpreso, preferi manter-me impassível. — Dentre as complicações mais graves e sintomas da overdose houve uma hipertensão arterial, taquicardia e hipertermia.

Ergui as sobrancelhas ao ouvir aquilo.

— Estamos controlando a febre.

— Quanto tempo pode demorar para que ele fique bem?

— É difícil dizer — avisou. — Ele está sendo monitorado no CTI. Até que o sangue volte a circular normalmente e o risco de um infarto no miocárdio seja baixo o suficiente, não posso lhe dar uma resposta certa sobre isso.

— CTI? — ecoei, agora mais preocupado. Sabia que para um paciente chegar àquela ala do hospital seu estado só poderia estar além de preocupante.

Ele assentiu.

— O próximo horário de visitas se inicia em vinte minutos, ele continua desacordado, mas se quiser visitá-lo posso liberar sua entrada.

— Eu quero — respondi.

Uma das técnicas em enfermagem me pediu que lavasse as mãos e tirasse alguns assessórios que usava. Vesti as luvas, a bata e a máscara antes de entrar no quarto.

Expirei lentamente ao ver Rodrigo deitado sobre a cama. Como o médico me informou,

ele estava sendo monitorado por diversos aparelhos e também respirava com a ajuda de um deles.

Parei ao lado da cama e o encarei. Me perdi por alguns momentos enquanto o fitava. Engoli em seco quando um nó se formou em minha garganta. Eu não entendia como infernos, depois de tudo o que ele já tinha feito, eu ainda conseguia me preocupar com ele. Devia sentir só raiva, sabia que sim. Mas não conseguia.

Há muito tempo eu acreditava que, acima de tudo, o dinheiro de Olavo era o culpado pelo que Rodrigo se tornara. Por isso, e por Olavo se achar dono de mamãe apenas porque era rico, eu odiava tanto aquelas malditas empresas e aquele maldito dinheiro.

Rodrigo, durante toda a sua vida, quis agradar a Olavo. Cursou a faculdade de administração para agradá-lo, trabalhou naquela empresa para agradá-lo, seguiu os conselhos e toda e qualquer porra de ensinamento oferecido por Olavo. Tudo porque queria ganhar seu amor paternal e admiração. Depois de quase um ano trabalhando com ele, veio a sede de poder, a ganância e necessidade de liberdade da vida que se limitou a levar para agradar alguém que apenas queria ter um homem para cuidar de seus negócios quando já não estivesse ali.

Quando descobrimos da existência de João, após uma briga de Olavo com Rodrigo, onde ele o insultou e nos disse que não passávamos de bastardos, filhos de um Zé ninguém, nós dois finalmente entendemos o motivo de Olavo para não nos suportar. Para mim foi um alívio, apenas a chance remota de não ser filho de Olavo, mas para Rodrigo não. Aquilo acabou com ele. Se antes dele começar a trabalhar com Olavo, já havia uma diferença gritante entre aquele Rodrigo e o homem que eu ajudei mamãe a criar, após aquela revelação ele se tornou irreconhecível, principalmente por se deixar guiar apenas pela raiva que sentia. Meses depois, Rodrigo roubou uma grande quantia de dinheiro de Olavo e foi embora. Ele voltou apenas anos depois, mas eu acreditava que apenas porque o dinheiro que roubou estava prestes a acabar. Foi naquela mesma época que Rodrigo descobriu sobre Fernanda e eu. Eu acreditava estar apaixonado por ela e descobrir sobre o seu envolvimento com

Rodrigo foi um baque, que veio junto ao ódio do meu irmão mais novo por mim — duas coisas pelas quais eu não esperava. A culpa que eu senti por tê-lo traído daquela forma foi substituída pela raiva quando ele usou mamãe para me chantagear, para lhe dar dinheiro. Depois de tudo, eu achei que Rodrigo iria embora, mas não, ele continuou por perto porque queria estar presente quando Olavo morresse, queria tentar se redimir para ter a chance ser colocado no testamento novamente. Decidi acreditar em Fernanda quando ela disse que não me contou porque não queria trazer o passado para a vida que ela decidiu ter no presente e futuro, afinal, estávamos juntos há meses, eu a amava e ela me amava. Meses depois, Olavo fez questão de me enviar fotos dele transando com Fernanda, claro, eu criei resistência; milhares de motivos para acreditar que Fernanda — a minha mulher, quase noiva — não me trairia, para acreditar que aquela só poderia ser uma armação de Olavo, mas depois ela terminou tudo e eu percebi que fui apenas um idiota por tentar, mais que tudo, acreditar que ela não me trairia com meu próprio pai, porque contrariando tudo o que eu queria e acreditava, ela o fez... *Por dinheiro*. Assim como esteve com Rodrigo apenas por isso.

Olavo dificilmente apareceu em minha vida nos anos que sucederam a minha saída de sua casa, mas sempre que aparecia era com a intenção de destruir algo que eu havia construído; um emprego conquistado, um negócio que eu havia começado, um namoro e, por fim, um noivado. — Ele pagou uma mulher, Anita, para se aproximar de mim e descobrir onde mamãe estava e depois simplesmente comprou algumas noites com Fernanda, para tê-la em sua cama. — Mesmo após morrer, ele ainda conseguiu acabar com algo que eu realmente me importava, e, pela primeira vez, com uma mentira. Ele acabou com o que eu tinha com Dolores sem nunca a ter tocado, usou provas semelhantes as que havia usado quando ficou com Fernanda porque sabia que eu lembraria e agora, novamente, por sua culpa eu teria que recomeçar e teria que ajudar mamãe e Rodrigo a juntar os cacos deixados por ele.

— O tempo acabou, senhor. — Voltei-me para a porta do quarto quando ouvi a voz feminina.

— Tudo bem, eu sairei em um minuto — avisei-a.

Olhei para Rodrigo. Ao menos agora Olavo não está aqui para destruir nada que qualquer um de nós consiga construir daqui para frente, concluí.

— Você vai sair dessa — murmurei, mesmo estando ciente de que ele não ouvia nada do que eu dizia.

Após devolver a bata e a máscara, eu peguei meu celular e meu relógio com a Técnica que me ajudou anteriormente. Questionei-a a respeito dos dias e horários certos para visita e, finalmente, saí.

Apertei o botão para chamar o elevador e aguardei com mais algumas pessoas.

— Ricardo!

Surpreso, virei-me para ver João levantar de uma das cadeiras da recepção.

— Achei que não viria mais — admiti.

O elevador parou em nosso andar quando ele chegou até mim.

— Não contei a sua mãe sobre Rodrigo — ele disse.

Bufei e apertei o botão do térreo assim que entramos.

— Eu contarei amanhã, antes do horário de visitas, assim ela poderá vê-lo.

Ele concordou com um meneio de cabeça.

Algumas pessoas desceram em um dos andares em que paramos.

— Falei com Dolores ainda há pouco — ele prosseguiu, agora obtendo toda a minha atenção. — Ela descobriu que a vaga de emprego fazia parte da armação de Olavo.

— Porra!

— Está furiosa comigo por não ter contado que já sabia.

Fechei os olhos por um momento.

— Eu a conheço, tenho certeza de que pedirá demissão — concluiu.

Admito que a possibilidade de ela pedir demissão e voltar à Porto Alegre me deixa aliviado e muito mais esperançoso sobre conseguir o seu perdão.

Quando o elevador parou no térreo, e nós dois saímos dele, desliguei o alarme do carro e abri a porta para mim, João seguiu meu exemplo e abriu a do carona.

— Nós dois sabemos que ela merecia aquela vaga, independente do motivo que Olavo teve para ofertá-la à Dolores.

— Ela não se importa minimamente com isso — ele disse.

Não respondi.

— Não percebe que isso somente a deixou com mais raiva?

— João, ela tem o direito de ficar com raiva — afirmei. — Eu sei que fui um filho da puta, ela sabe e eu prefiro que ela também saiba de tudo mais antes de nos resolvermos.

— Você está certo de que ela o perdoará — ele murmurou, de mau humor.

— Estou certo de que não desistirei dela. Apenas disso.

Alguns dias se passaram, mas em todos eles eu fiz uma visita a Rodrigo. Embora ele quase não trocasse palavras comigo — e não quisesse contar o motivo para ter se drogado daquela forma —, eu, mamãe e até mesmo Natasha, nos sentíamos melhor pela evolução no estado dele. Pedi que uma psicóloga trocasse algumas palavras com Rodrigo, para ajudá-lo. Se eu o deixar voltar à vida que leva, ele pode se drogar e se machucar novamente, e eu não posso esquecer daqueles malditos filhos da puta que estão atrás dele. Mesmo que João tenha matado um deles e o outro esteja preso, não confio que, quem quer que os tenha mandado, não o faça novamente.

Tentei conversar com Rodrigo sobre essa dívida, mas ele sequer me olhou quando eu pedi que me respondesse. Era óbvio que aquilo envolvia mais do que eu poderia saber, tirando minhas próprias conclusões, percebi que, como fez com Olavo, ele pode ter tentado dar uma de esperto e acabou se dando muito mal. E, por mais que Rodrigo tivesse se envolvido com as pessoas erradas, eu prefiro que ele pague qualquer dívida que tenha com a polícia e não com um traficante dono de um morro.

Ontem Oséias pediu que eu fosse ao seu escritório para conversarmos sobre os negócios de Olavo e tudo o que eu seria responsável daqui por diante. Descobri que ele já estava cuidando da mesada das mulheres que Olavo mencionou no testamento, inclusive a de Dolores, mas ele me contou que ela fechou a conta para a qual esse dinheiro era depositado e dias depois Oséias recebeu uma carta dela, com todo o dinheiro que fora depositado. Até mesmo os centavos.

No meu último dia de trabalho na Revista, eu consegui as informações sobre Roberto, por via das dúvidas, peguei até mesmo seu número de telefone — tanto celular quanto o de sua

casa.

Após o expediente, fui até sua casa, mas encontrei tudo fechado e escuro, ao pedir informações a um dos vizinhos, que por coincidência é seu tio, descobri que ele havia viajado para outro estado, para visitar a mãe doente, mas voltaria na próxima semana.

Ficaria mais uma semana sem noticias daquele filho da puta.

Meu primeiro dia na Construtora *Andrade Empire* foi maçante. Percebi que agora um dia seria igual ao outro. Eu possuo um número inimaginável de empregados, participarei de reuniões diariamente, precisarei ler e analisar minuciosamente diversos documentos e contratos e tenho pessoas tentando me bajular a todo custo. Não conquistei nada daquilo, não quero nada daquilo, caí de paraquedas naquela empresa e estou preso a ela. Mas não reclamarei. Estou ciente do motivo para isso.

Avaliei a sala que fora de Olavo, e que eu usava agora, e suspirei. Os móveis eram todos feitos de maneira clara, o cômodo era enorme, mas não possuía janelas, havia um sofá no canto direito e uma poltrona também, assim como um balcão e uma prateleira de bebidas — precisei tomar dois copos de uísque hoje antes e depois de uma reunião.

Abri a porta da sala e saí. Era pouco mais de seis da noite. Estava na hora de ir para casa.

— Boa noite, senhor. Até amanhã — Lilian, minha assistente, se despediu ao me ver fechar a porta. Ela também se preparava para sair. Estava amarrando os cabelos negros e curtos em um rabo de cavalo. Seu olhar me chamou atenção, mas não perdi tempo tentando decifrá-lo.

— Boa noite — murmurei ao sair.

Percorri o corredor curto que me levava à recepção da Construtora e apertei o botão para chamar o elevador. Verifiquei meu relógio enquanto aguardava e desviei o olhar para meu novo local de trabalho. Tudo estava como na semana passada, quando vim aqui para conhecer a empresa e ser apresentado aos funcionários. As paredes estavam pintadas na cor creme e estavam decoradas com grandes quadros — que na semana passada me chamaram muita atenção. Os dois sofás pretos no canto da sala ficavam a três metros do balcão da recepção. Havia uma mesa de centro decorada com um vaso de flores artificiais e algumas revistas. No canto esquerdo havia uma pequena cafeteira e um filtro de água.

Quando o elevador finalmente se abriu, Lilian já estava a alguns passos de mim. Entrei em silêncio e apertei o botão para o térreo.

— O primeiro dia foi tão ruim quanto imaginou? — perguntou, de repente, acabando com o silêncio.

Resisti à vontade de arquear uma sobrancelha e a encarei atentamente.

— Sim.

Um sorriso simplório surgiu em seus lábios. Desviei os olhos para não os revirar. Bastava olhar com atenção para aquele sorriso, para perceber que de ingênua ela não tinha nada, e seu olhar sobre mim me confirmou isso. Lilian poderia ser uma mulher estonteante, mas eu não me interessava minimamente por ela. Sei exatamente quem eu quero e não pretendo perder tempo com nenhuma outra antes de conseguir Dolores de volta.

Ao chegar em meu apartamento à noite, encontrei Natasha na sala com seu namorado: o tal Vitor.

Fechei a porta com um baque surdo e pigarreei ruidosamente ao vê-los se beijando.

Eu não gostava da ideia de ter outro namorado dela aqui. Não confiava nele e não sabia se um dia chegaria a fazê-lo, sabia que ele a fazia feliz, mas isso não tirava o meu direito de não gostar dele. Talvez, apenas talvez, eu estivesse me acostumando com a ideia de tê-lo na família, mas não admitiria isso. É melhor que ele continue a temer perder a vida se fizer algo com minha irmã. Eu prefiro assim.

— Você não tem trabalho para fazer hoje, garoto? — perguntei quando os dois levantaram rapidamente do sofá para me encarar. Natasha tinha as bochechas vermelhas pelo rubor, mas me encarava de maneira altiva. Eu sabia que ela tinha aprendido isso com Dolores. *Só poderia ser.*

— É meu dia de folga, senhor.

Arqueei uma sobrancelha, mas não disse nada sobre aquilo.

— Quando vamos conhecer sua família? — questionei enquanto tirava o blazer.

— Eu queria conversar com você sobre isso — Natasha respondeu. — A dona Clara tem pouco tempo, pois tem dois empregos. Ela me disse que é mais fácil ter folgas em feriados.

— No que está pensando?

— Podemos convidá-los para o almoço de Natal no fim da semana — ela sugeriu ruborizando ainda mais. — Mamãe está um pouco cansada esses dias e prefiro dar tempo para ela se recuperar.

Exalei fortemente o ar e concordei.

— Tudo bem.

— Obrigada! — Natasha sorriu após minha aceitação e se voltou para o namorado.

— Vou tomar um banho — avisei. — Mas ficarei de olho em vocês.

Foi a vez de Vitor ficar com as bochechas vermelhas.

Virei-me de costas e sorri. Eu sabia que deveria parar de encará-lo como se estivesse planejando a forma mais dolorosa de matá-lo, mas não resistia. É cômico vê-lo sempre preocupado em fazer a coisa certa.

— Aaron? — Natasha me chamou novamente. Parei no meio do corredor e me voltei para ela.

— Sim?

— Falei com a Lola hoje.

Voltei à sala para ouvi-la melhor. Natasha sempre me conta sobre suas ligações com ela. Acredito que sabe que aprecio isso, pois essa, no último mês, foi a melhor forma que encontrei de saber algo sobre Dolores.

— Aconteceu algo?

— Não, eu só queria saber se ela viria para o Natal. — Ela fez uma pausa e baixou os olhos por um momento. — Ela viajará com uns colegas. Por isso não virá à Porto Alegre. Ela falou com o seu João sobre isso e... É melhor que você fale com ele.

Tentei esconder a incredulidade em minha expressão, mas não tenho certeza se consegui.

Viajará com uns colegas? Que porra de colegas?

Voltei para o corredor e andei rapidamente até o quarto que João dividia com mamãe. Bati na porta algumas vezes até que ele me permitiu entrar.

— João?

— Ricardo? — O encontrei sentado sobre a cama, lendo. Entrei no quarto ao perceber que mamãe estava no banho.

— O que Dolores disse a você sobre o Natal? — tentei reprimir a apreensão e inquietação em mim causada por essa notícia.

João arqueou as sobrancelhas e deixou o livro que estava lendo sobre a cama ao levantar. Eu sabia que seu olhar me repreendia, mas não me importei minimamente com isso. Só queria saber sobre essa viagem. Durante a semana esperei pelo momento em que Dolores ligaria para avisar que havia pedido demissão e que estava voltando, sabia que ela merecia aquela vaga, mas se havia uma chance dela voltar e conseguir algo melhor aqui em Porto Alegre, bem mais perto de mim, eu torceria por isso. Mas agora ela vinha com essa de viagem, contrariando minhas poucas perspectivas sobre ela finalmente voltar.

— Que ela irá para Gramado com três amigos para a festa de Natal.

Juntei as sobrancelhas e apertei os lábios. Eu me recusava a demonstrar qualquer emoção sobre aquilo, pois João me encheria com um novo sermão sobre estar com ciúmes se eu demonstrasse o que sentia em relação a essa viagem e eu não possuía paciência suficiente para aguentar isso sem ele me irritar no processo.

— Você os conhece?

— Não, ela os conheceu no Rio de Janeiro após concluir a faculdade e fazer uma pequena viagem para lá. Parece que os encontrou no mês passado no prédio que alugou um apartamento para ficar.

— Robson irá com ela? — certifiquei-me.

— Não, ele virá para Porto Alegre.

Cerrei os punhos em volta do blazer que segurava e contive um suspiro. Decidi manter a conversa em questões que me interessavam.

— O que ela decidiu sobre o emprego em Salvador?

— Elaine, mãe dela, pediu que ela ficasse, mas Dolores ainda não decidiu o que fará. Já pediu demissão.

Concordei com um aceno e voltei-me para a porta, para sair.

— Se eu tivesse certeza de que ela não te mandaria embora, eu já teria te dado o endereço dela — ele disse, lembrando-me o motivo de não ter me apoiado quando eu quis ir atrás dela em Salvador. — Nós dois sabemos que ela precisa de tempo.

Baixei os olhos e expirei lentamente.

— Eu sei, mas esperar quase dois meses já está me enlouquecendo — admiti.

— Por quê?

Bufei, cansado de ter que ficar conversando sobre isso. Voltei a encará-lo, seus olhos azuis expeliam uma empatia que, até aquele momento, ele não havia demonstrado em relação ao que tive com Dolores.

— Como se sentiu quando voltou daquela missão e descobriu que mamãe estava casada com outro homem? — questionei.

Ele ficou consternado.

— Perdido.

— É como me sinto — admiti, mesmo sem querer falar sobre isso. — Perdido, mas diferente de você naquela época, agora eu sinto como se a qualquer momento ela pudesse escapar de vez entre meus dedos, sem qualquer chance de volta, sem que eu possa fazer qualquer coisa para mudar isso.

Olhei para o blazer em minhas mãos e o coloquei sobre o ombro. A porta do banheiro se abriu e mamãe saiu dele vestida com um roupão.

— Querido! Que susto! O que faz aqui?

Dei-lhe um sorriso antes de me aproximar para beijar-lhe a testa.

— Estava conversando com o João. Mas agora preciso ir, boa noite — murmurei para eles antes de seguir para a porta.

— O jantar já está pronto, querido.

— Vou sair, mamãe — avisei-a. — Não se preocupe com minha demora.

Fechei a porta ao sair. Tirei a maldita gravata que ainda usava e a coloquei no bolso antes de seguir para a porta da sala novamente.

Três

“Eu não quero te ver
Nem quero acreditar
Que vai ser diferente
Que tudo mudou...”
Meu Erro – Os Paralamas do Sucesso

Havia um motivo, além da enorme diversidade de bebidas, que me fazia escolher aquele bar para tomar uma em todas as quintas-feiras. O fato de haver música MPB ao vivo era mais que suficiente para eu estar ali, portanto, a quantidade e qualidade das bebidas servidas era um bônus.

Naquele momento, eu ouvia a cantora — uma que sempre está aqui, mas que eu nunca me importo de decorar o nome — tocar uma das minhas músicas preferidas e que, por uma infinidade de motivos, me lembra dos últimos meses da minha vida. Era um clichê, eu sabia. *“Um homem bebendo em um bar, ouve uma música e lembra da mulher que foi embora e o*

deixou condicionado apenas a beber para suportar sua partida." Ok, era ridículo também, afinal, eu não estou para tanto, mas a música é boa e me lembra Dolores. Sendo um clichê ou não, era a verdade e o que acontecia.

Expirei lentamente e sorvi um pouco da bebida. Olhei ao redor do bar. Percebi que ainda era cedo demais para ele estar lotado, quanto normalmente estava.

— Você não vai se embebedar de novo, não é?

Revirei os olhos, mesmo sem voltar a encarar André, e respondi:

— Não.

Ele riu baixo e se aproximou um pouco mais de onde eu estava enquanto limpava o balcão de bebidas.

— Ótimo. Mamãe ainda não o perdoou pelo tapete da sala que você estragou.

Aquilo me fez sorrir, mesmo a contragosto. Há pouco mais de um mês, após Dolores ir para a Bahia, eu vim a esse bar. Bebi muito mais do que deveria e fiquei sem bateria no celular. André, que já trabalhava aqui como barman, me viu tropeçando até a saída e me ajudou. No dia seguinte eu acordei no sofá de sua sala, com sua mãe ao meu lado de braços cruzados e uma expressão enviesada no rosto. Achei que ela me estrangularia naquele momento.

— Diga a ela que minha proposta de pagar um novo tapete ainda está de pé — respondi.

— Esqueça isso. — Ele fez um gesto displicente com uma das mãos. — Contei a ela sobre você e Dolores. Ela está com mais raiva de você por também tê-la perdido, do que pelo tapete que você vomitou.

Bufei.

— Mamãe era louca para ter Dolores em nossa família, adorava ela — prosseguiu. Sabia que eu não queria falar sobre nada disso, mas insistia, André sempre insistia. — Costumava dizer que ela era a mulher perfeita para mim.

Semicerrei os olhos para ele.

— É mesmo? — indaguei, ironicamente, fazendo-o revirar os olhos.

— Estou falando sério, porra! Ela dizia que Dolores tinha a força, coragem e inteligência que ela gostaria de ter adicionado na minha irmã mais velha antes dela se envolver com quem não deveria.

Lembrei a animação de mamãe ao me falar sobre Dolores após conhecê-la.

"Ela é tão linda, querido! Muito obstinada e inteligente! Você precisa conhecê-la, tenho certeza de que se darão muito bem. Dolores é perfeita para você!"

Soltei o ar dos pulmões lentamente e tentei esvaziar minha mente de todos aqueles pensamentos, lembranças e preocupações. Esse foi o motivo de eu ter vindo aqui hoje.

Quando cheguei em casa, pouco mais de onze da noite, acendi as luzes da sala e arqueei as sobrancelhas, surpreso, ao ver mamãe sentada sobre a poltrona. Ela estava acordada, por algum motivo desconhecido, me esperando.

— Aconteceu algo? — inquiri enquanto tirava o blazer.

Mamãe levantou de onde estava e apertou os olhos em minha direção. Seus olhos cor de chocolate sempre foram expressivos demais para mim, por isso me era notável a sua preocupação agora.

— Estou preocupada com você, querido — ela disse, quando parou a minha frente.

Exalei o ar e levei uma das mãos à nuca antes de movimentar a cabeça e fazer um pouco da tensão, que se instalara sobre meus ombros, se esvair.

— Mamãe, eu estou bem. Não se preocupe — afirmei.

— João me contou o que te fez sair de casa mais cedo — ela murmurou, sem se apegar às minhas palavras anteriores. — Dolores não vai...

Eu a interrompi abruptamente.

— Estou cansado desse assunto. Preciso de um banho e de uma boa-noite de sono, com licença.

Enquanto eu percorria o caminho até o corredor, ela disse:

— Eu sei que está sofrendo pelo que está acontecendo, querido.

Parei próximo a parede do corredor e baixei a cabeça, para expirar brevemente. Era o que eu sempre fazia enquanto tentava me acalmar. Eu já estava esgotado daquele assunto, daquela insistência de todos.

— Você sabe que pode continuar com sua máscara de quem está bem com tudo o que está acontecendo, com suas tias e sua avó tentando te levar à loucura, com a piora no estado de saúde de Suzana, com os problemas de Rodrigo, com o fato de odiar ter que cuidar do que seu pai deixou e com a distância entre você e Dolores, mas sabe que te conheço bem o suficiente para ter certeza de que é apenas um homem bom em esconder como e o que sente.

Bom em expurgar sentimentos para se proteger.

— Mamãe... — tentei novamente, mas ela não parou de falar.

— Eu sinto muito, por tudo o que está acontecendo.

Voltei-me para ela novamente ao perceber que estava chorando.

— Sinto muito por você ter que passar por tudo isso e por eu não poder fazer nada além de tentar confortá-lo.

— Eu estou bem — afirmei, com a convicção que achei necessária para fazê-la acreditar. Me aproximei e usei os polegares para limpar suavemente as lágrimas que banhavam seu rosto. Acariciei os seus cabelos curtos e levemente grisalhos antes de trazê-la para um abraço. — Pare de se preocupar à toa.

— Ouço você dizer que está bem há mais de vinte anos — murmurou. — Você aprendeu cedo demais a ser forte por quem amava, a guardar para si todos os seus problemas e dores para consolar e ajudar outras pessoas. Sempre foi assim, Ricardo. E a cada ano que passa, eu te vejo apenas mais fechado, mais concentrado no que fazer para ajudar os outros quando deve se ajudar antes de tudo.

Fechei os olhos com força enquanto suas palavras me lembravam que aquela era uma verdade que eu preferi ignorar por anos. Eu a apertei um pouco mais em meus braços e, em seguida, beijei o topo de sua cabeça.

— Sei que não quer falar sobre o que está sentindo — ela disse. — Sei que não quer acreditar que pode perder Dolores, mas se você não parar de tentar consertar os problemas dos outros antes dos seus próprios, você vai perdê-la. Dolores não vai esperar uma atitude sua para sempre.

Mamãe acabou com o abraço e, após limpar o rosto, voltou a me fitar.

— Você é um homem forte. Eu sei que é. Não precisa agir comigo da forma que age com os outros, você nunca deixará de ser meu herói apenas por demonstrar suas fraquezas para mim. — Suas mãos acariciavam meu rosto com carinho. — Antes de ser qualquer coisa, você é humano. Tem o direito de sofrer como qualquer outro, tem o direito de errar, se arrepender e pedir desculpas. Você a ama, não a deixe estabelecer mais distância entre vocês sem saber disso.

— Mamãe, eu... — me interrompi quando percebi que eu já não tinha certeza do que diria.

Apertei os lábios e inspirei profundamente antes de abraçá-la novamente.

— Vou atrás dela — murmurei para ela.

— Eu amo você, querido — sussurrou, sua voz foi abafada pela camisa que eu vestia, por seu rosto estar pressionado ao meu peito. — Estarei aqui para você... *Sempre*.

— Obrigado.

No dia seguinte, antes de ir à empresa, Natasha me pediu que eu a levasse para comprar uma árvore de Natal e alguns enfeites para que ela pudesse decorar a casa, mesmo que faltasse apenas alguns dias para o data, ela queria deixar tudo perfeitamente preparado para o almoço natalino que teríamos — com a família de seu namorado, Vitor.

Como eu não queria deixá-la sozinha, também a levei ao supermercado para fazermos as

compras para a ceia e o almoço do dia seguinte.

— Nem pense nisso. Essa coisa não é saudável — eu a adverti ao vê-la pegar uma barra de chocolate.

— Mas, Aaron, eu vou usar para...

— Substitua por alguma fruta — indiquei o outro lado do supermercado. O local em que ficavam as frutas e verduras. — Vamos ver se aqui eles têm cacau.

— É só *chocolate!* — contestou.

— Até onde sei, chocolate vem do cacau.

Ela bufou.

— Não é porque Olavo teve diabetes, que eu também terei — resmungou enquanto seguia pelo corredor de biscoitos e bolachas, eu a seguia levando o carrinho com as compras.

— É claro que você não terá, estou aqui para impedir isso.

— Sua diligência obsessiva pela minha saúde me irrita.

— Hum-hum, eu sei — murmurei, apenas para irritá-la ainda mais.

Após pagarmos as compras, eu peguei as sacolas e segui com Natasha para o estacionamento à frente do supermercado.

— Aaron? — ela chamou minha atenção enquanto eu organizava tudo no porta-malas do carro.

— Sim? — respondi depois de fechar a porta. Voltei a encará-la.

— Acha que Lola voltará para Porto Alegre?

— Por que está me perguntando isso?

— Porque ouvi o seu João conversar com Mabel. Ele acha que Elaine, mãe da Lola, conseguirá convencê-la a ficar em Salvador.

Aquiesci. Abri a porta do carona para que ela entrasse, mas ela não o fez, apenas aguardou minhas próximas palavras. Antes que eu pudesse lhe dar uma resposta, uma voz masculina soou atrás de mim:

— Não acredito que depois de tanto tempo, eu a encontro justo aqui.

Voltei minha atenção para o garoto ao reconhecer sua voz. Cerrei o punho com força ao ver o ex de Natasha com um sorriso petulante estampado no rosto. Ao vê-lo avaliá-la de cima a baixo e umedecer os lábios, eu precisei conter a onda de fúria que me invadiu.

— Entre no carro, Natasha — mandei autoritário. Meu tom não deu a ela qualquer chance de retrucar.

— Senhor Aaron, é um prazer vê-lo novamente. — Matheus tentou me cumprimentar ao se aproximar, mas ignorei a mão que ele estendeu para mim.

A minha raiva daquele sujeito só aumentou por notar sua insistente falsidade.

Cerrei os punhos com mais força e, daquela vez, não consegui conter o impulso de socá-lo. Utilizei de toda a fúria que ainda havia em mim por causa da maldita aposta que ele fez com os amigos sobre tirar a virgindade de Natasha.

— Eu estava te devendo isso — murmurei em tom glacial ao vê-lo no chão com uma das mãos massageando a mandíbula. Estupefação disputava espaço com a ira crescente em seus olhos verdes. — Fique longe da minha irmã! — avisei.

Eu o vi se levantar e, quando tive certeza de que ele não diria mais nada, decidi seguir para o meu carro.

Natasha ficou em completo silêncio durante o percurso de dez minutos até o prédio do meu apartamento.

Meu celular tocou enquanto eu retirava as compras do porta-malas, mas recusei a chamada ao ver que era João porque eu o encontrarei em casa em poucos minutos.

Eu ajudava Nat a organizar tudo nos armários quando mamãe entrou na cozinha... *chorando*. Estaquei no meu caminho até a mesa e senti meu peito se apertar em antecipação... Eu sabia que algo ruim viria do seu olhar de dor e preocupação.

— O que aconteceu? — perguntei sério, ao deixar as compras na mesa.

Mamãe entreabriu os lábios, em uma tentativa malsucedida de explanar o que acontecia, mas, em seguida, os fechou novamente. Me aproximei dela e limpei suas lágrimas lentamente. Um tipo desconfortável e dilacerante de aflição me fez engolir em seco. Minha preocupação cresceu quando ela me abraçou com força, mas eu me recusei a demonstrar. Olhei para Natasha por cima da cabeça de mamãe e pedi que ela fosse ver João.

— O que houve? — sussurrei para mamãe, enquanto acariciava seus cabelos suavemente.

— João recebeu uma ligação ainda há pouco — ela balbuciou. Minha única reação foi franzir o cenho.

Mamãe se afastou ligeiramente e me encarou com os olhos cheios de novas lágrimas.

— Lola sofreu um acidente.

Por um segundo meu mundo se limitou a tentar compreender o significado daquelas quatro palavras. Quando finalmente consegui fazer aquilo, eu não pude notar em mim qualquer reação que exteriorizasse o que senti em relação àquela notícia. Tudo o que, para mim, ficou perceptível foi o eco de todo e qualquer resquício de controle que eu ainda possuía da minha vida, e das pessoas que faziam parte dela, ruir lentamente.

Mamãe me seguiu quando saí em disparada para o corredor, que me levaria ao quarto que ela divide com João.

Tudo em que eu conseguia me concentrar de verdade, era a quantidade de tempo que eu levava para saber qualquer coisa importante a respeito do que estava acontecendo. Eu não podia e não conseguiria me concentrar em nada mais. Preferia ignorar a angústia dentro de mim. Eu não sabia lidar com esse tipo de sentimento, pois nunca me permiti sucumbir a algo tão desesperador.

— O que aconteceu? — inquiri para João ao vê-lo fechar o zíper de uma pequena mala.

Ele não se importou em esconder as lágrimas que lhe banhavam o rosto.

— Um acidente de carro na BR-101, perto de Criciúma... — Sua voz tremeu ao dizer a última palavra. Ele levou as mãos ao rosto. Pela primeira vez em minha vida, eu tive medo de ouvir uma resposta. — Elaine não me disse quase nada... Dolores estava indo para Gramado com os amigos quando sofreram o acidente e eu preciso chegar lá o mais rápido possível.

Concordei com um aceno e apertei os lábios antes de sair do quarto. Peguei o celular rapidamente e rezei para que, dentre tantos bens que Olavo possuíra, eu tivesse acesso a

qualquer meio de transporte rápido o suficiente para chegar até esse hospital.

Após trocar algumas palavras com Oséias, eu recebi uma resposta afirmativa ao meu pedido.

Só notei que Natasha estava sentada sobre o sofá, chorando, quando desliguei o telefone.

Levei as mãos espalmadas ao meu rosto por um momento e me forcei a manter o que havia restado de calma em mim.

Não se desespere, repeti para mim mesmo.

Acabei com a distância entre mim e Natasha e sentei-me ao seu lado sobre o sofá. Eu sabia exatamente qual era o seu medo agora. Eu o compartilhava e, por isso, não fui capaz de lhe ofertar nenhuma palavra de conforto. Apenas a abracei e esperei que se acalmasse.

— Onde ela está? — Nat sussurrou alguns minutos depois.

— Criciúma — expirei tentando controlar a enxurrada de pensamentos ruins que tentavam se instalar em minha mente. Beijei a testa de Natasha afetuosamente e murmurei: — Nós não vamos perdê-la.

Quando meu celular voltou a tocar, eu me desvencilhei de Natasha e o atendi.

— O piloto já está de sobreaviso. Haverá um carro disponível para você também. Acabei de lhe enviar uma mensagem com o endereço do heliporto. Você está com o talão de cheques que eu te dei? E o cartão de crédito? Pode usá-los se precisar.

Concordei silenciosamente. Eu continuava reticente em usar o dinheiro de Olavo para algo que não fosse para mamãe ou Natasha, eu não queria aquele dinheiro, mas jamais relutaria em usá-lo neste caso. *Se Dolores precisasse.*

Os segundos pareciam se arrastar. Em mente, eu conseguia contar cinco segundos antes que o ponteiro do meu relógio de pulso marcasse um. Era algo inútil, pois nada daquilo — nem mesmo o som ininterrupto das hélices — preenchia minha mente o suficiente para não haver espaço para pensamentos ruins. A verdade em tudo era que, naquele momento, a última coisa que eu gostaria de fazer era pensar. Mas, como sempre, esta é a única coisa que me resta, pois eu não estou minimamente interessado em dividir minhas preocupações com João — que está sentado ao meu lado no helicóptero e já parece afundado demais em seu martírio — ou mamãe, que perceptivelmente luta para ser forte por João... E por mim.

Eu me sinto ainda mais sufocado aqui.

Natasha não pôde vir por causa de sua mãe, que precisa de auxílio constante. Eu prefiro que ela, neste primeiro momento, fique distante. Não a quero ainda mais aflita e desesperada do que já estava.

— Quanto tempo de viagem até chegarmos ao hospital? — Ouvi João questionar ao motorista do carro enquanto eu entrava. Já havíamos pousado e, como Oséias me prometeu, um carro já estava à nossa espera para nos levar ao hospital.

— Vinte minutos no máximo — o motorista respondeu.

Mamãe entrelaçou sua mão a minha e respirei fundo ao fitar a janela. Fechei os olhos com força ao repetir, pela milésima vez, que eu não perderei Dolores desta forma... Que ela está bem... Que tudo ficará bem em breve e que esse foi apenas um susto para me fazer ver o quanto essa mulher é indispensável na minha vida, mas, porra, eu estou desesperado. Sinto

meu autocontrole se esvair mais a cada minuto que passa e essa sensação é quase tão aterradora quanto o medo que eu, mesmo tentando ignorar neste momento, estou sentindo.

— Chegamos.

Abri a porta do carro abruptamente e saí dele sem olhar para trás. Andei rapidamente até a entrada do hospital e esbarrei em uma pessoa, que não me importei sequer de olhar para trás ao pedir desculpas.

Saltamos no primeiro andar e seguimos rapidamente para a próxima recepção. A senhora que nos atendeu se mostrou complacente e empática. E em menos de dois minutos, ela disse:

— Ela está na enfermaria, mas vocês precisarão conversar com o médico antes de visitá-la. Só um momento, ligarei para ele.

Concordei a contragosto, peguei o crachá que ela me estendeu e o coloquei.

Mamãe tentou novamente acalmar João. Somente naquele momento eu percebi que ela estava preocupada com o problema de pressão dele, mas João é forte e é muito mais quando se trata de sua neta.

Empertiguei-me ao ver um médico se aproximar de onde estávamos. Cada batida aflita do meu coração pôde ser ouvida por mim. No momento que eu compreendi a expressão cansada e a tentativa não bem-sucedida de se mostrar impassível no rosto do médico, minha respiração também se tornou audível. Obriguei-me a ignorar minha interpretação para aquele semblante.

Ela. Está. Bem, eu repeti mentalmente. Por um momento ridículo, fruto de uma atitude desesperada, eu achei que se eu me convencesse daquilo, acabaria sendo verdade.

— Como minha neta está?! — João questionou já desesperado.

Mamãe tentou acalmá-lo, assim como o médico.

— Ela está muito melhor do que poderia, senhor. Se acalme.

Expirei aliviado ao ouvir aquilo. Um pouco do aperto em meu peito e peso sobre minhas costas cederam. Apenas nesse momento senti meu coração voltar a bater com regularidade.

— Podemos vê-la? — indaguei.

— O senhor é irmão dela? — o médico inquiriu.

— Não — respondi. Fiz uma pausa antes de dizer: — Sou o namorado dela.

O médico assentiu devagar e baixou os olhos para João e mamãe novamente.

— Venham comigo, por favor.

Franzi o cenho ao ouvir aquilo, mas, ao ver João e mamãe o seguindo — enquanto faziam mais perguntas — eu também o fiz.

O corredor estava vazio enquanto seguíamos por ele. Um som estridente me fez olhar para as janelas de vidro. Ao ver uma sala grande com quatro camas ocupadas e duas moças recolhendo os mantimentos que haviam caído, eu percebi que aquela era a ala da enfermaria.

Olhei para as costas do médico novamente, ele estava a pelo menos cinco metros de distância, era seguido rapidamente por João e mamãe.

Quando voltei minha atenção para as novas salas que passavam por mim, eu procurei por uma mulher em qualquer uma delas... *de cabelos negros*. Estávamos quase no fim do longo corredor quando eu achei tê-la visto. Meus pés pararam abruptamente no caminho.

Detive-me à frente da enorme janela de vidro e olhei para a enfermaria. Todas elas

possuíam enormes janelas de vidro, para que as enfermeiras e técnicas pudessem ver todos os pacientes — presumi. Abri a porta que me levava ao interior daquele enorme cômodo e, ao entrar, percebi que era realmente Dolores.

Apertei os lábios e engoli com dificuldade ao me aproximar para vê-la de perto. Havia uma atadura em sua testa. Ela estava dormindo, parecia tão serena que me tranquilizei um pouco ao perceber isso. Um pouco da angústia em mim também se esvaiu quando me aproximei o suficiente para acariciar seu rosto. Por algum motivo, o peso que pendia sobre meu peito permaneceu.

Peguei uma de suas mãos e a beijei ternamente antes de me aproximar o suficiente para beijá-la entre as sobrancelhas.

— Deus sabe que eu não posso perder você — sussurrei, colocando em palavras os meus pensamentos naquele momento.

— O que está fazendo aqui? — uma senhora perguntou atrás de mim.

Olhei-a por cima do ombro por um segundo e disse:

— Eu a conheço. Falei com o médico ainda há pouco — expliquei.

— A Dona Elaine nos pediu que não liberássemos nenhuma visita — a enfermeira continuou.

Franzi o cenho e demorei um pouco a perceber que a mãe de Dolores chegou aqui de madrugada, antes de qualquer um de nós.

— Eu me entendo com ela depois. Não se preocupe — murmurei, sem deixar de fitar Dolores.

Ouvi a porta ser fechada lentamente.

Senti, mesmo que fracamente, quando a mão de Dolores que estava entrelaçada a minha, a apertou um pouco. Interrompi minha própria respiração quando a expectativa sobre ela acordar aumentou. Retribuí o aperto suave e beijei os nós dos dedos — agora quentes.

Seus olhos castanhos se abriram de forma vagarosa e, naquele momento, eu percebi que nunca estivera tão feliz apenas por vê-los.

— Como se sente? — indaguei quando percebi que ela não faria nada além de me encarar surpresa.

— O que está fazendo aqui? — Sua voz soou rouca, mas ela não se importou com isso. Inspirei uma vez e a fitei após desvencilhar sua mão da minha.

— Você sofreu um acidente. Acha que eu estaria onde, se não aqui, quando você acordasse?

Dolores não respondeu por um instante. Apenas desviou seus olhos dos meus. Percebi quando seus olhos castanhos brilharam com lágrimas que logo chegaram a linha d'água deles. Ela acenou brevemente para espantá-las, mas foi inútil.

— Dolores, o que... — tentei perguntar quando o peso que estava sobre meu peito aumentou. Angústia, aflição, agonia. Eu já não sabia denominar aquilo. Mas era muito pior do que me sentir desarmado ao vê-la chorar.

— Vai embora, Aaron — ela pediu e suas lágrimas começaram a rolar.

Engoli em seco. Eu tinha certeza de que algo estava muito errado, mas minhas próximas palavras apenas reforçaram o que eu queria que ela soubesse.

— Não me peça mais para fazer isso. — Aquilo fez com que ela se voltasse para mim. — Não vamos discutir. Não aqui, pelo menos e não agora. Você precisa...

— Preciso de você o mais longe possível. Saia daqui agora!

Sua voz, aos poucos, se revertia ao que era antes — à mistura de ira e mágoa —, mas suas lágrimas continuavam a rolar.

— Eu não... — fui interrompido pela entrada de um homem no quarto.

— Arthur... — ela sussurrou ao fitá-lo.

— O que está acontecendo aqui? — ele perguntou ao se aproximar. Tinha os olhos vermelhos e a expressão abatida. — Você está bem, querida?

Olhei para Dolores por um segundo e depois me voltei para o homem que se aproximou do leito em que ela estava. Ele era um pouco mais baixo que eu e o comparei involuntariamente a André ao olhá-lo com atenção. Ele era apenas um pouco mais alto que André, mas, como ele, era negro e possuía os cabelos cortados rente à cabeça. Também tinha os olhos castanhos muito claros.

— Eu sinto muito — Dolores sussurrou para ele quando mais lágrimas rolaram por seu rosto. — *Muito.*

Restou a mim a tarefa apenas de observá-los chorar após o tal Arthur a abraçar. Eu me perguntava apenas quem é esse homem.

— Aaron? — uma mulher me chamou à frente da porta. Ao olhá-la, percebi que se tratava da mãe de Dolores. Ela se mostrava impassível, mas algo me dizia que não havia gostado de me ver ali.

Cerrei o maxilar antes de deixar Dolores com o tal homem.

— O que está fazendo aqui? — ela questionou após fechar a porta da enfermaria.

— Eu vim vê-la — respondi indiferente. Então vi João e mamãe se aproximarem.

— Ela não quer você aqui. Nenhum de nós quer. Então vá embora. Não acha que já a fez sofrer o suficiente?

Aquelas palavras me fizeram encará-la com os olhos apertados.

— Não acho que eu seja o único aqui que já fez Dolores sofrer, Elaine — lembrei-a friamente.

Seu semblante imperativo ruiu. Ela se mostrou estupefata após minhas palavras.

— Você não sabe nada sobre mim, garoto — ela disse, como se falasse com um adolescente qualquer. Seus olhos, castanhos como os da sua filha, expeliam a fúria que eu vi em Dolores há menos de um mês. — Não tente nos igualar.

— Faço das suas as minhas palavras — concluí, quando João estava perto o suficiente para ouvir.

— Onde ela está?! — ele inquiriu, sem se importar de cumprimentar a ex-nora.

Apontei para além da janela e olhei para Dolores. Algo a fez olhar para o espelho. Ela já parecia mais calma, mas, ao ver o avô, novas lágrimas surgiram enquanto ela sussurrou: “vovô”.

O homem que estava com ela se afastou para deixar Dolores com o avô.

— Você precisa falar com o médico — mamãe murmurou ao entrelaçar nossas mãos.

— Não, não precisa — Elaine retrucou. — Ele não é nem mesmo parente distante. O médico só deve falar sobre minha filha comigo ou com João.

Suspirei, numa tentativa de me acalmar, e voltei a fitá-la.

— Tente me impedir.

Não sei se ela tentou responder ou se ficou mais furiosa. Não dei tempo de Elaine fazer nada, apenas segui para a sala do médico.

Antes que eu entrasse na sala, mamãe disse:

— Eu vou com você.

Algo em seu tom me fez obedecê-la e deixar que ela entrasse antes de mim.

— Ele estava com Dolores — mamãe explicou ao médico.

Com um gesto simples de mão, ele pediu que sentássemos.

— O que aconteceu exatamente? — questionei, após uma troca de olhares com mamãe.

— Creio que já foi informado por alto sobre o acidente — o médico iniciou. — O carro que a senhorita Dias estava com três amigos e uma criança foi atingido por uma picape em alta velocidade e caiu em um barranco. Fui informado de que o casal que estava nos bancos da frente morreu momentos após a batida, estavam presos entre as ferragens. A senhorita Dias estava com a criança e o senhor Arthur no banco de trás, todos usavam o cinto de segurança.

Não fui capaz de formular qualquer frase após aquela informação, o médico prosseguiu:

— Graças a Deus, a criança passa bem e está em observação. O senhor Arthur conseguiu tirá-lo do carro e os dois sofreram poucos hematomas. — Ele fez uma pausa e me fitou longamente. — A senhorita Dolores teve uma fratura no osso da perna direita, além de um corte na cabeça e... a perda do bebê.

Precisei de mais tempo do que imaginei para registrar a última informação, mas uma onda de incredulidade me invadiu segundos depois.

— Não é possível — afirmei, tentando me agarrar àquela ideia. — Dolores tomava pílula, nós nos cuidávamos e...

— Nenhum método contraceptivo é cem por cento eficaz, senhor — o médico me lembrou.

Meus olhos permaneceram nos seus até que perdessem o foco e eu desistisse de me manter impassível. Fechei os olhos e um nó apertou minha garganta. A ideia de ter um filho... De *perder* um filho, me torturou e desestabilizou ainda mais.

— Querido, eu sinto muito — mamãe sussurrou e sua voz pareceu ecoar por toda aquela sala.

Aspirei o ar ao sentir meus olhos queimarem de forma que eu não lembro de já ter sentido e me obriguei a respirar fundo e perguntar:

— Ela já sabe?

O médico assentiu.

— Seis semanas e meia — ele concluiu, referindo-se ao tempo de gestação. — A mãe se encarregou de contar a ela.

— Eu preciso falar com ela — sussurrei ao levantar.

— Querido, isso...

A voz de mamãe foi abafada pela porta ao ser fechada.

O corredor à minha frente parecia apenas um enorme borrão de cores e eu estava perdido nos meus próprios pensamentos para tentar distinguir uma coisa da outra naquele local.

— Um filho — repeti para mim mesmo. Senti minha garganta apertada ao dizer aquilo. Colocar aquela informação em palavras ditas fazia com que aquela possibilidade se tornasse real e muito mais dolorosa.

Parei à frente da janela de vidro ao perceber que era a da enfermaria que Dolores estava. João estava sentado sobre uma cadeira, que estava próxima à cama que os dois conversavam.

Toquei o vidro da janela e olhei para ela... Tudo mais naquele local entrou em desfoque. Então ela também olhou para onde eu estava e segundos após fazê-lo eu vi seus olhos se encherem de novas lágrimas. Além de dor havia culpa neles. Culpa que também me assolava.

Segui para a porta de entrada e a abri, a tempo de vê-la apenas levar as mãos ao rosto.

— Ricardo... — João tentou me impedir de me aproximar, mas não me importei com sua presença.

— Me desculpe — pedi a ela. Sem me importar de desabar a sua frente. As palavras me faltaram e eu não soube como fazer qualquer pedido ou palavra ser dito por mim. Nada nunca seria suficiente para me desculpar de verdade sobre isso. Sei que se as coisas tivessem sido diferentes semanas atrás, nada disso estaria acontecendo. Talvez estivéssemos felizes por saber que teríamos um filho e...

— Vá embora... — ela pediu novamente. Ao ver seus olhos brilharem com as lágrimas, eu percebi que a possibilidade de eu nunca mais tê-la de volta existia e somar isso a tudo o que já estava acontecendo me dilacerou.

— Por favor, só...

— Quer saber se o filho era seu? — ela indagou tentando parecer mais forte do que o que

a situação permitia. — Não era.

— Para de tentar me atingir com essas mentiras, porra!

João se aproximou para tentar me tirar dali, percebi que outros pacientes haviam acordado também e assistiam a cena que se desenrolava como um filme.

— Acredite no que quiser então — ela murmurou, por fim.

Por mais que João tentasse me arrastar para fora dali, eu não consegui desviar meus olhos dos de Dolores.

— Eu sei que era meu — afirmei. — E sinto muito por não estar com você quando descobriu, por não ter me ouvido dizer que a chance de ter um filho com você me deixava feliz.

Eu ainda pude vê-la morder os lábios fortemente e fechar os olhos antes que a porta se fechasse.

— Agora não é a hora, Ricardo! — João ralhou, enfurecido.

Balancei a cabeça lentamente e baguncei meus cabelos, em um gesto frustrado.

— Eu sei como se sente, mas... — eu o interrompi.

— Você não faz ideia de como me sinto! — adverti, ao fitá-lo. — Todo esse inferno seria evitado se eu não tivesse sido um maldito filho da puta! Agora eu poderia estar com ela discutindo qualquer detalhe idiota sobre o nascimento do nosso filho, mas nós o perdemos. Perdemos ele, João! E ela preferiu ser consolada por outro! Ela está me odiando neste momento, não quer sequer me ver ou falar comigo! — Parei de falar ao vê-lo com lágrimas nos olhos. Continuei a andar de um lado para outro, mas a sensação sufocante não me abandonou. — Eu preciso de ar — murmurei antes de sair dali.

Ouvi quando mamãe me pediu para esperá-la, mas ignorei. Eu queria ficar sozinho e, ao menos uma vez na vida, me permitir sofrer de verdade por algo que havia me atingido.

Quatro

“Eu queria esquecer
O bem que a sua boca me faz
E com todas as letras dizer então vai
E em qualquer paixão me perder

[...]

Mas o problema é que eu te quero
E o tempo que preciso for, eu espero
Pra mim felicidade é ter você”
Problema – Jorge e Mateus

Havia algo de memorável em uma tempestade como a que caía sobre Criciúma agora. As cores se misturavam. O pôr do sol laranja dava lugar às nuvens cinzas, que intercalavam entre claras e escuras, com e sem formas. As gotas ininterruptas de chuva borravam toda

aquela visão deslumbrante, faziam com que toda aquela beleza se mantivesse em um desfoque que, vez em outra, era quebrado pelos riscos de raios nos céus. A cada piscar de olhos era como ver uma imagem diferente, como obter uma imagem privilegiada que foi ofuscada por um detalhe anteriormente atrativo. Como uma pintura perfeita que precisava ser analisada com atenção para ser, de fato, compreendida.

Era como a vida; se você olhar para ela de forma unilateral jamais se ligará a detalhes importantes, detalhes que podem ofuscar as nuvens cinzas e mostrar, mesmo que apenas no fim do caminho, o pôr do sol deslumbrante. Às vezes, você precisa apenas fechar os olhos por um momento para, ao abri-los, enxergar algo diferente em uma situação ruim. Algo que te fará ver uma luz no fim do túnel.

Infelizmente isso não deu certo para mim desta vez.

Eu estava há horas no saguão da entrada do hospital. Minha cota de "talvez" já havia sido excedida por um ano. Eu estava cansado de falsas hipóteses. Cansado de imaginar finais diferentes se minhas atitudes tivessem sido distintas. Cansado de pensar que "talvez se eu não tivesse duvidado dela, ainda estivéssemos juntos", "talvez se eu a tivesse impedido de entrar naquele avião, tivéssemos descoberto sobre o bebê juntos", "talvez se eu...". A culpa já me atormentava o bastante para eu me martirizar ainda mais com pensamentos como esses. Era uma atitude autodestrutiva que não me levaria a lugar algum. Ao invés disso, há pouco mais de uma hora, eu decidi refletir sobre minhas atitudes daqui por diante. Tomar decisões ainda estava ao meu alcance e me ajudava a manter a ilusão de que eu possuía qualquer controle sobre o que ainda poderia acontecer na minha vida.

— Não sei se ainda é um alívio perceber que você agiu exatamente como eu imaginei que o faria. — Franzi o cenho ao ouvir a voz de Robson. Não fazia ideia de que ele já estivesse aqui e não via qualquer motivo plausível para ele estar justo *aqui* agora. *Falando comigo, para ser mais exato.*

— Deveria ser, não? — murmurei, sem me importar de olhá-lo. — Neste caso, eu

continuaria a ser o filho da puta e você ainda teria motivos para me manter longe de Dolores.

— Mas eu ainda preferia que ela estivesse certa sobre você defendê-la.

Engoli em seco ao registrar suas palavras, foi como ser atingido por um chute. Por um momento, articular qualquer resposta foi impossível.

— Acho que já tenho motivos suficientes para me sentir o bastardo do ano sem a sua ajuda. O que veio fazer aqui?

— Vim dizer que sinto muito. — Juntei as sobrancelhas e, surpreso, o fitei. Sua feição, embora quase sempre carrancuda ao me fitar, agora parecia mais amigável do que nunca. Ele também se recostou ao corrimão e pareceu se esforçar para concluir: — Sei exatamente como se sente em relação ao bebê. Mas a culpa não é uma boa companhia para a vida.

Respirei fundo e cerrei o punho com força. Não fui capaz de dizer uma palavra sobre isso.

— Falo por experiência própria... Você não teve culpa. Foi um acidente — ele concluiu.

Era pouco mais de dez da noite e eu já havia feito uma reserva em um hotel para João, mesmo que soubesse que ele se recusaria a sair do lado de Dolores — e que mamãe se recusaria a sair do lado de João — eu achei melhor deixá-los com um lugar para ficar caso precisassem.

Cheguei ao hospital e agradeci por não ver Elaine. Peguei um novo crachá e subi até o primeiro andar. Havia comprado comida para mamãe e João e, como havia decidido voltar à

Porto Alegre, preferi vir aqui antes de ir embora. Mesmo que desconfiasse que Dolores estivesse dormindo a esta hora, eu precisava de uma última conversa. Estava farto de brigas.

Mamãe foi a primeira a me ver através da janela de vidro da enfermaria. Levantei as sacolas, indicando a comida e ela sorriu em agradecimento antes de chamar João — que já cochilava em uma cadeira próxima à parede ao lado do leito de Dolores. Ela também parecia dormir.

Quando eles vieram ao meu encontro, trocamos algumas palavras antes de irmos para a lanchonete simples do hospital. Pedi três copos de suco e depois os levei para a mesa em que João e mamãe haviam se instalado.

— Como você está, querido?

Olhei para ela ciente de que minha resposta habitual seria inútil neste caso e decidi que ela merecia algo melhor que o "está tudo bem".

— Vou ficar bem. Não se preocupe.

Ela entrelaçou sua mão a minha e assentiu.

— Onde você esteve? — João indagou.

— Fui a um hotel aqui perto para fazer uma reserva para vocês. — Fiz uma pausa apenas para terminar de tomar meu suco e concluí: — Falei com Natasha há pouco. O hospital ligou para minha casa avisando que Rodrigo fugiu.

Esperei qualquer reação extrema de mamãe e João também a fitou, mas ela tentou se acalmar ao máximo e deixou o copo que estava em suas mãos sobre a mesa antes de levantar os olhos para me fitar. Havia preocupação estampada em seu rosto, mas, desde que começou com as sessões de terapia, ela conseguiu controlar seus próprios sentimentos e anseios um pouco mais. Acredito que enfrentar seu trauma, cada dia mais, a tem deixado mais forte.

— O que fará para encontrá-lo?

— Nada. Rodrigo precisará de dinheiro. Uma hora ou outra ele voltará. Vou cuidar para que, desta vez, ele não use a senhora ou Natasha para conseguir mais dinheiro.

Vi o momento em que João afagou a mão de mamãe sobre a mesa. Era sempre assim: um tentava transmitir força ao outro. Ver isso sempre alimentava minha certeza de que os dois eram perfeitos juntos.

— O que decidiu fazer? — João inquiriu.

— O Roosevelt não é mais seguro já que Natasha e Suzana estão lá e eu não ficarei o tempo todo com elas. Para Rodrigo sempre foi fácil se passar por mim e não acho que será difícil fazê-lo novamente para entrar no prédio. — Expirei fortemente e decidi contar tudo de uma vez. — Oséias sugeriu que fôssemos para a mansão de Olavo. — Quando mamãe se voltou assustada para mim, eu aumentei o aperto de nossas mãos. — Não farei isso. Pedi que ele procurasse algum corretor para encontrarmos uma casa e amanhã vou resolver a questão da segurança.

— Acha que tudo isso é necessário? — ela questionou entre lágrimas.

— Mamãe, não vou deixar que você e Natasha sejam envolvidas em tudo o que Rodrigo se meteu.

— Ele tem razão — João concordou após trocar um olhar comigo. Nenhum de nós sabia exatamente no que Rodrigo havia se metido, mas agora que esses capangas sabem que ele possui um irmão, ainda por cima gêmeo, qualquer pessoa da minha família também pode ser envolvida.

O silêncio que se instalou entre nós foi prolongado até que João terminou seu jantar — mamãe pareceu ter perdido o apetite.

— Como ela está? — questionei para João, referindo-me à Dolores.

— Melhor. Só está irritada e inquieta por ter que ficar trancada. — Aquela informação quase me fez sorrir. Aquele tipo de reação era típica de Dolores. — À tarde foi o enterro dos amigos dela.

— O médico disse que era um casal — lembrei.

— Sim. Pelo que entendi, a mulher era irmã de Arthur e mãe do menino que também estava no carro.

— Como ele está? O menino, quero dizer — indaguei momentos depois.

— Se machucou muito pouco, graças a Deus. Mas perder os pais desta forma certamente foi um trauma grande demais para um menino de quatro anos.

— Dolores pediu para vê-lo — mamãe completou. — Mas o médico não permitiu que ela se locomovesse ainda.

— Eles não têm parentes próximos?

João meneou a cabeça e expirou, denotando sua exaustão.

— Eram órfãos.

Naquele momento eu entendi o motivo de Dolores tentar consolar o tal Arthur hoje à tarde. Ela perdeu dois amigos e ele a família.

— Ela está dormindo?

— Vá vê-la — mamãe murmurou.

— Só não discutam novamente — João pediu. — Odeio vê-la chorando.

Apertei os lábios com força, mas assenti. Levantei em seguida e os deixei sozinhos.

O quarto estava incrivelmente silencioso quando cheguei a ele. Três dos quatro pacientes — incluindo Dolores — estavam dormindo, o outro era atendido por uma enfermeira no último leito da enfermaria. Ela também conversava com um homem.

Agora a perna machucada de Dolores estava um pouco elevada sobre a cama. Era possível ver o gesso também. Sua respiração mantinha um ritmo constante. Olheiras sob seus olhos deixavam claro o seu cansaço físico, e os olhos inchados eram provas irrefutáveis do choro.

Desta vez não me atrevi a chegar perto o suficiente para tocá-la. Por mais que minha primeira vontade fosse vir aqui e conversar, eu não queria deixá-la ainda mais cansada do que já estava. Não queria vê-la chorar novamente também.

— Você tem sorte de Elaine não estar aqui. — Fechei os olhos ao ouvir aquela voz novamente. Contive o ímpeto de suspirar e olhei para onde imaginei que ele estava.

— Hum, imagino — respondi irônico.

Robson pediu licença à enfermeira e se aproximou do leito de Dolores.

— O que ainda faz aqui? — ele questionou, em voz baixa para não acordá-la.

— Eu poderia lhe fazer esta mesma pergunta — retruquei, evasivo.

— Bem, eu estou aqui para garantir que nada acontecerá à minha princesa — ele disse. Eu o encarei após ouvir aquelas palavras. — Nas duas vezes que me afastei dela, ela conheceu aquele fotógrafo e, em seguida, você, levou um tiro e agora sofreu um acidente.

Ele arqueou uma sobrancelha, de forma sugestiva, até que cedi.

— Era a única forma de vê-la sem ser mandado embora daqui — fui sincero ao responder sua pergunta. Por algum motivo, ele não pareceu surpreso ao ouvir minha resposta. — Está tentando socializar com o inimigo? — indaguei. — Até duas semanas atrás você me odiava, esqueceu?

Aquilo o fez rir. Fuzilei-o com o olhar por rir alto. Aquilo poderia acordá-la.

— Você está enganado, garoto — ele disse quando se recompôs. — Eu odiava o filho da puta que estava fazendo minha princesa chorar. Se eu estiver errado, agora me diga. O que eu vejo aqui é apenas um homem preocupado com a possibilidade de fazê-la sofrer novamente. Um homem que reconheceu o próprio erro e quer consertá-lo.

Desviei meus olhos dos seus ao ouvir aquilo. Me concentrei no minúsculo boneco de pelúcia que Dolores apertava entre os dedos.

— Estou errado?

— Não, não está...

Com a testa franzida, eu acompanhei seu percurso até a porta do quarto. Não entendi o que ele disse e ele não se importava nem um pouco em explicar.

— Vou tomar um café — avisou. — Não a deixe sozinha.

Ergui uma sobrancelha, interrogando-o silenciosamente, mas ele apenas saiu e fechou a porta. Apenas ao olhar para Dolores, e vê-la acordada, eu entendi o motivo dele ter saído desta forma.

— O que está fazendo aqui? — indagou imperativa.

— Você já me fez essa pergunta hoje.

— Acho que hoje eu também já disse que não te quero aqui.

Encarei-a em silêncio por um momento. *Inferno!* Eu a conhecia, sabia o motivo dela estar sendo indiferente e não deveria entrar nesse jogo. Mais uma discussão na cota de hoje é inviável.

— Podemos apenas conversar? — pedi.

— Não temos nada para conversar. — Seus olhos continuavam sem qualquer brilho, sua expressão completamente impassível. Eu odiava aquilo.

Nos encaramos em silêncio por mais tempo do que achei ser capaz de fazer. Seus olhos eram as portas de sua mente, olhar para eles era como olhar para o que estava em sua mente. Ali havia ressentimento, culpa, mágoa, tristeza. Uma infinidade de sentimentos. Aquilo doeu como o inferno.

— Eu sinto muito pelo...

Ela balançou a cabeça, pedindo silenciosamente que eu parasse de falar e o fiz. Respirei fundo, tentei engolir o nó que se formou em minha garganta e mantive meu olhar sobre ela, mas Lola não me fitou.

— Eu sei que fui um idiota — admiti. — Que deveria ter confiado em você, que deveria ter mandado aquela porra de envelope para o inferno, mas não fiz e isso me mandou ao inferno. Eu não aguento mais continuar nele com essa distância entre nós. Não quero mais isso, Dolores.

Percebi o exato momento em que ela engoliu em seco, mas se recuperou rapidamente.

— Demorou um mês para chegar a essa conclusão? Para descobrir que não queria a

distância que *você* colocou entre nós? Não acha que é tarde demais para isso?!

— Não.

— Eu acho. Assim como acho que um pedido de desculpas não apaga as suas acusações e o que elas me causaram.

Mantive meus olhos nos seus mesmo quando percebi que lágrimas estavam prestes a rolar dos seus.

— Eu esperei um pedido de desculpas por muito tempo. Você precisou descobrir que eu havia perdido um bebê para tomar essa atitude?

— Eu não estou aqui agora pelo bebê — retruquei. — Eu não decidi fazer isso por causa do bebê. Já sabia que você voltaria à Porto Alegre, planejava fazer isso quando você estivesse lá.

— Eu nunca disse que voltaria.

— Planejava não me contar sobre o meu filho?

Aquela pergunta a deixou em silêncio.

— Dolores — insisti.

— Não quando ele também podia ser de Olavo ou Rodrigo. Ou você já se esqueceu disso?

Eu não respondi, sabia que merecia aquilo, que ela jogasse aquela acusação na minha cara. Percebendo meu silêncio, ela prosseguiu:

— Eu não quero mais falar com você. — Mesmo se controlando para não falar alto o suficiente para acordar os outros pacientes, eu pude notar que havia algo mais ali. Algo que

estava machucando-a e que ela não queria que eu percebesse, tampouco descobrisse.

— Não vou sair daqui até concluirmos esta conversa.

— Eu quero ficar longe de você. — Ela cedeu, sua voz embargada. — Só isso.

— Por quê?

— Essa é a única forma de esquecer.

— Deu certo para você no último mês?

Ela ficou em silêncio.

— Eu já tentei ficar longe de você antes e não ter qualquer contato além do que seríamos obrigados quando João finalmente nos apresentasse. Depois daquele primeiro beijo isso foi completamente impossível. Eu tentei, por um mês, me convencer de que você havia me traído e, por isso, a distância entre nós era bem-vinda, mas acho que é óbvio que eu também não consegui.

Pensei em parar de falar ao vê-la deixar as lágrimas banharem seu rosto, mas não consegui.

— O que a faz pensar que vou conseguir esquecer você agora?

— Só vai embora — ela pediu novamente, pois não queria que eu a visse daquela forma.

Aproximei-me o suficiente para encostar-me à cama e a vi fechar os olhos com força, como se tentasse acabar com as lágrimas. Acariciei seus cabelos negros e usei os polegares para limpar as suas lágrimas lentamente. Somente parei quando ela pediu que eu o fizesse.

— Eu não vou embora — lembrei-a. — Você sabe e por isso quer ficar longe.

— Eu não vou esquecer nada. — Ela aceitou. — Não vou esquecer daquelas mulheres me chamando de vadia e do que eu senti quando você me deixou naquela sala sozinha como se eu realmente fosse uma. Não vou esquecer suas perguntas e acusações naquela manhã. Não vou...

— Eu sei... — murmurei, interrompendo-a. — E eu não esperaria que fizesse isso. Perdoar nunca será o mesmo que esquecer.

— Não vou conseguir perdoar nada.

— Talvez não agora. — Resisti à vontade de voltar a afagar seus cabelos e procurei seu olhar novamente. — Mas...

— *Para,* Aaron. Isso não vai acontecer. Eu estou com Arthur agora!

Juntei as sobrancelhas ao ouvir aquilo. Fitei-a atentamente, perscrutando-a.

— Não, não está.

Dolores expirou e desviou os olhos dos meus.

— Você não usaria um homem para esquecer outro.

— Você tem certezas demais para alguém que não me conhece.

Permaneci em silêncio enquanto ela limpava o próprio rosto.

— Estou errado por acaso?

Dolores não respondeu.

— O que você quer? — indagou quando me afastei o suficiente para lhe dar espaço. Para

me dar espaço. — Nós não tínhamos nada, apenas dormíamos juntos às vezes.

— Claro e, por isso, você precisa ficar longe para tentar esquecer algumas noites de sexo depravado.

Sua única reação foi franzir os lábios levemente.

— Nós estávamos juntos — prossegui. — Pare de tentar diminuir isso porque está com raiva.

O silêncio que se introduziu na conversa somente teve fim quando eu decidi dizer algo.

— Eu assumo que fui um filho da puta, que cometi o maior erro da minha vida ao duvidar de você, mas quero me redimir. — Minhas palavras fizeram-na voltar a me encarar. — Eu faço qualquer coisa.

— Por que duvidou se dizia confiar em mim?

Tentei, sem qualquer sucesso, me manter impassível. Organizei as palavras antes de proferi-las cuidadosamente. Eu odiava ter que falar sobre aquilo.

— Olavo fez o mesmo em relação a Fernanda.

Dolores franziu o cenho, tentava visivelmente entender.

— Estávamos prestes a noivar quando recebi uma carta anônima com diversas fotos de Olavo e Fernanda... transando.

Ela fechou os olhos por um momento, cansada.

— Eu não acreditei em Olavo na primeira vez, mas depois, quando ela terminou tudo, eu percebi que era verdade — continuei em tom tão diligente quanto anteriormente. — Não

eram apenas as fotos daquela vez, Dolores. Tudo era sobre algo na sua vida que eu não sabia! Como ele saberia da sua tatuagem? E ainda tinha aquela história sobre o Rodrigo!

Ela cerrou os lábios com força, provavelmente tentando controlar as próprias palavras.

— Eu não sabia sobre a hipoteca estar paga, nem mesmo como você conseguiu fazê-lo, não sabia sobre o financiamento estudantil e não sabia sobre o maldito emprego! Você estava me escondendo tudo aquilo! E, de repente, estava tudo resolvido!

— Você poderia ter me perguntado! — retrucou descontrolada, enfurecida. — Ao invés disso, apenas me acusou!

— Me desculpa, porra! Eu estava furioso e confuso. Queria acreditar que você não faria aquilo, mas tudo estava contra você!

— Inclusive você.

Aquilo me fez parar.

— Nada entre nós voltará a ser o que era. — Antes que eu a interrompesse, ela prosseguiu: — Seja o que tenha sido...

— Eu não quero... — interrompi quando a porta da enfermaria foi aberta lentamente e nos voltamos para ela.

— Biel — Dolores murmurou ao ver a criança, um menino, com os olhos cheios de lágrimas, parado à frente da porta. Ele correu até ela, fazendo com que eu me afastasse para lhe dar espaço.

— Desculpe — pediu a enfermeira que entrou. — Ele estava há horas chorando e o Sr. Arthur não está no hospital. Já não sabíamos o que fazer.

Respondi com um aceno de cabeça e ela saiu.

Quando me voltei para Dolores novamente, o menino já estava agarrado a ela como se aquele fosse o melhor lugar para se estar no mundo.

— O que houve, meu amor? — Eu a ouvi murmurar para ele sem acabar com o abraço.

— Eu quero... *a mainha*. — A resposta dele doeu até mesmo em mim.

Dolores sussurrou algo para ele, mas não pude ouvir. Ajudei o menino a se acomodar com ela sobre a cama após Dolores tentar fazê-lo e seu rosto se converter numa careta de dor. Ela não podia forçar a perna por causa do ferimento.

— Precisam de algo? — questionei ao vê-la acariciar a cabeça do menino enquanto tentava lutar contra as próprias lágrimas. Ele continuava abraçado a ela.

— Não — ela respondeu sem se voltar para mim.

Sem saber o que mais poderia dizer, eu me despedi:

— Boa noite. — E deixei a enfermaria.

A nossa conversa foi repassada em minha mente em questão de segundos. Eu não queria forçar ainda mais a situação e, por mais que me incomodasse, eu preferi me afastar ao menos um pouco... Por pelo menos algumas horas.

Cheguei ao meu apartamento pouco mais de uma da manhã. O silêncio e a escuridão da madrugada me envolveram. Não me importei de ligar as luzes e segui pela sala até o corredor, batendo o dedo do pé na quina do sofá no caminho. Reprimi um xingamento. Deixei meus sapatos ao lado de porta e joguei o blazer sobre o cabide do quarto após ligar as luzes.

Uma batida hesitante e tímida soou pela porta enquanto eu abria os botões da camisa. A esta hora Suzana estaria no quinto sono então só poderia ser Natasha.

— Entre — murmurei e segundos depois ela o fez.

— Oi.

— Oi — respondi com um sorriso que dizia *"eu estou bem, você não precisa começar com isso de novo"*.

— Como ela está? — indagou ao sentar sobre minha cama. Joguei minha camisa sobre o cabide também e procurei por uma toalha dentro do guarda-roupa.

— Ela ficará bem.

— E você? Também ficará bem?

Resolvi que responder de forma evasiva era a melhor saída naquela situação.

— Eu não sofri um acidente de carro quase fatal, sim, estou bem. — Peguei a primeira toalha que encontrei e segui para o banheiro.

Eu estava cansado demais para ficar enrolando embaixo do chuveiro e, quinze minutos depois, terminei o banho. Natasha ainda estava sobre minha cama quando voltei.

— O que foi agora?

— Nada. Sei que você não vai falar comigo.

— Ótimo — retruquei ao pegar a calça do pijama e uma camisa qualquer. Vesti-me rapidamente no banheiro. — O que você quer?! — Eu já estava impaciente quando voltei ao quarto e a vi deitada sobre minha cama. Os olhos azuis me avaliavam enquanto ela se mantinha em silêncio. Eu odiava admitir, mas sabia que ela me conhecia tão bem quanto eu a conhecia.

— Acho que não sou a única a precisar de conforto de vez em quando. — Ela bateu suavemente sobre o travesseiro que havia sobrado para mim. — Prometo que não farei nenhuma pergunta.

— O irmão mais velho aqui sou eu, ok? — lembrei-a. — Então, como irmão mais velho, estou mandando você ir pra sua cama e dormir. Porque é o que eu quero fazer aqui.

— Eu já disse que você não tem qualquer moral quando está usando esse pijama de super-herói.

Franzi o cenho e olhei para a minha calça de pijama da Marvel. Foi um presente *dela*.

— Natasha, eu não estou brincando. Estou cansado, com a cabeça explodindo...

— E não quer conversar sobre nada... Está bem e não precisa que eu fique enchendo o saco... — ela repetiu seu discurso habitual. — Já sei de tudo isso. Deite logo aí.

Continuei a encará-la carrancudo, mas ela se manteve irredutível.

— Você é insuportável, sabia disso? — resmunguei.

Apaguei as luzes e ela acendeu o abajur do seu lado da cama. Deitei em silêncio.

— Você jantou? — ela perguntou.

Bufei e fingi não ouvi-la.

— Quem está sendo infantil agora, Aaron? — ela continuou.

— Você prometeu, Nat — lembrei-a.

Ela expirou fortemente e concordou. Quando achei que finalmente dormiria, pude relaxar de verdade, mas ela continuou:

— Sinto muito pelo bebê.

— Porra, Natasha!

— Sei que você é louco para ser pai — ela continuou, como se eu não tivesse dito nada. — E você ainda será um pai maravilhoso.

Encarei-a quando ela começou a afagar meus cabelos. Eu ainda me atormentava e me culpava pela perda do bebê, ainda sentia uma dor, um aperto no peito sempre que ele era mencionado, mas estava melhor do que me senti quando descobri.

— Será um pai chato, muito chato e vou precisar salvar as crianças de vez em quando porque Dolores é como você às vezes. — Ela sorriu. — Mas você sabe ser um pai maravilhoso quando quer, mesmo que tente mascarar isso sendo um irmão mais velho chato de galocha.

Olhei para a mão espalmada que ela colocou entre nós. Exalei lentamente quando um dos pesos que pendia sobre minhas costas foi retirado e entrelacei minha mão a sua. O aperto reconfortante dela me fez cerrar os olhos por um momento.

— Obrigado — agradeci. Hesitei por alguns segundos quando ela me abraçou.

— Tudo se resolverá — ela disse contra meu peito. — Vocês estão apaixonados, não

podem ficar separados.

Balancei a cabeça.

— Você e sua mania de achar...

— Que o amor é invencível? — ela completou em tom travesso. — Sim, eu acredito nisso e talvez o que falte para vocês é exatamente essa certeza... De que vão superar qualquer coisa juntos por se amarem.

Sorri quando um pensamento povoou minha mente. Por um momento achei que ela também diria que acredita em unicórnios e felizes para sempre.

— Não ria de mim, seu idiota! — ela me repreendeu mesmo sem estar olhando para o meu rosto.

Acariciei seus cabelos lentamente. O silêncio, por algum motivo desconhecido, me fez retornar em pensamento à minha conversa com Dolores há algumas horas.

— Ela disse que não conseguirá me perdoar — contei.

— Ela também disse que vocês só tiveram um *affair* e sabemos que não é verdade. — Ao perceber que eu me manteria em silêncio, ela prosseguiu: — Vocês dois são cabeças-duras e têm seus motivos para não querer um relacionamento ou qualquer sentimento numa relação, mas eram os únicos a não perceberem os olhares que um dedicava ao outro, os sorrisos. Mamãe disse que vocês se comunicavam sem dizer qualquer palavra, apenas com olhares. Não é qualquer casal que consegue se conhecer a ponto disso.

— Me sinto um adolescente de quinze anos ridículo e perdido numa aula de chinês quando você começa a falar assim.

Ela bufou.

— Vocês eram os únicos que não percebiam que estavam apaixonados, deu para entender agora?!

Abstive-me de qualquer resposta ao registrar suas palavras.

Apaixonados?

— Não acreditei quando ela disse que vocês não estavam namorando — ela contou. — Vocês não sentiam necessidade de chamar de namoro, mas aquilo era tudo, menos um caso.

Não resisti a um comentário sarcástico quando uma nova onda de silêncio se instalou.

— Estou mesmo conversando sobre relacionamento com minha irmã mais nova?

— Você nem está falando sobre nada, eu é que estou.

— Vamos dormir, Nat — murmurei.

— Você vai me levar para vê-la amanhã? — ela perguntou após bocejar e me abraçar com mais força.

— Sim, mas antes vamos procurar uma casa segura para morar.

Ela estava prestes a iniciar uma nova conversa, quando beijei o topo de sua cabeça e concluí:

— Amanhã conversamos sobre isso.

Ela concordou silenciosamente e menos de um minuto depois pude sentir sua respiração suave e constante. Natasha já ressonava baixinho por entrar em um sono profundo. Fechei os olhos e tentei fazer o mesmo.

Cinco

“Você chorou e eu chorei
Você partiu e eu fiquei
Se você volta outra vez
Eu não sei"
Tudo acabado – Dalva de Oliveira

Dois dias depois...

Era pouco mais de meio-dia quando saí da sala de reuniões com Lilian em meu encalço.

— Quanto tempo tenho para analisar isso? — perguntei a ela, referindo-me aos documentos que me entregaram durante a reunião.

— Todo o feriado, senhor. Eles precisarão da sua aprovação na segunda-feira.

Anuí com um aceno e resisti à imensa vontade de expirar fortemente. Quando eu achava que aquela droga não poderia piorar, descobria que teria que levar trabalho para casa também.

Percorremos o corredor e ela fechou a porta de minha sala ao entrar depois de mim.

— Se precisar de ajuda, passarei todo o final de semana em casa — ela ofereceu.

— Não será necessário — repliquei enquanto recolhia minhas coisas.

— Oséias me pediu que o ajudasse a se adaptar, senhor Ricardo — ela prosseguiu ao colocar sua prancheta e pastas sobre a minha mesa e se encostar a ela. Estava ao meu lado e eu tinha certeza de que há menos de dois minutos ela não possuía tantos botões da blusa abertos. Deixei minhas coisas sobre a mesa e me encostei a ela. Decidi entrar em seu jogo, talvez assim descobrisse o que ela realmente queria.

— O que mais ele pediu que você fizesse?

Ela dedicou a mim um olhar demorado que se deteve em cada centímetro dos meus um metro e noventa — um olhar cheio de malícia.

— Que eu fizesse tudo o que me fosse mandado — ela respondeu minha pergunta, com um sorriso que se igualava ao brilho malicioso de seus olhos verde-água.

— E você está disposta a fazer tudo o que eu mandar? — testei.

— É claro.

Não resisti a um sorriso ao fitá-la. Seus lábios estavam curvados em um sorriso vitorioso quando ela se voltou para mim e se aproximou ainda mais. Sim, Lilian é uma mulher linda e

atraente, eu admito, mas há muito eu passei a me importar com mais do que os atrativos físicos de uma mulher, e não há nada, além de sua beleza, que me atraia nela.

— Tem certeza?

Lilian apenas assentiu após colocar suas mãos sobre meu peito e segurar-me pelo terno.

— Você não é comprometida? — Segurei suas mãos.

— Não.

— Então acho que tenho um pedido.

— Qualquer coisa — ela disse no timbre de voz mais sexy que poderia.

Arqueei uma sobrancelha e apertei os lábios ao fitar nossas mãos.

— Pare de se insinuar para mim, eu não estou interessado. — Meu tom se manteve neutro ao dizer aquilo. — E nem estarei.

Levantei sua mão direita lentamente e não permiti quando ela tentou puxá-la. Já era tarde demais para eu não ver o que havia nela.

— Se você tem um relacionamento e não dá a mínima para ele, o problema é seu — prossegui olhando para o anel em seu dedo anelar. — Não sou do tipo de homem que trai sua mulher e não vou me tornar um. Nem por você, nem por ninguém.

Soltei suas mãos quando ela as puxou com força.

— Limite-se a fazer o trabalho para o qual é paga. Essa é a única forma de conseguir permanecer neste emprego.

Com os olhos brilhando de raiva, ela se empertigou e pegou sua prancheta sobre a minha mesa. Fiz o mesmo.

— O que quer dizer? — inquiriu imperativa enquanto eu seguia para a porta.

— Não tenho problemas em trocar de funcionários. Você não é exceção a nada aqui — foi minha resposta antes de sair.

Hoje pela manhã João me ligou para informar que Dolores faria uma bateria de exames no hospital. O médico solicitou isso antes de permitir que ela vá para casa. Eu estranhei, achei que era cedo demais para isso, mas, segundo ele, a fratura simples e fechada na perna fora o único ferimento sério dela e já estava engessado — o aborto fora acidental e, por causa do pouco tempo de gestação, isso não trouxe mais complicações para Dolores. As recomendações eram muito repouso, seguido por fisioterapia. A parte que eu tinha certeza de que ela estava odiando neste momento era o fato de, por insistência de seu avô, ter que se locomover em uma cadeira de rodas até poder retirar o gesso. Por mais que o médico lhe desse esperança de uma recuperação rápida e dissesse que o fato de fazer exercícios constantemente e estar em seu peso normal ajudará muito nessa recuperação, João me disse que seriam as piores semanas da vida de Dolores. Não pude deixar de concordar. Conheço muito bem as características independentes e tempestuosas dela para ter certeza disso.

O pai de um ex-colega de faculdade foi a primeira pessoa que me veio à mente quando decidi contratar seguranças. Felipe é dono da melhor empresa que atua neste ramo aqui em Porto Alegre. Ontem à noite tomei o cuidado de entrar em contato com ele e pedir uma reunião para conversarmos sobre isso hoje mesmo. Ele não hesitou ao aceitar. Apesar da pressa que tenho em resolver a questão da segurança da nova casa, tenho certeza de que Felipe poderá me ajudar.

Após saltar do elevador na cobertura do prédio, a secretária de Felipe me cumprimentou e pediu que a seguisse até a sala dele.

Felipe de Medeiros Costa é um homem de terceira idade, baixo e careca. Certamente seria facilmente comparado a um vovô alegre e divertido, mas essas duas qualidades em especial jamais fariam parte de suas características nesta ou em outra vida. Talvez impiedoso e implacável sim, mas qualquer outra que não tivesse a ver com isso poderia ser descartada.

— Ricardo. — Ele levantou de sua cadeira para me cumprimentar com um aperto de mãos, em seguida pediu que eu sentasse à sua frente.

Peguei a pasta que ele me estendeu, e segundos depois descobri que nela estava o seu plano de segurança.

Conversamos por cerca de meia hora até chegarmos a um acordo sobre a quantidade de seguranças e, após eu lhe dar as informações necessárias sobre a casa, o tipo de sistema que implantaríamos nela. Quando finalmente chegamos a um acordo, ele me questionou sobre os cuidados especiais que precisariam ser assumidos por causa dos homens que estavam atrás de Rodrigo.

— Só consegui três de cada — avisou minutos depois, ao me entregar uma pequena caixa. — Você adora esses brinquedinhos, não é?

Não resisti a um sorriso. Ele tem razão, gosto do que a tecnologia pode me oferecer. Na

maior parte das vezes isso apenas me ajuda, e agora, mais do que nunca, esses pequenos dispositivos me ajudarão muito.

— Não entendo. Se não confia nas pessoas que trabalham com você, por que não as demite? Não tem poder suficiente para isso?

— Não é tão simples. Querendo ou não, para fazer isso dar certo, eu preciso da maior parte deles. Preciso entender de verdade como funciona cada uma dessas empresas, antes de pensar em demitir alguém.

— Pelo que entendi, eles também precisam de você.

— Sim, muito mais do que eu deles e não me importo de usar isso contra quem se opor a minha forma de fazer as coisas.

Ele riu por um momento, e o riso reverberou por todo o cômodo. Ele sabia exatamente do que eu estava falando, era esperto o suficiente para perceber isso.

Eu não diria que confio absolutamente em Felipe, mas tenho absoluta certeza de que ele é fiel ao seu trabalho. Não é a pessoa mais honesta que conheço, nem mesmo a mais corrupta, mas está longe de ser qualquer uma destas coisas. Por mais que eu saiba que ele ajudou Olavo com sistemas *quase* intransponíveis de segurança, eu também sabia que ele não participou de mais do que isso. Claro, precisei acessar as contas bancárias nacionais e internacionais e os e-mails de Felipe para descobrir isso — agindo como um "cracker", como Olavo costumava me chamar enquanto eu cursava a faculdade de Ciência da Computação e, em seguida, a pós-graduação. Olavo poderia ser bom em esconder suas falcatruas, mas eu o conhecia bem e isso me dava vantagem sobre ele no que dizia respeito aos seus negócios. Muita vantagem.

Não tenho qualquer dúvida de que Olavo tem coisas ilegais envolvidas com algumas das empresas e não vou me prestar a isso. Vou acabar com o que encontrar de errado, mas

preciso estar um passo a frente das pessoas que já trabalham nas empresas, que ganham com isso, e se oporão a aceitar o que vou impor.

— Você é muito diferente dele — repetiu. Já havia se tornado hábito de Felipe dizer aquelas palavras. — Pode se dar muito mal no mundo dele por causa disso.

— Não pedi para entrar nesse inferno.

— Não pode sair dele também — lembrou.

— Então vou me adaptar à minha maneira — concluí.

Após deixar a empresa de Felipe, eu dirigi para o Roosevelt — meu prédio — e após enfrentar um pequeno engarrafamento por causa do feriado, consegui chegar. Estranhei o ruído contínuo de uma sirene de ambulância, que me fez ceder espaço para que passasse. Mas consegui estacionar minutos depois no estacionamento à frente do prédio, pois só subirei ao meu andar para pegar Natasha.

Franzi o cenho ao ver que a ambulância havia parado à frente da entrada do Roosevelt e andei apressado até lá. O ar fugiu de meus pulmões ao ver Natasha deixar o prédio chorando após alguns paramédicos saírem com um paciente em uma maca. Corri rapidamente até ela, desviando de algumas pessoas no caminho.

— Natasha, o que houve? — indaguei ao ver Suzana sendo colocada na ambulância.

— A mamãe, ela... Ela... — Nat não conseguiu concluir. Em uma tentativa de acalmá-la,

eu a trouxe para um abraço e a apertei contra meu corpo como se assim pudesse protegê-la da dor que sentia agora. Ouvi quando um dos paramédicos gritou algo incompreensível para outro e os encarei atentamente, depois meu olhar caiu sobre Suzana, que aparentava ter muita dificuldade para respirar.

Fechei os olhos por um momento e inspirei profundamente.

— Vocês a levarão para o Divina Providência mais próximo? — questionei referindo-me ao hospital quando um dos homens perguntou se um de nós os acompanharia na ambulância.

— Sim.

— Eu a levarei no carro. Estaremos atrás da ambulância — informei. O homem assentiu e fechou as portas. Aos poucos o alvoroço que a entrada do prédio havia se tornado, começou a se dissipar. Natasha ainda estava abraçada a mim quando a ambulância saiu. — Shhh... Não chore, Nat — sussurrei para ela. Acabei com o abraço e limpei seu rosto lentamente, mesmo que suas lágrimas continuassem a rolar. Os olhos azuis estavam brilhantes, muito brilhantes, mas daquela vez era de tristeza e desespero. Beijei sua testa suavemente. — Vamos.

Envolvi seu ombro com um braço e a levei até meu carro.

— O que houve? — perguntei quando já estávamos a caminho do hospital. Olhei-a de soslaio e percebi que ela continuava a chorar.

— Eu não sei, eu estava preparando a lasanha para o jantar quando ela me chamou. — Sua voz se reduziu a um murmúrio aos poucos; estava frágil e extremamente rouca, irreconhecível. — Ela estava tendo uma daquelas crises de tosse... Estava com muita falta de ar e isso só piorou quando ela me pediu que a ajudasse a levantar.

Pisei no acelerador ao entrar numa rua sem muito movimento de carros.

— Tentei ligar para você, mas caiu na caixa postal. Depois chamei a ambulância... Graças

a Deus, eles não demoraram.

Fiquei em silêncio até chegarmos ao hospital. A ambulância já havia chegado. Acompanhamos quando os maqueiros levaram Suzana para dentro do hospital, mas nos pediram que aguardássemos na sala de espera.

Sentei-me ao lado de Natasha e a acolhi em meus braços quando ela se aproximou. Eu não sabia o que dizer para consolá-la, nós dois sabíamos que Suzana estava mal e eu não ousaria mentir para ela. Eu queria que tudo ficasse bem, mas não queria iludi-la demais sobre nada.

— Ela não pode ir ainda, Aaron. — Ouvi-a sussurrar. — Não pode.

— Ei, vamos esperar que o médico diga algo, tudo bem? — sussurrei, mas ela não respondeu.

Havia uma TV alguns metros à minha frente, eu olhava para ela, mas não registrava nada que pudesse estar passando nos canais. Estava submerso demais em pensamentos para isso.

Suzana tinha trinta e oito anos, é jovem demais para morrer assim. Eu a conheço há mais de três anos, pouco tempo talvez, nunca fomos amigos ou algo do tipo, mas nos respeitávamos. Eu a vi lutar pela própria vida, para estar com a filha, durante todo esse tempo. Não é a primeira vez que precisamos vir ao hospital porque ela passou mal, ela *precisa* ficar bem por ela... *Por Natasha*.

Não percebi o tempo se passando, mas o toque de meu celular me tirou da inércia de meus pensamentos. Usei uma das mãos para pegá-lo no bolso, mesmo sem soltar Natasha. Era uma chamada de João.

— João — murmurei ao atender.

— *Ricardo, acabamos de chegar em casa* — ele avisou. — *Mabel pediu para avisar que*

ela ficará aqui hoje, para ajudar Dolores a se adaptar. As meninas e André também estão aqui, vamos mudar alguns móveis de lugar para que Dolores possa se locomover dentro de casa... Se você...

— Não posso ir aí agora. Estou no hospital com Natasha. Suzana passou mal.

Ele ficou em silêncio.

— Estou esperando notícias há quase uma hora, nem mesmo sabemos o que aconteceu ainda.

Natasha voltou a limpar o próprio rosto enquanto João voltava a falar.

— Precisam de algo? Como Natasha está?

— Natasha pegou a carteira do plano de saúde e os documentos antes de sair de casa. Acho que não precisaremos de nada agora.

Nat se desvencilhou de mim ao ver uma mulher vestida com um jaleco se aproximar da recepção, eu somente percebi isso ao seguir seu olhar.

— Preciso desligar — murmurei para João ao ver a mulher se aproximar. Natasha foi a primeira a levantar.

— Como mamãe está? — perguntou.

— Vocês são parentes de...

— Suzana Miranda Borges — concluí. — Como ela está?

— Ela ainda está fazendo alguns exames, mas, ao que tudo indica, estava sofrendo de insuficiência cardíaca. Precisamos sedá-la e...

— Eu posso vê-la? — Natasha a interrompeu.

A senhora à nossa frente meneou a cabeça.

— Infelizmente ainda não. — Ela olhou para a prancheta em suas mãos e se voltou para mim.

— Sr. Aaron? — Concordei com um aceno. — Pode me seguir, por favor?

— Eu vou com... — Natasha tentou dizer, mas eu a interrompi.

— Não se preocupe, Nat.

— Quero apenas fazer algumas perguntas, querida. — A médica tentou confortá-la. — Não se preocupe, precisamos tomar alguns cuidados especiais e o médico da sua mãe não está de plantão hoje.

Natasha voltou a me fitar com os olhos vermelhos, cheios de lágrimas.

— Estarei seguindo-a — avisei a médica, ela concordou e se voltou para o corredor.

— Não vou deixar você aqui por muito tempo — prometi ao abraçá-la. — Volto em um minuto, eu prometo.

O que havia nela agora era o mesmo desespero da garota de quatorze anos que fora atrás de Olavo pedir ajuda porque sua mãe estava no hospital. Naquela época ela estava sozinha, agora temia ficar sozinha novamente, mas eu nunca permitiria isso. Estaria com minha irmã, de um jeito ou de outro, *sempre*.

— Não me esconda nada — ela pediu quando acabei com o abraço. — Prometa que não o fará.

— Não vou esconder nada — murmurei antes de sair.

Diferente do que imaginei, a médica queria apenas perguntar sobre as complicações que já haviam se mostrado em relação à anemia de Suzana. Passei ao menos quinze minutos respondendo suas perguntas e fazendo minhas próprias. Percebi que o caso de Suzana estava mais complicado do que imaginei, aquilo me deixou ainda mais preocupado.

— Já fiz o pedido de um eletrocardiograma, vou aguardar os resultados e volto a falar com o senhor, tudo bem? — Ela fez uma pausa enquanto lia as informações que estavam em sua prancheta. — Preciso informá-lo sobre os riscos que a arritmia pode causar na dona Suzana agora. Quando se tem insuficiência cardíaca, o coração passa a bombear sangue com muita dificuldade. A arritmia pode tanto acelerar os batimentos cardíacos da paciente quanto desacelerá-los ou simplesmente oscilar entre esses dois estágios, nos dois últimos casos isso a coloca em sério risco de vida.

Eu não soube o que dizer após aquilo.

A próxima hora se passou vagarosamente. Natasha recusou quando pedi que jantasse e aceitou somente a água que lhe ofereci. Fui surpreendido pela chegada de Vitor, mas não falei nada ao vê-la correr até ele e abraçá-lo. Ela precisava dele agora e eu sabia disso.

Uma enfermeira veio nos avisar que Suzana já poderia receber uma visita rápida e deixei que Natasha fosse primeiro. Ela continuava aflita, precisava ver a mãe.

— Acha que ela vai ficar bem? — Vitor perguntou a mim após Natasha sair e ele sentar na cadeira ao meu lado, na sala de espera.

— Vamos torcer por isso — respondi.

— Estão aqui há muito tempo?

— Chegamos há quase duas horas.

— Nat me ligou há menos de uma hora — ele murmurou, como se explicasse sua demora.

Uma movimentação próxima ao elevador chamou minha atenção. Levantei rapidamente ao ver João, mamãe e Dolores se aproximarem.

— Como ela está? — João indagou, mas minha atenção estava em Dolores que usava muletas ao invés da cadeira de rodas. Ela acabou de sair do hospital depois da porra de um acidente. *Não pode ignorar as ordens do médico desta forma!*

— Onde está Natasha? — ela questionou em seguida. Nossos olhares se encontraram naquele momento e não me surpreendi ao ver que ela estava realmente preocupada.

— Ela teve insuficiência cardíaca. Foi sedada e há pouco liberaram-na para uma visita — respondi a João. — Natasha foi a primeira.

Mamãe se aproximou para cumprimentar Vitor e, em seguida, veio até mim.

— Ela ficará bem? — inquiriu em voz baixa.

— Eu espero que sim — fui sincero.

A voz de Robson me fez levantar os olhos para vê-lo se aproximar com a cadeira de rodas que Dolores deveria estar usando. Ela ergueu uma das muletas e a usou para manter a distância entre os dois.

— Já conversamos sobre isso — ela disse para ele.

— Princesa, o médico...

— Estou bem, eu já disse. Se o farei se sentir melhor, vou sentar em uma das cadeiras da recepção, mas apenas isso.

Balancei a cabeça. *Sempre tão autossuficiente e teimosa*. Quem olhasse jamais diria que sofreu um acidente de carro há pouco tempo, pois até mesmo o curativo enorme que estava em sua testa fora trocado por um bem menor e seus cabelos longos e negros cobriam parte dele.

— Não adianta, Rob — João avisou-o.

Vitor passou por mim rapidamente para ir na direção no corredor. Naquele momento vi Natasha voltar. Seu desespero pareceu ter voltado com tudo.

Porra! Eu me sentia tão impotente ao vê-la desta forma. Odiava não ter o controle do que acontecia. Permaneci de pé, enquanto Vitor a abraçava e sussurrava algo para ela. Não entendi o que acontecia, mas, por um momento, temi pelo pior, pois Natasha parecia desolada, muito mais do que quando chegamos.

— Natasha — Dolores murmurou ao vê-la, Nat abriu os olhos ao ouvir aquela voz.

— Lola... — Vi seus lábios se moverem para dizer aquilo e, em segundos, ela se desvencilhou de Vitor e se aproximou de onde Dolores estava para abraçá-la.

Expirei fortemente ao vê-la consolar minha irmã, murmurando palavras simples para ela. As duas se entendiam tão bem que pareciam se conhecer há anos.

— Ela pediu para ver você. — Ouvi Natasha sussurrar. — E Aaron.

Engoli em seco. Senti um alívio temporário por saber que Suzana estava viva. Troquei um olhar com Dolores e ela concordou silenciosamente em ir.

— Não se preocupe. — Dolores murmurou para ela. — Estaremos aqui para você, sempre.

Após Dolores deixar Natasha com mamãe, nós seguimos devagar e em silêncio pelo

corredor. Uma enfermeira nos aguardava à frente do quarto. Vestimos a bata e a máscara, a enfermeira ajudou Dolores e depois nos guiou por entre os biombos que dividiam os leitos dos pacientes.

— Obrigado — agradeci à enfermeira quando ela nos deixou à frente de Suzana.

— Suzana... — Dolores murmurou ao se aproximar, eu fiz o mesmo. A mulher sobre o leito abriu os olhos castanhos lentamente, estavam opacos, inexpressivos. Ela parecia cansada de todas as formas que alguém poderia ficar. Ao vê-la sorrir fracamente, eu senti minha garganta se apertar. Apenas naquele momento entendi o porquê de ela ter nos chamado ali.

— Querida, estou muito... Muito feliz em vê-la... — ela fez uma pausa, como se dizer aquelas palavras fosse difícil e doloroso demais — bem.

— Você não pode se esforçar muito, Suzana — Dolores disse, percebi sua voz tremer levemente e tive certeza de que ela lutava contra as lágrimas. — Precisa ficar bem... Você...

— Estou bem, querida... — murmurou. — Pude ver minha filha crescer, vê-la se tornar uma mulher linda e inteligente... Sei que ela ficará em boas mãos, que vocês cuidarão dela... Vocês cuidarão, não é?

Assenti solenemente e Dolores fez o mesmo.

— Sempre — Dolores e eu murmuramos ao mesmo tempo.

— Obrigada. — As duas entrelaçaram as mãos e ela estendeu a outra mão para que eu a pegasse. Não hesitei em fazê-lo. — Obrigada, por não tê-la deixado antes e por estar com ela agora — ela disse para mim.

Apertei sua mão a minha, mesmo que a sua estivesse extremamente gelada.

— Sabe que não precisa agradecer — murmurei ao olhar para nossas mãos.

— Suzana, você precisa... — Dolores tentou dizer, mas Suzana a interrompeu.

— Não, querida... — ela falava de forma tão suave, tão calma. — Só tenho uma última missão aqui.

Juntei as sobrancelhas sem entender. Ela soltou minha mão e pediu que eu esperasse Dolores fora do quarto, que também me fitou sem entender.

— Por favor... — sussurrou, por fim. Decidi ceder.

Fiquei à frente da porta do quarto, esperando. Não tenho ideia de quantos minutos eu esperei, mas tive tempo suficiente para retirar a bata e a máscara e entregar à enfermeira novamente.

Repassei em pensamento as palavras de Suzana, o seu pedido. A minha promessa — um compromisso silencioso que eu cumpriria até o último dia de minha vida.

Voltei-me para a porta novamente ao ouvi-la ser aberta e fechada. Dolores retirou a máscara de seu rosto e pude ver que algo dentro dela havia se rompido. Seus olhos estavam tão vermelhos por segurar as lágrimas por tanto tempo, que quando ela começou a chorar à minha frente, eu não soube o que fazer por um momento. Então lembrei que sua semana foi repleta de perdas imensuráveis, por mais que tentasse não desabar e odiasse chorar na frente de outras pessoas, pela primeira vez, ela não se importou de fazê-lo na minha frente.

Sem dizer uma só palavra, eu me aproximei e a abracei com força. Ela não retribuiu, mas desta vez não tentou me afastar. Eu já sabia que a melhor forma de consolá-la era usar o silêncio e, por isso, não disse uma palavra.

Ao ouvi-la soluçar baixinho, eu lembrei do que nós dois perdemos naquele acidente. A dor daquela perda voltou com força total, foi excruciante, aterradora, conseguiu me fazer

derramar lágrimas que eu fingi não ter por anos. Quando ela retribuiu o abraço, eu soube que também havia lembrado, mas, como eu, não quis dizer nada sobre isso.

Horas depois, Natasha continuava com a mãe, eu estava preocupado demais com quanto tempo as duas teriam após a médica me informar sobre a arritmia e a esperei à frente do quarto por horas. Queria poder dizer que Suzana havia ficado melhor, que conseguiu vencer a luta por mais alguns dias de vida — ao ver o sofrimento de Natasha quando ela abriu a porta do quarto da UTI, eu percebi que daria qualquer coisa para que isso tivesse acontecido —, mas não aconteceu.

Aquele foi o Natal mais difícil que já enfrentamos.

Há uma infinidade de coisas na vida que julgamos desnecessárias em algum momento, há um número infindável de situações em que subestimamos o valor de uma pessoa e outras incontáveis circunstâncias em que, um momento depois de uma atitude, desejamos voltar no tempo e fazer algo diferente. Na maior parte das vezes, isso leva ao arrependimento. Mas quando você decide aprender algo com todas essas conjunturas, você percebe a necessidade de julgamento em determinadas situações e isso te mostra que, diferente do que você imaginou antes, a importância que aquela “coisa” teve em sua vida sempre foi inconcebível a você e aquele foi um aprendizado necessário. Você, querendo ou não, é propenso a somente descobrir o valor e importância de uma pessoa em sua vida, quando a perde, não necessariamente para se arrepender. E se você, por acaso, já sentiu que deveria ter feito algo diferente do que fez, esse deveria ser um estágio simples, que te fizesse ver que nunca esteve decidido em relação a nenhuma das atitudes a ser tomada, porque quando se toma uma decisão de verdade, você se prepara para as consequências, não para o arrependimento.

A vida é feita de estágios, feita de decisões, mas, acima de tudo, de aprendizado. Não vejo outro motivo para estarmos aqui se não para aprender. Talvez, sim, o arrependimento seja uma forma de aprendizado, mas, talvez, também, você não precise se arrepender de tudo o que fez para aprender.

Ouvi em algum lugar que você deve aceitar todas as pessoas que passam pela sua vida, como professores, mestres — acho que em um filme[3] que Natasha me obrigou a assistir com ela. Eu aceitei Suzana como tal. Ela não se arrependeu do que teve com Olavo, ou de qualquer atitude que tenha tido depois disso, porque aquela decisão lhe deu Natasha. Talvez nem sempre os meios justifiquem os fins, mas são necessários para que cheguemos a eles. Suzana chegou ao seu fim, não fomos amigos, mas ouso dizer que com mais aprendizados do que arrependimentos.

Era quase oito horas da noite de terça-feira quando estacionei o carro do outro lado da casa de João e Dolores, porque já havia um carro estacionado à frente.

Natasha finalmente aceitou o pedido de Dolores de ir passar um dia com ela em sua casa. Ela estava inconsolável e não saíra do próprio quarto por dias, conversava apenas comigo e com Vitor — e, às vezes, com Dolores por telefone. Não conseguia aceitar a morte da mãe.

Saí da empresa há pouco e informei ao novo segurança de Natasha que eu mesmo a buscaria.

Vi o portão da casa ser aberto e Arthur sair dele com o sobrinho — Gabriel, que, segundo João, passava os dias com Dolores. Eu estava prestes a sair do carro quando vi André sair

logo após Arthur. Os dois conversavam. Aquilo me fez franzir o cenho. *De onde os dois se conhecem?*, questionei-me.

Quando ele saiu com o carro e deixou André na calçada da casa, eu decidi sair. Peguei meu celular e atravessei a rua.

— E aí, cara? — André me cumprimentou rapidamente e fiz o mesmo, percebi que estava desconfortável com minha presença.

— O que faz aqui? — indaguei, ao fitar o carro de Arthur até que virasse na esquina.

— Vim aqui com Elise, mas ela foi embora há alguns minutos — ele respondeu enquanto verificava o seu próprio relógio. Estava ávido por ir embora. Aquilo me fez apertar os olhos em sua direção. — Preciso ir, meu turno começa em menos de uma hora no barzinho.

Não falei nada ao vê-lo sair, mas fiz uma nota mental para mencionar sua conversa com Arthur da próxima vez que nos víssemos.

Aproveitei que o portão da casa ficou aberto e entrei, fechando-o em seguida.

Reconheci João próximo à escrivaninha na frente da janela da sala, ele parecia conversar com Robson, que estava à sua frente, próximo ao sofá.

— Rob, ela teve os próprios motivos — João dizia. — Dolores não se sentia preparada para ser mãe, uma criança tem que ser recebida de braços abertos quando vem ao mundo e ela tanto não queria quanto não podia fazer aquilo.

Aquelas palavras me fizeram parar no caminho até a porta de entrada.

— Não tente justificá-la, João. Era uma criança que não tinha culpa do que aconteceu entre os pais.

— Você não entende? — João inquiriu ao se levantar, parecia bravo. — Isso não tem a ver com Ricardo, Rob, isso tem a ver com ela. Não seria você ou Ricardo a carregar uma criança por nove meses, seria ela, com todos os medos e inseguranças. Já é difícil o bastante para uma mulher quando ela se prepara para ter um filho, quando ela quer ser mãe, e Dolores não queria nada disso. Ela é responsável demais para...

— Você não vai conseguir me convencer — Robson o interrompeu. — Clarisse não me deu direito à escolha quando era o meu filho, ela decidiu que não queria uma criança porque isso atrapalharia sua vida e se livrou do que achava ser empecilho antes que eu sequer percebesse. Tem ideia do quanto aquela decisão foi egoísta? Era o meu filho, porra, e agora era o filho daquele cara! Dolores não tinha o direito de decidir nada sozinha.

Juntei as sobrancelhas enquanto tentava entender aquela conversa, sem perder qualquer detalhe do que os dois falavam.

— Você estava com ela, sabe que ela não decidiu nada — João tentou visivelmente se acalmar e continuou a falar baixo. — Ela estava com medo e pensou em acabar com a gravidez antes de haver realmente uma criança, mas ela não fez isso! Não a culpe pela forma que as coisas aconteceram.

Interrompi minha própria respiração ao ouvir aquilo.

— Eu não culpo, porra! Ela é que está se culpando até agora e não eu! Só estou dizendo que não posso concordar que ela estava certa ou dizer que ela não deve se culpar. Ela sabe que aquilo não deveria sequer ter passado pela cabeça dela e por isso está se culpando. Não posso fazer nada em relação a isso.

Segui para a porta da casa e a abri rapidamente. Os dois estavam em completo silêncio quando entrei na sala.

Minha atenção se deteve unicamente em João. É claro que ele percebeu que eu havia

ouvido, mas não ousou dizer nada, então o fiz.

— Ela ia tirar o meu filho? — Minha voz não falhou ou soou baixa demais ao dizer aquilo, pelo contrário, ela soou tão imperativa e autoritária quanto eu me senti ao compreender tudo. — Responde, João! — Desta vez eu gritei. — Dolores queria tirar o meu filho, porra?!

— Pare de gritar. — Seu tom de voz se igualou ao meu. — Se controle ou vai acabar dizendo coisas das quais vai se arrepender depois.

Respirei fundo uma vez e cerrei os punhos com força, como se pudesse me impedir de fazer uma besteira apenas com essa atitude.

— Me responda.

— Ela teve motivos para cogitar essa hipótese — ele disse e percebi quando Robson saiu da sala, mas não me importei com isso.

— Ela teve motivos?! — indaguei de forma retórica. — Que motivos ela teve para justificar isso?! Que infernos fizeram ela pensar em tirar o meu filho?!

Ele ficou em silêncio, mas sua expressão havia se fechado completamente. Imaginei que a minha estivesse da mesma forma, só que eu sentia muito mais raiva, não conseguia pensar com clareza.

— Não existe um motivo plausível — eu respondi minha própria pergunta. — Era uma criança, João. Ela queria tirar a vida de uma criança! Tem ideia do que é isso? E eu sequer tive a chance de tentar persuadi-la a não fazer isso!

— Queria que ela fosse correndo para te contar depois que descobriu? — João questionou. — E fosse humilhada de novo com acusações suas sobre ela ter armado tudo para dar o golpe da barriga?

— Eu tinha o direito de saber. — Foi tudo o que eu disse enquanto meneava a cabeça, perdido.

— Queria que ela tivesse decidido ter a criança sozinha? — ele continuou, como se eu nunca tivesse dito nada. — Não é tão fácil assim, Ricardo! Ter um filho é uma responsabilidade muito grande que algumas mulheres não conseguem entender! Ela tinha medo de não fazer as coisas do jeito certo, tinha medo de ser responsável pelo sofrimento de uma criança, tinha medo de não ser capaz de fazer aquilo como a mãe dela não foi! Ela não me contou sobre estar grávida, só descobri após o acidente — ele disse ao se aproximar. — Mas eu não me intrometeria em qualquer decisão que ela tomasse, eu a apoiaria porque a conheço. Sei o quanto foi difícil para ela crescer sem a mãe presente e sem o pai. Não pense que ter uma criança, ainda mais sozinha, é uma decisão fácil. Ela teria que trabalhar e lutar pelos dois. Muitas mulheres conseguem decidir por isso, mas foi o medo dela de falhar com uma criança que a levou a pensar nisso. Ela não decidiu nada, só...

— Só cogitou qual seria a opção mais fácil — murmurei e fechei os olhos, me arrependi logo depois.

Tentei me controlar, tanto sobre o que diria quanto sobre o que faria, mas minha mente não conseguia registrar nada além do que Lola havia cogitado fazer.

— Não vou discutir com você sobre isso — ele disse, aparentemente decepcionado. — Dolores é uma mulher adulta. Robson, você, eu, ninguém poderia decidir por ela que decisões tomar quando isso somente afetaria a vida dela.

Franzi o cenho ao ouvir aquilo. Não pude me impedir de dizer:

— Era o *meu* filho! Como isso não afetaria minha vida?!

— O filho era seu, mas há algumas semanas você também cogitaria a hipótese de ser de

Olavo ou de Rodrigo. É muito fácil para você aparecer agora e dizer que ela pensou de forma egoísta, mas você não estava lá com ela... Ricardo, você, melhor do que ninguém, sabe como essa criança se sentiria sendo renegada pelo pai e negligenciada pela família dele. Sua mãe sofre e se culpa por isso até hoje, ela está aprendendo a ser forte em relação a isso, mas nenhum de nós pode dizer que Dolores também aprenderia. Não a julgue. Você não sabe como ela se sentiu ao receber essa notícia, não sabe o que passou pela cabeça dela...

Suas últimas palavras me deixaram em silêncio.

— Aaron. — Ouvi a voz de Natasha atrás de mim, mas não me voltei para ela. João, no entanto, o fez.

— Filha, não... — suas palavras me fizeram girar sobre meu próprio eixo para ver Dolores. Desta vez, ela estava usando a cadeira de rodas e Natasha estava atrás dela. Fitei-a em silêncio e ela fez o mesmo, por muito tempo. Era óbvio o sofrimento que ela tentava esconder, mas, nem mesmo isso, me fez dizer algo ou me mostrar menos impassível.

— Não preciso que me culpe pelo que aconteceu naquele acidente — ela disse, com a voz embargada. — Estou me saindo bem em fazer isso sozinha.

Natasha se afastou quando Dolores moveu a cadeira para voltar ao corredor.

Minha mente foi bombardeada com uma série de pensamentos, foi difícil pensar em qualquer coisa para dizer ou ter qualquer atitude. Eu só via Dolores ir embora novamente e daquela vez eu tive certeza de que seria para sempre.

Ignorei o aviso de João e me desvencilhei dele, quando ele tentou me impedir, antes de seguir para o corredor. Natasha não tentou me conter.

Usei um dos braços para evitar que Dolores fechasse a porta do quarto do avô — em que ela estava por ser o único com porta larga o suficiente para ela se locomover com a cadeira.

— Lola — murmurei seu nome, quando tentei abrir a porta e percebi que ela estava encostada a ela. Isso não permitiu que eu entrasse no quarto.

— Você precisa que eu te diga para ir embora quantas vezes para começar a me ouvir? — ela perguntou e imediatamente eu percebi que chorava.

— Pode repetir quantas vezes quiser, sabe que não vou sair daqui — respondi ao encostar minha testa à porta. — Me deixa entrar, nós precisamos conversar.

— Vovô já disse tudo o que eu diria Aaron. Você já deixou claro o que pensa.

— Há coisas que somente você pode me dizer — murmurei, lembrando-a de nossa primeira discussão. Ela ficou em silêncio e decidi respeitar aquilo, mas não saí de onde estava. Apenas aguardei enquanto tentava digerir tudo o que João me disse há alguns minutos e não somente o fato de Dolores ter cogitado a hipótese de tirar nosso filho. Daquela vez eu tentei entender seus motivos, de verdade, por mais que não achasse que conseguiria lidar com a atitude que eles acarretariam.

Porra! Eu lembrava exatamente de como ela ficou ao ver aquelas fotos dos pais. Tive uma ideia de como ela se sentia em relação a eles e também já havia conversado com João sobre Elaine antes. E foi nisso que tentei pensar ao imaginar como ela ficou ao descobrir que estava grávida.

— Me conte — pedi.

O seu silêncio não foi suficiente para me dissuadir.

— Descobri há poucos dias — ela disse após uma longa pausa. — Depois de pedir demissão, eu passei mal e Rob me levou ao hospital. Quando acordei lá e mamãe me contou, eu não acreditei. Eu sabia que não tinha esquecido de tomar a pílula em nenhum dos dias em que estava em Porto Alegre, não podia estar grávida. O médico disse que, por mais que quase

inexistentes, as chances da pílula falhar existiam. — Ela fez uma pausa que me fez cerrar os olhos com força. — Eu não podia ter um filho ainda, não estava preparada para isso, não fazia ideia de como cuidar de uma criança, não tinha nem um emprego. Mamãe e Rob tentaram me acalmar, tentaram me fazer acreditar que eu não estava sozinha, mas não adiantou... E-eu percebi que havia acontecido o mesmo que aconteceu com mamãe, eu teria um filho e estava convencida de que não saberia lidar com ele, ele sofreria por isso e também se perguntaria por que não tinha um pai ou por que sua mãe estava sempre tão ocupada e a culpa seria toda minha e eu... Eu estava em pânico, coloquei na cabeça que não poderia ter um filho ainda e nem sabia se um dia estaria preparada para isso. Então eu...

— Dolores... — tentei.

— Rob e eu discutimos muito e ele acabou me deixando sozinha em uma noite. Foi quando Eloísa veio falar comigo, foi ela quem me mostrou que eu não estava sendo racional, que eu só estava com medo de não ser capaz de fazer aquilo porque minha mãe não foi. Ela me fez ver que poderia aprender, como ela aprendeu, ela foi tão paciente, disse que estaria comigo, que aquele medo inicial era normal quando não se esperava por aquela notícia e que logo passaria — ela interrompeu e pude perceber que soluçava e tentava controlar o choro. — Então eu me acalmei, e quando me convenci de que poderia ter aquele filho... eu o perdi — ela concluiu em um sussurro.

— Me deixe entrar — pedi.

— Não... Eu quero ficar sozinha.

— Lola, eu... Eu... — Por mais que eu tentasse encontrar as palavras certas para dizer, não as encontrava e a dor que sua confissão inundou em mim conseguiu me deixar ainda mais perdido, desolado. A culpa me consumia.

Cerrei o maxilar ao lembrar do que Robson me disse no hospital. Eu não admiti, mas me senti melhor ao ouvir alguém contrariar o que eu acreditava, ao ouvir alguém dizer que eu

não era o culpado por aquele acidente, pela perda do bebê. Achei que talvez isso a ajudasse de alguma forma.

— Você não teve culpa pelo acidente — murmurei. — Não deve se culpar por nada.

Tive esperanças de que ela dissesse algo, mas não fez. Ainda ficamos daquela forma por algum tempo até que eu me convencesse de que ela realmente não me deixaria entrar. Me afastei da porta e Dolores a fechou em seguida.

Inspirei profundamente. Demorei a tomar a atitude de sair dali, achei que talvez ela pudesse mudar de ideia e me deixar entrar, mas não fez.

Seis

"Eu nunca consegui saber diferenciar
Não querer com não mais sentir
Não merecer com não mais amar"
Alguém que te faz sorrir – Fresno

Quando coloquei a escuta abaixo da mesa de Lilian e a microcâmera entre as flores de um vaso — que fica à frente da mesa dela — eu possuía apenas uma desconfiança em relação a ela. Imaginei que ela seria apenas mais uma mulher interesseira como Fernanda, mas não. Havia mais além daquilo.

Um telefonema simples foi suficiente para eu perceber todo o plano que envolveu sua colocação ali. Não me surpreendi, até mesmo esperava algo do tipo, mas não exatamente daquela forma. *Oséias* havia colocado Lilian ao meu lado na empresa para me seduzir. Chegar a novas conclusões após aquela descoberta não foi difícil. Ele queria um respaldo de que eu faria exatamente o que ele queria. Balancei a cabeça enquanto estacionava o carro.

Pena que o plano não deu certo.

Mesmo estando longe da casa de Roberto, eu a analisei. As luzes, tanto do primeiro quanto do segundo andar, estavam acesas. Hoje é quarta-feira, não é possível que ele ainda não tenha voltado de viagem.

Ao sair do carro eu acionei o alarme e guardei meu celular no bolso. A rua estreita estava menos movimentada que da última vez que eu vim aqui, na verdade só havia um casal seguindo na direção contrária a qual eu estava.

Mesmo sem uma confirmação de que Roberto estivesse em casa, ou que ele tivesse realmente ajudado Olavo, eu me senti furioso apenas com a possibilidade dele tê-lo feito e estar ali. Eu estava ciente de que, por mais que ele o tenha ajudado, era minha a culpa de as coisas estarem da forma que estavam entre mim e Dolores, mas não consegui sobrepor esta certeza à raiva que me dizia que se Roberto não tivesse ajudado Olavo em tudo aquilo, nada nunca teria mudado.

Toquei a campainha após entrar na área cercada da casa. Meus punhos estavam cerrados enquanto eu aguardava e pedi, a qualquer entidade que naquele momento pudesse me ouvir, que não me deixasse perder o controle da situação... *Ou da minha própria fúria.*

A porta se abriu e a expressão assustada de Roberto antes de tentar fechar a porta foi um ponto certeiro contra ele.

— Se não me deixar entrar, eu juro que será muito pior — avisei enquanto segurava a porta que ele tentava fechar.

— O que você quer? — ouvi-o indagar após uma pausa, sua voz tremeu no início da pergunta. Outro ponto contra ele.

— Vamos conversar. Você tem algumas coisas para me contar, não acha? — meu tom

soou glacial.

Ele forçou a porta contra meu ombro e a empurrei com força quando seu impulso teve fim, a porta se abriu com um baque.

— Se não for embora, eu vou chamar a polícia — ameaçou.

Sorri, sarcástico e entrei na casa.

— Faça isso e me poupará de um telefonema insípido — murmurei agora sério demais para dar-lhe chance de me fazer regredir. Avaliei-o em silêncio, nem se quisesse muito ele conseguiria me convencer de que não teve nada a ver com as armações de Olavo. — Você não vai se livrar de um bom processo se não me contar exatamente como encontrou Olavo e Rodrigo. *Agora.*

— Por que você me processaria?

Revirei os olhos ao vê-lo entrar no corredor até chegar à sala. Eu o segui.

— Já esqueceu que tentou me incriminar por aquela tentativa de homicídio? Ou que ajudou Rodrigo a sequestrar Dolores? Duvido que você seja ingênuo o suficiente para acreditar que Rodrigo te tiraria da reta caso a polícia tentasse te prender.

— Você não tem provas de nada.

— Acredita mesmo nisso? — testei.

Seus olhos vaguearam pela sala, como se procurassem algo, mas ao ouvir meu suspiro de cansaço, ele voltou a me fitar.

— Me conte — mandei ao sentar sobre seu sofá, ele continuou de pé. — Eu só quero entender.

— Eu não tive saída! E Rodrigo é um idiota! Nunca pensa antes de agir, você saberia como se safar! Além do mais, Dolores já sabia que eu estava envolvido com Rodrigo! Ela é esperta... Tenho certeza de que...

— Não quero saber das suas desculpas. — Me ouvi dizer. — Só me diga o que fez para ajudar Olavo na porra daquele testamento.

— Cacete!

— Como encontrou ele?

Ele titubeou por alguns segundos e parou de dar voltas na sala, por fim, sentou sobre uma poltrona da pequena sala.

— Foi ele que me encontrou — contou. — Foi ele que conseguiu a vaga na revista para mim, ok? Foi ele que me mandou te vigiar e descobrir algum ponto fraco na sua vida... Olavo era louco! Um maldito filho da puta! Não entendi por que ele queria fazer algo contra o próprio filho, eu...

— Me poupe das suas indagações... Como chegaram até Dolores?!

Ele hesitou. Aquilo me fez encará-lo.

— Eu tentei me desculpar com ela — começou novamente.

— Foda-se, também não me importa. Você foi um dos responsáveis por aquilo e não quero saber de droga de desculpas, só me diga como infernos conseguiram armar tudo. — Minha respiração já estava muito pesada ao concluir aquilo. Abri e fechei os punhos algumas vezes para fazer o sangue voltar a circular, mas não acho que tenha surtido muito efeito.

— Eu não sei o que Olavo armou, ele só foi me pedindo para conseguir informações sobre vocês e depois somente sobre Dolores. Pelo que entendi também havia um detetive

investigando coisas sobre a vida dela. Eu tentei fazê-lo desistir, mas aquele filho da puta estava completamente louco!

— E te pagou muito bem para fazer parte daquela loucura, então não faz diferença alguma.

— Eu precisava do dinheiro, porra! Minha mãe estava doente! Câncer, já ouviu falar? Já tentou ajuda em um hospital público para isso? — Apertei os lábios ao ouvir aquilo, mas minha feição se manteve fechada. — Eu não matei ninguém! Não fiz nada ilegal! Não tenho culpa de ter confundido o Rodrigo com você! Não tenho culpa de ele ter me oferecido dinheiro apenas para saber sobre sua vida e não tenho culpa se o filho da puta do seu pai me pagou para o mesmo. — Ele levantou. — Se você tem a porra de uma família fodida, a culpa não é minha. — A última afirmação me fez avançar sobre ele e socá-lo. Apertei os olhos em sua direção ao vê-lo levantar do sofá, no qual havia caído após o impacto do soco.

— Não tente se justificar dessa forma. — Meu tom foi de ameaça, mas não me importei. — Nenhum deles te obrigou a nada. Ter aceitado tudo sabendo que brincaria com a vida de outras pessoas, te faz tão canalha quanto eles.

Ele não revidou ou tentou dizer algo mais, apenas engoliu em seco enquanto eu o encarava. A raiva ainda inflava meu peito, mas consegui manter um pouco de autocontrole.

— Como você descobriu coisas sobre ela? — inquiri.

Ele meneou a cabeça por um momento, mas respondeu:

— O RH tinha muitas informações, mas o detetive de Olavo descobriu tudo o que ele precisava... Só precisei dar o nome dela para ele. — Ele fez uma pausa. — Eu tentei avisá-la antes de ir embora, mas ela não me ouviu!

— E a tatuagem?

Ele franziu o cenho, confuso, e tentou perceptivelmente se lembrar disso. Até que o entendimento brilhou em seus olhos.

— Eu vi no dia em que fomos àquele barzinho para jogar sinuca. Dava para ver parte dos seios dela sempre que ela se curvava sobre a mesa para jogar e a tatuagem ficou à mostra em todas aquelas vezes.

Ergui o punho cerrado novamente, mas me controlei a tempo. Ele não se moveu. Fechei os olhos por um segundo e me afastei. Eu já sabia que tudo deveria fazer parte de uma armação, mas o remorso em mim foi muito maior porque meu maldito erro ficou ainda mais claro para mim naquele momento.

— O que ele fez? — ele murmurou a pergunta.

Mesmo que minha mente estivesse no passado, exatamente há dois meses quando eu acusei Dolores por tudo aquilo, eu consegui responder:

— Fez com que ela parecesse uma vadia. — Engoli em seco após dizer a última palavra. — E eu duvidei dela.

— Eu não sabia. Percebi que ele faria algo ruim, tentei avisá-la de alguma forma, sem me envolver, mas agora vejo que não adiantou nada.

Permaneci em silêncio enquanto a voz em minha mente negou que tivesse feito tudo aquilo, as lágrimas que ela derramou naquela manhã doeram muito mais em mim agora do que antes. Antes eu não sabia em quê acreditar, agora eu tinha certeza de que ficar em cima do muro, sem decidir, fora a pior escolha que eu poderia ter feito. Mas remoer aquelas lembranças não serviria de nada.

Balancei a cabeça para espantar aqueles pensamentos.

— Eu sinto muito — ele continuou. — Posso explicar a ela, Dolores precisa descobrir

que...

— Não precisa. Isso não mudará nada para ela. — Segui para a porta, quando percebi que nada mais ali me interessava. — Espero que o dinheiro ao menos tenha ajudado a sua mãe.

— Ajudou muito. — O ouvi dizer antes de sair.

Inspirei profundamente o ar frio e ignorei o fato de estar chovendo. Andei até meu carro e, em seguida, saí dali.

Ao chegar a casa extremamente silenciosa e, para mim, grande demais para apenas duas pessoas, um choque de realidade me fez parar no último degrau da escada. Voltei-me para a sala, no andar de baixo, e, ao tentar distinguir os móveis na penumbra em que o cômodo se encontrava, eu lembrei do salto que a minha vida — e de todas as pessoas importantes para mim — havia dado. Eram muitas mudanças, muita dor e ressentimento, muito sofrimento, coisas com as quais ninguém estava sabendo lidar. Ao menos não sem ruir uma vez ou outra.

Expirei fortemente e segui pelo corredor à procura do meu quarto. Era pouco mais de dez da noite e, ao passar pelo quarto de Natasha, eu decidi verificar se ela já estava dormindo.

Os últimos dias foram difíceis para ela e diversas vezes me peguei pensando em uma maneira de acabar com a dor que ela sentia, mas, em todas elas, percebi que nunca seria capaz de fazê-lo. Talvez atenuá-la fosse possível, mas a dor de perder uma mãe jamais poderia ser extinta do peito de um filho. Me senti impotente, sem qualquer habilidade ou ideia do que fazer além de abraçá-la e dizer que tudo passaria, que, apesar de não ser o mesmo que ter sua mãe, ela me teria por perto e — querendo ou não — eu continuaria a

cuidar dela.

Abri a porta lentamente e acendi as luzes do quarto. Natasha se moveu na cama e me fitou, estava abraçada a um travesseiro e, mesmo à distância, pude ver que seus olhos estavam inchados, o azul deles já não possuía o brilho habitual de felicidade e otimismo.

— Achei que já estivesse dormindo — murmurei ao entrar no quarto e fechar a porta.

— Estou sem sono — ela murmurou. — Onde você estava?

Sentei-me à lateral da cama, ao seu lado, e usei uma das mãos para arrumar seus cabelos.

— Fui resolver um assunto pendente... Como você está?

— Bem. — Sua voz tremeu quando um trovão ribombou pelo quarto. A chuva lá fora estava mais forte agora. — Fique aqui — ela pediu. — Não quero ficar sozinha.

Sorri ao ouvir aquilo e beijei sua testa suavemente.

— Eu não vou a lugar algum — prometi. Ela concordou com um aceno e esticou sua mão direita para que eu a entrelaçasse a minha, e o fiz rapidamente.

No dia seguinte, bati três vezes na porta do quarto de Natasha antes que ela a abrisse. O vestido preto a fazia parecer ainda mais baixa e magra, mas, naquele momento, ela não pareceu se importar com isso.

— Você não precisa ir se não quiser — lembrei-a. — Eu fico com você, se preferir.

Natasha se afastou um pouco e limpou o próprio rosto antes que eu o fizesse.

— E-eu quero ir. É a missa dela, eu... — Ela inspirou profundamente e enxugou suas lágrimas novamente. — Eu tenho que ir.

Anuí com um aceno e ofereci um braço para que ela o pegasse.

Deixei meu carro na garagem da casa que estávamos morando agora e seguimos para a igreja no carro que eu havia comprado para Natasha — o motorista dela nos levava.

Nossas mãos se mantiveram entrelaçadas durante todo o caminho e, em seguida, durante toda a missa — Dolores ficou do lado oposto ao que eu estava e segurou a outra mão de Natasha.

Mamãe se aproximou ao final da missa para abraçar Natasha e tentar confortá-la. Talvez ela já tivesse percebido que sou péssimo nisso, péssimo com as palavras, péssimo com qualquer forma de lidar com a dor que não seja ignorando-a. Natasha é diferente de mim, muito diferente, e a única forma que vê de extravasar o que sente, sendo ruim ou bom, é desta forma, *sentindo*. Sentindo o extremo do que for bom e do que for ruim.

Percebi quando Dolores saiu — com a muleta — falando ao telefone. Não nos falamos há duas noites. Eu ainda sentia o ímpeto de tentar contornar essa situação sempre que a via, mas preferi lhe dar um tempo. João estava certo, ela precisa de tempo sozinha para se permitir sofrer pela morte dos seus amigos, de Suzana e pela perda do bebê. Ela ainda se sentia culpada pelo acidente, e, segundo mamãe, minha proximidade apenas piorava tudo. Sendo assim, eu preferi me afastar por ora.

João se aproximou de mim, assim como alguns conhecidos meus e amigos de Natasha — Vitor estava entre eles.

Conversamos por alguns minutos, até que Nat se aproximou e seus amigos tentaram consolá-la.

Era quase cinco da tarde quando Natasha entrou no carro com Vitor e mamãe, para voltarmos para casa. Esperei João do lado de fora e ele não demorou a descer as escadas da entrada da igreja.

— Dolores sumiu. — Foi a primeira coisa que ele me disse ao se aproximar. Fechei a porta do carro com um baque surdo e me voltei completamente para ele.

— O quê?!

Eu torcia para ter ouvido errado, mas, segundos depois, ele confirmou:

— Dolores sumiu. Procurei em todos os cantos da igreja e ao redor dela, mas ela não está em lugar nenhum.

Bastou apenas um segundo para que uma série de pensamentos atormentasse a minha mente. Em nenhum deles eu vi uma possibilidade não perigosa para aquele sumiço. Sem dizer uma palavra para João, eu me aproximei do motorista do carro, Jonas, e o instruí a levar Natasha para casa e não permitir que ela ou mamãe saíssem de lá. Pedi também que tomasse muito cuidado enquanto o fizesse.

— Há quanto tempo ela sumiu? — indaguei a João assim que o carro se afastou. Vi o desespero em seus olhos, por mais que ele tentasse esconder, foi possível vê-lo.

— Eu não sei, em um momento ela estava do meu lado e, no seguinte, não estava! Não faço ideia de para onde ela tenha ido — admitiu.

Bufei. Peguei meu celular para tentar ligar para ela, mas desisti no momento seguinte, ela havia bloqueado meu número.

— Já tentei ligar — João murmurou ao compreender o que eu faria. — Ela não me atende.

— Ela não foi para casa?

— Já liguei para Robson e ele me disse que ela não está lá. As amigas dela também não sabem para onde ela foi.

— Aconteceu algo hoje? — perguntei a ele. — Ou com a criança, filho dos amigos dela?

Ao vê-lo expirar, cansado, eu percebi que algo havia sim acontecido.

— Gabriel foi para Salvador com o tio. Arthur vai organizar as coisas referentes ao apartamento da irmã e as coisas do sobrinho para que ele possa vir morar aqui em Porto Alegre. — Ele fez uma pausa. — Lola teve uma discussão com Elaine hoje — contou. — Elaine foi embora em seguida.

Apertei os lábios ao ouvir aquilo. Não soube o que dizer, então optei pelo silêncio.

— Elas sempre discutem e isso, de um jeito ou de outro, sempre atinge Dolores. Dessa vez foi pior porque a discussão envolveu o pai de Dolores. Elas nunca tocam no nome de Carlos. — Concordei silenciosamente e imaginei que ela pudesse estar falando com Elaine ao telefone e tivesse ido se encontrar com a mãe em algum lugar... Ou tenha saído para ficar um pouco sozinha. Porra, eu queria me apegar em qualquer droga que me fizesse acreditar que ela ficaria bem.

Fechei os olhos por um segundo, tentava pensar claramente e, ao mesmo tempo, expulsar os maus pensamentos.

GPS, lembrei.

Peguei meu celular no bolso novamente e abri o aplicativo de rastreamento.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

— Vou rastrear o celular dela.

Enquanto o aplicativo ainda carregava, eu acenei para um táxi.

— Tente falar com Elaine — pedi quando o táxi parou à minha frente e eu desci os degraus da escada. — Se eu conseguir encontrá-la, te aviso. Me mantenha informado também.

Ele concordou com um aceno e retirou seu celular do bolso novamente, desta vez para tentar falar com Elaine.

Quando cheguei à praça da Encol, local que fora apontado pelo aplicativo, o sol se punha entre as nuvens carregadas no céu, pude ver vários prédios conhecidos do outro lado da praça, inclusive o Roosevelt, quando comecei a andar pela praça. Talvez fosse uma tentativa falha, mas, naquele momento, era o que eu tinha de mais certo sobre um lugar para Dolores estar.

As mães acompanhadas com crianças e suas famílias recolhiam as cestas de piquenique e os brinquedos. Algumas corriam atrás de seus filhos. Todos temiam ainda estar aqui quando a tempestade iminente caísse.

Expirei fortemente e parei no centro da praça, para avaliar os locais que já estavam desertos. Foi quando eu acreditei tê-la visto.

Um pouco de alívio me ajudou a sentir melhor ao constatar que, de fato, se tratava de Dolores. Ela estava sentada contra as raízes de uma árvore.

Deixando a pressa de lado, eu percorri o caminho até ela. Tentava não fazer nenhum ruído para que ela não tentasse fugir antes que eu estivesse perto o suficiente.

— Por que não me levou? — Ouvi-a indagar enquanto, com a mão livre, limpava o próprio rosto.

As lágrimas que eu sequer via, mas que agora tinha certeza de que ela derramava, já eram suficientes para oprimir dolorosamente algo em meu peito.

Dolores se voltou para mim um momento após desligar. Estaquei no lugar em que estava enquanto sustentava seu olhar. Eu não havia feito nenhum som que denunciasse minha chegada. Poderia ser presunção, ou até mesmo loucura da minha parte, mas foi como se ela *sentisse* minha presença antes mesmo que eu percebesse que me veria.

Expirei lentamente ao ver que não havia lágrimas em seus olhos, mas eles estavam vermelhos o suficiente para que eu soubesse que ela chorara. Ela desviou os olhos dos meus e voltou a me dar as costas. Demorei alguns segundos para decidir me aproximar, de fato.

Pude ver as muletas colocadas ao lado da árvore em que ela estava.

— Eu não quero mais discutir — ela murmurou quando eu estava perto o suficiente para ouvir.

Escondi as mãos nos bolsos ao parar atrás dela. Fiquei em silêncio por alguns momentos, segundos sepulcrais. Sentei-me ao seu lado na grama e, mesmo sem encará-la, eu disse:

— Eu também não.

Sem saber bem para onde olhar, eu fingi avaliar as árvores à nossa frente. Ainda não sabia

como convencê-la a sair dali, ou até mesmo, como me contar o que estava acontecendo.

O silêncio se tornou insuportável para mim, pendi para uma tentativa:

— O que houve?

Ela fingiu não ouvir minha pergunta. E questionou:

— Por que você não pode simplesmente aceitar o fato de que acabou?

Engoli em seco após a pergunta, por alguns instantes não soube como respondê-la.

— Acabou? — externei, devolvendo-lhe a pergunta que eu já não sabia como responder. Ela apenas desviou os olhos dos meus, sem coragem para confirmar aquilo. — Deixar você entrar na minha vida foi a melhor decisão que eu já tomei — murmurei. — Não posso desistir de você, Dolores.

Seu silêncio, por algum motivo, não me incomodou.

Uma rajada de vento forte perpassou por toda a praça.

— Não acha que já me perdeu?

— É difícil ter certeza sobre você quando não me deixa ver além da raiva que sente — admiti. — Me diga você, eu já te perdi?

Dolores inspirou profundamente e, mesmo sem fitá-la, pelo canto dos olhos pude vê-la levar uma das mãos ao rosto.

Vi as primeiras gotas finas de chuva caírem lentamente, como se a natureza estivesse ciente de que deveria regar aquelas árvores, como se quisesse nos expulsar dali.

— Suzana me disse que eu deveria enfrentar o passado — ela disse. Me surpreendi com a mudança de assunto e voltei a fitá-la. Nem em um milhão de anos eu esperaria que ela me dissesse isso. — Que só assim eu aprenderia a perdoar de verdade.

Juntei as sobrancelhas ao ouvir aquilo, me senti ainda mais confuso.

— Essa era a última missão dela? — perguntei.

— Eu não sei como ela sabia... — murmurou, sua voz diminuindo a cada palavra. — Acho que vovô contou algo para ela, mas não tenho certeza.

Resisti à vontade de me aproximar ainda mais para tentar consolá-la, sabia que se o fizesse ela se retrairia novamente.

— Segundo ela, eu não dou a ninguém o direito de me machucar duas vezes, porque o círculo vicioso com minha mãe é o único no qual eu me permito sofrer.

— Ela estava certa?

— Eu achei que não.

A árvore que estávamos usando como abrigo da pequena garoa já não era suficiente para sustentar o peso das gotas incessantes. Dolores não pareceu se importar.

— Eu te machuquei. — Finalmente percebi onde ela queria chegar. — Não pode me dar qualquer chance de fazê-lo de novo — concluí.

Ela ficou em silêncio. Encarei-a atentamente.

— Não vou te machucar — prometi. — Não seria capaz de fazer isso de novo.

Dolores permaneceu em silêncio.

Fechei os olhos por um momento e, ao abri-los, eu percebi que sua perna engessada também estava encharcando.

— Você tem que sair daqui — avisei. Como se a natureza concordasse, naquele momento a chuva fina aumentou de intensidade.

Peguei as muletas e entreguei a ela.

— Eu posso me levantar sozinha, não precisa...

Eu a interrompi.

— Não precisa começar com isso agora. — Meu tom neutro a fez apertar os olhos quando me aproximei.

— Eu já disse que... — Antes que ela pudesse concluir sua fala, eu a levantei em meus braços, com todo o cuidado que pude.

— Machucou? — perguntei ao vê-la fazer uma careta.

Ela apenas acenou, negando, mas, pela forma que franziu os lábios para impedir de emitir qualquer som, eu tive certeza de que algo havia doído.

— Já pode me colocar no chão — ela disse, quando pegou suas muletas próximas à árvore e eu comecei a andar para fora da praça. — Para onde está me levando? — perguntou quando atravessei a avenida à nossa frente.

— O Roosevelt é logo ali — lembrei-a.

— Não! Eu posso pegar um táxi e...

— Ninguém vai te deixar entrar em um táxi toda molhada assim, Dolores — avisei-a.

Estávamos completamente encharcados aquela altura e, ao perceber isso, ela ficou em silêncio.

Ignorei os olhares sobre mim ao entrar no prédio. Richard, o porteiro, foi o único a me cumprimentar ao me reconhecer, quando me viu seguindo para as escadas, ele me seguiu e me disse que eu poderia usar o elevador de serviço, se quisesse. Não hesitei em aceitar.

Sete

“Enfim
De tudo que há na terra
Não há nada em lugar nenhum
Que vá crescer sem você chegar
Longe de ti tudo parou
Ninguém sabe o que eu sofri”
Oceano – Djavan

Coloquei Dolores de pé no chão quando chegamos ao meu quarto. Ao olhar para ela, e ver sua pele completamente arrepiada e ela tremer levemente pelo frio, eu comecei a desabotoar sua blusa preta.

— Você precisa tomar um banho e trocar essa roupa molhada — avisei exasperado quando ela segurou as minhas mãos.

Levantei os olhos para fitar seu rosto, sua impassibilidade desoladora estava em ruínas, prestes a desabar, mas ela não se permitiria desabar novamente. Não na minha frente, pelo menos.

— Não me toque assim — pediu após engolir em seco.

Baixei meus olhos até nossas mãos. Ela ainda segurava meus pulsos e, antes que tentasse se afastar, eu entrelacei nossos dedos.

— Fale comigo. — Mesmo vendo um sorriso amargo se insinuar em seu rosto, eu não desisti. — Eu não aguento te ver assim.

Houve um momento de silêncio após minhas palavras, em seguida nós apenas nos encaramos. Perdidos na dissimulação do outro. Como se tentássemos descobrir quem conseguiria esconder seus sentimentos por mais tempo.

— Você não queria que terminasse, mas preferiu acreditar em Olavo.

Meus olhos continuaram nos seus, ela não os desviou, tampouco tentou aumentar a distância entre nós.

— Eu só não quis cometer o mesmo erro duas vezes — admiti. — Eu achava que queria acreditar em você mais do que realmente acreditava, porque não queria perder o que tínhamos. Mas as fotos e tudo naquele maldito envelope só me lembravam que eu poderia estar errado de novo sobre outra pessoa a qual eu havia me apegado.

Dolores acenou — como se se negasse a acreditar —, mas não se afastou ou tentou me repelir.

— Lola — sussurrei ao encostar minha testa a sua, para obrigá-la a voltar a me encarar, mas antes que eu dissesse qualquer outra coisa, ela murmurou:

— Roberto me ligou. Eu bloqueei o número dele, como fiz com o seu, mas ele me ligou através de outro número.

Precisei de segundos para digerir aquela informação. Tentei dizer algo, mas ela me interrompeu:

— Hoje eu fui encontrá-lo após a missa.

— Por que fez isso? Ele poderia...

— Poderia me explicar como infernos Olavo armou todo aquele circo — ela completou.

Ao ouvir aquilo, eu olhei para nossas mãos, que continuavam entrelaçadas.

— E ele explicou?

— Sim — respondeu ao puxar suas mãos das minhas. — E você só descobriu tudo ontem. Por que me procurou naquele maldito hospital? Por pena?!

Balancei a cabeça, incrédulo.

— Eu queria que as coisas entre nós se consertassem antes daquele acidente. João me contou que você havia pedido demissão, então decidi esperar que voltasse para Porto Alegre.

Lola mordeu os lábios suavemente e se afastou, ao pousar a perna engessada no chão eu precisei ajudá-la a se manter de pé. Ela xingou em voz baixa por causa da dor que o movimento abrupto lhe causou.

Dolores estava com os olhos cerrados e acreditei, por um momento, que era por causa da dor, mas quando pousou suas mãos sobre as minhas e tentou me afastar, eu percebi que não.

— Eu esperei um mês — redarguiu. — Um mês, Aaron. Depois de tudo você achou que

poderia simplesmente consertar as coisas? E tudo voltaria ao normal?

— Quando vi você naquele tribunal, eu só consegui pensar que eu ainda te queria com todas as minhas forças. Mesmo sem saber o que realmente havia acontecido, eu quis encontrar uma solução para tudo aquilo; para aquela distância e o que havia sido destruído entre nós.

Ela ficou em silêncio. Decidi prosseguir:

— Você estava com raiva, magoada e eu sei que sou o único responsável, eu só... Eu não queria desistir de você, Lola. — Usei o braço direito para envolver sua cintura para ajudar a firmá-la de pé. Com a mão livre eu limpei seu rosto suave e delicadamente. — Sei que ainda está magoada, que a culpa disso é toda minha, mas eu farei qualquer chance existente, por menor que seja, de você me perdoar, se tornar realidade. Não importa o tempo que leve.

— Aaron...

Eu a interrompi:

— Eu sei que você não vai esquecer nada do que aconteceu e eu não quero isso tanto quanto não quero que as coisas sejam como antes. Eu sei que não serão. Seu perdão e a chance de tentar de novo me bastam.

Ela não respondeu, não desviou os olhos dos meus e também não se moveu. Talvez ainda não fosse capaz de me dar uma resposta, especialmente para aquela pergunta.

Após quase um minuto, percebi que ela continuava com as roupas e cabelos molhados.

— Você precisa trocar essa roupa — lembrei-a. Isso a fez desviar os olhos dos meus e olhar para si mesma.

Eu a levantei em meus braços e a levei para a cama. Depois fui até a sala rapidamente,

pegar suas muletas.

— Vou avisar a João que estamos aqui — disse a ela antes de deixá-la sozinha no quarto novamente.

Tirei a gravata e o blazer que vestia e os deixei sobre o cabide da sala. Expirei com força quando me dei conta da conversa que acabamos de ter, uma mistura estranha de alívio e apreensão me inundava agora. Alívio por finalmente conseguirmos ter essa conversa, apreensão por saber que minhas chances com Lola diminuíam a cada impasse que chegávamos.

Peguei o celular e liguei para João. Eu queria apenas tranquilizá-lo sobre ter encontrado Lola e avisar que precisaríamos que o motorista viesse nos buscar, por isso, e pelo meu celular ter descarregado, não demoramos muito na linha.

Deixei o aparelho sobre a mesa de centro e voltei a me sentar no sofá.

O estrondo de um trovão ressoou pela sala e, segundos depois, me deixou ciente do silêncio insuportável que eu estava.

Minutos a fio ali foram necessários para que eu recapitulasse cada acontecimento que sucedeu aquele testamento. Não para me martirizar ou me culpar, mas para dissecar todo e qualquer aprendizado que toda aquela situação me ofereceu.

Mamãe costumava dizer que tudo, absolutamente tudo, na vida acontece por um motivo. Agora eu via verdade naquele pensamento. Eu precisei que toda essa porra acontecesse para aprender a confiar de verdade em Dolores. E somente agora conseguia assumir, sem receio, até mesmo para mim, que a quero de todas as formas possíveis. Em minha vida, ao meu lado.

Um aprendizado nunca havia me custado tão caro, concluí.

Olhei para meu relógio de pulso e levantei ao constatar que já havia se passado mais de

vinte minutos. Então segui para o corredor do meu quarto.

— Eu não sei, mamãe. Eu o culpo pelo fim tanto quanto me culpo pelas perdas, e eu só... — Parei à frente da porta entreaberta ao ouvir Lola dizer aquilo ao telefone. — O que nos uniu foi um desejo cego, mas já não temos nem mesmo isso. Eu não confio nele e ele não confia em mim.

Abri a porta lenta e completamente. Um ruído causado pelas dobradiças fez Dolores se voltar para mim. Ela estava sentada sobre a cama, com o celular ainda colado ao ouvido. Nos fitamos e nos segundos em que seus olhos estavam nos meus, eu pude jurar que algum tipo invisível, mas veemente de estática nos impediu de nos mover, de dizer qualquer coisa, e até de respirar. Eu não sabia se ela conseguia enxergar em mim mais do que o controle que eu tentei demonstrar até agora, mas seu cansaço se mostrou muito evidente neste momento. Logo percebi que não era o único ali a me sentir desarmado para uma nova discussão; a não saber como continuar o que quer que estivéssemos fazendo.

— Sim — murmurou ao telefone sem desviar o olhar do meu. — Eu não sei... Como descubro isso? — Ela fez uma pausa enquanto pegava as muletas para levantar. Entrei no quarto e fechei a porta. — Não, eu não contei isso. Mas... Mamãe, eu... Eu sei.

Fui até meu guarda-roupa pegar qualquer peça de roupa limpa que eu havia deixado ali, percebi quando Lola abandonou o celular sobre o criado-mudo, mas não me dei ao trabalho de olhar. Estava ocupado tentando me convencer de que ainda havia alguma esperança, mesmo que ela parecesse ser apenas criação do meu medo de perder Dolores.

Eu sabia que havia feito muita merda sim, mas também sabia que a essa altura não seria capaz de desistir dela. Mesmo depois de tudo o que acabei de ouvir.

— Eu não contaria a você sobre o bebê. — Parei o que quer que estivesse tentando fazer ao ouvi-la. — Quando eu decidi tê-lo, decidi também não te contar. Achei que você não acreditaria que era um filho seu e, a meu ver, eu já tinha agido muito mal com aquela criança,

que sequer nascera, para ainda permitir que você, além de me humilhar, também a renegasse. Meu filho seria apenas meu.

Demorei mais tempo que o necessário para digerir todas aquelas palavras. Respirei pesadamente antes de voltar a fitá-la. Considerei cada palavra dita por ela, recordei do que aconteceu antes de ela ir embora e o que se passou durante essas semanas.

João estava certo, concluí. Como ela poderia vir atrás de mim e me contar que estava grávida depois de todas as minhas malditas acusações? Eu fui um filho da puta e não posso julgá-la por tentar se proteger de mais dor.

— Acho que não posso culpá-la por isso — assumi.

Minha resposta a surpreendeu, mas a surpresa foi passageira.

— A distância foi boa por um tempo, mas as mágoas não desaparecem depois de trancafiadas no peito por uma tentativa boba de esquecê-las. Elas consumem de dentro para fora. E sua presença vai continuar me atingindo se eu não tomar uma atitude diferente.

Àquela altura eu ainda não sabia o que dizer. Lidar com a sinceridade de Dolores nunca foi tão difícil quanto nesse instante.

— Eu não confio em você — prosseguiu. — Não sei como qualquer coisa entre nós voltará a dar certo.

— Precisamos tentar para descobrir.

Minha resposta a deixou em silêncio. Voltei a fitá-la naquele instante. Dolores respirou fundo. Depois de alguns momentos, ela prosseguiu:

— Vou tentar lidar com nossos erros.

Minha lentidão para compreender aquela frase foi equivalente à minha incapacidade de articular uma resposta. Era a segunda vez, em menos de dez minutos, que ela conseguia me deixar sem palavras, mas ignorei esse fato.

— Dolores... — tentei falar, mas ela me interrompeu.

— Uma chance. Depois cada um seguirá sua vida ciente de que tudo acabou.

— Você parece ter certeza de que não dará certo.

— Não sei lidar com expectativas e sou realista. Sei que as chances disso voltar a dar certo são mínimas.

— Por que decidiu tentar então?

— Porque quero dar um fim nesse maldito círculo. Posso não esquecer, mas se tiver a certeza de que não há qualquer possibilidade de haver algo verdadeiro entre nós, poderei me forçar a superar e a seguir em frente ciente de que tentei até quando não deveria.

— Você quer nos dar uma chance ou conseguir outro motivo para se forçar a acreditar que não vamos dar certo? — Minhas palavras a deixaram em silêncio. — Você acha que só assim vai conseguir dar um fim no que a gente teve e ainda tem, só não percebe que nós ficamos quase dois meses separados e tentando acabar com isso. Não conseguimos. Acha mesmo que estando juntos vamos conseguir?

Ela, novamente, não disse nada. Após quase um minuto de silêncio insuportável, eu avisei que tomaria um banho e a deixei no quarto, perdida em seus próprios pensamentos.

Oito

“Teu corpo combina com meu jeito
Nós dois fomos feitos muito pra nós dois
Não valem dramáticos efeitos
Mas o que está depois
Não vamos fuçar nossos defeitos
Cravar sobre o peito as unhas do rancor
Lutemos mas só pelo direito
Ao nosso estranho amor”
Nosso Estranho Amor – Caetano Veloso

Enquanto emergia meu rosto no fluxo ininterrupto de água decorrente do chuveiro, eu refletia sobre o que Dolores e eu havíamos conversado durante esta tarde. Em especial o que ela me contou sobre o conselho que Suzana lhe deu de enfrentar o passado, pois, somente assim, conseguiria aprender a perdoar de verdade. Agora eu percebo que talvez seja exatamente isso o que falta para nós dois conseguirmos seguir em frente sem permitir que os

ressentimentos do passado nos perturbem. Querendo ou não, eles tiveram grande parcela de culpa nas decisões que tomamos até aqui: principalmente no que dizia respeito ao nosso relacionamento (que, para começar, sequer acreditávamos ser um).

Talvez, em nosso caso, o perdão fosse realmente libertador e nos ajudasse a seguir em frente sem bagagens advindas do passado.

Sequei os cabelos com a toalha e a enrolei na cintura antes de deixar o banheiro. Dolores continuava sobre a cama, sentada e fitando um ponto qualquer na parede à sua frente.

Procurei, nas pouquíssimas roupas que havia deixado ali, algo para vestir e me troquei rapidamente.

— Por que decidiu sair deste apartamento? — Lola inquiriu quando eu já estava pronto.

Voltei a fitá-la, até aquele momento eu sequer recordava de todas as mudanças que se instalaram em minha vida nos últimos dois meses, e Dolores realmente não possuía conhecimento de grande parte delas. Talvez aquele fosse o momento de conversar sobre tudo isso.

— Há algumas semanas descobri que Rodrigo está envolvido de alguma forma com alguns traficantes. Ao que parece ele possui uma dívida e percebi que era por isso que estava se escondendo aqui em Porto Alegre e esteve tão desesperado por dinheiro — iniciei. — Na noite após a audiência no tribunal, João e eu fomos seguidos por dois homens e os dois deixaram explícita uma cobrança para mim, acreditavam que eu era Rodrigo. Percebi que aquilo poderia voltar a acontecer, então decidi alugar uma casa em um lugar longe e contratar alguns seguranças. Isso diminuiria as chances de eles conseguirem fazer algo contra mamãe e Natasha.

Ao menos naquele instante fui capaz de discernir o que seu semblante me deixava claro: ela estava surpresa com tudo aquilo.

— Uma vez Natasha me ligou e disse que estava no hospital com Rodrigo... — Ela pareceu recordar. — Na época eu estava ocupada e desisti de perguntar o motivo, também não queria saber nada sobre aquele filho da puta, mas agora, o que realmente aconteceu?

Percebi que velhos hábitos nunca se vão completamente quando cogitei a hipótese de mudar de assunto, ainda não me sentia confortável com a ideia de estar sempre conversando sobre minha família, mas decidi que se queria mudar isso, teria que começar de alguma forma.

— Rodrigo teve uma overdose — contei. — Mas fugiu do hospital um dia após o seu acidente.

Sua incapacidade de formular novas perguntas ou palavras me fez indagá-la também sobre o que se passou em sua vida durante estes dois meses.

— O que aconteceu enquanto estava em Salvador?

Como se minhas palavras a resgatassem da inércia de pensamentos, ela me fitou com os olhos momentaneamente arregalados. Um brilho atravessou a opacidade que seus olhos refletiam há tanto tempo, eu só não soube dizer o que estava por trás daquele brilho.

— Nada — respondeu, evasiva. — Apenas trabalho e mais trabalho.

Entrecerrei os olhos, sondando-a. Havia algo mais ali, eu tinha certeza, mas conhecendo-a sabia que não me diria nada. Logo ela recordou de outro fato.

— Olavo também foi o maldito responsável pela vaga de emprego — ela disse quando pareceu lembrar disso.

— Como descobriu?

— Algumas insinuações passaram a fazer sentido quando lembrei do maldito testamento.

Eu passei quase dois meses naquela droga sendo motivo de cochichos. Duvidaram do meu trabalho por causa daquele filho da puta.

— Sinto muito — murmurei porque realmente sentia.

Ela expirou e desviou seus olhos dos meus, dando fim à conversa. Eu já estava cansado e cogitei sair daquele cômodo, mas uma nova pergunta me veio à mente, fazendo-me desistir de deixá-la sozinha sem antes indagá-la.

— Como conheceu Arthur?

— Ele é um dos procuradores de Olavo, estava verificando as finanças da empresa. Eu estava ajudando — contou quando finalmente decidiu me encarar de novo. — Nos encontramos novamente quando Eloísa, irmã dele, me convidou para jantar em sua casa. Morávamos no mesmo prédio, o apartamento dela era no mesmo corredor que o meu. Não imaginei que os dois fossem parentes.

Engoli em seco ao lembrar de suas palavras no hospital há alguns dias, sobre estar com Arthur agora. Eu ainda tinha certeza de que ela estava mentindo, mas agora percebo que isso poderia ter realmente acontecido já que se encontraram tantas vezes e o filho da puta obviamente estava interessado. Talvez Dolores tivesse até mesmo lhe dado uma chance e por isso me encarava como se já esperasse que eu iniciasse algum tipo de contenda estúpida por aquilo. Nunca fui dado a excessos de ciúmes e discussões por este motivo, não começaria agora, mas admiti que apenas imaginar aquele bastardo com Dolores fazia com que uma fúria desconhecida me subisse à cabeça e fizesse a ideia de expulsá-lo da vida dela bastante atrativa.

— Presumo que ele também more em Porto Alegre? — preferi questionar e deixar de lado o fato que me perturbava naquele instante.

— Sim. Foi para Salvador para organizar a viagem de Gabriel, já que agora é seu tutor.

Meneei a cabeça como se confirmasse algo, mas tudo o que gostaria de externar era que havia compreendido suas palavras, que agora sabia que algo continuaria ligando-os e que isso, provavelmente, faria com que Arthur fosse presente na vida de Dolores. Apenas naquele momento eu tive certeza de que ela, de uma forma ou de outra, havia realmente seguido em frente. Talvez não tivesse superado nada do que acontecera em Porto Alegre antes de sua viagem, mas estava convivendo com aquilo e tentando refazer sua vida longe de tudo o que a havia feito sofrer. Enquanto eu pareci mais um figurante da minha própria vida: consertava o que precisava de conserto, ajudava quem precisava de ajuda, resolvia o que precisava ser resolvido, mas tudo sobre as pessoas ao meu redor, o que dizia respeito a mim, a minha vida, e que realmente me interessava e importava, estava a quilômetros de distância se reconstruindo sozinha enquanto eu me afundava em dúvidas. Isso havia me custado muito caro, o preço a pagar era justo, o que eu não estava disposto a perder.

Agora eu precisava lidar com a realidade dos fatos. Bastava olhar para nós, ouvir uma destas conversas, sentir que o que antes nos ligava agora parecia emaranhado e sem qualquer chance de ser consertado. Perdemos o que tínhamos. Perdemos a cumplicidade. Perdemos a confiança. O que nos restara obstante a isso era suficiente para construirmos algo melhor e mais forte? Talvez, mas para isso os dois precisariam querer o mesmo. Não uma chance de fazer um conjunto de fatos darem um ponto final ao que nenhum de nós tinha coragem de dar, mas a vontade de fazer dar certo desta vez.

Enquanto nos encarávamos em silêncio, eu me atentei a toda e qualquer mudança em sua expressão. Vi uma série de pensamentos e medos atravessar seus olhos castanhos, pois Dolores já não mantinha o semblante impassível de outrora. Estava determinada a não permitir que eu a fizesse sofrer novamente, mas possuía mais medo de aquilo acontecer do que de qualquer outra coisa. Lola inspirou profundamente ao me ver aproximando-me de onde estava, mas não acabou com nosso contato visual, tampouco tentou me afastar. Ela sabia o que havia passado por minha mente há alguns segundos, percebi, mas somente agora eu poderia dizer que ela também temia que eu estivesse certo sobre termos perdido o que tínhamos.

— Eu realmente estava com Arthur — ela sussurrou.

Ajoelhei-me ao lado da cama, a sua frente, ficando exatamente de sua altura, já que ela estava sentada. Acariciei sua bochecha e retirei de seu rosto a mecha de cabelo que havia se soltado do rabo de cavalo em que ele estava preso. Senti como se algo comprimisse meu peito e aquela sensação só piorou quando vi seus olhos, antes frios e opacos, brilharem com lágrimas que eu não achei que ela ainda se permitiria derramar. A possibilidade de um fim definitivo, mesmo após tudo isso, também a feria.

— Por quê? — inquiri ao encostar minha testa à sua. Cerrei meus olhos após vê-la fechar os seus.

— Não me privaria de um relacionamento com um homem por mais dois anos por causa de outra decepção.

Ficamos em silêncio e aquilo não foi incômodo, pois ele era eloquente: não queríamos nos afastar. *Eu* não queria, nem sabia se conseguiria, desistir. Lola queria nos dar uma chance, mas não queria me dar espaço suficiente para conseguir magoá-la novamente.

— Eu tentei me convencer de que foi apenas desejo — ela concluiu.

— Acreditou nisso? — foi minha vez de sussurrar. — Que quando foi atrás do Rodrigo buscar provas para me tirar daquela prisão foi apenas desejo? Que quando eu esfolei minha mão naquele espelho ou quando avancei sobre Rodrigo no dia daquela maldita leitura de testamento foi apenas desejo? — Abri os olhos para encará-la, ela já o havia feito. — Eu sentia que você era minha e foi o inferno acreditar que tinha motivos para duvidar disso... Eu desconfiei de você, te falei coisas horríveis, e sei que você também sofreu pra caralho, Lola, que a culpa foi minha, mas eu não posso voltar no passado e me impedir de fazer isso... Eu sinto muito.

Engoli em seco quando lágrimas finas rolaram por seu rosto.

— Não quero te perder de novo — admiti. — Mas só você sabe se vai conseguir me perdoar ou não... Antes de tentar, a gente precisa querer que dê certo.

Dolores me fitou sem ação. Entendeu que o que eu pedia era mais que uma chance, era um pouco de fé em *nós*, um voto de confiança em *mim*.

Tentei acalmar a agitação em mim, e aguardei que ela pudesse proferir algo, o que demorou muito mais do que eu me achei capaz de esperar.

— Eu não vou conseguir fazer isso de novo se você ainda agir como um filho da puta. *Não vou.*

— Eu não vou — prometi quando voltei a encostar minha testa a sua. Inspirei seu cheiro e foi como se, a partir daquele momento, a reviravolta provocada por suas palavras conseguisse colocar no devido lugar tudo o que estava disperso em mim. Era o que Lola fazia comigo, me tornava um todo; inteiro, completo. — Nunca foi, e nunca será apenas desejo. Agora a gente parte dessa premissa... — murmurei contra sua boca, meus lábios tocavam muito superficialmente os seus, por isso pude senti-los tremer suavemente, evidenciando o quanto ela também queria aquele beijo. Devagar, como se ainda estivesse incerta sobre fazer aquilo, ela pousou suas mãos sobre meu peito e embrenhou seus dedos em minha camisa, segurando-a com firmeza, para garantir que me manteria ali. Não por causa do desejo que ainda estava em nós dois, mas pela distância que não queríamos manter.

Envolvi sua cintura com um braço, a trouxe para mais perto e a beijei; com paixão, veemência e saudade. Saudade de tudo o que apenas aquele *nós* nos fazia sentir, do que éramos quando estávamos juntos.

Mesmo quando acabamos com o beijo e passamos a compartilhar do mesmo ar, não nos afastamos. Lola encostou sua testa a minha e fechou os olhos.

— Não vou conseguir passar tanto tempo longe de você de novo — admiti contra sua

boca. — Dois meses já foram o maldito inferno.

Lola voltou a me fitar após ouvir minhas palavras, tentou dizer algo, mas se calou. Após alguns instantes em silêncio, ela me abraçou e, mesmo com os meus joelhos doendo por ficar muito tempo naquela mesma posição, eu retribuí e ficamos abraçados daquela forma por minutos a fio. Era como se nós dois tentássemos acreditar que estávamos assim de novo, mas — caso aquele fosse um maldito sonho — tivéssemos medo de nos mover e acordar.

Tentávamos acabar com a angústia das últimas semanas e não precisamos trocar palavras para eu chegar a essa conclusão. Nós nos entendíamos através de olhares, de feições e até mesmo com poucas palavras, mas nada disso nunca se equipararia ao quanto nossos corpos se entendiam quando estavam conectados, seja durante o sexo, um abraço, ou um beijo.

Era mais de oito da noite quando me deitei ao seu lado, a chuva continuava a cair sobre a cidade, mas já não era torrencial. Lembrei que João mandaria o motorista para nos buscar, mas não quis acabar com a trégua entre nós para avisar a ela que precisaríamos descer e esperar o carro lá embaixo.

— Está melhor? — questionei, e ela respondeu com um simples aceno.

O celular de Dolores tocou sobre o criado-mudo e ela se curvou por um momento para pegá-lo.

— Mamãe? — ela murmurou ao atender. — Estou bem... Sim.

Uni as sobrancelhas involuntariamente quando ela se voltou para mim enquanto ouvia a mãe dizer algo do outro lado da linha.

— Está tudo bem, de verdade. Sim. Obrigada. Boa noite.

Me acomodei melhor sobre a cama antes de virar de lado, para poder encará-la e, após se livrar do celular, Dolores fez o mesmo para também me fitar.

— Conseguiram se entender?

— Estamos tentando. De novo. Suzana estava certa em dizer que eu deveria ouvir mamãe.

— Como assim? — questionei em desentendimento.

Lola hesitou por alguns segundos e percebi que, como eu, ela ainda não se sentia completamente confortável para falar sobre sua família.

— Hoje de manhã mamãe tentou me convencer a voltar para Salvador — ela contou, por fim. — Não entendi por que ela queria tão desesperadamente voltar para lá já que seu namorado já havia concordado que ela ficasse aqui pelo tempo que eu precisasse para me recuperar. Eu não podia deixar Natasha aqui após o que aconteceu recentemente, seria quase como abandoná-la depois de perder a mãe e Gabriel virá morar aqui também, ele e Arthur não se dão muito bem, eu não podia voltar para lá agora.

Fitei-a enquanto ela falava. Aquela preocupação e empatia eram tão características de Dolores que não me surpreendi.

— Acabamos discutindo de novo por isso, mas desta vez eu a fiz me contar o porquê de sempre ir embora, de sempre estar tão ávida para nos deixar.

— O que ela disse?

— Ela não suporta a ausência de papai. E, por mais que me custasse acreditar naquela desculpa, ao ouvi-la despejar tudo o que eu já havia jogado em sua cara, eu percebi que aquilo poderia ser realmente verdade.

Quando seus olhos começaram a brilhar novamente em lágrimas, que sempre surgiam quando mencionava seu pai, eu decidi me aproximar.

— Ela disse que a presença dele está em todos os cômodos da nossa casa, que ainda sente o perfume dele quando fecha os olhos e que dói não o ver mais lá, dói ter tantas lembranças, dói perceber que determinada hora do dia ou da noite ele não chegará do trabalho e sorrirá apenas por vê-la e não repetirá, mesmo que pela milésima vez, que a ama. — Dolores fez uma pausa para fechar os olhos e não tentou se afastar quando eu a trouxe para mais perto, para conseguir afagar seus cabelos e tentar acalmá-la. — Vovô sempre me disse que eles se amavam muito, que tinha certeza disso e que qualquer um que os visse também teria certeza, mas eu achei que ele me dizia isso apenas para eu não acreditar que os dois haviam se casado porque mamãe havia engravidado, mas não, quando Elaine me deixou mais da metade de suas joias há dois meses, menos a que papai havia deixado para ela, eu percebi que vovô estava certo. Eles realmente se amaram muito. — Por mais que sua voz estivesse embargada, ela ainda não chorava, de fato. — Eu sempre acreditei que mamãe apenas vinha nos visitar quando não possuía algo melhor em outro canto do país, até disse isso para ela em nossa pior briga, há seis anos. Mas, enquanto estava em Salvador e a visitei na casa em que ela mora com Marcos, seu atual namorado, percebi que seus relacionamentos são curtos e sem grandes envolvimentos porque *ela* quer. Marcos é louco por mamãe e, segundo ela, sabe o motivo de ela não conseguir se entregar a ele inteiramente. Elaine só me disse hoje que o motivo era *papai* e isso me deixou sem palavras.

— Conseguiu perdoá-la? — perguntei após uma longa pausa sua.

— Ela foi embora depois da nossa discussão, mas hoje à tarde, enquanto eu ia para a praça me encontrar com Roberto, ela me ligou. Conversamos um pouco mais e há menos de duas horas, quando você chegou à praça, eu ainda falava com ela, queria saber o motivo de nunca ter me levado consigo. Elaine admitiu que me culpou pela perda que tivemos, mas que depois toda aquela suposta culpa caiu sobre seus próprios ombros quando veio me visitar anos depois. Ela disse que sou igualzinha ao papai. As manias, a curiosidade, os gostos, os ideais e a obstinação. Elaine disse que dela eu só herdei a aparência e a frieza.

Sorri.

— Talvez ela esteja certa — murmurei, fazendo-a esboçar uma espécie de sorriso e se perder nos próprios pensamentos após isso. Aumentei o aperto que mantinha do seu corpo no meu e beijei o topo de sua cabeça.

Fechei os olhos por um momento e agradeci silenciosamente, mesmo sem saber exatamente para quem, por eu estar com esta mulher em meus braços novamente.

— Sim — Dolores murmurou algum tempo depois. Juntei as sobrancelhas sem compreender do que ela falava, ao notar meu desentendimento, ela completou, respondendo minha pergunta anterior: — Eu a perdoei.

— Como se sente sobre isso?

— Uma parte de mim sempre quis que Elaine agisse como a mãe que eu precisei durante anos, ou que ela fosse menos ausente. E agora, apesar de nós sermos muito diferentes e eu entender seus motivos para ter ido embora não muda esse fato, eu me sinto mais leve. Sei que nunca vamos recuperar o tempo perdido, mas também é bom saber que, à sua maneira, ela tenta estar ao meu lado, principalmente agora que eu tanto preciso.

— Vocês conseguirão se resolver. O tempo as ajudará nisso — murmurei.

Ela não respondeu nada ante minhas palavras, mas por seu suspiro eu soube que queria que eu estivesse certo. Queria ter um relacionamento melhor com sua mãe.

Pouco mais de meia hora se passou enquanto eu apenas acariciava seus cabelos ainda presos no rabo de cavalo e ela dedilhava os traços de uma das tatuagens do meu braço, eu já havia percebido que Dolores sempre o fazia involuntariamente quando estava pensativa.

O telefone da sala tocou e imediatamente recordei das palavras de João sobre pedir que Jonas viesse nos buscar, o silêncio em todo o apartamento foi quebrado pelo toque incessante do telefone e Dolores se moveu sobre mim, para permitir que eu levantasse e fosse atender.

— Acho que o motorista chegou — avisei a ela, que suspirou fortemente.

— Tudo bem, vou procurar algo decente para vestir antes de descermos — ela disse ao se sentar sobre a cama.

Concordei com um sorriso e deixei o quarto.

Troquei poucas palavras com o porteiro do prédio e pedi que ele liberasse a entrada de Jonas no estacionamento, porque Dolores e eu desceríamos diretamente para lá.

Cumprimentei Jonas e auxiliei Dolores para que conseguisse se sentar no banco traseiro. Aproveitei aquele meio tempo para fechar todos os botões superiores do casaco que ela vestia — pois apenas uma blusa fina com um short de algodão curto a cobria sob aquilo —, eu não queria que ela pegasse um resfriado tanto quanto não queria que a visão de seu corpo quase nu fosse dada a qualquer homem além de mim. Jonas era meu funcionário, a respeitaria, mas não era cego.

— Quanto tempo demorou para chegar aqui? — indaguei a ele, tentando descobrir como estaria o trânsito na cidade durante aquela chuva.

— Meia hora. Usei uns atalhos. Há engarrafamentos em quase todas as grandes avenidas.

Concordei enquanto ele deixava o estacionamento. Coloquei meu cinto de segurança após ver Dolores colocar o seu.

— Quero ficar em minha casa — Dolores murmurou ao perceber o caminho que Jonas seguia. — Não tenho roupas em sua casa e... — Eu a interrompi ao me voltar para ela.

— Não se preocupe, João já está lá. Nós daremos um jeito.

Percebi que ela permaneceria irredutível quanto aquilo, mas antes que Dolores replicasse de alguma forma, a batida inesperada de um carro no nosso, me lançou com força para o lado

em que ela estava. A força do impacto fez os pneus cantarem no asfalto molhado e o carro girar rapidamente uma vez antes de colidir contra um poste. Momentaneamente desnorteado, eu me forcei a ignorar o sangue que escorria de um ferimento em minha testa e me concentrei em Dolores. Ela também respirava ofegante, mas não possuía nenhum ferimento visível.

— Você está bem? — indaguei enquanto tentava me libertar do cinto para verificá-la melhor.

— Estou — ela sussurrou ao se livrar do seu próprio cinto para averiguar o ferimento em minha testa.

— Temos que chamar a polícia — Jonas avisou enquanto abria a porta do carro. — Vou falar com o babaca que atravessou o sinal fechado.

Ele também parecia bem, apesar do susto.

Decidi descer também, mas Dolores precisaria fazê-lo antes de mim já que o poste ainda prensava a porta do meu lado.

— Você vai ganhar uma pequena cicatriz — Dolores me alertou quando vi um homem alto e corpulento deixar o outro carro, ele retirou algo do cós da calça e arregalei os olhos ao ver o que era.

— Porra, Jonas, o filho da puta está armado! — tentei avisá-lo, mas minhas palavras apenas antecederam três tiros certeiros no segurança.

Dolores emitiu um som de surpresa e incredulidade. Deixei meu banco para procurar no porta-luvas a arma reserva e gritei para Dolores fechar a janela de seu lado, o carro era blindado. Sentei-me no banco em que Jonas estava há pouco, mas antes que pudesse dar partida percebi que a porra da chave não estava no contato. Olhei para trás a tempo apenas de ver Dolores se jogar sobre os bancos traseiros antes que uma série interminável de disparos

acabassem com o silêncio que antes era quebrado apenas pela chuva fina que ainda caía. Dolores me fitou entre os dedos que cobriam seu rosto e vi terror em seus olhos quando a quantidade absurda de balas conseguiu transpor o vidro da janela do carro e os estilhaços dela caíram sobre Dolores.

— Sai do carro, porra! — o homem gritou. Surpreso e preocupado que ele pudesse atingir Dolores, eu não hesitei em abrir a porta e sair. Sua arma ainda estava mirada em Dolores enquanto ele a recarregava.

Manter o controle em situações difíceis já me fizera criar uma máscara de impassibilidade, frieza e calma inabalável e esse foi um dos momentos em que mais precisei usá-la. Estava prestes a mirar minha arma no filho da puta e atirar quando senti o cano fino e gélido de outra arma contra minha cabeça e o som dela sendo engatilhada.

— Baixa essa porra! — A voz masculina e grossa que me mandara fazer aquilo estava carregada de raiva. Respirei fundo e afastei a arma, deixando-a cair em seguida.

— Achou que mataria meu irmão e não teria volta, Rodrigo?! — O homem atrás de mim indagou de forma cadenciada e prosseguiu antes que eu pudesse responder: — Tua sorte é que o Carlão ainda quer falar contigo, senão tu já tava igual peneira, porra!

Vi o homem que estava à minha frente abrir a porta do carro, mandar Dolores sair dele, e meu coração acelerou. Eu não queria tê-la em meio a isso, mas sabia que não adiantaria pedir que não o fizessem, eles não deixariam uma testemunha ali. Ainda por cima viva. Eu não sabia o que faria, mas de um jeito ou de outro, a manteria viva.

Respirei fundo e tentei pensar no que fazer, mas antes que qualquer plano de ação fosse traçado, o filho da puta atrás de mim me acertou com uma coronhada forte e repetiu o ato até que eu caísse no chão. Senti chutes contra minhas costelas e ouvi os gritos desesperados de Dolores. Tentei proteger a cabeça e esconder as partes vitais do corpo me encolhendo, mas foi em vão.

Não sei quantos golpes aguentei antes de perder a consciência, mas ela não foi suficiente para me privar da dor de cada um deles.

Nove

“Perceba que não tem como saber
São só os seus palpites na sua mão
Sou mais do que o seu olho pode ver
Então não desonre o meu nome”
Me Adora – Pitty

Ao sentir uma espécie de cano metálico e frio contra meu rosto em um movimento abrupto e enérgico, fui levado à realidade com uma nova dor lancinante. Minha vista estava embaçada e demorei a registrar de verdade o que estava a minha volta, havia um homem negro e careca parado a minha frente com uma expressão de poucos amigos, ele era grande, da minha altura — presumi que eu estivesse de pé, já que meus braços estavam separados e amarrados por cordas sobre minha cabeça, aquela nova percepção me fez grunhir de ódio e xingar um palavrão. Meus braços estavam dormentes, mas estavam esticados ao ponto de serem amputados de meu corpo. Eu não estava me sustentando de pé, não conseguia firmar minhas pernas e não sabia que porra de motivo eu tinha para isso.

— O filho da puta acordou. — O homem a minha frente disse. Percebi que não era o cara que havia atirado em Jonas, provavelmente era o bastardo que havia me subjugado.

— Aaron! — A voz de Dolores me fez esquecer qualquer maldita dor naquele momento. Eu a procurei com o olhar e só a encontrei quando o bastardo a minha frente se afastou. Ela estava sentada sobre uma cadeira de madeira, havia cordas prendendo seus pulsos, mas, apesar de tudo, ela não parecia completamente desesperada pela situação em que estávamos. Parecia apenas preocupada comigo.

— Já terminou, porra? — Ouvi o homem perguntar, mas não desviei meus olhos de Dolores. Precisava pensar em uma forma de tirá-la dali. Qualquer forma.

— Então, a princesa aqui disse que você não é Rodrigo. — Escutei a voz do cara negro e careca dizer aquilo e me voltei para ele. — Quem é você?

— É irmão dele, porra! — Outro homem surgiu atrás da cadeira em que Dolores estava após a pergunta, eu ainda pensava em algo para dizer quando o fitei atentamente, não era apenas o filho da puta que havia atirado em Jonas, era um dos bastardos que me seguiu com João há algumas semanas. Olhei para o que ele segurava e reprimi um novo xingamento ao ver um galão de gasolina. Estava pela metade.

Olhei o local em que estávamos e uni as sobrancelhas, sabia que conhecia aquele galpão, mas não sabia dizer como, ou quando estivera aqui.

O cano fino da arma acertou meu rosto em cheio novamente, forçando meu corpo para o lado direito desta vez. Ouvi um rugir de ferro enferrujado e percebi que vinha de cima de onde eu estava. Como o som viera apenas após meu movimento, julguei que eu estivesse amarrado a algum tipo de ferro.

— Não ouviu minha pergunta, caralho? — o Careca perguntou.

Cuspi o excesso de saliva e sangue em minha boca e me voltei para ele.

— Ouvi — admiti ao fitá-lo. O Moicano se aproximou dele, parando ao seu lado e os dois me encararam. — Mas achei que estivesse claro que sou irmão gêmeo daquele filho da puta!

Seu maxilar trincou ao ouvir minhas palavras, o Moicano o impediu de avançar sobre mim e um celular começou a tocar. Percebi que era o mesmo som insuportável que me perturbava durante minha inércia há alguns minutos.

— Vai continuar ignorando as ligações do Carlão?! Diz pra ele que não encontramos Rodrigo e vamos acabar com isso, porra! — o Moicano disse ao Careca.

— Não vou deixar esse babaca vivo. Ele vai pagar caro pelo que fez a Vladimir!

Juntei as sobrancelhas, desta vez não entendia realmente do que Careca estava falando.

— Não foi ele que matou teu irmão, foi um velho do caralho! Eu já falei! Aquele velho acertou a porra do tiro mesmo estando longe do Vlad!

Naquele momento entendi do que os dois falavam, o cara negro e careca era irmão do que homem que João matou naquela noite.

O Careca atendeu ao telefone e se afastou.

Moicano começou a espalhar a gasolina ao redor de onde eu estava e depois se aproximou de Dolores. Minhas pernas vacilaram uma vez, mas consegui me sustentar de pé ao ver o bastardo parar à frente dela, que não tinha nem mesmo chances de sair dali, mesmo que as cordas apenas prendessem seus pulsos, por causa da perna engessada ela não conseguiria sair dali sozinha.

O ferro acima de mim rugiu novamente quando tentei me soltar e chegar ao maldito homem de moicano. A raiva me inundou ao perceber a forma que o bastardo fitava Dolores,

que apenas sustentava o olhar inescrupuloso com altivez.

— Não toca nela! — avisei quando senti as malditas cordas se arrastarem sobre a espécie de cano grosso e de ferro que estava sobre mim. O Moicano me fitou por cima dos ombros e sorriu, mostrando um dente podre, mesmo sendo tão jovem.

O careca voltou com o semblante ainda mais fechado que anteriormente e se aproximou de mim com um celular.

— Ele já está ouvindo — ele disse a quem quer que estivesse ao telefone.

— *Não me interessa quem você é ou o que fez com Vlad...* — O homem ao telefone disse, sua voz era também grossa e seu tom impaciente. — *Me diga onde está o filho da puta do Rodrigo e dou um jeito de Max e Cláudio matarem você e essa vadia de um jeito rápido e menos indolor que ser queimado vivo.*

Inspirei fortemente e olhei para Dolores por sobre o telefone, ela estava séria, firme e pronta para enfrentar qualquer consequência que minha resposta tivesse. Eu admirei sua força um pouco mais naquele momento.

— Não sei onde ele está. — Decidi ser sincero. — Mas estou ansioso para descobrir o motivo de estar atrás dele a ponto de mantê-lo escondido como um rato, sem se comunicar nem mesmo com a família. O que ele está te devendo, afinal? Já não te deu dinheiro suficiente?

O homem ao telefone riu, Moicano e Careca — que havia se voltado para mim — riram também, meus olhos se mantiveram sobre Dolores.

— *Era de você que ele conseguia a grana pra se esconder, não era?* — ele perguntou ao invés de me responder. — *Está preocupado com aquele bastardo? O dinheiro não me importa tanto quanto o que ele tirou de mim. Eu a quero de volta e só ele sabe onde ela está.*

Um vinco se formou entre minhas sobrancelhas e percebi que Dolores também hesitara, sem compreender do que aquele traficante falara.

O silêncio me fez chegar a uma conclusão cabível.

— Quem é ela? Quem Rodrigo tirou de você?

— Cláudio, verifique o celular do nosso convidado, veja se ele possui algum contato de Rodrigo.

O Moicano se afastou de Dolores e seguiu para uma mesa, que até aquele momento, eu não havia notado. Meu celular estava nela, mas ainda descarregado.

— Só um momento, chefe — ele respondeu.

— Não tenho contato com Rodrigo — avisei. — Faz meses desde a última vez que ele me procurou. Achei que o bastardo já estivesse em outro estado ou morto.

— Se dependesse de mim, ele realmente estaria. — O tal Carlão respondeu ao telefone. *— Preciso desligar, Max. Se ele não colaborar, pode seguir com os planos, já não precisamos deste galpão.*

— E a garota, chefe? — Moicano perguntou, interessado — O que faremos com ela?

— Livre-se da vadia também.

Apertei os lábios ao ouvir aquilo e olhei para o Careca à minha frente, ele possuía um sorriso maquiavélico acentuando a expressão diabólica em seu rosto.

Carlão desligou e Careca se afastou para verificar meu celular com Moicano.

Olhei ao meu redor e percebi que o teto daquele galpão era alto, de pelo menos uns quinze

metros, havia algumas máquinas enferrujadas ali e as cordas que me prendiam estavam presas a uma delas. Eu não fazia ideia de que tipo de máquina se tratava, mas a tubulação de ferro estava a uma altura de mais de dois metros, por isso meus braços estavam esticados daquela forma. Eu os forcei para verificar a resistência do tubo grosso e ele rangeu novamente.

Fitei Dolores por um momento e a vi erguer os pulsos um pouco. Mascarei a minha expressão de surpresa ao perceber que ela conseguira se soltar e estava apenas fingindo continuar amarrada. Não sei que tipo de porra de habilidade ela tinha com essas cordas, mas agradeci por isso, ao menos assim as chances dela se livrar desse inferno são maiores.

— Ela é mulher, porra, deve *tá* em choque até agora, por isso *tá* calada desse jeito — Moicano dizia para Careca quando me voltei para eles. — Podemos nos divertir com ela e depois a matamos também. Carlão nunca vai descobrir!

A fúria me inundou ao ouvir aquilo, tentei avançar sobre aqueles filhos da puta com força e ignorei a dor que as cordas causaram em meus pulsos ao machucar os ferimentos que eu já possuía ali, senti a ardência e as cordas rasgarem ainda mais a pele já maltratada, mas não me importei.

— Não vão tocar um dedo nela, porra! — gritei. O tubo rugiu ainda mais e se moveu alguns centímetros.

Careca sorriu e se aproximou de mim.

— Comece a incendiar o galpão, Cláudio. — Foram as palavras dele. Nos fitamos com igual fúria e desprezo, minha gana por matar aqueles filhos da puta aumentou quando vi Moicano se afastar com o galão de gasolina.

— Tem certeza de que não sabe onde Rodrigo está? — O outro homem indagou quando parou à minha frente.

Não respondi, apenas um grunhido de dor e ódio me escapou quando ele socou meu estômago.

— Prefiro assim, odeio matar de forma rápida e quase indolor — ele murmurou contra meu ouvido, quando me curvei para tentar lidar com aquela dor insuportável.

Se eu não fizesse nada, aqueles bastardos a levariam e me deixariam aqui para queimar até a morte. Naquele momento a dor se transformou em força, apenas por imaginar um daqueles bastardos tocando em Dolores, eu jamais permitiria que ela passasse por algo assim.

O cheiro de fumaça e fogo invadiu minhas narinas e decidi que precisava ser rápido. Um novo soco em meu rosto, me fez segurar as cordas que me prendiam com força. Meus braços seriam puxados com mais força se eu tentasse ganhar impulso, mas talvez conseguisse acertá-lo usando as pernas. Fazia meses desde o meu último treino de boxe, mas eu ainda sabia como aplicar a porra daquele golpe.

Moicano voltou e se aproximou de Dolores para murmurar algo para ela, Careca se voltou para ele.

— Tire logo essa vadia daqui, não vai demorar para que essa merda aqui esteja em chamas! — ele gritou antes de se virar para mim e receber apenas uma cabeçada. Senti o momento exato em que minha testa bateu contra seu nariz e ele se moveu, ouvi uma espécie de “crac” quase inaudível e tive certeza de que havia quebrado seu nariz. O sangue que também jorrou me confirmou isso e aproveitei seu descuido para acertá-lo entre as pernas. Ele se curvou ainda gemendo e com o canto do olho vi Moicano se mover e parar abruptamente após um movimento rápido de Dolores.

Vi quando Careca pegou sua arma, o susto me fez tomar o impulso com as cordas, pular sobre seu pescoço e prender seu rosto antes de girar com força e toda velocidade que o impulso me deu. Ouvi outro “crac” enquanto ele girava no ar, mas soube que não havia quebrado seu pescoço quando caiu no chão. Ao menos ele estava desacordado.

— Porra! — xinguei ao sentir o cheiro de fumaça e o calor naquele lugar aumentar ainda mais.

Moicano me encarava em pânico e Dolores se mantinha sentada sobre a cadeira, segurando uma arma na direção das bolas dele.

— Como você disse que me estupraria mesmo? — ela perguntou a ele com aquela voz fria e desprovida de emoção. Puxei as cordas com força. Olhei para cima e tentei encontrar o ponto em que aquele maldito tubo terminava.

Ouvi a arma de Dolores ser engatilhada e me voltei para ela.

— Se afaste dela! — mandei ao filho da puta, que ficou indeciso sobre fazê-lo e acabar levando um tiro no meio das pernas. — Dolores! — alertei-a.

— Ele disse que eu não seria a primeira e nem a última — ela disse sem tirar os olhos dele. — Se eu o deixar vivo, ele vai tentar tocar outra mulher sem a permissão dela. Eu disse para não se atrever a me tocar porque se arrependeria. Não sei que infernos esse maldito pensa quando ouve uma mulher dizer não. Mas agora ele sabe que não faço promessas vazias.

— Você não vai se tornar uma assassina por causa de um filho da puta como esse.

Minhas palavras não surtiram qualquer efeito nela, percebi apenas Moicano se encolher ainda mais quando ela pressionou a arma com mais força.

— P-por f-favor... — ele emitiu o pedido, mas ela fingiu não ouvir tanto quanto eu.

— Dolores — repeti movendo-me com mais força. — Precisamos sair daqui, esse lugar já está queimando, porra!

— Se afaste — ela disse ao Moicano e ele lentamente o fez. Fiz uma careta pela dor

excruciante que imaginei que ele sentiu quando ela usou a perna boa para chutá-lo com força entre as pernas, fazendo-o cair sobre o chão e gemer.

Ouvi um som estrondoso e só percebi que parte do telhado havia caído quando uma corrente de ar noturno e frio atingiu o galpão e trouxe chamas intensas para mais perto de onde estávamos. O calor atrás de meu corpo me fez lembrar do tubo enferrujado, a máquina estava posicionada atrás de mim e se desmancharia aos poucos no fogo. A qualquer momento aquele tubo poderia cair sobre mim.

Ouvi dois tiros consecutivos e olhei para Dolores.

— Porra, o que você... — Tentei perguntar, mas ela me interrompeu.

— Não o matei — ela disse apontando com a arma para as duas pernas dele, indicando os locais que havia atirado. — Só impedi que ele saia daqui. Não tenho culpa se ele mesmo colocou fogo no galpão antes disso.

— É bom saber que não sou alvo da sua fúria — admiti irônico ao ver o homem gemer e chorar de dor enquanto ela tentava levantar e se apoiar na cadeira.

— Você precisa sair daí — ela murmurou enquanto olhava para as cordas que ainda me prendiam. Tentei me soltar dali novamente quando ela gritou após um tipo de explosão eclodir atrás de mim, meu corpo foi lançado para frente, mas as cordas me impediram de voar para o chão, gemi de dor por algumas queimações em meus braços, as cordas pioraram isso terrivelmente. Como um vulto, vi o fogo se alastrar sobre as máquinas na outra extremidade em que estávamos, à nossa frente possuía apenas a mesa com nossos celulares e algumas chaves, que imaginei serem dos carros, além de três portas. — Não se mexa — pediu enquanto olhava para algo sobre mim. Engoli em seco ao lembrar do tubo de ferro.

Dolores se aproximou com a cadeira, usando-a como um tipo de bengala.

— Cale a boca, porra! — ela gritou para o Moicano, seu desespero se mostrou somente agora, ao me ver ali tão próximo de todo aquele fogo.

Olhei para baixo ao sentir o calor aumentar e xinguei ao ver minha calça queimando, o fogo havia chegado a gasolina que Moicano jogou próximo a mim anteriormente. Bati os pés no chão tentando conter as pequenas chamas até que acabei com elas.

Lola parou e tentou mascarar sua expressão de pânico.

— Não se mexa — ela repetiu ao tirar a arma do bolso do casaco que vestia. Percebi somente naquele momento que ele estava aberto.

— Aquele filho da puta abriu seu casaco?! — gritei.

— Péssima hora para surtar, Aaron. Fique *quieto*.

Ela estava a quase dois metros de distância e apontava a arma para algo acima de mim.

Porra!, xinguei ao perceber o que ela pretendia fazer. Naquele momento pedi silenciosamente que sua mira fosse tão boa quanto a de João.

O tiro perdeu a direção que ela deu, quando Dolores foi empurrada para o chão por Careca, que acordara e havia se movido para ficar sobre ela. Senti meu coração parar e chegar a minha boca quando percebi que os dois brigavam pela arma. A briga foi curta, rápida e terminou com um disparo que fez com que toda aquela situação se passasse em câmera lenta após isso.

— Lola! — eu a chamei, completamente desesperado. O medo de que aquele disparo a tivesse atingido se instalou em cada átomo do meu corpo. Foi insuportavelmente aterrador.

Sua expressão era de horror e ela não pareceu me ouvir, encarava apenas o homem sobre seu corpo como se tentasse acreditar no que acontecera.

Uma das portas do galpão se abriu, mas não me importei, apenas continuei a chamar Dolores enquanto tentava me soltar daquelas malditas cordas e da porra daquele tubo, forçando-os para me livrar deles.

A última coisa que vi antes daquele tubo cair sobre mim, foi Rodrigo atrás de Dolores apontando uma arma na direção dela.

Dez

"Mas sei, que uma dor
Assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança..."
O Bêbado e a Equilibrista – Elis Regina

A neblina densa que viera com a escuridão noturna não era capaz de aplacar as nuvens espessas e tóxicas que emergiam do fogo. As labaredas trepidavam ao longe, consumiam e destruíam o galpão em que estávamos presos há poucos minutos. Era assustador.

Meus pulmões cobravam ar puro, os olhos lacrimejavam, ardiam como se aquela fosse uma realidade a qual eles não quisessem ter conhecimento, mas precisavam. E o fariam porque eu tinha que me manter lúcida. Aaron precisava de mim.

Inspirei profundamente. Minha visão estava turva e eu tive que piscar algumas vezes para

me livrar da ardência e das lágrimas. Quando consegui enxergar Aaron em meu colo, tentei, sem sucesso, conter o choro. O ferimento em sua cabeça voltara a sangrar. Apertei o casaco que Rodrigo havia me dado há alguns minutos ao ferimento e tentei estancar o sangue.

Não posso perdê-lo, pensei.

Aquela simples possibilidade era sufocante e me trazia outra dúzia de devaneios inquietantes. Em mente, eu revivia os minutos de angústia após o acidente que matou Eloísa e Leonardo, recordei também da madrugada em que acordei no hospital e mamãe me contou sobre a perda do bebê, então lembranças sobre a minha última conversa com Suzana em vida resurgiram. A dor que veio com as perdas era a mesma. Eu não podia ficar sem Aaron também.

Por favor, não o deixe morrer... Por favor, não... não o tire de mim.

Àquela altura, minhas mãos tremiam. Meu corpo suava frio. Eu sentia os filetes de suor deslizando por meu rosto. A profusão das lágrimas, e todo aquele sangue, e os meus ferimentos e as dores e todos aqueles machucados em Aaron. Tudo só me desesperava mais a cada segundo.

Eu só percebi que sussurrava os pedidos de minhas orações quando as sirenes de ambulâncias e bombeiros se tornaram mais audíveis e conseguiram me tirar daquele torpor.

— Eles chegaram — Rodrigo avisou a pouco mais de um metro de distância de onde eu estava. Ele terminava de se livrar das últimas cordas que prendiam os pulsos de Aaron, não me encarava, mal havia me dirigido a palavra até aquele momento. Eu quase poderia dizer que havia algum desespero contido por trás daquela expressão séria e quase insondável, uma inquietação que aumentava o ritmo de sua respiração, mas o impedia de deter sua atenção em qualquer coisa que não fosse o irmão desacordado e ferido ali.

Eu já ouvia as ambulâncias mais próximas quando usei uma das mãos para limpar meu

rosto. Respirei fundo, verifiquei o pulso de Aaron e voltei a fitá-lo.

— Vai ficar tudo bem — murmurei para mim mesma. Queria acreditar nisso mais do que em qualquer coisa.

Rodrigo jogou as últimas cordas ao seu lado e tossiu algumas vezes, isso me lembrou que ele foi exposto por mais tempo à fumaça e ao fogo enquanto me ajudava a tirar aquela tubulação de cima de Aaron e depois nos tirava de lá.

Eu não sabia o porquê de ele estar aqui, tampouco o motivo de ter me ajudado a tirar Aaron daquele galpão, mas não acreditava que pudesse ter algum surto de benevolência depois de tudo o que já tinha feito contra o irmão, nem acreditava naquela atuação mediana. Contudo, eu também não conseguia imaginar o que ele ganharia com tudo isso.

Quando ele tentou levantar de onde estava, eu agarrei seu braço com uma das mãos, o contato fez com que ele se voltasse para mim e um segundo de distração fizesse sua máscara ruir; a aflição que vi incrustada em seus olhos quando a máscara insondável caiu, me intrigou.

Mas, segundos depois, a percepção de que aquela podia ser uma encenação me irritou, lembrar do motivo de estarmos ali, de Aaron estar tão machucado agora, me enfureceu nas mesmas proporções e eu tenho certeza de que isso ficou perceptível em meus olhos porque algo em Rodrigo também mudou naquele instante.

— Como nos achou aqui? — inquiri tentando soar inabalável por toda aquela noite, mesmo que ele tivesse visto muito do meu desespero pra acreditar em qualquer força que eu tentasse mostrar agora.

— Isso realmente importa? — perguntou quando se livrou do meu aperto em seu braço. O seu tom de voz me mostrou que aquela já não era a versão de um Rodrigo preocupado, ele voltara a ser escorregadio e irritante.

— Sim, porque é muita coincidência você estar aqui agora quando aqueles filhos da puta te procuraram por tanto tempo e não encontraram. Eu não acredito em coincidência na verdade, então é bom você começar a explicar.

— Ah, vai pro inferno! — ele mandou externando seu cansaço enquanto apoiava parte de seu peso em um dos braços e tomava impulso para levantar. Rodrigo cambaleou antes de conseguir se firmar de pé no chão, tossiu outra vez e mancou enquanto dava alguns passos para se distanciar de mim, havia machucado um dos pés minutos atrás ao sair do galpão com Aaron. Assisti em silêncio ele se recostar a uma árvore e avaliar a queimadura em sua perna.

— Não sei se você já pensou nisso, mas a polícia também virá pra cá e, com certeza, vai querer saber o que infernos aconteceu e como você achou a gente aqui nesse fim de mundo. Seu histórico não é nada bom, Rodrigo — avisei já deixando minha ameaça implícita.

Seu olhar migrou do ferimento que avaliava para o meu rosto.

— Está insinuando que ficará contra mim? Eu salvei a sua maldita vida, sua vadia, não percebeu?!

— Você não precisaria salvar se não fosse o único responsável por estarmos aqui — retruquei. — Como nos encontrou, Rodrigo? — repeti entre pausas para que ele compreendesse que eu não desistiria.

Ele me fitou furioso. Não respondeu imediatamente, mas o passar dos segundos, e a provável conclusão a que ele chegou de que eu não estava blefando, fez com que ele dissesse, algum tempo depois:

— Eu não armei a porra desse inferno — assegurou surpreendentemente controlado. — Nem saberia que vocês estavam aqui se não tivessem me ligado achando que eu é que estava com aqueles filhos da puta.

Algo naquelas frases soltas ditas por Rodrigo fez com que minha mente desse um nó momentâneo.

— Quem te ligou para falar que estávamos aqui? — indaguei após quase um minuto de inércia mental.

— Você não acreditaria se soubesse — ele respondeu, com seu semblante sisudo e o tom de voz irônico. Quando abri a boca para fazer outra pergunta, ele se adiantou: — Não pode voltar a rezar e me deixar em paz? Você só é suportável quando está calada.

— Vai pro inferno, Rodrigo! — mandei, enfurecida. Ele fingiu não ouvir. — Não entendo o que você veio fazer aqui. Se queria tanto o maldito dinheiro de Olavo, não seria mais fácil deixar Aaron morrer?

Isso fez com que ele se voltasse para mim.

— Eu posso odiá-lo, mas isso não quer dizer que vou abandoná-lo pra morrer nas mãos de um traficante como Carlão!

Não sei se foi a franqueza que identifiquei naquelas palavras ou a confusão contraditória que ele ainda parecia enfrentar por estar ali e ter nos ajudado, mas Rodrigo conseguiu me calar com a junção de tudo aquilo.

— Foda-se! — ele retomou sua fala após desviar seu olhar do meu e se ater ao galpão atrás de onde estávamos. — Não preciso te explicar porra nenhuma!

Meneei a cabeça, perdida.

— Nunca vou conseguir entender essa relação de vocês — admiti. — Essa raiva tomada como ódio que justifica atitudes, mas não é suficiente para fazer vocês esquecerem que são irmãos.

— Você não sabe nada sobre nossa relação, cunhadinha — ele replicou, tentando sem sucesso soar debochado. — Duvido que Aaron tenha contado algo relevante sobre o que se passou antes de você decidir entrar nesse inferno.

— Nada que ele me contar vai mudar o fato de que você foi um filho da puta com toda a sua família, que fomos sequestrados, quase assassinados e que Aaron está desse jeito por sua culpa, porque você foi um bastardo incapaz de manter suas merdas longe da sua família e agora todos estão envolvidos.

Rodrigo apenas me encarou em silêncio por alguns segundos, incapaz de retrucar. Alguns momentos depois ele direcionou sua atenção ao fogo novamente e voltou a pôr sua máscara imperscrutável.

Balancei a cabeça, confusa, cansada, sem saber até mesmo o que ainda pensar. Respirei fundo e fitei Aaron. O sangue havia estancado em seu ferimento, graças a Deus. Isso conseguiu me acalmar ao menos um pouco em relação ao seu estado. Limpei um pouco da fuligem em seu rosto e beijei sua testa, uma parte de mim ainda precisava sentir que ele ficaria bem e sentir que ele estava quente, respirando, conseguia alimentar minha esperança.

As sirenes da ambulância estavam mais altas agora, bem mais próximas de onde estávamos. Finalmente sairíamos daquele inferno.

Alguns dias depois...

— Lola, você precisa descansar! — Natasha voltou a insistir quando vovô e Mabel deixaram o quarto em que Aaron estava, ela me seguia pelo corredor do hospital. — Não está comendo e dormindo direito há dias! Isso está te fazendo mal!

Eu sei que ela está certa. Mas eu estou bem até agora e aguentarei até Aaron sair desse hospital. Se precisar ficar aqui por mais dias ou semanas, eu ficarei.

Vovô passou por nós com Mabel ao seu lado e avisou que eles aguardariam Natasha na recepção. Era pouco mais de sete da noite e os três iriam para casa, ficaram com Aaron nas últimas três horas, enquanto Rob me levou pra casa para que eu pudesse tomar banho e trocar de roupa. Depois de dias ali, todos já haviam desistido de tentar me convencer a sair do lado de Aaron para descansar, exceto Natasha.

— Nat, eu estou bem, ok? Não precisa se preocupar — repeti. — Pode ir para casa e ficar tranquila, se Aaron se lembrar de algo mais, eu avisarei.

Ela suspirou.

— Você é muito teimosa, sabia disso?!

Consegui lhe dar um sorriso e entrelacei minha mão a sua antes de dizer:

— Estou bem, Nat. *Sério*. E Aaron também já está se recuperando. Logo ele vai sair daqui. — Tentei nos convencer disso porque era o que nós duas precisávamos, ambas estávamos muito preocupadas com Aaron e nenhuma de nós queria sair do lado dele. Por ela ainda ser menor de idade, eu é que sempre ficava no hospital durante as noites e dividíamos o dia com ele, assim como Mabel e vovô. Aaron não estava em estado grave, graças a Deus! Só permanecia no hospital para cumprir a semana de antibióticos que o médico prescreveu por causa de uma infecção. Ele estava se recuperando bem depois de todo o inferno que havíamos passado há alguns dias.

— Tudo bem — ela concordou, retribuindo meu aperto em sua mão e se inclinando um pouco para me abraçar na cadeira de rodas, que eu voltara a usar para deixar vovô e Rob mais tranquilos. — Vou deixar o celular ligado e sempre comigo, me ligue se acontecer qualquer coisa, por favor.

— Vou ligar — prometi quando acabamos com o abraço. Ela ainda hesitou antes de se mover para sair, mas após alguns momentos, se despediu e foi embora.

Um dos seguranças que vovô pediu que ficasse aqui no hospital, abriu a porta do quarto de Aaron para mim e me permitiu entrada. Precisei inspirar fundo para sentir que ainda podia lidar com mais daquela sensação desoladora de estar ali com Aaron, quando ele não lembrava nada sobre mim. Movi a cadeira devagar, entrei no quarto e a porta foi fechada.

Aaron estava acordado e se moveu apenas o suficiente para ver quem havia entrado. Senti algo desmoronar aos poucos no meu peito quando ele me encarou. Engoli o nó que se formou em minha garganta e sustentei seu olhar, ainda que doesse não encontrar nenhum tipo de reconhecimento ali, apenas um olhar vazio e, às vezes, curioso. Eu era uma peça que não se encaixava de nenhuma forma nas lacunas vazias de sua mente. Aquilo doía como o inferno.

Onze

“Falando sério
É bem melhor você parar com essas coisas
De olhar pra mim com olhos de promessas
E depois sorrir como quem nada quer”
Falando Sério – Claudia Leite

Inspirei fortemente e abri os olhos como se o peso sobre eles se dissipasse e aquela fosse minha única chance de fugir daquele maldito torpor.

O teto do quarto era branco, assim como todas as paredes dele, a decoração era insípida, não havia mais do que dois quadros em todo ele. Sobressaltei-me ao perceber que estava em um hospital e desconectei rapidamente todos os malditos fios ligados a mim ao relembrar de cenas desconexas do que aconteceu naquele maldito galpão, as feridas em meus pulsos e braços eram provas indiscutíveis de que aquilo havia realmente acontecido, as dores provenientes de cada um deles também.

— Aaron! — A voz doce, suave e preocupada de Dolores me tranquilizou imediatamente. Deixei um suspiro escapar ao vê-la se aproximar de mim em uma cadeira de rodas. Ela está bem. — Você está bem? Como se sente? — Ela soou desesperada.

Olhei para meus braços, repletos de queimaduras cicatrizando e cortes causados pelas cordas que me prenderam anteriormente. Levantei o lençol fino que me cobria e vi que minhas pernas não estavam tão machucadas, mas havia algumas queimaduras nas duas. Respirei melhor ao tentar movê-las e perceber que as duas obedeceram a esse comando.

Lola entrelaçou sua mão direita a minha e isso trouxe minha atenção para ela novamente. Ela se voltou para a espécie de bandeja que estava sobre um protótipo de criado-mudo e pegou um controle pequeno.

— Você está bem?! Não se machucou naquele galpão?! — indaguei chamando sua atenção ao vê-la apertar alguns botões desesperadamente.

— Lembrou do que aconteceu?! — perguntou dubiamente.

Juntei as sobrancelhas sem entender o motivo daquela pergunta óbvia.

— É claro que sim, que tipo de pergunta é essa?!

Ela ignorou e expirou fortemente, aparentemente aliviada, levantou da cadeira em que estava — mesmo com a perceptível dificuldade — e, com lágrimas brilhando em seus olhos, me abraçou.

O vinco em minha testa aumentou, meu desentendimento também, mas retribuí seu abraço.

— Como se sente? — ela questionou quando fechei os olhos e algumas cenas do que aconteceu naquele galpão voltaram a me perturbar.

— Estou bem. E você?

— Também.

Estranhei o fato de ela manter o abraço, mesmo após alguns minutos. Dolores não era dada a esse tipo de demonstração de afeto tanto quanto eu. Parecia temer algo. Decidi perguntar:

— O que houve?

— Não lembra de nada sobre a última semana? — ela perguntou ao invés de me responder.

— Do que você...

Ela me interrompeu, elucidando:

— Você estava sem memória. — Aquilo parecia machucá-la, mas ela não queria admitir, portanto, usar seu tom neutro quase surtiu o efeito desejado.

— Como eu estava sem memória, eu...

Silenciei-me ao ouvir a porta do quarto ser aberta e uma enfermeira entrar.

— Ele recuperou a memória — Lola disse.

— Chamarei o médico. Como se sente, Sr. Andrade?

Voltei-me para ela, fitando seus olhos verde-esmeralda e sua postura ereta.

— Estaria melhor se já pudesse ir para casa — respondi, ela sorriu, compreensiva, e avisou que chamaria o médico. — O que houve? — indaguei para Dolores assim que a

mulher deixou o quarto.

— Você não se lembrava de quase nada — ela disse vacilante. — A tubulação daquela máquina caiu sobre você e você desmaiou, segundo o médico isso explica a amnésia temporária. Graças a Deus, o baque não causou nenhuma fratura. Foi um milagre — contou por fim.

Não fui capaz de articular nenhuma resposta, tentava apenas recordar do que ela contava, mas não conseguia lembrar com clareza o que antecedeu meu desmaio naquela noite. Ela prosseguiu:

— Aquele capanga, Max, tentou tirar a arma de mim, mas já estava engatilhada e, enquanto brigávamos por ela, ele foi atingido. Ele e aquele filho da puta, o de moicano, morreram, se não pelos tiros, pelo fogo.

Ao notar que eu continuava a tentar lembrar algo que elucidasse em minha mente o que ela contava, ela mudou de assunto:

— Está bem mesmo? Não sente dor de cabeça ou nas pernas? Durante a semana você sentiu dores nas pernas!

Acenei, negando, e olhei para minhas pernas, mesmo com os lençóis que as cobriam, realmente não sentia nenhum tipo de dor, além das que vinham dos ferimentos causados pelo fogo e pelas cordas.

— Como saímos daquele galpão? — indaguei ao recordar do início de sua explicação.

Lola hesitou visivelmente e respirou fundo uma vez antes de dizer:

— Rodrigo nos ajudou.

Ela afirmou, mas pareceu não acreditar em suas próprias palavras tanto quanto eu duvidei

que Rodrigo pudesse ter feito isso.

— Como ele soube que estávamos lá? — inquiri tentando compreender. — Por que ele nos ajudaria?

— Parece que alguém o avisou, mas ele não me disse quem. Ele veio aqui há duas noites, de madrugada. Não queria que ninguém o visse, mas eu estava aqui. Não explicou nada, não respondeu minhas perguntas, apenas se certificou de que você ficaria bem e foi embora.

— Não entendo.

— Nem eu — ela admitiu. — Não sei o que pode haver entre vocês para se odiarem tanto, mas, ao mesmo tempo, se preocuparem tanto um com o outro. Quando vimos aquela tubulação sobre você, esquecemos até o ódio que sentimos um pelo outro. Por um momento senti que, se pudesse, ele preferiria estar no seu lugar. Sei que você também faria o mesmo. Seria capaz de dar a vida por Rodrigo, apesar de tudo. Não entendo esse relacionamento de vocês.

Eu não respondi, também não entendia, só sabia que sempre havia sido assim. Apesar de Olavo, apesar de Fernanda, apesar do ódio por suas escolhas e por ameaçarmos um ao outro, seríamos capazes de tudo um pelo outro. Talvez fosse o sangue que nos ligasse desta forma.

Duas noites se passaram desde que acordei e o médico disse que me liberaria no dia seguinte já que eu estava bem — somente os ferimentos das queimaduras precisavam cicatrizar, assim como eu também precisava cumprir a semana de antibióticos que havia começado por causa de uma infecção. Não senti mais dores nas pernas, nem mesmo dores de

cabeça e apesar de ter machucado uma costela — com um dos chutes que o filho da puta daquele capanga me deu — também já me recuperava bem disso. Hoje, durante o dia, o médico insistiu em fazer novos exames e raios-X para se ratificar a inexistência de outra fratura.

Durante estes dois dias, o tempo "livre" no hospital foi preenchido por conversas com Dolores — que não saiu do meu lado nem mesmo durante a noite. Conversamos sobre os mais variados assuntos, contei a ela sobre os primeiros dias de trabalho na empresa e como eu tentava me adaptar, ela me contou sobre o que fazia enquanto trabalhava na *Airmac* e que começara a fazer aulas de tiro ao alvo com Robson, falei sobre Natasha e Vitor — que eu não gostava da ideia de tê-lo na família e que gostava de assustá-lo com meus olhares assassinos e isso a fez rir.

— Você é um irmão mais velho insuportável — ela disse após uma gargalhada deliciosa.

— A Nat é ingênua demais, sabia? Por isso eu preciso deixar esses namoradinhos cientes do que acontecerá se a fizerem sofrer.

Lola meneou a cabeça, ainda sorrindo. Olhei para as nossas mãos entrelaçadas, ela fez o mesmo e, diferente do que sempre acontecia quando percebíamos que estávamos demonstrando demais como nos sentíamos em relação ao outro, nós dois apenas aumentamos aquele aperto confortável, tornando aquele encaixe ainda mais perfeito. O silêncio entre nós não era desconfortável, nossos olhares diziam mais que qualquer palavra ou promessa bonita.

Estávamos bem de novo. E juntos. Desta vez nada mudaria isso.

Dolores dormia tranquilamente sobre a poltrona do outro lado do quarto, era desconfortável, mas por causa da minha costela machucada ela preferiu não dividir a cama do hospital comigo.

Eu não sabia se o que me mantinha acordado era a ansiedade por saber que pela manhã poderei finalmente ir embora ou se era porque havia me lembrado de mais coisas sobre o que aconteceu no galpão e as palavras daquele traficante me deixaram ainda mais pensativo e decidido a lembrar qualquer outro detalhe que me ajudasse a compreender o que Rodrigo estava escondendo.

"Está preocupado com aquele bastardo? O dinheiro não me importa tanto quanto o que ele tirou de mim. Eu a quero de volta e só ele sabe onde ela está."

Essas foram as exatas palavras do traficante e, ao lembrar a minha discussão com Rodrigo há mais de um ano, quando ele descobriu sobre meu envolvimento com Fernanda, foi fácil chegar à conclusão de que "ela" era a vadia da Fernanda. Os dois fugiram para que, ao chegar aqui, se separassem? Somente assim Fernanda estaria segura? Mas por que infernos ela decidiu se aproximar de mim então? Se acreditava que eu receberia a herança de Olavo, certamente também sabia que se fosse minha esposa quando isso acontecesse, ela entraria em evidência e esse traficante a encontraria facilmente. Não faz sentido.

A porta do meu quarto foi aberta lentamente e me movi sobre a cama com cuidado para verificar quem entrava, havia seguranças lá fora — segundo ordens de João — acreditei ser uma das enfermeiras, mas não me surpreendi ao ver Rodrigo. Em contrapartida, ele pareceu muito surpreso em me ver acordado.

— Continuaria a vir aqui somente quando eu não pudesse vê-lo?

Ele deu de ombros e fechou a porta antes de se aproximar.

— Era o meu plano, sim. — O sarcasmo naquelas palavras era nítido.

Apertei os botões da cama que a faria se mover o suficiente para que eu pudesse sentar confortavelmente. Rodrigo escondeu as mãos nos bolsos e me fitou em silêncio. Por mais que agora estivesse com barba e isso sombreasse a sua expressão, por mais que seu cabelo estivesse um pouco maior do que ele sempre preferiu deixar, por mais que ele preferisse vestir roupas mais despojadas que eu, eu sempre sentiria como se estivesse olhando para um espelho quando o encarasse como agora.

— O que você tirou desse traficante, Rodrigo?

O seu semblante obscureceu gradativamente enquanto eu fazia aquela pergunta e ele pensava sobre a resposta.

— Nada que fosse dele.

Apertei os olhos para ele.

— Então por que ele está atrás da gente?!

— Porque é um filho da puta louco.

— Lola e eu quase morremos e você está completamente ciente de que a porra da culpa é toda sua. Você nos colocou nesse inferno, Rodrigo — lembrei-o. — Não é mais o único que precisa se livrar dele.

— Acha que eu não tentei me livrar dele? Eu já fiz tudo o que podia fazer! Já esgotei todas as malditas possibilidades. — Fez uma pausa, e expirou com força. — Você está com o dinheiro de Olavo, conseguirá manter todos seguros. É bom nisso.

A seriedade em sua expressão naquele momento me perturbou. Poucas coisas conseguiam deixá-lo assim. Rodrigo *estava* falando sério. Não sabia o que fazer para se livrar daquele traficante e tinha certeza de que já havia tentado tudo.

— Devolva o que ele quer — mandei.

— Nunca — ele replicou, com seus olhos agora faiscando de raiva.

Fitamo-nos em silêncio, ambos tentando nos controlar para não iniciar outra maldita discussão. Fernanda sempre seria motivo de discussão entre nós.

— Por que ajudou a me tirar daquele galpão? Não teria sido mais fácil me deixar morrer para conseguir a fortuna de Olavo?

— Não faça eu me perguntar por que me dei o trabalho de ir atrás de vocês naquele lugar.

Expirei o ar com força.

— Ainda precisa de dinheiro? É por isso que está aqui agora?

Rodrigo balançou a cabeça, os olhos entrecerrados retinham um brilho de irritação que ele não conseguia esconder.

— Vai se foder, Aaron! — Foi sua resposta antes de seguir em direção à porta.

— Como nos encontrou naquele galpão?! — indaguei antes que ele chegasse à saída.

— Fernanda descobriu e me contou.

Uni as sobrancelhas, a principio sem entender como Fernanda saberia disso, mas depois percebi que aquela era a melhor confirmação que eu teria para as minhas suspeitas sobre o motivo de aquele traficante estar atrás de Rodrigo.

— Rodrigo... — chamei-o, ele não se moveu para fora do quarto, nem voltou a me encarar, apenas manteve a porta aberta. — E se ele te encontrar?

— Talvez esse inferno tenha um fim.

O silêncio voltou a reinar quando ele saiu, Lola sequer se moveu. O resto da madrugada quase seguiu como se Rodrigo jamais tivesse passado por ali. Se não fosse por minha decisão de descobrir o que infernos estava acontecendo com ele e em sua vida.

Doze

“Eu gosto tanto de você
Que até prefiro esconder
Deixo assim ficar
Subentendido
Como uma ideia que existe na cabeça
E não tem a menor pretensão de acontecer”
Apenas Mais Uma de Amor – Lulu Santos

A voz rouca de Natasha conseguiu me acordar do meu sono que, infelizmente, por ter tantos problemas em mente, foi de pouquíssimas horas.

— Lola, é só uma pergunta! Aaron nunca saberá! — Foram essas as suas palavras a me acordar e, imediatamente, me fazer fechar os olhos de novo.

Do que elas falavam?, perguntei-me ao lembrar dos poucos segundos em que pude vê-las

no quarto. Dolores estava ao lado da poltrona em que dormira durante a noite e parecia arrumar uma mochila, enquanto Natasha, à sua frente e de costas para mim, a fitava de braços cruzados, numa postura decidida a obter uma resposta.

— Eram minha mágoa e meu orgulho os principais motivos, mesmo que não tão nobres, de eu manter Aaron longe. Mas agora eu não me julgo capaz de lidar com uma nova perda. Esse foi um dos motivos que me fez aceitar tentar de novo. Era mais fácil nos dar uma chance do que me forçar a acreditar que não havia mais qualquer possibilidade de termos algo. *Satisfeita?*

— Ah, meu Deus! — Nat exprimiu num tom que não poderia soar mais surpreso aos meus ouvidos. Enquanto eu me limitei a interromper o ritmo de minhas respirações para tentar digerir a resposta de Dolores, tentar me forçar a acreditar que realmente ouvira aquilo. — Ah, Lola! Vocês deveriam demonstrar mais como realmente se sentem em relação um ao outro. As coisas seriam tão mais fáceis! Olha, eu sei que vocês dois são mais fechados, mais retraídos, mas seria mais fácil se ao menos...

Lola cortou Nat em sua fala, deixou um suspiro frustrado lhe escapar e, após isso, indagou:

— Por que você insiste em falar do que há entre mim e Aaron? Estamos nos entendendo e, talvez por causa de tudo o que aconteceu no último mês, isso esteja acontecendo mais rápido do que eu imaginava. Não precisa...

Natasha a interrompeu:

— Porque se você soubesse que Aaron passou os últimos dois meses se martirizando por você ter ido embora e depois, quando você voltou, ele se culpou por tudo o que aconteceu e também temeu que você nunca o perdoasse, talvez a reconciliação tivesse acontecido bem antes do que aconteceu. Talvez você percebesse antes que ele merecia outra chance.

Porra!

— E se Aaron soubesse que há algumas semanas, quando ele foi baleado, você tentou encontrar um voo para Porto Alegre? Ou até mesmo que, durante esta semana, enquanto ele estava aqui, você não saiu do lado dele nem mesmo quando percebemos que estava sem memória? Acho que se ele soubesse disso, também perceberia que você está apaixonada por ele.

Caralho! Isso realmente aconteceu?!

— Natasha! — Dolores exclamou, surpresa, e um tanto cética, mas Nat não parou de falar, nem Lola tentou negar.

— Vocês dois complicam tudo! Até parece que admitir ter sentimentos um pelo outro é se expor em um nível inaceitável e imprudente! Não é tão difícil, sabia? Depois do que se passou durante esta semana, de todas as preocupações, você deveria ao menos tentar!

— Você não sabe do que está falando! — Lola cortou, evasiva. — Não vou discutir com você sobre isso.

— Viu só?! Vocês são iguaizinhos! — Nat insistiu e, segundos mais tarde, completou em um tom sarcástico: — Eu só quero descobrir até quando continuarão com isso.

Dolores não respondeu.

O silêncio simultâneo durou minutos até que Lola avisasse que iria atrás do médico, então ouvi a porta do quarto ser aberta e fechada e, por fim, Natasha dizer:

— Já pode abrir os olhos!

Eu o fiz, mas não resisti ao ímpeto de revirá-los em seguida, ao me deparar com seu olhar e sorriso impertinentes.

— Você precisa parar com isso — avisei, mascarando o choque e a surpresa com minha usual e infalível seriedade. — Eu não me intrometo no seu relacionamento com Vitor, deixe o meu em paz, porra!

— Mas o Vitor e eu não precisamos da ajuda de terceiros para nos resolver, muito menos para admitir que nos amamos, já vocês...

Suspirei fortemente. Livrei-me do lençol e levantei daquela maldita cama — fiz tanto esforço quanto consegui para reprimir a pequena fisgada de dor em minha costela.

Já de pé e usufruindo o pouco de dignidade que a bata azul-clara que eu vestia me dava, eu concluí, desta vez com um semblante inexpressivo até mesmo para minha irmã mais nova:

— Primeiro: não precisaríamos nos resolver se “terceiros” não tivessem se envolvido no que tínhamos. Nós resolvemos justamente quando não havia mais ninguém para tentar nos influenciar em qualquer tipo de decisão.

Foi a vez de Nat revirar os olhos e sentar sobre a cama em que eu estava há alguns segundos, enquanto eu seguia para o banheiro.

— Segundo: não somos obrigados a admitir nada. E mais, me poupe dos seus acessos de sentimentalismo. Quando acharmos que temos algo assim para dizer um ao outro, nós diremos. Somos mais sinceros um com o outro do que você imagina.

— “Algo assim” — ela debochou quando eu já havia fechado a porta.

Com cuidado, me livrei daquela bata e avaliei o ferimento mais feio em meu braço direito, ele havia infeccionado, mas após uma semana de antibióticos, estava bem melhor e as tatuagens ajudavam a ocultá-lo.

Ao lembrar do motivo daqueles ferimentos, em um efeito bola de neve, minha conversa com Rodrigo durante esta madrugada povoou minha mente novamente e eu, mais uma vez,

mitiguei as preocupações e irresoluções com a convicção de que, independente do que ele estava escondendo desta vez, eu descobriria do que se tratava e como faria para que isso parasse de afetar minha vida também. O mais rápido possível.

Já havia uma muda de roupa para mim na pia do banheiro, assim como uma escova de dentes, creme dental e um pente, deixado por Dolores ou Natasha. Balancei a cabeça e, por mais que tentasse não sorrir, me foi impossível deter esse impulso involuntário. Por um momento me senti um maldito adolescente, mas afugentei esse pensamento estúpido. Que mal havia em me sentir feliz em relação à informação mínima revelada por Natasha? Sobre Dolores tentar voltar a Porto Alegre por estar provavelmente preocupada comigo apesar de tudo? E durante esta semana, novamente, não ter saído do meu lado por esse mesmo motivo? Não que eu já tivesse duvidado que ela faria algo assim, mas a confirmação desse ato era por si só revigorante.

Após meia hora, deixei o banheiro já vestido. Já havia penteado os cabelos e escovado os dentes também. E sim, tudo isso era pressa para finalmente ir embora logo. Ainda que eu continue a não me lembrar do que aconteceu enquanto estava sem memória, o tempo neste hospital já superou os limites da minha paciência.

O médico conversava com Dolores e Natasha, mas todos me cumprimentaram ao me verem. Dolores me encarou por mais tempo que todos, mas não consegui desvendar que sentimento e preocupação estavam escondidos ali. Odiava não conseguir compreendê-la completamente. Ela tentava encontrar algum tipo de resposta?, perguntei-me. Talvez fosse exatamente isso. Independente de qual fosse a pergunta, eu esperava que ela obtivesse o que desejava.

O médico chamou minha atenção para indagar sobre os incômodos causados pela minha costela, mas não permiti que ele se prolongasse e respondi com monossílabos tanto quanto pude. Poderia facilmente tolerar os desconfortos trazidos por aquele machucado, sobretudo se estivesse em casa, fazendo algo minimamente útil.

Natasha seguiu o médico quando ele deixou o quarto, indagava sobre os prognósticos e tudo o mais necessário para que eu me recuperasse o mais rápido possível. Era notável o seu excesso de preocupação e eu senti um pesar por somente agora notar isso, não lembrava qual fora sua reação ao me ver neste hospital, já que a parte desta semana ainda me era uma lacuna não preenchida, porém, decerto não fora a mais serena e controlada.

— Como se sente? — Lola indagou quando, enfim, estávamos sozinhos no quarto. Ela redirecionou sua cadeira para ficar à minha frente e se aproximou lentamente sem tirar seus olhos dos meus. Ainda procurava algo em mim, alguma resposta, alguma confirmação para alguma questão que a deixava inquieta a ponto de permitir transparecer como se sentia.

Inferno!, exclamei em pensamento quando algo pertinente a situação me veio à mente. O que a perturbava agora eram as insistentes observações de Natasha?

— Muito melhor por saber que finalmente poderei ir embora — respondi. Com um pouco de esforço, consegui ficar de cócoras à sua frente, com o rosto na altura exata do seu. — O que houve? — questionei em voz baixa, com o cenho franzido em sincera preocupação.

Ela se limitou a menear a cabeça como resposta. Os olhos castanhos turvados, titubeantes, mas, ao mesmo tempo, com um ínfimo resquício de certeza — do quê exatamente eu não sabia. Desisti de uma resposta condizente ao que havia nas esferas amendoadas e hipnotizantes à minha frente, e permiti que minha atenção se voltasse aos seus lábios; belos, carnudos, beijáveis e, para mim, viciantes. Dolores dificilmente os preenchia com algum tipo de batom ou brilho labial e, porra, eu adorava aquilo, adorava poder beijá-la sem me preocupar com qualquer droga de maquiagem, adorava poder sentir a maciez e perfeição daqueles lábios contra os meus sem nada além deles para me instigar a tê-los.

Aproximei-me tanto quanto poderia naquele momento, mesmo que meu desconforto aumentasse e, ao perceber que sua respiração agora irregular tinha como único motivo aquela proximidade entre nós, eu a beijei suavemente e segurei sua nuca. Suguei seu lábio inferior e o mordi antes de procurar sua língua com a minha e beijá-la profundamente com toda a porra

de desejo que precisei reprimir durante esses dois meses sem aqueles lábios, sem aquela boca perfeita e esperta, sem ela.

Eu poderia continuar apenas beijando-a por minutos, horas a fio, e, por mais que precisasse usar de uma força interior que parecia mais enterrada em mim quando Dolores estava tão perto, eu conseguiria me controlar e apenas continuar nos beijos, mas à medida que o beijo se tornava desesperado, impossível de ser quebrado, e ela me puxava para si, minha avidez por senti-la mais e mais perto só aumentou.

— Ainda estamos no hospital — ela me lembrou, em um simples balbucio, como explicação à sua tentativa de se afastar.

— Porra! — exclamei bravo por precisar me afastar apenas por isso. Com a respiração tão ofegante quanto a de Dolores, eu encostei minha testa a dela.

— Cheguei a acreditar que isso nunca voltaria a acontecer — ela admitiu minutos depois, em voz baixa e sem se afastar. Suas mãos lentamente seguiram para meus cabelos, para se enterrar ali, como sempre o faziam.

Cerrei os olhos por um instante. Não gostava de pensar no que ela dissera.

— E eu a *temer* que isso não aconteceria novamente — foi a minha vez de confessar.

Um celular começou a tocar no bolso do terno que eu vestia. Peguei-o após Lola me informar que Oséias o trouxe para mim, que ele havia mantido o número antigo assim como os contatos salvos. Quando vi que se tratava de um número desconhecido, eu pensei em ignorar, contudo, lembrei que Rodrigo por vezes me ligava de números que eu não conhecia. Decidi atender.

— Diga — murmurei ao levantar.

— *Ricardo, ouça, eu preciso que você encontre Rodrigo e...*

Ao compreender de quem se tratava, eu, com apenas um milésimo de segundo, fiquei furioso e a interrompi:

— Fernanda?!

— *Fale com Rodrigo, diga a ele que me encontraram!*

Antes que eu dissesse qualquer outra coisa, a ligação foi encerrada.

Com o cenho franzido em confusão e desentendimento, eu fitei o celular em minhas mãos. *Que inferno aconteceu agora?*, indaguei-me.

— O que Fernanda queria com você? — foi a pergunta de Dolores a me tirar da perturbação em que aquele telefonema me instalou. — Por que *ela* ligou para *você*?

— É algo sobre Rodrigo — respondi, ainda confuso. — Ela quer que eu o avise que alguém a encontrou.

— E o que Fernanda tem a ver com Rodrigo?!

Hesitei, somente agora lembrava que ela não sabia sobre isso.

— Eles tiveram um relacionamento antes que eu me envolvesse com ela.

Lola me fitou boquiaberta.

— Vocês protagonizaram algum tipo sórdido de triângulo amoroso?!

— Não. Fernanda nunca esteve apaixonada por mim, hoje duvido até do que eu sentia por ela.

Lola me encarou confusa, segundos depois um pouco... magoada? Eu não sabia denominar. Mas me senti culpado ao ver aquele brilho inefável em seu olhar. Senti muito por ainda haver coisas sobre mim que ela não sabia.

— Por que não me contou isso antes, Aaron?

Expirei devagar, mas não desviei meus olhos dos seus.

— Eu não queria ter que falar sobre Fernanda para você, colocar Rodrigo no meio daquela história só geraria mais perguntas.

— Vamos precisar chegar a outro ponto determinante para que você decida me contar coisas da sua vida?

— Não — respondi, porque sabia que mesmo com minhas reservas, não conseguiria mais esconder nada dela.

Lola não disse mais nada, apenas fechou os olhos e expirou lentamente. Quase como se tentasse forçar a si mesma a deixar o passado onde ele estava.

— Está brava? — indaguei.

Ela respondeu com um aceno que indicava negação e soltou o ar de uma vez.

— Perplexa, talvez. Não esperava isso, Aaron.

— Que eu tivesse agido como um filho da puta?

— É.

— Sinto muito — murmurei, e estava sendo sincero.

Demorou um pouco até que ela expressasse algo diferente e tivesse alguma atitude.

— Então alguém encontrou Fernanda e Rodrigo precisa saber disso? Eles ainda não juntos?

— Eu achei que não, mas acredito que esse traficante a quer.

Ao fim de minhas palavras, Dolores também tinha o semblante desentendido.

Em questão de segundos, uma série insuportável de novas indagações e hipóteses preencheu minha mente, mas me recusei a me permitir decair daquela forma por causa de Fernanda. Sabia, claro, que Rodrigo estava envolvido em algum tipo de inferno com ela, mas a parte que cabia a ela não me interessava.

— Isso está me cheirando a algum tipo de inferno particular no qual vamos nos envolver novamente — ela disse, os olhos apertados em minha direção, mas não de forma acusatória.

— Você não tem nada a ver com isso. Desta vez não vou deixar que entre nesse maldito inferno em que Rodrigo se enfiou — avisei-a.

Dolores revirou os olhos, mas uma espécie de sorriso despontou em seus lábios.

— A essa altura você já deveria saber que não me interessa o que você quer ou não que eu faça, farei o que *eu* quiser — replicou.

Juntei as sobrancelhas furioso por aquela réplica audaciosa que, apesar de me irritar, por alguma droga de motivo desconhecido, por vir dela, também me cativava e instigava imensamente. Porra, sim, é confuso. Dolores conseguia me provocar uma série de emoções e sentimentos distintos e controversos com uma facilidade que ainda me surpreendia.

Respirei fundo ao vê-la mover sua cadeira em direção à porta, dando fim à conversa. Com um suspiro de cansaço, questionei:

— Me dê um bom maldito motivo para você *querer* fazer parte disso?

Aquilo a fez parar e, aparentemente, hesitar por alguns segundos, quase intermináveis, eu diria. Mas a resposta resoluta deixou seus lábios:

— *Você* está envolvido.

Apesar de ter ido para casa apenas com Natasha (já que mamãe e João foram para a casa deste com Dolores, a pedido de Robson), a manhã passou rápido e, entre telefonemas com Lilian e Oséias, ficou decidido que, à tarde, ela virá para cá para me deixar a par do que aconteceu na empresa durante esta semana que se passou, embora hoje seja sábado.

Tentei falar com Rodrigo por todos os números provisórios que eu possuía dele, mas não obtive sucesso com nenhum. Isso me irritou porque, ainda que eu ignorasse o fato de Fernanda precisar da ajuda de Rodrigo, algo em mim sabia que nada de bom viria disso e até mesmo que, depois disso, eu não precisaria de nenhum detetive para descobrir o que Rodrigo estava nos escondendo.

Após o almoço, como Oséias me avisou, Lilian veio ao meu encontro para me atualizar sobre os acontecimentos na empresa e me informar sobre todas as mudanças que foram feitas em minha agenda. Na semana que vem terei que fazer uma viagem para avaliar o andamento de uma das obras da construtora e nem mesmo sei para qual cidade irei. A conclusão a qual eu sempre chegava ao perceber que as responsabilidades com as empresas de Olavo estavam penetrando cada vez mais em minha vida pessoal, era que eu odiava todo aquele inferno cada dia mais.

A primeira hora de reunião se passou bem, com Lilian me explicando alguns relatórios. Ela estava me mostrando a minha agenda reestruturada para a próxima semana quando batidas soaram na porta. Sem me importar de tirar minha atenção do notebook à minha frente, e acreditando se tratar de Marissa, a senhora que mamãe contratou para ajudá-la na cozinha e com a limpeza da casa, eu permiti a entrada.

— Então, na quinta-feira, voltaremos ao estado, mas iremos para Gramado. Oséias me informou que a Andrade possui um hotel e uma pousada lá, mas teve que demitir o procurador após a descoberta de um desfalque — Lilian prosseguiu, inclinando-se ainda mais sobre mim para dar zoom à planilha de horários à nossa frente. — Já contratamos um contador *freelance* para avaliar os relatórios de contabilidade do hotel para confirmar que não há nenhum outro rombo.

— O que realmente aconteceu em relação ao... — interrompi ao ouvir alguém pigarrear ruidosamente. Ao olhar para a porta do escritório e ver Dolores novamente, não consegui reprimir um sorriso. Fitei-a em silêncio por alguns instantes e levantei da cadeira em que estava ao perceber a seriedade em seu semblante, logo imaginei que algo havia acontecido, mas ao vê-la olhar para Lilian ao meu lado, entendi que não. Eu só a vi olhar para uma mulher daquela forma uma vez, quando me encontrou com Fernanda na sacristia daquela igreja há alguns meses. E, por isso, não consegui esconder meu sorriso. Claro, aquilo poderia não ser ciúme, mas se não fosse, eu não saberia denominar o que era.

— Eu não sabia que estava ocupado — ela disse quando parei à sua frente. — Natasha não me avisou que estava acompanhado, desculpe.

— Já estávamos terminando — murmurei. Beijei-a nos lábios e, quando percebi que aquela seriedade não deixaria sua feição tão cedo, eu decidi apresenta-la à minha secretária, que nos assistia com interesse. — Dolores, aquela é Lilian, minha secretária. Lilian, esta é Dolores, minha namorada.

Não sei dizer com certeza qual das duas ficou mais surpresa com minhas palavras, mas

apostei em Dolores por minha atenção estar mais concentrada nela. Talvez ela não tivesse entendido bem quando, há uma semana, eu disse que desta vez as coisas seriam diferentes. Definiríamos bem o tínhamos para não correr o risco de ser chamado de “caso”. Portanto, agora somos sim, namorados.

— É um prazer, Srta. Dolores — Lilian foi a primeira a dizer algo enquanto Dolores me encarava com os olhos arregalados, claramente aturdida. Porém, isso logo mudou e ela voltou à expressão anterior.

— Igualmente — Lola concluiu e se voltou para mim. — Vou ajudar Mabel e Marissa com o jantar. Não quero atrapalhar vocês.

Percebi que ela pretendia me dizer algo importante, mas decidiu adiar até que estivéssemos a sós.

— Já estamos terminando — repeti.

Começaram a bater à porta novamente, desta vez era Marissa com nossos cafés e biscoitos. Dolores saiu com a funcionária em seguida.

A reunião se desenrolou mais rápido após a saída das duas e logo Lilian também já estava de saída.

Ao olhar para as pastas que ela havia deixado para eu avaliar no resto deste final de semana, eu deixei um suspiro frustrado escapar. Aquilo não estava dando certo, percebi. Eu continuo a preferir mil vezes uma combinação binária a uma porra de um contrato minucioso para verificar, nem mesmo os relatórios financeiros cheios dos números que eu tanto gostava, conseguiam me fazer sentir melhor. E, apesar de ainda não ter feito nenhuma bobagem no meu pouco tempo cuidando de tudo, eu queria erradicar qualquer possibilidade de isso acontecer. O mestrado que fiz antes de me candidatar à vaga na revista há um ano foi de grande ajuda agora, mas se eu não quiser me perder em meio a tantas empresas e ramos,

talvez voltar a estudar seja a melhor saída. Procurar um MBA, quem sabe. Estamos no início do ano, é o melhor momento para isso, pensei.

Batidas na porta chamaram minha atenção e, após eu permitir, João entrou.

— Como se sente, Ricardo?

— Bem — respondi prontamente. Afastei parte das pastas que possuía em minha mesa e João se sentou à minha frente. Ele estava sério, com uma postura intransigente, quase brava. — O que houve?

Após alguns segundos me avaliando em silêncio, ele reportou:

— Robson voltou para São Paulo hoje de manhã. O traficante fugiu do presídio e, ao que tudo indica, a polícia não faz a mínima ideia de onde esteja.

Controlei o ímpeto de dizer algo sobre o assunto e, ao invés disso, me forcei a pensar. Então a ligação de Fernanda fez sentido e uma onda de perturbação me assaltou.

— Robson tem muitos contatos e foi tentar ajudar, mas não acho que fará muita diferença. A questão é que esse traficante acredita que vocês têm ligação com Rodrigo e por isso virá atrás de vocês. Dolores, Natasha e Mabel também estão em perigo. E eu não quero Dolores mais envolvida nisso do que já está.

— Você a conhece bem o suficiente para saber que nenhum de nós pode impedi-la.

João suspirou frustrado, enfurecido.

— Esse traficante quer algo com Rodrigo, algo que tenho quase certeza de ser Fernanda. Hoje aquela vadia me ligou e pediu que eu entrasse em contato com Rodrigo para avisar que "eles" a encontraram. Se a pegaram realmente, há uma chance de esse inferno terminar.

João não disse nada, nós dois sabíamos que ter qualquer ideia otimista como aquela, naquela situação, era um equívoco imperdoável.

— É bom que você encontre aquele filho da puta e o faça dar um fim nesse inferno — João avisou. — Querendo ou não, tudo começou por causa dele. Todos vocês estão envolvidos nisso por causa dele e se Mabel ou Dolores se machucarem minimamente, eu esquecerei que são parentes e o matarei.

Foi minha vez de suspirar. Eu não duvidava de suas palavras, o conhecia bem demais para cometer esse erro.

— Lola já sabe disso?

Ele meneou a cabeça e novas batidas soaram na porta.

— Nós dois sabemos que só há um motivo para ela querer ajudar nisso — ele disse. — E não é o ódio que sente em relação à Rodrigo.

Eu não disse nada em resposta a suas palavras. Nós dois levantamos, ele para ir embora e eu para procurar algo forte para beber, apesar das indicações do médico.

— Eu não vou permitir que qualquer um a machuque, João — afirmei quando percebi que ele esperava por uma réplica.

— Não é a primeira vez que me promete isso, Ricardo — ele lembrou, fazendo-me parar na metade do caminho para o balcão de bebidas no canto da sala. — E não, eu não o culpo pelo que aconteceu, só quero lembrá-lo que você não tem controle sobre o que acontece tanto quanto eu.

Respirei fundo uma vez, antes de me voltar para ele.

— Não há porquê tentar ajudar Rodrigo depois de tudo, Robson e eu concordamos com

isso, então no que depender de nós, aquele traficante vai matá-lo antes de encostar em Dolores ou Mabel.

— Sabe que não concordo com isso. Apesar de tudo, eu não posso.

— Eu me surpreenderia se concordasse.

Eu me voltei para ele quando as batidas insistentes ecoaram pelo escritório.

— Enquanto tenta proteger a vida de todos, não esqueça que você também tem uma.

Eu não respondi.

Ele abriu a porta e o ouvi trocar palavras com Dolores antes de deixá-la entrar. Eu me servi de uísque, pois esta era a bebida mais forte que possuía ali. Evitei olhar para Dolores, pois sabia que ela, mais do que qualquer outra pessoa, conseguiria notar a fúria reprimida em meu interior, assim como naquela situação também era a única que tinha chances de conseguir arrancar de mim o motivo para isso.

— Diferente do que vovô acredita, eu sei o motivo de Robson ter ido para São Paulo novamente — ela disse. — Eu pretendia contar isso a você, embora soubesse que vovô o faria, porque estou tentando realmente fazer com que a confiança seja um ponto forte nesse relacionamento...

Cerrei os olhos ao ouvir aquilo. Não podia acreditar que ela estava dizendo aquilo apenas para me fazer falar.

— Você está jogando sujo — acusei-a, ainda sem fitá-la, mas ela não pareceu se importar e concluiu:

— E eu também te contaria que cheguei às minhas próprias conclusões em relação a tudo, aliás, é bom que você também saiba que eu estava acordada ontem enquanto conversava com

Rodrigo no hospital. — Em sua pausa, eu decidi abrir os olhos e me voltar para ela, que prosseguiu ao me fitar: — Sei que Rodrigo está protegendo Fernanda, que esse traficante quer mais do que dinheiro e que agora está livre para conseguir. Duvido que você saiba de algo mais além disso, então não vou insistir nesse assunto, assim como não vou pedir que divida comigo coisas assim. Você precisa começar a fazer isso por livre e espontânea vontade.

— Dolores... — tentei dizer, mas ela me interrompeu.

— Mas não espere, por um segundo, que vou me afastar do que está acontecendo porque você, vovô e Robson acreditam que isso é perigoso demais para mim. Eu já estou metida nisso e não pretendo sair até que essa história tenha um ponto final e definitivo.

Eu comecei a ouvi-la ainda bravo, mas a cada respiração em busca de calma, eu consegui alcançar algo melhor: a compreensão. Apesar de inicialmente me enfurecer pela primeira observação feita por ela, desde o início eu soube que não poderia tirá-la disso, tampouco esperar que não tentasse ajudar de alguma forma, mesmo contra minha vontade. Já havíamos passado da época em que ela tentava me fazer contar algo sobre minha vida, eu já deveria ter aprendido, embora agora não fosse por falta de confiança e um pouco de cuidado, mas sim por excesso deste último. Porque eu não conseguia nem mesmo me imaginar em algum tipo de situação em que ela estivesse machucada pelo fato de eu ter sido envolvido no inferno de Rodrigo, o simples pensamento era insuportável e a possibilidade existente aflitiva.

Dolores, como percebi, viu aquele como o fim da nossa conversa e, ainda com o queixo erguido, a convicção e a certeza de que não mudaria de ideia, ela segurou suas muletas com força e começou a se mover para fora dali.

— O que você quer que eu diga? — indaguei ao me livrar do copo que segurava para me aproximar. — Não quero você nisso e não posso mudar o fato de que não vai sair. Eu estou de mãos atadas, Dolores.

Ela respirou fundo antes de se voltar para mim, era óbvio que, tanto quanto eu, tentava se acalmar.

— Não diga nada. Já tivemos essa discussão antes — ela me lembrou. — Não creio que agora chegaremos a um acordo.

Suspirei frustrado.

Um par de minutos se passou enquanto apenas nos encarávamos em silêncio, o ar entre nós já não era pesado, não havia mais chateação ou raiva, havíamos finalmente alcançado um nível de tranquilidade que nos permitia pensar com clareza nos motivos do outro para expressar as vontades anteriores. E eu somente compreendi isso por causa do brilho singular em seus olhos, ele demonstrava que agora ela também me entendia.

— Não quero que me veja como alguém que precisa da sua proteção — disse.

— Isso é impossível, você sabe, Dolores — eu disse a ela enquanto me aproximava de onde estava. — Você é muito importante pra mim. Precisa começar a ouvir quando eu digo que não posso perder você novamente — murmurei tão baixo quanto ela.

Ela cerrou os olhos como se quisesse dar tempo para registrar o significado de cada uma daquelas palavras.

Talvez admitir esse tipo de coisa com mais frequência fosse realmente bom, concluí ao acariciar seu rosto.

— Você não vai me perder por causa disso — ela sussurrou, em um fio de voz.

Beijei-a ternamente enquanto minha mente registrava aquela resposta.

— Não vou perder você sob nenhuma hipótese — afirmei. — Não importa se não chegamos a um acordo antes, agora precisamos de um meio-termo. Precisamos começar a

ceder... — Acariciei seu rosto com o polegar antes de prosseguir: — Não vou tentar te tirar disso, sei que não conseguiria. Posso prometer não esconder mais nada daqui para frente, se você não agir com tanta impulsividade também.

— Impulsividade? — ela repetiu, incrédula. Confirmei com um aceno de cabeça.

— Preciso saber que não tenho motivos para me preocupar com você em relação a isso.

Lola expirou lentamente, após um momento de ponderação.

— Posso tentar — concordou.

— Obrigado — agradeci, pois este já era um começo. Ela sorriu timidamente e eu a beijei devagar, mas logo o desejo desmedido que eu sentia por ela, e sabia que ela sentia por mim, falou mais alto.

Envolvi sua cintura com um braço e a trouxe para mais perto, colando nossos corpos o máximo que nossas roupas permitiam. Suas muletas caíram no chão, mas ela não pareceu se importar, estava mais preocupada em manter o encaixe de nossos corpos. Seus dedos embrenharam-se em meus cabelos e os puxaram com força.

Quando separamos nossos lábios e ela voltou a me encarar, não foi surpresa a brilhar em seus olhos, era excitação e desejo a se acender ali, numa chama que eu tinha certeza, precisava de pouco da minha parte para se alastrar completamente. Inspirei fundo e seu cheiro delicioso e familiar me atingiu, aumentei o aperto em sua cintura e a beijei de novo.

Era perturbador o poder que essa mulher tinha sobre mim, com um simples olhar, uma simples frase, ela conseguia expulsar um punhado de preocupações da minha mente e ainda me deixar excitado, louco para tomá-la para mim de uma vez.

— Eu preciso ter você, Lola — murmurei contra seus lábios, desesperado, como se lhe pedisse permissão para tocá-la novamente. — Preciso tocar, sentir, beijar e me enterrar em

você com força até esquecer essas malditas semanas sem você.

— Então não me faça esperar — ela emitiu em resposta.

— Porra! — xinguei enquanto a levava para a mesa. Lola não se opôs quando separei suas pernas, me coloquei entre elas e a trouxe para mais perto, para sentir novamente o calor que havia ali. — Eu vou precisar de mais do que uma rapidinha nesse escritório, Lola. Foram dois meses sem você, sem essa sua boceta gostosa, sem o seu gosto viciante. Não me sentirei satisfeito tão facilmente.

— Espero realmente que não se sinta — disse e sorriu, satisfeita com minhas palavras.

Acenei em negativo e juntei meus lábios aos seus novamente. Amava aquela audácia, aquela ousadia e estava completamente louco pela mulher que as utilizava tão bem para me provocar.

Esfreguei meu pau, já duro, nela e nos provoquei desta forma vagarosamente, fazendo-a ofegar e gemer contra minha boca. Eu sabia que a tortura a deixava louca, assim como os sons emitidos por ela me enlouqueciam, sempre. Dolores era sensível demais, poderia gozar se eu fizesse os estímulos certos em seus seios ou clitóris, se eu a chupasse, e já devia estar molhada só pelos beijos e por me ouvir falando daquela forma em seu ouvido. Eu adorava isso, adorava ter esse conhecimento sobre seu corpo, seu prazer e, principalmente, saber que poderia satisfazê-la de tantas formas sem que ela hesitasse em me permitir isso. Ela gostava de sexo tanto quanto eu, gostava do meu toque tanto quanto eu gostava de tocá-la, gostava do meu pau, tanto quanto eu gostava da sua boceta. Era perfeita para mim até neste sentido.

— Nunca me sentirei satisfeito o suficiente de você — retifiquei e finalmente a beijei da forma que nós dois queríamos, tomei seus lábios, sua língua, com fome deles e ela cedeu à minha forma de guiar o beijo, retribuiu com fervor e pareceu tão inclinada a se afastar quanto eu. Se dependesse de nós, aquele beijo nunca terminaria.

Agradeci aos céus por ela estar de vestido e, sem acabar com o beijo, afastei sua calcinha e a toquei. Um grunhido fugiu de meus lábios quando a senti encharcada. Isso facilmente acabou com o pouco de controle que eu possuía.

— Porra! — xinguei ao acabar com o beijo e trazer os dedos úmidos de sua boceta para meus lábios, ávido por sentir seu gosto novamente. — Eu preciso chupar você. Agora, Lola!

Ao invés de usar qualquer palavra para me responder, ela me ajudou a livrá-la da calcinha que vestia sem machucá-la. Não desviou seus olhos dos meus nem mesmo quando me afastei para trancar a porta do escritório.

— Cretino depravado — ela sussurrou ao me ver cheirar sua calcinha, ainda úmida.

Malicioso, eu sorri, gostava quando ela me chamava assim.

— Abra essas pernas lindas para mim, Lola — pedi. Percebi sua inicial indecisão, sobre fazer o que eu pedi ou me provocar, mas ela acabou por fazê-lo. Prolongar sua espera pelo prazer claramente não estava em seus planos.

Umedeci os lábios ao vê-la aberta e toda molhada para mim, senti meu pau latejar dentro da boxer enquanto andava até ela, mas, apesar da dor, não desistiria de fazê-la gozar em minha boca.

— As paredes e a porta são grossas — avisei-a ao me ajoelhar à sua frente. — Quero ouvir você gemer sem reservas.

Não dei tempo de resposta a ela, tomei sua boceta em minha boca e a chupei com vontade por segundos que a fizeram delirar enquanto seu corpo estremecia com as ondas de prazer que o assaltavam. Um som de prazer deixou meus lábios ao sentir aquele gosto único novamente. Segurei seus quadris e Dolores se moveu contra mim entre os gemidos que eu adorava ouvir e pedidos que eu não ousaria negar. Suguei seu clitóris com força,

maltratando-o sem pena, e o provoquei com a língua em seguida, pincelando-o num ritmo que a fez cerrar os olhos com força e sussurrar meu nome e algumas palavras sem sentido que somente o estado de êxtase em que se encontrava podia fazê-la dizer. Logo eu também fazia o mesmo em sua entrada, lambia-a e a sentia se contrair com o orgasmo que se aproximava. Ao perceber isso, não aumentei ou diminuí o ritmo desses estímulos, não tiraria dela o orgasmo que eu também queria sentir. Apenas continuei a fazer o que agora a deixava louca de prazer.

— Aaron, eu quero seu pau dentro de mim! — ela pediu, já na borda, mas não cedi a essa vontade. Não ainda.

Separei suas dobras macias e a penetrei com a língua, fazendo-a gemer ainda mais alto e, momentos depois, chegar ao ápice. Com os olhos atentos, assisti-a sem parar de chupá-la e lambê-la, gostava de assisti-la gozar, ver seu corpo tomado por espasmos, sua face denotando todo o prazer que sentia enquanto ela gritava o meu nome. Era épico, uma cena da qual eu nunca me cansaria.

Quando Lola começou a voltar a si novamente, eu pousei suas pernas sobre a mesa e levantei.

Eu sabia que estava quase na hora do jantar, que daqui a alguns minutos alguém viria nos chamar, mas ainda queria ter mais dela. Muito mais.

Ajudei-a a voltar a sentar à mesa e acariciei seu rosto corado e suado.

— Diga que dormirá aqui hoje — pedi, com a testa colada a sua e os lábios tentadoramente próximos aos seus.

— Quem está jogando sujo agora é você — ela acusou ainda em busca de fôlego.

Eu sorri.

— Quando eu estiver jogando sujo, você não pensará antes de ceder.

Dolores revirou os olhos.

— Duvido.

Beijei-a devagar após aquela resposta e ela emitiu um gemido de surpresa e excitação. Arrisquei que, por ainda sentir seu gosto em minha boca, ela sugou meus lábios e depois usou a língua para delineá-los.

Quando a senti acariciar meu pau por cima da calça, um grunhido me escapou. Cerrei os olhos com força e não a impedi quando começou a abrir o zíper da calça, muito menos quando baixou minha boxer.

— Porra, vai me fazer gozar na sua mão? — questionei, tentando manter algum tipo de controle sobre mim mesmo. Gozar como a porra de um adolescente inexperiente estava completamente fora de questão, eu estava sim me segurando há muito tempo, mas não me desmancharia por causa de um simples toque, por mais que viesse dela.

— Você parece maior — ela observou, enquanto usava o polegar para fazer pequenos círculos em minha glande enquanto me masturbava lentamente. Agarrei a borda daquela mesa com força e comecei a ajudá-la nos movimentos de sobe e desce. — Preciso sentir você dentro de mim, sei que você quer o mesmo, Aaron — disse. — Tem algum preservativo?

A névoa que turvava minha mente não me permitiu compreender a pergunta com a rapidez que poderia, mas a estranheza da questão não foi menor por isso.

— Não, por quê?

Ela hesitou ao responder, mas o fez:

— Porque eu não... — Três batidas na porta foram suficientes para fazê-la parar de falar,

mas algo naquelas poucas palavras já não me agradava.

— Querido? — desta vez era mamãe.

— Mas que porra! — xinguei em voz baixa. Dolores também parou o que fazia quando deixei um suspiro de frustração me escapar. — Vamos terminar isso mais tarde, assim como essa conversa.

Lola concordou com um aceno.

— O jantar está pronto — mamãe avisou.

— Já estamos indo — respondi alto o suficiente para ser ouvido, enquanto arrumava a boxer, a calça e tentava lidar com a dor insuportável por não ter gozado.

— Preciso de um banho e uma calcinha — Dolores disse ao arrumar o vestido em seu corpo.

— Eu não ligaria se você passasse o resto da noite sem isso — não resisti ao comentário.

Ela estreitou os olhos, mas não disse nada. Guardei sua calcinha em meu bolso e peguei suas muletas. A levaria para o meu quarto para nos limparmos antes de descer para o jantar.

Após a refeição nos reunimos na sala de estar para conversar, quase como uma família normal faria. João se tornava mais retraído quando estava bravo, mas mamãe não pareceu notar isso, estava animada com a conversa que mantinha com Dolores e Natasha, sobre os

resultados do vestibular de Nat que sairiam dali a alguns dias. Apesar de apoiar minha irmã em sua escolha de curso, e estar ciente do quanto é importante para ela conseguir essa vaga na universidade federal, assim como para seu namorado Vitor, há algum tempo tenho pensado na possibilidade de ela estudar em alguma faculdade particular agora que obviamente há dinheiro suficiente para isso. Nunca falei com ela sobre isso, sei que ela não se deixará vencer por minha preocupação, portanto, decidi esperar esse bendito resultado.

Ver o quanto Natasha havia se aproximado de mamãe e Dolores após a morte de Suzana me deixava mais tranquilo em relação ao seu bem-estar, eu, infelizmente, não sou a pessoa mais indicada para consolar qualquer um com palavras, fiz o que pude para ajudá-la após o falecimento da mãe, mas temo que não tenha sido nem metade do que ela realmente precisava. Por outro lado, mamãe é só demonstração de amor, carinho e preocupação, enquanto Dolores é um bom exemplo de força, alguém, além de mim, a quem Natasha pode se agarrar quando precisar. Assim, nestas duas semanas que se passaram, Natasha tem dado indícios de estar superando a maior parte da dor de sua perda.

Ouvimos um trovão estrondoso anunciar a chuva que estava prestes a cair e mamãe pediu que João ficasse para dormir aqui. Ao indagar Dolores sobre isso, e ela concordar, ele respondeu com uma afirmação.

Eu conversava com João sobre o que Lilian me informara hoje à tarde, mas tentava controlar meus impulsos de deixar minha atenção cair sobre Lola. Após o banho, ela havia até mesmo prendido os cabelos em um rabo de cavalo e isso também ajudou a acabar com a expressão corada e satisfeita de quem havia gozado gostoso há menos de duas horas, mas eu sabia que ela continuava sem calcinha, estava tão louco para tê-la que a conversa que precisaríamos ter antes disso já havia até mesmo perdido a importância.

— Vou subir, Vitor está de folga hoje e vamos conversar pela webcam daqui a pouco — Nat avisou antes de se despedir e nos desejar boa noite.

Quase nove e meia da noite, mamãe também chamou João para se recolher e eu não

poderia colocar em palavras o quanto desejei que ele concordasse, quase expirei aliviado quando ele se levantou com ela e os dois saíram, mas antes que pudesse me aproximar de Dolores, um dos seguranças entrou na sala, vindo da cozinha, e pediu para falar comigo.

— Senhor, há um visitante na entrada querendo lhe falar — ele disse.

Juntei as sobrancelhas, sem conseguir esconder a surpresa.

— Quem?

— Seu irmão, Rodrigo.

Se eu estava surpreso antes, ao ouvir essas palavras eu me tornei incapaz de articular qualquer resposta por alguns instantes.

Agora a desconfiança de que eu finalmente compreenderia que infernos estava acontecendo havia se tornado uma certeza.

Treze

“Você me diz que seus pais não entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
Isso é absurdo”
Pais e Filhos – Legião Urbana

Dolores não ficou menos surpresa que eu quando eu lhe informei que Rodrigo estava no portão de entrada da casa, mas a surpresa não foi suficiente para aplacar sua vontade de entender o que acontecia, assim sendo, ela também concordou com minha decisão de deixá-lo entrar. Pedi que ela me esperasse no escritório e fui atender a porta quando ele finalmente chegou.

Eu não sabia como ele descobrira que eu havia me mudado para cá, mas essa não era uma pergunta pertinente a se fazer agora, por mais curioso que eu estivesse em relação a isso.

— Rodrigo — murmurei em reconhecimento ao vê-lo. Apesar de fazer menos de vinte e quatro horas que nos vimos pela última vez, a distância que tínhamos um do outro anteriormente, pareceu ter retornado.

Ele respirou fundo, como se buscasse um pouco de coragem para fazer o que quer que fora fazer ali, e entrou na sala.

Algo, além da aparência, que nos fora herdado de Olavo, era a facilidade de nos tornar inexpressivos sempre que quiséssemos. Eu costumava não deixar transparecer o que se passava em minha mente, mas Rodrigo poucas vezes se retraía o suficiente para fazer isso e, sempre que o fazia em nossa infância e adolescência, eu sabia que ele escondia algo sério, no mínimo uma porra de confusão em que havia se envolvido e que eu teria que ajudá-lo, por mais que ele odiasse pedir ajuda. Desta vez, eu sabia que não era diferente.

— O que aconteceu? — indaguei.

— Você quem passou a tarde me ligando — ele respondeu, evasivo.

Suspirei, cansado.

— Fernanda me ligou hoje pela manhã — contei. — Pediu que eu entrasse em contato com você para avisar que "alguém" a tinha encontrado. Não entendi porra nenhuma, mas sabia que isso faria sentido para você.

Enquanto falava, eu estava atento a cada mudança singela ou minimamente sugestiva a qualquer tipo de sentimento em sua expressão, mas apenas o brilho torturado de seus olhos me serviu de pista para qualquer coisa. Por mais que tentasse esconder, através daquele brilho, era perceptível que sofria por algo. Isso conseguiu me preocupar ainda mais.

Rodrigo sentou sobre o sofá e fechou os olhos com força, como se isso fosse suficiente para tirá-lo desta realidade.

— Se não me contar o que está acontecendo, não poderei ajudá-lo.

Após as minhas palavras, Rodrigo me encarou. Ainda parecia indeciso sobre o que me contar ou até mesmo se deveria me contar algo. Talvez não tivesse certeza se eu o ajudaria depois de todas as suas merdas, ou se eu era digno desse tipo de confiança, mas, ao mesmo tempo, lembrasse que agora eu era sua melhor saída, se não única. Que eu, sendo seu irmão, dificilmente me recusaria a ajudá-lo.

— Esse traficante está com Fernanda? — tentei compreender.

— Está — ele disse simplesmente, como se apenas isso explicasse tudo.

— Não faremos qualquer progresso nesta conversa se não começar a me contar o que infernos está acontecendo — avisei-o impaciente e irritado.

— Você é a última pessoa de quem eu deveria pedir ajuda para isso.

Quando ele levantou bravo consigo mesmo, eu bufei, já cansado daquele assunto. Levantei também e o impedi quando começou a andar em direção à porta.

— Conte que porra está acontecendo — mandei agora com raiva. Fitava-o com a certeza de que a fúria em mim também despertaria esse tipo de sentimento nele.

— Me solta, caralho! — ele exigiu e tentou me empurrar para longe de si. Lancei-o contra a porta e usei o antebraço para prendê-lo. Qualquer calma ou paciência já havia ido ao inferno.

— Esse traficante está atrás de mim por sua culpa, porra! — lembrei-o.

— E o que você quer que eu faça?! — ele disse quando se livrou do meu aperto. — Não tenho culpa se ele te encontrou. Se eu pudesse, já teria ido embora desse inferno há muito tempo, mas não posso! Estou tão ferrado quanto você!

Levado pela raiva trazida por suas palavras, eu pressionei meu antebraço em sua garganta com força, sufocando-o.

— Se a culpa não é sua, é minha então?! Acha mesmo que agora pode projetar essa culpa em mim e que assim suas atitudes serão extintas?! Você transformou nossas vidas em um inferno durante meses! Tudo por *dinheiro*! Agora tem a porra de um traficante na minha cola porque você fez merdas por aí! Ele quase me matou, quase matou a minha mulher e uma hora vai descobrir que estou vivo e virá atrás de mim de novo. Mamãe e Natasha podem ser envolvidas. Sua *mãe* e sua *irmã*, percebe isso?! Agora estamos nesse inferno juntos, preciso de você para entender o que está acontecendo e descobrir como agir, você precisa de mim pra se livrar daquele filho da puta. Então você vai fazer algo sobre isso!

Ele não disse nada, também estava enfurecido, mas não tentou se explicar, tampouco expressou qualquer despeito em relação às minhas acusações. Ele sabia que estava errado, poderia não admitir, mas sabia.

Expirei numa tentativa de me acalmar. Afrouxei o aperto em sua garganta quando ele tentou se livrar de mim e em um volume de voz mais contido, eu questionei:

— O que esse filho da puta ainda quer se já tem aquela vadia?!

Eu só percebi que havia tocado em um ponto fundamental com essas perguntas, quando Rodrigo fechou os olhos e se perdeu momentaneamente em seus próprios pensamentos. Quase um minuto de silêncio se passou até que ele disse:

— Minha filha.

Acreditando ter ouvido errado e, ao mesmo tempo, me forçando a crer que não, eu respirei fundo e me afastei dele. Fitei-o, cauteloso, em busca de qualquer porra de sinal em seu semblante ou em suas atitudes que contrariasse aquela informação, mas fracassei. Rodrigo só pode estar inventando isso. Esse circo todo deve ser apenas mais uma tentativa de

conseguir dinheiro... *Não é possível.*

Mas a verdade é que era sim possível, ele passou nove anos sem manter qualquer contato conosco, poderia ter morrido e nenhum de nós desconfiaria, por que a hipótese de ter tido uma filha me era tão inacreditável? Tão improvável?

— Caralho! — Foi tudo o que consegui dizer enquanto tentava lidar com o nó que minha mente havia se tornado.

Após um momento absorto apenas numa circunspecção sobre aquela informação, eu decidi deixar a surpresa e incredulidade de lado, pois isso não me serviria de nada. Eu precisava, mais do que pensar, agir enquanto ainda o tinha aqui, mesmo que não tão disposto a responder minhas perguntas.

— Por que esse traficante quer sua filha? — questionei num tom neutro. Estava mais pensativo e disposto a compreender aquela situação por um todo, do que focado naquele par de informações.

Rodrigo cerrou os punhos com força.

— Fernanda o convenceu de que Ali é filha dele.

Meneei a cabeça, confuso, e suspirei. Eu entendia menos aquela história a cada palavra sua.

— Explique — pedi enquanto seguia para o sofá novamente. Ele hesitou, mas, após alguns segundos de ponderação, decidiu me seguir.

Olhamo-nos em silêncio por tempo suficiente para ele decidir realmente falar o que estava acontecendo.

— Ela só fez isso para salvá-las. O filho da puta estava com raiva dela, por ter armado um

acidente para fazê-lo acreditar que estava morta, por ela ter sumido. Ele queria matar a Ali.

— Isso ainda não faz sentido — elucidei, era esta a conclusão à qual meus pensamentos dispersos em tantas informações confusas dadas por ele, haviam chegado.

Rodrigo suspirou, impaciente, e se levantou.

— Quando nos conhecemos, ela tinha acabado de fugir dele. Nos envolvemos e depois, quando decidi ir embora, ela foi comigo.

Juntei as sobrancelhas quando uma ideia me veio à mente, ele continuou a falar, explicar como e para onde foram, mas tudo o que eu ouvia eram as palavras que ele me disse em nossa briga por causa de Fernanda: *"Com quem acha que fui embora? Com quem acha que fiquei durante todos esses anos?"*.

Levantei abruptamente ao me dar conta do real motivo de ele ter ido embora e o indaguei:

— Foi por ela que você roubou aquele dinheiro de Olavo, não foi? — a pergunta o fez parar de falar e me fitar confuso, surpreso. — Você estava com raiva de Olavo por ele ter dito o motivo de nos humilhar tanto, estava com raiva de mamãe por ter escondido a identidade do nosso "verdadeiro" pai e com raiva de mim por ficar ao lado dela, foi por isso que foi embora, não foi?!

Ele não negou.

Foi minha vez de expirar, esse assunto já me era extenuante e sequer havíamos começado.

— Continue — pedi. Não precisava de mais do que o seu silêncio para ter certeza de que fora exatamente aquilo a acontecer.

— Me envolvi com o tráfico chefiado por Carlão para tirar Fernanda e Alícia dele — Rodrigo disse. — Isso foi há anos, na primeira oportunidade que tivemos de fugir, nós

fugimos, mas ele não saiu da nossa cola.

— Quando conheci Fernanda, ela não tinha nem mesmo parentes, como conseguiu esconder que tinha uma filha? Principalmente com você?!

— Fernanda é mais esperta do que você e eu juntos. — Frustrado, ele voltou a sentar. — Ela me fez acreditar que precisávamos ficar longe um do outro por um tempo, nosso relacionamento não era e nunca mais seria o mesmo e, por causa disso, eu achei que ela estava certa. Nós nos víamos com frequência, tanto que Alícia quase não sentia falta dela. Até que Fernanda mudou de cidade e eu descobri que a Ali estava doente...

Uni as sobrancelhas e Rodrigo expirou com força, sua expressão seria completamente impassível se seus olhos não transparecessem a desolação que ele tentava esconder desde que chegara aqui.

— Um dia, depois da escola, a professora da Ali me disse que ela havia dormido durante quase toda a aula, me perguntou o motivo, mas eu também não soube explicar. A partir desse dia, ela se tornou mais sonolenta e introvertida do que de costume. Falei com Ali e ela só me disse que estava sentindo muito sono, muito cansaço. Por via das dúvidas, eu decidi levá-la ao médico.

Meu peito se apertou quando ele parou de falar e se recostou ao sofá, perdido. Uma possibilidade que eu me forcei a descartar, se mostrou ainda mais crível, muito mais provável.

Olavo, lembrei. Havia um motivo para eu ter tanto cuidado com a saúde de Natasha. Sabia exatamente todos os problemas de saúde que Olavo possuía e que muitos deles eram hereditários. Pelo simples fato de sermos filhos daquele filho da puta, tínhamos chances de desenvolver algum tipo de doença vinda dele. Com a filha de Rodrigo não poderia ser diferente, mas por que justo uma criança deveria sofrer com qualquer tipo de enfermidade como as que Olavo possuía? A simples hipótese já era revoltante e dolorosa.

— Nessa época Fernanda sumiu. Eu tentava falar com ela pelo celular e não obtinha resposta. Acabei gastando mais do que imaginei com todos os exames solicitados pelo médico. Nós morávamos em Gramado e preferi vir à capital fazer tudo nos melhores hospitais, tive que assumir riscos para isso, Carlão possuía todo tipo de ajuda em Porto Alegre e Florianópolis, por serem as capitais mais movimentadas do Sul, ele também as usava muito para despachar drogas para outros países da América do Sul.

Rodrigo contava tudo como se em mente revivesse todos aqueles acontecimentos. E, apesar de tudo, eu não o via como alguém que queria comiseração. Como alguém que tinha os motivos certos para ter tido as atitudes erradas, que se arrependera disso e queria despertar a minha compaixão. Não, eu nunca o veria desta forma. *Ele* não queria que eu o visse dessa forma.

Agora começava a compreendê-lo, mas, por mais que sempre tivesse acreditado que os meios justificassem os fins, ainda não sabia se podia dizer isso dele. Ele poderia estar com raiva de mim, de Olavo e de mamãe, mas se precisava da nossa ajuda, deveria saber que não o desampararíamos, principalmente numa situação como essa, tendo uma *filha*! Uma criança que não tinha culpa de absolutamente nada!

— Por que não me procurou se estava aqui?! — inquiri, tentando esconder a raiva que começava a inflar em mim. — Por que não pensou, por um momento, que eu te ajudaria? Que faria qualquer coisa por vocês?!

Ele sorriu, mas este foi um sorriso triste, por mais que sua intenção com ele fosse mostrar deboche.

— Tem certeza de que eu não fui atrás de você? — questionou. — A essa altura eu achei que você já teria compreendido isso.

Franzi o cenho, sem realmente entender onde ele queria chegar, mas então a fúria que se acendia em seus olhos me ajudou a compreender. A dor foi equivalente a um soco no

estômago.

— Como acha que eu descobri que Fernanda estava com você? — Foi a pergunta a confirmar minhas suspeitas.

Cerrei os olhos, ainda sem acreditar.

— Por que você acha que eu fiquei com tanta raiva? — a pergunta fora retórica, por isso não me dei ao trabalho de respondê-la. Ainda não conseguira digerir tudo o que ele dissera e não sabia se poderia fazê-lo em tão pouco tempo. — Eu fui procurar meu maldito irmão, porque ele era a única pessoa na porra da minha vida que podia ao menos tentar me ajudar, e descobri que ele estava fodendo com a minha mulher.

Apesar de querer, eu não consegui dizer nada. Abri os olhos e voltei a fitá-lo. Uma parte da minha mente, uma que ainda não estava fodida com essas revelações, culpou Fernanda pelo que acontecia, mas era eu a sentir o ímpeto de pedir desculpas por ter acreditado nela.

— Eu quis matar você e depois quis matar aquela vadia também, porque mesmo sabendo que ela era minha mulher, você continuou com ela. E mesmo sabendo que eu havia descoberto tudo, ela ainda conseguia me manipular, ainda conseguia me enganar tão bem quanto sempre.

— Ela se explicou e eu acreditei — contei, mesmo que estivesse ciente que ele não ligaria. Essa desculpa, por mais que fosse verdadeira, era frívola demais, insuficiente, estúpida. Tão estúpida quanto eu por ter acreditado em Fernanda na época, por ter caído tão tolamente por aquela mulher.

— Algum tempo depois, quando percebi que você continuava com Fernanda, eu fui atrás dela, mas mamãe é quem estava lá — ele continuou a contar. — Eu fiquei com raiva por vê-la ali, fiquei com mais raiva por ela defender você e tentar me impedir de ir embora. Ela continuava tão fraca quanto sempre fora, e isso me irritou porque se não fosse a porra

daquela fraqueza, nenhum de nós teria sofrido tanto nas mãos de Olavo.

Aquilo me fez levantar, furioso, por ouvi-lo falar assim de nossa mãe.

— Por isso decidiu torturá-la lembrando-a dor que Olavo a fez passar?

Rodrigo também levantou, com raiva.

— Eu não fiz nada além de tirá-la de lá, seu idiota! — ele disse após revirar os olhos. — Mas antes disso, eu esperei Fernanda. Quando ela chegou, e nós brigamos, ela tentou me enganar novamente, mas eu não quis nem ouvi-la. Nem deixei que tentasse me manipular de novo, pois sabia que conseguiria. Achei que depois de ser descoberta, o mínimo que ela faria seria se afastar, mas ela não fez e por isso estava lá, no seu apartamento, dormindo na sua porra de cama! Por maior que fosse minha raiva naquele instante, não foi suficiente para eu apertar aquele gatilho e matá-la.

— Mas você me chantageou! — lembrei-o. — Queria a porra do dinheiro de qualquer forma! E se aproveitou da situação para conseguir!

— Eu precisava da porra daquele dinheiro, era diferente! Se não precisasse, não teria me dado ao trabalho de tirar Mabel daquele apartamento, muito menos teria mantido qualquer merda de contato com um filho da puta como você. Não fiz nada, não a machuquei como você imagina. Ela que ficou desesperada ao me ver brigar com Fernanda. Quando a levei para aquele prédio, também não fiz porra nenhuma. Bastava ela ver a arma que eu segurava que começava a chorar como se eu pudesse matá-la a qualquer momento e eu posso ser tudo, mas ainda não me tornei assassino, apesar do que Olavo e você deviam acreditar.

— Isso não justifica o que você fez! Era sua *mãe*! Não deveria sequer pensar em sequestrá-la ou deixá-la te ver com uma arma!

— Pro inferno as justificativas, Aaron! Não estou tentando me redimir. Eu precisava do

dinheiro, já tinha esgotado minhas possibilidades, feito o que podia. Depois de Olavo, você era a última pessoa de quem eu queria pedir ajuda. E eu tentei até isso, me humilhei e aquele filho da puta nem quis me ouvir. — Ele inspirou fundo e expirou o ar com força. — Eu não teria a usado se não soubesse que ela era seu ponto fraco, sabia o que dizer pra te fazer me dar o dinheiro. Então disse.

— Me manipulou e chantageou de novo.

— Você disse que não queria o dinheiro de Olavo, ele era minha melhor chance de ir pra bem longe com elas depois que a Ali saísse do hospital.

— E Dolores, por que envolveu-a nisso? Eu já tinha dito que não queria a porra do dinheiro.

Rodrigo apertou os olhos em minha direção, os revirou e suspirou.

— Achei que estivesse mentindo pra mim, mas depois percebi que você se importava com ela. Não percebe que, mesmo depois de tanto tempo, consegui te fazer sentir o mesmo que eu senti quando descobri que estava com Fernanda?

Ao lembrar o que acontecera no ano anterior, de quando ele a sequestrou e confirmou que ela era importante para mim, do telefonema em que ele disse que havia tocado em Dolores, depois, após a leitura do testamento de Olavo, ele também me fez acreditar que ela havia sido sua amante, eu quis avançar sobre ele e socá-lo repetidas vezes e fazê-lo pagar por tudo o que ele e Olavo haviam conseguido fazer com minha mente. Mas me senti entorpecido demais para ter uma atitude como essa, eu não podia transferir apenas para ele a culpa pelo que *eu* havia feito. Foi decisão minha deixá-la ir, fui eu quem duvidou dela. E apesar da raiva agora eu também compreendia como o havia machucado involuntariamente em relação à Fernanda. Eu, mesmo não tendo motivos para duvidar de Rodrigo, duvidei dele, preferi acreditar em Fernanda e continuei com aquela vadia mesmo com meu irmão dizendo que ela era sua mulher. Ele estava errado, foi um filho da puta, mas eu também tinha errado, não só com ele,

mas com Lola também.

— Fernanda já sabe sobre Alícia estar doente? — perguntei minutos depois.

— Ainda que estivesse com raiva, eu contei. Aliás, você deveria saber que conseguimos pagar a primeira cirurgia da Ali com o dinheiro que Olavo deu a Fernanda. Porque, apesar de ser uma vadia, ela também se preocupava com a filha.

A cada segundo que passava, e palavra que ele dizia, eu sentia que meu mundo virava do avesso, de novo. Talvez aquela última informação fosse uma rasteira que eu nunca esperaria receber.

O silêncio me permitiu pensar um pouco mais e compreender outras coisas. Impulsionado pela raiva e, em algumas situações pelo desespero, Rodrigo tomou tantas decisões errôneas, tantas atitudes repulsivas. Percebi que também fui levado por sentimentos como a raiva para chegar a tantas conclusões equivocadas em tudo o que se referia a Rodrigo sobre tudo o que se passou desde que ele foi embora há dez anos. Não, eu não tomava inteiramente minha a culpa por tudo o que ele havia feito, mas agora admitia a minha parcela.

— Por que você quer ajudar Fernanda agora? — questionei.

— Porque eu a amo, porra! Eu posso sentir raiva dela a maior parte do tempo, mas o único motivo disso é essa droga de sentimento. Será que isso não ficou óbvio depois de tudo o que fiz por ela e Alícia?! Não quero que ela se machuque tanto quanto não quero que Alícia perca a mãe. Nas últimas semanas foi Fernanda quem cuidou de Alícia, eu ainda nem sei como vou explicar a Ali o sumiço dela.

Não precisei nem mesmo *tentar* entender porque infernos ele continuava a amá-la mesmo depois de tudo. Estava mais do que claro que o relacionamento deles está além do meu entendimento.

— Não me olhe como se eu fosse idiota, você acha que sabe de muitas coisas por ser seis minutos mais velho, mas não entende porra nenhuma do que aconteceu entre mim e Fernanda. Nós dois sabemos que a única forma de nos livrar de Carlão é ir pra bem longe e para isso nós dois precisamos de dinheiro. Por algum inferno de motivo, ela achou que você era a chave para ajudá-la nisso, por isso não desistiu de você.

— Se eu soubesse metade de tudo o que estava acontecendo, vocês já teriam a quantia necessária para fugir há muito tempo — murmurei.

— Ali voltou a fazer quimio. Não vamos sair daqui até ela terminar as sessões.

Fitei-o por alguns segundos, depois suspirei.

— Rodrigo você passou nove anos longe depois de ter roubado seu próprio pai, sequestrou e, no meu entendimento, também havia torturado sua própria mãe, tentou sequestrar Natasha, sequestrou Dolores e armou para eu ser preso, além de ter dito que iria atrás de mamãe novamente se eu não prometesse que diria a Olavo que não eu cuidaria das malditas empresas dele, acha mesmo que depois de tudo isso eu adivinharia que você estava passando por todo esse inferno sem que me falasse?! Ou que não duvidaria de você? Eu sou seu irmão, você deveria ter confiado em mim, mesmo com raiva quem precisava de ajuda era sua filha, sua prioridade era ela e não seu relacionamento comigo!

— Vá pro inferno com suas lições de moral. Posso não ter feito as melhores escolhas, mas não me arrependo de nada porque Alícia está se recuperando, apesar dos meus erros, agora está tudo bem. E se eu soubesse que você seria tão idiota a ponto de não entender nem o que envolvia Fernanda, eu teria feito questão de dizer.

— Ainda sente tanta raiva assim? Depois de já ter feito tudo o que fez?

Ele respirou fundo e voltou a me encarar.

— Não, mas eu não esqueço e nunca vou esquecer que tudo o que você fez nos últimos dez anos foi me trair. De todas as formas que poderia ter feito: como o único pai que tive de verdade, como irmão e como homem.

— Eu nunca traí você — afirmei, mas naquele momento senti o contrário. — Nunca o fiz conscientemente, pelo menos. Eu não podia sair daquela mansão e deixar mamãe sozinha com Olavo, não sabia que Fernanda era sua mulher. Não podia deixar a herança de Olavo com você quando isso também significava deixar mamãe e Natasha sob seus cuidados.

Rodrigo desviou os olhos dos meus, mas não disse nada.

— Depois de tudo o que me disse, agora consigo entender seu lado, você deveria fazer o mesmo e tentar entender o meu. Por mais que eu estivesse errado nas decisões e conclusões que tomei em relação a você, eu tive motivos. Para mim você sempre fez tudo para ter o dinheiro de Olavo e você nunca negou isso nem explicou os motivos para querê-lo. Poderíamos ter chegado a um acordo se nós dois tivéssemos engolido o orgulho, a raiva, e simplesmente conversado.

— É, mas isso não aconteceu e não adianta pensar nisso agora — ele disse ainda sem me fitar.

A resposta evasiva foi suficiente para me dissuadir, finalmente desisti de prosseguir com aquele assunto em especial.

— Onde Alícia está? Ela ainda precisa de algo?

— Ali está bem melhor que há um ano, se recupera cada dia mais. Só preciso que me ajude a tirar Fernanda de onde infernos Carlão a tenha levado. Se bem me lembro do gênio daquele filho da puta, ele já a espancou para fazê-la dizer onde Ali está, mas ela não vai dizer.

— Como pode ter tanta certeza?

— Ela é mãe. E, diferente da nossa, ela não vai permitir que Carlão machuque Alícia. Uma hora ou outra, ele vai descobrir que ela não é filha dele.

Respirei fundo e me aproximei dele, consegui conter a fúria o suficiente para dizer:

— Me sinto impelido a socar você sempre que fala assim da nossa mãe. Você pode estar com a raiva que quiser, esse é um direito seu, de filho ingrato por não reconhecer o quanto ela também sofreu durante todos aqueles anos, não vou tirá-lo de você, mas esse direito termina quando você abre essa maldita boca para insinuar que ela permitiu que Olavo nos tratasse daquela forma, quando tudo o que ela fez foi tentar nos proteger.

— Hum-hum, ela teria obtido algum sucesso se tivesse nos tirado daquela maldita casa ao invés de baixar a cabeça para aquele filho da puta sempre que ele se aproximava.

— Você não tem o direito de julgá-la por isso tanto quanto eu. Ela fez o que poderia naquela situação.

Rodrigo bufou, cansado daquela discussão. Abri os punhos que havia cerrado e me afastei dele.

— Vai me ajudar ou não?

Fitei-o sem dizer uma palavra, tentava me convencer de que não tinha nada a ver com o que aconteceria com Fernanda, que não precisava me envolver ainda mais nesse inferno. Ainda que soubesse que não conseguiria porque Fernanda não estava sozinha naquela história, Rodrigo e minha sobrinha também faziam parte dela. E eu podia continuar com raiva, mas não seria capaz de abandoná-los.

— O que está planejando?

— Eu sei que ele tem uma bo... — ele interrompeu quando seu celular começou a tocar.

Ao vê-lo engolir em seco eu percebi que só poderia ser uma pessoa, mas ele não disse nada, apenas atendeu:

— O que você quer? — perguntou. Então um silêncio sepulcral se instalou na sala enquanto ele ouvia alguém dizer algo do outro lado da linha.

— Rodrigo? — hesitante, chamei-o quando percebi que havia parado de respirar.

— Nunca vou entregá-la a você — ele disse. Aproximei-me de onde ele estava e fiz o possível para ouvir o que lhe diziam ao telefone.

— *Você nunca faz as melhores escolhas, Rodrigo. Sabe que vou atrás de vocês até no inferno, por que não acaba logo com isso?* — Ouvi uma voz masculina dizer e um grito feminino de dor. — *Eu continuaria torturando-a, mas quando conseguimos o que queremos meio que perde a graça. Dois anos de caça e me sinto satisfeito só em comê-la. Quem diria, não é?*

— Seu filho da puta! — Rodrigo devolveu.

— *Última chance* — o homem respondeu inabalável pelo xingamento, apenas naquele momento percebi que se tratava do traficante.

Antes que Rodrigo respondesse, ouvimos Fernanda gritar: “Não entregue Ali a ele”. Engoli em seco ao olhar para Rodrigo e ver a tormenta em seus olhos agora.

— Eu amo você. — Foram as últimas palavras ditas por ele antes que, desta vez sem precisar apurar os ouvidos, eu ouvisse um disparo estridente. Perplexo, eu o fitei.

— O que ele disse?! — perguntei quase um minuto depois, quando algumas lágrimas rolaram por seu rosto e ele as limpou, determinado a não expressar nada. — O que

aconteceu, porra?!

— Ele a matou!

Apesar da desconfiança advinda do disparo, a notícia me deixou estático enquanto Rodrigo apenas tentava esconder sua desolação. Eu não soube o que dizer. Só percebi que tentava impedi-lo de ir embora de novo quando ele me empurrou para longe e mandou que eu o deixasse em paz.

— Como pode ter certeza de que ele realmente fez isso?! — questionei, como uma última tentativa desesperada. — Só ouvimos o disparo!

Ele parou à frente da porta, de costas para mim e antes de sair me deu uma resposta:

— Foi uma promessa, ele não conseguiu me fazer assistir, então me ligou para me fazer ouvir o último tiro.

Meus lábios estavam selados e, mesmo após ele já ter saído, eu não consegui ter qualquer reação. Permaneci paralisado em meio àquela sala, tentando absorver tudo aquilo. Forcei-me a tomar uma atitude, mas não consegui simplesmente me mover. O que infernos eu poderia fazer? Rodrigo queria se permitir sofrer, chorar, mas não faria aquilo nem mesmo na minha frente. E isso também era algo que tínhamos em comum. Em outros tempos eu tentaria confortá-lo, mas também saberia lhe dar espaço. Agora não nos dávamos bem como antes, não somos e não seremos os mesmos.

Por outro lado, temi que Rodrigo fizesse alguma besteira, temi por Alícia e pelo que aquele maldito traficante ainda poderia fazer a eles. Sabia que era o único que podia ajudá-los agora, o único que ainda podia tentar impedir Rodrigo de cometer um erro pior do que todos que já havia cometido. Essa ciência pesou mais que qualquer dúvida.

Ouvi um novo trovão estrondoso. Através da porta que ele havia deixado aberta, eu pude

ver que já estava chovendo.

Porra!, pensei.

Corri para o jardim da casa. Rodrigo ainda estava na metade dele, mas não parou nem quando o chamei.

— Me escuta, porra! — eu gritei para ele quando estava a apenas alguns metros de distância. — Você não precisa continuar enfrentando esse inferno sozinho.

Parei de correr quando o cansaço e a dor em meu ferimento me venceram, continuei apenas andando. Já estava encharcado pela chuva fria e incessante, repleta de trovões e raios que vez ou outra iluminavam ainda mais o jardim.

— Sua família está aqui. Eu estou aqui, porra! Quer mesmo passar por isso sozinho?

Minha pergunta o fez parar, assim como eu.

Senti um nó apertar minha garganta quando Rodrigo se voltou para mim, a chuva me impedia de identificar as lágrimas que rolavam por seu rosto, mas não seu semblante desolado, não a dor que estava fazendo seus olhos brilharem daquela forma, não a aflição e angústia que ele não conseguia esconder agora.

Eu não precisei dizer mais nada, ele tampouco o fez. Os passos que voltei a dar em sua direção diminuíram quando ele também decidiu se aproximar e me abraçar. Fechei os olhos com força quando seu sofrimento e desespero passaram também a me afligir, mas não era nem um terço do que eu tinha certeza de que ele sentia. Mesmo que seu amor por Fernanda continuasse além do meu entendimento.

— Ela morreu — ele murmurou. Seu peito tremia com os soluços que ele tentava controlar e não conseguia. — O que eu vou fazer sem ela? E Alícia?!

Por alguns segundos eu não soube o que dizer e acreditei que nem se tentasse dizer algo eu conseguiria, pois via o quanto ele sofria e pensava em Dolores; me colocava em seu lugar e percebia que minha sanidade não me permitiria passar por uma situação como essa e superá-la. Uma perda definitiva era tão insuperável quanto insubstituível.

— Você tem Alícia — eu disse a ele, o melhor que consegui. — Sua filha, sua vida e força a partir de agora.

— Eu tenho que ir ver a Alícia. — Foram as palavras que Rodrigo disse antes de se afastar, mas era quase como se quisesse apenas um motivo para sair dali o mais rápido possível.

— Você não pode sair assim — avisei-o, os olhos apertados em sua direção. — Precisa se acalmar e pensar antes de agir; precisa lembrar de Alícia antes de fazer qualquer coisa agora, Rodrigo.

Um sorriso amargo surgiu em seus lábios e ele voltou a me fitar.

— Não teria sido mais fácil me deixar ir de uma vez?! — ele inquiriu enquanto balançava a cabeça, parecia realmente perdido e, naquele instante em especial, parecia não entender o motivo de eu estar aqui. Compreendi o que se passava por sua mente: dúvida, principalmente sobre os motivos que eu ainda teria para insistir em tê-lo por perto depois de tudo. — Se eu morrer, sua família estará segura de novo, ou não?

Meneei a cabeça.

— Se você morrer, eu perco meu irmão, que também é parte da minha família. Vamos — chamei-o.

Ele ainda ponderou silenciosamente por alguns momentos até ceder, mas quando o fez, a impassibilidade voltou a sua feição. Além de dor havia raiva em seus olhos, por enquanto ainda contida, mas ainda assim raiva. Rodrigo obviamente estava pronto para sair daqui e fazer alguma loucura, concluí. Detive um suspiro e segui andando ao seu lado.

A porta de entrada da casa ainda estava aberta, como a deixei, mas desta vez Dolores estava à frente dela e nos observava voltar atentamente. Eu não vi a incompreensão em seu semblante ou o ódio que brilhou em seus olhos ao fitar Rodrigo, eu vi apenas a mulher que há poucos minutos eu admiti para mim mesmo que não suportaria perder definitivamente.

Dolores me fitou por um instante e um misto de preocupação e confusão era perceptível em seus olhos, por mais que tentasse mostrar-se inexpressiva. Ela não aceitaria com tanta facilidade quanto eu as revelações de Rodrigo. Mas desta vez eu não esconderia nada, Lola estava certa ao dizer que eu deveria começar a contar tudo por livre e espontânea vontade. Já estava mais que comprovado que ocultar coisas assim — que ameaçam a segurança de todos — não era o melhor a se fazer em nenhuma situação.

Quando chegamos ao pequeno lance de escadas da frente da casa, Natasha surgiu ao lado de Dolores com algumas toalhas. Nat já estava claramente preocupada conosco e, quando Lola me ajudou a me livrar de um pouco do excesso de água em mim, ela se aproximou de Rodrigo. Ao menos dela eu teria algum tipo de apoio, pois, apesar de tudo, Natasha sempre viu em Rodrigo mais do que as coisas ruins que ele fazia. Ela sempre foi mais indulgente que eu.

Pedi que Natasha levasse Rodrigo para um dos quartos de hospedes e avisei a ele que levaria roupas secas em alguns minutos. Após ele e Lola trocarem um olhar hostil, ele seguiu Nat pela sala.

— Precisamos conversar sobre a segurança de Alícia — completei, pois sabia que isso o interessava tanto quanto a mim. Seria suficiente para mantê-lo aqui até realmente conversarmos.

Ele subiu as escadas com Nat e os observei até que sumiram no corredor.

— Quem é Alícia? — Foi a primeira pergunta da mulher à minha frente.

— É filha de Rodrigo — contei, deixando-a boquiaberta.

— Rodrigo tem uma filha?! — ela sussurrou pelo menos um minuto depois, ainda parecia estupefata. — Você tem certeza? Esse filho da puta pode estar inventando isso!

Eu assenti, mas decidi encerrar esse assunto momentaneamente.

— Vamos subir — pedi.

Dolores olhou para minha roupa molhada e assentiu. Ajudei-a para que chegássemos ao primeiro andar mais rápido.

Bastava olhar para ela para ter certeza de que pensava em toda e qualquer chance de Rodrigo estar mentindo, se eu a conheço bem, ela está procurando até um motivo para isso, para essa suposta mentira. Dolores odeia Rodrigo e tem bons motivos, duvido que acredite em metade do que vou contar a ela.

Após o banho, eu peguei um par de roupas para vestir e Lola me avisou que já havia entregado a Natasha outro conjunto para Rodrigo. Ela me observou em silêncio enquanto eu vestia uma boxer e depois uma calça jeans, era claro que continuava a tentar compreender toda aquela situação. O silêncio entre nós era tão eloquente quanto seus pensamentos eram audíveis para mim, por isso decidi acabar com metade das perguntas que povoavam sua mente.

— Alícia é filha de Rodrigo. Fernanda, que é mãe de Alícia, foi sequestrada hoje e, há alguns minutos, descobrimos que o traficante a matou.

Pela segunda vez em uma noite, eu consegui deixá-la boquiaberta, mas desta vez ela não conseguiu formular nenhuma sentença. Prossegui:

— Esse traficante acredita que Alícia é filha dele e está atrás de Rodrigo porque a quer.

— Espera, como assim?! Robson me disse que Rodrigo matou um capanga desse traficante, estava devendo a ele também. Como agora ele tem uma filha e esse traficante a quer?

Juntei as sobrancelhas ao ouvir aquilo e fechei o botão da calça antes de me aproximar da cama em que ela estava.

— O que Robson tem a ver com isso?

Ela meneou a cabeça e sua expressão passou a exprimir todo o desentendimento que ela claramente tentava organizar em si. Desentendimento que também estava em mim agora. Esse era um novo lado nesta história, outro que eu não conhecia.

João já havia me contado que Robson era policial, contou até mesmo que pediu que ele descobrisse quem era esse traficante, mas não me disse nada do que Dolores acabou de contar.

— Robson era policial... — ela tentou explicar, mas interrompeu quando a dúvida que estava em mim também a alcançou. Logo outras mais preencheram minha mente, até que, ao perceber a sua insistente incapacidade de formular qualquer frase, eu decidi expô-las para ela:

— Como um policial poderia saber esse tipo de detalhe da vida de um traficante? Ou sobre a vida de Rodrigo? Se ele realmente matou um homem, porque Robson, como um

policial ciente disso, não o prendeu?

Expirei fortemente ao ver que nem mesmo ela sabia como responder àquelas perguntas e me afastei um pouco. Peguei a camisa e a vesti, xingando brevemente quando uma fisgada na costela me lembrou que eu ainda estava machucado.

— Preciso falar com Rodrigo — avisei-a. — Depois nós terminamos esta conversa.

Ela concordou com um aceno, mas não voltou a me encarar. Agora era Dolores a se perder em malditos pensamentos e indagações.

Era pouco mais de onze da noite e, desde que voltamos para casa e trocamos as roupas molhadas, Rodrigo disse poucas palavras. Quando fui atrás dele no quarto, ao vê-lo, percebi que seus olhos estavam vermelhos e frios, mais frios do que eu jamais vi. Pedi que me acompanhasse até o escritório, eu sabia que ele logo insistiria novamente em ir embora, por isso precisava conversar com ele sobre o que faríamos, porque era óbvio que ele e Alícia continuavam em perigo.

Quando já estávamos sentados frente à frente, eu decidi começar:

— Ainda acha que ir para longe ajudará na segurança de vocês?

— Não, não posso sair daqui agora. Alícia recomeçou o tratamento há algum tempo, não posso e nem quero interromper isso — ele disse. — Ao menos no hospital ela está mais segura que comigo. Não há motivos para Carlão procurá-la lá.

Seus olhos estavam tão vazios e sua expressão tão indecifrável quanto eu nunca vi. Claro que entendo o motivo para isso, mas não deixa de me incomodar e preocupar. Este é um sinal claro de que sua impulsividade pode se sobressair à prudência.

— Quantos anos ela tem? — questionei numa tentativa de mudar um pouco o assunto. Isto finalmente o fez me encarar novamente.

— Oito.

— Eu gostaria de conhecê-la — admiti.

Ele ficou em silêncio e apenas me avaliou por um tempo, eu não disse nada mais, apenas sustentei seu olhar. A dúvida era evidente em seu semblante, tanta que achei que não cederia, até que ele disse:

— Eu a visitava três vezes por semana, mas agora ficarei com ela todos os dias. Se me garantir que não será seguido até o hospital, eu o deixo conhecê-la.

A resposta me surpreendeu.

— Tudo bem — concordei. — Acho que deveríamos melhorar a segurança de vocês. Farei o mesmo em relação à mamãe, Natasha e Dolores. Precisamos descobrir uma forma de mandar esse traficante de volta para a prisão de uma vez por todas.

— Você realmente acredita na justiça desse país? — ele indagou, cético. — Você não faz ideia de quantos delegados, políticos e juízes estão envolvidos de alguma forma com Carlão. Isso só acaba quando um dos lados morre, Aaron. Só acaba quando um de nós estiver morto.

— Não, Rodrigo. Você não pode se deixar levar pela raiva de novo — afirmei, incisivo. Colocaria isso na cabeça dele de um jeito ou de outro. — Ir atrás dele não vai mudar nada do que aconteceu, assim como não vai te fazer sentir melhor. Além disso, quais as chances de você conseguir se infiltrar lá de novo e matá-lo?! Se tudo o que fez durante esses anos foi

justamente fugir?! Sua filha precisa de você. Precisa de você vivo, Rodrigo. Agora mais do que nunca!

— A minha filha perdeu a mãe dela, eu perdi a única mulher que já amei nessa porra de vida e você vem me dizer que não posso me deixar levar pela raiva?!

— Se não quiser que sua filha perca o pai dela também, terá que se controlar, sim! — retruquei. — A decisão é sua, Rodrigo. Prefere cuidar da sua filha e impedir que um filho da puta a tire de você ou fazê-la perder o pai por uma estupidez qualquer?

Minhas perguntas o fizeram sentar novamente e cerrar os lábios, furioso. Eu só pude agradecer mentalmente por conseguir isso.

Rodrigo afundou ainda mais na cadeira que estava à minha frente e fechou os olhos. Eu sabia que tentava a todo custo substituir a dor pela raiva, isso o ajudava a agir, mesmo que de forma errada. Sentar e chorar não era do seu feitio tanto quanto não revidar não era. O desejo de uma retaliação nele não seria afugentado com facilidade, pois sua personalidade forte e indomável não permitiria, mas isso teria que acontecer. Precisava acontecer, porque esta era a melhor forma de mantê-lo mais distante do perigo.

Nós conversamos um pouco mais e decidimos manter contato e, mesmo contra a vontade dele, eu deixei claro que falaria com Felipe sobre novos seguranças — prometi que não o envolveria no assunto. Ao menos nós dois concordávamos que a segurança da minha sobrinha estava em primeiro lugar no momento. Não resolvemos o que faríamos em relação a Carlão, como nos livraríamos dele para ser mais exato, mas eu sabia que ele queria isso tanto quanto eu. Também sabia que ele queria estar com sua filha agora. Por isso preferi acreditar que ele não faria nenhuma loucura, pelo menos não enquanto tivesse que consolar a Alícia após a notícia que daria a ela.

Desde que a segurança de todos fosse garantida com diligência, estaríamos bem até descobrir como nos livrar daquele traficante.

Quatorze

“Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora
O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido
Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens...”
Tempo Perdido – Legião Urbana

Os últimos horários de aula na faculdade foram extenuantes, nunca me arrependi da minha escolha de curso, mas naquela noite em especial, eu só queria chegar em casa e dormir por dois dias. Era apenas o quarto semestre e eu já me sentia esgotado.

Cumprimentei Cristina, a governanta da mansão, assim que entrei na casa e a vi percorrendo o caminho de volta do corredor do escritório de Olavo. Franzi o cenho sem entender o motivo de ela ter ido lá.

— Ele já voltou? — indaguei, referindo-me a Olavo. Há duas semanas ele havia saído em uma viagem e não deu notícias sobre quando retornaria ou se estava tudo bem. Não que qualquer um e nós se importasse de verdade com ele, longe disso, todos sempre se sentiam mais tranquilos quando ele não estava em casa. A vida ali também parecia mais suportável para mim quando ele não estava.

— Sim — ela respondeu no instante em que ouvimos um baque estrondoso vir do corredor. Abandonei meus livros sobre o sofá da sala e segui para o corredor. — Rodrigo está lá com ele.

Ao ouvir as últimas palavras, eu me apressei em chegar ao escritório e o som de vidro se estilhaçando me fez abrir a porta sem nem mesmo bater.

Meus olhos se arregalaram quando vi Rodrigo sobre Olavo, socando-o sem pena. Aquela cena era a mais inimaginável para mim. Rodrigo sempre fez tudo para agradar Olavo e agora os dois estavam se espancando daquela forma? Que porra aconteceu para chegarem a isso?

— Rodrigo! — Eu tentei trazê-lo de volta à realidade quando me aproximei para tirá-lo de cima de Olavo, mas sua fúria parecia incontrolável e, por um segundo, achei que ele também se voltaria contra mim, mas as palavras seguintes de Olavo levaram nossa atenção a ele.

— Dois bastardos! Malditos filhos de um filho da puta! Um Zé ninguém que nunca esteve nem aí para vocês! *Nunca!*

Percebi que Olavo estava bêbado.

Ajudei Rodrigo a se levantar e Olavo tentou se erguer novamente, mas estava bêbado

demais para isso.

— E aquela vadia... — disse entre risos. — Aquela vadia da Mabel me traiu. Aquela vagabunda... — ele interrompeu quando Rodrigo avançou sobre ele novamente e o socou com força suficiente para deixá-lo desacordado no chão.

Confuso e completamente perdido naquela discussão, eu me aproximei de Rodrigo novamente, sua respiração estava ofegante e ele mantinha o maxilar e os punhos cerrados.

— O que houve? — indaguei para ele ao vê-lo deixar o escritório em disparada. — Porra, o que aconteceu, Rodrigo?!

— Onde está mamãe?! — Foi o que ele gritou em resposta.

Segurei o seu braço com força e o impedi de subir as escadas para ir ao primeiro andar.

— São mais de onze da noite, ela já está dormindo! — lembrei-o. — Me diz que infernos aconteceu agora?!

Rodrigo inspirou e expirou fortemente, se desvencilhou do meu aperto para derrubar alguns dos vasos de flores sobre o chão. Estava transtornado, irreconhecível com todo aquele ódio brilhando em seus olhos, aquela gana na postura e expressão.

— Mamãe traiu Olavo, não ouviu?! Não somos filhos dele! Não somos filhos daquele bastardo! Quem é a porra do meu pai?! Por que ele abandonou mamãe?! Por que mamãe nunca nos contou isso?!

— Rodrigo... — tentei, mas ele me empurrou com força e se voltou para mim com ainda mais raiva.

— Não tente defendê-la! Não tente, porra!

— Olavo estava bêbado! Só pode estar mentindo, como pode acreditar que mamãe...

— Olavo estava atrás dele, estava atrás do nosso “pai” biológico. Ouvi-o falando ao telefone com Athos sobre isso! Então para com a porra da argumentação! Não somos filhos de Olavo, e o filho da puta do nosso pai não se importou nem mesmo conosco! Deixou mamãe todo esse tempo nas mãos desse bastardo, assim como nós!

Um flash fez as cenas mudarem drasticamente, me levando para nove anos depois daquela lembrança.

A noite caiu como um lençol negro a envolver a cidade, não havia sinal de chuva, nem mesmo uma nuvem sequer mostrava qualquer indício de que o tempo fecharia para mais uma das habituais tempestades de Porto Alegre. Não estava frio, tampouco calor, a temperatura era amena, típica das noites de verão aqui. Cheguei do trabalho pouco mais de dez da noite, estava exausto, mas, por mais difícil que estivesse conciliar o trabalho com o mestrado, eu gostava de toda aquela correria, pois estava ciente de que em poucas semanas seria Mestre e meu salário aumentaria consideravelmente, isso nos tiraria da espécie de forca em que estávamos — com os gastos hospitalares de Suzana e o cursinho que Natasha começara a fazer quase não sobrava dinheiro para mantermos uma poupança, que nesse caso é muito necessária, mas isso em breve mudaria — lembrei-me. — E tudo seria mais fácil para todos nós.

Estacionei o carro e peguei as apostilas e a pasta do trabalho antes de deixar o carro. Abri o porta-malas e peguei as frutas que Fernanda, minha namorada, me pedira para comprar mais cedo, antes de fechá-lo novamente, senti a nítida sensação de estar sendo observado. Olhei por cima do ombro e, boquiaberto, constatei quem estava atrás de mim.

— Rodrigo? — emiti ao vê-lo se aproximar. Abandonei as sacolas, apostilas e a pasta dentro do porta-malas e me voltei para ele completamente. — Por onde você esteve durante todo esse tempo, porra?! — indaguei ainda bestificado por sua presença, há anos ele sumiu e não deu notícias em nenhum momento, cartas; ligações absolutamente nada! O que o fez

aparecer em nossas vidas justo agora?!

Talvez se eu tivesse prestado atenção em sua feição e tivesse tentado compreender a fúria que seus olhos refletiam, eu tivesse tido mais sucesso na tentativa de impedir quando ele avançou sobre mim. A surpresa pelo golpe que ele acertou em meu rosto me fez revidar também com raiva, mesmo sem entender seus motivos, eu já possuía os meus próprios. Estava com raiva por ele ter passado tanto tempo sem dar notícias, sem se importar até mesmo com mamãe que não passou um dia sequer sem perguntar por ele. Que tipo de merda Rodrigo tem na cabeça para ter ignorado a existência da própria família por tanto tempo? Foram *anos!*

— O que houve, porra?! — gritei para ele enquanto tentava contê-lo. Um pouco do meu autocontrole me ajudou a raciocinar melhor e tentar compreendê-lo antes de entrar numa briga, afinal, sequer sabia o que havia se passado com ele, para ele passar nove anos longe, para decidir voltar agora e para estar tão enfurecido comigo. Não chegaríamos a lugar nenhum brigando desta forma, percebi.

— O que Fernanda está fazendo no seu apartamento?! — ele gritou, cerrou os punhos novamente e tentou me acertar, mas agarrei seu braço e o parei antes que o punho chegasse ao meu rosto. Fitei-o atentamente e, mesmo perdido, tentei entender o que estava naqueles olhos ao passo que minha mente tentava arduamente ligar Fernanda a Rodrigo de alguma forma aceitável. Como ele a conheceria se eu mesmo a conheço há menos de um ano? Por que estaria tão bravo apenas por saber que ela está morando comigo? Que infernos ele tinha a ver com isso, afinal?!

— Fernanda é minha mulher, o que você tem a ver com ela?!

— Tua mulher é o caralho! Fernanda é minha, porra! *Minha*! — Ele avançou sobre mim novamente e, mais do que suas palavras, a gana que vi refletida em seus olhos castanhos, como os meus, me surpreendeu. Não revidei quando ele me socou novamente, minha mente estava perdida entre suas palavras e eu ainda não via uma justificativa crível para elas,

apenas as hipóteses que eu criava para explicar os motivos dele dizer algo assim e nenhuma delas era minimamente cabível. — Como você a conheceu?! Quando começou a comer minha mulher, porra?!

Suas novas perguntas me trouxeram de volta à realidade e rapidamente consegui subjugá-lo, sua fúria cegou completamente seus reflexos e conseguir me colocar sobre ele para contê-lo foi mais fácil do que imaginei.

— Do que você está falando? — inquiri sentindo a raiva pelo desentendimento e falta de explicações começar a me dominar, além do ciúme por sua afirmação sobre Fernanda ser sua. — Desde quando você sabe quem é Fernanda? Você ao menos já a viu para estar aqui agora me dizendo que ela é sua mulher?! Tá louco, caralho?!

— Por isso ela fugiu! Você a seduziu, não foi? Seu filho da puta, eu vou te matar... — Ele tentou novamente me sobrepujar, mas foi em vão. — Fernanda é minha, minha, porra!

— Me explica essa merda! — mandei, explosivo, furioso mesmo enquanto tentava me controlar. — Como você conheceu Fernanda?

— Com quem acha que fui embora, babaca?! Com quem acha que fiquei durante todos esses anos?! Como *você* a conheceu? Por que *você* está com ela agora?!

Estupefato, desolado e me sentindo completamente perdido, eu decidi me levantar. Sentia que a fúria que ele emanava seria compartilhada por mim se eu não me afastasse a tempo, sentia que eu seria o próximo a proferir tantas sentenças possessivas, a xingá-lo, se eu não me afastasse e me obrigasse a pensar com clareza em tudo o que ele despejou para mim agora.

As palavras de Rodrigo não faziam sentido e, naquele primeiro instante, eu só consegui me agarrar à ideia de que não estávamos falando da mesma mulher. Não poderíamos! Fernanda não mentiria ou ocultaria um relacionamento seu com meu irmão! Somos *gêmeos*,

porra! Ela não poderia dizer que não sabia que éramos parentes!

Em um excesso de fúria, eu soquei a parede pilar do estacionamento do prédio e tentei controlar minha respiração, que já estava ofegante. O som de uma arma sendo engatilhada me fez parar qualquer droga que estivesse tentando fazer. Me voltei para Rodrigo e o encarei atentamente, perscrutando em seu interior qualquer justificativa para ele estar apontando uma arma carregada para mim.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Não fugimos daquele inferno à toa, não fizemos tudo o que fizemos para tirá-la de lá à toa! Não decidimos nos separar por um tempo para eu voltar e vê-la aqui com você, seu bastardo! E agora você se acha dono dela?! — ele murmurou para si mesmo, vi lágrimas brilharem em seus olhos, mas o desentendimento me impediu de acompanhar o raciocínio que ele aparentemente seguia. — Quando você a conheceu?! Quando a seduziu, porra?!

— Eu não sei do que você está falando! — vociferei em resposta e ele atirou contra os vidros do carro mais próximo de si. — Estou com Fernanda há meses! Você sumiu há nove anos. Está louco?!

Ele não respondeu, eu também fiquei em silêncio, à espera de uma atitude sua, seja de explicar, seja de dar um fim àquilo de uma vez. Eu queria entender, mesmo, de verdade, mas não acreditava que estava pronto para descobrir qualquer envolvimento de Fernanda com Olavo e Rodrigo, seria como cair pela segunda vez no mesmo truque. Anita e agora Fernanda? Que porra de carma é esse, afinal?!

— Por que eu não consigo te matar de uma vez?! Merece isso por tirar parte do que me restou, por agir como se não fizesse diferença o que vocês dois fizeram! Como se não tivesse nem mesmo peso na consciência por trair seu próprio irmão! Seu bastardo do caralho!

Um novo flash me levou à lembrança em que *eu* estava com a arma e a fúria de Rodrigo

me dominava, e a saída mais fácil e justa para mim naquele momento era acabar com sua vida.

Mamãe estava em choque, encolhida em um canto daquela sala e chorava copiosamente, embora parecesse estar longe dali em mente, seu desespero era bem evidente e real para mim, tão real quanto doloroso. Havia se passado semanas desde o meu último encontro com Rodrigo, quando ele descobriu sobre meu relacionamento com Fernanda. Nossa relação já estava mais danificada desde aquele maldito encontro. Eu sentia cada fibra do meu corpo inerte em raiva, cada célula envenenada com a ira e a cólera pelo que minutos atrás — ao telefone — ouvi mamãe desesperada enquanto Rodrigo só queria me trazer até aqui com seu maldito dinheiro, como se ele não soubesse o que as lembranças do que ela viveu com Olavo causavam a ela, como se não se importasse de usar sua aparência — que naquele momento era quase como a de Olavo em nossa idade — para trazer à tona todos os traumas de mamãe. Agora, ao ver o estado deplorável em que ela se encontrava enquanto ele, durante todo o tempo, parecia mais preocupado com o maldito dinheiro que pedira para me entregá-la, eu só sentia mais e mais vontade de matá-lo e dar um fim a todo aquele inferno de uma vez por todas. Eu não temia a arma que ele também apontava para mim e não ligava a mínima para sua expressão desolada, como se precisasse sair dali o mais rápido possível. Talvez precisasse realmente fazê-lo, mas não me importava. Talvez mamãe também nunca me perdoasse se eu o matasse, mas naquele momento isso também não me importava. *Então por que infernos não consigo dar um fim a isso?!*

Engatilhei a arma e a mirei em seu peito. Queria ter coragem de fazer aquilo, de dar um fim a essa parte da minha vida. Rodrigo era um ser irreconhecível, eu conseguiria dar um fim a isso com um tiro, mas não conseguia. Por mais que estivesse à minha frente a representação perfeita do que ele havia se tornado, as imagens que povoavam minha mente eram da nossa infância e adolescência, quase como se eu quisesse que aquelas boas lembranças extinguissem o homem terrível que ele havia se tornado. Elas não extinguiriam nada, nem o mudariam de nenhuma forma, eu sabia e, ainda que a fúria continuasse tentando me cegar, eu não consegui me vingar pela dor que ele havia causado a mamãe, não consegui fazê-lo pagar por cada lágrima que a fez derramar, não consegui tirar a vida do meu irmão.

Baixei minha arma, ele fez o mesmo. Nos fitamos em silêncio como se tentássemos entender os motivos que haviam nos feito ficar assim, tão diferentes do que sempre fomos um com o outro. Ele foi o primeiro a desistir e saiu, deixando nossa mãe para trás, com todos os medos e traumas que ele havia despertado novamente. Coisas difíceis com as quais ela e eu teríamos que lidar para que ela superasse tudo... De novo.

As imagens esvaneceram quando me forcei a voltar à realidade e parar de reviver o que aconteceu há tanto tempo.

Expirei o ar dos pulmões com força, estava exausto. Já não sabia o que pensar. Tampouco o que fazer com tantas informações. Quando Rodrigo deixou a casa, eu me permiti olhar para aquela situação por todos os lados que ela me concedia, à procura de algo que sustentasse minha desconfiança inicial de que aquelas poderiam ser apenas mentiras de Rodrigo. Mas tudo o que consegui ao analisar o que foi dito por ele, foi recordar de acontecimentos do passado. Desta vez enxerguei tudo de outra forma porque agora tinha o seu lado da história e não somente o meu.

Eu procurava motivos para desconfiar de Rodrigo, e encontrei detalhes que só me faziam acreditar ainda mais no que ele havia contado.

As palavras de Dolores me vieram à mente novamente e fechei os olhos por um instante. Precisava parar por algum tempo, parar de pensar e tentar encontrar uma saída para todo esse inferno ou acabaria enlouquecendo enquanto tentava fazê-lo.

O que Robson tinha a ver com tudo isso? E o que exatamente estava fazendo em nossas vidas durante esses dois meses? Estas eram as perguntas que volta e meia rondavam minha mente, mas eu me forcei a afastá-las por ora. Não podia me preocupar tanto com algo que sequer entendia ainda e, se Robson estiver envolvido de alguma forma com aquele traficante, nós apenas saberemos quando ele voltar. Ele não sabe que percebemos a lacuna sem sentido na história que contou ao chegar em Porto Alegre. Vou triplicar a segurança de todos, então, por enquanto, posso descartar a extrema necessidade de fazer algo sobre ele.

Não me arrependi de não ter contado sobre esse detalhe para Rodrigo, já que ele não pensava direito enquanto estava com raiva, mas agora pensava que talvez ele soubesse algo sobre isso.

Me dei alguns minutos a mais para alcançar a calma que ainda precisava para conversar com Dolores, depois deixei o escritório e subi as escadas novamente.

Encontrei Lola ainda com o vestido que usara no jantar e a mesma feição preocupada e confusa de duas horas atrás, quando deixei o quarto para conversar com Rodrigo.

— Tentei falar com Robson, mas ele não me atendeu — ela contou ainda sem me fitar, enquanto eu me aproximava de onde estava. — Não sei de que forma ele está envolvido nesse maldito inferno.

Bastou que eu olhasse a sua expressão para atestar que estava se sentindo aturdida, perdida... Talvez até preocupada. Até aquele momento eu não havia pensado que Robson era alguém importante para Dolores, e que agora ela provavelmente não sabe o que pensar sobre o real motivo do retorno dele.

Sentei-me ao seu lado na cama e entrelacei minha mão à sua, isso chamou sua atenção o suficiente para me encarar.

— Vamos esperar ele voltar — eu disse a ela num tom neutro antes de beijar os nós de seus dedos — Não temos certeza de nada agora, nem que ele está envolvido com Carlão, então...

Ela me interrompeu:

— Eu não quero acreditar que ele me usou para chegar a vocês dois e descobrir algo, mas se alguma coisa acontecer e machucar algum de vocês, por culpa dele, eu vou fazê-lo se arrepender.

— Acha que ele pode ter feito isso? — perguntei já que ela o conhecia melhor que eu.

— Não, eu não acho, mas sou realista, essa possibilidade existe e não vou descartá-la para mantê-lo como alguém bom para mim. — Ela inspirou lentamente.

— Vamos apenas ficar atentos ao que ele disser daqui por diante — murmurei. — Quando ele voltar, nós conversaremos.

Ela concordou silenciosamente, eu a trouxe para um abraço, pousei meu queixo em sua cabeça e cerrei os olhos quando ela retribuiu o abraço.

— Por que decidiu ajudar Rodrigo agora? — questionou. — Sei que, por mais que eu não consiga acreditar nele, você acreditou o suficiente para concordar em ajudá-lo. Por quê?

A pergunta não me pegou de surpresa, mas demorei alguns segundos para conseguir articular minha resposta, para descobrir como contaria a ela tudo o que Rodrigo me disse.

— Não posso deixá-los agora. Posso continuar com raiva de Rodrigo, mas Alícia não tem culpa de nada. — Soltei uma respiração. — Uma parte de mim, até uma hora atrás, não conseguia se desligar do que eu achei que Rodrigo havia se tornado, eu queria continuar com raiva e queria acreditar que era tudo mentira, mas depois percebi que ele pode estar falando a verdade, percebi que podia sim estar enfrentando todo esse inferno sozinho, que ele e Alícia, especialmente agora sem Fernanda, estão precisando de ajuda. Não vou conseguir deixá-los desamparados ciente de tudo o que está acontecendo.

— Você não tem culpa de nada, Aaron. Não tem nada a ver com os erros de Rodrigo — ela disse em voz baixa. — Ele foi um filho da puta com vocês, fez tudo o que fez porque quis, porque...

— Eu sei, Dolores, nada justifica as coisas que ele fez, e eu não vou esquecê-las. Não tive muito tempo para escolha, mas ainda não acho que tenha escolhido errado. Ele e Alícia

precisam de mim.

Lola se aproximou um pouco mais e, ao sentar sobre minhas pernas, acariciou meu rosto por alguns segundos, enquanto nos encarávamos em silêncio, até que disse:

— Eu não acredito nele, em nada do que ele te disse — ela admitiu. — Não gosto da ideia de ele estar tão perto, porque todo esse inferno, você querendo ou não, começou por causa dele...

Eu a interrompi com um beijo suave em seus lábios.

— Não pode continuar sendo realista e admitir a possibilidade de ele estar falando a verdade sobre Alícia e Fernanda?

— Não, porque Rodrigo não merece um voto de confiança meu.

— Ele me deixará conhecer Alícia — contei. — Ela está em um hospital, em tratamento após a cirurgia de retirada de um tumor.

Dolores se afastou de novo e, confusa, emitiu:

— O quê?!

— Ele tentou me pedir ajuda, Lola, e descobriu que eu estava com Fernanda, depois percebeu que eu não havia me afastado dela. Ele precisava do dinheiro. Por isso ele sequestrou mamãe e me chantageou, ele estava com muita raiva para simplesmente pedir ajuda àquela altura. Não justifica, concordo, mas é uma verdade diferente da que eu acreditei por muito tempo e eu não posso ignorar isso. Segundo ele, foi o dinheiro que Olavo deu a Fernanda, após ela me trair com ele, que pagou a cirurgia de Alícia.

Ela piscou, atônita, mas não disse nada.

— Não vejo por que ele inventaria tudo isso. Uma filha? A morte de Fernanda? Se tudo isso é mesmo verdade, vou descobrir quando conhecê-la.

— Ma-Mas ele torturou Mabel fazendo-a lembrar de Olavo — ela me lembrou.

— Ele disse que não o fez, que mamãe se desesperou ao vê-lo discutir com Fernanda... Mamãe e eu nunca conversamos sobre isso, nunca tentei fazê-la falar sobre aquela noite, tirei conclusões pelo estado em que ela estava. Mas posso confirmar isso com ela.

Ela cerrou os olhos por alguns instantes, procurava pelas palavras certas para dizer agora.

— É uma mentira triste demais até para Rodrigo sustentar — disse.

— É uma realidade triste demais para ser enfrentada sozinho, mesmo que por ele. — retorqui fazendo-a suspirar.

Desta vez, Dolores me abraçou, mas não me surpreendi como quando ela o fez no hospital, apenas retribuí o abraço.

— O que vai fazer?

— Não sei. Ele só queria ajuda para encontrar Fernanda, não teria vindo aqui se ela não tivesse sido sequestrada. Depois da ligação do Carlão, ele precisou de um ombro em que pudesse sofrer... Espero que ele volte, mas apesar de ele ter me dito que eu poderia conhecer Alícia, ficou claro que não se sentia confortável com minha aproximação. Acho que ele ainda não consegue acreditar que vou ajudá-lo mesmo. — Fiz uma pausa e acariciei seu cabelo. — Vou esperar Rodrigo entrar em contato comigo de novo.

— E se ele não te procurar mais?

— Ele vai, pode não ser agora, mas ele vai. Rodrigo não vai querer que esse traficante chegue perto de Alícia, para o bem ou para o mal, sou a única pessoa que pode ajudá-lo de

alguma forma agora. A promessa silenciosa de que eu o ajudarei é tudo o que ele tem no momento, e se ele precisar, saberá onde me encontrar.

— Ainda sente raiva dele?

— De algumas atitudes dele, sim. As circunstâncias não mudam o que ele fez, Lola. Não vou conseguir esquecer nada, estou ciente disso, mas também não vou conseguir simplesmente dar as costas a eles.

Dolores não disse nada por alguns segundos e eu aproveitei esse pouco tempo para inalar seu cheiro e me permitir acalmar minha mente.

— Como descobriram sobre esse traficante supostamente ter matado Fernanda?

— Ele ligou para Rodrigo, para fazê-los dizer onde Alícia está. Fernanda pediu que ele não o fizesse, depois ouvimos quando Carlão atirou. Segundo Rodrigo, Carlão ligou apenas para ameaçá-lo e fazê-lo ouvir o último disparo.

Desta vez ela não disse nada, nem fez qualquer outra pergunta.

— Eu sei que você odeia ele — sussurrei. — Que tem motivos pra isso. Sei que ele é errado, Lola, mas eu não posso... *E não vou* abandonar minha família. Prefiro que ele acerte suas contas com a polícia e não com um traficante.

— Eu sei — ela afirmou. — Mas se Rodrigo estiver mentindo, se ele sonhar em te trair ou fazer qualquer um de vocês sofrer, eu vou fazer ele pagar caro, Aaron. Vou fazer ele se arrepender de ter nascido.

— Sei que não vou te convencer do contrário. Obrigado por continuar comigo — agradeci, cansado, e beijei o topo de sua cabeça com suavidade.

Ela não respondeu, apenas retribuiu nosso abraço. Por um instante eu lembrei dos meus

malditos erros e do que nos trouxe até aqui, até esse momento em especial, percebi que *eu*, nem se nascesse mil vezes, mereceria tê-la na minha vida de novo. E, ainda assim, ela estava aqui. Eu não sabia o que a fazia ficar, mas pedi em silêncio que aquilo a mantivesse comigo... *Sempre.*

Quinze

“Eu quero guardar teu beijo
Na concha das mãos
Teu cheiro eu levo feito mancha na roupa
Que eu não lavo não
[...]
Sou alvo pros teus olhos claros parecidos
Com essa estação
E adoro os efeitos sonoros de quando você sussurra
Absurdos no ouvido do meu coração”
Se eu Corro – A Banda Mais Bonita da Cidade

As duas primeiras horas da manhã seguinte transcorreram rapidamente e consegui resolver as questões de segurança envolvendo a casa, Natasha e mamãe. Há menos de cinco minutos pedi que João viesse ao meu escritório para conversarmos sobre ele e Dolores. Sobre a segurança dos dois, para ser mais exato.

Enviei uma mensagem a Rodrigo para avisá-lo sobre a reunião que teria com Felipe amanhã, na qual decidiriam o que fariam para manter a segurança de Alícia no hospital. Ele respondeu com um simples e lacônico “ok”.

Duas batidas sutis na porta me avisaram que João já estava aqui, logo descartei um dos relatórios que Lilian me trouxe ontem, que eu estava analisando, e permiti sua entrada.

Dolores e eu não decidimos nada em relação a contar a João sobre Robson e até que fizéssemos isso, eu não diria nada a ele. Por outro lado, o que dizia respeito a Rodrigo, eu teria que contar, e o fiz.

Quando finalmente concluí a narração do que aconteceu ontem à noite, João não disse nada por um tempo, apenas manteve-se inexpressivo enquanto me encarava.

— Eu decidi ajudá-lo — concluí.

O homem à minha frente retirou seus óculos e massageou as têmporas antes de dizer:

— Também não acredito nele — iniciou. — Contudo, por mais que eu o odeie, não vou tentar convencer você a não o ajudar. Mas não vou conseguir sair daqui sem dizer que você precisa parar de trazer responsabilidades para a sua vida. Precisa parar de ser bom com quem não se importaria de te apunhalar pelas costas.

Encostei-me à cadeira em que estava e suspirei.

— E eu já sei o que vai dizer — ele continuou: — Sei que Rodrigo é da sua família, mas você não tem culpa das merdas que ele fez nesses dez anos.

— Eu não tenho culpa, mas já estou envolvido, porra! O que quer que eu faça? Acha mesmo que deixá-lo se ferrar sozinho vai me ajudar de qualquer forma que seja a sair dessa droga? E mamãe? Como acha que ela reagiria a isso? Alícia também não tem culpa de nada desse inferno!

— Eu não sei, mas se afundar ainda mais em tudo isso também não vai te ajudar em nada. Imagine que essa menina existe, se esse traficante descobrir que não é o pai dela, ele vai se vingar. Se está há tanto tempo atrás de Rodrigo, vai fazê-lo pagar caro. Não duvido que tente matá-lo. Isso *se* acreditar nisso. Suas opções sempre envolverão mortes. De um traficante qualquer, do seu irmão ou do resto da sua família. A única forma de acabar com isso é matando-o.

— Você está falando como Rodrigo — avisei-o.

— Ricardo, eu só quero que você enxergue que só tem duas opções: ou se livra daquele filho da puta, ou toda a sua família, e a mulher que você ama, continuarão sempre em perigo.

Aquilo me deixou em silêncio.

Nunca tive problemas em admitir a razão de João em determinados assuntos, mas neste em especial, eu odiei fazê-lo.

— Não estamos falando de um homem qualquer, estamos falando de um traficante perigoso, que não pensaria duas vezes antes de matar qualquer pessoa. Estamos falando de um filho da puta que não se importaria minimamente em matar todos nós só para fazer Rodrigo entregar aquela criança. A morte de Fernanda foi um aviso e seu irmão já sabe disso. Temos algum tempo antes de esse traficante te encontrar novamente, então precisamos tomar uma atitude e rápido. Se ele souber seu nome, não será tão difícil te encontrar.

Foi minha vez de massagear as têmporas para tentar amenizar a dor de cabeça que apenas aumentava.

— Quando Robson voltará? — questionei após quase dois minutos de silêncio.

— Até domingo ele estará aqui — respondeu enquanto andava em círculos pela sala. — Vou falar com Robson. Ele sabe como anda a investigação sobre esse traficante, saberá me

dizer se suspeitam de algum lugar em que ele possa estar ou pelo menos a localização exata do morro que ele comanda no Rio.

— Acha mesmo que pode confiar nele? — perguntei dubiamente.

Minha pergunta o fez voltar-se completamente para mim, os olhos semicerrados.

— Robson seria capaz de matar qualquer um para proteger Dolores. Nunca duvide disso — afirmou, contundente. — Ele a vê como uma filha. Quando descobrir que você trouxe aquele filho da puta para nossas vidas, você também será visto como um alvo dele.

Precisei me controlar para não revirar os olhos.

— Nem mesmo sabemos com quem estamos lidando, só sabemos que esse bastardo é um traficante, eu vou...

João me cortou:

— Robson pode cuidar disso, pode nos informar quem é aquele homem. Pelo que entendi está há muito tempo investigando sobre ele — ele disse e começou a andar de um lado ao outro.

Juntei as sobrancelhas ao ouvir a última informação dada por ele.

— Já falei com Felipe sobre novos seguranças — esclareci. — Eu gostaria que você e Dolores viessem para cá — contei, fazendo-o voltar a me fitar aturdido. — Se estivermos juntos, ficaremos mais tranquilos. Eu não me preocuparei tanto com vocês, nem você com mamãe.

João não respondeu, mas eu soube que estava cogitando a hipótese. Falar em mamãe era o mesmo que atingir seu calcanhar de Aquiles. Por ela ele faria qualquer coisa e eu sabia que colocar Dolores no pacote apenas o deixava mais inquieto e tempestuoso, como agora.

— Felipe mandará novos seguranças amanhã. Enquanto não resolvermos isso, temos que mantê-las em segurança.

— Conversarei com Dolores sobre isso — foi sua resposta final.

— O que dirá a Robson?

— Contarei a ele o que aconteceu, inclusive que Rodrigo está em contato com você, e juntos decidiremos o que fazer.

— João... — eu tentei dizer, mas ele me interrompeu e parou abruptamente para me encarar.

— Você já percebeu que não temos escolha, se não consegue decidir por matar um filho da puta qualquer para manter sua família a salvo, eu consigo. E é isso o que vou fazer.

Ergui as sobrancelhas involuntariamente.

— Eu não tentaria convencê-lo do contrário — afirmei, voltando a me sentar. — Só não se esqueça de me manter informado. Me tirar disso porque está com raiva pelas minhas decisões, também não nos ajudará em nada.

João bufou, contrariado, e cerrou os olhos. Somente agora parecia perceber que havia se exaltado demais. Ele se voltou para mim e murmurou:

— Desculpe. Estou nervoso e preocupado... Não quero nenhuma delas em perigo e agora... — ele interrompeu. — Você entendeu.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Também estou preocupado, João — assumi. — Estou ciente dos riscos, ciente da minha responsabilidade com todas elas e com você, sinto como se uma tonelada pendesse

sobre minhas costas, mas não posso abandonar meu irmão agora, muito menos Alícia. Continuar a discutir por isso, não nos ajudará em nada.

Ele expirou lentamente, como se tentasse se acalmar.

— Qualquer um no seu lugar, faria ele pagar por tudo o que fez a vocês. Rodrigo não merece sua ajuda, e não faria isso por você, Ricardo. Espero que esteja ciente disso também.

— Talvez não, mas eu não sou Rodrigo. — Foi minha resposta.

Ele me fitou por alguns segundos, depois suspirou com força e disse que ligaria para Robson e saiu em seguida.

Bufei, cansado. Fiquei cerca de dez minutos apenas fitando um objeto qualquer na sala, como um descanso merecido a uma mente exausta. Quando peguei o relatório que analisava antes de João entrar, a porta da sala foi aberta novamente. Eram Natasha e Dolores.

— Bom dia, maninho! — Nat me cumprimentou com um sorriso genuíno nos lábios, Dolores tinha uma expressão divertida no rosto, mas não disse nada. Por um momento, todas as preocupações em minha mente ganharam um caminho diferente, foram descartadas.

— Bom dia — devolvi o cumprimento e recostei-me à cadeira novamente.

— Então, a Lola me disse que ontem, quando você falou para Rodrigo sobre uma tal Alícia, você se referia a filha dele. É verdade? Eu sou tia mesmo?!

Revirei os olhos para ela e olhei Dolores, que apenas deu de ombros como quem dizia *"não pude fazer nada"*.

— Sim — respondi e isso a fez vibrar, animada com a notícia.

— Eu posso conhecê-la?! Você tem fotos dela?!

— Não, Natasha — murmurei ao levantar. — Alícia, segundo Rodrigo, está em um hospital, em tratamento.

O seu sorriso esmoreceu aos poucos, logo o brilho de seus olhos também já não era de felicidade e eu lamentei imediatamente ter lhe dado esta informação. Me aproximei de onde ela estava.

— Como assim? Ela ficará bem, não é?

— Não se preocupe. É apenas um tratamento. A pior parte já passou.

Nat uniu as sobrancelhas, preocupada.

— Ela ficará bem — afirmei ao beijar-lhe a testa ternamente e acariciar seu rosto. — Você a conhecerá na primeira oportunidade que tivermos.

Minhas últimas palavras fizeram a sombra de um sorriso surgir em seus lábios.

Ouvimos seu celular tocar e Natasha se afastou um pouco para atendê-lo. Ao ouvi-la dizer "oi, amor", percebi que falava com Vitor. Logo ela pediu licença e deixou a sala.

Olhei para Dolores, que já me fitava fixamente e a vi se aproximar devagar — agora usando apenas uma muleta. Mais cedo, quando acordamos, ela disse que, após o café da manhã, voltaria para sua casa, porque Gabriel voltara ontem à Porto Alegre e ficaria com ela, provavelmente veio se despedir.

— Como você está? — perguntamos ao mesmo tempo, mas nenhum de nós se pronunciou a dar uma resposta. Talvez nenhum de nós tivesse uma resposta boa agora.

Quando já estava à minha frente, ela ergueu uma sobrancelha de maneira inquisitiva. Eu sabia que, mesmo que não me conhecesse tão bem quanto ela mesma gostaria, Dolores não precisava de muito para conseguir me decifrar em certas ocasiões — quando ficava claro que

eu estava preocupado, era uma delas.

— Estou cansado de me ver sem opções — admiti contra seus lábios e a beijei ternamente. — Cansado de discussões.

— Está falando das empresas de Olavo ou sobre Rodrigo?

— Sobre tudo.

Ela trouxe uma de suas mãos para a minha nuca, mantendo a proximidade entre nossos rostos, e juntou sua boca a minha em um selinho.

— Você sempre terá alternativas, Aaron. As discussões só te mostram quem ficará ao seu lado, por piores que elas sejam — ela disse, seu polegar mantendo uma carícia suave em meu rosto. Os olhos castanhos, amendoados, presos aos meus como se nada mais ali, ou em qualquer outro lugar, lhe despertasse tanto interesse. — Eu ficarei. Vovô, Natasha e sua mãe nunca sairiam do seu lado também. Por mais difícil que a situação seja, nós estaremos aqui. Você não precisa aguentar sozinho o peso do mundo.

Encostei minha testa à sua e fechei os olhos. Não consegui dizer nada naquele momento. Quando compreendi o significado daquelas palavras, meu peito foi consumido por algo que só pude definir como emoção. Minha mente entrou em curto apenas por tentar entender que porra era aquela, eu não me sentia assustado com a forma que aquele sentimento me invadiu, se apoderou e consumiu tudo em mim, só me senti arrebatado. Pois eram sentimentos sim, sentimentos veementes, por ela; *por Dolores.*

— Como eu um dia poderia me permitir desistir de você? — indaguei, mais para mim mesmo que para ela. Puxei-a para mim sem qualquer pressa e voltei a pressionar meus lábios aos seus, desta vez não em um beijo casto, mas com paixão e uma vontade que apenas Dolores conseguiria saciar.

Por ela estar sem saltos, a diferença de altura entre nós era mais que notável, por isso envolvi sua cintura com um braço e a ergui um pouco do chão.

Quando a encostei à parede mais próxima, acabei com o beijo e segurei uma de suas pernas contra meu quadril com cuidado, para não machucá-la.

— Eu não sei, não faço a mínima ideia. Mas aqueles dois meses foram um inferno pra mim.

Sorri contra seus lábios ao ouvir aquela admissão. A regra nesse tipo de situação — quando eu a indagava sobre qualquer coisa relativa a nós — era ela se retrair, porque apesar de tudo nesse quesito Dolores é mais reservada que eu, mas vê-la iniciar uma exceção, e responder desta forma, era um avanço estimulante.

— Vovô me pediu para encontrá-lo lá fora daqui a meia hora — ela avisou. — Pelo que entendi ontem, nós ficaremos alguns dias sem nos ver por causa do seu trabalho. Temos vinte e cinco minutos, Aaron.

Foi minha vez de arquear uma sobrancelha, meu sorriso agora era malicioso. Levantei seu vestido devagar e sem desviar meus olhos dos seus. Mais cedo, após se recusar a continuar sem calcinha, ela vestiu uma das minhas boxers e ainda estava com ela.

— Ainda temos a noite de hoje, Lola — lembrei-a. — Doze horas apenas nossas.

Rocei meus lábios aos seus, provocando-a antes de finalmente beijá-la de verdade. Deslizei a boxer por suas pernas até onde nossa posição permitiu, depois ela baixou o zíper da minha calça e fez o mesmo.

— O que você e vovô decidiram? — perguntou.

— João confia cegamente em Robson, falará com ele. E acha que o melhor a se fazer é matar esse traficante.

Dolores enterrou seus dedos em meus cabelos e beijou meu pescoço, fazendo-me cerrar os olhos. Ela sabia que eu adorava quando fazia isso, que me arrepiava, *ligava* completamente.

— Talvez ele esteja certo — ela disse. — Mas não podemos fazer mais nada agora, não sobre isso.

Sorri, mordi o lóbulo de sua orelha e, em um sussurro rouco, disse:

— Sobre isso não.

Um gemido sexy deixou seus lábios quando a acariciei entre as pernas, ela ainda não estava lubrificada o suficiente, mas isso logo mudou. Quando a penetrei com um dedo e o movi lentamente, ela puxou meus cabelos com ainda mais força. Beijei sua boca de novo e ritmei os intervalos em que a penetrava com os movimentos de minha língua enquanto guiava a sua. Gradativamente aumentei aquele ritmo o suficiente para fazê-la gemer em minha boca e se mover como podia contra meus dedos. Eu já estava louco para me enterrar nela, mas, porra, provocá-la era tão instigante, sobretudo quando ela gemia assim.

Quando acabei com o beijo e encostei minha testa a sua, ela já respirava com dificuldade. Tirei meus dedos de seu sexo e segurei meu pau, para guiá-lo em uma nova tortura para nós dois. A esta altura Dolores já não conseguia manter os olhos abertos e seu sexo se contraía, como um aviso simples de que não faltava muito para gozar.

— Diz para mim o que você quer agora, Lola — pedi contra seu ouvido. — Do que você precisa pra gozar?

Ela deixou uma espécie de grunhido lhe escapar antes de se mover o suficiente para que um pouco do meu pau a invadisse.

— Que porra, Aaron, precisa agir como um cretino agora?

— Gosto de ouvir você dizendo que quer meu pau — admiti.

Ela meneou a cabeça e, com a respiração ruidosa e ofegante, repetiu:

— Você é um depravado, um depravado com uma boca muito suja.

— E que enlouquece você — o murmúrio rouco e áspero fez sua pele se arrepiar e suas unhas cravarem em minhas costas. Quando a penetrei devagar enquanto segurava seu cabelo com força, ela deixou um novo gemido lhe escapar. Sua pele se contraiu em volta do meu pau e foi impossível para eu não emitir um gemido satisfeito, eu gostava mais que qualquer coisa, de estar dentro dessa mulher, de deixá-la tão perdida quanto agora. — Que te faz delirar de prazer estando ou não dentro de você.

— É um cretino convencido também — redarguiu, fazendo-me sorrir. Nossos gemidos voltaram a se misturar quando comecei a me mover para dentro e fora dela, quando nós dois nos tornamos cientes da perfeição do encaixe dos nossos corpos, do que ela fazia comigo, da forma irrevogável que me tinha completamente para si agora. Mais que em qualquer outro momento, eu senti o mesmo sobre ela, senti que a tinha de forma única e somente minha. Porra, eu não me considero possessivo, tampouco extremamente ciumento, mas era a maldita perfeição ter a certeza de que Dolores é minha, ainda que ela não estivesse me dizendo isto com palavras. Seu corpo e seus gemidos gritam isso para mim a cada segundo.

Voltei a colar minha boca à sua e a beijá-la sem acabar com os movimentos que arremetia para dentro dela. Eu já estava completamente perdido na sensação maravilhosa de estar dentro dela, de ser apertado por ela, estava no limite, prestes a alcançar o ápice e só conseguia pensar em como prolongar aquele instante, em como fazê-lo se tornar frequente entre nós dois.

Dolores estava tão imersa naquele prazer que sequer conseguia manter os olhos abertos, ela correspondia aos meus comandos, gemia um pouco mais a cada estocada profunda, mas o

êxtase não permitia que registrasse nada além do prazer que sentia neste momento.

— Adoro seu pau dentro de mim. Não pare, Aaron. Eu estou quase lá.

— Vamos gozar juntos — avisei.

Como se minhas palavras fossem um presságio, após algumas investidas mais, nós dois gozamos. Com respirações entrecortadas, ambos chamamos o nome do outro, nos perdemos no prazer inigualável proporcionado pelo outro, saciando momentaneamente os corpos e aliviando a tensão e preocupações que carregamos nos últimos meses em que ficamos separados.

Descansei meu rosto entre seus seios durante todo o tempo que precisamos para nos recuperar da onda tórrida que nos envolveu. Dolores me abraçou devagar e um silêncio confortável pairou entre nós.

Alguns minutos se passaram até que eu a ouvisse murmurar algo incompreensível.

— O que houve? — indaguei, preocupado com o tom que ela usara há alguns segundos. Voltei a fitá-la e enxerguei em seus olhos a preocupação que também estava em mim.

— Eu quero que a gente volte a usar camisinha — ela disse.

Uni as sobrancelhas, sem compreender o porquê disso e então lembrei de ontem à noite, quando ela me perguntou se eu estava com algum preservativo.

— Por que está preocupada com isso Lola?

— Porque não quero ter um filho agora.

Franzi o cenho e, ao perceber meu desentendimento, ela prosseguiu:

— Eu não quero colocar uma criança no mundo de qualquer jeito, Aaron. Quero estar minimamente preparada para isso e não ter um filho por causa de uma irresponsabilidade da minha parte. Um bebê precisa de mais do que eu sou capaz de oferecer no momento e eu...

— Lola... — tentei dizer, mas ela não permitiu.

— Eu fiz tudo errado da primeira vez e paguei caro por cada erro. Nunca vou me perdoar por aquele acidente, por perder... — ela interrompeu. Lágrimas inundaram seus olhos. Seus lábios estavam apertados, mas tremiam como se segurar o choro lhe exigisse muito esforço. Um nó se instalou em minha garganta. Doeu como o inferno vê-la daquela forma.

Beijei sua testa com delicadeza e a abracei.

— A culpa não foi sua — assegurei. — O único culpado foi o filho da puta que estava bêbado ao volante e provocou aquele acidente. Ele pagou com a vida também.

Lola pressionou seu rosto ao meu peito e retribuiu meu abraço.

— Não quero que meu filho tenha motivos pra acreditar, por um segundo sequer, que foi um erro. Não quero me juntar às pressas com um homem apenas porque estou grávida, assim como não quero que meu filho cresça sem a presença constante do pai. Isso dói como o inferno, Aaron.

Eu a apertei um pouco mais a mim e fechei os olhos. Eu entendi sua dor, sei do que ela está falando.

— Você nunca agiria como sua mãe, Dolores — garanti, pois agora sabia que ela temia que isso acontecesse. — Concordo que precisamos nos preparar de todas as formas possíveis antes de ter um filho, mas você não precisa ter medo se isso não acontecer da maneira que planejou. Planos nunca são cem por cento perfeitos, tampouco colocados em prática à risca. Aprendemos a ser um casal mesmo quando não acreditávamos que éramos um, aprendemos a

nos perdoar mesmo quando a mágoa parecia insuperável, podemos aprender a ser bons pais também.

— Nos conhecemos há pouco tempo, reatamos o que tínhamos há menos de duas semanas, como podemos já estar falando em ser pais? — questionou ao acabar com o nosso abraço. Sua pergunta me fez suspirar.

— Não somos mais adolescentes, não temos apenas um caso ou planos de acabar com o relacionamento que temos. Somos adultos, estamos juntos e tenho certeza de que nenhum de nós quer se separar. — Fiz uma breve pausa, aguardando por sua habitual negação, mas ela não disse nada, o que apenas me serviu como impulso para continuar a lhe responder com sinceridade. — Já tenho trinta anos, Lola, até quatro meses atrás, por mágoas do passado, eu não queria um relacionamento, mas já superei isso. E, apesar de ainda querer estudar, também anseio por um casamento e filhos, mesmo que não agora. Você é a única com a qual eu quero ter isso.

Ao fim de minhas palavras, eu já acreditava que havia exagerado e a assustado, Dolores me fitava com um misto de estupefação e incredulidade no semblante.

— Você disse que quer se casar comigo? — perguntou, sua voz reduzida a um simples balbuciar. Ainda parecia incerta de que ouvira mesmo isso.

— Você aceitaria? — repliquei, deixando-a boquiaberta. Aquela era a primeira vez que eu a via daquela forma e, por mais que tentasse, estava prestes a deixar minha impassibilidade ruir. Claro que queria saber o que ela responderia, mas não queria assustá-la com algo assim. Devia admitir também que vê-la daquela maneira me divertia, porque conseguir deixar essa mulher sem palavras não é algo que eu achei que conseguiria um dia, muito menos com uma pergunta como essa.

— Aaron, eu... — ela tentou dizer, mas interrompeu ao olhar em meus olhos. — Bem, eu nunca pensei que... — Ela engoliu em seco e, por um ínfimo instante, eu a imaginei sair

correndo desta sala. — Você está rindo à minha custa! — Ela percebeu e, agora brava, bateu em meu ombro. — Seu filho da puta, eu devia saber que ainda faria isso, me irritar sempre será aprazível para... — Consegui calá-la novamente com um simples beijo. Ao qual ela facilmente sucumbiu.

Contra sua boca, eu insisti:

— Você aceitaria ou não?

Sua respiração estava entrecortada de novo, mas nossa proximidade no momento não lhe permitiria escapatória senão me responder.

— Eu... — Lola titubeou enquanto dividia seu olhar entre meus lábios e meus olhos. Batidas soaram na porta do escritório e, apesar da posição em que estávamos (comigo ainda dentro dela), eu não me afastei, não o faria até que ela respondesse.

Ela expirou lentamente.

— Sim.

Precisei de alguns segundos para me convencer de que ouvira realmente aquela palavra ser dita por ela, pois apesar da minha atípica insistência, eu ainda esperava alguma evasiva sua.

— Olhe para mim — pedi, ela demorou um pouco, mas o fez. — Foi tão difícil responder isso?

— Aaron, pelo amor de Deus, pare de... — Ela parou de falar quando apertei os olhos em sua direção. Após um suspiro frustrado, disse: — Sim, é difícil porque uma parte de mim acha minha resposta imprudente.

— Por quê?

— Nós podemos ser loucos um pelo outro, mas isso não é suficiente para manter um casamento.

Mascarei minha surpresa ao ouvir sua primeira frase, ela sequer notou o que disse, se tivesse notado certamente se retrairia mais uma vez. Preferi manter a conversa naquele campo, aproveitaria que ela estava finalmente falando.

— E o que é?

Outra batida soou na porta, mas eu não liguei, muito menos Dolores, que agora pensava na resposta para minha pergunta.

— Confiança, companheirismo, fidelidade e até am... — Ela parou de falar quando me viu arquear as sobrancelhas. Eu não precisei dizer nada, sabia, tinha certeza de que não precisaria fazer a pergunta que estava em minha mente, ela entenderia apenas por ver meu semblante.

Daquela vez ela não respondeu, mas pelo choque em sua expressão percebi que ela havia chegado a mesma conclusão que eu: *nós já temos tudo isso, por mais que o primeiro ainda seja frágil.*

— Eu não estava te pedindo em casamento — contei. — Estava externando uma vontade do futuro. Sei que esse não é o momento para isso, que nossas vidas estão uma bagunça. Não precisamos pensar nisso ainda, nem ter um filho agora, se você ainda não se sente preparada para isso. Mas não podemos garantir que algo não será alterado em nossos planos, mesmo que não seja por nós.

— Eu sei.

Encostei minha testa a sua e ela envolveu minha nuca com os braços.

A porta do escritório foi aberta e Dolores, surpresa, tentou rapidamente se desvencilhar de

mim antes que qualquer pessoa entrasse e nos visse daquela forma, mas eu não permiti.

— Aaron, você está aí?

Era Natasha.

Uma Dolores incrivelmente vermelha, escondeu o rosto entre as mãos e depois se encostou ao meu peito enquanto sussurrava “inferno!”.

— Nat, saia daqui — pedi, porém era tarde demais, minha irmã já havia começado com intermináveis pedidos de desculpas.

— Me desculpe! Eu achei que a sala estivesse vazia, que a Lola estivesse...

Olhei para ela, que também escondia o rosto com as mãos e estava de costas para nós.

— O seu João está procurando a Lola — avisou, constrangida.

— Tudo bem. Já vamos sair — concluí.

Só percebi que Dolores havia parado de respirar quando a porta foi fechada novamente e ela expirou fortemente.

— Eu nunca achei que um dia veria você vermelha de vergonha — admiti em voz baixa, para provocá-la.

— Esse não é o tipo de coisa que sua irmã deveria nos ver fazer — ela disse.

— Não estávamos fazendo nada além de conversar — lembrei-a.

— Você está dentro de mim!

Sem conseguir me conter, eu ri. Não era a primeira vez que algo assim acontecia, já que ela agiu da mesma forma há alguns meses, quando eu a toquei na frente de seu avô e de mamãe, mesmo que eles não soubessem.

Ela me fitou irritada, mas logo um sorriso tímido surgiu em seus lábios.

— O que foi? — indaguei, pois aquele sorriso tímido e ao mesmo tempo estonteante estava me confundindo.

— É a primeira vez que escuto você rir assim.

Revirei os olhos e, com cuidado, eu desvencilhei suas pernas de minha cintura e me retirei dela. Ajudei-a a vestir a boxer, o vestido e a beijei enquanto o fazia.

— Como você pode ser uma mulher com tanto pudor e, ao mesmo tempo, safada? — decidi voltar a incitar sua irritação.

Ela hesitou, também pareceu confusa pela minha pergunta, mas a respondeu ao passo que também me ajudava a arrumar minhas roupas.

— Não acho que qualquer pessoa precise saber o que fazemos entre quatro paredes, tampouco ver como fazemos. Isso é muito constrangedor.

— Mas nós conversamos sobre sexo antes de realmente nos conhecer — lembrei-a. — Você nunca me pareceu puritana.

— E não sou, mas é completamente diferente. Estávamos conversando por mensagens... E só começamos com aquilo porque eu estava bêbada. Depois as conversas se tornaram instigantes demais para eu querer dar um fim a elas. Não acho que, por causa disso, eu deveria me sentir confortável quando alguém me vê nesta situação.

— Entendi — emiti ao beijar-lhe os lábios de novo. — Mais tarde eu vou à sua casa.

— Tudo bem.

Me afastei dela, para deixá-la amarrar os cabelos, peguei suas muletas e as entreguei a ela, depois me voltei para a bagunça da minha mesa.

Caralho, ainda tinha uma pilha de relatórios para ler.

— Você está odiando isso, não está? — ouvi Dolores inquirir, referindo-se às empresas de Olavo.

— É claro que estou — admiti. — Aquela droga é um inferno.

Lola se aproximou da mesa e parou ao meu lado.

— Sabe que posso te ajudar — ela disse. — Mas você terá que aprender muitas coisas que nem mesmo eu sei.

Apenas naquele momento eu lembrei que Dolores é formada em Administração. Encostei-me à mesa e a encarei.

— Pensei em fazer um MBA — contei. — Posso demorar um pouco para aprender tudo o que preciso, mas isso me ajudará muito, na verdade é o que me impedirá de fazer alguma besteira.

— Mamãe insistiu que eu deveria fazer um MBA também e trabalhar com Marcos, seu namorado, que ela poderia pagar, mas eu não lhe dei uma resposta. Podemos fazer isso juntos — ofereceu.

— Estou começando a gostar desta ideia — admiti, fazendo-a revirar os olhos.

— Eu tenho que ir. Se tiver sorte, consigo tomar um banho antes do vovô me encontrar.

Aquilo me fez sorrir.

— Safada e cheia de pudor — murmurei, fazendo-a se voltar para mim.

— Isso não tem graça, Aaron!

— Ah, tem sim, principalmente quando você se irrita como agora.

Ela balançou a cabeça, pronta para retrucar, quando eu a trouxe para perto e, com os lábios irresistivelmente próximos aos seus, eu afirmei:

— Mas é minha safada.

— Vamos começar com isso de novo? — questionou séria. E eu, de imediato, percebi que se referia ao pronome possessivo imposto ali. Eu sabia que ela não possuía boas lembranças envolvendo-o, não depois de eu ter agido como um filho da puta, ignorado essa verdade e tê-la deixado ir embora.

— Não, desta vez não preciso ouvir você me dizer isso para ter certeza de que é a verdade.

— Como pode ter certeza então? — indagou.

— Eu apenas sei que é.

Por um motivo que eu desconhecia, seus olhos não desviaram dos meus e ela não tentou se afastar para ir embora. Acariciei seu rosto, os polegares deslizando devagar pelas maçãs dele enquanto eu, fascinado, me perdia nas esferas irresistíveis que seus olhos são, e em cada traço delicado e marcante de sua face.

— E eu sou um filho da puta muito sortudo por isso — sussurrei. Toquei seus lábios com os meus com suavidade. Percorri suas costas com uma das mãos, a pousei sobre sua cintura e

a puxei até encostar seu corpo ao meu de novo. — Porque você me tem completamente e também é completamente minha.

Lola não negou, não tentou se afastar ou acabar com aquele momento entre nós por estar em dúvida ou insegura de que eu estivesse falando a verdade, ela apenas aproximou seu rosto do meu e me beijou. E eu retribuí, já a conhecia bem o suficiente para entender quando usava atitudes pra falar o que não conseguia colocar em palavras. E aquele beijo disse muito mais que qualquer outra resposta.

Dezesseis

“Teus lábios são labirintos
Que atraem os meus instintos mais sacanas
E o teu olhar sempre distante sempre me engana”
Refrão de um Bolero – Engenheiros do Hawaii

Passei o resto da manhã e da tarde trabalhando e revisando os relatórios deixados por Lilian. Ao concluir a leitura de tudo, fiquei surpreso ao perceber que se passava de dezesseis horas da tarde, eu ainda não estava com dor de cabeça, mas desconfiava que isso se devia às doses de uísque que tomei entre um relatório e outro — também foram elas a me impedir de desistir de continuar com aquilo. E sim, era controverso; o que deveria me embriagar, era o que me mantinha sóbrio naquela situação.

Antes de deixar o escritório, guardei todos os papéis em suas devidas pastas e organizei a bagunça que havia em minha mesa. Mais cedo, depois que Dolores saiu, eu pedi que Marissa arrumasse uma mala pequena para minha viagem, já que sairei daqui a pouco, dormirei na

casa de Dolores e só voltarei na quinta-feira, após a viagem.

Quando decidimos alugar esta casa — após Natasha e mamãe aprovarem-na —, Nat deu a ideia de reservarmos um quarto apenas para mamãe, como um estúdio em que ela poderia pintar sempre que o quisesse. Ela ficou radiante com a ideia, então adequamos o maior quarto do primeiro andar — o que possuía a maior vista para a cidade ao longe — e, desde então, mamãe está usando-o para pintar. Agora em especial eu sabia que poderia encontrá-la lá, por isso segui diretamente para ele.

Abri a porta do seu estúdio devagar e sorri ao vê-la concentrada no que fazia. Encostei-me ao batente da porta e a observei em silêncio por alguns minutos. Mamãe estava tão diferente desde que começara as sessões com o terapeuta, tão mais tranquila e... *feliz*. Saulo, seu terapeuta, me disse que, para mamãe, ver a família unida agora ajudava mais que qualquer conversa com ele, que quando ela se via rodeada das pessoas que amava e queria o bem, não havia motivos para criar janelas, escapes para fugir da realidade em que vivia, não havia motivos para se permitir sofrer e se culpar tanto pelo passado. Vê-la tão bem, me fazia sentir bem também, até aliviado, porque em meio a bagunça que nossas vidas se encontravam, ao menos ela estava saudável e esta era a primeira vez que eu poderia realmente me sentir despreocupado sobre o estado dela, sobre seu bem-estar psicológico.

Durante o último mês ela demonstrou preocupação e infelicidade apenas sobre a distância que Rodrigo continuava impondo entre nós — principalmente entre eles dois — Sempre me fora claro que ela ainda se sentia culpada por tudo o que passamos com Olavo, por — na sua mente — não ter feito nada para mudar nossa situação, o que a machucava ainda mais quando era Rodrigo a lembrá-la disso. Ela queria tê-lo perto, queria que ele a perdoasse e queria que nosso relacionamento como família fosse melhor do que na verdade era, mas nenhum de nós (Rodrigo e eu) nos últimos dez anos nos importamos muito com o que ela queria que melhorasse na forma que nos tratávamos, estávamos ocupados demais culpando um ao outro por aquela distância. Agora eu me sentia no dever de contar a ela sobre a visita de Rodrigo na noite anterior, é claro que eu não contaria todos os detalhes, pois sabia que isso a afligiria, mas poderia deixá-la ciente do que, no momento, ela poderia saber. Eu queria

vê-la sorrir com o que eu tinha a dizer sobre Alícia, sobre a possível aproximação de Rodrigo, queria poder dizer que daria um jeito de ela conhecer sua neta, queria ajudá-la a se sentir melhor, talvez — sendo um pouco presunçoso — até mesmo feliz.

Mamãe mantinha pinceladas suaves na tela à sua frente e ainda não notara minha presença. A enorme janela que dava para o jardim da casa e, ao longe, os prédios da cidade, era o que detinha agora sua maior atenção, assim como sua obstinação em eternizar aquela paisagem naquela tela. Pintar sempre fez bem a ela, foi a única coisa que Olavo nunca a impediu de fazer e, eu tenho certeza, que em meio às humilhações diárias e noturnas a que ele a infligia quando éramos crianças, aquela atividade era a única em que ela podia sentir algum tipo de prazer, em que poderia ser ela mesma. Esta certeza era sempre confirmada quando eu a observava como agora.

Fechei a porta lentamente, para evitar qualquer ruído inoportuno, mas não foi suficiente, ela percebeu que alguém havia entrado em seu lugar preferido e se voltou para mim.

— Olá, querido. — Ela sorriu afetuosamente e deixou sua paleta de cores na mesa ao seu lado. Retribuí seu sorriso enquanto ela levantava da cadeira em que estava e seguia para a pia no canto da sala. Seus cabelos lisos e curtos estavam amarrados em um rabo de cavalo pequeno, o avental rosa que usava estava repleto de marcas de tinta, mas ela não parecia se importar, apenas o tirou e secou as mãos antes de vir até mim com um sorriso ainda maior, os olhos castanhos brilhando intensamente, em felicidade. Um conjunto perfeito que conseguiria me fazer sentir bem em todas as situações possíveis.

— Qual o motivo de tanta felicidade? — indaguei quando ela me abraçou com força. Apertei-a contra mim e inspirei seu cheiro, que possuía notas suaves e delicadas de gardênia. Seu perfume era o mesmo desde que me entendo por gente e eu não poderia associá-lo a outra coisa senão a ela, já que a define de todas as formas que poderia: na delicadeza, fragilidade e sensibilidade, principalmente.

— Percebi que você e Dolores estão juntos de novo — ela murmurou. — Ontem não

tivemos tempo de conversar a sós e durante esta semana, no hospital, ela também não saiu do seu lado, mas eu queria que soubesse que estou muito feliz por ver que, finalmente, vocês se deram uma nova chance. Vocês merecem isso.

Aquilo me fez sorrir.

— Sim, ela concordou em tentarmos novamente — admiti.

Ela se afastou um pouco e me fitou com atenção por quase um minuto. Juntei as sobrancelhas ao ver seus olhos apertados e, devagar, um sorriso estonteante suscitar em seus lábios e iluminar seu rosto ainda mais.

— Você está com os olhos brilhando, está até sorrindo de novo! — ela disse com uma animação que me deixou desconfortável. Mamãe entrelaçou sua mão a minha e me puxou para o divã próximo à enorme janela do estúdio, obrigando-me a sentar como se ainda fosse uma criança, mesmo que agora, um adulto, fosse mais de vinte centímetros mais alto que ela. — Vamos, fale comigo.

Um vinco ainda maior se formou em minha testa ao ver aquele sorriso de felicidade inabalável em seu rosto e a inquietação que ela exprimia.

— Mamãe... — proferi sentindo-me desconcertado com a forma que ela me fitava. Ela *realmente* esperava que eu dissesse algo sobre meu relacionamento com Dolores? Sobre meus sentimentos por ela? — Eu vim aqui porque... — ela me interrompeu.

— Não, por favor, eu só quero saber se estão mesmo bem, se depois de tudo o que aconteceu perceberam que estão apaixonados e, por isso, decidiram não ficar mais longe um do outro.

Meneei a cabeça e quase ri. *Mamãe estava passando tempo demais com Natasha*, pensei. *Também já acredita em coisas como essas.*

— Mamãe, eu não vim aqui para falar do meu relacionamento com Dolores — avisei-a. — Está sim, tudo bem entre nós. Acredito que nunca estivemos tão bem, então não se preocupe, só...

Parei de falar ao notar o sorriso que voltara aos seus lábios, logo ela estava rindo (ela realmente estava rindo) divertida com algo que se passava em sua mente.

— Querido, você é tão cego — ela emitiu enquanto tentava se conter e enxugar a lágrima de felicidade que deixou seus olhos. — Todos já perceberam que se amam, mas você ainda não enxergou isso, acho que não conseguiu nem mesmo admitir para si mesmo.

Arqueei uma sobrancelha, incrédulo. Minha mente se recusava a registrar aquela conversa de verdade: eu estava falando com minha mãe sobre sentimentos? Quando infernos eu decidi permitir que isso acontecesse?

Ela voltou a rir, provavelmente por perceber o que povoava minha mente e me abraçou.

— Vocês serão tão felizes juntos, querido. São tão parecidos e tão diferentes ao mesmo tempo. Se encaixarão perfeitamente, mas as diferenças entre vocês impedirão que caiam em monotonia e que o relacionamento esfrie.

Com aquilo eu precisei concordar; Dolores e eu, de maneira que não compreendo, em determinadas situações somos como uma mistura homogênea perfeita e, em outras, como uma solução química insuportavelmente supersaturada, tão instável quanto o temperamento dela. Contudo, apesar disso, nós sempre conseguíamos encontrar um equilíbrio. *Juntos.*

Aquele pensamento me fez sorrir. Mas logo meneei a cabeça, negando, e revirei os olhos. Eu estava sendo patético.

— Não seja tolo, querido — mamãe murmurou contra o meu peito, sem acabar com o abraço. — Lola está apaixonada por você e tenho certeza de que ela já percebeu isso. Deve

ser horrível acreditar ser a única a ter sentimentos em uma relação. Você precisa deixá-la saber como se sente sobre ela.

Aquelas palavras me deixaram estático.

— Mamãe... — tentei dizer, mas ela não deixou. Acabamos com o abraço e ela acariciou meu rosto ternamente, como fazia quando me aconselhava sobre algo. E mamãe estava sempre certa. *Sempre.*

— Apenas se pergunte se ela é alguém substituível em sua vida, se você poderia viver sem ela, e não estou falando de sobreviver, de passar pelos dias sem realmente se dar conta deles. Estou falando de viver, como agora, com esse sorriso espontâneo e constante, com essa felicidade indizível mesmo com todos esses problemas, que você, sendo você, nem sabe como exprimir direito. — Ela acenou, negando, e comprimiu os lábios quando novas lágrimas surgiram em seus olhos. — Nós dois sabemos que não, que você não poderia. Mas ela, que é quem mais interessa, sabe?

Limpei suas lágrimas devagar. Sendo de tristeza ou felicidade, eu nunca gostei de ver lágrimas deixando seus olhos. Elas não me trazem boas lembranças.

— Dolores já sabe que é indispensável em minha vida — contei, numa tentativa de acalmá-la. — Que sou completamente louco por ela, que eu nunca me permitiria desistir dela.

Expirei o ar dos pulmões e levantei. Eu nunca me sentiria confortável ao falar sobre isso, sobre sentimentos, mesmo que fosse com minha mãe. Isso era muito estranho. Passar vinte anos sem falar com uma pessoa sobre qualquer tipo de sentimento ou frustração e, de repente, ter que falar sobre isso; era insuportável.

É claro que eu possuía sentimentos por Dolores, porra, isso é óbvio. E eram sentimentos tão incontroláveis e arrebatadores, tão intensos e inexprimíveis. Nada do tipo que se diz, que

se explica ou denomina, só se sente. O que sinto por ela não segue as rédeas impostas pela minha razão.

Após alguns momentos fitando a chuva fina que banhava a cidade, enquanto pensamentos insólitos povoavam minha mente, eu decidi acabar com aquele silêncio e ir direto ao ponto, ao que me fez vir aqui.

— Vim falar de Rodrigo. Ele veio aqui ontem à noite.

Boquiaberta e com os olhos arregalados, ela levantou do divã.

— O que aconteceu?!

— Nós conversamos — contei. — Ele me contou tudo o que aconteceu durante esses dez anos que se passaram.

Quando percebi que seus olhos se enchiam de lágrimas de novo, eu voltei a me aproximar dela. Peguei suas mãos e as uni antes de trazê-las aos meus lábios e beijá-las. Elas estavam tremendo.

— Ele me contou algo que nos escondeu por oito anos também — murmurei fitando-a profundamente. Suas sobrancelhas se frisaram delicadamente, confusa, talvez até mesmo indecisa sobre o que pensar das minhas próximas palavras: — Rodrigo tem uma filha, mamãe.

Vi suas pupilas se dilatarem momentos após minhas palavras, suas lágrimas rolarem de forma contínua e ela levar uma das mãos ao peito. Seu corpo tremia contra o meu quando a abracei. Ela chorava e, eu sabia, por mais que tentasse dizer algo, não conseguiria até que se acalmasse de alguma forma. Acariciei seus cabelos devagar e ininterruptamente. Aos poucos, o choque que a entorpeceu daquela maneira, passou e sua respiração se abrandou.

— O nome dela é Alícia — contei e isto foi suficiente para fazê-la voltar a chorar, mas

agora ela já conseguia articular palavras.

— E-eu tenho uma ne-neta?

Acabei com o abraço apenas para enxugar suas lágrimas e beijar-lhe a testa.

— Sim. Rodrigo me deixará conhecê-la em alguns dias.

— Eu posso vê-la? Posso conhecer minha neta?

— Vou falar com Rodrigo sobre isso. Primeiro a senhora precisa saber de algumas coisas. — Desta vez, eu a levei para o divã. Sua atenção já estava completamente em mim e sua aflição me era mais que perceptível, ela já estava com medo do que eu diria. Respirei fundo antes de dizer:

— Alícia está passando por um tratamento. Há um tempo Rodrigo descobriu que ela tinha um tumor, conseguiram fazer a cirurgia para a retirada dele. Ele me disse que ela está fazendo esse tratamento, que voltou agora, então presumo que não conseguiram retirar todo o tumor.

— Como isso pode acontecer a uma criança? — ela sussurrou, a dor em seu semblante notável a qualquer pessoa. Naquele instante me odiei por ter iniciado aquela conversa. Não queria deixá-la assim.

— Mamãe, a pior parte já passou — Tentei consolá-la. — O tumor foi descoberto a tempo e foi retirado. O tratamento serve apenas para impedir que o que restou cresça. Rodrigo não mencionou nenhuma complicação, portanto ela está reagindo bem ao tratamento.

Ela fechou os olhos por um momento e inspirou.

— Tem certeza? — indagou. — Ela está bem? E Rodrigo? Ele está bem? Ele passou todo esse tempo sozinho?

Eu apenas assenti em resposta a todas as suas perguntas.

— Ah, meu Deus! Meu filho.

Senti meu peito se apertar ao vê-la daquela forma e a trouxe de novo para um abraço.

— Mamãe, não pense no passado. Alícia ficará bem e Rodrigo está por perto agora — murmurei. — Nenhum de nós o deixará sozinho, sobretudo agora que sabemos de tudo isso.

Ela se manteve calada, ainda desolada. Minutos se passaram, mas serviram para que ela se acalmasse. Voltei a afagar seus cabelos e beijei o topo de sua cabeça.

— Rodrigo a chama de Ali — confidenciei. — Ele parece ser louco por ela. Não duvido que seria capaz de tudo para mantê-la bem.

— Sempre achei que você teria filhos antes dele — ela murmurou. — Quem é a mãe dela?

— Fernanda.

Mamãe respirou fundo e retribuiu meu abraço.

— Por pior que aquela mulher seja, ele a ama — ela disse.

— Sim, eu sei. Odeio admitir, mas depois de tudo o que Rodrigo me contou, cheguei à conclusão de que Fernanda também faria tudo por Alícia.

— O que ele contou?

— Nada com que a senhora precise se preocupar — adverti, irredutível. — Eu decidi contar isso apenas para que saiba que já tem uma neta. Quero que fique feliz, mamãe.

— Eu estou, querido, mas agora também estou preocupada com minha neta, com meu filho.

— Tudo ficará bem em breve — eu disse a ela, quase como uma promessa.

Duas horas após a conversa que tive com mamãe, eu estacionava meu carro à frente da casa de Dolores. Liguei para ela há meia hora, para avisar que estava saindo de casa, mas demorei um pouco mais por ter feito o caminho mais longo até aqui. Queria ter certeza de que não estava sendo seguido.

Era exatamente seis e quinze, a noite já estava escura e a garoa fina que caiu desde cedo ainda perdurava.

Antes que eu deixasse o carro, meu celular vibrou com uma mensagem. Peguei-o do bolso e li a mensagem de Dolores:

"Vou abrir o portão da garagem."

Respondi rapidamente, concordando, e manobrei o carro enquanto a ouvia abrir o portão, logo já estava no pátio de sua casa.

Fechei a porta do carro e ativei o alarme antes de me aproximar de onde ela estava. Dolores vestia um vestido azul-claro com um casaco de tricô branco, os cabelos longos, lisos e tão negros como se ela possuísse algum descendente indígena, estavam presos em um rabo de cavalo. Como lhe era habitual, ela não usava maquiagem (não uma que eu pudesse

identificar, pelo menos), os lábios naturalmente rosados, cheios e bem delineados, que apenas me faziam querer beijá-la de novo e de novo, carregavam um sorriso descontraído.

— Boa noite — cumprimentei-a.

— Boa noite — ela murmurou quando nossos lábios já estavam a míseros centímetros de distância.

Eu sabia que um beijo não seria suficiente para mitigar minha vontade dela, mas não me importei com isso ao pressionar meus lábios aos seus, tampouco me impedi de envolver suas costas com um braço e puxá-la para mim quando ela correspondeu ao beijo com tanto ardor e desejo. Lola me puxou para mais perto de si, como se toda e qualquer distância entre nossos corpos fosse insuportável. Porra, era como se tivéssemos ficado semanas sem nos ver e não apenas umas malditas horas.

Me era inconcebível como um único beijo conseguia me deixar excitado daquela forma.

— Gabriel dormirá aqui hoje — ela avisou ao acabar com o beijo. — Não podemos ficar nos agarrando na frente dele, entendeu?

Cerrei meus olhos com força enquanto tentava regularizar minha respiração e encostei minha testa a sua.

— Hum-hum... — foi tudo o que consegui emitir em concordância.

Dolores sorriu e me beijou suavemente antes de se afastar.

Ela continuava a usar apenas uma muleta — para se apoiar no chão ao invés da perna engessada — e seguiu à minha frente para o interior de sua casa.

— Biel? — ela chamou o garoto, que estava sentado sobre o sofá assistindo algo na tevê.

Ele se voltou para nós e me encarou primeiramente com indiferença, depois somente com um pouco de receio — o que acreditei ser compreensível já que não nos conhecemos e sou bem maior que ele. Seus olhos verdes eram incríveis e expressivos. Ele vestia um moletom preto com o símbolo do Lanterna Verde. Um sorriso involuntário suscitou em meus lábios ao notar a semelhança entre eles, o super-herói e o garoto, os dois tinham a pele negra, olhos verdes e cabelos pretos cortados rente à cabeça.

Dolores se aproximou um pouco mais do sofá em que ele estava e a segui.

— Este é o Aaron — ela murmurou com um sorriso que só pude ver quando se voltou para mim. — Aaron, esse é o Gabriel.

— Olá, garoto — cumprimentei-o.

— Olá — foi tudo o que ele disse.

— Biel, o Aaron ficará conosco hoje, tudo bem? — Ele assentiu sem me fitar. — Vou terminar de colocar a mesa para o jantar. Vocês podem ficar aqui, quando eu terminar, os avisarei.

Ambos concordamos com acenos e ela saiu.

Gabriel voltou a prestar atenção à televisão tão logo Dolores voltou à cozinha, ignorando-me completamente.

Ótimo começo, pensei.

Sentei-me no sofá ao lado do seu e, como ele, me voltei para a televisão ali. Precisei de poucos segundos para perceber que ele assistia a um desenho animado dos heróis da *DC Comics* e um sorriso despontou em meus lábios quando concluí que possuíamos algo em comum.

— O John é seu personagem preferido? — perguntei a ele sem tirar minha atenção do filme, me referia ao Lanterna Verde.

— Sim — respondeu sucinto.

— Conhece o Falcão?

Quando percebi que com minha pergunta havia chamado sua atenção, decidi me voltar para ele.

— É claro! O papai me disse que o "facão" era o melhor.

Sorri e assenti, apesar do brilho de tristeza que perpassou seus olhos ao falar do pai.

— Ele foi o primeiro super-herói negro das histórias em quadrinhos — contei, deixando-o boquiaberto. — Na verdade, no início ele não era bem um super-herói.

— Sério?

Meneei a cabeça, afirmando.

— Sabe qual é o meu herói negro preferido? — indaguei. Ele apenas acenou, negando. — Blade.

A careta de nojo que ele fez ao ouvir aquilo me fez rir.

— Não gosto dos heróis da Marvel — ele disse.

— Por que não? — As palavras dele fizeram eu me empertigar. Ouvir aquilo de uma criança de quatro anos era quase uma ofensa. *Como ele não gosta dos heróis da Marvel?*

— Porque o papai não gostava.

Aquilo me deixou em silêncio. Por mais que eu ainda conhecesse muito daquele mundo e estivesse pronto para argumentar (sim, com uma criança de quatro anos), não havia argumentos para se usar nesta situação, quando o que eu diria contrariava o que seu pai contara a ele.

— De quais ele gostava?

Aquela nova pergunta pareceu animá-lo. Percebi que falar do pai, mesmo sem tê-lo ali, parecia fazê-lo sentir bem. Isso mantinha vivas em sua mente as lembranças dele, por mais doloroso que fosse saber que ele já não estava aqui.

— Super Choque, "Visquessem"... — Franzi o cenho ao ouvir o último nome dito por ele. Procurei em minha mente qualquer personagem cujo codinome fosse minimamente parecido com o que ele disse. Até que finalmente lembrei.

— Vixen, a raposa.

Ele não pareceu se importar com o que eu disse e continuou:

— E Raio Negro, e... — Ele fez uma pausa, como se estivesse ciente de que esqueceu de alguém, até que, juntos, nós falamos:

— E o Lanterna Verde!

— Apenas heróis negros? — perguntei, deixando-o pensativo. Ele não soube como responder.

— Leonardo e Eloísa acreditavam em representatividade — Dolores respondeu minha pergunta. Quando me voltei para ela próxima à porta da cozinha, percebi que sorria. — As crianças procuram se identificar com seus heróis, seus personagens preferidos. E, quando gostam mesmo, querem ser como eles. Ela me contou que Biel certa vez perguntou ao pai se existiam heróis como ele e por que os "melhores" eram diferentes dele.

— Mainha sabia tudo de heróis — ele murmurou melancólico.

— Tanto que agora está no céu, protegendo você — Lola disse a ele, fazendo-o sorrir um pouco.

— Mas eu preferia ela aqui. E o papai também.

Embora ele não chorasse, e já aparentasse estar resignado com o que aconteceu, aquela simples frase dita por ele fez um nó surgir e se apertar em minha garganta. Ele ainda era apenas uma criança, uma criança que merecia ter os pais por perto, principalmente por ser tão pequeno.

— Eu sei que sim, Biel. — Troquei um olhar com Dolores após as palavras dela e percebi que a confissão dele a abalou muito mais que a mim.

Após deixarmos em pausa o filme que Gabriel assistia, seguimos juntos para a cozinha. O jantar estava fadado a continuar em silêncio sepulcral quando o garoto perguntou a mim:

— Também é amigo da tia “Lolores”?

Troquei um olhar com Dolores enquanto ela colocava um pouco mais de suco natural para ele. Eu já havia terminado de comer, mas ela ainda dava a comida dele aos poucos.

— Sou o namorado dela — respondi, fazendo-o olhá-la imediatamente.

— Lolita não vai mais casar com o titio?

A pergunta dele me fez franzir o cenho e fitá-la.

— Biel, eu nunca disse que casaria com Arthur.

O garoto encolheu os ombros e o pouco de animação que havia voltado a ele, foi embora após a resposta de Dolores. Ele esmoreceu completamente.

Lola pousou o prato de comida sobre a mesa e puxou a cadeira dele para perto da sua.

— Onde estão minhas lanterninhas? — ela murmurou para ele num tom de voz suave, fazendo-o levantar o rosto e fitá-la, então continuou: — Eu não preciso estar casada com seu tio para cuidar de você.

— Mas não vou ficar com você todos os dias — ele replicou com os olhos cheios de lágrimas. — Vou ficar sozinho de novo...

— Não vai — ela garantiu ao pegá-lo e levá-lo para seu colo. — O que eu prometi para sua mãe?

Ele já chorava quando ela começou a limpar suas lágrimas delicadamente.

— Que vai cuidar de mim — ele sussurrou entre soluços dolorosos até para mim.

— O que eu prometi ao meu super-herói?

— Que não vai deixar ele nunca — ao dizer aquilo ele a abraçou, agarrando-se a Dolores com força, como naquele hospital há algumas semanas.

Ela fechou os olhos ao retribuir o abraço dele e uma lágrima fina rolou por seu rosto. Com a voz rouca, quase embargada, ela prosseguiu:

— E o que significa nunca?

— Nem no dia mais claro, nem na noite mais escura, nem se a luz do lanterna apagar — ele murmurou já mais calmo, como se aquela fosse uma oração que o acalmasse.

— Então eu vou cuidar de você — ela repetiu. — Não vou deixar você nunca.

Ainda incapacitado de dizer qualquer coisa e sem querer interromper aquele momento também, eu olhei para Dolores, não com desejo, mas com admiração, com respeito, com afeição, com... *amor.*

Era oito e quarenta da noite quando Dolores me disse que colocaria Gabriel para dormir. O filme que ele assistia já havia acabado e ela o lembrou que amanhã teria aula para ele — que não estava nem um pouco animado para ir. Ela me pediu que esperasse por ela aqui na sala e eu concordei. Depois do jantar o clima melhorou um pouco mais, Gabriel se animou enquanto terminava de assistir ao filme e contava a Dolores sobre os poderes de cada personagem, a atenção que ela dedicava a ele naquele momento não me passou despercebido, nem mesmo a ele que aproveitou cada segundo com sorrisos e risadas. Quando ele se perdia ao contar algo, eu o ajudava a concluir e ele fazia questão de tirar dúvidas também. Era óbvio que adorava falar daquele assunto, que se sentia muito melhor nesses momentos e até menos retraído, em comparação à como estava quando eu cheguei.

Agora minha mente estava tomada por pensamentos inerentes à conversa que tive com mamãe mais cedo, sobre demonstrar, talvez até contar à Lola como me sentia em relação a ela. E eu não estava indeciso sobre dizer isso a ela ou não, eu o faria, estava sem saber como exatamente fazê-lo, em que circunstância, com que palavras e, caralho, aquilo era difícil pra porra! Era estranho para mim. Eu nunca achei que um dia precisaria dizer a uma mulher que a amo, não digo isso nem para a mamãe para que ela saiba que é verdade. Eu não sou bom com palavras, me saio melhor com atitudes, com qualquer droga que não envolva palavras. Mas desta vez não, isso não funcionaria. Dolores é cética demais, se eu esperar que ela saiba

como me sinto sobre ela apenas porque demonstro isso, nunca acontecerá. Ela mesma já disse que não é boa lendo meus atos e atitudes. Eu não duvido nem mesmo que ela tente entender *porque* a amo se eu lhe disser isso.

Inferno de mulher complicada!

Era quase nove e meia da noite quando ela voltou à sala e sentou ao meu lado.

— Ele dormiu? — perguntei ao trazê-la para minhas pernas.

— Como uma pedra.

— O que houve? — perguntei quando percebi que havia algo errado.

— Nada, eu só... estou pensativa. Preocupada com Gabriel.

Não precisei de mais do que aquelas palavras para compreender do que ela falava.

— Ele é um garoto esperto — murmurei para ela. Coloquei atrás de sua orelha uma mecha de seu cabelo que havia se desprendido do rabo de cavalo. — E você está cuidando muito bem dele.

Dolores se encostou ao meu peito e eu a abracei devagar. Logo senti-me envolvido por seu perfume.

— Odeio vê-lo sofrer — admitiu. — Principalmente por causa dos pais.

— Você sabe exatamente como ele se sente — elucidei o que já povoava minha mente.

— Sim.

— Você foi fantástica, Lola — sussurrei em seu ouvido. — As promessas, o carinho para

com ele. Gabriel precisa disso. Você está fazendo o que pode.

— Acha mesmo que posso ser uma boa mãe? — ela perguntou alguns minutos depois, resgatando nossa conversa de mais cedo. Era óbvio que ainda se sentia em dúvida sobre isso.

— Tenho certeza — murmurei, completamente sincero.

O cômodo foi tomado por uma nova onda de silêncio reconfortante. Dolores me abraçou e, após eu beijar o topo de sua cabeça com carinho, nossas mentes se perderam em divagações.

Eu fechei os olhos e me concentrei nas batidas de seu coração, ele estava contra o meu, por isso eu sentia aquele pulsar contínuo vibrar em meu corpo tanto quanto eu sabia que o do meu coração vibrava no seu. Agora não havia preocupações, não havia traficante, não havia qualquer maldita empresa, somente ela. E eu me sentia satisfeito com isso.

— Quantos dias você passará fora de Porto Alegre?

— Apenas três. Quinta-feira de manhã eu já estarei de volta.

— Não terá que ir a Gramado também?

— Sim, mas voltarei no domingo. — Lembrei de ontem, quando ela ouviu Lilian me informando sobre isso. — Você prestou atenção ao que minha secretária dizia.

Ela suspirou.

— Há algum problema nisso?

— Acredito que não, ou há?

Ela decidiu ignorar minha pergunta, se afastou um pouco e disse:

— Antes de ir para sua casa, vovô me disse que você acha melhor que fiquemos todos juntos lá.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Pelo menos enquanto não conseguimos nos livrar daquele traficante. Não quero ter que me preocupar também se vocês estão bem e João também ficará preocupado com mamãe.

— Não acho que seja necessário. Nem que seja uma boa ideia.

— Por quê?

Uni as sobrancelhas, sem realmente entender o motivo.

— As chances de esse traficante vir atrás de um de nós são quase inexistentes, ele quer Rodrigo, não você. Só estava tentando te usar contra Rodrigo, pode continuar tentando, mas vovô e eu não temos nada a ver com isso. — O desentendimento em meu semblante se suavizou quando ela me beijou. — Gosto da minha privacidade. E você vai se arrepender disso antes do fim da primeira semana.

Por um motivo desconhecido, seu último argumento me fez sorrir.

— Por que está dizendo isso?

— Porque minha companhia constante é intragável. Vovô é um santo por me aturar.

— Acha mesmo que depois de tanto tempo eu ainda não percebi que você é insuportável?

Ela apertou os olhos para mim.

— Dolores, você é chata pra caralho.

— Você está falando sério, Aaron? — ela inquiriu dubiamente. Estava claro que não conseguia decifrar minha feição de falsa seriedade, realmente estava em dúvida sobre eu estar falando sério ou apenas tentando irritá-la.

— Estou. Você tem que admitir que só sendo louco por você pra te aguentar.

— Vai pro inferno — ela murmurou quando eu não consegui mais esconder que sua reação me divertia. — Você e essas suas provocações ridículas.

Sem conseguir acabar com o meu sorriso, eu a trouxe para perto e pousei minhas mãos em sua cintura. O vestido que ela usava era fino o suficiente para eu sentir com perfeição todas as suas curvas, e eu adorava fazê-lo com ela estando nua ou não. Aproveitei sua posição sobre mim para beijar-lhe o pescoço e usar a língua para demarcar trilhas ali enquanto minhas mãos percorriam seu torso até seus seios, que não resisti a apertar.

— Você continua a ser facilmente irritável — concluí contra seu ouvido. Sua pele se arrepiou e ela estremeceu suavemente quando comecei a beijar sua clavícula, depois seu ombro e então seu pescoço novamente, numa tortura lenta, instigante e deliciosa para nós dois.

— Você está jogando sujo — acusou, sua voz rouca, já excitada.

— Estou apenas começando — admiti.

Tirei o casaco que ela vestia e baixei uma das alças do vestido e do seu sutiã.

— Como está sua perna? — indaguei, em voz baixa enquanto a movia, para que ficasse de costas para mim. — Ainda dói muito?

— Não, já estou bem. Vou tirar o gesso quinta-feira... Por quê?

Sorri ao ouvir aquela pergunta e mordi seu ombro, mas não o suficiente para deixar

qualquer marca. Sua calcinha já deslizava por suas pernas e consegui rasgá-la facilmente.

Agarrei seu rabo de cavalo e o puxei o suficiente para seu ouvido ficar próximo à minha boca.

— Porque quero que você sente e rebole gostoso no meu pau.

Dolores ofegou após fechar os olhos, não sei se por minhas palavras ou por perceber que eu já abria a braguilha da calça.

— Acha que consegue fazer isso sem se machucar?

— Sim.

Separei as suas pernas tanto quanto ela conseguia naquela posição e, quando meu pau já estava finalmente livre, ela se esfregou em mim. Aquilo me fez sorrir por lembrar de algo*: não é que ela não goste das preliminares, ela só não tem muita paciência para elas, prefere ter logo o meu pau enterrado em si, já que sua sensibilidade também é responsável por deixá-la pronta em poucos minutos.*

— Aaron, não me provoque, eu quero você dentro de mim de novo — ela sussurrou.

Acariciei suas pernas lentamente enquanto erguia seu vestido, Dolores chegou a interromper a própria respiração quando minhas mãos chegaram ao centro de seu corpo e ela expirou em frustração por eu não a tocar onde realmente queria, ao invés disso, eu segui para o seu torso, depois seus seios maravilhosos e parei ali. Apertei-os novamente por sobre o sutiã que ela usava e abri o fecho da frente, para libertá-los.

— Nunca fizemos uma espanhola — lembrei-a enquanto massageava seus mamilos devagar.

— Meus seios são pequenos para isso, Aaron.

— Eles são perfeitos para isso, Lola. *Perfeitos* — eu disse a ela ao envolvê-los completamente com as mãos, para evidenciar o que dizia. — Fico louco só de imaginar minha porra nessas preciosidades.

— Depravado — ela sussurrou.

— Safada — devolvi.

Continuei a levantar seu vestido até que finalmente consegui livrá-la dele, assim como do sutiã.

— Quer mesmo me fazer implorar? — questionou enquanto eu deixava beijos delicados em sua omoplata. — Eu já estou nua... *E excitada!*

Eu sorri e levei minha mão ao interior de suas pernas, mas só a provoquei com uma massagem, deixando-a mais desejosa do meu toque em seu clitóris e sua boceta.

Levantei-a o suficiente para conseguir encaixar meu pau em sua entrada e depois me senti deslizar devagar para dentro dela.

— Nunca vou me acostumar com essa sensação — ela disse inerte em seu próprio prazer.

— Por quê? — perguntei contra o seu ouvido.

— Porque é sempre melhor.

— Sei exatamente como se sente. Quando estou aqui, dentro de você, sinto que encontrei meu lugar. E ter você piscando e apertando meu pau desse jeito é a porra da perfeição.

— Não sei como infernos você consegue me deixar ainda mais excitada quando fala assim.

Eu não respondi, apenas a movi sobre mim, num sobe e desce vagaroso, excitante e enlouquecedor.

Mordi sua orelha e beijei sua nuca, fazendo um arrepio percorrer seu corpo. Gemidos suaves, controlados, deixavam seus lábios entre a sua respiração entrecortada.

— Rebola pra mim, Lola — pedi e ela o fez, rebolou e sentou gostoso em mim, como eu queria, como a enlouquecia. Seu prazer era o meu prazer, e vice-versa. Voltei a segurar e massagear seus seios e me encostei ao sofá para assistir a minha mulher rebolando no meu pau.

Toquei sua bunda e, enquanto ela subia magistralmente, eu acariciei seu ânus. Ela gemeu ainda mais. Apesar de o sexo anal ser um pouco doloroso para Lola, ela gostava quando eu a acariciava com o dedo ali. Aquilo a excitava. Quando percebi que ela havia encontrado o ritmo certo para me fazer gozar, e que eu estava caindo muito rápido naquele êxtase, eu segurei sua cintura com força, obrigando-a a parar, e agarrei o punhado de seu cabelo que estava preso.

Deliciosamente ofegante, ela disse:

— Não ouse tirar o meu orgasmo.

— Não vou — prometi. — Só quero garantir que ele seja ainda mais intenso.

Dolores deixou seu peso pender sobre mim e suspirou. Seu corpo já estava suado e tinha o odor irresistível de sexo e rosas.

Não precisamos de mais do que alguns segundos para mudar aquela posição, logo ela estava sobre a mesa de centro, com as pernas abertas e apoiadas ao sofá enquanto eu tinha o privilégio de estar entre elas, ajoelhado à sua frente. Meu pau a invadiu rápido e com força, não encontrou nenhuma resistência, tamanha era a sua excitação. Ela levou as mãos à boca,

para abafar seu gemido e escondeu o rosto atrás delas quando comecei a me mover. Um grunhido de prazer me escapou quando ela me apertou e senti como se seu punho estivesse se fechando em volta do meu pau. Aquela era a melhor sensação do mundo.

— Olha pra mim, Lola — pedi, mas ela sequer pareceu ouvir. E era exatamente assim que eu a queria; submergida no prazer da forma que somente meu pau e eu poderíamos deixá-la.

Uni o que me restou de força para parar com o que fazia e trazê-la para mais perto.

— Não, Aaron, não faz... — Ela tentou pedir, mas eu a calei com um beijo antes mesmo que pudesse concluir, Dolores cedeu a ele imediatamente. Minha língua tomou a sua e reivindicou todo o prazer que apenas aquele contato conjunto poderia nos conceder. Mantive seu corpo colado ao meu quando voltei a arremeter para dentro dela, com estocadas profundas, como se a reivindicasse como minha também.

Com as respirações irregulares e extremamente ruidosas, acabamos com o beijo e Dolores envolveu minha nuca com um braço. Seus gemidos baixos e suaves me instigavam e enlouqueciam mais a cada segundo.

Lola cravou suas unhas em meus ombros e me puxou para beijá-la novamente com força, com desejo, com paixão. Sem acabar com aquele beijo, eu a tirei daquela maldita mesa e depois empurrei o móvel para perto do outro sofá. Coloquei-a sobre o chão e cobri seu corpo com o meu. Uma avidez por me ter também nu a invadiu e ela começou a arrancar minhas roupas com um ímpeto inexplicável. Levei meus lábios ao seu pescoço e a beijei ali no instante em que voltei a me mover para dentro e fora dela.

Gemidos, pedidos, palavras sem sentido, até a incoerência do que emitíamos me parecia excitante àquela altura. Quando Lola sussurrou o meu nome, se entregou à satisfação que nossos corpos nos proporcionavam e me apertou maravilhosamente enquanto atingia o ápice, eu não pude me conter. E, enquanto ela ainda estremecia por seu orgasmo, eu gozei e me derramei completamente nela, proferindo seu nome como uma prece.

Não faço ideia de quanto tempo se passou até que as nossas respirações se estabilizassem e algum pensamento coerente voltasse a atravessar minha mente. Inspirei seu cheiro e beijei seu pescoço de forma delicada quando ela me abraçou. Com cuidado, para não a machucar, eu me retirei dela e deitei ao seu lado.

O silêncio que nos envolveu era sutil e, por isso, confortável. Enquanto nós nos aconchegávamos, até as batidas compassadas de nossos corações pareciam em sintonia, talvez por isso nós dois aparentássemos estar perdidos na melodia que delas provinha. Quando meus pensamentos foram conduzidos de volta à conversa que tive com mamãe mais cedo e à decisão que decorreu dela, deixei um suspiro me escapar. Ainda era perturbadora a ideia de articular em palavras qualquer sentimento como os que eu tinha certeza de que nutria por Lola. Outra parte de mim também acreditava que aquilo era desnecessário porque quatro letras me soavam tão vagas e inconsistentes, tão incapazes de comportar tudo o que eu acreditava já ter demonstrado voluntária e involuntariamente com atitudes.

Inspirei o cheiro quase inexistente de rosas que ainda residia em Dolores e, em um gesto não calculado, eu deslizei meu polegar com suavidade sobre uma das maçãs proeminentes de seu rosto, a sombra do sorriso se acentuou em seus lábios quando ela voltou a me fitar e abandonou a avaliação minuciosa que parecia fazer em nossas mãos, que estavam entrelaçadas. Aquele sorriso não era satisfeito, ou *apenas* feliz, eu não saberia denominá-lo, mas foi abrupta a maneira com a qual ele e seus olhos reluzentes me desarmaram. O conflito interno que eu atravessava teve fim naquele instante. No intervalo de tempo quase imperceptível que seus olhos se fixaram nos meus e seu sorriso se ampliou, Lola conseguiu erradicar a incerteza e o peso desconcertante que minha falta de habilidade com as palavras exercia sobre mim até aquele momento.

Eu poderia não achar um “eu te amo” suficiente agora, mas aquela frase era a única capaz de fazer Lola entender como eu realmente me sentia sobre ela.

— Lola... — eu sussurrei para chamar sua atenção.

Pairei sobre ela mais uma vez, assim conseguia manter a proximidade entre nós e nossos olhares um no outro. Percebi que o desentendimento e a crescente curiosidade nela eram mais evidentes a cada segundo.

— Lola, eu... — titubeei. Parei e por um instante me perguntei porque infernos sempre foi tão difícil dizer aquela simples frase. Eu nunca vi muita necessidade de dizê-la, isso era certo, mas, enquanto estava imerso na expectativa nos olhos de Dolores, eu percebi que ao menos uma vez, mesmo me enredando nas palavras, eu gostaria de ver sua expressão ao me ouvir proferi-las para ela. Essa percepção me encorajou.

— Aaron...? — ela sussurrou, confusa.

Beijei-lhe os lábios com delicadeza e encostei minha testa a sua, permaneci encarando-a enquanto voltava a entrelaçar nossas mãos e devagar aumentava o aperto nelas. Quando Lola devolveu aquele aperto e me beijou uma vez, preocupada, um pouco da tensão em mim começou a se esvair.

— Você está me preocupando, não...

— Eu amo você — minha voz soou quase incompreensível. Emiti um “porra” em meio a um suspiro de cansaço e incredulidade. Lola me fitava estupefata, boquiaberta e eu sentia que seu coração, assim como o meu, estava prestes a sair pela boca. Tentei, mais uma vez, consertar o estrago e sem desviar meus olhos dos seus eu a beijei. — Não sou bom com isso, Lola. Eu só queria que soubesse que...

Me interrompi quando a vi cerrar os olhos, seu corpo permanecia imóvel.

— Lola... — murmurei, preocupado.

— Repete — ela pediu quando voltou a me encarar. As esferas amendoadas estavam ainda mais brilhantes e ternas ao me fitarem agora.

Hesitei, agora completamente ciente da sua atenção e expectativa.

— Eu amo você — me ouvi repetir desta vez com mais cautela e de maneira mais compreensível até mesmo para mim. — Sou louco por você. *Completamente* — ratifiquei.

Lola não disse nada, não se moveu, percebi que ainda tentava se convencer de que me ouvira dizer aquilo de verdade. Então ela piscou e expirou devagar antes de me puxar para beijá-la, agora com força e não apenas um roçar de lábios como antes. Daquela vez Dolores guiou o beijo e o fez com tanta voracidade e desejo que eu sucumbi à sua determinação de manter nossos lábios daquela forma e quando ela acabou com aquele contato, eu me vi ofegante, mas ainda procurando seus lábios inchados para continuar a beijá-la.

— Você lembrou? — perguntou arquejante e indecisa.

A pergunta me fez franzir o cenho e voltar a fitá-la, confuso. Perscrutei nela qualquer indicação sobre o que exatamente ela falava, mas não consegui identificar o que o brilho que irradiava de seus olhos indicava daquela vez.

— Do que está falando? — indaguei.

Um sorriso tímido, *aquele* estonteante, suscitou em seus lábios. Apesar do sorriso, eu percebi que estava nervosa, era óbvio que estava em dúvida sobre como dizer o que pretendia.

— Dolores — insisti porque agora estava realmente curioso.

Com sua atenção em meus lábios e em como eles reagiam a cada pequeno e delicado beijo que ela me dava, ela sussurrou:

— Da primeira vez que eu lhe disse o mesmo, há alguns dias.

Meneei a cabeça, o vinco em minha testa maior agora.

— Na noite antes de você lembrar de tudo... — ela começou a contar, mas se calou por alguns segundos, como se tomasse coragem para concluir o que pretendia. — Você me perguntou por que eu estava naquele hospital com você, por que não demonstrava que... — interrompeu.

Dolores acariciou meu rosto com o polegar e o beijou devagar até chegar à minha orelha.

— Eu não esperava aquela pergunta — admitiu. — Mas sabia que você não lembrava de nada do que tinha acontecido entre nós, sabia que estava confuso e que eu nunca conseguiria explicar com clareza e perfeição.

Aquilo me fez sorrir como um idiota, mas não me importei.

— Só a gente entende — concordei.

— Então eu disse que amava você — confessou ainda em meu ouvido. — Que estava lá por isso, que me preocupava por isso, porque não... Não aguentaria perder você também.

Por um instante ou dois eu não tive qualquer reação, esse foi o mesmo espaço de tempo em que suas palavras reverberam por minha mente e a compreensão sobre o significado de cada uma delas me alcançou. A simples ideia de que aqueles enunciados, ao serem ditos por Dolores, poderiam me afetar tanto, nunca sequer havia passado por minha cabeça, mas eles afetaram, e conseguiram mais do que colocar um sorriso, que eu tinha certeza ser bem idiota, nos meus lábios. A sensação por si só era inenarrável.

Eu voltei a fitá-la de novo. Aparentemente nervosa, Lola esperava ansiosa por uma resposta da minha parte. Mas, o que eu poderia dizer? Sobretudo quando ela, sem qualquer intenção, conseguia me tirar a capacidade de articular algo plausível?

Dolores dividia a atenção entre meus olhos e o sorriso que eu não conseguia suprimir, talvez tentasse entender o que eles representavam e, aos poucos, assim que compreendeu, um

pouco da tensão e desconforto estampados em sua feição se dissipou. Eu a beijei uma vez, lenta e apaixonadamente, ela retribuiu da mesma forma e sua apreensão perdeu mais espaço a cada movimento hábil de nossas línguas.

Quando acabamos com o beijo, seus dedos já estavam embrenhados em meus cabelos e eu já voltara a acariciar sua pele com devoção. Voltei a me deitar sobre o chão e colocá-la sobre mim, dobrei um braço e o coloquei sob minha nuca para conseguir encará-la melhor.

O momento taciturno era mais acolhedor e confortável para ambos que qualquer outra coisa, me permitiu pensar e logo uma percepção me assaltou e me trouxe um novo sorriso. Mesmo sabendo que poderia guardá-la para mim, me pareceu mais interessante a ideia de ratificá-la fitando a reação de Dolores ao ouvi-la.

— Por isso você me olhava daquele jeito? Como se procurasse algo em mim? Queria saber se eu lembrava que tinha me dito o que sentia e estava apenas ignorando suas palavras?

Ela cerrou os olhos, envergonhada, e suas bochechas ganharam um tom avermelhado. Eu acabaria me acostumando a vê-la vermelha daquela forma se ela continuasse assim, pensei.

— Mais ou menos.

— Só teve coragem de me dizer isso por saber que eu não lembrava de nada?

— Não comece, Aaron — ela advertiu, os olhos agora faiscando pela recém-adquirida irritação.

Meu sorriso aumentou quando notei isso.

— Eu estou tentando.

Balancei a cabeça em reprovação enquanto emitia um clique de negação e a trazia para mais perto.

— Eu esperava mais de você, Dolores — aticei.

Ela apertou os olhos, os revirou em seguida e me presenteou com um sorriso doce quando percebeu o que eu estava fazendo. Ambos sabíamos que, apesar de também ter o intuito de irritá-la, eu queria fazê-la se sentir confortável com aquelas palavras, com aquela situação, porque eu sabia que aquilo era novo para mim tanto quanto para ela e deixar as coisas entre nós estranhas por algo assim estava fora de cogitação.

— Não sei qual a maldita graça que você vê em me irritar — ela disse, sua boca contra a minha após um beijo casto.

Suas palavras conseguiram me fazer rir baixo antes de voltar a beijá-la.

— Você fica linda irritada — contei.

Dezessete

“Ela dormiu
No calor dos meus braços
E eu acordei sem saber
Se era um sonho”
A sua maneira – Capital Inicial

Meia hora para seis da manhã — constatei ao olhar para o despertador.

Cerrei os olhos por um momento e a respiração suave e constante de Dolores sobre mim, assim como seu toque delicado e ininterrupto na tatuagem que eu possuía na costela direita, conseguiu facilmente me fazer relaxar e esquecer que em poucas horas teria que viajar a trabalho.

Nós dois estávamos exaustos, mas sem qualquer pretensão de dormir agora que faltava tão pouco para levantar. Se fosse pensar de maneira otimista, poderia apostar que dormimos

mais de três horas durante a madrugada.

Voltei a abrir os olhos quando Dolores se moveu para me encarar. Ela estava com os cabelos um pouco revoltos pelo sexo de minutos atrás, mas apenas me parecia mais sexy assim, ainda mais com o sorriso fácil em seus lábios, ele não lhe era habitual — e o motivo de estar ali não era satisfação sexual, era felicidade. Era a primeira vez que eu a via sorrir desta forma. Primeira de muitas, eu esperava.

— Em que momento decidiu fazer essa tatuagem? — ela perguntou enquanto arrumava o lençol sobre seu corpo irresistivelmente nu. — E por que "sem arrependimentos"?

Estreitei os olhos, mas decidi responder. Já havia me acostumado àquela curiosidade.

— Já ouviu falar de Robbie Williams?

Ela franziu o cenho ao ouvir minha pergunta, mas acenou, concordando.

— Há uma música dele chamada "no regrets" — contei. — E em um trecho dela que gosto muito, ele diz "Sem arrependimentos/eles não funcionam/Sem arrependimentos agora/eles só magoam". Eu tinha dezenove anos quando a ouvi, em 1998. Foi a primeira tatuagem que fiz, no meu aniversário de vinte anos.

— Acredita mesmo nisso?

— Sim, se você aprende algo, não há por que se arrepender. Arrependimentos não funcionam como uma válvula de escape, não apagam nada, não mudam nada, eles só machucam.

Ela ficou em silêncio, parecia ponderar minhas palavras.

— E a sua? — perguntei me referindo à tatuagem em seu seio.

Ela me deu um sorriso amarelo e inspirou profundamente.

— Eu mostrei as músicas para você, da banda que tem esse símbolo. — Ela fez uma pausa. — Fiz a tatuagem há pouco mais de dois anos, antes do André ir para Portugal.

Ergui as sobrancelhas involuntariamente, confuso.

— O que André tem a ver com sua tatuagem?

Dolores mordeu o lábio inferior e expirou devagar antes de contar:

— Fizemos a mesma tatuagem, no mesmo dia, após um show da banda. Não como uma lembrança do nosso relacionamento, embora ela sempre me lembrasse o que tivemos. Acho que queríamos ter algo que sempre nos lembrasse daquela época.

Apesar de conhecê-la, eu não esperava aquele golpe de sinceridade.

Tentei digerir aquela informação o mais rápido possível, principalmente após perceber que Dolores não estava confortável em dizer aquilo tanto quanto eu não fiquei ao escutar.

— Quer dizer que eu tenho um fetiche pela tatuagem que te lembra do seu ex?

Ela revirou os olhos.

— Realmente tem ciúmes do André? — inquiriu.

Foi minha vez de revirar os olhos e bufar.

— Dolores, eu tenho medo de perder você de muitas maneiras, exceto para André ou qualquer outro homem, sobretudo agora. Você me disse que ele está no passado, o que teve com ele também está. — Fiz uma pausa apenas para me certificar de continuar a manter meu tom neutro: — Mas acha mesmo que tenho que ser displicente ao fato de que você tem algo

que lembra o seu ex e que ficará em você para sempre?

— Não tenho mais motivos para lembrar do que havia entre André e eu, tampouco recordar de algo que houve entre nós dois e que agora não faz a mínima diferença. A tatuagem foi feita naquela época porque a banda era importante para mim, eu a vejo como uma lembrança de algo que marcou aquela etapa da minha vida e, mesmo que André fizesse parte dessa etapa, agora ela já teve fim e eu não quero que volte.

Lola se moveu sobre a cama e se apoiou nos cotovelos para me fitar melhor.

— Se ela um dia me lembrou de André, foi porque o que tínhamos não tivera um ponto final, foi porque ainda estava inacabado e eu sabia disso, mas agora não. Agora isso está muito claro entre nós.

Ela suspirou, cansada, quando percebeu que eu me manteria inexpressivo.

— Estamos mesmo discutindo por isso?

— Não, nós estamos apenas conversando — elucidei.

Segundos incômodos de silêncio pairaram sobre nós, mas serviram apenas para nos fazer refletir sobre a situação, pelo menos no meu caso sim. Cheguei à conclusão de que o que me irritava agora era o fato de André estar, de uma forma e de outra, em Dolores — como uma espécie de cicatriz que ficaria marcada nela para sempre, tanto interna quanto externamente. Uma cicatriz que, como ela mesma disse, sempre a lembrará do que eles tiveram. Não era ciúmes, era algo mais voltado ao egoísmo, talvez até mesmo possessivo. A tatuagem lembrava-me de que Lola amara outro antes de mim. E uma parte irracional e patética em mim não gostava disso.

Ok, talvez eu estivesse com ciúme sim.

Dolores se aproximou para me beijar.

— Nós dois precisamos parar de ficar trazendo lembranças e relacionamentos passados para o que temos agora. — Ela fez uma pausa ao encostar sua testa a minha. Sua hesitação para prosseguir com o que diria me fez envolver sua cintura com um braço e acariciá-la. — André não foi metade do que você é para mim, Aaron.

Fechei os olhos ao ouvir suas palavras, respirei fundo e me forcei a parar de agir como um adolescente ciumento e estúpido.

Rocei meus lábios aos seus e a beijei. Aquele contato simples, mas íntimo, somente ratificou a verdade em suas palavras e tornou frívola qualquer lembrança relativa ao que sua tatuagem um dia significou.

Era exatamente sete da manhã quando, após o café, Dolores terminou de arrumar Gabriel para ir à escola. O garoto parecia um pequeno grande homem vestido naquele uniforme escolar e sua expressão séria — ainda por não querer ir à escola — me fez sorrir. Aquele gênio dele me lembrava apenas de Rodrigo em sua idade.

— Já podemos ir? — perguntei aos dois ao me levantar do sofá.

— Só vou terminar de arrumar o lanche dele — Lola avisou enquanto seguia para a cozinha.

— O super-herói da casa está com medo do primeiro dia de aula? — eu murmurei para ele quando me inclinei para pegar as chaves do carro na mesa atrás do sofá.

— Eu não estou com medo. Não tenho medo de nada — afirmou, com toda a convicção que um garoto de quatro anos poderia ter. — Não preciso ir à escola.

— E por que não?

— Porque super-heróis não precisam estudar. — Ele deu de ombros e andou até o sofá.

— Como vai aprender a ser um herói sem estudar, Gabriel?

Aquilo o deixou em silêncio por, pelo menos, cinco segundos.

— Heróis só precisam derrotar os vilões. Você não aprendeu isso nos filmes?

Acenei, negando, e tentei esconder um sorriso.

— Você ainda é uma criança, Gabriel — falei para ele. — Crianças têm que fazer coisas de crianças: estudar, conhecer outras crianças e brincar estão no pacote, sinto muito.

Ele cruzou os braços e fechou a expressão, numa postura intransigente demais para alguém de seu tamanho.

— Aproveite enquanto tudo o que precisa aprender é o alfabeto, garoto — eu disse a ele. — A coisa fica feia quando as letras também começam a aparecer em matemática.

Ele franziu o cenho, sem entender e me fitou desconfiado.

— Você ia pra escola? E gostava de lá? — ele questionou apertando os olhos.

— Na verdade sim. Eu sempre gostei de aprender coisas novas, você não?

Ele meneou a cabeça, negando, eu sorri novamente.

— Você fala como meu irmão quando tinha sua idade — contei.

Dolores voltou à sala e pegou a mochila de Gabriel para verificar (pela terceira vez) se não havia esquecido nada. Ela realmente estava nervosa com o primeiro dia de aula do menino, quase como se não quisesse deixá-lo sob os cuidados de outras pessoas ou... — interrompi minha linha de raciocínio e franzi o cenho quando a ideia que povoava minha mente se mostrou mais provável — ela estivesse vendo-o como um filho agora. Seu excesso de preocupação era quase maternal.

Isso me inquietou.

O prédio de dois andares da escola particular em que Gabriel estudaria ficava a exatamente quinze minutos de carro da casa de Dolores. Quando nós três descemos do carro, ela entrelaçou sua mão a minha com força suficiente para me fazer fitá-la.

— O que foi? — murmurei para ela, preocupado.

— Talvez não seja hora de deixá-lo sozinho ainda — ela disse. — E se ele se machucar e eu não estiver aí? Ou se sentir sozinho? Ou...

Eu a interrompi para tentar tranquilizá-la.

— Ele vai ficar bem, Lola — sussurrei para ela, sem tirar meus olhos dos seus. — Gabriel está acostumado apenas com você aqui na cidade, mas não é a primeira vez que vem à escola, ele também já está adaptado com isso.

Ela se afastou um pouco para olhá-lo de pé ao nosso lado e perguntou:

— Está pronto para isso, Biel?

Ele concordou com um aceno simples de cabeça. Dolores hesitou, ainda em dúvida e, após trocar um olhar comigo, disse:

— Tudo bem, eu vou falar com sua professora — avisou. Antes de seguir para a fileira de mulheres que recebiam os pais e alunos na entrada do colégio, ela beijou uma das bochechas de Gabriel.

— A Lola está realmente preocupada. Tem certeza de que está tudo bem pra você? — indaguei.

— Sim. Mainha disse que não preciso ter medo.

Aquilo me fez sorrir.

— Quando ela disse isso?

— Ontem, no meu sonho. Ela sempre fala comigo lá.

— E o que mais ela disse?

— Que não gosta de me ver chorar... Nem o papai gosta. — Ele parou por um momento, como se sentisse culpado por isso. — Eu prometi que não choraria mais. Não quero ver ela triste.

Ao ouvir aquilo, eu me abaixei o suficiente para olhá-lo nos olhos sem ele precisar erguer o rosto.

— Aposto que ela está orgulhosa de você — murmurei. — Você é um garoto forte, Gabriel.

Um sorriso tímido surgiu em seus lábios quando ele começou a balançar sua lancheira de um lado a outro.

— Olha, a escola não é tão ruim quanto parece. Tenho certeza de que vai achar alguns coleguinhas por aqui. Você pode ao menos tentar se adaptar, não acha? Estudar não é tão

ruim quanto parece.

— Mas vou perder meus desenhos, todos eles!

Apertei os olhos para ele quando finalmente entendi sua maior preocupação de mais cedo. Ele só não quer perder os desenhos animados que assiste.

— O que acha de um trato?

Gabriel parou de se mover e cruzou os braços, seu olhar sobre mim era desconfiado — como sempre.

— Eu cuido para que você consiga assistir seus desenhos à tarde, quais você quiser, mas não por toda a tarde, se der uma chance à professora e aos seus colegas. O que acha?

Agora minha expressão estava tão séria quanto a sua, quase como se estivéssemos discutindo um contrato que mudaria nossas vidas.

Estendi minha mão e aguardei que ele a apertasse e concordasse, mas ele só o fez após uma longa pausa.

Gabriel contou os dedos das duas mãos, depois as levantou para me indicá-los antes de dizer:

— Dez desenhos por dia.

Sorri e baixei uma das mãos pequeninas.

— Cinco e não se fala mais nisso — repliquei. — É pegar ou largar. Já sabe que terá que vir todos os dias.

— "Tááá" — concordou prolongando de maneira desanimada a sílaba.

Após cinco minutos de despedidas (em que Dolores fez Gabriel prometer que pediria que a professora ligasse caso ele se sentisse mal ou se quisesse conversar com ela), acenamos para Gabriel, que dirigiu-se ao portão da escola com a professora.

— Você contou a ela sobre o que aconteceu? — perguntei à Dolores ao envolver seu ombro com um braço e trazê-la para perto. — Sobre o acidente e a mudança?

— Sim, mesmo que Gabriel esteja bem melhor do que esteve nas últimas semanas, acho que isso a ajudará a lidar com ele. — Ela entrelaçou sua mão a minha e respirou fundo. — Pensei que ele preferiria ficar comigo.

Começamos a andar devagar de volta para o carro.

— Você acha que ele está mais frágil do que ele realmente está.

— Você acha que eu estou exagerando, não é? Isso é porque você não viu como a Eloísa tratava ele.

Aquilo me fez sorrir.

— Você teve uma boa professora então — enunciei. — Ele disse que ela fala com ele todos os dias, nos sonhos. Acho que isso o ajuda muito.

— Ele me contou isso na primeira vez que aconteceu — ela murmurou, pensativa. — Os dois eram muito apegados e os primeiros dias sem ela foram realmente horríveis. Ele melhorou bastante quando ela começou a visitá-lo nos sonhos.

Percebi o indício de tristeza em seu tom, mas não disse nada, apenas abri a porta do carro para que ela entrasse e a ajudei com a muleta. Meu celular tocou antes que eu chegasse ao lado do motorista e o atendi rapidamente quando percebi que era Rodrigo.

— Rodrigo?

— Aaron, eu preciso que você tire a Alícia do hospital. Aqueles filhos da puta estão atrás de mim.

Meu coração parou quando consegui registrar aquelas palavras.

— Onde você está? — indaguei ao olhar involuntariamente a rua calma em que eu estava.

— Eu estava indo para o hospital em que Ali está. Estou sendo seguido.

Respirei fundo e obriguei a mim mesmo a permanecer calmo.

— Tem certeza? — perguntei retoricamente. Abri a porta do lado do motorista e pedi rapidamente que Dolores pegasse uma caneta e qualquer pedaço de papel no porta-luvas. — Qual a placa do carro?

— Não chame a polícia. Quando aquela vadia me mandou para a cadeia, Carlão quase conseguiu me tirar de lá.

— Só me diz qual a porra da placa, Rodrigo — mandei. Meu controle já começava a ruir.

Ele finalmente me passou as informações que, sem entender, Dolores anotou.

— Alice Norat, esse é o nome com o qual Alícia está registrada no hospital. Procure o doutor Assis, no Hospital Santa Rita.

— Rodrigo... — tentei, mas ele me interrompeu.

— Não entregue minha filha para aquele filho da puta. Nunca, entendeu?

— Vou cuidar dela, não se preocupe. Mas, me diz, onde infernos você está?!

— Na Avenida Protásio Alves, perto do Hotel Sesc Campestre.

Concordei silenciosamente enquanto entrava no carro e procurava em minha mente a melhor rota para chegar lá o mais rápido possível.

— Estou indo para aí — avisei após colocar o telefone no viva voz, dei partida no carro e arranquei para fora dali.

Percebi o olhar de Dolores sobre mim, mas naquele momento eu preferia manter meu foco no que faria para ajudar Rodrigo e não em explicar o que exatamente estava acontecendo, já que eu sabia tão pouco.

Ouvi sons do outro lado da linha: buzinas de carros, xingamentos e um motor sendo acelerado mais e mais.

— Não consegue ver o rosto deles? — indaguei.

— *Estão se aproximando, mas ainda não estão perto o suficiente para eu ver rostos.*

Fiz uma curva fechada na Avenida Antônio de Carvalho e isto foi suficiente para fazer Dolores quebrar o silêncio.

— Estão atrás dele?! — inquiriu.

Eu me limitei a concordar com um aceno de cabeça, então, após trocarmos um olhar, nossas atenções retornaram ao telefone novamente. Meus pensamentos tomaram um rumo completamente diferente quando ouvi uma voz conhecida dizer:

— *Pare no acostamento.*

Houve alguns ruídos e, por fim, o som que anunciava o fim da chamada. Incapaz de ter qualquer outra reação, eu olhei para o telefone perto do para-brisa e soquei o volante do carro uma vez.

— Porra! — xinguei enfurecido. Minha respiração estava ofegante, mesmo sem ter feito qualquer maldito esforço e, por um milésimo de segundo, eu só quis esganar Robson. Aquele filho da puta bastardo.

Ao parar em um sinal vermelho, eu cerrei os olhos e me obriguei a me acalmar. Eu precisava tomar uma atitude e ela não incluiria chamar a porra da polícia, já que aparentemente um policial está ameaçando meu irmão agora.

— Robson? — Lola indagou, incrédula, aturdida.

— Sim — anuí, mesmo sabendo que aquela era uma pergunta retórica.

Ela pegou meu celular e discou um número em silêncio. Ao contrário de mim, que estava furioso, ela estava mais surpresa e irrequieta em seu banco.

— Ele não me atende — ela disse.

— Me dê o telefone — pedi a ela que o fez após expirar fortemente.

Disquei o número de João e voltei a dirigir enquanto ouvia chamar. Minha mente era inundada por lembranças da conversa que tive com ele ontem e percebia minha respiração mais pesada e, a cada novo pensamento, uma certeza se tornava mais crível.

— *Ricardo?* — ele atendeu.

— Por que Robson está atrás de Rodrigo? — perguntei no tom mais contido que pude no momento.

Ele demorou para responder, pareceu perplexo demais para proferir qualquer réplica tão rápido. Aquilo apenas me confirmou que ele sabia exatamente o que estava acontecendo.

— *Ele quer propor um trato.*

— Trato?! — ecoei. — Que porra de trato, João?! O que nós combinamos ontem? Por que infernos tomou essa droga de decisão sem me avisar?

Ele não respondeu e isso me fez expirar com força em busca de qualquer resquício de autocontrole que poderia haver escondido em mim, mesmo que acreditasse já não possuir qualquer parte ínfima.

— Para onde ele levará Rodrigo?!

Freei bruscamente em um novo sinal vermelho e apertei os olhos enquanto aguardava as pessoas apressadas atravessarem e João me ceder qualquer maldita resposta aceitável.

— *Você pode ao menos esperar que Robson e eu tenhamos esta conversa com aquele filho da puta? Vamos explicar tudo depois.*

— Não, eu não posso. Se não me disser para onde aquele bastardo está levando meu irmão, eu vou descobrir. E eu estou me fodendo para o fato de ele ser a porra de um policial.

— *Ricardo...* — Ele tentou novamente, mas minha paciência se esgotou e me tornei incapaz até mesmo de me permitir ouvir qualquer maldita desculpa. Encerrei a chamada e joguei o celular no local em que estava anteriormente. Já estava na rua da casa de Dolores quando ele voltou a tocar, ela o atendeu.

Minha cabeça fervilhava e eu sequer me dava ao trabalho de tentar fazer o que João pedira, e esperar. Eu só conseguia pensar que ele não podia ter feito isso, ainda mais sabendo como Rodrigo poderia reagir. Ele confiou em mim, mesmo ainda reticente, ele me contou tudo, me disse até mesmo onde Alícia está e, se Robson não for confiável, por eu ter tido a maldita ideia de confiar em João, acabei entregando Rodrigo de bandeja para aquele bastardo.

Porra!

Respirei fundo uma vez e olhei para Dolores, que me encarava preocupada. Neste momento eu percebi que ela havia entendido o que se passava por minha mente e, mesmo contrariada, temia que eu estivesse certo.

Eu tinha o número da placa do carro, lembrei-me ao estacionar o carro à frente da casa dela. *Posso localizá-lo e encontrá-los*, pensei.

— Eles estão indo para a academia do Robson — ela disse após desligar o telefone e estendê-lo para mim. — Vovô também estará lá.

— Quero que fique — avisei-a.

Lola me fitou estupefata.

— Também quero entender o que está acontecendo. E não vou deixar você ir até lá sozinho, ainda mais desse jeito.

Fechei os olhos por um segundo e expirei brevemente. Não discutiria por isso, concluí. Não hoje. Não agora.

Voltei a ligar o carro e, em completo silêncio, seguimos para a academia para onde Robson levou Dolores há dois meses.

O lugar continuava com a mesma aparência detestável da última vez em que estive aqui. Localizado em Rubem Berta, em uma rua aparentemente calma, próxima a uma avenida movimentada daquele bairro, a academia continuava com a placa de “FECHADO PARA

REFORMA", embora não houvesse nenhum tipo de obra em seu interior, ao menos não há alguns meses quando vim aqui a primeira vez.

Estacionei em uma das vagas à frente do prédio.

— Aaron — Dolores murmurou, bestificada, quando peguei minha arma no porta-luvas. — Vovô não vai deixar que Robson faça nada contra Rodrigo.

— João tem tanto controle nesta situação quanto eu. — Foi o que eu disse a ela antes de deixar o carro. — Não vai mesmo ficar aqui?

— Você está armado. Eu seria louca se ficasse aqui.

Segui para a sua porta e a abri para Lola, que com cuidado saiu apoiando-se à muleta. Fomos juntos até o portão que ela me indicou.

O espaço amplo e repleto de aparelhos era bem conservado e de melhor aparência que a fachada da entrada da academia. Não prestei atenção em muitas coisas até encontrar João saindo de uma sala. Ele apenas trocou um olhar comigo e falou com Dolores antes que nós dois o seguíssemos.

Mesmo sem saber exatamente o motivo, meu coração acelerou no peito, preocupada, até que eu entrasse numa nova sala, esta de yoga, e encontrasse Rodrigo andando de um lado ao outro à frente de uma janela enorme, que contribuía imensamente para a iluminação daquele local. As paredes estavam pintadas de branco e verde-água.

— Rodrigo — chamei-o enquanto andava até ele. Vi Robson próximo a um móvel de madeira clara, que estava cheio de tapetes e toalhas bem dobrados.

— Aaron? — Ele aparentou surpresa ao me ver ali. — Achei que não soubesse de nada.

Ele trocou um olhar com Robson, que disse:

— E não era para saber.

Uni as sobrancelhas ao ouvir aquilo e voltei minha atenção ao outro homem ali.

— Acho que você tem algumas coisas para nos explicar — iniciei.

Ele expirou e trocou um olhar com João e outro mais demorado com Dolores, que se aproximava de mim.

Rodrigo estava bem e obviamente havia um motivo para nenhum deles me querer ali, essa questão em aberto ficou em minha mente.

— Ele sabia que era você atrás de Rodrigo — João explicou a Robson. — Tive que dizer para onde você estava trazendo-o.

— Ouvimos quando Robson mandou Rodrigo parar no acostamento — Lola esclareceu. — Aaron estava falando com o irmão quando aconteceu.

— O que você queria com meu irmão? — inquiri para Robson, detendo toda a minha atenção nele.

— Vim oferecer um trato a ele. — Foi sua resposta após cruzar os braços e se recostar ao móvel atrás de si. — Temos um problema em comum e podemos nos ajudar para acabar com ele. Estou atrás de informações que somente alguém que foi muito próximo de Carlão poderia me dar. — Ele olhou para Rodrigo por um momento, um sinal claro para me mostrar quem ali poderia lhe dar estas tais informações.

Apertei meus olhos em sua direção e esperei que ele prosseguisse:

— João entrou em contato comigo após Dolores ser baleada pelo seu irmãozinho ali. — Ele apontou para Rodrigo, fazendo-me lembrar disso e fitá-lo com os olhos apertados. — Eu estava no meio de um caso importante, mas decidi fazer o que João me pediu, investiguei

sobre Rodrigo. Descobri que ele também estava no meu caso, em muitos relatórios feitos nos últimos dois anos. — Ele fez uma pausa. — Carlão é o traficante chefe de uma favela do Rio de Janeiro, exporta drogas para dentro e fora do país, também temos alguns fatores que apontam para o tráfico de armas. A equipe em que eu trabalho está na cola dele há quase três anos. Há algum tempo, nós conseguimos prendê-lo, mas isso não adiantou muito. Ele se recusou a fazer a delação premiada, se recusou a ceder em qualquer acordo, já sabia que o tirariam de lá. A questão é que Carlão é um simples peão que trabalha para vários servidores de colarinho branco. Nosso maior interesse está em seus chefes.

Rodrigo foi até a parede mais próxima e também se encostou a ela, parecia cansado de ouvir aquilo. Robson deve ter lhe contado esta mesma história há poucos minutos. Éramos apenas Dolores e eu a prestar atenção ao que ele dizia. No meu caso, também a tentar encontrar qualquer lacuna ali.

— Então Rodrigo estava fugindo de Carlão, você é irmão gêmeo de Rodrigo. Era uma equação simples e lógica: era questão de tempo até Carlão chegar até você e eu já sabia que Dolores estava junto, que esse inferno respingaria nela também.

— Como soube que ele estava fugindo de Carlão? — indaguei ao interrompê-lo.

— Não foi difícil chegar a essa conclusão.

Rodrigo completou:

— Digamos que causei algum estrago para Carlão quando fugi. — Ele deu de ombros e sorriu debochado. — Não apenas tirei dinheiro dele, mas também fiz a polícia ir atrás dele. Entreguei sua localização aos brigadianos[4].

Meneei a cabeça e Robson prosseguiu:

— Na operação para prisão do traficante, prendemos alguns de seus homens, um deles

decidiu fazer a delação e nos contou o que havia acontecido antes da prisão dele, mencionou que um dos novos negociadores havia roubado Carlão e fugido. Infelizmente o capanga foi assassinado e não podemos usá-lo, tampouco as poucas informações que nos passou.

— Assassinado?! Você quer colocar meu irmão na reta no meio desse maldito inferno para prender alguns filhos da puta, mesmo ciente de que podem também matar Rodrigo?! — perguntei.

— Não vou depor contra Carlão. Robson garantiu que nem mesmo saberão que eu os ajudarei — Rodrigo respondeu.

— Quero apenas as informações e qualquer meio de chegar a alguma prova concreta. Não vou afundar vocês ainda mais nesse inferno, muito menos agora que sei que Dolores não vai sair disso.

— Continue — Lola pediu a ele.

— Eu tinha que dar um jeito de prender Carlão, mas não podia deixar que Lola continuasse nisso, seria muito perigoso. Eu tentei fazê-la acreditar que alguém a estava seguindo, mas infelizmente Lola não é do tipo que foge, sequer cogitou a hipótese de não ser Rodrigo. Então eu disse que Rodrigo havia matado um homem e que havia um traficante tentando matá-lo também, tentei fazê-la acreditar que era perigoso continuar com você. Também não adiantou. Então eu fui mais baixo. — Robson se calou por alguns momentos e fitou Lola longamente, como se soubesse o que a faria sentir com suas próximas palavras. — A vaga de emprego era a melhor forma de tirá-la daqui. Então convenci João a me ajudar a manter vocês dois longe um do outro. Fiz ele acreditar que isso a deixaria segura não só de Rodrigo, mas também do inferno que ele estava envolvido. Nós dois sabíamos que a distância entre vocês garantiria alguma segurança a ela.

Aquilo me surpreendeu, quando olhei para Lola percebi que estava boquiaberta, incapaz de emitir qualquer palavra. Juntos nos voltamos para João.

— Eu sinto muito. — Apesar de realmente demonstrar sentir-se culpado, aquela simples desculpa não me serviu de nada, nem mesmo para atenuar as consequências da sua atitude.

— Não o culpe — Robson disse, mas não me voltei para ele. Minha atenção se manteve em João. — Eu errei, João errou. Usamos o que aconteceu para mantê-la longe, mas não obrigamos você a fazer nada. Você sabe que ela teria ficado, mesmo ciente do perigo, se toda aquela merda não tivesse...

— Rob... — Lola o interrompeu. Ele a fitou por um instante e depois expirou com força.

— Enganei João para que ele te impedisse de ir atrás da Lola em Salvador. Fiz ele acreditar que, apesar da dor, ela estava com muita raiva e não queria nem mesmo ouvir falar de você. O que não era bem verdade.

— Como vocês... — Lola tentou dizer algo.

— Eu não deixaria você se machucar — ele disse, como se isso justificasse qualquer atitude. — Talvez tenha ido longe demais, mas você estava segura, então não...

— Não importava?! — Lola completou, com raiva. — Você nos manipulou, Rob! Estava comigo, viu como eu me senti, como fiquei depois de descobrir sobre o bebê e mesmo assim...

— Eu sinto muito, tá legal? Não esperava que você gostasse tanto desse cara, nem que estivesse grávida, não queria que sofresse, só queria que estivesse segura. Você é a única coisa que nos restou, Dolores! Não vê isso? Todos que amávamos se foram. Não deixaríamos que fosse a próxima. E você não se afastaria se soubesse o que estava acontecendo, não nos ouviria. Nós não perderíamos você porque se acha autossuficiente e capaz de se proteger sozinha, sabemos que não é, sabemos o que a porra de um traficante é capaz de fazer para se vingar!

Isso a calou.

Pela segunda vez desde que cheguei ali, eu não fui capaz de articular qualquer sentença. Robson retomou sua fala:

— Antes de ir pra Salvador, eu ainda estava em serviço, tinha que descobrir onde a família de Rodrigo estava e se tinham algum contato com ele. Não tínhamos provas concretas contra Rodrigo, mas tínhamos o suficiente para interrogá-lo. Antes de me demitir, apresentei as informações que João havia me dado sobre Rodrigo com uma única diferença: no meu relatório ele não havia voltado à vida de vocês há dois anos. Se Gomes desconfiasse que vocês mantinham contato, a polícia ficaria na sua cola. E sabemos que Carlão tem informantes na federal.

— E por que você faria isso se já sabia que Lola iria embora? — inquiri.

— Porque Carlão te encontraria mais rápido e Dolores teria voltado para cá, porque Mabel ficaria em perigo e João não me perdoaria se soubesse que eu poderia ter evitado isso. Ele ficou por Mabel, porque queria garantir que ela ficaria segura, era meu dever fazer o possível para que eles ficassem.

Sua resposta deixou todos nós em silêncio. Bastou que eu olhasse para Dolores para confirmar que ela também já não mantinha tantas dúvidas que tornassem as palavras de Robson dubitáveis.

— Eu percebi que Carlão havia te encontrado quando João me contou que vocês foram seguidos por homens que acreditaram que você era Rodrigo. Lola quis voltar para Porto Alegre quando soube que você estava machucado e eu não deixei. Ela estava segura e se dependesse de mim continuaria assim. Mas tudo mudou quando descobrimos que ela estava grávida — Robson prosseguiu. — E depois ela colocou na cabeça que faria aquela porra de viagem, sofreu aquele maldito acidente e tudo virou de ponta cabeça.

Entrelacei minha mão a de Dolores e ela apertou a minha com força. Aquele era um consolo silencioso ao que nos dilacerou há mais de três semanas.

Voltei a encarar Robson.

— No hospital João me convenceu de que não poderíamos mais mantê-la longe. E ele estava certo. Vocês não mereciam que continuássemos a fazer isso apenas porque a distância entre vocês tornaria mais fácil mantê-la bem, sobretudo depois da perda que tiveram. Mas as consequências vieram rápido demais e ela foi sequestrada com você e quase morreu naquela porra de galpão! E eu não estava lá, de novo! Eu não podia ficar apenas esperando que acontecesse mais uma vez.

— Robson começou a seguir Rodrigo após a visita que ele fez a Ricardo, no hospital — João contou. — Mas aí Carlão fugiu e Rob preferiu voltar para São Paulo e tentar ajudar a encontrá-lo.

— Fui atrás de Gomes e disse a ele que um informante havia me contado onde Rodrigo estava, ele não quis me deixar voltar para o caso, nem me readmitir, mas mudou de ideia quando a pressão de seus superiores aumentou. Prometi provas e ele me deu uma chance.

— Por isso decidiu oferecer um acordo a Rodrigo — Lola concluiu.

— Que trato exatamente você propôs? — indaguei.

— Ele me dará todas as informações a que teve acesso enquanto estava naquela favela e eu o livrarei de Carlão. Também não vou denunciá-lo pelo envolvimento com o traficante.

— Já não é seu trabalho prender aquele filho da puta? — retruquei.

— A agilidade com que isso será feito agora depende do seu irmão — devolveu. — Carlão fugiu e não o encontramos no morro que costumava ficar. Não sabemos onde mais pode estar, mas Rodrigo certamente tem uma ideia. E ele não pode confiar nos policiais

daqui...

Rodrigo o cortou:

— Não posso confiar em nenhum de vocês. Só aceitei porque aparentemente estou sem opção.

Havia algo mais ali, percebi.

Após uma pausa, João seguiu para o lado de Robson e disse:

— Teremos que manter todos juntos, inclusive Rodrigo. Hoje Robson conseguiria matá-lo se quisesse, então não podemos ignorar a possibilidade de Carlão encontrar ele e fazer isso. O lugar mais seguro agora é a mansão que Ricardo alugou, já que ela possui segurança suficiente. Rodrigo informará quem são alguns dos homens de Carlão nas delegacias daqui, Robson os investigará e ficaremos em paz por alguns dias.

— Apenas o suficiente para tirar Carlão de circulação — Rodrigo concluiu. — O que é bom que não demore muito.

— Realmente confiará nele? — perguntei a Rodrigo. — Por quê?

— Porque eu preciso. Não vou deixar Carlão me tirar mais nada.

Aquilo me fez desistir de qualquer outro argumento. Rodrigo ainda estava com raiva, apesar do deboche e sarcasmo que usava para mascarar isso, eu sabia que ainda havia dor ali também. E não seria eu a conseguir transpô-la.

Apesar de poucas, eu ainda possuía desconfianças em relação a toda essa história, contudo, a questão agora era que há um lado para Robson aqui. E não depende de mim ele continuar nisso ou não.

Rodrigo continuou inexpressivo enquanto me encarava. Olhei para a rua além de onde meu carro estava, Dolores já me esperava nele. Deixamos a academia juntos há menos de cinco minutos e ela decidiu seguir logo para o carro para que eu pudesse falar a sós com Rodrigo.

— Vai mesmo para a casa que aluguei?

Rodrigo meneou a cabeça, pelo que percebi aquela era mais uma parte naquele plano que não o agradava. Ao vê-lo desviar os olhos, ainda pensativo demais, eu disse:

— Contei a mamãe sobre Alícia. — Minha confissão o fez voltar a me fitar, os olhos agora semicerrados. Ele estava pronto para discutir por isso. — Ela merecia saber e nós dois estamos cientes disso. Naquela casa você terá sua família e Alícia também, querendo ou não isso a ajudará muito agora que Fernanda...

Ele me interrompeu:

— Não tive coragem de contar a ela. Isso vai acabar com a Ali e ela precisa estar forte durante essas últimas sessões de quimio.

Respirei fundo quando ele volveu sua atenção para um lugar qualquer na rua. Aquela impassibilidade, que só surgia quando ele não queria demonstrar qualquer fraqueza, estava ali novamente.

— Mamãe também não quer que vocês continuem sozinhos. Ela quer conhecer Alícia e quer te ajudar, Rodrigo. Dê ao menos uma chance ao relacionamento de vocês. Se não por

você, por sua filha. Ela vai precisar de outra pessoa, por que esse alguém não pode ser a própria avó?

Ele permaneceu em silêncio. Eu expirei lentamente e decidi mudar de assunto.

— Você ainda vai ao hospital hoje?

— Vou. Quero estar lá durante a sessão de quimioterapia.

— Quem é esse doutor Assis? — indaguei, referindo-me ao homem que ele me mandou procurar no hospital mais cedo, quando achou que estava sendo seguido por um dos capangas de Carlão.

— É o diretor do hospital. — Ele expirou fortemente e cruzou os braços. — Ele nos ajuda a manter Alícia lá, em segurança.

— Por que ele faz isso?

Minha pergunta o fez me encarar.

— Longa história.

— Ok. — Foi minha vez de soltar o ar dos pulmões. — Terei que sair da cidade por causa de umas coisas da empresa. Volto na quinta-feira de manhã. Você tem meu número de telefone, se precisar de algo ou decidir ir para a casa, é só me ligar. Pedirei que mamãe arrume um quarto para você e outro para Alícia.

— "Tá" bom.

— Cuide-se, Rodrigo — pedi a ele enquanto me afastava.

— Digo o mesmo a você, maninho.

Trocamos um último olhar antes que eu chegasse ao meu carro e entrasse nele.

Em completo silêncio, Dolores e eu seguimos para a sua casa. Ambos precisávamos digerir o que Robson e João nos contaram há pouco, mas ela também teve outra conversa com o avô, sem que eu ou Robson estivéssemos por perto, e agora eu percebia que repassava todas as informações em sua mente. Eu já sabia sobre o bom relacionamento de Dolores e João e essa era a primeira vez que eu a via decepcionada com algo que ele havia feito. Ainda que eu já não estivesse tão bravo quanto estava há menos de uma hora, eu também tinha dificuldades para acreditar que João concordou que nos manipulassem daquela forma.

Quando chegamos à sua rua, ela me entregou as chaves do portão da garagem e eu desci do carro para abri-lo.

— Que horas você precisará ir para o aeroporto? — questionou logo que entramos em sua casa. Ela abriu a janela da sala e um pouco da claridade diurna a iluminou.

Verifiquei meu relógio de pulso e constatei que ainda faltava pouco mais de três horas para o início do horário de embarque.

— Apenas daqui a duas horas e meia.

Acompanhei-a até a cozinha e a ajudei a tirar a mesa e colocar a louça suja na pia.

— O que ele disse? — perguntei.

Ela acenou com a cabeça, como se não quisesse pensar nisso agora, mas respondeu:

— Que só estava pensando no meu bem, que se arrependeu logo que me viu naquele hospital após o acidente. Pediu desculpas.

Lola se encostou à pia e voltou a me encarar, eu estava próximo à geladeira e também a fitei.

— Preferi evitar qualquer discussão com ele. Não quero que ele se exalte.

— Mas...? — encorajei-a.

— Mas não vou fingir que está tudo bem para mim. Nem ele nem Rob tinham o direito de brincar assim conosco.

Coloquei a manteiga e o queijo de volta na geladeira e me aproximei de onde Lola estava.

— Está com raiva? — tentei entendê-la.

— Não, eu nunca conseguiria sentir raiva de vovô. Eu só... Só preciso de um tempo para digerir tudo isso.

Concordei silenciosamente com o que ela disse e entrelacei minha mão a sua depois de me colocar ao seu lado. Ela retribuiu o aperto e um silêncio agradável nos envolveu.

— O que acha sobre o acordo entre Robson e Rodrigo? — indaguei quase um minuto depois.

— Eles estão nos escondendo algo. Vovô me disse que não contou a Rob sobre Alícia. Ele acha que esse é um assunto apenas seu e de Rodrigo, mas aquele idiota já está em perigo, mesmo que o acordo não envolva Alícia, não duvido que apostaria alto na ajuda de Rob para conseguir algo mais.

Ela conseguiu me fazer franzir o cenho ao dizer aquelas palavras. Eu já possuía minhas desconfianças em relação a isso, e ao ouvi-la colocar as coisas daquela forma, a desconfiança se transformou em certeza.

— O que acha que Rodrigo poderia impor além do sigilo sobre a própria identidade? — perguntou.

Lembrei do que ele me disse sobre não permitir que Carlão tirasse qualquer outra coisa dele e suspirei, cansado de tudo aquilo. Além da determinação usada por ele ao dizer aquilo, ainda havia raiva. A mesma que o invadiu após se dar conta de que fora Carlão a matar Fernanda.

— Acho que ele mesmo pode querer se livrar de Carlão — admiti.

— Louco do jeito que é, eu não duvido que ele tente fazer exatamente isso — ela disse.

Apesar da sua ironia, a verdade por trás de suas palavras me preocupou.

Eu a trouxe para mais perto e Dolores se acomodou a mim sem qualquer hesitação. Parecia mais confortável com esse tipo de contato entre nós. Ficamos alguns minutos somente daquela forma, sem dizer nada, apenas apreciando o conforto e calor do corpo do outro, até que ela perguntou:

— Você ainda está com raiva pelo que vovô contou hoje?

— Um pouco — reconheci. — Vejo minha culpa, entendo os motivos dele, mas não esperava que *ele* fizesse algo assim.

— Acha que as coisas teriam acontecido de maneira diferente se você tivesse ido atrás de mim em Salvador?

— Não. Acho que as coisas aconteceram exatamente como precisavam acontecer, mas isso não muda nada. Eu confiei nele, Lola. Sempre confiei. Nunca sequer passou pela minha cabeça que ele estava tentando me manter longe de você.

— Eu sei que não. Acho que é inevitável se sentir assim nesta situação. — Ela fez uma pausa antes de mudar de assunto. — E Rodrigo? Ele também irá para a sua casa?

— Eu não sei. Ele não está nem um pouco confortável com essa ideia. Acho que também

não sabe como contar a Alícia sobre nós. Nem mesmo sobre Fernanda.

— Ele estava falando a verdade sobre ter uma filha — murmurou, só parecia ter certeza disso agora.

— Sim, e espero que ele aceite ir para aquela casa. Assim ao menos mamãe terá a oportunidade de conviver um pouco mais com eles. E ficarei mais tranquilo sobre a segurança deles também.

— Você sempre foi assim? — questionou ao se afastar um pouco para que conseguisse me encarar. Frisei as sobrancelhas, sem entender do que falava e ela explicou: — Sempre se preocupou demais com quem estava ao seu redor?

— Não sei — respondi e pensei por um instante. — Desde que me lembro, sim. Por quê?

Ela meneou a cabeça, seus olhos fitando os meus intensamente. Um sorriso suscitou em seus lábios e iluminou ainda mais aquelas esferas castanhas.

— Admiro isso em você. A sua preocupação e obstinação em manter todos bem, independente da situação.

Aquelas palavras me surpreenderam, mas não tive tempo de lhe fazer nenhuma outra pergunta, Dolores me beijou suavemente e envolveu minha nuca com seus braços. Ela continuou a deixar beijos ternos em meus lábios até que eu acabasse com aquela provocação deliciosa e a beijasse de verdade. Pousei minhas mãos sobre sua cintura e colei nossos corpos o suficiente para sentir seu calor, sua pele macia e ardente em contato com a minha. Então ela acabou com o beijo para mordiscar meu lábio inferior e sussurrar contra minha boca:

— Esse é um dos motivos de eu amar você.

Dezoito

“Mesmo com tantos motivos
pra deixar tudo como está
Nem desistir, nem tentar,
agora tanto faz...
Estamos indo de volta pra casa”
Por Enquanto – Cassia Eller

Lilian e eu passamos dois dias fora do estado, primeiro fomos à Belo Horizonte, depois ao Rio de Janeiro verificar o andamento de dois prédios novos da construtora e participar das reuniões com os engenheiros e arquitetos responsáveis por eles — o que foi completamente frustrante, pois depois ela teve que me explicar mais da metade das reuniões e alguns dos termos usados por eles. E eu odiei me sentir inútil daquela forma.

Ontem à noite, após um jantar com os sócios da filial de geradores em Búzios, eu liguei novamente para Dolores. Nos falamos nas três noites em que passei fora e trocamos

mensagens durante os dias também. Ela, assim como Gabriel, já estava em minha casa. Segundo Lola as coisas estavam indo bem lá, o garoto apenas estranhou o lugar e as pessoas novas nos primeiros dois dias, contudo, Natasha o conquistou mostrando meus antigos HQ's, que ela havia me impedido de doar usando a desculpa de que os leria antes, e o animou dizendo que poderia ficar com eles quando aprendesse a ler. Mamãe também parecia feliz em ter uma criança em casa e, como toda avó que se preza — mesmo sendo postiça —, faz todos os gostos dele e está sempre preparando algum doce ou bolo para ele (preciso dizer que Lola está ficando louca agora que não consegue mais controlar a quantidade de açúcar ingerida por Gabriel?). Não posso negar que estou ansioso para ver todos juntos mais tarde — no café da manhã —, sobretudo agora que Rodrigo finalmente decidiu também ir para lá. Ele me disse isso ontem em um telefonema. Também afirmou que fará o possível para conseguir levar Alícia hoje. Mamãe já está de sobreaviso e, em conjunto com Natasha e Dolores, está organizando os quartos para os dois — na verdade devem estar reformando um dos quartos para ficar mais infantil e feminino já que me convenceram a comprar a casa logo que souberam sobre Rodrigo ir para lá. Dolores também me informou que Robson já estava em São Paulo novamente e, pelo que eu havia entendido, se comunicava regularmente com Rodrigo e João.

Não falei com João durante esses três dias, mas eu preferia acreditar que assim era melhor. Tive tempo para me acalmar. Consegui entender sua preocupação, seus motivos. Eu sempre soube que ele seria capaz de tudo por Dolores, ele nunca negou ou tentou esconder isso, pelo contrário, sempre deixou bem claro. Isso só não seria suficiente para restaurar a confiança abalada. Não agora, pelo menos.

Hoje, quinta-feira, pouco mais de quatro da manhã, estou a caminho de casa novamente. Ontem Dolores também me lembrou que hoje sairá o resultado do vestibular de Natasha e que ela estava muito nervosa e ansiosa. Pedi que Lilian remarcasse o voo para um mais cedo, pois queria estar em casa, com minha irmã, quando ela finalmente recebesse aquela notícia.

Após o desembarque, como combinado, o novo motorista de Natasha já estava à minha espera no aeroporto. Me certifiquei de que Lilian já estivesse em um táxi, quando eu entrei

no carro.

Exatamente cinco e quinze, o veículo parou à frente da entrada da enorme casa. Ainda estava escuro, o sol sequer apresentava sinais de que daria as caras em uma hora.

— Eu levo — informei a Bruno, o motorista, quando ele retirou minha mala do porta-malas. — Obrigado.

Ele respondeu com um aceno de cabeça e um "estou às ordens, senhor" antes que eu entrasse na casa. Ainda me era estranho ter pessoas falando comigo desta forma.

Expirei aliviado enquanto subia as escadas para o primeiro andar. Eu ainda não via esta casa como um lar, mas depois de três dias era bom estar em um lugar familiar novamente.

Entrei com cuidado em meu quarto e deixei a mala ao lado da porta. Apesar da escuridão no cômodo, consegui identificar a silhueta de Dolores sobre a cama. Os lençóis negros a cobriam até a cintura e estavam em contraste completo com sua camisola branca, por isso era possível ver que se agarrava a um travesseiro, quase como se ele fosse capaz de preencher o espaço vazio ao seu lado. Um sorriso se instalou em meus lábios quando acendi as pequenas luzes de LED colocadas estrategicamente no quarto; elas não eram suficientes para acordar Dolores, mas me permitiam ver o suficiente dela para que o sorriso em meus lábios aumentasse.

Eu deveria mesmo me sentir tão feliz por vê-la em minha cama, esperando por mim, depois de tudo o que aconteceu para chegarmos aqui?

A resposta era óbvia.

Me livrei do blazer que vestia e arregacei as mangas da camisa antes de me aproximar da enorme cama e me sentar ao lado de Lola. Em nosso último telefonema eu não disse que voltaria de madrugada para a cidade, ela estava me esperando apenas para o horário do

almoço, mais tarde.

Respirei fundo ao olhar atentamente para ela. Dolores é dona de uma beleza colérica tão marcante e inigualável quanto sua personalidade. O rosto com traços fortes e linhas retas espelhava também a força que ela possuía em seu interior, assim como a sua autoconfiança. Seus lábios eram cheios; bem delineados; sensuais e perfeitos. Suas sobrancelhas, finas e arqueadas, lhe davam um ar um pouco contrastante de imponência e sensibilidade. Os olhos castanhos, expressivos e intensos, eram capazes de deter minha atenção e interesse sempre que ela os quisesse. Tudo nela emanava força, obstinação, firmeza, dedicação e sensualidade. Uma mistura atrativa e viciante para um homem como eu.

Acariciei seu rosto lentamente e me aproximei o suficiente para beijá-la. Ela se mexeu devagar e, segundos depois, acordou.

— Aaron — sussurrou.

Com cuidado afastei o travesseiro que estava em suas mãos. Lola piscou e me fitou confusa, segundos depois preocupada.

— O que houve? — indagou.

— Peguei um voo mais cedo — expliquei enquanto deitava ao seu lado. — Está tudo bem.

Sua expressão se suavizou à medida que ela registrava minhas palavras, logo ela se aproximava ainda mais de mim. Envolvi sua cintura com um braço e ela apoiou seu rosto em meu peito.

— Que bom que está de volta.

— Sentiu minha falta, é?

— Não seja tão presunçoso. — Aquela resposta me fez sorrir. Dolores podia estar de olhos fechados, mas sua perspicácia não era menor por isso, nem mesmo pelo seu sono. — Não estou acostumada com essa cama, muito menos com esse quarto. Ainda é estranho estar aqui.

— Espero que isso mude em breve — murmurei quando comecei a acariciar seu cabelo. Lola inspirou profundamente.

— Como foi a viagem?

— Boa.

— E o trabalho?

— Extenuante.

Percebi quando ela sorriu contra o meu peito.

— Já disse que se precisar de ajuda, eu estou aqui. Administração não é um bicho de sete cabeças.

— Eu sei, é só um bicho insuportável.

Revirei os olhos. Ela se moveu sobre mim e me fitou com os olhos apertados.

— O que houve?

Dolores apoiou seu braço sobre meu torso e o rosto em sua palma. É claro que havia percebido que meu mau humor possuía um motivo e ela não seria ela se não tentasse descobrir qual era. Falar sobre minhas frustrações naquela empresa era algo que eu ainda não havia feito com ninguém, apenas as guardava para mim, eu sequer gostava da ideia de expô-las, mas eu sabia que Dolores era a única com quem eu poderia falar sobre isso sem fazer

parecer que eu estava reclamando ou arrependido de ter aceitado cuidar daquele inferno.

— Não suporta cuidar de algo que foi de Olavo? — Ela tentou descobrir. Expirei lentamente.

— Não, já deixei isso de lado. Minha maior preocupação era me envolver nos negócios sujos de Olavo, mas já acabei com o que encontrei de errado e deixei claro que não vou me submeter a nada daquilo — contei. — Eu só odeio esse trabalho. Odeio não entender quase nada sobre como aquelas empresas são administradas... Odeio me sentir inútil lá.

— Essa aprendizagem é um processo gradativo, Aaron. Apesar de querer, você não vai aprender tudo tão rápido quanto quer. Precisa ter paciência.

Inspirei fundo, meu inalterado — e perceptível — descontentamento a fez acenar negativamente e se aproximar devagar para me beijar.

— Qual é sua maior dificuldade? Os números?

— Gosto de números. Não tenho nenhum problema com eles. Aquelas reuniões e relatórios são problemas, não consigo entender muito deles.

— Isso é fácil — garantiu ao se aconchegar em meus braços novamente. — Você não desconhece a maior parte dos termos técnicos usados em uma empresa, o que não conhece ou não entende, podemos repassar a qualquer hora. Só acho que, nesse primeiro momento, você precisa de algum assessor.

— Está falando isso por causa dessas viagens?

— Não, estou falando porque você não é engenheiro, como Olavo foi, você é um arquiteto de software, um gerente de TI. Não entendo porque aquela secretária marcou aquelas reuniões para você em BH e no Rio sem que aqueles engenheiros e arquitetos nem mesmo tentassem tornar mais simples o entendimento para você — disse, lembrando-me da

nossa conversa ontem, quando falei sobre aquelas malditas reuniões. — Você não precisa cuidar de tudo sozinho, principalmente das áreas de atuação que desconhece. Um ou dois assessores facilitariam isso para você.

Sua argumentação me deixou em silêncio por alguns momentos, em ponderação.

— Preciso de alguém de confiança — concordei.

Ela reproduziu meu usual "hum-hum" e bocejou antes de me abraçar. Ficamos em silêncio por algum tempo, pensei sobre o que ela disse e sobre o que faria para encontrar alguém que me assessorasse em relação às outras empresas que foram de Olavo.

— Sua costela ainda dói? — perguntou enquanto tocava a extensão do meu tronco.

— Não.

Ela não respondeu, apenas manteve sua atenção em mim enquanto abria os botões da minha camisa devagar.

— E sua perna? — questionei.

Após ela desviar seus olhos dos meus, sua atenção se deteve nos botões ainda fechados da camisa azul que eu vestia. Lola os abriu e deixou meu peito à vista.

— Se aquele médico não tirar esse gesso hoje, eu mesma vou tirá-lo.

Ri baixo de suas palavras, mesmo que eu soubesse que ela falava sério.

— O que exatamente o médico de Criciúma disse para você?

Dolores começou a roçar seus dedos lentamente em meu peito, numa carícia suave e constante.

— Que era provável que eu já pudesse retirar o gesso em um prazo de vinte a trinta dias. E o médico do hospital em que ficamos semana passada me disse que minha capacidade de regeneração óssea é muito boa, então...

— Você tirou conclusões precipitadas... De novo — murmurei fazendo-a voltar-se para mim. — Sequer utilizou a cadeira de rodas para diminuir o esforço e se recuperar mais rápido.

Sua primeira resposta foi revirar os olhos.

— Aquilo foi um exagero — ela disse. — Minha fratura é simples, fechada. Não havia necessidade de usar uma cadeira de rodas. Foram Robson e vovô a insistir nisso. Pessoas têm fraturas bem mais sérias que a minha todos os dias, nem por isso saem por aí usando cadeiras de rodas.

Aproveitei que parte do seu corpo já estava sobre mim e apenas a puxei para mais perto.

— Você é teimosa — denotei. — De uma forma insuportável... *e irresistível*.

Quando me coloquei sobre Lola na cama e me livrei do lençol que ainda a cobria, percebi que ela sorria.

— Você tem um gosto característico para mulheres.

— Hum-hum... — concordei ao beijá-la suavemente. — E nos últimos meses escolhi a única capaz de me deixar louco antes de me tornar um velho completamente decrépito.

Minhas palavras a fizeram rir. Inspirei seu cheiro maravilhoso através de seu pescoço e a beijei ali enquanto Lola me ajudava a também livrá-la daquela camisola.

Após levar Gabriel à escola com Dolores, nós voltamos para casa. Faltava pouco mais de uma hora para o resultado do vestibular de Natasha sair, e Vitor, assim como seus dois irmãos mais novos, já estavam aqui — Lola me disse que a mãe de Vitor estava trabalhando, por isso ele teve que trazer os irmãos. Queria tê-los perto e também estar com Natasha quando visse ou não o seu nome no *listão.*

Às nove e cinco da manhã, Natasha já atualizava a página da universidade pela internet, em busca do tão esperado resultado. Eu estava sentado ao seu lado, segurava sua mão direita, estava nervoso, mas não sentia metade do que Nat e Vitor perceptivelmente sentiam. Ela tremia, seu corpo estava gelado, já tinha lágrimas nos olhos e o *listão* sequer fora liberado. Vitor parecia mais contido, estava se saindo melhor ao mascarar como se sentia.

Meu coração tropeçou nas batidas e parou completamente quando Natasha anunciou que já haviam liberado. Tentei respirar fundo enquanto ela acessava o site especial para verificar a lista, mas foi em vão. Os segundos em que esperamos a página carregar foram aflitivos, e todos que precisamos para encontrar a sequência de classificados no curso de Medicina foram piores ainda.

Os gritos que se sucederam após encontrarmos o nome “Natasha Borges” entre os classificados para as vagas teriam o poder de me deixar surdo se eu não estivesse tão eufórico. Nat e eu levantamos ao mesmo tempo para comemorar e eu a abracei com força ao vê-la chorar de emoção e felicidade. Apesar de eu ter tentado acalmá-la durante a hora que esperamos, apesar de dizer que ela não precisava e nem podia acreditar que não estudara o suficiente, sua ansiedade a fez sofrer por antecedência e tornar essa hora de espera ainda mais difícil para si mesma. Agora eu murmurava em seu ouvido que ela merecia aquela vaga,

que todos nós acreditamos nela, que ela, ainda que não a tivesse conseguido, havia nos dado muito orgulho por ter se empenhado tanto em alcançar esse objetivo mesmo com todas as dificuldades que passamos durante este ano; que me dava orgulho, mas que também era difícil para eu ver que minha irmãzinha mais nova estava realmente galgando para o próprio sucesso e que isso a afastaria um pouco mais de mim — isso a fez rir e chorar em meus braços e depois me abraçar ainda mais forte.

— Queria que ela estivesse aqui — sussurrou contra o meu peito e eu imediatamente compreendi que falava da própria mãe.

— Ela está, pode ter certeza. Suzana não perderia esse momento por nada — assegurei. — Tenho certeza de que está muito feliz e orgulhosa de você.

— Obrigada.

Ela acabou com nosso abraço e eu a ajudei a limpar as próprias lágrimas antes de beijar sua testa com carinho. Respirei fundo ao vê-la seguir para os braços de Vitor e, pela primeira vez desde que o conheci, admiti para mim mesmo que teria que me acostumar com aquilo, me acostumar em vê-la com ele, pois logo ela não precisaria mais do irmão chato de galocha para tudo e começaria a ver em Vitor o conforto que até este momento encontrou em mim.

— Se ele a fizer sofrer, eu te ajudo a quebrar as pernas dele — Dolores sussurrou ao meu lado. Acenei negativamente e sorri ao olhá-la.

— Você é um perigo — murmurei e ela riu antes de ir parabenizar Natasha, seguida por mamãe, Marissa e João, que também estavam ali.

A felicidade ficou completa quando também encontramos o nome de Vitor na lista de calouros do curso de Direito-matutino. Entre abraços, cumprimentos e um número infindável de parabéns, ficou decidido que mais tarde faríamos um jantar especial em comemoração; tanto por eles dois, quanto pela chegada de Rodrigo e Alícia, que também seria hoje.

Após o almoço, levei João e Dolores ao hospital, para que ela tivesse sua consulta com o médico, depois fui para a empresa.

À tarde pensei sobre o que conversei com Lola pela manhã e ponderei muitas possibilidades para uma decisão arriscada que poderia tomar. Falei com Rodolfo e lhe pedi uma recomendação. Minutos antes de seguir para uma reunião, eu pedi que Lilian viesse a minha sala.

Enquanto aguardava que ela viesse, eu preparei os arquivos que possuía sobre ela, desde a sua pasta da empresa até as gravações que havia feito dela conversando com Oséias.

Batidas soaram na porta e permiti a entrada de Lilian.

— O senhor Gonçalves já está na sala de reuniões, esperando você — ela disse.

— Ainda tenho alguns minutos antes de precisar ir para essa reunião — lembrei-a. — Sente-se.

Ela frisou as sobrancelhas, sem entender o motivo de eu estar fazendo isso, mas sentou à minha frente.

— Quero que preste atenção neste áudio.

O toque estridente de um telefone celular, vindo da minha gravação, soou por toda a sala. Sem entender, Lilian apenas aguardou. Quando ouviu a própria voz ao atender a chamada, seus olhos se arregalaram quase a ponto de sair das orbitas, mas ela logo se obrigou a não demonstrar qualquer reação. Contudo, não era muito boa nisso. Não mais que eu era perspicaz, pelo menos.

Sua conversa conturbada com Oséias, em que ela admitia saber exatamente que seu trabalho na empresa era me seduzir, continuou a preencher o silêncio entre nós. Mantive-me impassível enquanto a fitava atentamente e ela, claramente desconfortável, permaneceu com

seu olhar preso ao meu. Apesar de saber que estava errada e numa situação nada boa, ela não se deixou intimidar por mim.

Pausei a gravação e recostei-me à minha cadeira novamente.

— Tenho gravações de todas as suas conversas com Oséias feitas aqui na empresa. Semanas atrás, quando ouvi esta gravação, eu pensei em simplesmente ignorar, sabia que não me deixaria seduzir por uma mulher como você e Oséias não me interessava, apesar de eu saber que, se tentou armar contra mim usando você, ele poderia fazer algo mais. Entretanto, não me considero tão tolerante agora.

— Eu não... — ela tentou dizer, mas eu a interrompi.

— Conversei com meu próprio advogado e decidi mudar o escritório de advocacia das empresas. — Fiz uma pausa ao pegar a pasta com todos os documentos inerentes a Lilian aqui na construtora. — Então tive que decidir o que fazer com você.

— Senhor Aaron, eu não...

Cortei-a novamente:

— Eu já havia decidido simplesmente demitir você. Mas preferi te fazer uma proposta.

— Eu aceito! Não posso perder esse emprego, eu...

Apertei os olhos para ela, que respirou profundamente antes de prosseguir:

— Apenas eu estou trabalhando na minha casa. Meu pai é aposentado, mas o que recebe mal dá para comprar seus próprios remédios. — Ela fez uma pausa e expirou com força ao olhar para suas próprias mãos. Percebi que fitava a própria aliança. — Oséias não me disse que você era comprometido e eu não tinha como descobrir também, até vê-la no sábado. O que eu tenho não é um casamento há muito tempo. Oséias ameaçou me demitir, eu não tive

saída!

Não demonstrei qualquer empatia ao ouvir aquilo, não sabia qual era sua real história, nem mesmo se ela falava a verdade e, em todo caso, não havia motivo para isso me interessar. Portanto, prossegui em minha fala como se ela jamais tivesse dito algo:

— Você foi secretária de Olavo por quatro anos, conhece ele e esta empresa. Isso me interessa. Quero saber quais e onde estão todas as fraudes de Olavo.

Ela juntou as sobrancelhas, assustada, e depois simplesmente surpresa.

Peguei, de dentro da pasta, o documento que informava a demissão de Lilian e entreguei a ela.

— Se decidir me contar tudo o que Olavo fazia de errado por aqui, eu lhe dou mais um mês para mostrar que é realmente necessária na empresa, que merece continuar aqui, do contrário pode assinar sua demissão agora.

Minhas palavras a deixaram bestificada. Ela olhou para a folha de papel à sua frente e engoliu em seco.

— Tem ideia de quantas pessoas aqui vão querer me matar por fazer isso? — ela indagou quase em desespero. — Até o governo está envolvido em muitas construções superfaturadas feitas pela Andrade.

Recostei minha cabeça à cadeira.

— Eu não me importo — informei. — Não serei conivente com isso. Também não deixarei ninguém saber que você me contou esses detalhes. Se você for realmente útil, vou torná-la minha assessora para as filiais de Engenharia da Andrade.

Percebi quando ela parou de respirar e olhou de novo para a folha de papel em suas mãos:

tentada, quase completamente convencida. Aquela era uma jogada arriscada da minha parte, mas ainda que eu continuasse desconfiando dela, agora Lilian era a pessoa mais próxima a mim nesta empresa, a que mais sabia sobre ela e sobre tudo o que acontecia nas filiais também.

— Como posso ter certeza de que não farão nada contra mim?

— Vou adiantar suas férias. Terei outra pessoa aqui.

— Mas e eu?

— Você voltará no mês de março e terá sua nova chance.

Aquilo a deixou em silêncio, pensativa por quase dois minutos. Demorou até que ela se mostrasse decidida, mas sua resposta foi irredutível: ela rasgou as folhas que informavam sua demissão e disse:

— Eu aceito.

Fitei a folha de papel rasgada sobre a mesa e inspirei fundo.

— Ótimo. Quero um relatório com todas as informações que solicitei amanhã pela manhã — falei ao levantar e abotoar meu terno.

Lilian assentiu devagar. Fechei meu notebook e peguei a pasta que precisaria na reunião antes de sair.

Fiz o caminho mais curto até a sala de reuniões e cheguei a ela menos de dois minutos depois.

— Boa tarde — cumprimentei o homem que me aguardava ao fechar a porta.

— Boa tarde.

A familiar voz masculina chamou minha atenção o suficiente para eu procurar o homem na sala. Não pude negar minha surpresa ao vê-lo.

Arthur me encarou com as sobrancelhas unidas, em dubiedade. Incerteza brilhava em seus olhos castanho-claros.

— Senhor Arthur? — falei ao me aproximar. Percebi que ele continuava em dúvida sobre mim, talvez se perguntasse se me conhecia de algum lugar. Arthur me viu apenas uma vez há quase um mês e dificilmente recordaria daquele dia fatídico já que estava tão atordoado por perder seus familiares.

— Sim. O senhor deve ser o filho do Sr. Andrade, certo? — Ele levantou de sua cadeira para me cumprimentar com um aperto de mãos e respondi sua pergunta com um simples meneio de cabeça.

Fitamo-nos em silêncio por alguns segundos após aquilo. O pouco tempo me permitiu lembrar de todas as coisas inerentes a ele que aconteceram nas últimas semanas: lembrei da forma que ele abraçou Dolores naquele hospital depois do acidente, do que ela me falou sobre ter se permitido dar uma chance a ele, assim como quando ela me falou que em Salvador o ajudou a concluir os seus relatórios financeiros; lembrei de Gabriel — percebi quão parecidos fisicamente os dois são — e, por fim, recordei da noite em que o vi conversar com André e fiz uma nota mental para perguntar a este de onde os dois se conheciam. Algo ainda me dizia que eu não gostaria nada da resposta.

— Nos conhecemos de algum lugar? — ele perguntou ainda curioso. — Não sei por que tenho a impressão de que já o vi antes.

— Nos vimos rapidamente há algumas semanas — contei a ele enquanto seguia para minha cadeira. — Ambos estávamos no hospital com Dolores.

Percebi quando a curiosidade deu lugar à compreensão e, logo mais, à surpresa em seu semblante.

Arthur ficou alguns momentos de pé, apenas me encarando atentamente — talvez ainda tentasse digerir minhas palavras, mas logo outra coisa me veio à mente: Dolores já falou com ele sobre estar de novo comigo. Ele poderia estar lembrando disto, deve se perguntar também se sou eu realmente a estar com ela agora, já que não sabia quem deveras era o ex dela.

— Algum problema? — indaguei.

Como se saísse de um transe hipnótico, ele piscou, aturdido, e demorou alguns momentos para me responder.

— Não. Fiquei apenas surpreso por ser justamente o senhor a também conhecê-la. — Ele riu sem humor por um momento e sentou à minha frente. Arqueei uma sobrancelha sem entender o que ele insinuava, mas ele não disse nada mais, somente se voltou para sua própria pasta e pegou os documentos para me entregar.

Após cerca de uma hora de reunião em que Arthur me mostrou gráficos comparativos sobre as finanças de todas as filiais de geradores de todo o Brasil, seu celular tocou sobre a mesa e ele pediu desculpas antes de deixar o projetor e o computador da sala de lado para atender.

Aguardei enquanto ele seguia para fora da sala para atender ao telefone e os minutos que ele demorou para voltar. Imediatamente percebi a diferença em sua feição quando retornou, ele parecia mais sério, contido, quase como se precisasse mascarar algo que o irritava.

A reunião seguiu muito mais mecânica após isso.

À noite, pouco mais de sete horas, eu cheguei em casa. Natasha já estava na sala e conversava com Vitor e outras pessoas que pareciam acompanhá-lo.

— Boa noite — cumprimentei-os ao fechar a porta de entrada.

Todos responderam ao cumprimento e, com um sorriso que quase não lhe cabia no rosto, Natasha se levantou para vir até mim.

— Aaron, eu quero que conheça uma pessoa — ela disse e pegou minha mão direita para me levar até os sofás. Vi quando uma senhora de, pelo menos, quarenta anos, vestida com roupas completamente brancas, se levantou seguida por Vitor. Logo que percebi a semelhança entre os dois, entendi que se tratava da mãe dele. — Esta é a dona Clara, mãe do Vitor. Dona Clara, este é meu irmão mais velho; meu pai.

Sorri ao ouvir Natasha dizer aquilo.

— É um prazer finalmente conhecê-la, senhora — murmurei ao cumprimentá-la rapidamente com um beijo no rosto.

— Igualmente. Natasha me falou muito do senhor. Peço desculpas pela demora em vir conhecer a família de vocês, realmente não tenho muito tempo livre e... — ela interrompeu ao olhar para as próprias roupas e sorriu, constrangida. — Precisei vir direto do trabalho.

— Não se preocupe — eu disse a ela — Natasha me avisou sobre isso. Também acabei de sair do trabalho. Espero que não estejam me esperando há muito tempo.

— Não — Vitor respondeu desta vez. — Acabamos de chegar.

— Ótimo. Vou trocar de roupa então. Fiquem à vontade. Com licença.

Enquanto eu subia as escadas para o primeiro andar, Natasha me chamou novamente.

— Sim? — Voltei-me para ela.

— Vá ao quarto de Gabriel, ele não passou a tarde muito bem.

— O que houve? — indaguei já preocupado.

— Acho que ele comeu algo que lhe fez mal, Lola está com ele.

— Qual o quarto dele?

— O que fica ao lado esquerdo do seu.

Agradeci a ela e segui rapidamente para o primeiro andar. Meu celular vibrou com uma mensagem de Rodrigo e a li antes de bater devagar à porta do quarto.

“Chegaremos em meia hora.”

Respondi com um simples “ok”.

Ouvi Dolores liberar minha entrada e abri a porta. Ela estava deitada ao lado de Gabriel e acariciava o rosto infantil com ternura e evidente preocupação.

— Como ele está? — perguntei ao me aproximar, com a voz baixa para não acordá-lo.

Dolores me olhou por um momento e depois fitou Gabriel de novo.

— Ele passou a tarde com náuseas, mas, graças a Deus, já vomitou o que quer que estivesse lhe fazendo mal; dormiu há pouco.

Respirei muito melhor ao ouvir aquilo e sentei ao seu lado na cama. Percebi que ela conseguira se livrar do gesso que tanto a importunava, mas preferi não comentar nada ainda.

— Vocês o levaram ao hospital?

— Sim.

Lola beijou a testa de Gabriel suavemente e, com cuidado, se sentou encostada à cabaceira da cama. Ela estava, além de ainda preocupada, séria; pensativa.

— O que aconteceu?

Quando me encarou, ela pareceu pensar por alguns instantes sobre o que diria. Os segundos pareceram se arrastar enquanto ela escolhia as palavras certas para dizer e isso apenas me preocupou ainda mais.

— Você está me preocupando — alertei-a.

Dolores suspirou devagar e disse:

— Quero adotar o Gabriel.

Precisei de algum tempo para registrar aquilo e um pouco mais para articular qualquer resposta, mas ela não me deu tempo de dizer qualquer coisa antes que continuasse, em voz ainda mais baixa:

— Arthur está tentando fugir de sua responsabilidade, não se importa com o bem-estar de Gabriel e tenho certeza de que está odiando mudar toda a sua rotina por tê-lo em sua vida. — Ela fez uma pausa para respirar fundo e, então, prosseguiu: — Quando eu avisei sobre

Gabriel estar no hospital, ele não poderia ter sido mais displicente, mais estúpido. Ele *não* cuidará de Gabriel.

— Lola, um processo de adoção pode durar anos, há muitas burocracias. — Tentei ser sensato. — E Arthur pode não concordar com isso também, o que só prolongaria esse tempo e complicaria tudo, ele é o único familiar de Gabriel agora. Acha que simplesmente querer isso será suficiente?

— Não me importo. Não quero ver Gabriel chorando novamente porque não quer voltar para o apartamento de Arthur, ainda mais agora que sei que Arthur não o quer lá.

— Dolores... — tentei argumentar novamente, mas ela não permitiu.

— Quero que fique ao meu lado para fazer isso, Aaron — ela disse. — Mas não vou desistir se não estiver. Sei que quase não conhece Gabriel e que pode não querer uma criança que não é seu filho, mas...

— Não, Dolores — interrompi-a. — Não é nada disso, não comece a tirar conclusões precipitadas. — Fiz uma pausa ao perceber sua aflição. — Eu só quero que você pense bem antes de fazer algo assim, você está sendo impulsiva mais uma vez.

Ela expirou e olhou para Gabriel ao seu lado, dormindo tranquilamente, displicente ao que conversávamos agora.

— Se Arthur não quer ter a responsabilidade de cuidar do sobrinho, ok, Gabriel pode ficar conosco pelo tempo que quiser, mas ele mal nos conhece, mal *me* conhece. Ainda não se acostumou a ideia de ter apenas você cuidando dele e fazê-lo passar por entrevistas com psicólogos e assistentes sociais para conseguirmos sua adoção pode ser desgastante. Ele tem apenas quatro anos.

Ela não voltou a me fitar, mas eu percebi que havia compreendido meu ponto de vista,

que sabia que eu estava sendo sincero sobre ter Gabriel conosco. Eu não me recusaria a aceitar essa decisão de Dolores porque a entendia e tinha certeza de que eu também poderia aprender a amar o garoto como um filho.

Quando percebi que a respiração de Dolores estava entrecortada, eu me aproximei e toquei seu queixo suavemente para fazê-la me encarar novamente.

— Vamos esperar que ele se acostume com a ideia de nos ter em sua vida, isso será bom para ele e para nós. Então, não haverá motivos para Arthur ou qualquer juiz não permitir que fiquemos com Gabriel.

O brilho de lágrimas em seus olhos se intensificou, mas ela se recusou a chorar e apenas me abraçou. Acariciei seu cabelo devagar e a apertei em um abraço. Dei algum tempo para que ela pensasse em minhas palavras e depois perguntei:

— O que aconteceu para que decidisse isso hoje? — perguntei, pois era óbvio que houvera um estopim para fazê-la chegar àquela decisão.

Lola respirou fundo e se desvencilhou de nosso abraço para me encarar. A raiva que ela passou a emanar era quase tangível.

— Quando Mabel e eu levamos Gabriel para o hospital hoje, e eu disse que ligaria para Arthur, o Biel pediu que eu não o fizesse.

Ela voltou a fitar o garoto ao nosso lado e eu fiz o mesmo.

— Quando eu perguntei o porquê, ele disse que não gosta do tio, pois Arthur disse para ele que Leonardo, seu pai, foi o culpado do acidente e da morte de Eloísa.

A surpresa e descrença em mim deram espaço à raiva. *Por que infernos um filho da puta diria isso a uma criança?*, perguntei-me. Cerrei os punhos com força ao lembrar de mais cedo, da minha reunião com Arthur, mais precisamente de como ele ficou após aquele

telefonema.

Bastardo!

— Gabriel não quer voltar para o apartamento de Arthur — concluiu.

— Então acho que esse filho da puta não se oporá em permitir que Gabriel continue conosco — eu disse a ela, que me fitou preocupada.

— Espero que não.

Após Natasha vir nos avisar que Rodrigo havia chegado, Dolores e eu decidimos descer para recebê-lo. Enquanto descíamos as escadas, percebemos que todos já estavam de pé na sala, aguardando-o. A ansiedade de mamãe enquanto fitava a porta de entrada da sala, e a felicidade inabalável de Natasha, estavam em maior evidência que a impassibilidade de João.

Lola continuava usando uma muleta e desceu as escadas devagar, com minha ajuda. Ela já tentava perder um pouco a sensibilidade excessiva da perna e, pelo que João me contou semanas atrás, ela ainda precisará fazer algumas sessões de fisioterapia.

Parei ao lado de mamãe para aguardar Marissa abrir a porta e Dolores ficou do meu lado direito.

Mamãe já tinha lágrimas nos olhos quando Rodrigo entrou na casa, e eu, mesmo sem entender o motivo, senti meu coração acelerar no peito. Meu irmão aparentou surpresa ao ver toda a família reunida na sala, aguardando-o, mas minha atenção se direcionou a menina que

estava ao seu lado, agarrada a sua perna direita; assustada, tímida com a presença de tantos desconhecidos ali. Alícia era linda e não pude impedir o sorriso que despontou em meus lábios ao olhar atentamente para ela, tão pequena e, agora eu tinha absoluta certeza, parte da minha família. Sendo apenas um pouco mais alta que Gabriel, ela tinha fugazes olhos azuis, como os de Fernanda, e um rosto com traços femininos e delicados. O nariz e o queixo lembravam os de Rodrigo, assim como os olhos um pouco apertados e atentos. Ela usava uma tiara delicada e pequena de princesa, mesmo que já não possuísse cabelos curtos ou longos por causa do tratamento que enfrentava. Apesar de parecer frágil por ser pequena e enfrentar um tratamento difícil, havia algo nela que me fazia acreditar com convicção no contrário e não somente porque depois desse tempo lutando, ela estava aqui.

— Boa noite — cumprimentei Rodrigo enquanto me aproximava. Alícia me encarava assustada e, ao mesmo tempo, encantada. — Olá, querida.

— Papai... — ela sussurrou para Rodrigo após se esconder atrás do corpo dele. — Ele é igual ao senhor.

Aquilo me fez rir.

— Isso porque somos irmãos gêmeos — expliquei a ela para depois me voltar para Rodrigo.

Nos encaramos em silêncio antes de sua atenção ser direcionada para os outros que continuavam em fila. Agora eram mamãe e Natasha a chorarem. Mamãe foi a primeira a vir até nós e, mesmo com sua perceptível emoção em ver Rodrigo depois de tantas semanas e finalmente conhecer sua neta, Rodrigo não expressou nada.

— Ah, querido — ela murmurou ao parar à frente dele. Os olhos de mamãe brilhavam tanto, por causa da felicidade em ter o filho mais novo ali, por depois de tanto tempo ele ter aceitado voltar, que ela nem mesmo se importava se ele não demonstrasse essa mesma felicidade ainda.

Todos assistíamos em silêncio e com atenção quando mamãe começou a acariciar o rosto de Rodrigo ternamente antes de abraçá-lo. Ele não retribuiu, mas também não conseguiu esconder de mim o quanto aquela aproximação sincera e afetiva o havia abalado. Seus olhos cintilaram úmidos, mas Rodrigo tentou esconder aquilo enquanto engolia em seco e desviava o olhar do meu. Ele quis, mas não conseguiu mascarar que algo nele, ainda que uma parte ínfima e postergada por anos, sentia falta do contato maternal que possuíra um dia.

Quando vi que Alícia também assistia àquela cena com interesse, eu me coloquei de cócoras à sua frente, ficando de sua altura.

— Olá, Alícia — murmurei para ela, chamando sua atenção.

— Olá. Ela é a minha avó?

Eu concordei com um meneio de cabeça e um sorriso.

— Sim. Está vendo aquelas pessoas ali atrás? — indaguei, indicando Natasha e os outros. — Elas também fazem parte da sua família.

— E a mamãe, onde ela está? Achei que ela estivesse aqui também.

— Não, querida, Fernanda não está aqui — contei.

— Quem é você? — ela perguntou.

— Sou seu tio, irmão gêmeo do seu pai. — Ao levantar, eu estendi minha mão para ela, que, após alguns segundos hesitante, a pegou. — Está vendo aquelas moças bonitas ali? — indiquei Natasha e Dolores que acenaram simultaneamente para Alícia. — Também são suas tias. Aquele senhor sério ao lado delas, é namorado da sua avó e aquela senhora animada ali, é a Marissa e está louca para que você coma os doces que ela preparou pra você.

Alícia sorriu timidamente para todos e Natasha se aproximou, com os olhos repletos de

lágrimas.

— Você é tão linda, Alícia — ela sussurrou ao afagar o rostinho delicado.

— Obrigada! Qual o seu nome, tia?

Natasha soluçou e riu baixinho ao ouvi-la chamá-la daquela forma.

— Natasha. — Ela fez uma pausa para limpar o próprio rosto e, então, pediu: — Posso abraçar você?

Ali concordou lentamente e as duas se abraçaram com ternura.

Rodrigo agora assistia aquela cena com atenção e parecia um pouco desconcertado vendo Alícia aqui, tão confortável. Quando vimos mamãe também se aproximar dela, eu decidi ir para o lado dele de novo.

Vimos mamãe chorar ainda mais ao se apresentar para Alícia e ser bem recebida por ela dizendo que "sempre quis ter uma avó como a da Carolina", apesar de nem mesmo sabermos quem é Carolina. As duas também se abraçaram.

— Por que a senhora está chorando, vovó? Está triste?

— Não, querida — mamãe sussurrou —, estou chorando de felicidade. É muito bom tê-los aqui.

Quando olhei para Rodrigo de novo ele ainda encarava as duas conversando em voz baixa a alguns passos de nós. Já não estava tão sério como quando chegou, mas também não parecia disposto a dizer qualquer coisa ainda.

Natasha foi a próxima a vir cumprimentá-lo e, como sempre, suas demonstrações de afeto e felicidade se sobressaíram à prudência e ela o abraçou.

— É bom te ver aqui, finalmente! — ela disse para ele.

Desta vez Rodrigo sequer tentou esconder o quanto ficou surpreso com aquele contato inesperado. Quando ele me fitou ainda incapaz de ter qualquer reação, eu vi algo mais brilhar em seus olhos, algo que me surpreendeu e, ao mesmo tempo, me deu esperança.

Desde que descobriu da existência de Natasha, e sua descendência, ele a tratou apenas como uma "bastarda", mesmo quando ela ajudou mamãe a cuidar dele no hospital há algumas semanas. Agora ele parecia ver que nada daquilo foi fingimento, que Natasha realmente o perdoou, que realmente estava feliz com sua presença ali, que queria tê-lo perto da família de verdade. Uma parte que antes parecera impenetrável do meu irmão ruiu naquele momento. Quando o vi fechar os olhos e murmurar um "obrigado" a ela, eu pude finalmente confirmar: um vestígio de arrependimento suscitava ali. Isso também me fez sorrir.

Quando Natasha se afastou para ir até Alícia novamente, mamãe já estava apresentando Dolores à menina. Lola também parecia encantada com ela.

— Rodrigo, aquela é Marissa — apresentei-o a outra mulher. — Ela ajuda mamãe com as refeições e a arrumação da casa. Aquela senhora de branco lá no canto, é mãe de Vitor, o garoto mais velho entre os outros, que é namorado de Natasha. Os meninos são seus irmãos.

Dona Clara se aproximou com Vitor e Marissa para cumprimentar Rodrigo com apertos de mãos.

— Estou as ordens, senhor — Marissa disse a ele.

— É um prazer conhecer o senhor — Clara e Vitor falaram quase em uníssono.

— Igualmente — Rodrigo respondeu a eles.

— O João você já conhece — lembrei-o. Os dois se mantiveram impassíveis, mas se cumprimentaram com acenos de cabeça simultâneos.

— Apresentações feitas. Creio que já podemos ir jantar, não é? — perguntei a todos. Como resposta recebi muitos “sim” ditos consecutivamente. Fitei-os por alguns segundos, assistindo, quase sem conseguir acreditar, a minha família, pela primeira vez em muito tempo, tão perto, quase completamente unida.

Era... *surreal*. Eu já não tinha esperanças de ainda ver isso um dia, não imaginei que me sentiria tão contente em ver Rodrigo e sua filha aqui, como parte da família que eram.

Encontrei o olhar de Dolores em meio a todos e ela também sorriu. Eu tive certeza de que sabia o que se passava por minha mente. Dei os poucos passos que me afastavam dela e a beijei de forma suave antes de entrelaçar minha mão a sua.

Então, todos juntos, fomos para a sala de jantar.

Dezenove

“Resgate suas forças e se sinta bem, rompendo a sombra da própria loucura.
Cuide de quem corre do seu lado e de quem te quer bem
Essa é a coisa mais pura”
Pontes Indestrutíveis – Charlie Brown Jr.

Minha mente estava enevoada, meu corpo estava tomado pelo prazer até o último fio de cabelo e essa situação apenas se prolongava à medida que eu me sentia impelido a me mover e recordava das palavras que me alertaram há alguns minutos do que aconteceria se eu o fizesse. E eu me recusava a dar qualquer motivo para Dolores acabar com o que fazia agora. Não me importava minimamente com a quantidade de gemidos e frases depravadas que me escaparam desde que ela começou com isso, adorava todos os movimentos dela e queria que ela soubesse disso, queria que soubesse que estava me deixando louco.

Eu não conseguia pensar claramente sobre nada além da minha mulher chupando meu pau agora. Nada além daquela boca perfeita me dando tanto prazer enquanto sua mão, quente e

delicada, também mantinha movimentos uniformes de sobe e desce, exercendo uma pressão deliciosa em quase todo o meu comprimento.

Olhei-a de novo e encontrei seu olhar sobre mim, a expressão sem-vergonha, safada, só me enlouqueceu ainda mais. Caralho, não poder tocá-la agora era o inferno.

— Você está sexy pra cacete, Dolores!

Ela chupou cada gota do meu líquido pré-ejaculatório e umedeceu minha glande novamente com a língua. Voltei a cerrar os olhos quando a senti roçar os dentes superiores ali, mas não de forma que causasse qualquer dor significante, ela fazia isso de forma tão superficial e delicada que eu sentia apenas a pressão atenuante de um movimento lento e torturante executado com maestria. Algo que me deixava louco.

Deus, ela fazia aquilo tão bem.

Quando voltou a me chupar e a usar as mãos agora em minhas bolas, eu senti percorrer o caminho ao ápice com cada vez mais rapidez. Senti-la tomar tudo o que pôde do meu pau em sua boca serviu apenas para aumentar meu estado de êxtase. Então, para me levar ao limite, ela intensificou aqueles movimentos e a maior pressão me fez chamar seu nome enquanto todo o prazer borbulhava em mim, em meu sangue, e me aquecia de um jeito surreal. Dessa vez Lola deixou que eu gozasse em sua boca e engoliu até a última gota.

Um pouco aéreo, momentaneamente perdido, eu precisei de alguns segundos para voltar a abrir os olhos, com a respiração entrecortada, ruidosa. Dolores já estava ao meu lado e me assistia com um sorriso insolente e satisfeito naquele rosto bonito, naqueles lábios perfeitos.

— Se eu soubesse que você fica tão sexy enquanto goza, eu me forçaria a prestar atenção sempre que pudesse — ela disse.

Balancei a cabeça sem acreditar que estava ouvindo-a falar desse jeito.

— Você fica sexy como o inferno quando faz aquela cara de safada enquanto me chupa. Adoro isso — admiti. — Mas é muita perversidade da sua parte não querer que eu me mova, nem mesmo para puxar seus cabelos.

Lola segurou o lençol da cama para cobrir os seios e prendeu os cabelos em um coque. O sorriso que se insinuara em seus lábios antes ainda estava lá.

— Não vou deixá-lo se mexer — avisou irredutível. — Esse é o meu momento de estar no controle e continuará assim.

Arqueei uma sobrancelha, cético, ao ouvi-la dizer isso.

— Você está brincando, não é?

— Não — disse enquanto se sentava sobre a cama, o lençol permaneceu cobrindo seu busto. — Gosto de sentir que tenho o poder de enlouquecer você assim.

Aquilo me fez rir, sem acreditar no que ela dizia. Quando percebi que ela realmente falava sério, eu me sentei à sua frente, perplexo.

— Dolores você consegue me deixar duro com um olhar, precisa mesmo de algo mais para ter certeza de que me enlouquece de todas as formas que existem?

Ela sorriu apenas para me provocar, mas não respondeu. Estava claramente satisfeita com minhas palavras.

Aquele jogo havia começado há meia hora, depois que Gabriel nos acordara porque estava com fome. Era apenas quatro da manhã quando Lola levantou para preparar algo para ele comer. Ontem à noite, após o jantar, ela tentou fazê-lo comer algo, mas ele se recusou irredutivelmente, contudo, a fome parecera ter sido mais forte que seu medo de vomitar novamente há uma hora. Descemos os três para ir à cozinha; Lola repreendendo Gabriel e eu levando-o em meus braços; pois ele continuava sonolento e cansado. Depois de comer algo

leve, tomar um copo de leite e escovar os dentes, Lola o colocou para dormir novamente e ficou com ele até que adormecesse. Entretanto, quando ela voltou ao nosso quarto, não conseguimos mais dormir, então apenas conversamos sobre bobagens por algum tempo. Um beijo provocante foi suficiente para nos fazer mudar a atividade da madrugada.

Agora ela continuava a me provocar e o fazia tão bem quanto sempre. Fitei-a em silêncio por alguns segundos, tempo suficiente para uma ideia maliciosa perpassar minha mente. A tentação de colocá-la em prática foi tanta que decidi ceder à minha própria imaginação. Lola percebeu isso e estreitou os olhos, desconfiada. Após verificar as horas no relógio, percebi que ainda tínhamos mais de uma hora até ela levantar para arrumar Gabriel para ir à escola.

Ela me fitou com uma mistura de divertimento e incredulidade enquanto eu me aproximava novamente; silencioso, sem pressa, com a astúcia e habilidade de um predador faminto; perigoso e insondável. Seu sorriso, anteriormente pitoresco e intrigado, agora remetia a algo mais primitivo e libidinoso. Seus lábios se entreabriram de forma sexy quando eu arranquei aquele lençol de seu corpo e o joguei longe. Ergui seus braços acima de sua cabeça e isso foi suficiente para que ela compreendesse o que eu faria. Dolores pareceu contente com as possibilidades.

Delineei as curvas de seu corpo lentamente, avaliando cada centímetro perfeito e imperfeito; a combinação de tudo o que eu mais venerava. Quando percebi que ela fitava uma parte mais rígida e vigorosa do meu corpo, e que esta respondia depressa ao olhar impudente, precisei me conter e não avançar sobre ela ainda.

Nossos olhares, agora presos um ao outro, estavam cheios de volúpia incontida e desejo. Os corpos, ainda exalando o cheiro de sexo pelo quarto, procuravam se encaixar novamente, da melhor forma a ter o calor do outro. Inclinei-me sobre ela, deixando nossos rostos a míseros centímetros de distância, mas não permiti que ela me beijasse quando tentou, não deixaria que ela tentasse controlar nada mais agora. Enterrei meu rosto em seu pescoço, inspirei seu cheiro gostoso e a beijei ali antes de dizer:

— Eu estou no controle agora. Não se mova — minha voz grave e áspera reverberou pelo quarto, inundando o silêncio que antes era quebrado apenas pela sua respiração arquejante.

Separei suas pernas devagar e me coloquei entre elas, depois as acariciei enquanto seguia para o interior delas. Lola fechou os olhos com força quando mudei o percurso e, ao invés de tocar a parte de seu corpo que mais clamava por atenção, eu envolvi seus seios com as mãos e tomei um deles em minha boca. Dolores gemeu baixinho quando mordi a aréola rígida e extremamente sensível. Faminto, suguei seu seio com força uma, duas vezes, e isso a fez puxar meu cabelo. Era quase como se quisesse me mostrar que eu não deveria parar com o que fazia ali ainda.

— Ah, Aaron — emitiu, os olhos agora conectados aos meus. Suas pupilas já estavam completamente dilatadas. Meu arquear de sobrancelha foi suficiente para fazê-la afastar as mãos de mim. Ela mordeu o lábio inferior para impedir de continuar a gemer, mas fazê-lo foi inútil quando comecei a chupar seu outro seio.

Porra, eu adorava aquela sensibilidade dela. Isso a fazia gemer muito mais, porque Lola não se continha, não tinha frescuras; e eu podia ver em seus olhos, seu corpo, que todos aqueles gemidos eram de verdade, eram a forma que ela encontrava de exprimir o prazer que sentia. E eu adorava cada um daqueles sons emitidos por ela.

Fiz uma trilha de beijos suaves até seu ventre, então, coloquei suas pernas sobre meus ombros e a encarei intensamente enquanto, devagar, aproximava meus lábios de sua boceta úmida e excitada. Lola apoiou sobre os cotovelos para me assistir melhor e arquejou quando usei a língua para lambê-la, seus lábios se entreabriram à medida que eu movia minha língua devagar. Usei uma das mãos para acariciar seu clitóris e fazer movimentos circulares ininterruptos ali. Ela reproduziu um movimento desesperado contra mim, como uma tentativa de me fazer penetrá-la logo, mas não o fiz.

— Mova-se mais uma vez e eu não vou deixá-la gozar — ameacei.

Lola se deixou cair sobre os travesseiros novamente e um novo gemido lhe escapou. Algo entre a frustração e o deleite.

— Você é um filho da puta — ela disse com a voz baixa, rouca, a respiração entrecortada. — Um verdadeiro cretino... porque sabe que isso não vai mudar minha decisão.

— Hum-hum... — emiti enquanto a chupava, fazendo-a contorcer-se em volúpia pura e simples.

Os movimentos sobre seu clitóris foram intensificados e isso a fez voltar a gemer sem qualquer pudor. Eu a penetrei com dois dedos sem qualquer pressa; uma, duas, três vezes antes que ela pedisse que eu fosse mais rápido. Eu estava louco para enterrar meu pau ali, não meus dedos, mas não o faria por enquanto. Contrariando o que ela queria, eu os retirei e voltei a chupá-la agora com mais força, mais fome. Acariciei suas nádegas para acalmá-la e, como um predador que avalia as reações da presa enquanto se aproxima, eu usei um dos dedos ainda molhados para penetrá-la por trás tão lentamente quanto anteriormente. Suas pernas tremeram contra mim e ela as usou para me prender ali. Eu não me importei, não pretendia me afastar até que ela tivesse orgasmos múltiplos e, pela forma que ela gemia e murmurava meu nome, eu sabia que isso estava prestes a acontecer.

Devagar, comecei a mover meu dedo dentro dela em um vai e vem que, por sua expressão, a enlouquecia mais a cada segundo. Lola era tão apertada que a mistura de dor e prazer devia estar deixando-a em dúvida mais uma vez, sem saber exatamente o que sentia e isso a fez perder a razão.

— Meu Deus, Aaron, eu vou... — ela tentou dizer enquanto seu corpo era atingido pelas primeiras ondas e espasmos de prazer do orgasmo. Pincelei sua entrada com a língua e senti quando sua boceta se contraiu ainda mais.

— Goza gostoso pra mim, Lola — mandei. Ela o fez. Gozou para mim, chamou meu nome e se deixou perder completamente no prazer que eu lhe dava. Delirou de prazer e

contentamento por minha causa. Duas vezes seguidas.

O despertador tocou seis e vinte da manhã, mas nem Dolores nem eu nos movemos para desligá-lo. Ela permaneceu em meus braços, seu corpo sobre o meu; quente, ainda suado e sem qualquer inclinação para sair. Compartilhávamos um silêncio confortável, perdidos em divagações enquanto acariciávamos o corpo um do outro.

— Estou exausta e não são nem sete da manhã. — Ela disse ao inspirar profundamente.

— Está achando ruim? — questionei após desligar aquele maldito som insuportável. Senti quando ela sorriu contra meu peito, ainda que não a fitasse.

— Não, eu gosto desse tipo de exaustão — admitiu. Aquelas palavras me fizeram sorrir. — Só estou pensando de onde vou tirar forças para a primeira sessão de fisioterapia mais tarde.

Aquela informação me interessou.

— O médico já marcou a primeira sessão?

— Sim, será hoje às duas da tarde.

— Quem a levará? O João?

— Sim, ele insistiu por isso — respondeu para então se mover sobre mim para me fitar. — Ainda está chateado com vovô, Aaron?

Arrumei seu cabelo para conseguir ver seu rosto melhor.

— Não. Por quê?

— Vocês quase não se falaram ontem. Achei estranho.

— Ele não estava muito feliz com a chegada de Rodrigo — lembrei-a. — Quando está irritado, João tende a se retrair.

— Eu sei. Vovô, assim como eu, não confia em Rodrigo.

Eu já sabia disso.

— Ele machucou você — lembrei-a enquanto acariciava seu rosto. — Tentou te usar pra me fazer sentir o que ele sentiu quando descobriu sobre mim e Fernanda — esclareci. — A raiva que ele ainda sentia de mim pelo que eu fiz não justifica as atitudes dele. Nunca vai justificar. A questão é que manter a distância e o ódio entre nós não nos ajudaria em nada agora. Eu admito que não o abandonaria mesmo se eu não estivesse envolvido nisso, mas ele não é o único que precisa se livrar desse inferno, Lola.

— E isso quer dizer o quê? Que você pode perdoá-lo, mas não vai esquecer?

— É.

Ele não disse nada mais após minha confirmação. Ao repassar suas palavras, eu lembrei de outro contexto no qual elas se encaixavam perfeitamente. A simples lembrança foi insuportável.

— Você também não esquecerá — afirmei elucidando para ela o que povoava minha mente. Lola me fitou por alguns segundos até que compreendeu do que exatamente eu falava.

— Não, eu não vou. — Sua voz soara amarga como se minhas palavras lhe descessem

como o mais áspero e desagradável fel.

Fitamo-nos sem dizer qualquer palavra mais; como se identificássemos e compreendêssemos o que o outro sentia somente através desse olhar e as palavras fossem dispensáveis por isso. Até que eu, sem qualquer pressa, a trouxesse para um abraço. Lola acomodou seu rosto em meu peito e retribuiu o contato.

— Eu sinto muito — admiti, pois, apesar de tudo, eu realmente ainda sentia pelo que havia feito.

— Nós já superamos isso, Aaron. Depois de tudo o que aconteceu, acho que nos tornamos pessoas melhores. Somos um casal melhor também e as circunstâncias foram responsáveis por isso.

Contra o que ela disse, eu não possuía objeções.

Dolores suspirou, vencida, e caímos em um silêncio incômodo para mim. Minutos se passaram até que ela decidiu mudar de assunto:

— Vovô me contou que Robson não conseguiu encontrar o traficante em nenhum dos lugares que Rodrigo sugeriu, mas, em contrapartida, ao invadi-los, parece que a polícia encontrou algumas provas interessantes.

— Esse é um fato preocupante para nós. Carlão tem que ser encontrado o mais rápido possível.

Lola concordou. A pausa que se seguiu foi curta e ela logo acabou com o abraço para me fitar, por algum motivo não identificado por mim sua expressão era risível. Ela parecia ter se lembrado de algo que a havia surpreendido.

— Você viu como ele cuida da Alícia? — ela indagou ao puxar o lençol para se cobrir. A mudança abrupta de assunto não me incomodou. — Por um segundo, eu quase esqueci que

era o babaca do Rodrigo.

Fechei os olhos por um momento, tentei não rir. Quando voltei a fitá-la, meu semblante já estava mais despreocupado.

— Eu não acredito que ouvi você dizer isso de Rodrigo. Um elogio? É isso mesmo, Lola?

Ela apertou os olhos para mim.

— Não é um elogio, é uma observação. Não vou elogiar um homem por isso, ele não faz mais que a obrigação, principalmente agora que Fernanda não está com Alícia.

— Ok — murmurei ao levantar as mãos em sinal de rendição, ainda que meu sorriso se mantivesse inabalado. — Admito que eu também me surpreendi ao ver aquele lado dele. Nunca achei que o veria ter tanto cuidado com uma única pessoa.

— Mabel também pareceu orgulhosa dele — Lola comentou.

— Ela realmente está — concordei, meu sorriso aumentou ao lembrar de como mamãe assistia Rodrigo ajudar Alícia a se servir ontem no jantar. — Natasha também está extremamente boba, agora que conheceu Alícia.

Meu comentário fez Dolores rir. Ela arrumou o lençol em volta de seu corpo e levantou da cama, pousou a perna, que até ontem estava com gesso, devagar no chão, mas acabou desistindo de tentar ir ao banheiro sem as muletas e as pegou.

— A Nat é muito amorosa — ela disse ao me fitar uma última vez. — Não dou uma semana para o Rodrigo também começar a tratá-la como a irmãzinha mais nova que precisa que alguém controle até a quantidade de açúcar que ela ingere — provocou, fazendo-me semicerrar os olhos.

— Você está insinuando que eu faço isso? — indaguei ao levantar também, mas não me

importei de pegar o edredom para cobrir minha nudez.

Lola umedeceu os lábios e me avaliou de cima a baixo antes de dizer:

— Nós dois sabemos que você *faz* isso, não tente negar. — Ela recompôs-se voltando ao banheiro. Eu a segui.

— Ok, eu faço, mas é apenas para garantir que ela...

Dolores me interrompeu:

— Não tenha diabetes. Nat me disse.

Lola parou à frente do banheiro quando percebeu que eu estava às suas costas.

— É impressão minha ou você está debochando de mim? — perguntei contra o seu ouvido. Envolvi sua cintura com um braço antes de pegar suas muletas e deixá-las para trás. Eu a ergui em meus braços e descartei o lençol que estava em seu corpo.

— Por que eu debocharia da sua obsessão e preconceito contra barras de chocolate e sorvete? — ela questionou ao invés de me responder. Dolores empurrou a porta do banheiro para fechá-la após entrarmos.

Eu a deixei sobre o balcão de mármore da pia e sussurrei contra o seu ouvido:

— Você estava certa quando disse que sua companhia constante é intragável.

Lola sorriu de uma maneira travessa completamente irresistível e eu precisei me afastar para não a agarrar novamente.

— E só estamos juntos aqui há vinte e quatro horas — ela completou.

Eu estava prestes a concordar com algo que Dolores me disse há muito tempo; estava me comportando como um satiromaníaco. Bastava olhá-la como agora, sorrindo daquele jeito, com aquela mistura de provocação e felicidade sincera que ela sequer sabia o que provocava em mim, nua sobre o balcão do meu banheiro, ainda com provas irrefutáveis das melhores preliminares que já tivemos; que eu já pensava em como tê-la novamente. Mas, desta vez, eu precisava que meu pau estivesse dentro dela, não somente meus dedos ou minha língua.

Liguei o chuveiro e deixei a porta do boxe aberta o suficiente para que nós dois pudéssemos entrar juntos. Quando eu já estava perto novamente, Lola envolveu minha cintura com suas pernas. Interrompi minha própria respiração ao senti-la quente, macia e lisinha contra mim. Uma delícia.

— Porra, não me provoque — pedi. — Você está exausta e tem menos de vinte minutos para acordar e arrumar Gabriel.

— Pensei melhor, acho que terei muito tempo para me recuperar depois, quando você estiver em Gramado. E ainda não decidi se Gabriel está bem o suficiente para ir à escola hoje.

— Talvez sua presença não seja tão intragável assim — admiti ao tirá-la do balcão e levá-la para dentro do boxe. — Eu já havia esquecido essa viagem.

— Vamos fingir que eu não o lembrei dela então — sussurrou contra meu ouvido.

Quando a água quente começou a nos banhar, nós já nos beijávamos ardentemente e qualquer possibilidade de atraso já havia sido esquecida.

Ao entrarmos na sala de jantar para o café da manhã, notei que mamãe estava sentada ao lado de Alícia hoje e a ajudava a cortar as frutas. Rodrigo ainda não estava aqui, nem Natasha, algo que compreendi já que são somente sete e quarenta da manhã. Apenas mamãe e João tem a mania de acordar tão cedo.

— Bom dia — cumprimentei os três enquanto seguia para o meu lugar. Lola também cumprimentou os dois e se aproximou de Alícia para apresentá-la a Gabriel.

Me servi de suco, omelete e alguns pães de queijo, mas antes de comer qualquer coisa, minha atenção foi desviada para Gabriel e Alícia, ele parecia encantado com ela e tinha um sorriso tímido estampado no rosto.

Ah, então aquela desconfiança dele foi apenas comigo?, perguntei-me mentalmente.

Quando Lola se sentou ao meu lado e começou a ajudar Gabriel, João me fez uma pergunta corriqueira sobre o trabalho e iniciamos uma conversa. Nesse meio tempo Natasha também se sentou à mesa, ao lado de Gabriel.

— Bah[5], vovó! — A voz de Alícia me chamou atenção enquanto Marissa me servia uma xícara de café. — Mamãe e eu sempre fazemos uma surpresa para ele, mas o dia já está chegando e ela não está aqui... Onde ela está? Por que viajou sem se despedir de mim?

Mamãe me fitou, como se pedisse ajuda para dar uma resposta à menina, mas eu também não soube o que dizer, não continuaria a mentir para ela desta forma.

— Do que está falando, Ali? — Nat perguntou.

— O aniversário do papai está chegando. Eu contei os dias, sabe? No hospital, a vovó da Carolina também fez um calendário coloridinho pra mim, porque assim eu poderia saber quais dias eu teria o teste Q, aí eu marquei o aniversário do papai lá, mas a mamãe não está aqui para fazermos uma surpresa para ele quando o dia chegar.

Natasha se voltou para mim, surpresa.

— Dia trinta e um! — exclamou, alegre. — Meu Deus! Como eu pude me esquecer disso?!

— É? — Dolores e eu perguntamos ao mesmo tempo, foi mamãe quem confirmou.

Eu sempre fui péssimo com datas de aniversários, dificilmente lembrava do meu próprio. Nos últimos anos fui surpreendido por Natasha, Suzana e mamãe me fazendo bolos e me dando presentes.

— O que é teste Q? — Gabriel perguntou com o cenho franzido. — E por que você estava no hospital?

Alícia se voltou para ele.

— O teste Q é como nós chamamos a nossa prova de força lá no hospital. É a senhora Quimio que faz ele na gente... Olha, eu não gosto muito da Senhora Q porque ela me machuca e me deixa fraca às vezes, mas a mamãe me disse que eu preciso dela pra ficar boa e que a senhora Q só está me ajudando. — Ela fez uma pausa para pegar uma das uvas que mamãe havia colocado para ela. A menina continuava alheia à forma que todos à mesa a fitavam, não com pena, mas com admiração, mesmo com a forma que suas palavras pareciam ter nos atingido profundamente. — Eu já tenho quatro estrelinhas de força, sabia? — ela perguntou a Gabriel, orgulhosa de si mesma. Então, se aproximou um pouco mais da mesa e sussurrou: — Na semana que vem eu vou ganhar as duas últimas e quero dar elas de presente pro papai, mas é surpresa, tá? Não conte pra ele.

— O que é uma surpresa para mim, Ali? — Rodrigo perguntou, nos surpreendendo ao entrar na sala.

Ela se iluminou completamente ao vê-lo e, com a ajuda de mamãe, desceu da cadeira em

que estava para ir até ele devagar. Rodrigo a levantou em seus braços e beijou as bochechas da filha.

— Ah, papai, se eu contar não vai ter graça, né?

Rodrigo sorriu para ela — um sorriso bobo, de pai completamente apaixonado pela filha, e eu não pude me impedir de fazer o mesmo. Na verdade, até mesmo Dolores sorriu ao ver aquela cena.

— Venha, querido, sente-se — mamãe o chamou e somente neste momento ele percebeu que todos o assistiam. Rodrigo apertou os lábios e veio até a mesa. Era evidente que algo não o agradava ali e eu sabia que esse algo era sentir-se exposto diante de todos. Ele nunca teve problemas com relação a isso, diferente de mim, logo, me surpreendi ao vê-lo assim.

— Já decidiu que tatuagem fará esse ano, Aaron? — Natasha me perguntou assim que todos voltaram a prestar atenção aos seus pratos.

— Não — respondi-lhe. Sequer lembrava do meu aniversário, como lembraria disso?

— Tatuagem? — Lola indagou, sem entender.

— O Aaron faz uma tatuagem todos os anos, em seu aniversário — Nat explicou. — No ano passado ele me deixou escolher o que tatuaria!

Dolores terminou de cortar uma maçã para Gabriel e se voltou para mim, havia um sorriso genuíno em seus lábios. Porra, aquele sorriso sempre me pegava desprevenido. Naquele instante eu quis tatuá-lo. Adorava vê-la sorrir daquela forma.

Apenas pelo brilho que atravessou seus olhos, eu pude notar que ela havia gostado daquela informação.

Olhei para o meu relógio de pulso e xinguei em voz baixa ao perceber que me atrasaria.

Precisava ir à empresa resolver a questão do novo escritório de advocacia e pegar o relatório que pedi à Lilian. Faríamos a viagem de helicóptero para Gramado apenas à tarde.

— Bem, eu preciso ir — avisei a todos ao levantar. Natasha, mamãe e Alícia disseram um, quase uníssono, "tenha um bom-dia". Antes de sair, eu me inclinei para falar com Dolores. — Esqueci de pedir que Marissa arrume uma mala pequena para mim, você pode avisar ela?

— Posso arrumar. Não se preocupe — ela disse após me dar um selinho. — Tenha um bom-dia.

— Obrigado — agradeci e lhes desejei um bom-dia ao sair. Subi as escadas rapidamente para ir escovar os dentes e pegar meu celular antes de sair.

Na terça-feira, quando Bruno foi buscar Dolores, João e Gabriel na casa dela, eu pedi que ele também levasse um dos seguranças consigo para trazerem meu carro de volta para cá. Foi um alívio entrar na garagem e vê-lo lá. Eu gostava daquele carro, foi o segundo que consegui comprar com meu próprio dinheiro e era bom ainda ter algo completamente meu aqui.

Cerca de oito e vinte da manhã, eu estacionava meu carro à frente da empresa — no estacionamento aberto. Peguei minhas chaves e guardei o celular no bolso antes de sair do veículo e ligar o alarme. A manhã não estava tão fria quanto de costume, o sol estava fazendo seu papel bem hoje.

— Aaron? — Ouvi alguém me chamar e girei sobre meu próprio eixo para saber de quem se tratava. Antes que visse qualquer rosto, fui atingido por um soco forte o suficiente para me desestabilizar e quase me fazer cair.

— Mas que porra... — tentei dizer ao me voltar para o homem que havia me atingido, mas tudo o que consegui enxergar foram três brutamontes antes que fosse golpeado com algo sólido, como ferro, nas pernas e isso me levasse ao chão imediatamente. O impacto da queda

tanto quanto a dor do golpe, me desnorteou por alguns instantes.

Um homem alto e loiro se aproximou e chutou meu tronco com força, me tirando o ar dos pulmões e fazendo uma queimação terrível se espalhar por toda a minha caixa torácica. Um xingamento me escapou em forma de gemido ao receber o segundo chute, desta vez fora meu estômago a sofrer as consequências daquela pancada. Bastou apenas um segundo a mais para que a surpresa se esvaísse e a dor se fizesse presente em diversas partes do meu corpo. Eu sentia como se a porra de um tanque de guerra tivesse passado por cima das minhas pernas, elas latejavam de uma forma agonizante e insuportável. Respirar também era um suplício.

Eu sequer conseguia tentar me defender daquele bastardo.

— Diga àquele filho da puta, que eu vou encontrá-lo. Se Alícia não for minha filha mesmo, se ela for fruto de uma porra de traição daquela vadia, eu a mato na frente dos dois.

As palavras ecoaram diversas vezes em minha mente até que eu finalmente conseguisse transpor as dores excruciantes e compreender a raiva imposta em todas as frases articuladas por aquele homem, assim como o sentido e significado de cada uma daquelas palavras.

Porra! O traficante.

Ele se abaixou para ficar de cócoras à minha frente. Ouvi o som de três armas sendo engatilhadas simultaneamente, mas, por algum motivo, eu não senti qualquer arrepio de temor se espalhar por minha espinha, nenhum resquício de medo ou qualquer coisa do tipo me invadiu. Um pensamento estúpido me fez acreditar que desmaiar naquela situação seria uma dádiva, ao menos daria um fim àquele latejar lancinante.

O homem segurou meu braço com força e me girou no chão, para encará-lo certamente, mas esse maldito movimento fez a dor aumentar ainda mais em minhas costelas.

Apertei os olhos para filtrar a luz solar e conseguir fitar o homem. Encontrei olhos azuis

ameaçadores, sanguinários e furiosos me avaliando atentamente.

— Dessa vez você fica vivo. É bom que repasse o meu recado àquele filho da puta.

O homem loiro ainda me chutou uma vez mais após levantar.

— Os dias dele estão contados — avisou antes de sair.

Ouvi a porta de um carro ser aberta e depois seus pneus cantarem no asfalto. Segundos foram suficientes para que eu fosse rodeado de pessoas e dois seguranças. Somente neste momento compreendi o motivo de terem engatilhado as armas. Era um aviso claro para os seguranças não se aproximarem.

Olhei o céu azul com algumas nuvens sobre mim e as palavras do traficante reverberaram novamente por minha mente.

Caralho! Esse inferno sempre conseguia ficar pior, pensei enquanto um dos seguranças me perguntava algo. *Uma semana procurando aquele filho da puta em São Paulo e ele estava aqui. Mas há quanto tempo?*

— Senhor? — O segurança conseguiu capturar minha atenção ao tentar mover meu corpo e fazer a sensação pungente em mim se alastrar ainda mais. Eu o xinguei em voz baixa. — Está tudo bem? Como se sente?

Revirei os olhos.

— Sinto como se tivesse levado uma surra — respondi com sarcasmo e mau humor denotado em cada maldita palavra. — Mas estou bem.

— Desculpe, senhor — ele murmurou, constrangido, ao guardar sua arma.

Me limitei a tentar apenas respirar enquanto ouvia alguém chamar uma ambulância,

queria dizer que não era necessário, mas a ideia de levantar daquele chão sem uma maca era assustadora.

Contusões novas: ataduras novas. Alguns analgésicos também ajudaram a diminuir minhas dores nas pernas e costelas antes que eu fosse liberado para voltar para casa. À medida que as horas se passavam, eu sentia minhas pernas ficando doloridas, por isso me recusava a ficar apenas sentado. Não aguentaria andar depois se estivesse com as pernas doloridas e ficar quieto apenas aumentava a probabilidade de isso acontecer.

Lilian estava comigo na emergência, e falava ao telefone com algum idiota — como ela mesma chamou — que era incapaz de entender que as reuniões haviam sido canceladas, assim como a viagem para Gramado — essas também eram suas palavras.

Segundo o médico ficarei pelo menos dez dias sentindo dores, mas havia um lado bom, surpreendentemente eu não havia quebrado nenhuma costela, apenas machucado a que estava quase recuperada. Devia haver uma marca roxa em meu rosto também, mas ela era irrelevante comparada ao resto. Ao menos para mim.

Quando pedi que Lilian contatasse o motorista da família, pedi também que o informasse de que eu não queria que contasse a ninguém que eu estava no hospital. Tudo o que eu não precisava era Natasha e mamãe completamente desesperadas atrás de mim. Pensei em avisar apenas Dolores, tinha certeza de que ela seria mais contida, mas sabia que a preocuparia saber onde estou, ainda que eu afirmasse que não era nada grave. Isso me fez desistir.

Após uma dificuldade absurda de entrar no carro com tantas dores, que apesar de serem

menores agora, se acentuavam sempre que eu fazia qualquer movimento longo ou rápido demais, como me inclinar, por exemplo, deixamos o hospital.

Era mais de onze da manhã quando cheguei em casa novamente. Bruno me ajudou a subir as escadas da entrada e abriu a porta para mim. Tentei respirar profundamente, como uma preparação para o que viria, mas desisti quando isso me trouxe uma nova agonia. Inferno!

Sentados sobre o tapete da sala, à frente da TV, estavam Dolores, Alícia, Gabriel e Natasha e pareciam brincar com algum jogo. A atenção de Lola foi a primeira a se voltar para mim quando fechei a porta e o divertimento em seu semblante foi rapidamente trocado por um misto desolador de preocupação, medo e apreensão. Com dificuldade, ela levantou de onde estava, mas desta vez não pegou a muleta, não pareceu nem mesmo ter se importado com a dor que devia estar sentindo ao vir mancando até mim, enquanto o meu nome era sussurrado de forma aflita por ela.

— O que aconteceu? — perguntou ao tocar meu rosto com cuidado. Seus olhos vagaram por todo o meu corpo e, ao notar a forma desleixada que minha camisa estava abotoada, ela também percebeu as ataduras e sua preocupação aumentou, mas agora também havia raiva em seus olhos. — Quem fez isso?

Natasha chamou minha atenção, desesperada, antes de vir até mim, então Alícia e Gabriel também levantaram de onde estavam e vieram até onde nós estávamos.

— Quem fez isso com você? — Gabriel perguntou, com as lágrimas já brotando de seus olhos. Alícia também pareceu preocupada.

— Eu estou bem — garanti. — Foi um assalto — menti, mesmo que odiasse fazê-lo. Sequer precisei olhar para Dolores para saber que ela não havia acreditado, mas ela não perguntou nada mais, obviamente não o faria na frente das crianças e de Natasha, que não sabia nada sobre o que estava acontecendo e já chorava.

Rodrigo desceu as escadas em seguida e franziu o cenho ao ver todos tão perto de mim, mas não demorou a compreender que algo de errado havia acontecido.

Até mesmo ele pareceu preocupado.

— Eu estou bem, Nat. Não chore — assegurei.

Gabriel se aproximou também, seu rostinho já banhado de lágrimas, e me surpreendeu ao abraçar minhas pernas — mesmo que isso doesse um pouco.

— Ei — eu o chamei no tom de voz mais suave que consegui. Não achei que ele ficaria assim por minha causa e, de qualquer forma, não queria vê-lo assim por nenhum motivo —, eu estou bem. Não se preocupe, ok?

— Vamos subir, maninho — Rodrigo me chamou. A preocupação já não estava visível nele, somente a fúria muito bem contida e escondida de todos que não o conhecessem tão bem quanto eu.

Eu concordei com ele e, depois que consegui acalmar Gabriel, Rodrigo me ajudou a subir todos os malditos e intermináveis degraus da escada. Ouvi Lola tentando conversar com Gabriel e Alícia, ela fazia o possível para tranquilizá-los, assim como a Natasha. Graças a Deus, mamãe devia estar em seu estúdio, pintando. João provavelmente estava com ela, lendo algum livro ou jornal.

— Aquele filho da puta está aqui, não está? — Rodrigo indagou em voz baixa enquanto me ajudava a subir o último lance de escadas. Eu me limitei a confirmar com um meneio de cabeça.

Finalmente acomodado em minha cama, eu assisti em silêncio, circunspecto, Rodrigo andar de um lado a outro no enorme quarto. Ele dizia algo sobre ter começado a acreditar que Carlão já não estava em São Paulo, mas estava tão surpreso quanto eu por aquele filho da

puta estar aqui, em Porto Alegre, tão perto de todos nós. Me desliguei do que Rodrigo dizia, permitindo que ele exprimisse todos os seus xingamentos e expressões de ódio, e comecei a recordar das coisas que aquele traficante disse. Analisei cada palavra, cada sentença, cada informação implícita até finalmente confirmar algo que já começava a desconfiar enquanto estava indo para o hospital, há três horas.

Fitei Rodrigo alguns minutos depois, eu havia dito para ele esperar até que Dolores se juntasse a nós, pois eu não queria ter que dizer o mesmo duas vezes — na verdade, eu queria avaliar a expressão de Rodrigo, perscrutar nele qualquer possibilidade de ter alguma ideia de onde Carlão poderia estar aqui, mas ele estava mais focado na raiva que o dominava e sequer tentava avaliar a situação.

Dolores chegou ao quarto no instante em que eu formulei uma pergunta para fazer a Rodrigo, mas desisti de fazê-la tão logo vi Lola. Ela respirou fundo ao me ver sobre a cama e fechou a porta do quarto antes de vir até mim devagar, agora utilizava a muleta novamente.

Preocupação. Fúria. Descrença. E, eu podia afirmar com certeza, um brilho assassino também estava em seus olhos.

Ela ignorou a presença de Rodrigo, que finalmente parara de dar voltas no quarto, e se aproximou da cama para sentar ao meu lado.

— Eu estou bem — repeti pela quinta ou sexta vez nos últimos dez minutos. Ela apenas verificava meus machucados em silêncio.

— Isso é evidente, Aaron — retrucou com um ínfimo traço de ironia acentuado em seu tom, então usou a mão direita para avaliar algum machucado em meu rosto. Cerrei os dentes ao sentir seu polegar tocar um ponto dolorido que provavelmente estava roxo. — O que houve? Tentaram sequestrar você novamente?

Acenei, negando, então fitei Rodrigo do outro lado do quarto também.

— Depois da última tentativa, não acho que Carlão acredite que Rodrigo e eu temos algum contato que seja controlado por mim.

— Ele sabe que você já deu dinheiro a Rodrigo — Lola me lembrou. Não me surpreendi com sua lembrança pertinente, ela provavelmente começara a aguçar suas lembranças da noite em que fomos sequestrados desde que chegou à conclusão de que aquele traficante teria tentado algo contra mim novamente.

— E ele não sabe que fui eu a ajudá-los a sair daquele galpão — Rodrigo completou. — Não há porque achar que temos contato constante. O que ele queria?

— Ele foi bastante sucinto — contei. — O encontro foi para me dar um aviso: ele já sabe que há uma chance de Alícia não ser filha dele.

— Porra! — Rodrigo xingou, fechou os olhos e usou as mãos para cobrir o rosto.

— Estamos na mira dele, com certeza. Quando cheguei à empresa, ele já estava no estacionamento.

Lola expirou fortemente, exausta daquele assunto. Peguei sua mão que continuava em meu rosto e a segurei entre as minhas com cuidado. Eu odiava saber que ela estava metida nisso por minha causa. De novo.

— Tem ideia de algum lugar para ele estar aqui na cidade? — Lola perguntou a Rodrigo, mesmo sem encará-lo.

Olhei para Rodrigo novamente a tempo de perceber que a pergunta o surpreendera. Ele não respondeu de imediato, apenas pensou por alguns momentos, mas não vi qualquer centelha que evidenciasse uma descoberta.

Batidas soaram na porta do quarto e, segundos depois, mesmo sem permissão, mamãe e João entraram no cômodo. Precisei de muito poder de persuasão para fazer mamãe acreditar

que eu havia sido assaltado, mas que ficaria bem em pouquíssimo tempo. João permaneceu em silêncio ouvindo minhas palavras, se certificou de que eu estava bem realmente e, minutos depois, deixou o quarto com mamãe, para acalmá-la. O último olhar que ele dedicou a mim, antes de fechar a porta do quarto de novo, me disse apenas que mais tarde teríamos uma conversa.

Não percebi quando Rodrigo deixou o quarto, mas quando me vi sozinho com Dolores, eu decidi contar o que decidira omitir de Rodrigo por não querer que ele tomasse qualquer atitude impulsiva e impensada.

— Acho que Fernanda está viva.

Lola me encarou perplexa. Seus lábios se entreabriram algumas vezes para dizer algo, mas ela desistiu em todas elas.

— Carlão afirmou que matará Alícia na frente dos dois, Fernanda e Rodrigo, se ela não for filha dele.

Desta vez, Dolores ficou boquiaberta.

— Por que ele faria Rodrigo acreditar que a matou então? — perguntou, sem entender.

— Talvez quisesse fazê-lo sofrer e, depois de ter Alícia, ficar com as duas. O fato é que se ele sequestrou Fernanda, é porque acreditava convictamente que Rodrigo cederia quando a vida dela fosse ameaçada.

— Mas isso não aconteceu e ele ficou com ainda mais raiva. Sinceramente, não entendo por que ele não a mataria.

— Pelo mesmo motivo que não a matou após descobrir que ela havia encenado a própria morte para fugir dele, talvez?

Dolores uniu as sobrancelhas, parecia também tentar fazer minhas palavras e as atitudes daquele traficante fazerem algum sentido.

— Não quero imaginar como ele a está mantendo presa, se ela estiver mesmo viva — Lola murmurou. — Aquele filho da puta queria nos *queimar vivos* e nós sequer fizemos algo contra ele.

Lola tinha razão.

Tentei respirar fundo mais uma vez e grunhi de ódio após desistir. Ainda doía como o inferno tentar fazer isso. Lola percebeu e se aproximou devagar para se recostar à cabeceira da cama, como eu, e entrelaçar sua mão a minha.

— Rodrigo entrará em contato com Robson para avisar sobre o que aconteceu — ela disse.

— Ótimo. Embora eu não goste de admitir, ele é o único que pode realmente nos ajudar agora. — Fiz uma pausa ao lembrar das ordens que dei a Lilian mais cedo. — Já deixei um aviso para os seguranças da empresa sobre qualquer carro ou pessoa suspeita rondando a construtora. Quero ser avisado se isso acontecer. Com a placa de um carro com GPS é possível descobrir a localização dele.

— Vai contar ao seu irmão?

Expirei devagar ao ouvir aquela pergunta, ainda estava em dúvida sobre isso, contudo, precisaria fazê-lo, sabia que sim. Não podia esconder aquele fato de Rodrigo. Ele não me perdoaria.

— Vou, só não sei como fazê-lo ainda — admiti. — Não posso ignorar o fato de que aquele traficante também pode estar mentindo. Ele já o fez e pode tentar de novo.

— A decisão sobre isso é de Rodrigo, Aaron. Você não dará certezas a ele, mostrará uma

possibilidade. Rodrigo decidirá se acreditará ou não.

— E como agirá ou não — completei, pois essa indefinição realmente me incomodava... E, inevitavelmente, também me preocupava.

O rumo desta história estaria nas mãos de Rodrigo agora. Um fato incontestável nesta situação era: assim como eu, ele faria tudo por sua família. E Fernanda fazia parte dela.

Vinte

“Nos perderemos entre monstros
Da nossa própria criação
Serão noites inteiras
Talvez por medo da escuridão
Ficaremos acordados
Imaginando alguma solução
Pra que esse nosso egoísmo
Não destrua nosso coração”
Será – Legião Urbana

A aparição repentina de Carlão conseguiu nos deixar ainda mais preocupados e tensos que antes, assim como o número infindável de perguntas sem respostas que crescia a cada minuto que passava.

Olhei para o rosto de Rodrigo à minha frente, sua expressão colérica acentuava apenas a

determinação em nos livrar daquele traficante. Eu sabia que o silêncio dele não era bom sinal nesta situação. Rodrigo estava sério demais, pensativo demais e eu, nem que quisesse, não notaria isso.

Depois de falar com Robson, ele voltou ao meu quarto para conversamos. Dolores, após me ajudar a tirar as ataduras, tomar um banho e trocar de roupa, desceu para ajudar mamãe e Marissa com o almoço.

— Robson só conseguirá pegar um voo para cá amanhã.

— O que decidiram fazer? — indaguei.

— Ele falará com o chefe dele e tentará conseguir o apoio necessário para começar a procurar Carlão aqui em Porto Alegre.

— Pelo que me lembro, ele também disse que há alguém na federal que pode ser informante de traficantes.

— Ele não é louco. Não será estúpido o suficiente de permitir que essa pessoa o acompanhe até aqui — Rodrigo garantiu enquanto continuava a andar de um lado a outro no quarto. Eu apenas o acompanhava com o olhar, escrutinando em toda e qualquer mudança em sua feição, algo que me indicasse que estava ocultando alguma informação de mim. Contudo, por mais que obviamente estivesse aqui, sua mente parecia perdida em pensamentos que o levavam a outro lugar.

— Rodrigo, você tem alguma ideia de onde esse traficante possa estar? — Minha pergunta o fez parar abruptamente, expirar com força e se voltar para mim.

Eu estava certo de que responderia “não” sem qualquer remorso, mas, ao me fitar, algo mudou em seu olhar.

— Sim — respondeu, por fim. Então voltou a andar, agora sem me encarar. — Ele

costumava verificar como andava uma boate na qual é sócio e tem uma casa aqui na cidade também.

— E você pretendia não me dizer isso?

Ele não negou.

— Rodrigo... — tentei dizer, mas ele não permitiu.

— Ele poderia ter matado você, Aaron. — Aquilo conseguiu me deixar em silêncio. — E não matou. Ele não perde a chance de matar ninguém. Carlão não perdoa, não esquece e não livra a cara de ninguém se não tiver um interesse por trás disso.

— O que acha que ele ainda pode fazer?

— Eu não faço a mínima ideia. — Então ele, novamente, parou de andar e após morder o lábio inferior, disse: — Quero ir atrás dele. — Antes mesmo que eu abrisse a boca para objetar, ele concluiu: — Hoje.

— Por isso não queria me contar? — inquiri enquanto, com cuidado, me levantava daquela maldita cama. — Vai atrás dele e fará o quê? Vai passar por todos os capangas dele e matá-lo?!

A forma com a qual ele apertou os olhos me disse apenas quão enfurecido meu comentário irônico o deixou.

— Eu quero verificar se esse filho da puta está onde eu acho que está.

— Como se você fosse se segurar e apenas verificar mesmo — debochei.

— Vai pro inferno, Aaron!

Ele tentou deixar o quarto, mas eu já estava próximo o suficiente para impedi-lo. Cerrei o maxilar ao empurrá-lo contra a porta e fechá-la com força, a droga do movimento fez uma maldita dor suscitar em meu tronco de novo.

— Vamos pensar que ele está contando com minha ajuda, que eu fale para você sobre ele estar aqui na cidade. Quantos possíveis lugares ele sabe que você cogitaria procurá-lo? — perguntei como uma forma de tentar fazer um pouco de sensatez alcançá-lo. Rodrigo franziu o cenho e cessou as tentativas de me afastar. Bastou apenas isso para que eu soubesse que ele finalmente estava pensando como eu.

— Ele não sabe que eu sei sobre essa casa — contou. — E que ele a usava para se esconder, tampouco que eu sei de seus negócios em uma das boates mais badaladas da cidade.

— E como você sabe sobre isso?

— *Fernanda* — respondeu como se fosse o óbvio. — Quando fugimos de São Paulo para Gramado, ela me falou de todos os lugares que Carlão frequentava quando vinha para esse Estado. Foi mais fácil para nós o evitarmos assim.

Soltei-o e coloquei certa distância entre nós, já estava um pouco mais calmo também. Ao menos esse era um bom sinal: estávamos um passo à frente de Carlão em relação a isso.

— Lola lembrou de algo sobre o último sábado — avisei-o. — Foi o dia em que ficamos sabendo que Carlão fugiu e o dia em que encontrou Fernanda. Mas aquele filho da puta estava em São Paulo e ela aqui em Porto Alegre.

Rodrigo permaneceu em silêncio.

— Então é óbvio que ele já estava aqui desde sábado. Deve ter fugido e vindo se esconder na cidade. Fomos idiotas o suficiente para ignorar esse fato.

— Aaron... — Rodrigo tentou dizer algo, mas não permiti.

— E tem outra coisa. — Voltei minha atenção para ele. — Carlão deu a entender que Fernanda está viva.

Rodrigo empalideceu. Choque, surpresa: nada servia para denominar com precisão o que havia em sua expressão.

— O quê? — foi o que ele perguntou assim que saiu da letargia mental em que se encontrava.

— Não sabemos se é verdade, ele deu a entender isso, mas pode estar apenas querendo atrair você novamente.

— Como assim, porra? Ela está viva?! — ele gritou.

— *Não* temos certeza. Aquele filho da puta só me disse que se Alícia não for filha dele, ele a matará na frente de vocês dois, você e Fernanda.

Rodrigo cerrou os olhos e tentou levar ar aos pulmões, mas claramente não conseguiu. Quando voltou a me fitar, um brilho de raiva e emoção estava em seus olhos. A simples possibilidade de Fernanda estar viva o deixava assim.

— Tenho que ir atrás dele. — Foi tudo o que ele me disse. — Se Fernanda estiver viva, se estiver... — ele interrompeu — tenho que encontrá-la.

— Rodrigo...

— Não, caralho! — ele gritou, furioso. — Não me diga que isso é estúpido, porque não é! Se Fernanda estiver mesmo viva, aquele filho da puta já a machucou de todas as formas que poderia! Minha mulher deve estar definhando nas mãos daquele assassino sádico. Acha que vou ficar parado ciente disso?!

— Porra, Rodrigo! — gritei, mesmo que isso me machucasse como o inferno. — Não seja tão inconsequente! Não estou dizendo para ficar parado, estou dizendo para pensar antes de agir! Eu sei que aquele filho da puta já fodeu demais com a vida de vocês, não podemos deixar que ele continue a fazê-lo e para isso não podemos tomar atitudes sem pensar nas consequências. Seja racional ao menos uma vez na vida!

Ele expirou com força e socou a porta uma vez. Bravo, enfurecido e, a cada segundo que passava, mais descontrolado.

— Lembre que agora nós também estamos envolvidos nisso, não somente você e Fernanda. Suas decisões não dizem mais respeito a apenas vocês dois, Alícia e o resto da sua família também sofrerão as consequências delas.

Rodrigo se manteve de costas para mim, as mãos cerradas pressionadas à porta com força, ele respirava pesadamente, mas eu sabia que procurava apenas algum tipo de calma, qualquer porra que o ajudasse a pensar direito agora.

O tempo que ele precisou para, finalmente, se acalmar me serviu para pensar no que ele me disse desde que veio aqui, com estas poucas informações eu me forcei a pensar em algo para resolver essa situação. Precisávamos encontrar uma saída, rápido!

— O que sugere? — ele perguntou minutos depois.

Desviei minha atenção da janela da sacada e olhei para ele, que já me encarava resignado.

— Vamos descobrir se há alguém no lugar em que você acredita que esse filho da puta está. Eu não preciso ir lá para descobrir isso, nem mesmo você.

— E depois? E se ele estiver lá?

— Eu não sei. Uma coisa de cada vez, Rodrigo. — Fiz uma pausa ao lembrar de algo. — Não acredito que ele esteja com um número grande de capangas. Hoje de manhã havia

apenas três com ele.

Rodrigo não me deu qualquer resposta afirmativa ou negativa, porém, seu silêncio naquele instante era muito eloquente.

Eu não compreendia como nem por que, mas ele tinha certeza de que Carlão estava lá.

Após o almoço, fui até meu escritório conversar com João, precisava contar a ele o que havia acontecido e o que planejávamos fazer mais tarde — eu já havia pedido que um dos seguranças fosse ao local indicado por Rodrigo para verificar se estava realmente ocupado. Agora aguardava uma resposta.

O suspiro cansado do homem à minha frente me fez refletir sobre tudo o que ele poderia estar pensando agora. João ouviu tudo o que eu disse em silêncio e sua expressão não me deu qualquer brecha para descobrir o que se passava em sua mente.

— Pensaram na possibilidade de esse filho da puta já saber onde você mora? — ele inquiriu alguns minutos depois. — Se Fernanda estiver viva, ela também pode ter dito algo. Se ele está em Porto Alegre desde sábado, ele já teve tempo suficiente para descobrir isso.

— Mas não há como ele saber que Alícia e Rodrigo também estão aqui — afirmei.

— Como pode ter certeza disso, Ricardo?

— Bom, se ele soubesse certamente já teria ao menos tentado invadir esta casa.

João não relevou minhas palavras e prosseguiu:

— Se está óbvio que aquele traficante está armando algo, vocês não podem descartar nenhuma possibilidade.

— Mas ele pode realmente estar em um dos lugares que Rodrigo desconfia — lembrei-o.

— Ou pode estar tentando atrair vocês para lá.

Foi minha vez de suspirar, cansado.

— Ele não sabe que Rodrigo tem qualquer ideia de onde ele possa estar se escondendo. — Isso deixou João em silêncio por um intervalo curto de tempo. — No que está pensando?

— Há algo errado aí. Esperem Robson chegar. Ele me garantiu que estará aqui amanhã à tarde.

— Rodrigo não vai esperar. Ele acredita que, se Fernanda está viva, Carlão está torturando ela.

— Então você irá com ele — João afirmou, a certeza estava evidente em cada uma de suas palavras. — Não vai deixá-lo ir sozinho. Não fará isso de novo.

Engoli em seco ao ouvir aquilo. Não retrucaria, sequer tentaria. Nós dois sabemos que ele está certo.

— Não vou impedi-lo, Ricardo — ele disse ao levantar. — Mas não coloque minha neta nisso. Não de novo.

Fitei os olhos azuis à minha frente, a seriedade neles era maior do que eu jamais vira, mas desta vez também havia preocupação. Muita preocupação.

— Dolores é impulsiva, mas você é homem o bastante para impedi-la de fazer qualquer loucura. — Foram suas últimas palavras antes de sair.

Expirei o ar dos pulmões devagar, coloquei os cotovelos sobre a mesa e pousei o rosto sobre as mãos. A dor daquele movimento era irrelevante perto do que aquelas preocupações me causavam.

Eu estava esgotado. Não sabia mais como agir, o que fazer; sobretudo como manter minha família em segurança. E isso acabava comigo.

À uma e meia da tarde, Dolores veio ao meu escritório para avisar que sairia com João em alguns minutos, para sua sessão de avaliação com a fisioterapeuta.

— Você deveria ir descansar — ela repetiu assim que fechou a porta atrás de si. — Não está se ajudando em nada perambulando pela casa desse jeito.

Acompanhei seu percurso pelo escritório até chegar a mim e sentar ao meu lado no sofá, então, respondi:

— Eu estou bem.

Não reclamei quando ela tirou o copo de uísque da minha mão e o colocou na mesa pequena ao lado da sua extremidade do sofá. Lola provavelmente ainda não havia percebido, mas uísque sempre me ajudava a pensar.

— O que houve, Aaron? Você parece ainda mais preocupado que duas horas atrás. —

Suas sobrancelhas se uniram em desentendimento. — Você contou ao Rodrigo sobre Fernanda?

Com cuidado, encostei-me ao estofado e olhei a mulher ao meu lado. Não a preocuparia falando sobre minha conversa com João, mas não conseguiria esconder o que falei com Rodrigo, não por muito mais tempo, pelo menos. Aqueles olhos castanhos, curiosos, também eram extremamente persuasivos quando queriam alguma resposta.

— Sim. Ele acha que sabe onde Carlão está e quer ir atrás dele, quer saber se Fernanda está lá.

Dolores suspirou, impaciente.

— Rodrigo consegue ser bem estúpido quando quer. Ele acha mesmo que será fácil assim? E tem tanta certeza de que Fernanda está viva?

— Ele não estava pensando, Lola — esclareci. — Ficou louco com a possibilidade de Fernanda estar viva, principalmente porque, se realmente estiver, aquele traficante a está torturando, punindo pelo que ela fez. Rodrigo disse que o bastardo é um sádico.

Ela se mostrou contrariada após minhas palavras, mas não completamente resignada.

— O que farão?

— Mandei que um dos seguranças fosse até o endereço dado por Rodrigo, para verificar se há alguém lá. Há pouco, Gonçalo, o segurança, me ligou para informar que a casa aparentemente está vazia. Eu pedi que ele aguardasse mais tempo.

— Você não está pensando em ir lá com Rodrigo, não é? — ela inquiriu, contudo o tom era mais como *"Você não acha que eu vou deixá-lo ir lá com Rodrigo, não é?"*.

Desviei meus olhos dos seus e, com cuidado, encostei meu pescoço à parte superior do

sofá, para fitar o teto. Odiava ter que mentir e não o faria agora, para Dolores, eu ainda lembrava claramente que prometera não fazê-lo. E não o faria, estando ou não dentro dela.

— Aaron... — Ela iniciou uma repreensão, mas a interrompi:

— Não farei nenhuma loucura, Dolores — assegurei.

— Isso quer dizer exatamente o quê? — insistiu.

— Eu não consigo dar a porra de um passo sem sentir alguma fisgada de dor — lembrei-a. — É claro que, se precisar ir até lá, eu levarei seguranças conosco.

Ela expirou fortemente.

— Já pedi que Bruno acione um segurança para acompanhar você e João até à clínica também — contei assim que voltei a olhá-la.

— Não vou sair daqui sabendo que você pretende fazer algo tão estúpido, Aaron! Já pensaram em simplesmente ligar para a polícia?

— Não sabemos se Fernanda realmente está lá! Rodrigo avisará Robson sobre isso, se ele achar que é seguro envolver a polícia, a chamaremos.

Sua expressão se manteve fechada, austera. Além de preocupada, ela começava a ficar brava também.

— Só aceitei essa loucura porque Rodrigo fará isso independente de eu estar com ele, e eu não vou deixá-lo sozinho.

— Aí decidiu segui-lo nessas decisões idiotas?

— Dolores — cortei-a. — Não vou tomar nenhuma decisão inconsequente.

Ela bufou e levantou, fazendo-me acompanhar seu movimento com o olhar.

— Nenhuma outra, você quer dizer, não é?

Quando ela tentou sair, eu segurei sua mão e a puxei para voltar ao sofá. Cerrei o maxilar com força quando ela caiu sobre minhas pernas. Os palavrões que eu quis proferir ficaram apenas em minha garganta. Eu poderia lidar com aquelas malditas dores, mas com qualquer nova distância imposta por Dolores, não. Estava cansado, mas não permitiria que isso acontecesse novamente.

— Machucou? — ela perguntou preocupada, já tentava levantar, mas eu não permiti. As fisgadas de dor aumentaram, para me lembrar que sim, aquilo estava doendo pra porra.

— Não vamos brigar. Não agora — pedi sem me importar de aumentar a distância entre nossos rostos. — Você é o que me impede de enlouquecer em todo esse inferno, Lola. Preciso que fique ao meu lado nesse momento.

Ela não respondeu, apenas me encarou e, após quase um minuto, encostou sua testa à minha e fechou os olhos.

Envolvi sua cintura com os braços e a trouxe para mais perto, para abraçá-la. Eu não sabia que tipo de feitiçaria era aquela, mas sua presença, seu cheiro: ela conseguia tão facilmente tornar os problemas e preocupações menores apenas por estar perto, por estar comigo. Eu não entendia e esta era uma das poucas coisas na vida que eu não sentia a mínima vontade de compreender, desde que ela continuasse aqui.

— Estou preocupada com você, Aaron — ela sussurrou contra meu ouvido. Eu poderia estar enganado, mas aquela parecia ser a primeira vez que ela se permitia expor aquilo através de palavras.

— Eu sei. — Foi tudo o que eu consegui responder.

Lola já estava ciente que nesta situação eu não deixaria Rodrigo sozinho, havia uma chance de Fernanda estar viva e, como ele mesmo disse, sendo torturada. Eu não queria me imaginar em seu lugar agora, se fosse o contrário e Dolores é quem estivesse com aquele traficante. Não havia decisão estúpida ou perigo que me impedisse de ir atrás dela, ainda que a ideia de ela estar viva não fosse atestada como verossímil, a possibilidade de estar era melhor que aceitar que estava morta.

— No lugar de Rodrigo eu faria o mesmo. Ainda que sem ter certeza de que estivesse viva, eu iria atrás de você. A chance ínfima de que estivesse, seria mais fácil do que aceitar que não — admiti em voz muito baixa. — Quando se está perdido, qualquer sombra de esperança é um alento, Lola.

Isso a deixou em silêncio.

Não sei quanto tempo exatamente ficamos ali, abraçados, sem dizer uma única palavra, mas quando Dolores decidiu falar de novo, eu já não me sentia tão sobrecarregado, tampouco saturado, quanto antes. Sentia que, aos poucos, a tensão e o peso sobre meus ombros diminuía.

— Eu vou com você — ela disse determinada.

— Não, não vai. — Foi minha vez de asseverar. — Eu sequer sei se precisarei ir até lá.

Lola acabou com nosso abraço para me fitar, mas antes que dissesse qualquer coisa, eu completei:

— Você irá para a sua consulta. Não pode faltar. — Acariciei seu rosto tentando amenizar sua expressão de preocupação e a beijei devagar. — Já prometi que não farei nada estúpido. Não se preocupe, eu vou ficar bem.

— Você sabe que não precisa falar comigo como se eu fosse uma criança desesperada,

que tem que se acalmar, não é?

A pergunta impertinente conseguiu me fazer esboçar um sorriso. Eu ainda tinha a lembrança nítida de quando ela me disse isso a primeira vez, ao telefone. A diferença era que, daquela vez, ela deixou claro que não estava preocupada comigo.

Lola entrelaçou sua mão direita à minha e a apertou. Uma nova onda de silêncio pairou sobre nós.

— Se tiverem que ir até lá, chame a polícia — ela pediu enquanto fingia analisar a forma perfeita com que nossas mãos se entrelaçavam.

Retribuí seu aperto e concordei:

— Vou chamar.

Dolores voltou a me fitar, pude ver cada um dos seus maiores temores nesse momento naqueles olhos expressivos, e, apesar disso, percebi que ela — ao menos desta vez — cederia, embora isso não significasse que não continuaria inquieta e aflita sobre o que poderia acontecer.

— Vem cá — sussurrei enquanto a trazia para mais perto, para beijá-la. — Obrigado — agradeci antes de colar sua boca à minha de novo. Sentir suas mãos em meu cabelo, depois que minha língua encontrou a sua, foi reconfortante.

O beijo foi terno e lento. Talvez nós dois quiséssemos que ele durasse para sempre, porque aqui estaríamos seguros — e juntos, mas, contrariando nossos desejos, ele não durou. Infelizmente aqui nós também não estávamos seguros.

Batidas na porta fizeram com que nos separássemos devagar. Ela foi aberta e João surgiu.

— Vamos, querida? — ele a chamou. Sequer pareceu se incomodar de vê-la em meu colo.

Lola concordou com um aceno e se voltou para mim novamente, me beijou uma última vez e, contra meus lábios, sussurrou:

— Eu não posso perder você, Aaron.

— E não vai — garanti.

Ela não disse nada mais. Hesitante, Dolores levantou e foi até João, que a esperava com as muletas que ela deveria estar usando. Olhei-o ao perceber que ele mantinha seu olhar impenetrável sobre mim.

Quando Dolores já estava fora da sala, ele começou a fechar a porta, mas algo o impediu, João voltou à sala.

— Tome cuidado, filho — ele disse.

Eu assenti, concordando e ele saiu. Então, um silêncio desolador invadiu o cômodo.

Cerca de meia hora depois da saída de João e Dolores, meu celular tocou em meu bolso, peguei-o apenas para confirmar que se tratava de Gonçalo. Cliquei no ícone para aceitar a chamada ao ver seu nome da tela.

— *Dois homens entraram na casa ainda há pouco, senhor.* — Foi a primeira coisa que ele me disse quando atendi. — *Estavam cheios de sacolas, acho que de supermercado, estacionaram o carro na frente da casa e entraram.*

— Onde você está?

— Em um bar, na parte mais alta da rua, estou no segundo andar dele, por isso a vista daqui é boa.

— Como esses homens são? — indaguei.

— Altos. Um deles tem pele parda e o outro é branco, ambos têm o mesmo porte físico. Um é loiro e o outro moreno.

A percepção de que, pela aparência, ao menos um deles poderia ser Carlão, por um motivo desconhecido, não me surpreendeu. Talvez Rodrigo estivesse realmente certo e aquele filho da puta estivesse lá.

— Ok, me mantenha informado sobre o movimento na casa, estou indo para aí — avisei-o antes de encerrar a chamada.

Olhei para o aparelho em minhas mãos por alguns segundos, queria me forçar a acreditar que estava realmente prestes a fazer o que havia dito: iria atrás de um traficante.

Com cuidado, levantei do sofá. Peguei meu copo de bebida e tomei o que ainda havia nele. Senti o líquido descer queimando em minha garganta, como se me incinerasse de dentro para fora, de alguma forma, aquela sensação, neste instante, não era exatamente ruim. Percorri o caminho para fora do escritório.

Rodrigo estava na sala, andando de um lado ao outro — como fazia em meu quarto há duas horas. Continuava claramente perdido em pensamentos, aflito e isto apenas me confirmou o quanto ele, apesar de tudo, amava Fernanda.

Agradeci por estar apenas ele ali e me aproximei.

— Você falou com Robson? — questionei.

Ele parou abruptamente e voltou sua atenção para mim.

— Sim, e ele não gostou nada de saber que escondemos a existência de Fernanda — respondeu. — Pediu que esperássemos até amanhã, porque ele já estará aqui, mas, quando percebeu que eu não desistiria, cedeu. Se precisarmos, ele conseguirá policiais para verificar se Carlão está naquela casa. Pelo menos, Robson concordou que essa é a melhor chance de prendê-lo.

— Ótimo, diga pra ele que agora é um bom momento pra acionar esses policiais — emiti após suas palavras. — Parece que Carlão já está na casa.

Rodrigo não conseguiu ocultar a surpresa em sua expressão, muito menos o ódio que reluziu em seus olhos segundos depois. Simplesmente pegou o celular em um dos bolsos e veio até mim.

— Você não precisa ir — disse.

— O inferno que não — respondi.

— Você já está todo ferrado, porra! Carlão não vai livrar sua cara duas vezes. Eu posso resolver isso sozinho.

Inspirei devagar para me acalmar.

— Se realmente pudesse, Rodrigo — eu iniciei quando me voltei para ele —, não teria vindo atrás de mim.

Meu argumento o silenciou. Ele pareceu demorar a digerir minhas palavras, e o fato de que eu não ficaria ali. Apenas após algum tempo, desistiu e me seguiu para fora da casa.

Durante o percurso até o endereço entregue por Rodrigo, eu o ouvi conversar com Robson ao telefone. Eles trocaram informações sobre o local e, pelo que entendi, combinaram que no

máximo em uma hora, haveria pelo menos um carro de polícia confiável lá.

Demoramos cerca de meia hora para chegar a tal casa, não recebi qualquer ligação de Gonçalo, mas liguei para ele assim que o carro foi estacionado em uma das vagas à frente do bar que ele me informou que estava.

— Chegamos — eu disse a ele assim que a ligação foi atendida. — Houve algum outro movimento na casa?

— *Não senhor. Eles continuam lá.*

— Ok, vou mandar Lucas para encontrar você, ele está com um binóculo. Tente descobrir se há apenas dois homens na casa, entraremos lá em seguida, entendeu?

— *Sim, senhor.*

Desliguei e Lucas deixou o veículo em seguida.

Fitei Rodrigo ao meu lado, não me surpreendi ao vê-lo tão inquieto enquanto olhava para a casa a pelo menos cem metros de onde estávamos.

— Se ela estiver lá, vamos encontrá-la — sussurrei para ele, numa tentativa frívola de acalmá-lo. Ele se voltou para mim e me encarou por alguns segundos.

— Obrigado — agradeceu e eu tive certeza de que há muito tempo não reconheci tanta sinceridade em seu olhar. Nada de deboche ou ódio, apenas gratidão.

Aquilo me surpreendeu. Precisei de algum tempo antes de conseguir responder de alguma forma:

— Sempre aqui, irmão.

O celular tocou e peguei o aparelho para atendê-lo.

— O segundo andar da casa está com as janelas completamente fechadas, mas o térreo não. Há uma tevê ligada, mas apenas um dos homens que vi anteriormente está lá. Acredito que há apenas eles ali.

— Ok. Vamos entrar. Fique aí em cima, não desligue essa chamada e me avise se qualquer carro ou pessoa aparecer. Diga ao Lucas para descer e nos acompanhar.

— Ele já está indo.

Aquiles e Ítalo, os seguranças que permaneciam no carro, passaram duas armas para nós, uma para Rodrigo e outra para mim. Nós as escondemos dentro das calças e deixamos o carro em seguida. A rua estava pouco movimentada, na verdade era quase um morro, estávamos na parte mais alta dele e a casa era a última da rua, a pelo menos cinquenta metros de distância da próxima residência ali.

Por sorte eu já não sentia tanta dor nas pernas, contudo, em compensação, as dores das contusões nas costelas valiam por todo o resto.

Rodrigo andou ao meu lado durante o percurso até o cercado preto da pequena casa, quando entramos, ele desligou o telefone — falava novamente com Robson.

Ítalo fez um sinal com uma das mãos, indicando que entraria pela porta de trás. Lucas se agachou próximo à janela, que dava para a sala, e Rodrigo, Aquiles e eu seguimos para a porta.

Um fato era que não podíamos simplesmente chegar e atirar, precisávamos descobrir se os homens aqui são realmente capangas de Carlão e se Fernanda está aqui.

Rodrigo e eu trocamos um olhar com Aquiles, que consentiu quando avisamos que tocaríamos a campainha.

Nossas armas já estavam em punho, porém, escondidas da vista de quem quer que abrisse a porta. Toquei a campainha duas vezes seguidas e esperamos. Não havia olho mágico na porta.

— Quem é? — Ouvimos um homem perguntar do lado de dentro, mas não era a voz de Carlão.

— Cássio — Rodrigo sussurrou, em reconhecimento.

— Comida *delivery* — Aquiles respondeu. Franzi o cenho e o fitei, como se perguntasse *"como assim?!",* ele apenas deu de ombros.

Alguns sons característicos de trancas e fechaduras se tornaram audíveis e, por fim, a porta foi aberta.

— Finalmente, porra! — o homem exclamou. Foram necessários poucos segundos para que ele arregalasse os olhos e dividisse seu olhar entre mim e Rodrigo, primeiro confuso, segundos depois surpreso, até que sacasse uma arma, mas já devia estar ciente de que aquele movimento era inútil. Rodrigo, Aquiles e eu já apontávamos nossas armas para ele. — Rodrigo, seu filho da puta do caralho, Carlão tá há um tempão atrás de ti, porra!

— Eu sempre soube que sentiriam minha falta, Cássio — Rodrigo respondeu em tom de deboche enquanto empurrava a porta e fazia o homem loiro, parecido com Carlão, dar alguns passos para trás. — Aliás, onde está seu irmãozinho sádico?

Cássio engatilhou sua arma, mas antes que pudesse atirar, Aquiles o acertou com um tiro no braço que a segurava.

Rodrigo usou o cano fino da sua pistola para acertar o rosto de Cássio e o chutou com força suficiente para fazê-lo cair de costas no chão.

Fechei a porta atrás de mim ao entrar na sala. O cômodo era espaçoso, mal decorado e fedia a mofo e comida estragada. Torci o nariz, enojado.

— Onde está aquele filho da puta? — Rodrigo repetiu a pergunta. Desta vez, a raiva fez com que sua voz aumentasse alguns decibéis.

— Carlão foi tratar dos problemas — ele disse e, por algum motivo, se voltou para mim. — O primeiro de cinco.

A última frase me fez unir as sobrancelhas, sem compreender. Meu irmão, já impaciente, chutou Cássio com força e sem pena pelo menos três vezes, exatamente como Carlão fez comigo mais cedo. Eu não me importei, tampouco Aquiles, mas precisei intervir quando Rodrigo engatilhou sua arma.

— Não, Rodrigo. A polícia já está a caminho, não faça uma loucura agora — pedi.

Respirando com dificuldade, furioso, ele se voltou para mim e baixou a arma. Cássio, mesmo no chão, riu. Pelo visto, o tiro o havia acertado de raspão e Rodrigo não o havia chutado tão forte assim.

— Acham mesmo que Carlão vai permitir que eu fique preso? — inquiriu enquanto tentava levantar, mesmo que isso o machucasse visivelmente.

— Acha mesmo que eu vou deixar você sair daqui vivo? — Foi a vez de Rodrigo perguntar, seus olhos cada vez mais tomados pelo ódio. — Temos umas continhas a acertar, ou você já esqueceu?

Desta vez, Rodrigo chutou o rosto do outro homem e isso, mais uma vez, o levou ao chão. Rodrigo se jogou sobre ele, usou a arma para golpear o rosto do traficante e não parou nem mesmo quando pedi que o fizesse.

— Supera, porra! Fernanda já foi comida por metade da nossa facção — o homem

provocou.

Após ouvir aquelas palavras, eu senti como se vivesse um *déjà vu*. Aquela cena já parecia ter acontecido, no entanto, era eu a estar furioso e era o rosto de Rodrigo a sofrer as consequências da minha fúria.

Aquiles e eu precisamos tirar Rodrigo de cima de Cássio, do contrário ele o mataria com as próprias mãos.

— Você precisa se acalmar — alertei meu irmão. — Ele está tentando ganhar tempo.

Rodrigo grunhiu de ódio e se livrou do meu aperto em seu braço. Expirei devagar e olhei para Aquiles a tempo de vê-lo chutar Cássio uma última vez, com força suficiente para deixá-lo desacordado.

— Vamos olhar lá em cima — sugeri a Rodrigo.

Peguei o celular em meu bolso e retornei a chamada com Gonçalo.

— Algo novo? — perguntei.

— *Não, senhor* — ele disse.

Voltei-me para a janela da sala e constatei que Lucas continuava lá.

— Abra a porta dos fundos — pedi ao Aquiles, pois a esta altura o outro segurança também já deveria estar aqui. — Vamos — chamei Rodrigo.

A escada que nos levaria ao andar de cima era de ferro, em espiral e Rodrigo se adiantou em subi-la à minha frente. Precisamos de poucos segundos para chegar ao outro cômodo, neste havia apenas três portas, mas sequer precisamos abrir todas para descobrir onde o outro traficante estava. Um grunhido masculino foi suficiente para indicar em que cômodo o filho

da puta estava.

Minha respiração acelerou enquanto andávamos até a porta da qual o som viera, estava difícil lidar com aquela mudança de ritmo porque ela fazia as malditas dores aumentarem. Logo percebi que Rodrigo estava da mesma forma, por um momento hesitou em abrir a porta e descobrir o que acontecia atrás dela, mas colocou qualquer temor de lado e a abriu. E então, rápido, como eu nunca achei que uma cena pudesse se passar, eu vi uma mulher sobre uma cama, amarrada a ela, tanto pelos pulsos quanto pelos pés, e um homem sobre ela, claramente penetrando-a sem pena ou remorso pelo que fazia. Bastou um segundo, que para mim se passou em câmera lenta, para que três disparos seguidos fizessem três balas deixarem a arma de Rodrigo e acertarem o homem em cheio, na cabeça e nas costas. Ele caiu, morto, ao lado da mulher... Fernanda.

Baixei minha arma, entorpecido, boquiaberto, ao confirmar que meus olhos realmente viam aquela cena. Ouvi o som da arma de Rodrigo cair no chão, vi seu vulto, pelo canto dos meus olhos, se aproximar de Fernanda, mas eu não consegui tirar meus olhos dela: nua, desacordada, claramente drogada, machucada, sangrando e com o rosto e corpo repletos de hematomas. A cena me chocou, me revoltou e, por alguns segundos, eu só consegui pensar que se um monstro era capaz de fazer aquilo com um ser humano, a morte era pouco como castigo.

Coloquei minha arma na parte detrás da minha calça e me forcei a encontrar o que ainda havia de frieza em mim para procurar qualquer peça de roupa para Fernanda, que agora era desamarrada daquela cama por um Rodrigo completamente desolado, perdido, vidrado. Um homem que, em seu desespero, sequer parecia perceber que a mulher ali, apesar de viva, não ouvia nenhuma das palavras e desculpas que ele proferia enquanto chorava.

Ouvi as sirenes de um carro policial, mas não me importei. Como basicamente acontecia desde que aquele traficante começara a nos infernizar, a polícia só aparecia quando a pior parte do inferno já acontecera.

Peguei um lençol e uma toalha. Entrei no banheiro para molhar um pouco a toalha e torcê-la antes de voltar ao quarto.

Engoli em seco ao ver Rodrigo abraçar Fernanda, que estava com a cabeça em seu colo, e chorar sem se importar com qualquer outro ser ou detalhe do mundo, porque ela basicamente era seu mundo agora.

Respirei fundo e me aproximei para cobrir Fernanda e livrar seus pés daquelas amarras. Chamei Rodrigo em voz baixa, mas precisei repetir o chamado ao menos três vezes até que ele levantasse o rosto para me encarar. Em silêncio, entreguei a toalha a ele, que a pegou devagar e começou a limpar o rosto e todos os locais que sangravam em sua mulher.

Ele não deixou Fernanda nem mesmo quando a ambulância chegou, não soltou a mão dela nem mesmo enquanto a levava para o térreo e os paramédicos a colocavam na maca. Nós mal trocamos palavras antes de ele entrar na ambulância com ela, mas não me importei, a última coisa com a qual ele perderia tempo pensando agora era no que me dizer antes de levá-la ao hospital.

Não tive tempo ou vontade de parar para refletir sobre como me senti em relação a tudo o que acontecera hoje, sabia apenas que, por mais ardilosa e vadia que Fernanda pudesse ser, nenhuma mulher merecia passar pelo que ela havia passado. E eu não precisava conhecê-la ou gostar dela para chegar a essa conclusão, só precisava ser um ser humano capaz de sentir empatia, capaz de discernir que, por mais errada que ela fosse, nenhum homem tinha direito de fazer o que aqueles filhos da puta haviam feito.

Fiquei conversando com os policiais, que por sorte, como eram amigos de Robson, não fizeram tantas perguntas e aceitaram tudo o que eu disse sem levantar outras questões. Cássio foi levado com eles. Liguei para Robson para avisá-lo sobre tudo o que havia acontecido e o deixei ciente de que era o irmão de Carlão o homem apreendido, agora sob poder da polícia; e que eles também deixaram policiais na casa.

Era quase cinco da tarde quando cheguei ao hospital para o qual haviam trazido Fernanda. Encontrei Rodrigo na recepção; os olhos vermelhos e inchados, com uma opacidade que só a tristeza poderia trazer; parecia inerte em seu próprio mundo e, ainda assim, perdido nele.

O local, provavelmente por causa do horário, não estava cheio de pessoas esperando por atendimento. Aquele era um dos melhores hospitais particulares da cidade, não permitiria que seus pacientes aguardassem muito tempo para serem atendidos.

Segui para onde meu irmão estava e sentei ao seu lado. Não sei se ele percebeu que eu estava ali, já que não se moveu ou fez menção de dizer qualquer coisa. Ainda estava abalado pela cena que presenciamos há mais de uma hora.

Eu não sabia o que dizer. Na verdade, em situações de sofrimento e desolação, como aquela, eu nunca sabia o que dizer. Por isso respeitei seu silêncio, mesmo quando lágrimas finas e solitárias deixaram seus olhos.

— Eu estou aqui, irmão — murmurei após envolver seu ombro com um braço. Rodrigo não relutou ou disse qualquer outra coisa, mas, aos poucos, se aproximou também, me abraçou e chorou em meu ombro, como o menino que um dia fora, sem se importar com qualquer outra coisa, como não fazia há mais de quinze anos.

Cerrei os olhos com força, mas, desta vez, não por qualquer dor externa que eu sentisse, era o que *ele* obviamente sentia, que também me machucava, pois não havia nada que eu pudesse fazer neste momento para amenizar sua aflição e sofrimento.

— É minha culpa — ele sussurrou minutos depois. — Se não tivéssemos brigado de novo, há tanto tempo, ela ainda estaria comigo, ainda estaríamos juntos e seguros. Ela não sairia sozinha por aí porque eu estaria com ela, como estive por muito tempo.

— A culpa não é sua — assegurei. — Não é dela, tampouco do passado de vocês. Não é de ninguém senão daqueles filhos da puta.

— Eu vou matá-lo — ele disse e eu, imediatamente, percebi que se referia à Carlão. — Por tudo o que já fez a ela. Por tudo o que já fez a nós.

Eu não disse nada. Não iniciaria uma contenda por esse motivo justo agora.

Rodrigo se afastou e voltou e se recostar à parede da sala de espera. Ele parecia menos desolado, *um pouco menos.*

— O que o médico disse?

— Ele ainda não veio falar comigo. Ainda há pouco havia um policial aqui — contou. — Na situação em que Fernanda estava, a primeira coisa que o hospital faria após atendê-la seria informar à delegacia mais próxima sobre ela.

— Teremos que fazer uma denúncia, assim a polícia poderá manter Cássio preso — informei a ele.

— Carlão dará um jeito de tirá-lo de lá — ele disse ainda sem me fitar. — Ele sempre dá.

— Não pense sobre isso agora. Fernanda precisa de você e acordará em algumas horas.

Seus olhos voltaram a se encher de lágrimas, mas ele os cerrou com força, para que rolassem de uma vez.

— Sou a última pessoa que ela vai querer ver quando acordar — lamentou.

— Por que está dizendo isso? — indaguei, sem realmente compreender.

Minha pergunta o fez abrir os olhos e me fitar por alguns momentos, em completo silêncio. A dor que cintilava em seus olhos era desoladora.

— Nós fizemos muita merda, Aaron. Fingimos ser fortes, nos machucamos, nos odiamos

e nos culpamos... Nos arrependemos e era tarde pra voltar atrás. — Ele interrompeu, talvez perdido nas lembranças que aquelas palavras despertavam. Após uma longa pausa, prosseguiu por outro caminho: — Precisávamos do dinheiro para a cirurgia da Ali e Fernanda resolveu. Quando ela cedeu a minha insistência e me contou sobre ter ido atrás de Olavo, eu... *Eu surtei*. Nós não estávamos mais juntos há mais de um ano, mas discutimos como se estivéssemos. Talvez porque, apesar de tudo, a gente ainda se amasse... Mas eu fui um filho da puta com ela e Alícia também estava em casa. Me ouviu chamando Fernanda de vadia e outras dezenas de xingamentos.

Expirei vagarosamente ao ouvir aquilo.

— Depois disso nós só brigamos... Por sua causa, por causa do filho da puta do Olavo, por causa do bastardo do Assis. — Ele interrompeu novamente e respirou fundo. — Eu a machuquei e ela me machucou... — continuou, seu olhar parecia perdido tanto quanto sua mente. — Eu conheço todos os pontos fracos dela, todas as feridas que ela nunca conseguiu fechar e ela nunca vai me perdoar por usar tudo para machucá-la tanto quanto suas atitudes me machucaram.

Ele se calou e usou as mãos para esconder o rosto e se desligar por um instante do inferno que vivia agora. Eu respirei fundo e decidi deixá-lo em paz com seus pensamentos. Nada do que eu dissesse diminuiria seu remorso agora, infelizmente.

Meu celular tocou em meu bolso e o peguei. Era Bruno.

— Diga — murmurei ao atender.

— Senhor eu... Eu não sei como lhe dizer isso, mas... — senti meu coração parar ao ouvir aquelas simples palavras — fomos cercados na volta para casa.

Eu levantei de onde estava em um sobressalto, mas uma vertigem me fez voltar a sentar quando uma série de possibilidades ruins me assaltaram e fizeram com que eu lembrasse de

Dolores e João. Meu coração apertou no peito, senti como se ele se transformasse em um maldito grão de arroz que conseguia pesar toneladas em meu peito.

— O que houve? Onde está Dolores?! Ela está bem?

— Eles nos cercaram e atiraram no carro, ele ficou acabado. Queriam matá-los — explicou. — A senhorita Lola está no hospital agora, com o seu João... Ele foi baleado.

Naquele momento senti como se tivesse perdido o chão. Senti que parte de mim, uma essencial para a minha vida, estava em suspenso, esperando uma ação externa, do mundo, do inferno que fosse, mas que eu jamais poderia conduzir ou dominar.

João estava ferido; estava no hospital e, provavelmente, em estado grave.

Minha maior vontade agora era me permitir desabar, porque mesmo com todas as precauções, eu não havia sido capaz de cuidar de todos. De manter todos seguros. E doeu como o inferno saber que fora ele a sofrer as consequências das *minhas* decisões.

Vinte e Um

“Que a vida é mesmo
Coisa muito frágil
Uma bobagem
Uma irrelevância
Diante da eternidade
Do amor de quem se ama”
Por onde Andei – Nando Reis

— Estamos no Hospital Moinhos de Vento, chegamos há pouco. A bala atingiu o seu João na cabeça, enquanto ele tentava proteger a dona Lola. O estado dele é grave. — Foram as últimas palavras que ouvi antes que o celular caísse da minha mão.

Por um motivo que eu desconhecia, eu não consegui levar ar aos pulmões. Minha mente era um grande borrão de imagens e pensamentos desconexos e frustrantes, isso conseguiu me deixar tonto.

— Aaron — Rodrigo me chamou, mas eu sequer tentei responder. A verdade me atingiu quando cheguei à conclusão de que, por maiores que tivessem sido os meus cuidados, eu não fui capaz de cuidar do que, para mim, valia mais que minha própria vida: minha família.

Cerrei os olhos com força e me obriguei a tomar uma atitude, a levantar daquela maldita cadeira e ir àquele hospital. Tentei lembrar que não adiantaria cair agora, tampouco me perder em pensamentos tão deprimentes quanto os que me assolavam, mas não foi tão fácil. Por isso tentei me agarrar ao que me deu firmeza até esse momento, pensei nela e no que estaria sofrendo. Dolores estava lá. *Sozinha.* Precisava de mim. E João... João também...

Porra!

Abri os olhos e expirei pesadamente, mesmo com a dor que senti por fazê-lo. Voltei-me para Rodrigo, ele parecia preocupado. Demorei a perceber que era eu o motivo dessa nova preocupação.

— Eu estou bem — garanti ao me erguer. — João foi baleado, parece que Carlão decidiu ir atrás dele e de Dolores. Eu preciso... — interrompi ao pensar no que estava ao meu alcance naquele momento, o que foi frustrante, pois não dependia de mim a melhora de João. — Preciso ir até o hospital em que ele está.

Boquiaberto, Rodrigo também levantou. Respirei fundo e olhei ao redor daquela sala. Eu estava começando a odiar salas de espera de hospital. Hospitais em geral, talvez. Para mim eles nunca tiveram qualquer poder benevolente sobre minha vida, era sempre adverso a isso. Era sempre um motivo de desestabilizar minha família.

— Como ele está? — inquiriu Rodrigo, obrigando-me a deixar meus devaneios. Não tentei descobrir que tipo de sentimento estava estampado em seu rosto, de repente me senti cansado demais até mesmo para isso.

— João está em estado grave. Foi baleado na cabeça.

Peguei meu celular quando meu irmão o estendeu para mim e fiz uma ligação rápida para Gonçalo, que estava no estacionamento, me esperando. Avisei que desceria em breve e para onde nós precisaríamos ir.

— Vou até lá agora — murmurei para Rodrigo. — Me mantenha informado sobre Fernanda. Se precisar de algo, me ligue.

Ele tentou dizer algo, mas eu não esperei para ouvir. Saí apressado em direção ao elevador e, enquanto descia para o térreo, fiz algo que não fazia desde o último golpe surpresa da vida, o que era vergonhoso para mim, pois eu somente recorria a este tipo de coisa em situações tão desoladoras quanto essa, de todo modo, comecei a rezar.

No caminho até o hospital uma sensação sufocante e esmagadora oprimiu meu peito e tornou cada tentativa de respirar ainda mais dolorosa. Tudo o que eu conseguia registrar agora era a vórtice de pensamentos que, a cada segundo que passava, apenas me faziam sentir mais culpado.

"...Estamos falando de um filho da puta que não se importaria minimamente em matar todos nós, só para fazer Rodrigo entregar aquela criança..."

"...Você já percebeu que não temos escolha, se não consegue decidir matar um filho da puta qualquer pra manter sua família a salvo, eu consigo. E é isso o que vou fazer..."

"...As chances de esse traficante vir atrás de um de nós são quase inexistentes, ele quer Rodrigo, não você. Só estava tentando te usar contra Rodrigo, pode continuar tentando, mas vovô e eu não temos nada a ver com isso..."

E não tinham, concluí. Dolores e João nunca tiveram nada a ver com esse inferno e, ainda assim, fizeram parte dele. Meu dever era apenas manter todos seguros e eu havia falhado. Agora João estava entre a vida e a morte. Um nó apertou minha garganta e conseguiu fazer meus olhos queimarem.

Porra! Não é hora de ruir, Aaron!, lembrei-me. *Não é hora de se dar ao luxo de fazer isso.*

Escondi o rosto entre as mãos, fechei os olhos e engoli aquele nó com força. Perder o controle ou a calma está fora de questão, repeti em pensamento. *Fora. De. Questão.*

Quando abri os olhos novamente, minha mente foi bombardeada pela percepção de tudo o que se passava à minha volta. Ouvi sirenes de ambulâncias, ouvi buzinas de carros e, após o primeiro momento de confusão, consegui distinguir a voz de Gonçalo, então, segundos depois, as imagens disformes à minha frente se tornaram inteligíveis. Havíamos parado. O carro já não estava em movimento.

— Chegamos, senhor — o homem avisou.

Eu agradeci de forma breve antes de deixar o carro e seguir rapidamente pelo estacionamento até a entrada do hospital. Liguei para Bruno de novo e perguntei em que andar eles estavam, depois peguei o elevador para ir até ele.

Ao saltar no andar certo, eu já sentia cada batida do meu coração retumbar por todo o meu corpo, conseguia ouvir o sangue sendo bombeado a cada uma delas, em apreensão, em medo de que algo pior pudesse ter acontecido nesses poucos minutos. Quando vi Dolores sobre uma das cadeiras da sala de espera, chorando, eu estaquei a uma boa distância. Não por me sentir desarmado ao vê-la daquela forma, ou por querer observá-la, eu apenas não consegui me aproximar ainda mais. Era a dor que ela claramente sentia, que eu percebi que não fazia a mínima ideia de como atenuar, o motivo de eu permanecer ali. A impotência aumentou de forma feroz em mim, a ponto de me fazer sentir inútil.

Não é hora para isso, obriguei-me a lembrar.

Tentei respirar fundo e engolir os nós que apenas se multiplicavam em minha garganta e me aproximei quando Bruno me avistou ali e veio falar comigo. Ouvi ele contar que João já

estava na sala de cirurgia e que eles não faziam qualquer ideia de quanto tempo demoraria. Eu não respondi, sequer me dignei a olhá-lo, apenas agradeci, sentei ao lado de Dolores e a abracei. Ela não resistiu, não disse qualquer coisa, apenas se deixou abraçar. Eu sabia que deveria dizer algo a ela, dar-lhe qualquer palavra de conforto, mas não podia, não podia fortalecer suas expectativas quando nem mesmo sabia o que de fato acontecera e em que situação ela e João chegaram a esse hospital. Verifiquei se ela possuía algum ferimento e só consegui respirar novamente quando constatei que não. Então, juntos, como percebi, começamos a rezar.

Um par de horas, que mais pareceram séculos, se passaram sem qualquer notícia. Lola já não chorava, mas não deixava de sussurrar ininterruptamente suas orações e agora se agarrava a mim com força, como se eu fosse a âncora que a impedisse de vagar a esmo naquele desespero, de alguma forma não parecia perceber que *ela* era o que ainda me dava algum resquício de força e firmeza para não desabar agora. Apesar de quebrada neste instante, Dolores ainda era o que me mantinha de pé aqui.

Nós dois já havíamos passado por uma situação como essa, mas, da última vez, nem de longe, eu me preocupei tanto, daquela vez algo em mim sabia que João se recuperaria, sabia que ele era forte o suficiente para vencer as limitações de seu coração, mas agora não. Desta vez, eu sei que não fora seu coração debilitado a trazê-lo para cá, não dependia somente da sua força de viver sair daquela sala de cirurgia bem. Foi um maldito filho da puta sem escrúpulos ou remorso, que o trouxe aqui, mas agora eu tinha certeza de que também haviam sido escolhas minhas a decorrerem nisto, a deixá-lo entre a vida e a morte.

Meu celular tocou pela segunda ou terceira vez desde que eu cheguei ao hospital, mas, novamente, não me dei ao trabalho nem mesmo de verificar de quem se tratava, não queria ter que falar com mamãe ou Natasha e avisar sobre o que acontecera, assim como não queria ter que falar com Rodrigo agora. Só queria permanecer longe de qualquer possibilidade de ainda receber uma notícia ruim hoje, a preocupação e o medo concentrados neste hospital já são grandes demais.

Cerca de nove da noite houve uma movimentação no corredor e vozes conhecidas fizeram Dolores se desvencilhar do nosso abraço. Nós dois levantamos juntos das cadeiras em que estávamos quando mamãe e Rodrigo chegaram à sala de espera.

Surpreendi-me ao ver que mamãe, apesar de ter os olhos vermelhos e brilhantes de tristeza, não chorava e, ainda mais, ao ver que Rodrigo estava com ela, servindo-lhe de apoio.

Retribuí quando ela me abraçou e ignorei as dores ao apertá-la contra mim e beijar o topo de sua cabeça. Por muito pouco não me permiti o direito de desabar ali, foi um "quase" que me custou mais do que eu um dia usei para evitar situações como aquela: em que minhas fraquezas e dores eram notadas. Mamãe não tentou me fazer falar muito, logo sua atenção pousou sobre Dolores e foi até ela, para consolá-la. Rodrigo escrutinou em mim o que se passava por minha mente, ele sabia como eu me sentia, sabia que dele eu não conseguia esconder, sabia que ver as pessoas que eu amava daquela forma me destruía, sabia que ser forte por quem amamos é mais difícil quando também sentimos que vamos cair; Rodrigo sabia porque passou pelo mesmo mais cedo.

Cerrei o maxilar e apertei os lábios com força quando ele me abraçou, por um ínfimo instante eu não era o irmão mais velho que precisava ser mais forte que ele para consolá-lo, eu era apenas o irmão que não aguentava mais os anos fingindo ser forte porque os outros precisavam que eu o fosse. Senti lágrimas solitárias, quentes e finas deixarem meus olhos e os fechei. Não queria desabar aqui, nem agora, talvez nem pudesse — Dolores e mamãe precisavam de mim forte —, mas não consegui me conter.

— Não foi culpa sua — Rodrigo repetiu as palavras que eu lhe disse horas atrás. — Eu coloquei vocês nesse inferno. A culpa é minha e não sua.

Meu peito tremeu com as tentativas de reprimir o choro acumulado de anos e precisei respirar fundo algumas vezes para conter aquela tempestade isolada. Limpei o rosto rapidamente e acabei com o abraço. Voltei-me para Dolores e mamãe, que estavam sentadas

nas cadeiras ali, conversando em voz baixa, ambas chorando. Displicentes a nossa presença ali.

— Nós vamos conversar — Rodrigo avisou às duas. — Vem.

Fiquei reticente em deixar Dolores e mamãe sozinhas, ainda que Bruno e Gonçalo estivessem ali, armados, por isso indiquei a Rodrigo apenas os bancos mais afastados das duas e seguimos para eles.

— Eu liguei para o Robson, ele disse que daria um jeito de estar aqui de madrugada — ele iniciou. — Precisamos sair daquela casa, Carlão já sabe que você e o resto da família estão lá e não acho que ele vá parar com o que está fazendo.

Encarei-o com atenção ao compreender do que ele falava.

— O que quer dizer? — indaguei porque ainda queria que eu tivesse chegado a uma conclusão errada.

Sua expressão mudou, mas não se tornou mais legível para mim no momento, os olhos castanhos, exatamente como os meus, não transpareceram nada, contudo ele respondeu:

— Ele está usando você. Não vai parar de machucar as pessoas que você ama até me entregar a ele.

Assim eu percebi que aquele maldito dia podia sim ficar ainda pior.

— Por que ele não machucou a mim?! — questionei quase um minuto depois. Sentia raiva, sentia medo pelo que ainda podia acontecer às pessoas da minha vida e, acima de tudo, sentia vontade de matar aquele filho da puta. — Ele tinha uma arma, eu estava cercado, podia ter me matado, podia ter me torturado até falar, por que usar outra pessoa para isso?!

— Porque esse é o tipo de coisa que ele sempre faz. Foi o que fez com Fernanda anos

atrás, foi o que fez comigo há alguns dias, é o que está fazendo com você agora.

Eu decidi não falar mais nada, não queria me alterar ainda mais e chamar a atenção de Dolores e mamãe para mim. Respirei fundo pela enésima vez e tentei me acalmar, mesmo que já não acreditasse que conseguiria isso.

Então eu pensei... E pensei... Repassei todo aquele maldito dia em mente e cheguei às minhas próprias conclusões.

— Natasha está sozinha em casa? — questionei.

— Ela está com os seguranças e Vitor. Pedi que ela arrumasse uma mala com as roupas de vocês. Ela e as crianças precisam sair daquela casa ainda hoje. Robson vai usar Cássio como isca, se não der certo procurará Carlão na boate que mencionei.

— E Fernanda?

Ele expirou devagar e se recostou à cadeira.

— Ainda não acordou e, com os remédios que tomou no hospital, é provável que só acorde amanhã. O médico me garantiu que fisicamente ela ficará bem.

— Ok. Vou mandar que os seguranças levem Natasha e as crianças para o meu apartamento. Ninguém da nossa família sabe sobre aquele lugar, duvido que Carlão descobrirá. É bom que Robson o encontre rápido.

— E João, como está?

Olhei para Rodrigo.

— Está em cirurgia para a retirada da bala.

Após minha resposta ele não disse nada mais. Olhei para mamãe e Dolores novamente, mamãe tentava ser forte, e eu sei o quanto esse momento deveria ser difícil para ela. João e ela são metades que se completam há muito tempo. Ela deve estar sentindo esse acontecimento muito mais que eu.

— Preciso que me ajude agora, Rodrigo — murmurei para ele, sem tirar meus olhos das duas. — João é o apoio de mamãe, sempre foi. Se ela está melhor agora é porque ele a ajudou. Mamãe precisa que alguém não a deixe cair de novo.

Rodrigo permaneceu em silêncio.

— Todos temos pilares para manter nossas estruturas de pé, João era um dos principais de todos nós, sobretudo dela. — Voltei a olhá-lo naquele momento, ele também olhava para mamãe e Dolores. — Não vou conseguir ser forte por todas elas agora.

— Seu principal pilar também ruiu — ele sussurrou, referindo-se a Dolores.

— Sim — concordei e isso pôs um fim a conversa.

O silêncio perdurou somente até eu lembrar de Natasha e das crianças, liguei para ela para lhe dar notícias e depois pedi para falar com um dos seguranças. Ele os levou para o meu apartamento e, como ainda possuía a chave, Natasha e as crianças chegaram lá em segurança.

Era quase onze da noite quando um médico veio até onde estávamos, nos levantamos rapidamente ao ver o senhor de idade se aproximar com um semblante cansado, ele segurava uma prancheta e pareceu procurar algum nome nela.

— Dolores? — ele chamou, fazendo-a dar um passo à frente. Saí de onde estava ao ver que ela estava prestes a cair e a mantive firme. — Sou o neurocirurgião responsável pela cirurgia do seu avô, me chamo Rafael Villa-Lobos. A cirurgia foi bem-sucedida, mas tivemos que sedar seu avô para que seu corpo tenha tempo de se recuperar bem. Pela

localização da bala, há setenta por cento de chances de que possua alguma sequela, mas só teremos certeza quando ele acordar.

— Sedado? — mamãe murmurou ao meu lado. Como eu fazia com Dolores, Rodrigo a mantinha de pé.

— Coma induzido — o médico explicou, fazendo-me cerrar os olhos como se fosse atingido por um novo golpe. — Não posso dizer que ele acordará agora ou daqui a algumas horas, os pacientes reagem de formas diferentes. Ele pode acordar em poucas horas, ou alguns dias, o importante é que a bala foi retirada e ele foi forte durante toda a cirurgia.

— Então ele está fora de perigo? — Lola balbuciou, seu medo estava exposto naquela simples pergunta.

— Infelizmente não posso garantir isso — o médico respondeu, pareceu triste ao dar aquela notícia. — Seu avô foi muito forte, vocês o trouxeram ao hospital rápido e ele foi atendido em tempo recorde, isso fez toda a diferença no processo, contudo ele possui outros fatores que não estão ao seu favor: tem mais de sessenta anos, é diabético, já teve um infarto.

Dolores se agarrou a mim com força ao ouvir aquilo.

— Podemos vê-lo? — indaguei.

— Ainda não. Amanhã posso liberar uma ou duas visitas, no máximo. Ele está na UTI. Precisarei ser rígido por isso.

“De novo”, Lola sussurrou, com a voz embargada. Suas estruturas completamente destruídas.

Mamãe e Dolores se recusaram a deixar o hospital, ambas temiam que algo pudesse acontecer enquanto não estivessem aqui e não conseguimos convencê-las do contrário. Por mais preocupado que eu estivesse com Natasha, Gabriel e Alícia, decidi ficar com elas aqui e

Rodrigo foi para o meu apartamento. Pedi que, pela manhã, antes de ir ao hospital ver Fernanda, ele fizesse compras para que Natasha pudesse fazer as refeições dos meninos.

A madrugada foi cansativa, mas surpreendentemente ter mamãe e Dolores abraçadas a mim na maior parte dela, foi reconfortante. O silêncio e as horas nos ajudaram a tanto pensar quanto acalmar ao menos um pouco nossas preocupações. No meu caso também me ajudou a controlar melhor a sensação de impotência e culpa, apesar de não conseguir extingui-las, reconheci que estava um pouco melhor que horas atrás, ao descobrir sobre João estar no hospital. Lola e mamãe já não choravam, mas nenhuma delas parou de rezar, enquanto eu agradecia por aquela fase complicada da cirurgia ter sido bem-sucedida.

Cerca de cinco da manhã, fomos juntos à pequena lanchonete do hospital, a essa hora havia apenas café, mas era exatamente disso que todos precisávamos. Conversamos pouco em voz baixa e, quando terminou seu café, mamãe perguntou:

— O que está acontecendo, Ricardo?

Pousei minha xícara sobre a mesa e a encarei atentamente, sabia que resposta ela queria, mas não fazia a mínima ideia do que e como responder. Ela prosseguiu:

— Eu sei que você e João estão sempre tentando me proteger, mas estou cansada de ser deixada no escuro sobre tudo o que acontece, querido. Não saber o que está acontecendo me faz pensar em todas as possibilidades e a incerteza me dói. Primeiro você e Dolores sofrem um atentado, então Rodrigo volta depois de anos, aí você é machucado de novo e não pense que acreditei naquela história de assalto, porque não acreditei em nenhuma palavra. Agora João também foi machucado... O que está acontecendo?

Um olhar trocado com Dolores foi suficiente para eu perceber que ela também acreditava que já era hora de mamãe compreender o que estava acontecendo.

— Eu estou bem, querido. Não precisa tentar me proteger até de más notícias — ela

concluiu.

— Mamãe, há um traficante perseguindo Rodrigo e Alícia, há uma semana ele sequestrou Fernanda e por isso Rodrigo foi me pedir ajuda — contei, deixando-a boquiaberta. — Quando Lola e eu fomos sequestrados, foi por causa de uma ordem daquele homem, ele acreditava que eu era Rodrigo. Ontem ele foi atrás de mim na empresa, mas até aquele momento eu não entendi o motivo, sequer sabia que ele estava aqui na cidade. À tarde, Rodrigo e eu fomos atrás de uma pista sobre Fernanda e a encontramos.

— Encontraram? — Lola indagou, surpresa.

Eu assenti brevemente e concluí:

— Depois, quando já estávamos aqui no hospital, Rodrigo me disse que Carlão está tentando usar vocês contra mim, por isso ele não me matou ontem, ele acredita que sei como contatar Rodrigo ou que recebo ligações dele, só pode. O bastardo está tentando fazer com que eu entregue meu irmão e minha sobrinha.

Expirei fortemente e desviei meu olhar das duas, que tinham expressões preocupadas e estupefatas.

— Fernanda e Rodrigo sabem onde encontrar ele aqui na cidade e ontem conseguimos prender o irmão dele. Robson tentará atrair Carlão. Se não conseguir, montará uma equipe para ir atrás dele em uma boate apontada por Rodrigo, segundo ele Carlão é sócio dela.

— Ele não vai parar agora, não é? — Lola inquiriu, sua feição convertendo-se rapidamente à impassibilidade. Aquilo me chamou atenção e conseguiu me preocupar também. — Não vai se contentar em apenas machucar vovô...

— Lola... — tentei dizer algo, porém ela me interrompeu, superpreocupada.

— E Natasha?! Está sozinha em casa?!

— Não, eu a mandei para o meu apartamento com as crianças, Rodrigo está com eles.

— Por que esse traficante está atrás do meu filho? E da minha neta?! — mamãe foi a próxima a perguntar, já parecia ter se recuperado do baque que aquelas informações lhe causaram.

— Ele acredita que Alícia é filha dele.

Respirei fundo ao ver o cenho de mamãe franzido e tentei explicar de forma sucinta:

— Anos atrás Fernanda disse isso para que ele não matasse a Ali, depois ela fugiu com Rodrigo e a filha. Desde então eles são perseguidos por Carlão.

Um telefone celular começou a tocar na mesa, Lola o pegou e suspirou ao ver o nome na tela.

— É mamãe. Ela me ligou ontem à tarde e eu contei sobre vovô.

— Ela já chegou? — mamãe perguntou a Lola.

— Acho que sim, ela disse que ligaria quando chegasse. Com licença — Dolores pediu antes de levantar e se afastar para atender à mãe.

Quando ficamos sozinhos, mamãe me fitou em silêncio por alguns segundos. Vi lágrimas brilharem em seus olhos, mas ela não as derramou, apenas pegou minhas mãos sobre a mesa e as entrelaçou às suas.

— Obrigada — ela sussurrou. — Por não deixar seu irmão sozinho agora, apesar de tudo o que ele fez contra você no passado.

Aumentei o aperto de nossas mãos por um momento e suspirei.

— Prometi que cuidaria dele, lembra? — murmurei e isso fez suas lágrimas rolarem vagarosamente. A promessa tinha vinte anos, mas mamãe também parecia lembrar dela nitidamente. — Não podia deixar ele sozinho de novo, sobretudo ciente de tudo o que estava acontecendo.

— Obrigada, querido — ela repetiu.

Antes de seis da manhã, fui à recepção e pedi informações sobre o médico responsável por João. A recepcionista me informou que o plantão dele acabaria em alguns minutos e tentou localizá-lo no hospital, depois me disse como chegar até à sala em que ele estava. O Dr. Rafael não possuía novas informações a nos repassar sobre João, apenas explicou melhor o que nos informou ontem e afirmou que ele continuava desacordado, mas nos permitiu visitá-lo. Também nos pediu que não nos desgastássemos ficando vinte e quatro horas no hospital e deixássemos que João se recuperasse em seu tempo, sem que, no processo, isso nos levasse a um dos quartos do hospital por exaustão.

Primeiro deixei que mamãe e Dolores fossem juntas a ala da UTI, enquanto isso vesti os acessórios e a roupa necessária para entrar lá também. Cerca de cinco minutos depois, quando as duas deixaram o quarto, fui guiado até ele por uma das técnicas em enfermagem.

Quando entrei no quarto e vi João sobre aquela cama, todo o esforço para manter a culpa e o medo à distância foi por água abaixo. Eu sequer consegui me mover de onde estava, talvez um passo, qualquer movimento aleatório ou voluntário fosse capaz de mudar o curso do que estava acontecendo e eu não estava preparado para isso. Para novas mudanças, para ver o homem ali ainda mais debilitado do que via àquela distância. Eu estava sendo fraco,

sabia. Tantos anos de atitudes e decisões prudentes, de uma força inabalável, de uma resiliência invejável, para chegar a isso, para me ver tão fraco e impotente quanto não lembro de um dia já ter me sentido.

Eu não me arrependia de nada do que fazia. Cheguei a acreditar que nunca o faria. Até agora. E não, eu não me arrependia de ter ajudado meu irmão e sua família, me arrependia de ter insistido que João e Dolores se afundassem ainda mais nessa história, me arrependia de tê-los colocado naquela casa porque, querendo ou não, foi assim que Carlão chegou até eles. Foi por isso que aquele filho da puta decidiu usá-los contra mim.

Eu sentia meu corpo completamente dolorido, sentia fisgadas de dor a cada passo que dava, era incômodo, mas não se equiparava à aflição e angústia de ver João ali, em coma, enquanto estava ciente de que toda a minha família continuava sob a mira da arma de um assassino frio.

— Me desculpe — pedi a João, ainda que estivesse ciente de que ele não ouvia. Eu me desculpava não só por tê-lo colocado nisso, mas também por Dolores continuar em perigo, por eu não ter cumprido a promessa de manter todos seguros e bem.

Alguns minutos de silêncio se passaram enquanto eu apenas observava o homem ali, ferido, com uma máscara de oxigênio e um número infindável de fios conectados ao seu corpo, além de diversas máquinas monitorando-o também. De alguma forma sua presença, apesar de também me trazer dor por vê-lo daquele jeito, conseguiu me confortar, era um lembrete de que ele estava vivo, ele continuava lutando e eu quase podia ouvi-lo dizer que eu não podia cair agora, que não podia deixar que sentimentos e emoções traiçoeiras conseguissem me manter tão perdido e me sentindo tão culpado. Conseguia ouvi-lo me mandar levantar e deixar os destroços do que um dia foi uma estrutura imponente de força, calma e frieza e iniciar a construção de uma nova. Esta não precisava ser indestrutível, só precisava ser capaz de me amparar sempre que houvesse necessidade.

Respirei fundo e limpei meus olhos. Odiava chorar. Quando criança aprendi que lágrimas

são sinônimo de fraqueza. Olavo nos tinha como mais fracos por causa dessas gotas salgadas e inúteis. Comecei a evitá-las a todo custo porque elas sempre traziam um brilho de triunfo aos olhos daquele homem. Depois percebi que podia ignorar a necessidade de chorar em certas ocasiões porque alguém precisava ser forte em nossa casa, não era mamãe, ou Rodrigo, nunca foi Natasha, tampouco Suzana: eu tinha que ser forte por eles quando desabavam. Não podia ser diferente agora. Eu podia lidar com aquela maldita culpa, podia mandar aquela sensação de impotência ao inferno, por mais que demorasse para consegui-lo, eu o conseguiria.

Era mais de sete da manhã quando chegamos ao meu apartamento, Natasha já estava acordada e correu para mim quando me viu entrar na sala. Ela não chorava, mas era notável a sua preocupação... *comigo*.

— Como você está? — ela perguntou enquanto Dolores e mamãe entravam na sala também.

Rodrigo, lembrei. *Ele certamente disse algo a ela sobre ontem. Sobre como eu estava.*

— Bem — respondi após beijar-lhe a testa. — Onde estão todos?

— Alícia e Gabriel ainda estão dormindo — ela respondeu enquanto se afastava para abraçar Lola. — Rodrigo foi ao hospital ver Fernanda.

Conversamos um pouco antes que mamãe dissesse que tomaria um banho e Lola e eu levantássemos para fazer o mesmo. Natasha disse que acordaria as crianças agora que o café da manhã já estava pronto.

Quarenta e cinco minutos depois, Lola e eu já estávamos deitados na cama, após o banho. Alívio era o que meu corpo gritava desde que eu havia me deitado, senti como se pesasse uma tonelada quando me acomodei sobre os travesseiros e vi Lola fazer o mesmo. Antes de ir para o banheiro, eu tomei os remédios e analgésicos receitados pelo médico ontem e agora sentia os medicamentos começando a fazer efeito.

Lola estava pensativa, quieta, e eu a deixei com seus próprios pensamentos enquanto relembrava de minutos atrás, quando falei com Rodrigo e ele me informou que Robson já chegou e que Fernanda já acordou.

Quando senti uma das mãos de Dolores tocar suavemente toda a extensão de meu tronco, eu desviei meu olhar do teto para fitá-la.

— Ainda dói muito? — ela perguntou.

— Não tanto quanto ontem. Estou bem.

Lola acabou com a pouca distância que havia entre nós e me abraçou da forma que sua posição permitia, eu a puxei para mim também e inspirei o cheiro reconfortante de rosas que parecia estar sempre impregnado nela. Céus. Como precisava senti-la tão perto.

— Eu sinto muito — murmurei, finalmente. Queria poder dizer muito mais, mas não sabia sequer como articular novas sentenças.

— Eu também — disse. — Mas nenhum de nós foi culpado, Aaron. Vovô se recuperará, ele *precisa*. Me prometeu que não me deixaria e eu sei que vai cumprir essa promessa.

Fiquei em silêncio, discordava do que ela dissera primeiro, mas não precisava que ela soubesse. Como se algo fosse acionado em sua mente com minha indisposição para lhe dizer algo mais, ela me fitou e prosseguiu:

— Sei que está se atormentando, Aaron. Mas você tanto não deve se culpar, quanto não

precisa tentar me esconder como se sente. — Lola aproximou um pouco mais seu rosto do meu e beijou meus lábios ternamente antes de recostar sua testa à minha. — Sei que está preocupado, que tem medo de perder vovô, eu também me sinto assim. Não precisamos mais fingir que somos fortes e impermeáveis o tempo todo. *Não temos* que ser o que os outros precisam o tempo todo.

Fechei os olhos devagar ao ouvir aquilo e peguei uma de suas mãos para entrelaçá-la à minha.

— Eu nunca vou sequer pensar que você é fraco apenas porque demonstrou ser humano, porque se deu o direito de desabar e chorar por algo que te destrói. Todos temos direito de fazer isso.

— Obrigado. — Foi tudo o que consegui dizer. Em momentos como este chego a odiar minha inaptidão com as palavras.

— Não precisa se esconder de mim.

— Não farei isso — prometi.

Voltei a inspirar profundamente seu cheiro quando ela me abraçou.

— Eu te amo tanto... *Tanto* — sussurrei. Apertei-a a mim com tanta força que, por um segundo, temi que a estivesse machucando. A percepção de que aquela bala poderia tê-la atingido me alcançou somente agora e um tipo de terror me invadiu só por imaginá-la naquela cama de hospital. Fechei os olhos. Não conseguia lidar com essa possibilidade.

A porta do quarto foi aberta devagar e nos afastamos para ver quem havia entrado.

— Biel — Lola murmurou e se sentou sobre a cama ao vê-lo se aproximar, parecia sonolento.

— Vocês me deixaram sozinho — ele disse enquanto corria para os braços de Dolores.

— Desculpe, meu amor — ela pediu e então o colocou sobre a cama, entre nós dois.

Uma espécie de sorriso suscitou em meus lábios ao ver o pijama de super-herói dele, no ano passado Natasha me deu de presente uma versão maior desse mesmo modelo.

— Você está bem? — Lola perguntou. — Já tomou o café da manhã?

— Sim — ele respondeu. Sem soltá-la, ele se voltou para mim. — Ele *tá* bem?

Dolores voltou a deitar sobre a cama, ainda com Gabriel em seus braços. Eu respondi:

— Estou bem, Gabriel.

O garoto se aproximou e usou uma das mãozinhas para tocar o ferimento que ainda estava roxo em meu rosto.

— Lolita, beija aqui — ele pediu ao indicar o machucado para ela. — Pra sarar logo.

Meu sorriso aumentou e, por um instante, Dolores e eu conseguimos afastar nossos medos e preocupações.

Após ela fazer o que Gabriel havia pedido, ele se deitou entre nós dois e pegou minha mão direita e a esquerda de Dolores, colocou a dela sobre a minha e a sua sobre a de Lola.

— Vocês não vão me deixar sozinho de novo, né? — perguntou, e se moveu para conseguir ver nossos rostos.

Troquei um olhar com Dolores.

— Não, nós não vamos — prometi.

Lola entrelaçou sua mão a minha novamente e seus lábios se moveram para formar um inaudível “Obrigada”.

Vinte e Dois

“A face do mal
Um grito de horror
Um fato normal
Um êxtase de dor
E medo de tudo
Medo do nada
Medo da vida
Assim engatilhada...”
Alvorada Voraz – RPM

O toque de um telefone celular me acordou subitamente. Esfreguei os olhos e olhei para o outro lado da cama, Lola já estava sentada sobre ela e procurava o aparelho no criado-mudo. Gabriel continuava entre nós e dormia tranquilo, imperturbado pelo toque sonoro infindável.

— Oi, mamãe — Lola atendeu ao telefone em um sussurro e levantou da cama, para ir ao

banheiro. — Estou bem, vou ao hospital daqui a pouco novamente. Sim, a senhora pode vir comigo.

Olhei para o despertador e expirei, cansado, ao constatar que já se passava de meio-dia. Peguei meu celular ao lado do abajur e verifiquei se havia alguma chamada do hospital ou de Rodrigo. Confesso que respirei muito melhor quando percebi que não havia.

— Rob está vindo aqui? — Ouvi Lola perguntar ao telefone e decidi levantar de uma vez. Gabriel se moveu ao meu lado e me permiti um sorriso ao olhá-lo mais atentamente, ele estava com o polegar direito entre os lábios, como se este lhe servisse de chupeta. Era tão pequeno, tão inocente, não merecia nada do que já havia sofrido. Eu sabia que ele ainda sentia muita falta dos pais, isso já ficou evidente em muitas situações, mas o fato de ele estar bem aqui, conosco, também não me passou despercebido. Talvez Dolores e eu realmente pudéssemos fazer isso, poderíamos tentar ser bons pais para ele.

A porta do banheiro foi aberta e voltei minha atenção para ela, Dolores já havia encerrado a chamada com a mãe. Ela havia prendido os cabelos em um rabo de cavalo e seu rosto continuava a denotar cansaço e preocupação, mas ela já estava melhor, mais contida e calma que ontem. Assim como eu.

— Eu te acordei? Desculpe.

Balancei a cabeça, negando, e ela parou próxima ao guarda-roupa, colocando o peso do corpo apenas em uma perna antes de começar a procurar algo para vestir.

— Mamãe irá comigo ao hospital depois do almoço — ela disse. — Marcos veio com ela e estão em um hotel lá perto.

— Eu vou com você também — falei. Lola não discutiu.

Agradeci silenciosamente quando percebi que meu corpo já não estava tão exausto quanto

mais cedo, apenas as pernas que estavam doloridas, assim como algumas costelas. Andei até onde Dolores estava.

Boquiaberta, ela tirou do guarda-roupa uma arma e, sem dizer nada, a mostrou para mim, fazendo-me uma pergunta silenciosa.

— Sim, eu mantenho uma arma aqui e outra em meu carro — elucidei, fazendo-a suspirar lentamente e, com habilidade, verificar se a arma estava carregada.

— Me diz que nenhuma ideia estúpida sobre ir atrás do Carlão passou pela sua cabeça — Dolores pediu enquanto descarregava a arma. Apertei os lábios, sem acreditar no que me perguntava e ela suspirou com força. — Você foi uma vez! — argumentou.

— Fui procurar Fernanda, com Rodrigo. E não me arrependo! Aqueles filhos da puta estavam torturando-a de verdade, Dolores! — respondi. Não achava necessário entrar em detalhes. — A arma é só para um caso de necessidade. Eu não estava planejando ir atrás daquele filho da puta!

Ainda em dúvida, e preocupada, ela guardou a arma e a munição em bolsos diferentes do short que vestia e prosseguiu, mudando de assunto:

— Rob quer falar conosco. Ele não é a pessoa mais sensata que conheço quando está muito preocupado ou bravo, então não leve a sério metade do que ele disser.

— Sei que ele vai me culpar pelo que aconteceu, Lola. Não precisa disso — afirmei antes de lhe beijar os lábios com delicadeza. Eu já estava me preparando para esse encontro com Robson. — Vou procurar alguma coisa para comer antes de irmos para o hospital, quer algo?

Ela respondeu com um simples aceno afirmativo e eu segui para a porta.

— Você fez tudo o que podia, não teve culpa de nada. Se Robson tentar insinuar algo que contrarie isso, eu o expulso daqui sem pensar duas vezes.

— Não precisa disso — repeti sem encará-la antes de deixar o quarto.

Parei meu caminho até a cozinha ao ouvir as vozes de mamãe e Rodrigo naquele cômodo. Franzi o cenho ao perceber que conversavam.

— Ele disse que acreditava que eu tinha feito algum tipo de jogo perverso para te fazer lembrar do filho da puta do Olavo. Por que fez ele acreditar nisso?

Encostei-me à parede ao ouvir Rodrigo fazer aquela pergunta.

— Mas eu não fiz! Nunca conversei com Ricardo sobre isso, ou com qualquer outra pessoa, querido. Nem mesmo lembro direito o que aconteceu naquela noite.

A resposta de mamãe o deixou em silêncio por tempo suficiente para me fazer entender do que os dois falavam e relembrar esse acontecimento do passado. Só então percebi um novo detalhe: se ela lembrasse o que acontecera, teria me avisado, por mais que já não tivesse tanta empatia por Fernanda, mamãe nunca me esconderia que Rodrigo havia ido atrás dela. Mas não, ela se recusou a tentar lembrar o que acontecera na época e eu preferi não insistir. O terapeuta dela me explicou que ela tentava bloquear essas lembranças quando algum fato traumático era acionado em sua mente por alguma situação atual. Por isso a "amnésia". Era uma espécie de proteção que ela havia desenvolvido para sua mente. Saulo, seu terapeuta, a ajuda com isso nas sessões, hoje ela consegue lidar melhor com as lembranças e já as enfrenta ao invés de evitá-las.

— Você agiu como se eu fosse matá-la, ele deve ter pensado besteira por isso — Rodrigo voltou a falar, contido. Pelo seu tom de voz, eu percebia que tentava se manter calmo.

— Por que eu agiria assim? — mamãe perguntou, confusa. — Eu fui com você sem precisar me forçar, não foi? Ricardo me disse que por isso a segurança do prédio não tentou te impedir. Se você apenas me levou para aquele lugar, por que eu agiria como se fosse me

machucar?

— Porque eu estava armado.

Mamãe se calou.

— Você começou a se desesperar ainda nesse apartamento, quando me viu discutindo com Fernanda — ele contou. Arrisquei um olhar para onde estavam e os vi sentados à mesa. Apesar de ainda perturbada por aquelas palavras, mamãe também parecia tentar lembrar. — Depois, quando me viu com a arma, isso apenas piorou. Por quê?

Uni as sobrancelhas ao vê-la esconder o rosto entre as mãos, Rodrigo também percebeu que algo estava errado e se empertigou sobre a cadeira para fitá-la melhor.

— Não gosto de armas — ela sussurrou, era perceptível que sua voz estava embargada. Precisei me controlar para não invadir aquele cômodo, tomá-la em meus braços e consolá-la. Odiava vê-la chorar.

— Por quê? — Rodrigo insistiu.

— Não quero falar sobre isso, querido.

Meu irmão expirou fortemente o ar dos pulmões e se levantou.

— Eu estou aqui, depois de anos, tentando entender você porque Aaron me pediu, porque ele está sempre me pedindo para ao menos falar com você. Me sinto em dívida com ele, acabei de tentar pagá-la — ele disse. — Se você prefere deixar as coisas como estão, que fiquem. Não me importo.

Recostei-me à parede tanto quanto pude, Rodrigo atravessou o batente da cozinha para ir em direção à sala e, por sorte, não me viu. Após alguns segundos, mamãe o seguiu. Agora eu estava à vista dos dois, se Rodrigo ou mamãe virassem de costas, ambos me veriam ali.

Sem encarar mamãe, ele se sentou sobre o sofá e os dois ficaram em silêncio, ele por estar irritado, ela por, provavelmente, não saber o que dizer, talvez como dizer também.

Um par de minutos taciturnos e incômodos se passaram. Pensei várias vezes em sair dali e deixá-los em paz para conversar, mas os dois haviam chegado a um ponto crucial, a algo que há anos eu gostaria de saber, mas que nunca havia insistido que mamãe me contasse.

— Olavo usava armas para me ameaçar — ela contou em um fio de voz. Rodrigo se voltou para ela no mesmo instante, mas não se moveu ou tentou dizer algo, também já não parecia colérico ou zangado.

Mamãe respirou fundo algumas vezes e, hesitante, sentou ao lado de Rodrigo no sofá.

— Pouco tempo depois que o meu pai me obrigou a casar com ele, João me encontrou e não precisamos de muito para decidirmos ir embora juntos. Eu deveria ter me casado com João, mas papai se aproveitou de um período em que ele estava servindo ao exército e me empurrou para Olavo. Quando aceitei fugir com João, eu não sabia, mas já estava grávida de Olavo. A fuga não adiantou muito, poucos dias depois seu pai nos encontrou. — Ela interrompeu, as lágrimas banharam seu rosto. — Ele atirou em João, me fez assisti-lo desmaiar de dor enquanto me impedia de ir até ele e socorrê-lo. Olavo deixou claro que se voltássemos a nos ver, ele o mataria. Menos de um mês depois, descobri que estava grávida de você e do seu irmão. O que já estava ruim naquela casa apenas piorou nos meses de gravidez porque, apesar de o médico informar há quanto tempo eu estava grávida, Olavo acreditava que os bebês não eram dele, dizia que só não me obrigava a tirá-los porque eu poderia morrer no processo e ele me amava demais para isso. Logo após nascerem, ele teve outro surto de loucura e tentou arrancá-los de mim, disse que se livraria de vocês, estava armado, bêbado, louco. Glória, sua avó, o impediu. Ela não gostava de mim, mas não deixaria dois inocentes se machucarem por causa do filho insano que tinha.

Àquela altura, Rodrigo, assim como eu, estava boquiaberto. E eu podia apostar que sentia tanta raiva de Olavo quanto eu no momento.

Mamãe usou as mãos para esconder o rosto após apoiar os cotovelos nas pernas. Mesmo à distância que eu estava, podia ver que seu corpo tremia a cada soluço, isso me fez desistir de continuar ali e dar um passo em direção a ela, contudo, fui impedido de prosseguir.

— Não — Lola sussurrou atrás de mim. — Deixe eles se resolverem.

Troquei um olhar com ela, que também parecia sentir-se mal em ver mamãe daquela forma. Demorei ainda alguns segundos para decidir fazer o que Lola pediu. Voltamo-nos para os dois de novo.

Rodrigo aparentava sentir-se, mais do que surpreso, perdido. Olhava para mamãe e era evidente que não sabia o que fazer.

— Por que não fugiu dele? Por que não tentou nos proteger dessa forma?

Mamãe meneou a cabeça, negando, e usou o dorso da mão para limpar as lágrimas que continuavam a rolar por seu rosto.

— Vocês eram tão pequenos. Meu pai nunca me aceitaria de volta em casa e eu não possuía outros parentes para me ajudar, não tinha como contatar João, não sabia onde ele estava, nem mesmo se ainda estava vivo. Naquela época, Olavo era um dos homens mais ricos e influentes do estado, papai também. Se sozinha com João, com ele tendo dinheiro, foi fácil para nos encontrarem, uma mulher com dois bebês recém-nascidos não teria ido longe. Minhas joias só eram minhas quando precisávamos participar de algum evento e a máscara de casal feliz deveria estar perfeita, depois Olavo as guardava no cofre. Vocês tinham um teto, comida e tudo o que precisavam, eu não podia privá-los disso. Olavo adorava jogar na minha cara que eu jamais conseguiria cuidar de vocês sozinha, que se tentasse acabariam morrendo de fome e frio enquanto eu me vendia por alguns trocados.

Minhas narinas se dilataram quando a fúria em mim aumentou, tentei me aproximar novamente e Dolores me segurou com força.

— E eu tinha tanto medo que isso acontecesse, tanto medo de vocês passarem fome por minha culpa. — Ela interrompeu de novo e tentou respirar fundo. — À medida que os anos se passavam e vocês cresciam, Olavo também aumentava a segurança na casa. Eu nunca podia sair desacompanhada dos seguranças, nem mesmo vocês. Seu pai nos prendia e sufocava de todas as formas que podia, viajava muito então nos deixava em paz, mas um dia, quando ele voltou de uma das viagens, eu cometi um erro, um dos piores. Durante uma discussão, ele se referiu a vocês como bastardos, disse tantas coisas horríveis e eu não consegui me controlar, aquela foi a primeira de muitas vezes que mandei que ele fizesse testes de DNA, que eram caros, mas Olavo podia pagar. Ele ficou louco, não estava bêbado, mas ficou tão transtornado quanto se estivesse, foi por esse motivo que ele começou a me bater. Naquela noite também me levou ao quarto de vocês. — Ela se calou e se encolheu novamente para chorar.

Senti algumas malditas lágrimas também deixarem meus olhos e Lola me abraçou. Rodrigo levantou uma das mãos para tentar afagar o rosto de mamãe, mas a baixou antes de fazê-lo. Ele também estava abalado ao ouvir aquela história, mas algo ainda o impedia de se aproximar.

— Foi a segunda vez que ele ameaçou matar vocês com uma arma, na minha frente — completou, mas demorou quase um minuto para prosseguir: — Quando vocês tinham dez anos, eu descobri que estava grávida de novo, Olavo não aceitou aquilo, disse que não aceitaria outros bastardos e avançou sobre mim, já não se importava se eu ficaria bem, só não queria aquele filho também. Lembro que você tentou pará-lo e Olavo te bateu com tanta força que você desmaiou, ele me arrastou escada acima, até o nosso quarto, e continuou o que havia começado, então Ricardo chegou da escola e entrou em nosso quarto. Como você, ele tentou me defender do pai. Vocês eram tão pequenos e, ainda assim, já estavam tentando me defender. Já tinham que sofrer tudo aquilo e eu já não conseguia controlar Olavo para deixar vocês em paz. Ele me fez perder um filho dele e disse que eu tinha sorte de ainda ter os meus meninos, que o bem-estar de vocês sempre dependeria de mim.

Aquela era a lembrança mais nítida que eu possuía da nossa infância. Eu não percebi que

mamãe estava sangrando tanto porque estava perdendo um bebê, mas aquele foi o dia em que eu mais odiei o fato de ser filho de Olavo, foi o dia em que ele se tornou apenas um homem detestável em minha vida, o dia em que passei a odiar meu pai. Ele deixou de ter qualquer importância para mim, deixou de merecer meu respeito, que já era inexistente.

Fechei os olhos com força após ver Rodrigo se aproximar o suficiente de mamãe para abraçá-la. Lola abriu minhas mãos, que estavam cerradas com força, e entrelaçou suas mãos às minhas.

— Já passou — ela sussurrou próximo ao meu ouvido. Sua voz afastou as lembranças que eu ainda possuía de tudo o que mamãe contava. — Olavo está morto, vocês sobreviveram a ele. Está tudo bem.

— Desculpe — ouvi mamãe pedir à Rodrigo. — Desculpe por não ter feito nada, por ter sido fraca por tantos anos, por não ter sido capaz de agir quando vocês já eram grandes. Eu tinha tanto medo de perder vocês, tanto medo de fazer algo que os machucasse ainda mais, tanto medo de tentar ir embora e Olavo me perseguir e se vingar de mim usando vocês. Me desculpe.

Mamãe desabou. Rodrigo desabou. Eu sequer tentei não cair. Éramos, mais uma vez, o amontoado de destroços que, mesmo depois de morto, Olavo conseguia nos transformar.

O tempo estava suspenso. Ainda que o completo silêncio se prolongasse cada vez mais, nenhum de nós se moveu. Aos poucos Olavo e qualquer lembrança inerente ao meu passado, à minha infância, foi afastada. Quando percebeu que eu já não estava respirando de maneira ofegante, Dolores se afastou um pouco, apenas o suficiente para olhar em meus olhos, e acariciou meu rosto ternamente.

— Tudo bem? — sussurrou.

Concordei com um simples aceno de cabeça.

Ao ouvir a voz de Rodrigo falando com mamãe, eu voltei minha atenção a eles.

— Por que aceitou vir para esse apartamento? — ele perguntou, seu tom era suave, desprovido de qualquer inclinação à acusação. Puxei Dolores para perto de novo quando percebi que o que meus olhos viam era deveras real. Rodrigo estava afagando os cabelos de mamãe, não tentara acabar com o abraço nem mesmo quando ela se acalmou.

Eu sabia que dez anos de distância entre eles não seria apagado ou esquecido agora, apenas por causa desta conversa, mas alguma coisa havia mudado ali. Era o início de algo que poderia fazê-los se reaproximarem novamente.

— Não aceitei — ela disse. — Naquela época eu comecei a ter crises de ansiedade, e por vezes esquecia coisas importantes de nossa vida, Olavo fez Ricardo acreditar que eu estava com Alzheimer. Um dia esqueci que era casada com Olavo, esqueci da existência dele. Seu irmão aproveitou que ele estava em uma viagem e disse aos empregados que me levaria ao hospital, nenhum deles se opôs, pois perceberam que eu realmente não lembrava nem mesmo de Ricardo. Seu irmão já estava planejando me tirar daquela casa há muito tempo, desde que começara a trabalhar e ganhar o próprio dinheiro. No aniversário de vinte e um anos dele, eu havia dado esse apartamento de presente, durante os anos seguintes Ricardo trabalhou para mobiliá-lo e comprar um carro, também guardou dinheiro suficiente para nos manter e manter Natasha e Suzana, que estava doente. Naquela época, Olavo já sabia que eu não teria coragem de deixá-lo, não depois de tantas ameaças, por isso tentava me comprar com joias e dinheiro. Nunca desconfiou do apartamento, nunca notou a falta de todas as joias que vendi para comprar esse apartamento, não se importava com nada além dele mesmo, queria que seu irmão fosse embora e me deixasse com ele naquela mansão, mas sabia que Ricardo jamais faria isso. Seu irmão viu a chance perfeita de fugir e me trouxe para cá. Quando Olavo encontrou esse apartamento, Ricardo já havia me colocado na casa de repouso com João.

— Ele fez isso por minha causa — Rodrigo murmurou como se compreendesse algo. — Tinha medo que eu a tirasse do apartamento de novo.

Mamãe o abraçou com força.

— Vocês dois, como irmãos, estavam passando por uma fase difícil. Estavam com raiva um do outro, não conseguiam se perdoar. Mas agora vocês se resolveram, ele sabe que você precisava do dinheiro. Alícia está bem, é uma menina linda e se recuperará em breve. Você não fez as melhores escolhas antes, mas elas foram responsáveis pela melhora da sua filha. Não vou julgá-lo por isso.

— Vem — Lola murmurou para mim. — Vamos deixar eles conversando sozinhos.

Sem retrucar, eu a segui de volta ao nosso quarto.

Lola disse que arrumaria algo para eu vestir enquanto eu tomasse um banho e o fiz. Debaixo do chuveiro foi impossível não recordar das palavras de mamãe, assim como todas as lembranças ruins que elas despertaram, mas as palavras de Dolores tiveram mais poder sobre mim que qualquer lembrança. Logo consegui me desvencilhar de tudo pertinente a Olavo e ele voltou a ser apenas o personagem desprezível de uma história que já não interferia em minha vida. Estava morto e não nos importunaria novamente se não o deixássemos.

Gabriel já não estava no quarto quando terminei o banho, nem mesmo Lola. Troquei de roupa apressado e fui atrás dos dois, encontrei-os no quarto em que Alícia e Natasha estavam. Parei no batente da porta ao ver Dolores ajudar Gabriel a vestir uma blusa, Nat estava sobre uma das camas de solteiro, jogando algo com Ali, tentando distraí-la.

— Aaron, o almoço está pronto — Nat avisou ao me ver. — Não saia sem comer.

Revirei os olhos só por já estar acostumado a irritá-la daquela forma, quando ela agia como eu.

— Titio, quando a mamãe vai chegar? — Alícia perguntou a mim.

— Não sei, querida — admiti. — Mas posso perguntar ao seu pai mais tarde.

— Tá bom — ela disse com um sorriso e voltou ao seu jogo. Me foi impossível não retribuir o sorriso iluminado da minha sobrinha. Mesmo que sua aparência tivesse muito de Fernanda, Alícia tinha uma personalidade completamente diferente dela. Nem seu pai, tampouco sua mãe, eram exemplos de bons cidadãos, mas era perceptível a boa criação que eles haviam dado à filha, apesar de tudo.

Esperei Lola terminar de arrumar Gabriel e os dois virem até mim para irmos almoçar.

Mamãe e Rodrigo já estavam à mesa, comendo, quando chegamos, ambos aparentavam estar em harmonia, como mãe e filho deveriam sempre estar.

Quando nos viu, mamãe contou que há pouco havia ligado para o hospital, que insistiu até a enfermeira, que era responsável por quem cuidava de João, verificar se havia alguma novidade acerca do estado dele, e foi informada que ele continuava sedado, mas sem nenhuma piora. Graças a Deus.

— Vou com vocês visitá-lo — ela avisou, por fim. Ainda que o estado de João não fosse exatamente "fora de perigo", como o médico explicara, mamãe e Dolores também já haviam compreendido que nem sempre o coma era motivo de extremo desespero entre os familiares. João estava sedado porque seu corpo precisava de um "descanso", precisava se recuperar. Houve essa necessidade. Ele estava sendo monitorado, qualquer alteração em seu estado seria percebida imediatamente. Era óbvio que ainda nos preocupávamos, mas não estávamos tão angustiados quanto antes, pois sabíamos que a pior parte já havia passado.

Almoçamos em silêncio e, quando Gabriel terminou, Lola o chamou para ir lavar as mãos e escovar os dentes. Ambos saíram juntos.

— Quando Fernanda poderá sair do hospital? — perguntei a Rodrigo, quando nós dois terminamos de comer.

— Creio que na segunda-feira, mas ela entrou em contato com Assis, pediu que ele a levasse ao hospital em que Alícia ficava. Talvez ele a leve pra lá hoje mesmo.

Franzi o cenho, sem compreender. Rodrigo levantou para lavar as mãos na pia e o segui. Lembrei das vezes em que ele mencionou esse tal Assis, diretor do hospital. Uma possibilidade sobre o relacionamento entre Fernanda e esse homem se tornou mais crível quando percebi que Rodrigo não gostava de falar dele.

Assis e Fernanda estavam juntos.

A campainha tocou e mamãe avisou que atenderia.

— Está esperando alguém? — Rodrigo perguntou a mim.

— Robson disse que viria aqui — contei assim que saímos da cozinha.

— Querido? — mamãe murmurou, estava estática à frente da porta aberta.

Uni as sobrancelhas enquanto me aproximava para ver quem estava ali, logo o homem invadiu a sala e sua figura ficou à minha vista. Eu não o conhecia e minha estranheza só aumentou quando outro, desta vez armado, também entrou, seguido por um loiro, e este eu conhecia. Surpreso, e até assustado, eu tentei empurrar Rodrigo de volta para a cozinha, para escondê-lo, mas foi em vão, ele se recusou a sair dali.

Mamãe, assustada, encarava os três enquanto dava passos para trás, tentando aumentar a distância entre eles.

— Ah, então você está mesmo aqui. — Carlão disse ao ver Rodrigo, um sorriso macabro obscurecia seu rosto de feições contraditoriamente angelicais.

Um dos homens se aproximou de onde eu estava e o outro foi até mamãe, ambos agora apontavam suas armas para nós.

— Carlão — Rodrigo disse, seu tom enfurecido se destacava diante de qualquer tentativa de fazer daquele um cumprimento.

— Depois de mais de um ano a caçada acabou. Gostei muito, mas acabou — o loiro informou. — Onde está minha pequena raio de sol?

— Como nos encontrou aqui? — indaguei sem tirar meus olhos dele, pensava em uma forma de contornar aquela situação e precisava de tempo. Talvez aquela não fosse a melhor forma de conseguir isso, mas fora a primeira coisa a vir a minha mente.

— Rodrigo me trouxe aqui. Na verdade, foi seguido por um policial do hospital até aqui, e depois ele me avisou sobre esse prédio. Digamos que seu porteiro foi muito gentil ao nos permitir a entrada e que seus seguranças não foram páreos para nós. — A pausa que se seguiu foi preenchida apenas por sua risada sarcástica e ele se voltou para Rodrigo. — Então, quase dois anos depois, você foi estúpido o suficiente para achar que a polícia estava do seu lado? Eles ganham muito mais se ficarem do meu lado, e no fim, eles sempre ficam. Você nunca deveria ter esquecido disso, Rodrigo.

— Me mate e acabe logo com isso — meu irmão pediu de maneira insípida.

— Não! — mamãe gritou e tentou se aproximar de onde Rodrigo estava, mas o homem ao seu lado a impediu.

— Onde está minha raio de sol? — Carlão inquiriu entre pausas, desta vez seu tom frio ecoou pela sala incrivelmente silenciosa.

— Eu nunca vou entregá-la — Rodrigo respondeu, inabalável. — Você nunca saberá onde ela está.

Menos de um segundo após aquela resposta, um disparo ressoou por todo o cômodo e foi minha vez de gritar ao ver mamãe cair no chão. Tentei me desvencilhar do homem armado,

que me segurou e colocou sua arma em minha cabeça, mas foi inútil.

— Resposta errada — Carlão interpôs, um novo sorriso em seus lábios. Este cheio de satisfação ao ver Rodrigo desesperado. — Você sabe que eu adoro isso, não é mesmo? Continue negando, ainda temos muitas balas. Adoro me divertir assim.

Meu coração vacilou ao ver mamãe no chão, sangrando, desmaiada. Tentei atingir com um golpe o homem que me segurava, mas ele devolveu com uma coronhada na minha cabeça que me fez cair de joelhos. Grunhi, numa mistura de dor e ódio quando a arma foi pressionada à minha cabeça de novo.

— Ela não é sua filha, porra! — Rodrigo gritou. — Por que a quer tanto se já sabe disso? Por que não nos deixa em paz?

— Fernanda me fez acreditar em muitas coisas nos últimos anos, então pensei: por que não tentaria me enganar com isso também? Alícia é a minha cara. Por que eu acreditaria que não é minha filha? E, além do mais, que graça teria se eu não me divertisse um pouco com o sofrimento de vocês? Com os gritos de Fernanda durante toda essa semana? — Carlão sorriu, se deliciou com a expressão de nítido sofrimento e ódio em Rodrigo. — Às vezes sinto como se os meses em que trabalhamos juntos não tivessem servido para você conhecer nem um pouco sobre mim. E você me viu fazer tantas coisas.

Rodrigo inspirou pesadamente, a cada segundo mais furioso e alterado, então avançou sobre Carlão com uma rapidez que me surpreendeu.

— Seu filho da puta! — gritou ao socá-lo. O capanga que atirou em mamãe correu até os dois, mas teve dificuldade de tirar Rodrigo de cima de Carlão e imobilizá-lo. Contudo, o fez.

Carlão socou meu irmão no estômago, devolvendo com raiva um dos golpes que Rodrigo lhe deu.

— Tem sorte de eu ter prometido ao Cássio que ele te mataria! — Carlão gritou, exaltado enquanto desferia mais socos em Rodrigo. — Onde está minha filha?!

— Ela não está aqui! — gritei e imediatamente senti o cano fino de uma arma ser pressionada com mais força à minha cabeça. Carlão sequer pareceu ouvir, estava vidrado demais para isso, sua atenção estava em Rodrigo e na raiva acumulada de meses, que ele agora extravasava em socos, chutes e golpes. Meu desespero aumentou.

Um som singular antecedeu o peso morto que caiu sobre o meu, me levando ao chão e provocando um baque. A dor por ter todo aquele peso sobre mim quase me consumiu. O capanga às minhas costas fora acertado na cabeça.

Eu não precisei sequer ouvir a voz feminina após aquela queda para ter certeza de quem estava ali agora. Um tiro ecoou pela sala enquanto eu empurrava o homem desmaiado de cima de mim e pegava sua arma.

— Por que você tem sempre que ser um maldito covarde? — Dolores perguntou à Carlão. Estava furiosa e ultrajada, de um jeito que eu nunca havia visto.

Levantei novamente e apontei a arma para onde o capanga dele estava, com o braço ferido, mas ainda de pé, apontando sua arma para Dolores, que mirava a sua em Carlão. Rodrigo estava no chão, se movia devagar, tentando levantar.

— E você é...? — Carlão questionou com um sorriso que tentava ridiculamente parecer sedutor. Isso me fez engatilhar a arma em minhas mãos, com raiva.

— A mulher que vai te mandar para o inferno — ela respondeu, conseguindo surpreender até mesmo a mim.

Carlão tentou gargalhar, mas sua risada morreu no instante em que a segunda bala deixou a arma de Dolores e acertou o capanga ao seu lado, levando-o ao chão. Não vi onde a bala o

atingiu, sequer sabia se havia chance do filho da puta estar vivo, mas o choque estampado no rosto do loiro foi estranhamente satisfatório.

— Dolores — tentei trazê-la de volta da névoa de fúria que parecia inundar sua mente. A forma que ela olhava para Carlão era assassina, quase como se ela soubesse de todos os malditos pecados dele e estivesse muito satisfeita em fazê-lo sofrer e pagar por cada um deles.

— Ligue para uma ambulância — ela disse para mim. — Verifique se Mabel está bem.

Neste momento olhei para mamãe ali, ainda desmaiada, e fui ao seu encontro, incerto sobre o que realmente fazer. Não queria me afastar de Dolores, pois sabia que ela estava pronta para cometer uma loucura, mas eu também precisava socorrer mamãe. Porra, queria me dividir em dois e não conseguiria.

O tiro acertara mamãe na barriga, sangrava, mas não de forma que me fizesse cogitar uma hemorragia interna ou externa. Não tive dificuldades para sentir o seu pulso e isso me fez expirar, um pouco aliviado. *Ela ficará bem*, repeti para mim mesmo de maneira incessante.

— Seria homem o suficiente para parar de mandar esses filhos da puta fazerem o trabalho sujo por você? — Lola perguntou, com uma sobrancelha arqueada em desafio. — Porque não foi um ao mandar que nos deixassem queimar até a morte naquele galpão, não foi um ao sequestrar Fernanda e torturá-la, não foi um ao mandar que matassem o meu avô e foi fraco o suficiente para precisar de ajuda para tirar Rodrigo de cima de você. Não foi capaz de lutar sozinho suas malditas lutas. Que tipo de bandido fraco e estúpido é você? — ela concluiu a pergunta ao atirar novamente, desta vez nele. Percebi que a bala o havia atingido em um dos braços.

De fato, Robson a havia transformado em uma arma letal.

Eu já ligava para a emergência do hospital quando me levantei de onde estava e fui até

Dolores.

— Lola. — Eu tentei fazê-la baixar a arma, mas ela se desvencilhou de mim com raiva.

— O que houve? — ela perguntou à Carlão, que permanecia incapaz de dizer qualquer coisa, tamanho era o seu choque. — A dor não é tão prazerosa quando é em você?

Outro disparo ecoou e este levou Carlão ao chão.

Segurei Dolores com firmeza, de forma que apenas uma camisa de força poderia fazer e isso a impediu de continuar atirando.

— Não! — eu gritei. — Você não vai matá-lo. Robson já está chegando.

— O inferno que eu não vou. Já perdi as contas de quantas vezes esse filho da puta tentou matar as pessoas importantes da minha vida. Ele não vai mais machucar ninguém. — Ela lutou contra meu aperto e tentou se desvencilhar. — Me solta, Aaron!

Eu murmurei com rapidez o endereço do Roosevelt ao telefone antes de deixar o celular cair.

— Você não precisa fazer nada, não é uma assassina e não vou deixar que se torne uma por causa daquele filho da puta.

— Não é sobre ele, Aaron! — ela gritou e tentou se soltar de mim. — Poderia ser qualquer um, qualquer maldito filho da puta que machucasse as pessoas importantes para mim. Ele fez isso vezes demais para eu deixá-lo sair vivo daqui.

— Está sendo impulsiva e inconsequente.

— Não me importo! Isso não muda o fato de que eu o quero morto desde que você quase morreu queimado naquela porra de galpão! — ela gritou, furiosa. Suas lágrimas rolavam em

profusão. — Não muda o fato de ele quase ter matado meu avô e a única mãe de verdade que eu tive. Gabriel e Alícia estão em choque lá dentro e são apenas duas crianças inocentes e indefesas! Esse filho da puta não vai mais machucar ninguém que eu amo!

Ela continuou tentando se livrar do meu aperto e eu a agarrei com mais força. Ainda que aquilo me machucasse como o inferno, eu não a deixaria cometer uma loucura.

Dois sons nítidos, conhecidos e simultâneos soaram novamente.

Uma nova arma foi engatilhada.

Outro tiro foi disparado.

O momento que vivíamos pareceu estacar, Lola e eu paramos de respirar ao mesmo tempo e trocamos um olhar de preocupação, como se perguntássemos através dele se estava tudo bem. Nos desvencilhamos e olhei para Carlão a tempo de ver a arma que ele segurava cair e Rodrigo abandonar outra no chão, alguns metros à minha frente.

— Nos encontramos no inferno daqui a alguns anos — ele murmurou para o corpo sem vida de Carlão. — Seu filho da puta sádico do caralho!

Soltei a respiração, meio aliviado, meio agoniado, mas também muito preocupado. Acompanhei Rodrigo quando ele se aproximou de mamãe e percebi seu desespero aumentar quando viu que a bala a havia atingido na barriga. Lola também se colocou ao nosso lado e, como eu, verificou o pulso de mamãe.

— A ambulância já está a caminho — avisei aos dois, mas tentava tranquilizar nós três. — O hospital é aqui perto, não demorará.

Minhas palavras soaram tão vazias para mim mesmo quando fitei mamãe desacordada ali, que minha falta de convicção naquilo permitiu que um tipo de pânico me invadisse de novo. Era novamente o medo de perder alguém que eu amava muito.

Lola entrelaçou sua mão a minha e eu a olhei.

— Ela vai ficar bem — ela murmurou.

A porta da sala foi aberta com um estrondo, e nos voltamos para ela ao mesmo tempo.

— Onde ele está?! — Robson perguntou, sua arma em punho. — O filho da puta atirou no porteiro do prédio antes de entrar! Tem dois seguranças feridos no corredor.

— No inferno, eu espero — Lola respondeu.

Ele suspirou e baixou a arma, somente então percebeu que havia alguém entre nós e se aproximou.

— Porra, ela foi atingida também? — perguntou, mas pôde comprovar que sim quando já estava perto o suficiente para isso.

Rob trocou algumas palavras com a polícia pelo telefone, chamou outra ambulância para o porteiro e os seguranças e cerca de cinco minutos depois os paramédicos chegaram para atender mamãe.

— Quem o matou? — Rob perguntou a nós três.

— Atirei duas vezes — Lola respondeu, sem qualquer indicação de remorso em seu tom. Ela continuava fria, realmente não se importava de tirar a vida de alguém como Carlão. *De qualquer um que ameaçasse as pessoas que ama.*

— Eu o matei, atirei na cabeça — Rodrigo concluiu antes que Robson dissesse qualquer coisa.

— Ótimo — Rob murmurou em tom de ironia, mas seu semblante era preocupado. —

Como vou explicar tiros vindos de armas diferentes?

— Não há o que explicar, foi legítima defesa — Rodrigo respondeu. — Isso é evidente pela quantidade de machucados que temos, ou não?

Robson bufou.

— Três tiros?

— Estávamos protegendo as crianças e nos protegendo. Se a polícia não acreditar que foi para nos defendermos... — Lola disse, chamando a atenção de nós três para ela. — Não vão acreditar em mais nada — ela concluiu.

Isso deixou Robson sem resposta.

— *Foi legítima defesa* — enfatizei. — Um exame de corpo de delito pode provar. Não há motivos para não acreditarem em nossa história.

— O policial que foi até o hospital que Fernanda estava é informante de traficantes — Rodrigo informou, ante o silêncio. — E Cássio precisa ser preso ou morto. Ele não vai deixar barato a morte de Carlão.

Robson bufou.

— Vou dar um jeito nisso — garantiu.

Falamos por mais alguns momentos em voz baixa sobre o que diríamos à polícia. Algum tempo se passou enquanto assistíamos os paramédicos prestarem os primeiros socorros à mamãe, e após eles a levarem, Lola foi até o banheiro do meu quarto, em que mandou Natasha se esconder com as crianças. Rob pediu que não saíssemos até que tivéssemos dado algum depoimento. Minutos depois a polícia chegou.

— Uma mulher foi encontrada no carro usado por eles, ela estava drogada e desmaiada nele. O chefe mandou chamar uma ambulância para ela — um policial avisou a outro, Rodrigo e eu estávamos perto e não precisamos de mais do que um olhar para concordar que aquela mulher só poderia ser Fernanda. O plano de Carlão era realmente aquele: atingir Rodrigo e depois fugir com Fernanda e Alícia. Meu irmão também percebeu isso e precisei impedi-lo de deixar o apartamento antes de falar com um policial Se depois de tudo, Carlão não a havia matado, ela ficaria bem.

Antes que permitissem que fôssemos ao hospital acompanhar mamãe, o policial veio até nós nos fazer perguntas e nos avisar sobre a necessidade de um exame de corpo de delito.

Então, um seguido do outro, cada um de nós contou o que aconteceu sob seu ponto de vista.

A sala de espera do hospital Divina Providência estava quase completamente ocupada pela minha família. Mamãe e Fernanda foram trazidas para cá, e esta já fora atendida, mas mamãe estava em procedimento. Graças a Deus, a bala não atingira nenhum órgão vital de mamãe e seria extraída sem maiores complicações. Agora Fernanda recebia a visita de Alícia e Rodrigo, mesmo que ainda não estivesse acordada.

Após todo o leque de perguntas dos policiais, e nós três — Rodrigo, Dolores e eu — fazermos o exame de corpo de delito, nós fomos liberados para vir ao hospital. Nem Gabriel, nem Alícia quiseram ceder e aceitar permanecer em casa, ambos estavam assustados e com muito medo para permitir que os deixássemos. Não tivemos escolha senão trazê-los, já que Natasha também quis vir.

Não falei com Dolores desde que a polícia nos indagou sobre como tudo ocorrera, ela havia se retraído e eu também. Mantinha-se afastada, sentada sobre uma das cadeiras da sala de espera, com Gabriel em seu colo, estavam abraçados há quase uma hora. Os dois pareciam, de fato, serem mãe e filho. O tempo aqui no hospital, com Natasha ao meu lado, foi preenchido apenas pela minha tentativa de explicar a ela o que havia acontecido e o porquê. Ela estava chocada, mas, pude perceber, também visivelmente aliviada por saber que agora tudo tivera um fim.

— Nunca a vi como hoje — Nat murmurou para mim, sem se mover para sair de meus braços. — Quando ouvimos o primeiro disparo, ela nos arrastou para o seu quarto e nos trancou no banheiro. Me fez prometer que seria forte pelas crianças e que não sairia de lá sob nenhuma hipótese. Eu vi quando ela pegou a arma e a carregou. Onde Lola aprendeu isso, Aaron?

— João e Robson sempre a ensinaram a se defender. João odiava armas, mas Robson não tinha problemas em ensinar Lola a usá-las. Quando eu estava no hospital na semana passada, ela me contou que treinou tiro ao alvo em Salvador. Rob a ensinou.

— Ela estava com medo de nos perder — Nat continuou, também fitava Dolores agora. — Mas também estava com raiva.

Eu não disse nada mais por um bom tempo após aquelas palavras. Não tirei meus olhos de Dolores e repassei em mente tudo o que havia acontecido há poucas horas.

Eu a conhecia. Lola é como uma leoa, sempre pronta para defender os seus; muito corajosa e altiva, mas também dedicada e superprotetora, seria capaz de tudo para proteger a família, seria capaz de dar a vida por qualquer um de nós. Hoje, apesar do que eu achei enquanto a segurava daquele jeito — para impedi-la de avançar sobre Carlão —, percebi que não fora sua impulsividade a dominá-la para querer matá-lo, fora seu instinto protetor e agora, ao vê-la abraçada a Gabriel daquela forma, eu sabia que, quando ela decidiu entrar naquela sala armada, foi com a intenção de morrer antes de permitir que qualquer um

chegasse ao banheiro em que ela havia escondido Natasha, Alícia e Gabriel, pois ele, independente do que qualquer pessoa possa dizer, para ela, era seu filho.

Eu a entendia e, por mais que não gostasse daquele lado *fatal* dela, porque ele era imprevisível, eu não podia julgá-la. Não tinha esse direito e minha empatia jamais permitiria isso. Talvez, em seu lugar, eu não tivesse agido exatamente como ela, mas o "fazer qualquer coisa para proteger quem amo" estaria valendo, significando ou não a morte daqueles três homens.

— Nat? — A voz de Rodrigo me tirou de meus pensamentos e fez eu erguer a vista para encará-lo, Alícia estava em seus braços, tinha os olhinhos vermelhos, pelo choro, mas já estava calma. — Pode levar Ali ao banheiro?

Natasha se desvencilhou de mim e assentiu para Rodrigo antes de levantar e levar a sobrinha.

— Como Fernanda está? — perguntei a Rodrigo.

— Ao que tudo indica, bem. Acordou um pouco grogue há pouco, mas se acalmou ao ver Alícia. E mamãe? O médico disse quando poderíamos visitá-la?

— Sim, após eles concluírem o curativo.

Rodrigo expirou, aliviado. Nos calamos por alguns minutos. Quando percebeu que meus olhos não saíam de onde Lola estava, ele iniciou:

— Vou dizer algo que nunca imaginei que diria. — Franzi o cenho, sem entender, e me voltei para ele, que prosseguiu: — Vejo nela o mesmo que vi em Fernanda há um ano.

Meu desentendimento aumentou.

— Do que está falando?

— Você pode não gostar das atitudes dela hoje, pode acreditar que ela poderia ter feito algo diferente, algo que não colocasse tanto sangue nas mãos dela mesma, mas ela não vai se arrepender das atitudes que tomou. De nenhuma.

— Eu sei, conheço a mulher que tenho, Rodrigo — murmurei, recostando-me à parede. — O que isso tem a ver com Fernanda?

Ele me fitou em silêncio, não respondeu.

— Fernanda também tomou muitas decisões que não te agradaram — compreendi. Ele não negou.

O silêncio que pairou entre nós foi quebrado apenas pelo fluxo de pessoas que vez e outra transitava por ali. Nat voltou com Alícia, mas as duas se sentaram próximas a Dolores, que agora falava ao telefone com alguém.

— Eu achei que nunca a perdoaria — Rodrigo sussurrou, sem tirar seus olhos de Alícia, que se sentara no colo de Natasha. A confissão do meu irmão me surpreendeu.

— Não acha mais? — perguntei.

Ele respondeu com um simples meneio de cabeça.

— E eu precisei achar que a havia perdido para sempre para perceber isso. Para enxergar que naquele momento eu não havia perdido a “vadia que infelizmente era mãe da minha filha”, e sim a mulher com quem eu vivi os melhores e piores anos da minha vida, a mulher que, mesmo depois de tantos erros, eu ainda amava tanto. E daquela vez não me pareceu estúpido ainda nutrir algum sentimento por ela, me pareceu estúpido ter passado um ano sem ela quando perdoar poderia ter nos livrado de tanta dor.

Apesar do sofrimento que aquelas palavras carregavam, o arrependimento também era evidente e eu não soube como lidar com aquilo. Rodrigo não queria palavras de conforto,

mentiras que o fizessem sentir melhor, tampouco que suas expectativas (se é que existiam) de sua história com Fernanda ter um final diferente, fossem ampliadas. Ele queria desabafar. Pude sentir isso porque eu reconhecia aquela necessidade. Fingimos ser fortes, achamos que postergar dores e sentimentos como culpa é suficiente para sermos capazes de descartá-los em buracos negros e simplesmente seguir em frente, mas não somos e não os descartamos. Eles apenas se acumulam. Uma hora não conseguimos mais postergá-los. Rodrigo já não consegue.

— Não me olhe assim, não quero mais da sua pena — ele disse, seco. Nem mesmo as lágrimas represadas em seus olhos tiravam dele a capacidade de desprezar algo como pena.

— Nunca senti pena de você, Rodrigo — contei. — Você nunca conseguiu despertar isso em mim... Só não sei o que pensar sobre você e Fernanda. Não consigo compreendê-los. Acho que nunca vou conseguir.

— Ninguém nunca conseguirá. Apenas nós dois somos capazes de compreender as atitudes que tomamos, por mais erradas e repulsivas que elas fossem. — Ele parou de falar por um instante e respirou fundo. — Você só precisa entender que éramos bons juntos, tínhamos uma boa vida, Alícia era o centro do nosso mundo e foi assim por anos, mas tudo virou de cabeça para baixo por causa de Carlão. Tudo mudou. Fernanda mudou. *Eu mudei*... E não de uma forma boa.

— Você teve que obedecer um traficante, teve que fazer coisas ruins para ter uma chance de fugir com sua família. As decisões e atitudes erradas foram impostas a você desde sempre. Você apenas seguiu por elas também quando já estava sozinho e precisava cuidar de quem amava.

— Talvez — ele disse, mas sua expressão destoava daquela resposta. Ele não acreditava naquilo.

— Eu te perdoei, Rodrigo. Mamãe e Natasha também. Assim como elas, quero que você

volte para a nossa família. Você só irá embora de novo se quiser ir. Já sabe que estamos aqui para você, Alícia e Fernanda.

Ele me fitou incapaz de articular uma resposta por, pelo menos, trinta segundos. Então inspirou fundo uma vez e desviou os olhos para a sua filha de novo, e perguntou:

— Não desconfiou de mim em nenhum momento?

— Eu tentei — admiti. — Assim como tentei ficar com raiva de você. Mas não consegui. Você precisava de mim. Eu sabia que podia tentar perdoá-lo.

— Mesmo depois de tudo? — indagou quando voltou a me encarar. Demorei a respondê-lo, mas não por ter dúvidas sobre minha resposta, demorei porque queria ter certeza do que havia em seus olhos e em sua expressão e escrutiná-la não era uma tarefa fácil agora.

Remorso, constatei alguns segundos depois.

Estava ali. Não nítido ou evidente, mas presente e escondido por uma tentativa frustrada de manter um semblante inexpressivo.

— Mesmo depois de tudo — afirmei.

Meu irmão não disse nada mais, apenas voltou a me encarar sem dizer uma única palavra, estava absorto em pensamentos. E permaneceu assim por todo o tempo em que ficamos naquele hospital.

Vinte e Três

"Hoje o céu está pesado,
Vem chegando temporal
Nuvens negras do passado,
Delirante flor do mal
Cometemos o pecado de não saber perdoar
Sempre olhando para o mesmo lado
Feito estátuas de sal"
Depois de nós dois – Engenheiros do Hawai

Às quatro da tarde, o médico liberou mamãe para receber visitas, Rodrigo pediu para ir primeiro e eu concordei, pois gostaria de falar com Dolores a sós. Após meu irmão seguir caminho pelo corredor, eu fitei Lola a algumas cadeiras da minha, retraída, presa em pensamentos e uma expressão séria desde que Natasha levara Gabriel e Alícia para comer algo na cafeteria a alguns metros de onde estávamos, vez ou outra ela os procurava com o olhar, para se certificar de que continuavam lá, em segurança. Lola havia machucado a perna

anteriormente quebrada, e mesmo que já tivesse tomado analgésicos para a dor, após o exame de corpo de delito, preferia não exigir muito mais do próprio corpo, por isso continuava sentada onde estava.

Com cuidado, eu levantei e fui até ela. Percebi que ela apertou os braços, que estavam cruzados abaixo dos seios, com mais força à medida que eu me aproximava.

— Você está bem? — indaguei em voz baixa.

Ela respondeu com um lacônico "sim" e um aceno afirmativo.

— Vai continuar sem falar comigo?

— Não vou dizer que sinto muito pelo que fiz — ela murmurou. — Nem que me arrependo.

— Não achei que diria — admiti.

Isso a fez se voltar para mim um pouco surpresa. Fitei-a em silêncio por alguns momentos, até decidir sentar ao seu lado. Apesar de perceber que ela estava pronta para ter uma discussão sobre o que havia acontecido — para defender suas atitudes — eu sabia que nenhum de nós queria realmente discutir sobre nada agora. Nós sequer temos motivos para discutir.

— Se você não tivesse interferido, sabemos o que teria acontecido — lembrei-a.

Lola expirou devagar, mas não disse nada.

— Obrigado — agradeci, surpreendendo-a mais uma vez.

— Por ter atirado naqueles filhos da puta?

— Por ter nos salvado.

Estudei seu rosto com atenção, percebi o momento exato em que a tensão abrandou em sua postura o suficiente para fazê-la baixar a guarda. Me aproximei para acariciar seu rosto.

— As crianças estão bem, mamãe ficará bem, Carlão já deve estar no inferno e Alícia terá a chance de crescer com os pais sem ter que viver se escondendo. Tudo graças a você.

Pelo menos um minuto de silêncio se passou, Lola pareceu relembrar do que acontecera. O brilho de intransigência em seu olhar vacilou, sua respiração ficou curta, logo os seus olhos já estavam turvos, repletos de uma agonia que me desarmou imediatamente. Ela desviou os olhos dos meus.

— Eu não podia permitir que ele encontrasse Alícia, Gabriel e Natasha — sussurrou. — Nem que machucasse vocês ainda mais.

Mais do que tudo o que já havia acontecido hoje, a lembrança daquele momento a fez derramar lágrimas que nada tinham a ver com raiva, mas sim com uma forma de expurgar toda a apreensão e medos vividos hoje. E era fácil perceber isso porque Lola era transparente para mim agora, seus olhos me mostravam tudo o que se passava em seu interior.

Devagar, eu a trouxe para um abraço e tentei acalmá-la enquanto sentia meu peito cada vez mais apertado. Odiava ver Dolores assim.

— Eu sei — murmurei em seu ouvido. — Você queria impedir que aquele filho da puta tentasse machucá-los e conseguiu. Eles estão bem.

Aos poucos, Lola retribuiu meu abraço.

— Biel estava com tanto medo, ele... Ele é tão pequeno. Eu prometi a Eloísa que o protegeria, prometi que nunca o abandonaria. — Algo em meu peito se destroçou ainda mais quando percebi que ela estava chorando em meus braços mais uma vez. Eu a conhecia, sabia

que para ela chegar a fazer isso só poderia ter ultrapassado seu limite e mencionar sua amiga, Eloísa, parecia ter piorado seu estado. — Depois de todas essas semanas em que ele esteve comigo, me mostrando que eu podia fazer aquilo, podia aprender a cuidar de uma criança, ele é meu menininho... *Minha vida,* Aaron. Vocês são tudo o que eu tenho e agora estão bem — ela sussurrou, então enrolou seus dedos entre minha camisa e pressionou seu rosto ao meu peito. Após uma breve pausa, ela declarou: — Não vou me arrepender de nada do que fiz hoje.

— Você não vai nos perder — garanti e ela me apertou com mais força, eu não reclamei, mesmo quando minhas dores voltaram. — Tudo se resolverá e poderemos ter uma vida mais segura... E Gabriel também.

Ela não respondeu, mas percebi que se acalmou um pouco. Fechei os olhos por um instante. Lola estava bem, lembrei-me após apertá-la contra mim. Minha família, de um jeito ou de outro, também ficaria bem. Havia acabado. Graças a Deus aquele maldito inferno havia acabado.

Ficamos ali por alguns minutos, agarrados um ao outro, sem nos importar com o local ou as pessoas ao nosso redor. Após quase quinze minutos, eu contei que já poderíamos visitar mamãe e, após avisarmos Natasha, fomos juntos para a enfermaria. Com a ajuda de uma das técnicas em enfermagem, conseguimos encontrar o leito em que ela estava, atrás de um dos biombos hospitalares ali. Rodrigo estava ao lado de mamãe, que segurava uma das mãos dele com força, enquanto os dois conversavam em voz baixa. O aperto em meu peito se suavizou, assim como o peso que pendia sobre meus ombros, quando percebi que ela *realmente* ficaria bem. Apesar do que os paramédicos disseram horas atrás e do que o médico nos disse também, eu precisava vê-la para ter esta certeza.

— Querido — mamãe emitiu com aparente dificuldade, mas com um sorriso fraco também. Tentava mostrar que estava bem, percebi. Ao notar Dolores ao meu lado, e ver que ela ainda tinha vestígios das lágrimas que derramara há pouco, ela disse: — Querida, venha aqui.

Devagar e ainda utilizando a muleta, Lola fez o que mamãe pediu. Em seguida, eu fiz o mesmo.

— Como você está? — Lola perguntou, sua voz estava novamente embargada enquanto acariciava o rosto de mamãe e arrumava seus cabelos grisalhos sobre a cama com delicadeza, como se ela estivesse frágil demais para fazer até mesmo isso. Dolores estava de fato muito preocupada.

— Oh, eu já estive melhor, mas em breve voltarei ao que era. Não chore, meu amor. — Lola a abraçou como pôde naquela posição, ainda que mamãe não se movesse muito, e ouvi mamãe sussurrar para ela: — João também está bem, ele me disse que acordará em breve.

Meu cenho se franziu quando ouvi aquilo, ao se afastar Lola também parecia confusa.

— Ela acredita que o encontrou enquanto estava inconsciente — Rodrigo explicou. — Estava tentando me convencer de que ele acordará em breve e por isso ela precisava sair daqui.

— Não fale como se eu estivesse louca, querido — mamãe disse em tom de repreensão para Rodrigo e, quando me aproximei, se voltou para mim. Naquele momento comecei a desconfiar de que ainda estava sob o efeito de alguma droga. Apesar de estar em um hospital, e do motivo que a trouxe aqui, ela não estava desesperada ou em choque... Parecia até calma demais. — João me disse que voltará para nós em breve. Tenho certeza do que ouvi e vi. Logo ele acordará, mas aquele médico não quer me deixar ir vê-lo.

— A senhora precisa se recuperar — lembrei-a ao beijar sua testa com carinho. Inspirei seu cheiro suave e característico e agradeci ao Deus ao qual eu estava sempre pedindo que protegesse a minha família. Ele não havia falhado diante de nenhum pedido desesperado e sincero meu. Eu nunca agradeceria o suficiente por isso. — Precisa descansar.

— Você está bem? — ela me perguntou em voz ainda baixa antes que eu me afastasse.

Respondi com um aceno. — Onde estão meus netinhos? E Natasha?

— Nat os levou para comer algo — Lola respondeu.

Dolores e eu ficamos com mamãe e Rodrigo foi até a cafeteria buscar Natasha e as crianças. Mamãe estava realmente convencida de que encontrara João em algum plano de inconsciência e, ainda mais, que ele acordaria em breve, por isso estava tão inquieta e ansiosa.

Após deixar a enfermaria, eu liguei para os seguranças e o motorista e pedi que viessem nos buscar no hospital. Robson nos disse que já tinha Cássio sob controle e que havia denunciado o policial envolvido com Carlão. Já sabíamos que ele havia conseguido provas para a investigação que fazia sobre Carlão e seu chefe já sabia como usaria cada uma delas, o que extinguia qualquer contato que Rodrigo ainda precisasse ter com Robson para resolverem essa questão. Eu arriscaria dizer que estávamos mais seguros agora que em muito tempo.

Já era tarde da noite quando Lola e eu chegamos do hospital em que João permanecia internado, ele ainda estava na UTI e por isso, apesar dos pedidos de Dolores ao médico, ela não pôde ficar com o avô. Rodrigo ficara com mamãe no hospital, portanto apenas Nat, Alícia e Gabriel estavam aqui além dos seguranças noturnos.

A sala estava silenciosa, vazia, deprimente como se o peso e sofrimento dos últimos dois dias se concentrasse nela agora. Lola e eu subimos e fomos ao quarto de Natasha, ela já dormia espremida por Gabriel e Alícia em sua cama, os dois apesar de pequenos eram muito

espaçosos. Respirei aliviado ao vê-los bem, e ao meu lado, Lola também deixou escapar um agradecimento em voz baixa antes de se aproximar da cama. Quando me aproximei também, Gabriel já estava acordado.

— Lolita, você demorou muito... — Sorri ao vê-lo abraçá-la, estava sonolento, mas ainda a queria perto. — Você tá bem?

— Sim, meu amor, e você? Já jantou? Tomou seu leite? Escovou os dentes? — ela sussurrou para ele.

— A tia Nat fez pra gente, mas eu não tomei porque o da Lolita é melhor... — Ele esfregou os olhinhos com uma das mãos. — Aí eu disse pra ela que *tava* esperando você, porque você prometeu que ia voltar pra me dar um beijo de boa noite, e eu ia pedir pra você fazer meu leite.

Lola sorriu ao ouvir aquilo e acariciou o rostinho dele.

— Se você ainda quiser, eu faço.

Ele sorriu e concordou.

Dolores levantou da cama e Gabriel fez o mesmo, calçou suas pantufas do Pernalonga e segurou a mão dela, somente então me viu ali.

— Eiiii! A Lolita disse que você derrotou os vilões e salvou a gente! — exclamou enquanto deixávamos o quarto.

Lola levou o dedo indicador à frente dos lábios, pedindo que ele ficasse em silêncio e indicou Nat e Ali dormindo, depois fechou a porta do quarto quando saímos.

— Ela disse? — perguntei, o cenho franzido em confusão. Não entendia por que ela havia inventado aquilo.

— Sim! Você é o nosso super-herói!

O último comentário me fez sorrir e trocar um olhar confuso com Dolores, que me encorajou a continuar com aquilo. Ela me introduziu sutilmente ao que disse a ele mais cedo, de forma que Gabriel sequer percebeu que ela estava apenas tentando me colocar a par daquela história e assim, pouco tempo depois, Gabriel e eu entramos numa conversa animada, cheia de expressões surpresas e fascinadas vindas dele e sorrisos bobos vindos dela. Então entendi: ela queria que Gabriel me desse uma chance para nos tornarmos o mais próximos de amigos que poderíamos.

Lola preparava um lanche para nós dois enquanto Gabriel tomava seu copo de leite e me questionava sobre as aulas de boxe que eu havia feito (eu contei isso quando ele me perguntou como eu treinei para ser um "herói").

— Baaaaah! — ele exprimiu.

Lola sentou ao lado dele e colocou nossos sanduíches e sucos sobre a mesa.

— Ah, você já pegou a mania da Alícia de falar "Bah" pra tudo? — Lola perguntou a ele, que sorriu sem graça com seu bigode de leite.

Fitei-a enquanto ela ajudava Gabriel a se limpar. Era incrível como ela parecia muito melhor, apenas por ver que ele já não estava assustado.

— Você tem que me ensinar a lutar! — Gabriel pediu para mim quando eu dei a primeira mordida em meu sanduíche. — Aí eu vou ficar muuuuuito forte, aí a Lolita não vai mais precisar ficar com medo, porque eu vou proteger ela e meus colegas da escola, todos eles vão ficar muito, muito surpresos. — Ele se voltou para a Lola. — Né, Lolita? Aí a gente vai lutar contra os vilões, igualzinho aquele filme que a gente assistiu, lembra? E eu vou ser um herói muito forte, que vai derrotar... — ele continuou a falar sem parar e eu me limitei apenas a sorrir e ouvir com atenção (sem me permitir rir, é claro) enquanto ele falava mais e mais. Vez

ou outra, Lola e eu concordávamos e trocávamos sorrisos cúmplices e, mesmo depois daquele dia fatídico e tenso, eu tive certeza de que, assim como eu, ela já se sentia muito melhor. Gabriel tinha esse poder sobre nós dois.

Alguns dias depois...

Era pouco mais de nove da manhã, quando terminei meu banho. Sequei o cabelo com uma tolha e depois a enrolei à cintura antes de sair para o quarto. Lola já havia se arrumado e descido para servir o café da manhã para Gabriel. Nós iríamos ao apartamento de Arthur e depois para o hospital ver mamãe. Eu passaria o dia com mamãe e Lola ficaria com João.

Eu terminava de fechar os últimos botões da camisa quando batidas soaram na porta do quarto.

— Entre — falei.

Natasha entrou rapidamente, estava agitada, com a respiração ofegante.

— O que houve?! — perguntei assustado.

— Rodrigo — Foi tudo o que ela disse antes de agarrar meu braço e me puxar para fora do quarto. — Ele vai embora.

— O quê?!

— Ele está no escritório com Lola e ela está furiosa com ele.

Desvencilhei-me de seu aperto, mas continuei a andar apressado pelo corredor, desci as escadas e logo estava à frente do meu escritório.

— Você é um filho da puta estúpido! — Foi a primeira coisa que ouvi Dolores gritar para Rodrigo. Nat estava ao meu lado e suspirou.

— Está trancada — minha irmã me avisou quando tentei girar a maçaneta.

— Depois de tudo o que Aaron fez por você e sua filha, você ia embora sem agradecer?

— Eu já disse pra você parar de gritar, cunhadinha. — Foi a resposta de Rodrigo, sua voz soou quase tão alta quanto a de Dolores. — Acha que eu vim para esse escritório apenas pra esperar você vir me xingar? Estou esperando Aaron.

— Por que me chamou então? — Lola perguntou.

Rodrigo disse algo em voz baixa, que me impediu de ouvir.

Bati à porta, Nat e eu trocamos um olhar, segundos depois a porta foi aberta por Rodrigo.

Quando entrei no escritório percebi que Dolores estava chocada, desconfiei que pelas palavras de Rodrigo, mas isso durou muito pouco. Voltei-me para ele e arqueei uma sobrancelha, fazendo-lhe uma pergunta silenciosa.

— Não me olhem como se eu tivesse três cabeças, porra! — Rodrigo disse para nós dois.

— Não precisa agradecer por nada. — Lola se recompôs e prosseguiu: — Eu não deixaria aquele bastardo tocar em Alícia, ela não tem culpa de ser sua filha.

Rodrigo riu.

— Você é insuportável, cunhadinha — falou, então se voltou para mim. — Nós tínhamos que ter o gosto parecido até para mulheres?

— Ah, mas você não vai ficar me comparando àquela vadia!

— Por que quer ir embora, Rodrigo? — perguntei numa tentativa de fazer os dois pararem com aquela discussão.

— Tenho uma vida fora daqui — ele respondeu após revirar os olhos e sentar sobre uma das cadeiras à frente da minha mesa, parecendo desconfortável. Ocupei minha cadeira e Dolores permaneceu onde estava, ao meu lado. — Não há mais motivos para eu continuar aqui.

— Agora que não precisa mais da sua família, você vai sumir de novo? — Dolores perguntou, a acusação e o ódio nítidos em seu tom e expressão.

— Eu não disse isso, *cunhadinha* — ele devolveu num tom irônico, com os olhos semicerrados enquanto a fitavam.

— E o que está dizendo? — inquiri, os dois se voltaram para mim.

— Não sou mais um adolescente, Aaron. Não me olha como se fosse meu pai e tivesse autoridade para me impedir de fazer besteira. Tenho trinta anos, tenho minha vida, um flat meu. Tá que eu me demiti, mas esse detalhe é irrelevante, logo arrumo outro emprego. Não vou ser sustentado por você.

Quando percebi que Dolores diria algo, eu a impedi com um “Dolores” que a repreendia como se tivesse dez anos. Ela bufou, impaciente, mas não disse nada.

— E Alícia?

— Fernanda ficará com ela por enquanto. — Seus olhos retiveram um brilho diferente ao

mencionar Fernanda.

— O que pretende fazer agora?

— Não vou me meter em confusão, se esse é o seu medo. Fernanda quase me tirou o direito de ver Alícia uma vez por causa das minhas merdas e eu morro antes de ficar sem minha filha. Vou andar na linha, prometo. O interrogatório acabou?

Recostei-me à cadeira, cansado.

— E mamãe?

— Já falei com ela. — Sua resposta me surpreendeu. — Não vou mais sumir. Prometi.

Fitei-o em silêncio por alguns segundos, eu sabia que não tinha motivos, nem cabimento, eu tentar mantê-lo aqui, mas meu lado paternal não queria vê-lo se afastar de novo, mesmo que apenas um pouco desta vez. Rodrigo já era adulto e estava claro que depois de tudo o que havia passado, de tudo o que acontecera na última semana, ele percebera que tinha muitas concepções errôneas do passado, assim como eu. Ainda era o Rodrigo debochado e irritante, mas eu sabia que queria, precisava, ser alguém diferente e melhor por sua filha e Fernanda.

— Acho que não posso te impedir de ir — murmurei.

— É, não pode — ele disse. Então levantou e eu fiz o mesmo.

Dei a volta na mesa e o acompanhei até a porta. Antes que saíssemos, ele se voltou para Dolores de novo, soltou o ar e, em voz baixa, disse:

— Sinto muito pelo seu avô. Não achei que esse inferno poderia terminar assim. *Não queria* que terminasse assim. — A resposta de Dolores foi arquear uma sobrancelha. Rodrigo comprimiu os lábios de um jeito estranho e respirou fundo outra vez. — E, apesar de você ser

a mulher mais chata, petulante e insuportável que eu conheço, acho que... — Ele limpou a garganta. — Você faz bem para essa família.

Lola não respondeu, mas não por estar surpresa, ela parecia apenas não saber o que dizer.

— Essa é a parte em que você diz "obrigada" — Rodrigo concluiu com um sorriso, o irritante que unido àquele tom de voz servia para tentar amenizar um clima que não o agradava. Aquilo me fez revirar os olhos.

— Ainda estou tentando me convencer de que você está falando sério.

— Se eu não tivesse certeza de que sou o único homem que interessa Dolores e que você é louco por Fernanda, eu começaria a me irritar com essa briguinha ridícula de vocês nesse momento — admiti. — Vocês realmente acreditam que se odeiam?

— Sua mulherzinha atirou em mim duas vezes e quase arrancou meu pau fora, acho que tenho motivos suficientes para odiá-la.

Dolores entrecerrou os olhos e retrucou, com raiva:

— Você me sequestrou, tentou me agarrar à força e atirou em mim, seu filho da puta. Quem tem motivos para odiar alguém aqui sou eu.

Juntei as sobrancelhas, preso em uma das informações que Dolores deu sem perceber. Voltei-me para Rodrigo, mas ele permanecia fitando-a.

— *Você* me fez acreditar que Aaron tinha te chutado porque queria te proteger, por isso eu quis te convencer a transar comigo, para jogar na cara dele. Eu quis te usar pra atingir o Aaron, mas depois *você* apontou aquela arma pra mim. Eu estava com raiva, mas só quis te assustar. Se quisesse te machucar ou abusar de você, teria usado aquela maldita arma pra conseguir isso, teria sido mais fácil, não acha? Mas só a usei quando *você* apontou sua maldita arma pra mim e atirou.

— Eu não ia ficar parada esperando pra descobrir se você abusaria de mim ou não — ela devolveu. — Te mataria antes de permitir que me tocasse.

— É, você deixou isso bem claro naqueles dois tiros, cunhadinha.

— É melhor você ir — avisei, pois já acreditava que faria uma besteira se continuasse a ouvir aquela discussão. Não lembrava desse acontecimento até este momento e sabia que a raiva que crescia em mim não seria menor que meu bom senso, eu ainda odiava cada atitude e decisão errada que Rodrigo tomou meses atrás, mesmo que eu soubesse que eu lhe dei motivos para querer aquele tipo de retaliação. Envolver Dolores sempre colocaria suas atitudes fora de qualquer maldito limite.

Respirei fundo enquanto Rodrigo saía e troquei um olhar com Dolores antes de fechar a porta e segui-lo pelo corredor até a sala.

— Você não sabia, não é? — ele perguntou, não consegui compreender seu tom, mas não me importei.

— Não com essa riqueza de detalhes.

— Aaron... — ele tentou.

— Não começa — pedi sem encará-lo, já não conseguia mascarar a crescente raiva em mim.

— Eu disse a verdade — prosseguiu sem se incomodar com a forma que eu falava. — Quando percebi que ela estava mentindo sobre vocês, eu quis assustá-la, estava com raiva por ela ter mentido, mas não abusaria dela, Aaron. *Não faria* isso.

Quando chegamos à sala e ele parou de andar para me encarar, eu fiz o mesmo.

— Ela *sempre* será um limite, Rodrigo. Não sei e nem quero descobrir o que eu faria com você se a tocasse. Se fizesse isso sem a permissão dela, eu *sei* que te mataria. Você podia estar com raiva, podia querer me matar e se vingar antes disso, mas nada justifica esse tipo de violência contra uma mulher.

— Eu sei, porra! Naquela época eu ainda estava puto de raiva de você, por isso quis convencê-la a ficar comigo. Queria que você sentisse o mesmo que eu senti — ele retrucou, a seriedade e sinceridade em seu semblante não ocultaram a raiva que também se insinuava em seus olhos. — Quando ela usou a arma pra me atingir, e eu percebi que estava mentindo, eu fiquei com raiva, fiquei furioso e quis que ela engolisse aquela petulância e se afastasse de você de uma vez.

Eu não respondi, apenas retribuí seu olhar, procurava algo que me dissesse que ele estava mentindo, mas não encontrei.

— Não vou te trair. Devo a minha vida e das pessoas que eu mais amo a você e a mulher insuportável naquela sala. Nunca vou me esquecer disso.

— Você se dá conta do quanto você foi filho da puta nos últimos dois anos?

Rodrigo desviou os olhos dos meus, envergonhado, e expirou devagar.

— Agora sim — admitiu.

Procurei algo para dizer, mas não encontrei. Na verdade, não sabia sequer se ainda queria dizer algo sobre isso. Ainda estava com raiva de Rodrigo e não queria piorar a situação que já era ruim.

— Acho que essa é a parte em que eu te agradeço por tudo — ele prosseguiu algum tempo depois.

— E eu digo que não precisa. Não fiz nada esperando gratidão — esclareci.

— Eu tô falando sério — insistiu e se voltou para mim, seu semblante realmente denotava essa seriedade agora. — Eu fiz muitas coisas erradas nos últimos dois anos, mas não dá para apagar e fingir que nada aconteceu.

— Rodrigo... — tentei dizer, mas ele me interrompeu:

— Eu sinto muito por tudo o que fiz, Aaron. *Muito.* Sei que me arrepender agora não muda nada, mas... Mas eu me arrependo — admitiu, desconfortável. — Não vou dizer que sinto muito por você só ter percebido agora que eu não merecia sua ajuda, porque eu não sinto. Achei que tinha motivos para ficar longe de todos vocês, mas na última semana eu só percebi o quanto sentia falta da família que nós três formamos desde sempre, então não, eu não vou mentir e dizer que preferia que você tivesse percebido isso antes. E, sim, eu preciso agradecer. Se não fosse por você, eu nunca teria ouvido a mamãe. Passei dez anos acreditando ser filho de algum parente de Olavo, acreditando em uma verdade distorcida por ele e mentiras que não dei a oportunidade de mamãe desmentir. Se não fosse por você e sua mulher, Fernanda e eu provavelmente estaríamos mortos agora e minha filha estaria nas mãos daquele filho da puta.

Aquelas palavras pareciam estar engasgadas em sua garganta e conseguiram deixá-lo ofegante rapidamente. Ao olhar para os seus olhos eu percebi que estavam vermelhos, expeliam uma tormenta angustiante. Rodrigo voltou a se afastar.

— Você escolheu errar antes, mas agora tem a chance de se redimir, de mudar e fazer o certo. Nunca é tarde demais para se tornar alguém melhor, Rodrigo. Você se arrependeu, e esse é um bom começo.

Ele me encarou em silêncio enquanto digeria minhas palavras.

— Você vai embora mesmo? — Ouvi a voz de Natasha perguntar. Virei-me de costas para vê-la se aproximar, vindo da cozinha.

Rodrigo se voltou para ela e sua feição pareceu se suavizar um pouco. Somente naquele momento eu percebi que Nat também já o havia conquistado com toda a sua preocupação e amabilidade. E, como Dolores desconfiara, ela não precisou nem de uma semana para conseguir isso.

— Vou, mas você não vai se livrar de mim assim tão fácil.

Os olhos de Natasha se encheram de lágrimas ao ouvi-lo e ela correu até ele, para abraçá-lo.

— Fica difícil manter minha postura de badboy assim — Rodrigo murmurou em seu tom irônico característico, Nat riu baixo.

Lola surgiu do corredor, atrás deles.

— Obrigado por me ajudar, mesmo depois de eu ter... agido como um filho da puta com você. — Ainda pude ouvi-lo dizer isso antes de deixá-los ali e me aproximar de Lola, ela estava pálida.

— O que houve? — perguntei a ela, sequer consegui respirar. Senti meu coração apertado no peito. Muito apertado. — Lola?! — insisti quando lágrimas rolaram por seus olhos e ela me abraçou.

— Vovô acordou — sussurrou. — Acabaram de me ligar pra avisar, ele... Ele acordou, Aaron.

Fechei os olhos devagar e a apertei contra mim. Beijei o topo de sua cabeça algumas vezes quando ela começou a chorar, desta vez de alívio. O susto e a preocupação em mim demoraram a ir embora, mas quando foram e aquela notícia pôde ser registrada de verdade por mim, senti o coração em meu peito voltar a bater sem dificuldade, senti alívio, senti que o meu mundo finalmente já não estava de cabeça pra baixo e percebi que o peso sobre mim

não era mais tão grande.

Obrigado, foi tudo o que eu consegui repetir em pensamento. Mais uma vez tivera uma resposta para minhas orações e não via outra forma de expressar como me sentia a não ser agradecendo.

Tudo ficaria bem, percebi. E, desta vez, não tentava apenas me convencer disso ou convencer as pessoas ao meu redor, eu *sabia* que ficaríamos bem. De verdade.

Vinte e Quatro

“Eu quis tanto ter você
Quando você não me quis
E agora a gente é feliz e ponto
Com o amor se paga amor
E o ditado é quem diz
E a gente ama assim
Sem dar desconto, ponto.”
Feliz e Ponto – Silva

A sala do neurocirurgião era pequena, mas extremamente organizada. Os cinco minutos aqui, aguardando-o com Dolores, me permitiram guardar na memória todos os detalhes relevantes sobre aquele lugar. Desde que chegamos, Lola e eu mantínhamos o aperto confortável de nossas mãos, como se aquele contato fosse suficiente para passar ao outro a força e calma necessárias para a conversa que precisávamos ter com o médico agora. Desde que ela falou com Robson e sua mãe sobre o estado de João, enquanto vínhamos para cá, nós

não trocamos palavras — estávamos inquietos e pensativos demais para isso.

A porta foi aberta abruptamente e o silêncio do cômodo foi quebrado a partir da entrada do Dr. Rafael.

— Boa tarde — ele nos cumprimentou.

Retribuímos o cumprimento quase que em uníssono. Quando ele sentou à nossa frente, Lola já apertava sua mão a minha com mais força.

— Eu estava com o seu avô há pouco.

— Como ele está?! — Lola perguntou. — Poderemos vê-lo?

— Vamos por partes, senhora — ele disse quando começou a fazer anotações em sua prancheta. Respirou fundo e voltou a nos encarar. — O seu avô acordou, está sendo monitorado a cada segundo e ainda está entubado, mas vamos retirar o tubo em alguns minutos. Hoje não vou liberar mais visitas, precisamos dar um descanso a ele. Contudo, amanhã posso liberar alguns minutos para uma visita.

Troquei um olhar com Dolores.

— Eu quero que tenham em mente que o estado dele é delicado, já expus os fatores contra ele e mesmo após ele ter acordado do coma, isso não muda. — Ele fez uma pausa e se recostou em sua cadeira. — Eu trabalho aqui há mais de trinta anos, já vi casos complicados, casos em que eu, como neurocirurgião experiente, seria capaz de afirmar que vi milagres acontecerem. O do seu avô é um desses. Já vi pacientes com metade da idade e dos problemas de saúde dele não conseguirem sequer chegar com vida a esse hospital. Ele é um caso de superação surpreendente. Quero que tenham isso em mente também.

Se aquela foi uma tentativa de nos confortar, mesmo que sem expandir muito nossas expectativas, ele conseguiu.

— Cirurgias têm um nível de risco maior em pacientes com diabetes por causa da cicatrização, em alguns casos ela não acontece e isso deixa os médicos sem saída. No caso do seu avô, o diabetes está controlado.

— Desde que descobrimos sobre o diabetes, eu o fiz seguir rigorosamente as indicações do médico — Lola disse. — Ele nem precisava injetar insulina... I-isso pode complicar o estado dele ainda mais?

— Faremos o possível para que a cicatrização ocorra mesmo com a dificuldade que o estado dele impõe, senhora. O diabetes está controlado, então é possível que consigamos fazer isso.

— Quanto tempo ele ficará na UTI? — questionei.

— Por mais algumas semanas, se tudo correr bem.

— Não vamos poder ficar com ele por todo esse tempo?

— Infelizmente não. Apenas visitas rápidas por enquanto.

Respirei fundo e o Dr. Rafael continuou a falar sobre a visita de um fisioterapeuta que João precisaria receber dali a alguns dias. O médico faria o primeiro teste para tentar descobrir se houveram sequelas e quais são elas e o fisioterapeuta as confirmaria. Em seguida, ele falou um pouco mais sobre os cuidados que tomavam agora na UTI.

Era cerca de duas da tarde quando Lola e eu deixamos o hospital e seguimos juntos até o estacionamento.

— Lola... — eu a chamei quando já estávamos próximos ao carro. Ela não disse uma palavra desde a conversa com o Dr. Rafael e seu silêncio, além de me incomodar, estava me preocupando. Ela ainda estava preocupada, eu também estava, mas o médico em nenhum

momento diminuiu nossas esperanças sobre João, ele foi sincero, nos mostrou as possibilidades e deixou claro o quanto João já superou. A meu ver os piores momentos já haviam passado, a recuperação agora não seria fácil, mas chegar até aqui também não foi. Entretanto, Lola só parecia enxergar os riscos.

Dolores se voltou para mim, os olhos vermelhos, o semblante cansado, mas sem lágrimas.

— Ele vai sair desse hospital. Vovô vai ficar bem — ela disse, sua voz soou forte apenas nas duas primeiras palavras. O brilho de medo em seus olhos tornava sua convicção naquelas palavras dubitável. Suas lágrimas estavam prestes a transbordar. Lola respirou fundo uma vez e não tentou se afastar quando eu me aproximei, não disse mais nada, não chorou, apenas me abraçou com força. Ficamos minutos assim, sem nos importar com as pessoas que transitavam por ali. Dispensei Bruno quando ele deixou o carro e fez menção de abrir a porta para nós.

— Acredite na força dele — pedi. — João já enfrentou muita coisa até aqui e está vivo. Ele não vai parar de lutar. Ele prometeu, não foi?

Ela concordou com um aceno e envolveu minhas costas com seus braços, seu rosto estava pressionado ao meu peito.

— Amanhã nós viremos aqui de novo e você poderá vê-lo — prossegui.

— Princesa?

Ao ouvir a voz de Robson, eu olhei por cima do ombro e o encontrei com Elaine.

Dolores não me soltou, mas se moveu para olhá-lo.

— Mamãe — ela sussurrou. — Rob.

— Ah, querida — Elaine murmurou, o cenho franzido em preocupação à medida que se

aproximava e Lola se desvencilhava de nosso abraço. Por um instante, enquanto as duas se abraçavam, e Lola se agarrava a mãe como eu nunca imaginei que um dia a veria fazer, eu pude enxergar a menina que ela um dia foi, a garotinha que sempre precisou tanto da mãe e que nunca a teve por perto. Eu admitia que não suportava Elaine e o fato de ela ter abandonado a filha tão pequena. Contudo, agora podia comprovar que, apesar de tudo, Lola queria tê-la perto, sobretudo em momentos como esse. Eu sabia que ela precisava disso, por isso, por Lola, eu tentaria ao máximo não discutir com sua mãe novamente.

— Ele vai ficar bem — Elaine murmurou, então Robson também abraçou Lola e murmurou algumas palavras para tranquilizá-la.

— Estamos aqui, princesa — ele disse. — Vai ficar tudo bem.

Respirei fundo ao vê-los daquela forma, tentando consolá-la e dar algum tipo de força a ela. Eu admitia que isso me trazia algum alívio também. Lola não só precisa, como merece tê-los com ela agora.

Apesar da insistência de mamãe em vir ao hospital conosco na manhã de quarta-feira, nenhum de nós, tampouco o médico, permitiu que ela deixasse a enfermaria em que estava concluindo sua recuperação. Assim, após deixarmos Gabriel na escola e Natasha com mamãe, que até aquele momento estava com Rodrigo, Lola e eu fomos ao hospital em que João estava, para finalmente visitá-lo.

Tivemos uma breve conversa com o médico quando chegamos, ele ficara até mais tarde que seu horário, para que pudéssemos conversar, nos informou que João já estava acordado,

mas possuía dificuldade para falar, então nos pediu que não tentássemos fazê-lo falar muito. Nos alertou também sobre a pressão dele que estava normalizada até aquele momento, então o ideal era mantê-la assim, por isso não deveríamos deixá-lo agitado. Isso fez com que Lola e eu trocássemos um olhar e concordássemos silenciosamente em não mencionar o que acontecera no sábado e muito menos que mamãe estava em um hospital também. Por fim, o Dr. Rafael nos indicou as batas especiais, assim como as máscaras, que deveríamos vestir antes de entrar na UTI.

— Aaron, o que diremos sobre Mabel? — Lola perguntou a mim segundos antes de chegarmos a porta do quarto em que João estava.

— Que ela está com Rodrigo — respondi em voz baixa. — E que depois virá visitá-lo.

Ela concordou com um aceno e hesitou à frente da porta do quarto, pousei minha mão sobre a sua e após sussurrar "tudo bem" ajudei-a a abrir a porta. Senti meu coração acelerar no peito, preocupado e ansioso. Por mais que nas últimas setenta e duas horas eu tenha tentado apenas me convencer de que João ficaria bem, agora eu teria a chance de constatar o quanto ele já havia avançado em seu estado.

Lola entrou na frente e sua hesitação foi posta de lado quando vimos João sobre a cama, ainda com diversos aparelhos ligados a ele, mas sem o tubo e, apesar de parecer muito cansado, agora estava acordado. O fardo de culpa que eu ainda carregava não se reduziu quando o vi, nem a pequena parte de mim que se negava a acreditar que tudo ficaria bem deixou de existir, contudo, desta vez senti, de verdade, que seu estado poderia ser revertido e essa sensação surtiu mais efeito em mim que qualquer culpa ou medo. Nesse momento, mais do que apenas as palavras do médico para tentar nos dar um pouco de fé, eu tive um motivo para me agarrar ainda mais às palavras que proferi para Dolores há alguns dias.

Mesmo ainda estando longe, pude ver a emoção tomar conta dos olhos de João ao ver Dolores. Ele tentou dizer algo quando lágrimas finas deixaram seus olhos, mas Lola se adiantou e o impediu de dizer qualquer coisa, em poucas palavras ela o confortou dizendo

que estava tudo bem, que todos estavam bem. Parei ao lado dela na cama quando ela ainda tentava abraçar João, da melhor forma que podia naquela situação. Ela também chorava, mas desta vez eu tive certeza de que um pouco de alívio e emoção eram os principais motivos daquelas lágrimas.

Apertei os lábios com força quando o olhei com mais atenção e senti meus olhos arderem e pinicarem de uma maneira irritante. João voltou sua atenção para mim naquele instante e tentou murmurar algo como um “tudo bem”. Aquilo me fez acenar, concordando, e sussurrar “eu sei que sim”. Segurei sua mão direita entre as minhas e concluí:

— Você é forte.

Os dias seguintes se passaram mais rápido do que imaginei, João, graças a Deus, não teve nenhum problema durante esta semana e, com o passar dos dias, nós nos tranquilizamos um pouco mais em relação ao seu estado. Elaine e Robson estiveram com Lola e ambos visitaram João também.

Robson não confirmou quando Lola o questionou assim que ficamos sabendo da morte de Cássio, mas nós dois desconfiamos que ele teve algo a ver com ela. Eu podia ainda não gostar dele, e duvidar que um dia fosse gostar, mas sabia que durante todo esse tempo, de um jeito torto e por vezes errado, ele realmente cuidou de Dolores. Ele esteve com ela até quando eu deveria e não estava. Ele a protegeu e fez o que achou necessário para ela ficar bem. Por isso eu, ainda que não gostasse dele, seria sempre grato pelo que ele fez por ela. Eu sei que sou muito desconfiado e preciso, de verdade, parar de julgar cada atitude e palavra que ele diz, já não tenho qualquer motivo para fazer isso.

Rodrigo voltou para o seu flat e Alícia, como ele disse, agora estava com Fernanda, morando com Assis. Durante últimos dias a família ficou bem preocupada com Alícia, que tivera sua última sessão de quimioterapia e havia passado mal. Contudo, felizmente, ontem tivera alta e foi liberada para ir pra casa. Meu irmão estava cumprindo com sua palavra, apesar do estado de Alícia, ele nos manteve informados quando não podíamos estar lá com ela, não sumiu e esteve com mamãe no hospital enquanto ela ainda estava internada.

Mamãe deixou o hospital há seis dias e ontem pôde ir visitar João pela primeira vez, ela ficou mais tranquila ao vê-lo, assim como Dolores, que depois de todos esses dias visitando o avô e por vezes trocando poucas palavras com ele, estava muito mais calma e confiante de que ele se recuperaria, ainda que isso demorasse algum tempo. Eu compartilhava da sua confiança. E nem mesmo a explicação do médico, sobre a bala ter atingido a parte do lobo frontal responsável pelos movimentos explicarem as sequelas em João, conseguiram acabar com aquela esperança. O choque inicial foi grande em todos, mas ele mesmo já se conformara com o fato de que após sua recuperação só conseguirá se locomover em uma cadeira de rodas, João praticamente nasceu de novo e nenhum de nós poderia ignorar essa verdade. Aos poucos todos tentávamos nos acostumar com essa nova realidade.

No banheiro, o som da água deixando o chuveiro foi interrompido. Isso fez eu me mover sobre a cama para verificar as horas no despertador. Seis e quarenta, constatei. Eu estivera perdido em pensamentos desde que Lola levantou há alguns minutos para ir tomar banho.

O dia hoje seria cheio, lembrei, contudo, essa percepção não foi suficiente para me fazer sair da cama. Em semanas, aquela fora a melhor noite de sono que eu tive e deixar a cama ainda não era uma ideia atrativa, sobretudo por hoje, um sábado, eu precisar ir à empresa. Lilian e eu finalmente começaríamos a dissecar os negócios sujos de Olavo.

Lola abriu a porta do banheiro e voltou ao quarto vestida com um roupão. Um recipiente de creme em uma das mãos enquanto com a outra ela espalhava parte do conteúdo no braço.

Ela sorriu ao me ver acordado e se aproximou para sentar ao meu lado na cama.

— Descobri de onde vem o cheiro de rosas em você — murmurei quando ela depositou o creme sobre o criado-mudo.

Lola me beijou suavemente e sussurrou:

— Feliz aniversário.

— Hum... Gosto de começar os dias assim — admiti fazendo-a sorrir e me beijar novamente.

— Com beijos? — indagou.

— Com você — respondi. Ela tentou esconder um sorriso, mas falhou e me beijou outra vez para esconder isso, então se afastou devagar para ir procurar o que vestir. Lola estava há quase duas semanas sem o gesso e, segundo ela, já se locomovia sem muito desconforto.

Respirei fundo e sentei sobre a cama. Desliguei o despertador antes que ele começasse a tocar. Observei-a tentar decidir entre dois vestidos e a imagem dela ali, em *nosso* quarto, me pareceu tão familiar, tão natural e, eu admitia, desejada por mim que me vi sorrindo. Quando ela me mostrou os dois modelos e perguntou qual deles eu achava melhor, indiquei o azul, que era um modelo sóbrio, sutil e comportado. Lola avaliou os dois vestidos mais uma vez e, contrariando minha escolha, guardou o azul e pegou o preto, que apesar de ser parecido com o azul, eu sabia que delineava seu corpo com uma perfeição que não seria percebida apenas por mim.

— Por que pediu minha ajuda se não me ouviria? — perguntei ao levantar da cama.

— Eu ouvi, Aaron, só não concordei — respondeu, simplesmente.

Aquilo me fez revirar os olhos. Eu sabia que nunca entenderia a lógica feminina. Aproximei-me de onde ela estava.

— A gente podia se resolver logo, você não acha? Você já está aqui e estamos juntos.

Dolores hesitou enquanto mexia na gaveta que havia reservado para suas lingeries e perguntou:

— O que quer dizer?

Ela me encarou.

— Você sabe o que eu quero dizer — provoquei.

Apoiei-me ao guarda-roupa e cruzei os braços enquanto a assistia recolher a calcinha, sutiã e o vestido preto que havia escolhido.

— Acho que ainda é um pouco cedo para decidirmos fazer isso — ela tentou dizer enquanto se afastava.

— Cedo pra morarmos juntos? — questionei incrédulo. — Você já está aqui, Gabriel já está aqui e assim que João deixar o hospital ele também virá para cá, qual o problema de trazer o resto das suas coisas?

Boquiaberta, ela me encarou por alguns segundos, então suspirou, aparentemente aliviada.

— Vovô não me disse se prefere vir pra cá ou voltar para nossa casa... e eu vou precisar cuidar dele, então quando ele estiver... melhor nós...

Ela interrompeu as próprias palavras quando eu parei à sua frente e sorri por sua falta de habilidade momentânea com as palavras.

— Você achou que eu estava te pedindo em casamento de novo? — perguntei sem conseguir tirar o sorriso divertido dos meus lábios, ela tentou falar, mas eu não permiti. — Por que você sempre entra em pânico quando acha que eu estou te pedindo em casamento?

— Eu não entro em pânico — Lola esclareceu, tentando soar convicta. *Só tentando.* — Só acho que estamos bem, um casamento pode estragar tudo.

Aquilo me fez rir. E a situação conseguiu ficar ainda melhor quando vi um brilho de irritação surgir em seus olhos.

— E por que estragaria?

— Porque eu não quero me casar ago... Pare de rir de mim! — ela mandou, começando a ficar irritada. — Aaron...

O tom de ameaça dela ao dizer meu nome conseguiu me convencer a parar com aquilo.

— Eu só não entendo — esclareci.

— Eu só não acho que um casamento deva ser minha prioridade agora — Lola bufou e usou uma das mãos para colocar atrás da orelha algumas mechas de cabelo que haviam se desprendido do coque em que estavam presas. Como eu não respondi, ela prosseguiu: — A gente vai falar com o Arthur hoje. Você já sabe que eu não vou deixar o Gabriel com Arthur, sabe que ele...

— Que querer você comigo é estar ciente de que o Gabriel também virá junto — completei. — Sim, eu sei. E repito, a gente pode e *vai* cuidar dele.

Lola expirou aliviada ao ouvir minhas palavras e disse:

— Eu não quero que ele se machuque, Aaron. Eu sei mais que qualquer pessoa o quanto ele precisa de uma figura masculina, de um pai, mas você estava certo, talvez ainda seja cedo. Ele ainda está tentando se acostumar com você. Quero que ele goste da ideia de nos ver casados, como pais adotivos dele, e ele ainda não teve tempo nem pra se acostumar com essa possibilidade. — Ela fez uma pausa. — A gente não precisa casar pra ficar junto ou pra ser feliz. Podemos esperar um pouco.

Concordei com um meneio de cabeça e a beijei suavemente.

— Tudo bem. O casamento é o de menos agora. Já estamos juntos — murmurei.

Lola concordou com um aceno e devolveu o beijo que lhe dei.

— Isso mesmo.

— E, só pra constar, da próxima vez, quando eu te pedir em casamento de verdade, não será durante uma conversa qualquer antes do banho ou depois de fazer sexo no meu escritório. Eu não sou de grandes demonstrações ou adepto a essa coisa de ser romântico, mas acho que posso fazer melhor que isso.

Ela riu e me beijou novamente.

— Desculpe — pediu.

Tirei o bolo de roupas de sua mão e a puxei para meu peito. Seu corpo se moldou ao meu com uma facilidade e perfeição que já me era habitual.

— As circunstâncias nos fizeram caminhar mais rápido do que é normal para um casal — ela murmurou.

— Eu sei — falei. — Mas estamos nos adaptando bem até agora, não é?

Ela concordou com um aceno, me abraçou com mais força e expirou lentamente. Lola não precisou dizer nada após aquela atitude para que eu compreendesse o que se passava em sua mente: ainda era difícil acreditar que estávamos tão bem.

— Ainda quero que venha morar aqui — admiti após um momento de silêncio. — E desta vez você não tem desculpas. Achou que eu não te aguentaria nem um dia e você já está aqui

há quase um mês. Estou começando a acreditar que posso sobreviver à sua companhia constante pelos próximos sessenta anos.

— Você está tão engraçadinho. Tem certeza de que é o Aaron mesmo? — ela provocou e eu sabia que havia um sorriso em seus lábios.

— Eu estou falando sério — murmurei.

— Eu sei. Posso ficar aqui enquanto vovô está no...

Batidas na porta a interromperam antes que dissesse qualquer outra coisa. Acabamos com o abraço e devolvi a ela as roupas que vestiria.

— A porta está aberta — avisei assim que Lola entrou no banheiro.

Gabriel foi o primeiro a entrar no quarto, seguido por Natasha e mamãe. Ainda vestido com o pijama, ele correu até mim para me abraçar.

— FELIZ ANIVERSÁRIO! — ele gritou, seguido por Natasha que entrava com uma bandeja enorme de comida e mamãe, que tinha um sorriso enorme nos lábios. Levantei Gabriel em meus braços e agradeci a ele pelo presente que me estendia; uma folha de papel enrolada com um laço vermelho e delicado, ideia da Natasha, tenho certeza.

Nat me abraçou após colocar a bandeja sobre a cama.

— Feliz aniversário, maninho — ela disse com um sorriso doce enquanto me estendia uma caixinha.

— Obrigado, Nat — murmurei, um sorriso enorme em meus lábios.

Mamãe foi a próxima a se aproximar e murmurou um “feliz aniversário” cheio de emoção enquanto me abraçava. Ela, como em todos os anos, me desejou saúde, felicidades e muitas

bênçãos, pediu que eu continuasse a ser o filho que era e agradeceu por isso também.

— Obrigado, mamãe — sussurrei para ela.

Lola deixou o banheiro quando eu já estava sentado sobre a cama, rodeado por Nat, Gabriel, mamãe e a bandeja cheia de comida. Os dois estavam ávidos por saber qual seria minha reação aos seus presentes.

— Abre o meu primeiro! — Gabriel pediu, animado.

— Tudo bem — concordei. Deixei a caixa dada por Natasha sobre minhas pernas e desfiz o laço que envolvia a folha de papel de Gabriel.

Sua expressão de ansiedade me fez sorrir ainda mais e Lola se colocou ao meu lado, para ver o que havia ali.

Abri a folha.

Demorei alguns segundos para entender o desenho, apesar de ele parecer bom para alguém com a idade de Gabriel. Havia três homens. Um deles estava meio deitado sobre uma nuvem, o outro estava no que devia ser o chão (ele fez apenas um amontoado de riscos na cor marrom e verde, para indicar a terra e a grama), o homem no chão era extremamente alto e fora desenhado com uma capa de super-herói, assim como uma máscara, e tinha um dos braços mais longo que o outro (isso foi necessário para que ele segurasse a mão do último homenzinho ali). Os dois estavam vestidos como super-heróis, quase idênticos, eu diria. Somente após olhar pela segunda vez, eu percebi que o homem sobre a nuvem estava sorrindo.

Eu não tive reação. Não consegui dizer nada ou fazer qualquer outra coisa além de encarar o desenho em minhas mãos enquanto sentia meu peito se encher com emoção... Com carinho e gratidão.

— Esse é o papai — Gabriel me explicou enquanto apontava para o homem sobre a nuvem. — Esse é você — ele disse, seu dedo desta vez apontava para o homem com braços assimétricos. — E esse sou eu. Nós somos heróis. E o papai é um anjo. A gente cuida da cidade, e ele cuida da gente. Você entendeu, né? A tia Linda disse que depois ia me ensinar a desenhar a cidade, porque a gente não teve tempo de desenhar ontem na sala e... — Ele interrompeu quando eu me voltei para ele. A animação deixou sua expressão por um instante e ela se tornou preocupada. — Você não gostou?

Eu ainda não conseguia falar então apenas o puxei para me abraçar.

— Eu adorei — murmurei para ele após uma pausa. Gabriel envolveu os braços pequenos em meu pescoço. — Obrigado. Vou colocar na minha mesa da empresa, você deixa?

Ele riu e concordou.

— Lolita, ele não gostou, você ouviu? Ele aaaaadooooroooou o meu presente!

Quando olhei para Lola, percebi que ela tinha os olhos cheios de lágrimas, mas estava claro que não queria derramá-las.

— O da tia Nat agora! — Gabriel disse sem se afastar.

Peguei a caixa de Natasha e a abri, retirei duas folhas de papel de seda e resgatei o porta-retratos que havia ali. Olhei para Nat após ver a foto que havia nele. Um novo sorriso, enorme e bem bobo, se espalhou em meus lábios.

— Nossa família? — perguntei enquanto encarava a imagem. — Isso foi na noite em que Rodrigo chegou aqui?

Ela concordou com um aceno, mamãe se aproximou um pouco mais para ver a imagem também.

— Pedi que Marissa tirasse a foto enquanto jantávamos.

Na foto, eu estava sentado na cabeceira da mesa e havia um sorriso nos meus lábios, lembro de ter ficado mais da metade do jantar olhando para os meus familiares à mesa, sem acreditar que estavam todos juntos ali. Dolores estava ao meu lado direito e João ao lado esquerdo. Lola ajudava Gabriel a se servir e, do outro lado da mesa, Rodrigo estava sentado à esquerda de mamãe e ajudava Alícia a cortar algo. Natasha ria de algo dito por Vitor. Todos estavam tão felizes. E mesmo agora, com essa imagem concreta para me provar que aquilo havia realmente acontecido, que eu tinha toda a minha família unida novamente, me era difícil acreditar que toda aquela felicidade realmente fazia parte da minha vida.

Limpei a garganta e antes de me voltar para Natasha, eu tentei conter a nova onda de emoção em mim.

— Obrigado, Nat.

Beijei-lhe o rosto novamente.

— O nosso você só verá mais tarde — Lola me avisou após envolver o ombro de mamãe com um braço. Arqueei uma sobrancelha, sem qualquer ideia sobre qual seria esse presente, e as duas trocaram um sorriso cúmplice.

Respirei fundo e desviei meu olhar de Lola quando ela se aproximou de Gabriel para tirá-lo da cama.

— Enquanto o presente não chega — ela disse para mim. — Se apresse ou não conseguiremos chegar a tempo para visitar o vovô.

— Vocês podem nos dar uma carona até o flat do Rodrigo? Mabel e eu queremos parabenizá-lo e ver a Ali. O Rodrigo disse que ela ficaria com ele hoje — Nat pediu, respondi com um aceno enquanto comia uma fatia de bolo. Tomei o copo de suco

rapidamente e levantei para procurar o que vestiria.

Lola e Gabriel deixaram o quarto.

— Lola e eu vamos conversar com o tio de Gabriel e depois vou deixar a Lola no hospital. Vou precisar falar com um dos designer de interiores da construtora, precisamos começar a planejar as adaptações para João aqui. Assim ele ficará confortável.

— Eles virão morar aqui mesmo? — mamãe perguntou animada.

Peguei minhas roupas e fechei a porta do guarda-roupa em seguida.

— Estou tentando ser otimista — admiti. As duas sorriram ainda mais.

— Você está tão diferente. — Minha irmã observou. — Parece mais leve, mais feliz. É tão bom te ver assim.

Natasha já tinha os olhos brilhando em lágrimas quando me abraçou. Mamãe continuou sentada sobre a cama, mas também tinha as os olhos lacrimosos.

— Você merece ser feliz — elas disseram.

— Nós merecemos — retifiquei ao retribuir o abraço.

Era quase nove da manhã quando Dolores e eu chegamos à rua calma e arborizada em que Arthur morava. O bairro de classe média próximo ao centro da cidade era repleto de

condomínios.

— É aquele prédio. — Lola apontou para um prédio azul à minha direita.

— Já veio aqui antes? — perguntei enquanto estacionava em uma das vagas.

— Não, Arthur colocou o nome do prédio no endereço que me deu. — Ela me mostrou a folha de papel com os rabiscos que deveriam ser o endereço que seguimos até chegar aqui. — A menos que tenha dois prédios com os mesmos nomes nesta rua, é aquele.

— Quer que eu vá com você? — indaguei ao vê-la digitar um número de telefone no celular.

Lola acenou, concordando e trocou algumas palavras com Arthur ao telefone, para avisar que já havia chegado.

O porteiro já estava de sobreaviso e nos deixou entrar tão logo Dolores disse o seu nome. Subimos o elevador juntos para o oitavo e último andar.

Quando encontramos o número do apartamento que estava no endereço, Lola apertou a campainha e esperamos.

Apertei minha mão à sua e trocamos um olhar antes que a porta fosse aberta e um Arthur surpreso nos recebesse.

— Olá, querida... — ele disse devagar. Sua postura mudou e a surpresa passageira foi trocada por uma sombra de irritação quase incontida ao me fitar. — Sr. Ricardo. — Ele se moveu para nos deixar entrar após devolvermos o cumprimento. Em seguida, quando já estávamos na sala, a porta foi fechada.

À primeira vista, o apartamento era moderno, com decoração de bom gosto e a sala era um pouco menor que a do meu apartamento. Havia uma sacada e uma cantoneira embutida

na parede repleta de bebidas. As paredes estavam pintadas de branco, mas a que estava à minha frente estava repleta de quadros de arte.

Arthur andou até o outro lado da sala e pegou uma garrafa de bebida da cantoneira, colocou-a sobre o balcão e pegou três copos.

— Aceitam uma bebida? — ele perguntou. Quando nos fitou novamente havia um brilho irritantemente presunçoso e intrigante em seus olhos. Aquilo me incomodou.

Lola negou a bebida e eu também o fiz em seguida. Era apenas nove da *manhã*.

— Eu vou precisar sair, então serei rápido — ele informou após se servir e se aproximar. — Quero voltar a viver em Portugal e ainda não decidi o que farei com Gabriel.

Lola o encarou boquiaberta.

— Como assim não decidiu o que fará com ele?

Arthur se sentou sobre a poltrona à nossa frente, cruzou as pernas e sorveu um pouco da bebida que estava em seu copo. Estava tranquilo, indiferente ao assunto daquela conversa, como se Gabriel fosse um animal de estimação ou algum tipo de brinquedo descartável, e não uma criança esperta e carente, que havia perdido os pais e agora tinha apenas esse homem como parente.

— Sejamos sinceros, querida — ele iniciou. — Eu não tenho a menor vocação pra cuidar daquele garoto. Já deixei isso muito claro. Você concordou em cuidar dele durante essas semanas e eu pude me livrar do enfado da presença dele, mas minha ausência agora será definitiva.

— Como você pode...

Ele interrompeu minhas palavras:

— Eloísa não tinha opções, por isso deixou aquele garoto comigo, mas eu nunca gostei de crianças, nunca as suportei. Não é porque o pirralho é da minha família que eu serei obrigado a cuidar dele.

Levantei irritado, furioso ao ouvir aquilo, mas Dolores me deteve e me interrompeu antes que eu dissesse qualquer coisa.

— Quero ficar com ele — ela disse. — Gabriel já se acostumou comigo, já nos apegamos e se você...

Arthur riu. Uma risada cheia que reverberou por toda a enorme sala. Como se, para ele, aquela situação toda fosse muito engraçada.

— Não acho que uma mulher que dorme com quem pode pagar mais alto seja uma boa influência para ele, querida — ele disse momentos depois, com calma e um tom sarcástico, que, assim como suas palavras, me irritou o suficiente para avançar sobre ele. Arthur apenas sorriu quando segurei as lapelas de seu terno e o fiz levantar daquela cadeira.

— Não gosta de ouvir a verdade? — ele perguntou.

Quando levantei meu punho cerrado para atingir o filho da puta, ela me impediu.

— Do que infernos você está falando? — Lola inquiriu.

— Ora, não se faça de desentendida, querida. André pode não ter confirmado minhas suspeitas, mas o sorriso te entregou. Aliás, adorei o quadro.

Minha mente deu um nó momentâneo. Os substantivos: André, Dolores e sorriso não se apresentaram de forma inteligível para mim naquele instante.

Arthur se desvencilhou de mim, se afastou de onde estávamos e cruzou os braços enquanto avaliava algo na parede atrás de mim, Lola e eu nos voltamos para ela ao mesmo

tempo.

Minha boca secou ao ver o quadro ao qual ele se referia.

— Conheci André em Portugal em uma exposição organizada pela universidade em que ele estudava. Ele me vendeu esse quadro em Portugal há alguns meses. Fiquei semanas tentando fazê-lo me vender, estava louco pra ter essa maravilha exposta na minha sala, mas ele se recusou o quanto pôde. Só cedeu quando seu curso acabou e ele se viu sem dinheiro para voltar ao Brasil.

Arthur riu novamente e aquilo me fez voltar à realidade, me fez ignorar a fotografia de Dolores. Apesar de seu rosto ter sido parcialmente cortado na foto, seu sorriso estava ali, seu corpo quase nu coberto somente em partes estratégicas também. E, mais uma vez, sua tatuagem estava ali.

Uma raiva quase cega me inundou tão logo eu percebi que, mais uma vez, aquilo estava acontecendo. Eu não sabia quantas mais Olavo havia aprontado para mim, ou se era ele o responsável por aquilo, mas ele pecou terrivelmente se achou que eu cairia em algo assim novamente.

Lola se voltou para mim, estava estupefata, mas ainda havia altivez em sua expressão. Não tinha certeza de qual seria minha reação, mas estava pronta pra enfrentá-la.

— Você poderia tornar a situação mais simples para todos nós e aceitar logo que a Lola preferiu ficar comigo, que estamos juntos, e não será um bastardo estúpido como você que vai mudar isso. Não importa o que faça — sugeri ao me voltar para ele, com meu tom frio, minha atitude controlada. O ar ali já não era o mesmo. Era como se na sala pairasse em letras garrafais e luzes de néon o aviso de que aquela situação poderia terminar muito mal se eu decidisse avançar sobre ele e quebrar todos aqueles malditos dentes brancos para acabar com aquela porra de sorriso. — Poderia parar de tentar me colocar contra ela e nos faria ganhar tempo. Poderia ser direto e dizer o que quer para deixar que fiquemos com Gabriel enquanto

você vai cuidar da porra da sua vida bem longe das nossas.

Ele hesitou. Seu sorriso morreu. Estava claro que não esperava uma atitude como aquela da minha parte.

— O que pretendia com isso? — Lola perguntou, sua voz potente, enfurecida enquanto se aproximava de mim. — Achou que nos separaria e que eu decidiria ficar com você por isso?

Arthur revirou os olhos.

— Não seja tão presunçosa, querida. Eu nem esperava que seu namoradinho viesse com você. — Ele voltou a sentar na poltrona e suspirou, vencido. — Eu só queria você de quatro pra mim por uma hora.

Grunhi de ódio antes de avançar sobre ele mais uma vez, mas Dolores me segurou com força. Tentei fazê-la me soltar, mas foi inútil, não queria machucá-la.

— É exatamente essa reação que ele quer de você, Aaron. Mas não podemos esquecer do Gabriel — ela sussurrou apenas para mim.

Bufei de ódio e fechei os punhos com cada vez mais raiva incontida. O filho da puta ainda tinha Gabriel.

— O que você quer? — perguntei quando o vi se inclinar sobre a mesa de centro e pegar um envelope.

— Estou com uma procuração pronta aqui. Minha proposta para deixar Gabriel com Dolores já está clara.

— É mais fácil seu pau cair e ser comido pela terra do que eu te deixar me tocar, Arthur — ela respondeu a ele, furiosa.

Ele se recostou na poltrona e pareceu ponderar pelo minuto que se seguiu, por fim, suspirou.

— Quero sete milhões na minha conta até amanhã, do contrário eu deixo o pirralho em qualquer orfanato de Portugal.

Eu tive que impedir Dolores de voar sobre ele desta vez.

— Queremos a guarda dele, não somente uma procuração — avisei. — O dinheiro só irá para sua conta quando você assinar um contrato que te impedirá de se aproximar ou tentar tirar a guarda dele de nós.

O homem, zombeteiro, revirou os olhos.

— Como se eu fosse querer aquela coisinha chorona e insuportável comigo de novo.

— Ah, seu filho da puta! — Lola o xingou e eu precisei agarrá-la com mais força. Ela emitiu um som de frustração e desistiu de se livrar dos meus braços em volta do seu corpo. Eu, mais do que nunca, precisei de autocontrole.

— Assine a procuração agora — mandei. — Você terá o dinheiro em espécie se quiser, mas só depois de assinar o contrato.

Indeciso, Arthur levantou e retirou a procuração do envelope.

— Sou o responsável pelo pirralho e a procuração pode ser revogada a qualquer instante por causa disso. Se não me der o dinheiro, esteja certo de que isso acontecerá.

— Como quiser — concordei quando o vi se aproximar do balcão e se curvar sobre ele para assinar os papéis em suas mãos. Lola e eu trocamos um olhar. Quando percebeu o quanto eu tentava me segurar, o quanto estava enfurecido, ela sussurrou um pedido de calma e acariciou meu rosto devagar.

Soltei Dolores para ir pegar as folhas após Arthur assiná-las. Li a folha da procuração em si e as entreguei à Dolores, que já estava em meu encalço. Peguei a caneta que Arthur deixou sobre o balcão e anotei o endereço do escritório de advocacia do meu advogado no envelope.

— Me encontre nesse escritório de advocacia amanhã, às três da tarde — informei. — Pedirei que o meu advogado abra uma exceção e nos atenda.

A sombra de um sorriso despontou em seus lábios enquanto ele avaliava o endereço. Eu não me movi, estava rígido, sentia os punhos quase dormentes por apertá-los com tanta força. Não consegui entender como uma pessoa poderia ser fria e mau-caráter o suficiente para trocar uma criança por qualquer quantia de dinheiro que fosse, sobretudo quando esta criança é da sua família: filho da sua irmã que, ao morrer, lhe confiou a guarda do seu filho.

Minha respiração já estava ofegante quando eu percebi que, se Lola não tivesse se disposto a cuidar de Gabriel desde o início, ele estaria com esse homem, ele realmente seria abandonado em um orfanato, sozinho. Havia perdido os pais e, por causa de um filho da puta, perderia o direito de crescer perto de tudo o que podia manter vivas as lembranças dos seus pais, seria abandonado, viveria sozinho.

O ódio que aquelas percepções suscitaram em mim me fez avançar sobre Arthur e socá-lo com força. Talvez, se não estivesse tão distraído com a possibilidade de ter todo aquele dinheiro, ele não tivesse tropeçado e quase caído após o soco que lhe dei.

Estupefato, Arthur me encarou após cuspir sangue no piso polido.

Lola me chamou, tentando me trazer de volta à realidade, mas isso apenas me fez lembrar do que esse bastardo falou sobre ela e isso me fez socá-lo de novo, e de novo.

Àquela altura, eu já estava cego de ódio.

— Isso foi por você ter insinuado que minha mulher é como as putas que você precisa

pagar para ter algo parecido com sexo — disse a ele, meu tom permaneceu neutro, inalterado pelo ódio e fúria que me dominavam.

Arthur avançou sobre mim com raiva, mas eu o segurei pelas lapelas com força e o ergui para que ficasse da minha altura. Lancei-o contra a parede mais próxima e não me importei nem mesmo após Dolores se aproximar e tentar me afastar de Arthur. Os olhos do homem à minha frente estavam aterrorizados e ele movia as mãos de forma caótica, tentando me fazer soltá-lo. Não era capaz de dar a porra de um soco digno de um homem com a sua estatura.

— Ouça bem o que vou dizer agora — avisei. Segurei seu queixo com força para obrigá-lo a me encarar e, olhando profundamente em seus olhos, eu concluí: — A partir de hoje você esquecerá que é tio de Gabriel. Dolores e eu somos os pais dele agora, ele é da minha família e não da sua, é meu filho e não seu sobrinho, e se você sonhar em se aproximar dele ou da minha família, se pensar em voltar para as nossas vidas, eu te mato. Eu vou acabar com você e fazer isso de forma tão dolorosa que você vai se arrepender até de ter nascido, entendeu?

Arthur não se moveu, não disse uma palavra, por mais que o medo em seus olhos falasse muito. Ele não reconhecia a imagem de fúria que eu representava agora. Apertei seu queixo ainda mais e bati com força no lado esquerdo de seu rosto quando segundos se passaram e ele permaneceu em silêncio.

— Entendeu?!

Desta vez, ele assentiu freneticamente. E eu o soltei.

— Não se atrase amanhã — avisei antes de me afastar. Lola pegou sua bolsa para ir embora, mas, ao invés de me seguir, ela foi até o quadro. Arthur e eu a assistimos destruir a imagem na moldura bonita.

— Acham mesmo que podem me agredir e destruir minhas coisas sem que eu faça nada?!

Eu posso chamar a polícia e isso...

Lola o interrompeu antes que eu o fizesse.

— Isso, mostre que pode ser mais fraco e covarde do que já foi hoje — ela provocou. — Você pode chamar a polícia e tentar complicar nossas vidas, tentar impedir que fiquemos com Gabriel, ou pode ficar quieto, pegar o maldito dinheiro e sumir daqui. Você tem até amanhã para decidir.

— Sua...

— É melhor tomar cuidado com as palavras — eu o interrompi.

Lola saiu antes de mim. Eu apenas troquei um último olhar com Arthur. Ele estava irritado, furioso, mas era notável que queria o maldito dinheiro, que queria se livrar de Gabriel e que ganharia muito mais se ficasse quieto.

— Três da tarde — lembrei-o antes de fechar a porta.

— Você deveria ter se controlado! — Lola disse antes de entrarmos no elevador.

— Eu ainda não acabei — admiti sem olhá-la. — André vai me pagar caro por isso.

Lola se colocou à minha frente, mas não disse nada. Somente agora, a parte que cabia à André naquela história, parecia ter se mostrado para ela.

— Eu o vi conversar com Arthur na frente da sua casa e ele ficou todo estranho quando percebeu que eu estava lá, se eu tivesse desconfiado de algo assim, eu teria...

— Ele tentou me contar sobre isso duas vezes — ela disse e então suspirou. — No ano passado quando eu o encontrei completamente bêbado no barzinho na frente da revista, ele disse algo sobre eu querer matá-lo e sobre Arthur ter voltado, mas eu nem sabia quem era

Arthur. E depois, quando eu voltei pra casa após o acidente, ele tentou de novo, mas o vovô chegou na hora e o interrompeu.

— Não me interessa se ele quis contar, ele não tinha o direito de dar a porra daquele quadro para o Arthur.

— Eu me lembro de quando ele tirou a foto e eu... Eu não pedi que ele apagasse — ela confessou. Apertei os olhos e bufei só por imaginar que um dia ela dormiu com André... Que aquele filho da puta teve a chance de tirar uma foto dela quase nua.

— Não me importo. Ele não tinha o direito de vender aquela droga, você estava nua, Dolores! Estava nua em um quadro que o filho da puta do Arthur olhava todo dia! E nem sabíamos disso!

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, tentava se acalmar. O elevador parou e as portas se abriram, mas ninguém entrou. Logo voltamos a descer novamente.

— Aaron... — Lola sussurrou. Eu a olhei e ela se aproximou. — Vamos ficar com a guarda de Gabriel.

— Sim — concordei e um pouco da minha raiva se esvaiu quando finalmente me dei conta disso.

— Você disse que ele seria seu filho — Lola prosseguiu.

— Nosso filho — retifiquei.

Seu rosto voltou a se iluminar quando um sorriso tímido surgiu em seus lábios. A porta do elevador se abriu e saímos. Não demoramos a chegar ao carro, mas depois que nos acomodamos o silêncio entre nós me fez procurar o seu olhar mais uma vez. As lágrimas que vi em seus olhos me preocuparam.

— O que foi? — perguntei.

Lola meneou a cabeça e aquele mesmo sorriso voltou aos seus lábios quando ela me fitou. O contraste do sorriso com as lágrimas me confundiu.

— Eu não queria que você *aceitasse* que Gabriel morasse conosco apenas porque sabia que eu não abriria mão dele. Ele precisa crescer com um homem que queira ser para ele mais do que o esposo da sua mãe adotiva. E agora, agora eu percebo que... — ela tentou explicar e somente após isso eu consegui compreendê-la. Era por isso que ela não queria apressar as coisas entre nós. Ela queria que eu me acostumasse a ideia de ter Gabriel como meu filho tanto quanto queria que Gabriel quisesse que eu fosse seu pai adotivo.

— Ele será nosso filho a partir de agora — murmurei enquanto me aproximava para limpar suas lágrimas. — Mesmo que não precise saber disso ainda.

— Obrigada — agradeceu e me beijou suavemente. — Obrigada, Aaron, eu... Eu não sei o que dizer, só... Obrigada.

Eu a abracei devagar e me obriguei a esquecer que teria que ir atrás de André e fazê-lo se arrepender de ter tirado aquela foto de Dolores. Poderia lidar com ele depois. O aqui e agora com ela era mais importante que qualquer outro momento passado ou futuro.

Vinte e Cinco

“Eu pensei em comprar algumas flores
Só pra chamar mais atenção
Eu sei, já não há mais razão pra solidão
Meu bem, eu tô pedindo a sua mão”
Diga Sim Pra Mim – Isabella Taviani

Sete meses depois...

Poucas coisas da minha infância me vêm à mente com alguma riqueza de detalhes, acredito que de uma forma ou de outra meu subconsciente expurgou a maioria das lembranças, apenas as mais marcantes permaneceram intactas com o passar dos anos. A minha primeira aula de piano é uma delas. Eu tinha nove anos e lembro vagamente de uma discussão entre Olavo e mamãe que resultou na chegada de um instrumento enorme, clássico

e bonito que me encantou tão logo eu o vi, na época eu não sabia que era um piano e sequer lembro muito bem quando me disseram que ele o era. Diferente de Rodrigo, que não suportava as aulas, eu as amava. Acho que todos, de alguma maneira, encontramos hobbies que às vezes conseguiam nos fazer esquecer a presença de Olavo. Mamãe pintava, Rodrigo praticava esportes e eu tocava, logo mais comecei a praticar boxe com Rodrigo. Tínhamos de quinze a dezesseis anos e a luta era mais uma forma de extravasar nossas frustrações que qualquer outra coisa.

Quando, há sete meses, no meu aniversário de trinta e um anos, mamãe e Dolores alugaram um piano para mim como presente, eu mais uma vez me vi encantado pelo instrumento. Anos passaram desde a última vez que eu havia tocado e, apesar de acreditar ter perdido a prática, bastaram poucas tentativas para que eu começasse a tocar algo plausível. E a sensação indescritível ainda era a mesma.

Mesmo que meus dias na empresa fossem cansativos, ao menos duas vezes por semana eu gostava de me dedicar ao piano. O efeito entorpecente que o uísque me provocava era menos acentuado que o do piano e este também era como um calmante às minhas preocupações.

Com a delicadeza e suavidade necessárias para aquela peça, meus dedos deslizaram por sobre as teclas e a produção da melodia clássica decorrente do ato soou por todo o enorme cômodo. Embora *Chopin* fosse meu compositor preferido, *Für Elise,* de *Beethoven,* era uma das composições que eu mais gostava e, por isso, foi a primeira que toquei desde que, às dez da noite, decidi descer as escadas e vir tocar algo enquanto esperava Dolores. Todos estavam dormindo, exceto ela que ainda não voltara da universidade em que fazia seu MBA.

Os últimos meses passaram rápido, ao menos sob meu ponto de vista, Nat já estava cursando a faculdade e João voltara para casa — apesar de mamãe assegurar que seria capaz de cuidar dele durante a recuperação (e Dolores sustentar esse argumento dizendo que também cuidaria do avô), eu contratei um técnico em enfermagem para ajudar João com o banho e afins, assim ele teria alguém com preparo para qualquer emergência que pudesse surgir. Agora ele já estava bem melhor, já podia utilizar a cadeira de rodas e começara a se

adaptar ao controle antes complicado dela. Mamãe também estava bem, e claro, sempre ao lado de João.

Rodrigo, durante algumas semanas — e agora esporadicamente — me ajuda com a empresa. Ele e Dolores na verdade, mas agora somente ela permanece lá. Apesar de ter tentado fazer todos os gostos de Olavo ao ir trabalhar com ele na empresa, eu sempre soube que ele não suportava aquele lugar. Ele se ofereceu para me ajudar se precisasse de algo, mas desde o início informou que não conseguiria ficar enfurnado em um escritório por oito horas. E eu o entendia completamente.

Rodrigo agora trabalha na administração de um bar superbadalado da cidade e ainda mora sozinho em seu flat, em um bairro não tão seguro da cidade. Alícia continuava com Fernanda, mesmo após a separação desta com o tal Assis. Segundo Rodrigo, Fernanda havia alugado um apartamento para as duas e ele as ajudava com as despesas. Ali não pôde voltar a estudar ainda, mas começara a fazer aulas de balé e música há dois meses. Eu não sabia como exatamente se dava o relacionamento de Rodrigo com Fernanda, só sabia que eles não haviam voltado e achava que mantinham alguma interação pela filha deles.

Robson pedira demissão há menos de um mês e preparava os trâmites para reabrir sua academia. Quando a polícia concluiu que agimos em legítima defesa e nos absorveu pela morte de Carlão e do capanga que foi morto no dia em que salvamos Fernanda, Rob precisou voltar para São Paulo, mesmo que por pouco tempo. Agora ele ficaria em Porto Alegre definitivamente.

Elaine voltara para Salvador, mas mantinha contato constante com a filha e veio visitá-la duas vezes.

Lola já era a detentora da guarda de Gabriel e depois de tantos meses ele se apegara a nós tanto quanto nos apegamos a ele, sequer lembrava que um dia tivera um tio chamado Arthur — que fora embora após receber os sete milhões e nunca dera qualquer notícia além das assinaturas dos documentos necessários para que a guarda de Gabriel nos fosse dada. Algo

pelo qual eu agradeci, pois Biel, se dependesse de mim e Dolores, jamais precisaria de Arthur para qualquer coisa.

Após uns bons minutos transpassando entre composições e compositores, cheguei aos *Nocturnes*, de *Chopin*. Esta era minha preferida dentre todas. Ela não me era exatamente triste, eu gostava sobretudo pela sensação que implodia em mim sempre que a ouvia ou tocava. O sentimento que ela expelia a cada nota tocada não era dor ou tristeza em mim, desde a adolescência ela suscitava *esperança*. Uma espera silenciosa e sem grandes expectativas. Talvez até com um ínfimo resquício postergado de *certeza* de que algo estava por vir; um algo disforme, mas que mudaria rumos e vidas... Sim, acho que poderia definir *Nocturne* assim: a esperança sutil de alguma mudança. Qualquer mudança.

— Não pare, estava tão lindo — Lola pediu e somente então percebi que havia parado de tocar para fitá-la. Ela fechou a porta da sala e se apressou em chegar onde eu estava. O mesmo sorriso que surgia sempre que me ouvia tocar estava em seus lábios, aquele estonteante que ela não fazia a mais remota ideia do que provocava em mim.

Eu sabia que ali estava minha mudança; o *algo* agora possuía uma forma e conseguira mudar minha vida e dar um rumo melhor a ela.

— O que foi? — perguntou quando sentou ao meu lado. Respondi a pergunta com um meneio de cabeça, como se assim dissesse que não era nada de mais, e me aproximei o suficiente para beijá-la, então questionei:

— Como foi a aula?

Lola retribuiu meu beijo com um selinho e discorreu por alguns minutos sobre as provas que havia feito hoje. Ela parecia exausta pela rotina cheia que enfrentava diariamente, mas apesar de tudo, indiscutivelmente feliz.

Em meados de fevereiro nós iniciamos o MBA, mas minha constante ausência às aulas e a

falta de tempo para trabalhos, me fizeram decidir trancar por enquanto. Aquele mês foi muito difícil na construtora porque, quando Lilian me mostrou a quantidade de obras financiadas pelo governo ou empresas cujas licitações estavam com valores absurdos, eu demiti muitos funcionários, mandei que parassem as obras e cancelassem os contratos. Por uma sucessão de acontecimentos, muitos foram parar na justiça com processos por diversas ilegalidades. Além dos assessores e assistentes que contratei, Lola e Rodrigo também ficaram ao meu lado, creio que se não fosse pelos conselhos e pelo empenho deles em me ajudar naquele momento, a construtora já estaria com as portas fechadas agora. Contudo, graças a eles, ainda tentávamos nos reerguer. Rodrigo arranjara um emprego, mas Lola permanecia lá, me ajudando. Ela trabalha seis horas na empresa, porque se recusou a ficar mais tempo quando isso significava ficar sem ver Gabriel e o avô durante todo o dia. Então trabalha pela manhã (quando Biel está na escola), fica com ele e João durante à tarde e à noite estuda. Em outras palavras, praticamente faz mágica com o tempo e com o cansaço.

Apesar de vê-la todos os dias na empresa, não é como antes. Eu não gostava de pensar que o trabalho e as obrigações além da nossa casa estavam nos distanciando, sobretudo agora que havíamos dado um novo passo juntos, mas a cada dia que passava essa percepção se tornava um pouco mais verídica. E eu jamais pediria que ela reservasse um pouco do seu tempo pra nós, não o faria porque vejo o seu esforço e cansaço diário, sei o quanto ela quer concluir o curso, o quanto ela se empenha em cuidar de Gabriel e do avô e ainda me ajuda, nunca criaria algum problema entre nós pela sua atual falta de tempo, pelo contrário, sempre a incentivaria, por isso estava tomando providências sobre o excesso de trabalho há algumas semanas.

A situação das empresas parece estar um pouco melhor e gradativamente a minha carga horária de trabalho semanal está diminuindo. Esta semana me esforcei um pouco mais para que pudesse ficar com o final de semana livre e aproveitar algum tempo com Dolores, Gabriel e o resto da família.

— Você jantou? — perguntei de forma abrupta entre uma palavra que ela pronunciava.

— Sim — respondeu. — Todos já estão dormindo?

— Sim, coloquei o Biel na cama há umas duas horas — falei, pois já sabia que esta era sua próxima pergunta. — E sim, ele tomou o leite que você preparou e escovou os dentes antes de eu colocá-lo na cama.

Ela entrecerrou os olhos, encenando alguma sombra de irritação que era completamente distorcida pelo sorriso que se ampliava em seus lábios. Eu a puxei para se sentar em meu colo e inspirei o cheiro inebriante de seu perfume de rosas.

— Como foi sua tarde? — ela indagou e uma de suas mãos se embrenhou em meus cabelos, que também já estavam maiores do que eu costumava deixar.

— Cansativa — murmurei enquanto ela acariciava meu rosto devagar, detendo sua atenção na minha barba por fazer. Seu polegar tocou suavemente em meus lábios, delineando-os lentamente antes de migrarem para meu queixo e depois pousarem sobre a minha tatuagem mais recente. Era um pumau maori que se iniciava em meu peito e terminava em meu ombro esquerdo. Lola o adorava.

— Família... Proteção... Força. — Lola sussurrou distraída enquanto delineava os desenhos perfeitos que compunham o símbolo maori. Ela se referia aos significados de cada um deles. Quando seu dedo indicador pairou sobre a onda presente no desenho, ela sussurrou: — Recomeço... Uma nova vida...

— Uma mudança — completei, fazendo-a voltar seus olhos para os meus. Seu cenho se franziu por alguns instantes, sem entender a que mudança eu me referia. Beijei-a suavemente e concluí: — *Minha mudança.*

Percebi que ela perguntaria do que eu estava falando, e me adiantei e beijei, agora sem qualquer suavidade. Foram necessários poucos segundos para que o desejo motriz e insaciável nos invadisse e ela esquecesse qualquer pergunta que tentasse fazer.

Minutos se passaram entre beijos que só tinham fim por precisarmos de ar. Em um dado momento, Lola começou a deixar apenas beijos suaves e provocantes em meus lábios, bochecha e então em meu pescoço enquanto eu apertava sua cintura com firmeza e trazia seu quadril de encontro ao meu. Ela sabia que aquele era meu maldito ponto fraco e usava isso a seu favor sem nem ponderar; seus lábios beijando e chupando lugares estratégicos como meu pescoço e abaixo da minha orelha conseguiam despertar o que havia de mais primitivo em mim.

— Adoro isso — ela admitiu em meu ouvido enquanto eu tracejava as curvas de seu corpo como se me apossasse delas, como se fossem todas minhas e agora fosse o momento de reclamá-las. — Beijos aqui sempre despertam seu lado mais bruto.

— Safada — sussurrei no instante em que seus lábios pressionaram os meus novamente. — Provocadora... Gostosa. — Ela gemeu quando eu apertei seus seios em minhas mãos e abri sua blusa com força, fazendo com que os botões voassem e se dispersassem em todo aquele canto da sala. — E minha... *Tão minha*.

Dolores se moveu sobre meu colo, para deixar uma perna de cada lado de meu corpo, eu deslizei uma das mãos para sua nuca e trouxe seu rosto de encontro ao meu de novo. Seus lábios foram esmagados pelos meus e nossas línguas se encontraram, um beijo cheio de fome se iniciou. Eu a puxava contra meu corpo com tanta força e ela se apertava a mim com tanto desespero que poderíamos nos fundir a qualquer momento.

Uma série de notas musicais sem harmonia reverberou pela sala quando Lola me ajudou a levantar sua saia e seu braço bateu contra o piano.

— Está mesmo cansado? — sussurrou contra minha boca. Gemi de satisfação quando ela chupou meu lábio inferior e roçou seu sexo devagar no meu. Eu já estava duro, só precisava baixar aquela calça de pijama e afastar sua calcinha e estaria dentro dela, enterrado no lugar que gostaria de ficar sempre. — Porque eu estou muito excitada, Aaron. *Muito.*

— Porra! — o xingamento foi tudo o que consegui emitir antes de beijá-la de novo, apertar suas nádegas e seios com força e começar a baixar o tecido fino da calcinha que ela vestia.

A cacofonia ecoou pela sala novamente depois que Lola se encostou ao piano. Rasguei a sua calcinha e acabei com o beijo. Seus lábios rosados e inchados me instigaram a mordiscá-los antes de dizer o que pretendia.

— Eu preciso de uma foda de verdade, Lola — sussurrei mesmo com a respiração ofegante. — Essas rapidinhas estão me deixando louco. Preciso me enterrar em você por horas e não alguns malditos minutos.

— Amanhã ainda é sábado — lembrou, ainda tentava respirar normalmente. — Nós ainda vamos...

— Não diga “trabalhar” — pedi.

Lola expirou com força, apoiou sua testa à minha e deixou um beijo terno em meus lábios.

— A gente pode tentar terminar o trabalho que restou amanhã pela manhã e tirar uma folga no final de semana. — Outro beijo. — Rodrigo vai trazer a Ali pra cá amanhã. Ele pode nos ajudar. Lilian também pode vir pra cá. Não precisamos nos enfurnar naquela empresa durante todo o dia — lembrou.

— Já adiantei metade do trabalho — contei. — Se começarmos bem cedo, antes das onze nós terminamos.

— Ótimo — murmurou e um sorriso malicioso surgiu naquela boca deliciosamente viciante. Lola baixou o suficiente da minha calça para libertar meu pau e me acariciou sem pudor. Um palavrão, que soou mais como um gemido, me escapou. — Meu período já

acabou, a semana de provas também — ela sussurrou quando se colocou de joelhos sobre o divã, sua entrada úmida, deliciosa, já roçava meu membro. Ela roçou seus lábios aos meus e concluiu: — E hoje a gente não precisa usar camisinha.

— Finalmente essa porra de tortura acabou — falei, então pousei minhas mãos em sua cintura, mas antes que eu a fizesse sentar de uma vez em mim, ela me deteve. — Não começa nenhuma outra agora, Lola — pedi.

— Eu quero que faça algo por mim — ela disse contra minha boca.

— Sério, Lola? Precisa falar isso agora? — inquiri. Lola riu, deleitando-se com meu desespero. Ela passou o braço direito em volta da minha nuca, para ter onde se apoiar, e tão lentamente quanto eu não lembro de já ter sido entre nós, ela se moveu e eu me senti penetrá-la até a base.

Com um beijo Lola calou as palavras obscenas que deixariam minha boca. Quando ela começou a se mover com uma lentidão enlouquecedora, sua língua deslizou entre meus lábios e encontrou a minha.

Lento. Terno. Doce. Apaixonado. Qualquer um destes adjetivos poderia facilmente qualificar nosso beijo, mas nenhum deles era satisfatório. Aquilo não era bem o que eu esperava, não depois da forma com que nos tocamos inicialmente, mas era o que nós precisávamos. Eu precisava tê-la sem pressa, sem que nós dois estivéssemos exaustos, cheios de preocupações, mas loucos por contato, pelo entendimento recíproco que nossos corpos conectados nos permitiam. Palavras eram dispensáveis agora.

Quando os pulmões cobraram o ar necessário pra continuarem trabalhando, nós afastamos nossos lábios, mas as carícias e beijos apenas migraram de lugar.

Lola gemeu baixo, louca para se mover da forma que seu alívio viesse mais rápido, mas prolongar aquele prazer, aquele contato, aquele momento, também lhe pareceu melhor agora.

Após segundos de gemidos suaves nós voltamos a procurar os lábios um do outro.

— Eu sinto a sua falta — dissemos ao mesmo tempo como se nenhum de nós aguentasse mais segurar aquelas palavras e daquela vez a comunicação física não tivesse sido suficiente.

Lola encostou sua testa a minha e fechou os olhos. Então diminuiu o ritmo ainda mais até estar imóvel e ofegante sobre mim, e me encarou:

— Meu pedido é simples, só quero que você diminua o seu trabalho na empresa. — A pausa que se seguiu enquanto ela suspirava foi curta, mas me deu tempo suficiente para registrar aquelas palavras e compreender o que ela estava dizendo. — Você já salvou aquela construtora. Não precisa mais se preocupar em deixar milhares de pessoas desempregadas. Não precisa mais ficar trabalhando até tarde e ainda trazer trabalho pra casa — argumentou.

— Eu não salvei nada. Você e Rodrigo salvaram, vocês me ensinaram a organizar aquela bagunça — lembrei-a e só então percebi a preocupação refletida em seus olhos. Respirei fundo e a beijei suavemente, para tranquilizá-la e contei: — Já tomei as primeiras providências para que nenhum de nós precise trabalhar até tarde ou trazer trabalho pra casa.

Seu semblante mudou apenas um pouco, a preocupação deu espaço à dubiedade. Ela ainda não tinha certeza se minhas providências realmente mudariam algo.

— Eu também odeio isso, Lola — admiti. Peguei sua mão direita, que estava pousada sobre meu peito, e beijei o aro de ouro ali. — Mas já passamos pela pior parte.

— O que você fez? — ela perguntou.

— Lilian não será mais minha secretária, será minha assessora. E agora tem poder suficiente para arcar com metade do trabalho na construtora.

— Confia nela? — questionou, reticente.

— Em todos esses meses, ela não me deu motivo para duvidar da sua competência. Lilian passou no meu teste, Lola — argumentei, mas seu semblante dúbio permaneceu. — Você acha que ela não é capaz de cumprir seus novos deveres ou só continua com ciúmes?

Lola hesitou, franziu os lábios e os cantos de seus olhos se apertaram progressivamente, ela odiava quando eu insinuava que estava com ciúmes de Lilian porque nós dois sabíamos que ela não tinha qualquer motivo para isso.

— Não gosto de como ela olha pra você — cedeu.

Por mais que eu soubesse que meu sorriso a irritaria ainda mais, eu não o contive. Coloquei o dedo indicador na parte central do seu sutiã, engatando-o na pequena fenda, e a trouxe para mais perto.

— Você é a única mulher que conheço capaz de ter uma crise de ciúmes enquanto transa com o próprio noivo — murmurei entretido com a perfeição de seus seios. Lola segurou meu queixo e o levantou para que meus olhos ficassem da altura dos seus.

— Não estou tendo nenhuma crise — defendeu-se. Aquilo me fez sorrir.

— Você é muito boa em marcar território quando acha que eu não estou prestando atenção — lembrei-a após deixar um selinho em seus lábios. — E tem ciência de que meu pau está enterrado na única mulher que eu quero ter... Agora será que a gente pode parar de falar da minha secretária e voltar ao que fazíamos antes?

Lola expirou o ar devagar, percebi que tentava afastar aqueles pensamentos de sua mente. Após alguns segundos de tentativas, ela pareceu mais relaxada.

— Então a gente vai ficar com os finais de semana livres? — perguntou quando voltou a me encarar. — E você não vai mais trabalhar até tarde?

Concordei com um meneio de cabeça e foi sua vez de me beijar.

— Achei que seria mais difícil te convencer disso — admitiu e, entre um beijo e outro, ela voltou a sorrir. — Comprei até uma lingerie nova pra usar em última instância.

Uma risada baixa me escapou.

— Você seria baixa a ponto de me seduzir assim?

— Se você fosse cabeça-dura a ponto de não enxergar que o excesso de trabalho estava acabando com você, sim, eu seduziria você — Lola aproveitou a proximidade de nossas bocas e me provocou com mordidas deliciosas. — Faria de um jeito que você nunca conseguiria esquecer.

Grunhi. Foi necessário poucos segundos para que eu imaginasse tudo o que ela poderia fazer pra me enlouquecer do jeito que só ela conseguiria. Lola gemeu baixinho quando me sentiu ainda mais duro dentro de si e fez o pedido que eu não seria capaz de negar nem depois de trabalhar quatorze horas seguidas:

— Vamos pro quarto.

Ainda era madrugada e o céu estava escuro. Ao longe uma versão tímida do sol se escondia por trás das nuvens que já oscilavam entre os diversos tons de azul existentes e, aos poucos, tingia o cobertor negro da noite com indícios de um laranja flamejante. A visão possuía uma beleza indizível e não se igualava a nenhuma outra. Eu nunca imaginei que dar uma pausa na correria do dia a dia e simplesmente apreciar algo tão singelo poderia ser também tão reconfortante e hipnotizante. Na verdade, quando Lola sugeriu que o fizéssemos

há menos de uma hora, a ideia não me agradara. Estávamos exaustos depois do dia cansativo que tivemos ontem, do sexo maravilhoso que tivemos depois dele e das poucas horas de sono que o seguiram, mas preferi ceder a deixá-la aqui sozinha.

Dolores estava deitada comigo sobre o divã da sacada do nosso quarto, seu corpo quente estava aconchegado ao meu sob o lençol que nos cobria e por isso nos mantínhamos aquecidos. Voltei a acariciar seus cabelos e ela deixou um suspiro baixo lhe escapar após o beijo que depositei em sua testa. A forma com que nos encaixávamos, nos acariciávamos, o silêncio que nos envolvia enquanto nossas respirações e batimentos cardíacos se tornavam mais harmônicos, tudo isso nos parecia muito confortável e natural a essa altura.

Quando Lola entrelaçou sua mão a minha e eu retribuí o aperto, os anéis que adornavam nossos dedos anelares se chocaram suavemente. O brilho sutil do anel de noivado delicado dela conseguia suscitar um sorriso em meus lábios sempre que eu o via, às vezes por lembrar da noite em que ele chegara ali, mas especialmente pelo significado daquele simples aro.

— No que está pensando? — Lola perguntou quando beijei com delicadeza a sua mão.

— Em como esse anel veio parar aqui — contei.

Ela riu baixo.

— Em como você me enganou, você quer dizer.

Iniciei um clique de negação ao passo que ela se movia sobre mim para me encarar.

— Eu não enganei, você é que tirou as conclusões errôneas — lembrei-a.

— Aaron, não tenta distorcer os fatos. Você me enganou *sim*. Prolongou aquela viagem, voltou a enviar aquelas mensagens safadas e me irritou colocando aquela oferecida da Lilian no meio só porque queria me irritar. Tudo de propósito. — Quando tentei retrucar, ela levantou um dedo em riste para sinalizar que eu deveria permanecer calado. — Então, uma

noite antes de voltar, você diz que comprou um presente pra mim... Não só um presente, mas algo que eu gostaria de vestir e que você adoraria tirar. Você acha que eu pensaria no quê?!

Àquela altura eu já estava rindo de verdade.

— Não ficou claro que eu vou adorar tirar esse anel de noivado e colocar uma aliança ao invés dele?

Ela revirou os olhos.

— E depois de um dia me incitando com aquelas mensagens você ainda mentiu!

— Eu só disse que adiaria a volta pra te deixar irritada, fazia parte do plano... E adoro ver você irritada.

— Sabe que isso não faz sentido, não é?

Sem tirar o sorriso dos lábios eu concordei com um aceno. Lola me avaliou em silêncio por alguns instantes e, aos poucos, um sorriso também surgiu em seus lábios.

— Às vezes acho que você sorri desse jeito de propósito — ela murmurou antes de me dar um selinho e voltar a se acomodar em mim.

— Que jeito?

Lola não respondeu, apenas balançou a cabeça. Aos poucos nos aquietamos novamente e minha mente voltou a divagar em lembranças. Mais precisamente sobre como ela reagiu à noite em que a pedi em casamento.

Quando enviei a mensagem a ela avisando que não conseguiria voltar naquele dia, era cerca de três da tarde. Apesar de ela nem desconfiar, eu já estava em Porto Alegre. Apenas João, mamãe, Natasha e Biel sabiam sobre o que eu faria, e apesar das sugestões de mamãe e

Natasha, sobre fazer algo grande, espalhafatoso e extremamente romântico, minha ideia estava à léguas de distância do que as duas achavam digno de um pedido de casamento especial. A verdade era que eu queria algo só nosso. O clichê do anel perfeito, a parte de ficar de joelhos, isso eu até concordava que devia estar no pacote, e, porra, eu admitia, também queria fazer essas coisas porque é a Lola, porque essa vai ser a primeira e última vez que faremos isso e teremos que contar essa história até para os nossos netos, mas o simples, íntimo e só nosso era o que prevaleceria naquela noite.

João me ligou às dezoito horas para avisar que Lola já havia saído para a faculdade, e eu pude finalmente voltar para casa. Todos estavam animados e Natasha até sugeriu que eu a deixasse gravar o momento (o que me fez rir, mas negar o pedido). Eu já havia conversado com o Biel sobre o que pretendia fazer e ele estava animado com a possibilidade de um casamento em breve, João e mamãe nos deram suas bênçãos e todos estavam felizes por nós. E eu esperava que Lola também ficasse. Eu havia esperado cinco meses para que ela pudesse se acostumar a ideia de nos casarmos, para que Gabriel desejasse algo assim também e agora só dependeria dela.

Mesmo após ver o brilho emocionado nos olhos de mamãe e Natasha quando me viram subir as escadas e seguir para o quarto, para finalmente arrumá-lo da forma que havia imaginado, eu não concordei que estivesse sendo *romântico,* como as duas acreditavam. O que eu estava arrumando no quarto tinha mais a ver com Lola do que com qualquer tentativa minha de ser romântico.

Eu pedi que, quando Lola chegasse, todos já estivessem recolhidos em seus quartos porque isso era o que normalmente acontecia. E eles assim fizeram. Era quase onze da noite quando Lola chegou da faculdade, eu estava em um dos quartos de hóspedes quando Lucas me ligou para informar que ela estava chegando. Talvez apenas naquele momento eu tenha começado a achar que havia exagerado, que estava cedo e talvez Lola ainda permanecesse irredutível na decisão de esperar um pouco mais. Sim, eu sabia que nos conhecíamos há apenas um ano, que estávamos juntos há menos tempo ainda, mas, apesar de saber que Lola estava certa ao dizer tudo isso, e adicionar Gabriel nessa lista, eu não sentia como se

estivesse sendo precipitado. Eu na verdade tinha muita certeza de que queria isso.

Sendo cedo ou não, era tarde para pensar nessas coisas, estava tudo pronto, ela estava lá embaixo e logo subiria ao nosso quarto. Peguei meu celular e digitei rapidamente o número de telefone dela. No segundo toque, Lola atendeu:

— *As reuniões importantíssimas e inadiáveis já terminaram?* — foi sua primeira pergunta dita num tom de falsa tranquilidade e compreensão.

— Lola, eu...

Ela me interrompeu:

— *Não tenta explicar nada, Aaron. Cansei das suas desculpas. Depois nós...*

Foi minha vez de cortá-la em sua fala.

— Está mesmo com raiva? — perguntei e torci para que ela não sentisse o meu sorriso entre aquelas palavras. — Só porque estou em Gramado com a Lilian e vou precisar passar mais uma noite aqui?

— *Aaron, vai se fe...*

— Você não admitiria nem sob tortura, mas está com ciúmes — provoquei.

Ouvi seus passos apressados no corredor e aguardei, ansioso, pelo som da porta do nosso quarto sendo aberta.

— *Eu não estou com ciúmes!* — defendeu-se e então ouvi o barulho da porta. — *Você não seria louco a ponto de me...* — ela hesitou. — *trair.*

Silêncio.

Acho que meu coração parou de bater naquele momento. Eu quis sair de onde estava e finalmente ver com meus próprios olhos qual era a sua reação agora: ao ver a escuridão do quarto ser vencida pelas cascatas de pisca-pisca nas paredes e no chão, todas colocadas com o cuidado e precisão para que pudessem iluminar apenas as rosas sobre o chão e a cama.

— *Aaron, e-eu... Elas são...* — ela pigarreou, ficou em silêncio por alguns instantes, parecia pensar sobre algo, depois respirou fundo algumas vezes antes de tentar dizer algo novamente. — *Se você acha que vai me ganhar com isso, está enganado.*

Eu tentei conter a gargalhada e abafá-la o máximo possível antes de dizer qualquer outra coisa. Não precisava que Lola já soubesse que eu estava ali.

— Você é uma mulher insuportável — acusei, ainda rindo. — Não poderia só ficar maravilhada e dizer o quanto amou tudo isso? Eu comprei *rosas* pra *você*. Não estou fazendo isso pra me desculpar por nada.

Ela hesitou.

— *Não?* — Sua voz fora reduzida a um balbuciar tímido.

Meneei a cabeça, não conseguia mais tirar aquele sorriso idiota dos lábios.

— Não — ratifiquei.

— *Então por que...*

— Vá até a sacada... — pedi enquanto seguia para a porta do quarto em que eu estava.

Não sei se Lola obedeceu, mas saí do cômodo em que estava e segui para o que ficava duas portas à frente dele, o nosso quarto.

— *Você está no jardim?* — perguntou ao telefone novamente, eu já entrava

sorrateiramente em nossa suíte. Sua ansiedade e inquietação era perceptível até mesmo através da linha telefônica.

Quando a vi inclinada sobre o parapeito, olhando para o jardim escuro e tentando encontrar algo lá embaixo, eu desliguei o telefone.

— Não — respondi.

Eu não soube denominar se ela estava mais surpresa ou assustada ao se virar de costas e me ver parado ali. O celular deslizou por seu ouvido e ela o segurou com força entre as mãos enquanto me encarava.

— *Por que fez isso?* — indagou, mas pelo brilho de seus olhos eu soube que ela já desconfiava.

— Quer mesmo acabar com a surpresa?

Ela não respondeu, mas mesmo com a escuridão que ainda nos envolvia, percebi que um sorriso havia repuxado seus lábios.

— Olha pro jardim — pedi e ela o fez. Me aproximei de onde ela estava, parando às suas costas. Peguei o pequeno controle que havia colocado em meu bolso e apertei o único botão que havia nele antes de envolver o corpo de Lola com meus braços, abraçando-a por trás, e entrelaçando nossas mãos.

O jogo de pisca-pisca no jardim iniciou a execução da parte do plano destinada a ele.

As batidas do meu coração ecoavam em todo meu corpo como se fossem tambores e eu sentia que o de Lola não estava muito diferente. Essa parte não estava em meus planos, quer dizer, aquele jogo de luzes no jardim foi adicionado de última hora porque achei que deveria dizer algo além de “quer casar comigo?” e precisaria de algum tempo pra isso.

— Rosas? — Lola sussurrou referindo-se à forma dos jogos de luzes enquanto eles se acendiam consecutivamente, até formar fileiras de rosas amarelas de LED em quase toda aquela parte do jardim. A escuridão noturna e a lua cheia contribuíam imensamente para deixar não só o clima mais condizente à situação, mas também tudo muito mais bonito do que imaginei.

Inspirei seu perfume suavemente e deixei um beijo delicado em seu pescoço antes de explicar:

— Seu cheiro.

— São lindas. — Naquele momento eu soube que ela, assim como eu, ainda sorria. Lola apertou sua mão a minha com mais força.

Fechei os olhos por um ou dois segundos e pedi silenciosamente que alguma entidade benevolente me ajudasse naquele momento. Então respirei fundo uma vez, em busca de coragem, e prossegui em voz baixa:

— Lola, eu sei que você talvez ainda ache que é cedo para decidirmos nos casar, sei que um casamento não fazia parte dos seus planos por, pelo menos, nos próximos cinco anos e talvez nada disso tenha mudado nos últimos cinco meses. E não precisamos nos casar ainda, se essa não for sua vontade ou se não tiver certeza de que quer isso agora.

— Aaron... — ela tentou dizer, mas desistiu quando continuei a falar.

— Eu tenho certeza de que quero você, que quero casar com você, oficializar o que a gente tem e te aguentar pelos próximos sessenta anos. — Ela riu ao ouvir minhas últimas palavras e apenas neste momento, ao acabar com o nosso abraço e movê-la em meus braços, para que me encarasse, eu percebi que chorava. Deixei um beijo em sua testa e limpei suas lágrimas devagar com os polegares. — Quero que você também tenha essa certeza, Lola, se ainda não a tiver nós não faremos isso ainda. Posso esperar mais uns cinco ou seis... *meses*.

Ela percebeu que eu não estava falando sério na última frase, sorriu e pousou suas mãos sobre as minhas, que ainda estavam em seu rosto. Elas se encaixaram com perfeição, como sempre o faziam. Alguns segundos se passaram enquanto nós dois encarávamos fixamente nossas mãos. Fiquei sem reação quando Lola acabou com a distância entre nós e me beijou devagar.

— Se eu disser que tenho certeza, você vai mesmo me aguentar pelos próximos sessenta anos? — ela perguntou contra minha boca.

Sorri e assenti.

— Mesmo quando eu estiver irritada por nenhum motivo aparente ou cabível?

Voltei a assentir.

— Até quando você estiver com ciúmes sem motivo, e brava por alguma decisão que eu tomei... Mesmo quando eu ver você se entupindo de chocolate quando estiver de TPM.

Ela voltou a rir e embrenhou suas mãos em meus cabelos.

— Não entendo seu preconceito contra chocolate — ela murmurou, então pressionou seus lábios aos meus. — Mas tenho certeza de que posso te aguentar pelos próximos sessenta anos.

Eu a fitei sem reação, estupefato, após compreender aquelas palavras. Ela me deu um selinho e me abraçou. Um pouco do choque inicial se dissipou e pude retribuir o abraço de Lola e apertá-la contra mim.

Minutos depois, quando lembrei da caixinha de veludo em meu bolso, eu a peguei e acabei com o abraço. Novas lágrimas inundaram os olhos de Lola quando ela viu o que eu tinha na mão.

— Só pra deixar claro: dessa vez eu estou te pedindo em casamento de verdade — informei enquanto me colocava de joelhos à sua frente, ela sorriu em meio às lágrimas.

Por algum motivo que eu não compreendi naquele momento, um nó surgiu e rapidamente apertou em minha garganta. Eu não havia parado para pensar sobre o que diria agora, não achei que depois do que eu falei há pouco ainda haveria necessidade de adicionar algo além do “eu te amo” e “quer casar comigo?”, mas aquela situação, tudo o que dissemos, tudo o que vivemos até chegar aqui me atingiram com tudo nesse momento e incidiram um peso sobre meu peito e garganta. O que pesava eram as palavras que eu já sabia que precisavam ser ditas. Era o recente desejo de realmente proferi-las.

Respirei fundo enquanto fitava Lola e beijei sua mão com delicadeza.

— Eu soube que tinha me deixado envolver completamente por você quando nos beijamos naquele barzinho há quase um ano, no dia do seu aniversário. Sem que eu percebesse, você se tornou uma parte essencial e indispensável da minha vida... Dois meses sem você me provaram que há uma diferença colossal entre viver os dias e simplesmente sobreviver a eles... Com você eu sei vivê-los, Lola.

O rosto de Dolores já estava banhado de lágrimas, mas eu somente percebi que uma lágrima também rolava pelo meu quando ela o limpou.

— E eu quero continuar vivendo, até o último dia deles — declarei. — Quero ser o filho da puta sortudo que vai dividir os dias com você, que vai te fazer feliz. Me deixa fazer isso, Lola, casa comigo?

Ela limpou o próprio rosto e tentou se acalmar antes de me dar uma resposta. Apesar das lágrimas, o sorriso não saía dos seus lábios.

— Sim.

Aquela simples palavra pareceu ecoar não só em meus ouvidos, mas em todo o meu corpo. A emoção parecia se esvair em gotas salgadas e finas pelos meus olhos. Não me importei. Estava feliz demais pra me importar com um par de lágrimas quando Dolores estava a minha frente. O aro fino e delicado de ouro deslizou por seu dedo anelar e se acomodou perfeitamente, afinal, fora feito especialmente para ele. Lola o beijou com devoção e depois se lançou em meus braços. Cerrei os olhos e sorri. Aquele era o lugar em que ela ficaria a partir de agora.

Ao menos pelos próximos sessenta anos.

No dia seguinte, cerca de nove da manhã, Rodrigo chegou com Alícia. Como ele trabalha mais pela parte da tarde e da noite, e tem apenas os finais de semana com a filha, ele costuma trazê-la para cá aos sábados. Assim ela conseguia ficar algum tempo conosco e à noite, quando precisava voltar ao trabalho, ele ficava tranquilo por deixá-la aqui.

Nas últimas semanas Lola e eu não participamos de todos os "almoços-especiais-da-família" que mamãe organizava todos os sábados e domingos, mas hoje, após concluirmos o trabalho ainda pendente com a ajuda de Rodrigo, estávamos livres para aquele programa em família.

Havia uma mesa enorme disposta no jardim da casa, estava repleta de comidas e bebidas que eram organizadas por mamãe e Marissa. Não muito longe dela, Alícia, Gabriel, Natasha e Vitor brincavam na piscina. Quando Rodrigo, Lola e eu chegamos à parte de trás da casa, Robson estava cuidando de assar a carne, João pincelava algo na carne que ainda iria para a churrasqueira. Lola correu até Biel e Alícia com o protetor solar e pediu que os dois saíssem

da piscina para que ela passasse mais uma camada daquele creme.

Era uma manhã ensolarada e bonita, todos conversavam e riam entre si e a cena, como todas as outras em que eu via minha família unida daquela forma, me fez parar por alguns momentos e apenas assistir. Rodrigo também parou ao meu lado e o olhar que trocamos após minutos assistindo a felicidade que era quase palpável entre os nossos familiares, fez um sorriso iluminar nossos rostos. Quando em nossas vidas imaginaríamos viver um dia como esse? Juntos?

Mamãe sorriu enquanto se aproximava de onde estávamos e nos abraçou por um instante quando estava perto o suficiente para isso.

— Quando foi que vocês cresceram tanto? — ela murmurou, fazendo-nos rir pela tentativa frustrada de beijar nossos rostos. Por ser baixa demais, o máximo que ela alcançava era o peito. Rodrigo a apertou em um abraço após eu beijar o topo da cabeça dela. — Ainda tento acreditar que não estou sonhando, que tenho meus meninos juntos comigo de novo.

Pela voz embargada dela, eu sabia que já estava chorando. Aquilo se repetia com muita frequência quando conseguíamos nos reunir desta forma e ela me via com Rodrigo, como irmãos, finalmente, tentando superar o passado. Não era como quando éramos mais jovens, que Rodrigo dividia comigo até as suas paixões platônicas, talvez isso nunca mais voltasse a acontecer, mas estávamos bem. Muito melhor do que estivemos em anos.

— Titiiiiiiiio! — Alícia me chamou enquanto corria pelo jardim até onde eu estava. Eu me abaixei o suficiente para levantá-la em meus braços quando, como sempre, ela pulou para que eu a segurasse. Ali usava boias cor-de-rosa nos braços e um sorriso brilhante, feliz e muito animado nos lábios. Seus cabelos castanho-claros já começavam a crescer novamente. — O papai contou?! A minha professora de balé disse que eu vou participar da apresentação... O senhor vai, né?

Troquei um olhar com Rodrigo, que balançava a cabeça e tentava conter um sorriso de

orgulho. Para todos nós era bom ver Alícia assim, mas havia um brilho de felicidade inenarrável em Rodrigo sempre que olhava para a filha. Talvez porque depois de tudo o que passaram, agora ele sabia que ela estava segura e bem.

— Claro, fadinha — murmurei enquanto seguíamos novamente para a beira da piscina. Há alguns meses, enquanto Rodrigo trabalhava e ela estava aqui, Ali e Gabriel tiveram uma discussão acalorada sobre fadas e super-heróis. Ele argumentava que estes eram mais poderosos e ela estava certa de que não, as fadas, além de lindas e delicadas, tinham mais poderes (palavras dela). Desde então Biel e eu começamos a chamá-la de "fadinha". No início ela não gostou, até ficou sem falar conosco, mas já estava acostumada.

— Baaaaah! Vai ser tão, mas tão legal, titio! O senhor vai ver, eu vou ficar liiiiinda no *collant* que a mamãe mandou a costureira fazer pra mim.

Ela continuou a falar, fazendo gestos e rindo, e aquela animação ao invés de me cansar, só me fez rir e fazer mais e mais perguntas.

Lola se aproximou da espreguiçadeira em que eu havia me sentado com Alícia e se sentou na que estava ao meu lado, com Gabriel de pé ao seu lado.

— É sua vez, Ali — Lola chamou a sobrinha e indicou o protetor solar. Coloquei Alícia no chão novamente e chamei a atenção de Gabriel, que estava de braços cruzados e fingia me ignorar, seus lábios formavam um bico infantil que indicava chateação. Franzi o cenho.

— O que houve? — perguntei para Lola. Ela meneou a cabeça, como se dissesse que não sabia.

— Titia, a senhora vai na minha apresentação de balé, não vai? — Alícia perguntou e deu início às suas frases animadas e ansiosas, desta vez para Lola.

— Biel? — chamei-o. — Por que não olha para mim e me diz o motivo de estar chateado

comigo?

Ele apenas moveu os pés minimamente para que pudesse me encarar, mas seus braços permaneceram cruzados e colados ao corpo.

— Você. Esqueceu — ele disse, entre pausas, então percebeu que eu ainda não havia entendido e prosseguiu: — Você prometeu que a gente ia assistir o filme do *superlomem* hoje de manhã e prometeu que ia me ensinar a nadar. E você não cumpriu. Aí eu fiquei lá, sozinho, esperando e a Lolita me disse que você *tava* trabalhando... De novo.

Engoli em seco. Ignorei a recém-descoberta capacidade de Gabriel de me deixar sem palavras, com vergonha de mim mesmo, e levantei de onde estava. Ele tinha motivos para estar chateado comigo, aquela situação já havia se repetido pelo menos três vezes.

— Vem cá — chamei-o.

Lola nos observou em silêncio enquanto eu me aproximava e estendia uma mão para que ele a pegasse. Após alguns momentos de hesitação, ele a pegou e me seguiu para sentar à beira da piscina.

Para indicar que ainda estava bravo ele manteve os braços cruzados depois que se acomodou, mesmo após já estar sentado e batendo os pés na água.

— Biel, eu sinto muito — murmurei. — Sinto muito por ter esquecido, por ter deixado você sozinho e não ter cumprido as últimas promessas. Eu passei os últimos dias tentando adiantar o trabalho para conseguir ficar mais tempo com vocês e isso me sugou muito... Me desculpe de verdade.

— Mas você também *tava* com a Ali, *tava* falando só com ela. — Sua carranca aumentou e eu precisei de muita força de vontade para não sorrir, aquele não era o momento para isso. — Como se eu não tivesse aqui.

— A Ali é sua prima, lembra? — perguntei, lembrando-o que havíamos dito isso a ele. — Ela é minha sobrinha e eu a amo muito, Biel. Nós só a vemos aos finais de semana e eu preciso dar um pouco de atenção a ela também.

— Você gosta mais dela? — ele perguntou, havia um brilho diferente em seus olhos, algo que se aproximava muito à tristeza. — Só porque ela é sua "sombrinha"?

Eu o tirei de onde estava para sentá-lo sobre minha perna esquerda. Toquei a ponta de seu nariz com suavidade e seus olhos se encheram com lágrimas.

— Eu gosto de vocês dois. Amo vocês dois — sussurrei para ele, senti meu coração apertado no peito por ver o verde de seus olhos ainda mais brilhantes, lembrando de fato as "lanterninhas" que Lola sempre dizia serem seus olhos. — A Ali é minha sobrinha, minha fadinha. Você é... — Seus olhos se arregalaram um pouco, em expectativa, e eu me perguntei se aquele era o momento certo de dizer aquilo. Talvez ainda fosse cedo, talvez ele ainda não conseguisse entender, mas... — Você é meu filho, meu super-herói.

Mas há muito tempo eu queria lhe dizer isso.

— Eu já tenho um pai — ele disse, um vinco suave entre suas sobrancelhas indicava sua confusão. — Ele *tá* no céu, mas é meu pai. Ele vai ser meu pai pra sempre... né?

Suas palavras me fizeram sorrir e, para disfarçar as lágrimas que pinicavam em meus olhos, eu o abracei.

— Sim, ele vai. Eu nunca vou substituir seu pai, Biel. E você não precisa me ver como um pai, mesmo que... — interrompi quando ele usou os bracinhos pequenos para tentar me abraçar também. — Mesmo que eu tenha aprendido a amar você como se fosse meu filho.

— Como você aprendeu? O papai te ensinou? — Ele se afastou para me fitar. — Ele deixou você ser meu pai também?

Fechei os olhos por um momento, um sorriso se instalou em meus lábios. Ele podia também não ter o sangue de Dolores, mas a curiosidade, sem dúvida, havia aguçado com ela.

— Talvez ele tenha me ensinado, sim — respondi.

Gabriel ficou em silêncio por alguns momentos, parecia pensar sobre o que eu disse.

— E a Lolita?

— Ela também ama você como um filho — contei.

Seus lábios se entreabriram em um "o" de surpresa.

— Por isso nós somos uma família — continuei. — Amamos você como a um filho, você é nosso filho.

— Eu queria amar vocês como... Como meus pais também — ele sussurrou, como se fosse um segredo apenas nosso. — Mas e se a mamãe e o papai não gostarem? E-e se eles não quiserem me ensinar também?

Sorri, não sabia se mais feliz pelo que ele havia dito ou se por ainda admirar sua fidelidade e respeito aos seus pais.

— Eu vou perguntar pra mamãe se posso, hoje, quando eu sonhar com ela — ele decidiu, por fim. — Eu quero aprender a... a amar vocês... Co-como meus novos... *pais*... Eu posso aprender, né?

Concordei com um aceno e deixei um beijo afetuoso em sua testa antes de colocá-lo sobre a beira da piscina e deslizar dentro dela.

— Claro que pode — assegurei, fazendo-o sorrir. — Agora acho que eu preciso cumprir uma promessa.

Com cuidado, eu o tirei de onde estava e o coloquei sobre meus ombros. Estávamos na parte mais funda da piscina, mas a água batia apenas no meu peito.

— Eu sou um gigante! — Biel gritou quando segurei suas duas mãos. — Loliiiiita, olha pra mim, eu sou um gigante!

— Tomem cuidado, Aaron! — Lola disse, mas logo um sorriso despontou em seus lábios ao ver o quanto Gabriel estava feliz.

Ela me fitou. Talvez o mundo tenha parado naquele momento, eu não sei. Minha atenção estava na única imagem que eu conseguia, de fato, ver agora.

Sim, palavras continuariam a ser dispensáveis, nossos olhares ainda eram capazes de comportar tudo o que nunca achamos necessário colocar em palavras...

“Eu amo você”, ela sussurrou mesmo estando longe. “Também amo você”, eu devolvi, e o sorriso permaneceu em meus lábios.

Mas palavras, ditas e audíveis, também eram proferidas por nós agora. Não por precisarmos, mas porque queríamos. Porque aquela frase, dita por qualquer um de nós, sempre teria sentido, significado. Sempre seria verdade.

Epílogo

Seis anos depois...

Há uma série de momentos que poderiam resumir toda uma vida. Momentos de tristeza e felicidade têm um peso maior, uma carga emocional grande demais para ser transformada em palavras e articulada. São eternizados não apenas na mente, mas também no coração. Aquele era um desses momentos. Ficaria eternizado na memória, seria impossível de descrever, poderia resumir duas vidas e jamais seria substituído por qualquer outro.

Quando Aaron ouviu o choro de seu filho mais novo pela primeira vez, o chão deixou de existir sob seus pés, ele sentiu como se estivesse em um plano entre o que era ou não possível. Porque não podia ser possível alguém sentir tudo o que ele sentia apenas por ouvir seu filho pela primeira vez; aquela onda de emoção, de felicidade, de amor, era intensa e devastadora demais para surgir e consumir o peito de alguém em apenas um milésimo de

segundo, para substituir todo o medo que as horas de parto haviam suscitado. Não poderia ser possível que ele pudesse amar ainda mais a mulher que continuava segurando sua mão com força, que suava em seus braços e respirava com dificuldade tentando recuperar o fôlego após aqueles momentos de dor e medo. Agora ela também tentava lidar com a emoção de ter conseguido fazer aquilo, de saber que o marido estava ao seu lado e que ambos estavam prestes a conhecer o filho. O motivo pelo qual todos aqueles meses difíceis havia valido a pena.

Aaron beijou a testa da esposa com carinho, sussurrou que a amava e que estava tudo bem, então olhou para a enfermeira que sorria com ternura para o pequeno ser entre seus braços, coberto por mantas delicadas e infantis. Ele sentiu o coração se apertar no peito, então algo que não soube como denominar o preencheu. Teve medo de pegar o filho nos braços e segurá-lo de forma errada, teve medo de machucá-lo, mas queria senti-lo, queria vê-lo, constatar que aquele não era um sonho e derramar as lágrimas que agora tentava represar. Talvez assim acreditasse que aquilo era real.

— Está tudo bem — a enfermeira o tranquilizou enquanto lhe entregava o bebê e o ajudava a acomodá-lo entre seus braços. — Ele é lindo, forte e saudável.

Um nó apertou sua garganta quando olhou para o filho pela primeira vez, quando as primeiras lágrimas ameaçaram cair e ele percebeu que aquilo era real. A emoção era tanta que chegava a pesar no peito, como se a qualquer momento fosse rasgá-lo.

— Meu filho — ele sussurrou enquanto acariciava o rostinho minúsculo e o beijava algumas vezes, forçando-se a se manter firme e parar de tremer. — Ele é tão lindo, amor — disse para Lola e se inclinou para mostrá-lo a ela, que já chorava e sentia-se incapaz de proferir a mais simples das palavras.

Lola o segurou e tocou com cuidado o seu filho, beijou a testa pequena e fechou os olhos, como ele. Sentiu-o segurar um de seus dedos entre os dele, como se quisesse manter a conexão entre eles, como se não quisesse que a mãe se afastasse e ela chorou. Derramou

lágrimas que nem sabia que possuía. Chorou porque não sabia de que outra forma poderia extravasar a felicidade que sentia agora e o alívio de perceber que daquela vez tudo havia terminado bem.

Aaron limpou-lhe o rosto e tirou os cabelos que grudavam em seu pescoço. Abraçou-a com cuidado e beijou-lhe a testa com ternura.

— Você conseguiu, amor... Conseguiu... Obrigado — ele murmurou enquanto tentava consolá-la. Sabia que a gravidez não fora fácil para ela, que sentiu medo até o último segundo, que teve que lidar com isso durante a gestação e sabia também que ainda se culpava por ter pensado em interromper a primeira gravidez há tantos anos, por ter perdido o bebê naquele acidente. E Lola havia enfrentado seu medo, sua culpa, por ele, pelo filho e por ela. Aaron agradeceria por isso pelo resto de sua vida.

Horas depois, Lola descansava em um dos apartamentos do hospital, exausta. Após lhe garantirem que seu filho estava bem e que seria bem cuidado, Aaron a convenceu a tentar dormir um pouco. E não saiu do seu lado. Sentia-se cansado, mas sem sono. Acreditava que também não conseguiria dormir mesmo se quisesse. Tudo ainda era inacreditável e incrível demais para ele se permitir dormir e acordar daquele que parecia ser um sonho. Então permanecia ali, ao lado de sua mulher, acariciando-lhe o rosto, e mantendo o aperto de suas mãos. Não se atreveria a sair, queria estar ali quando ela acordasse e convencera todos a esperarem que ela recuperasse um pouco as forças antes de virem visitá-la.

Inspirou fundo quando ela se moveu devagar e ele pôde ver seu rosto de um ângulo melhor. Seu semblante já não era cansado, depois de quatro horas, ela parecia um pouco melhor. Inclinando-se sobre a cama, Aaron beijou a testa e os lábios dela uma vez, seus dedos deslizaram devagar sobre o seu rosto e delinearam as maçãs proeminentes que davam ao seu rosto um traço mais delicado. Reconheceu que o filho deles havia herdado aquele traço dela. Sorriu. Havia muita coisa dela no filho e Aaron amava isso. Acreditava que a amava mais depois de toda aquela noite também. Talvez Lola sempre encontrasse um novo jeito de fazê-lo amá-la mais. Mesmo sem querer. Mesmo sem tentar.

Sete anos juntos, cinco anos de casamento, muitos impasses, algumas discussões e não houve um dia, ou uma discussão, tampouco um impasse, que o fizesse duvidar do que sentia por ela ou que os dois seriam capazes de enfrentar tudo para manterem o que tinham. Não houve um só segundo em que ele desejasse que algo tivesse acontecido de outra forma, ainda que muitos dos momentos que passaram juntos tivesse sido de dor. Eles estavam juntos e essa foi a parte que realmente importou.

Já era mais de sete da manhã quando Lola acordou e a primeira coisa que viu foi o marido sorrindo-lhe da maneira que sempre a fazia retribuir.

— Ei, você... Bom dia — Aaron murmurou antes de aproximar seu rosto do dela e beijá-la. — Como se sente?

— Estou bem — ela sussurrou em resposta e então aumentou o seu aperto na mão dele. Lembrava perfeitamente de Aaron entrelaçá-las e prometer que ficaria ali, antes de ela adormecer. — Dormi por quanto tempo?

— Poucas horas. Vão trazê-lo em alguns minutos. Não se preocupe.

Ambos sorriram.

— Ele é tão lindo — disse quando Aaron se sentou sobre a cama em que ela estava. Ele já havia percebido que a vontade de chorar dela havia voltado. — Nós conseguimos.

— *Você* conseguiu — ele respondeu e devagar a acomodou em seu peito, então beijou o topo de sua cabeça. — Você o trouxe para nós, enfrentou aquelas dores, todos esses meses difíceis e conseguiu.

— Nós o fizemos — ela argumentou ao retribuir o abraço, fazendo-o rir um pouco.

— Mas esse não foi nenhum sacrifício.

Desta vez, ela riu. Aaron suspirou e murmurou, como se já enxergasse o futuro que os aguardaria:

— Você continuará sendo uma mãe maravilhosa. Chata, mas ainda assim maravilhosa. Vamos passar algumas noites em claro juntos e você vai me xingar quando eu me recusar a trocar fraldas.

— Você prometeu que ficaria com essa parte.

— Fiz isso quando você quase amputou minha mão ontem à noite, enquanto a apertava. Não pode levar aquele juramento a sério.

— Ah, mas eu vou.

Os dois riram. Lola beijou o peito do marido, na altura do coração. Respirou fundo e, então, prometeu:

— Vou ser a melhor mãe que eu puder.

— Você já é.

— Vou estar sempre com eles, Aaron. Sempre. Tanto que eles vão me odiar um pouco quando crescerem. Vou dar tanto amor a eles, tanto amor, que nunca vão sentir falta. Nunca. Vou dar a eles tudo o que não tive e...

Ele a interrompeu:

— Você já faz isso, amor. Você já é a melhor mãe que qualquer mulher poderia ser, você nunca deixou de dar nada disso ao Biel. E tenho certeza de que nunca vai deixar. Você não vai errar com eles, não como sua mãe errou com você. Você *é* uma mãe muito melhor do que ela foi.

Ela não respondeu. Aos poucos, aquelas palavras conseguiram tranquilizá-la. Aaron sempre conseguia isso: fazê-la ver que, apesar de não perceber, estava se saindo bem até agora.

— Onde está o Biel? Ele não ficou assustado? Não está preocupado?

— Ele já sabe que o irmãozinho dele nasceu. Está muito ansioso para vê-lo, e não assustado...

— Ele pediu tanto por isso. Deve estar louco pra vir aqui. — Ela sorriu, ao lembrar os pedidos do filho por um irmãozinho, depois a alegria dele ao saber que Lola estava grávida.

— Recebi uma mensagem do Rodrigo há uma hora, ele vai trazê-lo daqui a pouco, junto com a Ali. Mamãe, João e Natasha ainda estão na sala de espera, loucos para te verem, mas eu não deixei que entrassem. Queria que descansasse.

— Obrigada — ela sussurrou agradecendo quando batidas soaram na porta. Aaron permitiu a entrada da enfermeira, que trazia consigo seu filho.

— Meu amor... — Lola disse ao se afastar um pouco do marido, estava novamente emocionada ao ver o filho.

— Está na hora de amamentá-lo — a enfermeira avisou enquanto entregava o bebê a ela.

Dolores o segurou e fitou o rostinho com atenção, guardando na mente todos os traços, todos os detalhes, aproximou-o de si e o beijou com ternura, então inspirou o cheirinho dele, guardando na mente aquela memória também, e sentiu lágrimas finas deslizarem por seu rosto.

Aaron a envolveu com um braço quando ela se voltou para ele com um sorriso estonteante. Aquele que o tirava dos eixos. Ele tocou seu queixo e o levantou delicadamente antes de se inclinar um pouco e beijá-la.

— Obrigado — repetiu, sua testa colada à dela. — Por tudo.

Lola deixou que aquelas palavras, e tudo o que estava por trás delas, a invadisse e, como se ainda fosse possível, a enchesse de mais alegria e contentamento. Sorriu e, sem saber o que poderia dizer em resposta, pressionou os lábios ao dele de novo. Seus beijos ainda eram as melhores respostas que poderia dar a Aaron.

Dê uma espiadinha no que vem por aí...

Três anos depois...

Os raios de sol cintilavam por entre as fendas que permeavam as nuvens densas e cinzentas da tarde. Uma brisa suave soprava o jardim extenso e bem cuidado, o clima era ameno, diferente da manhã chuvosa que envolvera a cidade. Contraste típico no mês de fevereiro e que, graças a cerimonialista, não interferira nos últimos preparativos para a festa de casamento que aconteceria ali.

Já era noite quando os convidados começaram a chegar em grande quantidade e, tão rápido quanto como surgiam, se dispersaram na pista de dança e se acomodaram nas mesas reservadas a eles. Familiares e amigos vindos de todos os cantos do país, alguns até mesmo

de fora, cumprimentaram os noivos, Natasha e Vitor, após a primeira valsa dos dois.

Na casa da árvore, a alguns metros dali, Gabriel e Alícia mimavam Miguel. Os três haviam se distanciado da festa para fugirem das conversas chatas dos adultos. E agora o garotinho gargalhava com vontade enquanto seu irmão mais velho lhe fazia cócegas. Alícia segurava os doces e pedia que Gabriel deixasse Miguel comer antes de voltarem a brincar com ele.

— Tá bom... Tá bom! — Biel exclamou, vencido, quando Ali lhe pediu, pela terceira vez, que fosse buscar água e refrigerante. Ele ainda fez o irmão passar por outra sessão de cócegas antes de levantar do tapete macio em que estavam, e deixar seu refúgio para ir pegar o que a prima pediu.

No caminho, encontrou os pais e os avisou que estava com Miguel e Alícia na casa da árvore, para o caso de os dois ficarem preocupados. Recebeu um beijo da mãe e então foi pegar as bebidas.

Enquanto voltava, equilibrando os três copos em uma bandeja pequena, Biel precisou desviar de dois casais na pista, respirou melhor quando percebeu que estava fora da área destinada à festa, já bem próximo da piscina, quando ouviu uma mulher chamando por alguém.

— Natalie?!

Ele sequer sabia quem poderia ser, e estava ocupado demais com a bandeja e o problema que teria que enfrentar para subir a escada que o levava à casa da árvore enquanto segurava tudo aquilo. Dificilmente conseguiria fazê-lo sem derramar parte do conteúdo dos copos.

Gabriel olhou para a árvore a alguns metros de onde estava e começou a descer os degraus até a área da piscina. Estava um pouco escuro, já que as luzes da piscina foram desligadas numa tentativa de isolar aquele local, por isso Gabriel não viu quando uma garota

veio correndo em sua direção. Sentiu apenas o corpo magro e feminino se lançar contra o seu em um impulso rápido e forte, um segundo depois a dor de uma pancada contra o seu nariz e cabelos loiros e levemente cacheados taparam sua visão antes que os dois fossem arremessados ao chão e banhados quase que completamente pelas suas bebidas e a água que segurava. Ele gemeu de dor e teve dificuldade de respirar fundo, já que além de ter alguém sobre ele, esse alguém mantinha o antebraço contra sua garganta.

Gabriel tentou se livrar das madeixas longas e sedosas sobre seu rosto e a garota se moveu o suficiente para liberar sua garganta e permitir que ele voltasse a respirar. O cheiro enjoativo de morango o invadiu em cheio quando respirou fundo e ele tentou tirá-la de cima de si. Odiava morangos.

— Você poderia fazer o favor de sair de cima de mim? — ele pediu quando percebeu que a menina o fitava de um jeito que não sabia sequer denominar. Ela não pesava, era mais leve que Gabriel e parecia ter uns treze anos, como ele. Biel só não achou que aquela era uma situação confortável para qualquer um deles. E também odiava aquele cheiro insuportável que estava impregnado nela.

A menina expirou enquanto fitava os olhos verdes mais extraordinários que já vira. Mais até que os de sua irmã mais nova e os de sua mãe. Esses eram muito mais brilhantes e pequenos como bolinhas de gude, faziam com que ela quisesse avaliá-los mais de perto. Não deveriam lhe chamar tanta atenção sendo tão pequenos, muito menos fazê-la querer se aproximar.

O garoto disse algo, mas ela não entendia uma palavra proferida por ele e fez um muxoxo ao olhar para o próprio braço e perceber que estava ralado e sangrando. Sentiu seu pé latejar quando tentou se mover de cima do garoto e um gemido de dor lhe escapou, seus olhos se encheram de lágrimas, que ela logo tentou conter. Se recusava a chorar por uma simples torção.

— Você não me ouviu? — ele voltou a falar, e tudo o que ela conseguiu entender, pela

sua expressão, foi que ele agora estava impaciente.

Natalie tentou se mover de novo e deixou um gemido baixo escapar antes de falar um ou dois impropérios aprendidos com seu pai. Sabia que ele havia pedido que nunca os repetisse, mas ele não estava ali para repreendê-la agora. Nem mesmo sua mãe para culpar seu pai por ensinar aquele linguajar a ela.

— Você sequer fala minha língua — ele voltou a murmurar, agora tentando se acalmar. Gabriel ergueu um pouco a cabeça e olhou para a menina sobre si, só então percebeu que, além de molhada, ela também parecia machucada, seus olhos castanhos estavam brilhantes como se estivesse prestes a deixar lágrimas rolarem. Aquilo o deixou ainda mais impaciente, apesar de sua tentativa de se acalmar.

Mesmo ainda não tendo domínio do inglês, que ela parecia falar perfeitamente bem para saber até os palavrões que ele só ouvia nos jogos de videogame que jogara nas últimas férias, ele tentou trocar algumas palavras com ela naquela língua.

Quando percebeu que ele falava sua língua, mesmo que não fluentemente, ela começou a falar, tentou contar o que tinha acontecido, mas desistiu quando percebeu que ele sequer tentara se desculpar e o xingou por não olhar para frente ao andar. Ele não entendia tudo, mas devolveu as acusações esperando que estivesse falando bem o suficiente para ela entender que também estava errada. Quando finalmente cansaram daquilo, ele a lembrou que continuava sobre ele, e ela informou que o último lugar que gostaria de estar era ali, especialmente sobre ele, mas que não se atreveria a mover o pé que já latejava de maneira cruciante.

— Sua molenga! — ele disse.

Ela não entendeu as palavras, mas o tom usado por ele foi suficiente para compreender o teor delas.

— Você é um mal-educado! Garotinho arrogante e estúpido que ainda usa perfume de bebê. — Ela devolveu muito mais irritada, tanto que só deixou outro xingamento escapar quando ele se moveu e ela também o fez para finalmente se livrar daquele contato inconveniente. A dor foi ainda mais intensa quando se moveu para sair de cima dele.

— E você cheira a doce, daqueles bem enjoativos que ninguém aguenta por muito tempo — ele disse enquanto saía debaixo dela. Estava bravo, em seu limite, depois de ouvi-la culpando-o pela queda, e se aproveitaria do fato de ela não entender o que ele dizia. — Deveria parar de correr como uma louca e prestar atenção no caminho que segue.

Natalie apertou os olhos na direção do garoto, e expirou com força. Não achava que aquela discussão os levaria a qualquer lugar, já que ela sequer entendia o que ele dizia para devolver à altura. Permaneceu deitada de bruços e escondeu o rosto entre os antebraços.

Foi a vez de Gabriel de respirar fundo e tentar se controlar. Sua mãe se envergonharia se soubesse como ele havia tratado aquela moça, que ele sequer conhecia, e que ainda por cima estava machucada. Tentando soar mais gentil, ele perguntou, em inglês:

— Posso chamar alguém para te ajudar? Acho que você torceu o tornozelo.

Ela não se moveu, não voltou a encará-lo, e não respondeu. Gabriel uniu as sobrancelhas, agora preocupado. Nesse momento ouviram duas pessoas, bem próximas, chamarem ao mesmo tempo:

— Natalie!

— Aqui! — a menina gritou. — Eu estou aqui, vovó!

Menos de dois segundos depois, quatro pessoas desciam os degraus que levavam à área da piscina e atravessavam o pequeno cercado repleto de plantas ali.

— Querida, o que houve?

Gabriel levantou devagar enquanto a menina pedia a avó, que apenas mais tarde ele descobriu ser de sua família e se chamava Patrícia, que a ajudasse.

— Nos esbarramos — Gabriel explicou aos pais quando a menina já estava nos braços de seu avô, um senhor extremamente alto e corpulento que se chamava Robert.

— Guilhermo vai ter um infarto! — Patrícia avisou enquanto avaliava o ferimento da neta. — E Evangeline nunca mais vai te deixar viajar conosco, querida.

— Nenhum deles precisa saber disso agora, vovó. Depois contamos.

— Vamos — Lola os chamou —, vou levá-los para dentro da casa para cuidarmos dos ferimentos dela... Você está bem, querido? — perguntou ao filho enquanto verificava se ele tinha algum ferimento visível. Ele apenas acenou, afirmando que sim. Não tinha mais do que arranhões espalhados pelas mãos. — Então venha trocar de roupa, seu terno está todo molhado.

Aaron seguiu à frente, guiando o casal enquanto Lola, à frente do filho, conversava com Patrícia sobre Natasha, que havia concluído o curso de medicina há pouco tempo e poderia ajudar a cuidar de Natalie.

Biel balançou a cabeça, sem acreditar que havia discutido com aquela garota que sequer falava sua língua. Quando olhou para Robert, que estava de costas para ele, percebeu que a menina o fitava sobre o ombro do homem.

— *Stu-pid!* — ela soletrou em inglês lentamente, para garantir que ele entenderia. Gabriel apertou os olhos para ela, mesmo após perceber que ela estava com o rosto molhado, por lágrimas finas que ele sequer tivera a sensibilidade de notar antes, ele não achou que tivesse exagerado sozinho. Ambos foram infantis e bobos.

Bufou, e preferiu não responder ao insulto desta vez. Por um motivo que desconhecia,

também não conseguiu desviar os olhos dela e vice-versa. Aos poucos, a irritação os abandonava, mas eles continuavam a não entender o que tornava o olhar do outro tão magnético. Inicialmente Natalie pensou que aquele era um desafio implícito onde quem desviasse primeiro, perderia. Depois compreendeu que não era isso, ainda que não soubesse dizer o que realmente era. Alguns segundos depois, ainda o olhando nos olhos, ela percebeu que não entendia uma palavra dita pelo garoto há alguns minutos, mas queria, mais do que compreender suas palavras, entender o que estava por trás daqueles olhos verdes hipnotizantes.

Isso não poderia ser bom, foi o único pensamento coerente que perpassou sua mente naquele momento.

Agradecimentos

Eu perdi as contas de quantas vezes eu pensei que nunca conseguiria concluir esse livro e escrever esses agradecimentos. Perdi as contas de quantas vezes eu repeti pra mim mesma que estava no caminho certo, que concluiria, que podia demorar, mas que eu ia conseguir. Esse era o meu mantra. Nem lembro mais quantas vezes eu chorei, não só de desespero por continuar a apagar palavras, frases, parágrafos e cenas inteiras, cansada de não achar bom o suficiente; por enfrentar bloqueios que nunca pareciam ter fim. Não faço a mínima ideia de quantas vezes eu me senti culpada pela demora pra esse livro sair, pela demora em publicar os capítulos no Wattpad. Senti e ainda sinto que falhei comigo e com minhas leitoras. Mas, apesar de muitas terem ido embora, as que ficaram me deram muita força, me incentivaram, tiveram paciência, me consolaram e foram verdadeiros anjos na minha vida. Foram dias, noites e madrugadas de trabalho intenso e não apenas meu, tive muitas pessoas lindas me ajudando durante todo esse processo de escrita e publicação. Tive (e tenho) os melhores parceiros comigo. São blogueiras, betas, leitoras, assessora, revisora, capista e amigos (as). Tenho ao meu lado, numa equipe linda, as mulheres mais divas que você respeita. E eu só tenho a agradecer a todas, por tudo, por toda paciência, carinho, por me aguentarem porque

eu tenho ciência do quanto sou insuportável (risos), por estarem comigo e não me deixarem desistir.

À Priscila Prates, Ariella Syndel, Beatriz Góes, Sthefany, Bianca Rossato, Suzi Mara, Danielly Mota, Amanda Beatriz, Maria Luiza, Tailany, Daiane Souza, Karla Camargo, Maria Lima, Fabiani Catan e Robertinha. Minhas leitoras divas e maravilhosas! E ao meu leitor Felipe Lima, porque me animou muito quando eu soube que estava lendo a duologia, quando me disse que estava gostando e não abandonou esse casal apesar de tudo! Obrigada por continuarem comigo. Não sei o que seria de mim sem vocês!

Às minhas betas: Ariane Larissa, Ana Clara Borone, Laís Pedroso, Caroline Cadiz, Elizabeth Roberts, Tatiana Pinheiro, Rubanne Damas, Isabelly Marques, Yanca Marques e Thainara Soares. Vocês foram minha luz no fim do túnel. Muito obrigada, de coração!

À minha revisora e diagramadora, Carlinha, eu até agora não sei o que seria de mim sem você durante todos esses altos e baixos que enfrentei nesses seis meses em que nos conhecemos. Sem suas dicas, puxões de orelha, palavras de incentivo e conselhos, sem seu amor por esses personagens, sem sua paciência comigo e disposição para recomeçar do zero (e me dar forças pra recomeçar!), eu sei que ainda estaria lutando para concluir esse livro, pra finalizar essa duologia e deixá-la como eu queria. Fui procurar uma revisora e acabei encontrando uma amiga. Saiba que você tem um lugar especial no meu coração, que pode contar comigo sempre, para tudo!

À Thais Turesso, minha assessora, obrigada por acreditar em Aaron, por me ajudar a fazer o melhor por ele, por fazer o melhor por mim, por estar ao meu lado, por me aconselhar, dar dicas e cuidar dos detalhes que eu nunca lembraria. Obrigada por ter entrado na minha vida!

Às minhas blogueiras divas: Daiane Quinelato, Caroline Cadiz, Ana Salamoni, Yanca Marques, Daisy Yukie, Larissa Rodrigues, Maiara Silva, Catrine Vieira, Beatriz Guimarães, Ester Souza, Duda Almeida, Carolina Ramires, Rackel, Larissa Xavier, Vivianne Sophie, Jessica Trajano, Caroline Couto, Bianca Silva, Renata Pereira, Giovana Soares, Helyssa

Santos, Paula Azara, Larissa Soares Padilha, Nathany Rodrigues, Thaís Souza, Fernanda Silva, Clarissa Assis, Daiane (tchêlivros), Paula Azevedo, Aline Silva, Amária, Mari Barros e Mary Rodrigues, por toda ajuda, disposição e animação para o lançamento e divulgação dessa duologia, pelas ideias maravilhosas, por estarem comigo e terem paciência durante esses dias corridos! Obrigada de coração a todas!

À Dri K.K. porque eu estou com as capas novas dessa duologia há mais de sete meses e ainda não superei esse lacre! Você conseguiu colocar meus personagens nas capas, a minha história na capa! Você fez mais do que eu queria e esperava. Obrigada de coração.

À minha irmã, Ariely, e ao meu *migs* Kaique por lerem os capítulos, relerem, e depois de muita insistência minha, lerem de novo! Obrigada por me aguentarem nesses últimos meses difíceis de trabalho com essa duologia. Vocês estão no meu core também!

À minha mãe porque é o meu melhor e maior exemplo, porque está sempre ao meu lado, porque me apoia mesmo quando não concorda com minhas escolhas. Ao meu avô por ser o melhor pai que eu poderia ter presente, por estar comigo e ouvir meus desabafos mesmo quando não entende do que eu estou falando, por responder sempre com um "tá bom, minha filha" ao meu "eu amo o senhor", porque, afinal, a gente nunca precisou de palavras assim, né? À minha avó por ser uma versão mais divertida da Mabel e iluminar meus dias. À minha família porque são parte essencial do que eu sou, da minha vida.

E, como sempre, a Deus. Por me dar força quando eu já não conseguia sequer pensar em continuar, por todos os sinais que me enviou em um aviso simples de que eu não devia desistir, pela coragem e fé quando eu só tinha motivos para desistir. Obrigada à Ele, sempre. A força para levantar todos os dias vem Dele, assim como foi Ele que me deu o dom de contar a história desses personagens ao mundo. Muito obrigada por chegar aqui, Senhor.

Por fim, agradeço a você, leitor, que chegou ao final desse livro, que dedicou um pouco do seu tempo para conhecer o meu trabalho, que se dispôs a ler esses agradecimentos e saber um pouquinho mais dessa autora que vos fala. Obrigada de coração porque sem você eu não

teria publicado esse livro. Nos vemos numa próxima história? Espero que sim.

Beijos e abraços apertados a todos!

Biografia

MARY OLIVEIRA

Mary Oliveira é uma jovem escritora brasileira que nasceu na década de noventa, no interior do Maranhão, mas mora há doze anos na capital do Pará.

Acadêmica em Letras, apaixonada por música, viciada em chocolate e louca por viagens, ela curte uma vida pacata com sua família quando não está imersa em livros ou criando novos personagens.

Escreveu os romances Best-seller *Princesa Implacável* e a duologia *Blame – Italiano Espanhol*. Seu lançamento mais recente, a duologia *Trust*, conta com os livros *Intenso & Misterioso* e *Atraente & Perigosa*. Todos disponíveis na Amazon.

FanPage:
https://www.facebook.com/Mary-Oliveira-916336428395348/

Instagram:
@autora_maryoliveira

Skoob:
https://www.skoob.com.br/autor/12839-mary-oliveira

Wattpad:
https://www.wattpad.com/user/MarielySantos

E-mail:
autoramaryoliveira@gmail.com

Outras Obras

Todas as obras estão à venda no formato digital na AMAZON.

INTENSO & MISTERIOSO

Duologia Trust – Livro I

Tudo que Dolores Dias queria era ter um relacionamento casual e descomplicado. Após ceder aos seus desejos, ela se vê em meio a um fogo cruzado... O que era para ser algo simples, havia se tornado perigoso.

Aaron é um homem misterioso e ela pretende desvendar cada mistério que o envolve, por esse motivo não cede quando o passado ressurge para perturbá-lo. Ciente de que deveria manter-se longe, Dolores decide ignorar a razão, resolve ficar e ajudá-lo — mesmo que o motivo para tal decisão seja uma incógnita.

Em meio às descobertas, percebe que sua vida estava ligada ao passado de Aaron antes mesmo de conhecê-lo e seu futuro, por mais que não saiba, será afetado por seu envolvimento com ele.

ITALIANO ESPANHOL
Duologia Blame

Ela é uma CEO norte americana determinada a conseguir um contrato com um grupo multinacional, vive para sua empresa, instituições de caridade e sua filha adotiva. Não há espaço para uma companhia masculina em sua vida – Não enquanto o passado a perturbar sempre que um homem se aproxima.

Ele é um CEO italiano (e espanhol!) encarregado de tomar o posto de seu pai para

administrar o império da família, disposto a – nesta fase de sua vida – não decepcionar seu pai, descobre que o destino pode lhe pregar peças irresistíveis. Se envolver com alguém que só deveria estar em sua vida profissionalmente era um erro, e insistir com uma mulher que claramente não queria sua aproximação (ainda que obviamente se sentisse tão atraída quanto ele), era outro pior.

Para ele, resistir não será fácil, se afastar menos ainda.

Para ela, se dar uma chance de tentar de novo parece impossível, aceitá-lo como essa chance ainda mais.

Quando a batalha é travada entre a mente, o corpo e o coração, o resultado pode ser devastador.

ENCONTROS LASCIVOS

Ao ganhar uma bolsa de intercâmbio e viajar para outro país, Tracy esperava ter novas experiências, conhecer novas pessoas e fazer seu tão sonhado estágio em uma instituição reconhecida mundialmente, encontrar uma figura inesquecível de seu passado a surpreendeu tanto quanto a preocupou, ela não acreditava ser capaz de resistir a velhos jogos e aquele homem ficou impregnado em seu corpo, sua mente, por tempo demais para ser ignorado agora.

Logan sempre foi inclinado a quebrar uma ou outra regra, contudo, ao encontrar a mulher que virou sua cabeça do avesso anos atrás, sua inclinação foi substituída por uma necessidade de quebrar toda e qualquer regra que o impedisse de tê-la novamente.

Desta vez eles não possuíam apenas uma noite, as perspectivas e consequências não seriam as mesmas, afinal, agora as jogadas eram feitas pelo destino. Resistir não era uma opção.

1)
Gíria Gaúcha: *Ferrado*, ou sendo boca suja e sincero, *fodido*. ↵
2)
Gíria Gaúcha: significa que *ralou muito* para concluir determinada atividade. ↵
3)
Comer, Rezar, Amar ↵
4)
Brigadianos: é uma gíria gaúcha para policiais da brigada militar. ↵
5)
"Bah", a contração de Barbaridade no dicionário de gírias gaúchas, não tem uma tradução exata, porém é usado nas mais diversas e contraditórias situações; o primeiro é comumente utilizado para expressar surpresa, já o segundo na maior parte das vezes é acrescido de um tom de ironia. É muito comum em todas as cidades do Rio Grande do Sul. ↵